Duplicado

1198/

John Carter Brown
Library
Brown University

XAVIER DORMINDO,
E
XAVIER ACORDADO:
DORMINDO,
Em tres Oraçoens Panegyricas no Triduo da ſua Feſta,
DEDICADAS
AOS TRES PRINCIPES QUE
A RAINHA
NOSSA SENHORA
Confeſſa dever à interceſſaõ do meſmo Santo;
ACORDADO,
Em doze Sermoens Panegyricos, Moraes, & Aſceticos, os nove da ſua Novena, o decimo da ſua Canonizaçaõ, o undecimo do ſeu dia, o ultimo do ſeu Patrocinio,
AUTHOR O PADRE
ANTONIO VIEYRA
Da Companhia de JESU,
Prègador de Sua Mageſtade.
OITAVA PARTE.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
A cuſta de ANTONIO LEYTE PEREIRA, Mercador de Livros.
M. DC. LXXXXIV.
Com todas as licenças neceſſarias, & Privilegio Real.

DEDICADO

A'

RAINHA

NOSSA SENHORA

PELO PADRE

BALTHESAR DVARTE

Da Companhia de JESU,

Procurador Gèral em Corte pela Provincia do Brasil.

SENHORA.

POR V. Mageſtade ſervida mandarme, ſignificaſſe ao Padre Antonio Vieyra o deſejo, que tinha de ver elogiado por ſua mão, em algum dos Tomos dos ſeus Sermoens, ao Grande Apoſtolo do Oriente Saõ Franciſco de Xavier. Foy acertada, como em tudo, a eleiçaõ de V. Mageſtade; porque ſe ſó Apelles com o pincel pudèra retratar dignamente a Xavier; com a penna ſó pòde deſcrever a Xavier dignamente o Padre Antonio Vieyra. Obedecemos

mos ambos, eu avisando, elle obrando: que para o Padre Antonio Vieyra he preceito qualquer significaçam, & minimo aceno da vontade, & gosto de V. Magestade. E ainda que ouve demora na execuçaõ, originada dos annos de seus achaques, ou dos achaques de seus annos, recompensou o Author a dilaçaõ com o numero; pois quando a devoçam de V. Magestade se contentava só com hum Sermaõ, a sua penna sempre facúnda, & fecúnda para os obsequios de seus Reys, naõ se deo por contente com menos de quinze: multiplicou sem duvida os elogios, para dar a V. Magestade a Xavier multiplicado; ou multiplicado gosto na liçaõ dos louvores de Xavier. Como eu fui o Internuncio da vontade de V. Magestade; quiz o meſmo Author, que foſſe eu tambem, o que apresentaſſe a sua obra nas Reaes mãos de V. Magestade: para que naõ só pelo sugeito, que a compoz, senaõ tambem pelo sugeito, q a offerece, que he o Procurador Geral da Provincia do Brasil, conste a V. Magestade, que a Companhia, espalhada por aquelles mattos, naõ he menos prompta para o serviço de V. Magestade, do que a Companhia junta nesta Corte; & que ainda que tem a V. Magestade ausente de seus olhos, tem a V. Magestade muyto presente em seus affectos. Pelo menos terá Portugal sempre que invejar esta gloria ao Brasil, que entre os Engenhos, com que se enriquece, tenha hum tanto do gosto, & agrado de V. Magestade, que naõ fazendo caso dos mais, só os frutos deste solicita.

Receba pois V. Magestade ao seu Xavier, já dormindo, já acordado; já sonhando, já vigiando; mas, ou vigiando, ou sonhando; ou acordado, ou dormindo, todo sempre seu, porque V. Magestade he toda sempre sua; com taõ nova, & admiravel transmigraçaõ da Alma de Xavier em V. Magestade, & da Alma de V. Magestade em Xavier, que até a meſma confuſaõ dos nomes faz duvidar aos que ouvem nomear a Xavier, se exprime este nome ao Apostolo do Oriente, se a Rainha de Portugal. O certo he, que as meſmas especies excitaõ mutuamente a memoria de ambos os nomes, cõ connexaõ

nexaõ taõ infallivel, que jà ninguem ſe pòde lembrar de V. Mageſtade, que ſe naõ lembre juntamente de Xavier. Daqui naſceo, que querendo, naõ ha muytos mezes, a maõ publica de hum Tabaliaõ eſcrever o Auguſtiſſimo nome de V. Mageſtade, com erro ditoſo, & agradavel, em lugar de Iſabel poz Xavier. Perigaria certamente na eſtimaçaõ dos vindouros a fé deſte Inſtrumento publico, ſenaõ conſtàra ao mundo todo a amoroſa transformaçaõ de V. Mageſtade em Xavier; que naõ deixarà duvidar em algum tempo, ſer a meſma, & naõ outra, Maria Sophia Iſabel, & Maria Sophia Xavier: pois quiz V. Mageſtade, lhe ficaſſe confirmado, por eſcritura publica, o nome jà dantes uſurpado com todo o direito, & legitima poſſe de Uſucapiaõ, & naõ contra vontade de ſeu antigo poſſuidor.

Mas naõ ſe contenta V. Mageſtade com a gloria de taõ illuſtre nome; tambem o enche com a ſemelhança de condignas acçoens. Aſſim o prova a Imagem de Xavier, que entre outras, Sagradas todas, como Sol entre Planetas, doura, & eſmalta os bracelletes de V. Mageſtade; que naõ ſatisfeita de o ter eſculpido em ſeu coraçaõ, à imitaçaõ da Eſpoſa, o imprimio em ſeu braço, ou como ſinete, & nota de ſeu amor; ou como character indelevel, donde ſe diriva, naõ ſey que força ſuperior, & Celeſtial, a todas as acçoens de V. Mageſtade. Ninguem pòde duvidar que Xavier obra no nome, & no braço de V. Mageſtade; ou que V. Mageſtade obra com o braço, & com o nome de Xavier. E donde pòdem naſcer aquelles exercicios heroicos da mais perfeita caridade, em que V. Mageſtade exercita ſuas Reaes mãos, todas as vezes, (que ſaõ muytas) que ſoccorre compaſſiva as miſerias alheas, ſenaõ do ſeu Divino Sobre-nome Xavier, ou de Xavier, que he o ſeu Sobre-nome? de cujo exemplo aprendeo V. Mageſtade quanto eſtima Deos os beneficios feitos aos miſeraveis. Diga a Real Familia de V. Mageſtade, quantas vezes a vio recolher no interior de ſeu Palacio aos pobres mais deſemparados, & deſconhecidos, & aſſiſtir-lhes como

Ama cuidadoſa, ou amoroſa Mãy, lavando-os, temperando, & metendo-lhes na boca o comer com ſuas proprias mãos, com tal goſto interior da Alma, & tal alegria exterior de roſto, que naõ podia diſſimular as delicias, em que ſe via. Effeitos ſaõ eſtes daquelle ſinete Xaveriano, que impreſſo dentro no coraçaõ abre a V. Mageſtade as entranhas de caridade, & por fóra applicado ao braço, eſtende ſuas Reaes mãos para ſoccorro dos neceſſitados.

Nem ſó aprendeo V. Mageſtade do ſeu Xavier, ſoccorrer aos corpos, ſenaõ principalmente às Almas. Que occaſiaõ ouve em algum tempo, & em algum lugar, ou de eſcandalo, ou de outra qualquer offenſa de Deos, que V. Mageſtade com todas ſuas forças naõ procuraſſe logo arrancar, & extirpar totalmente, incitando-a o deſejo da ſalvaçaõ das Almas, que em tudo faz a V. Mageſtade ſemelhante ao ſeu amado Xavier? Naõ digo mais neſta materia, por naõ offender a modeſtia de V. Mageſtade; pois conheço, quer V. Mageſtade mais, obrar o que he digno de louvor, do que ouvir louvado, o que obra: ainda que callando eu, fallaraõ certamente as paredes, & recameras de Palacio ſabedoras da caridade de V. Mageſtade.

Que direi agora do culto taõ vario, & multiplicado de V. Mageſtade para com Xavier? Em nenhuma couſa ſe moſtra mais engenhoſo o amor de V. Mageſtade, que nas novas traças, que inventa para o venerar. Naõ conſentio a immenſa diſtancia de terras, & mares, que V. Mageſtade ſe preſentaſſe a ſeu ſepulchro Real Peregrina; ainda que o deſeja com tanta ancia, que, ſe lhe fora licito, o fizera, ainda com perigo de vida: mas aonde naõ pode chegar o corpo, chegou a Real munificencia de V. Mageſtade, mandando ao ſeu Xavier, por prenda de ſeu amor, riquiſſimas veſtes ſacerdotaes; com as quaes, ainda agora vivo, depois de morto, ſe veſtiſſe mais auguſtamente, como triunfador das Leys da morte, por incorrupto: Veſtes, digo, ſacerdotaes, brancas como a Confeſſor, bordadas de vermelho, como a Martyr do

amor;

amor; & para que naõ faltaſſem nellas ſymbolos do fervor, & affecto puro de V. Mageſtade, reſplandecentes com o fogo do ouro, & com a neve das perolas. Naõ bajou iſto a hum amor, que naõ ſabe dizer, Baſta: Competidora V. Mageſtade do Principe Jonatas, ſe deſpio de ſeus Reaes veſtidos, para veſtir com elles, nos Templos, & nos Altares ao ſeu querido David. Creyo que naquelle dia ſe moſtrou Xavier ornado deſta gala a toda a Corte do Ceo, ſagradamente vaidoſo, dizendo de V. Mageſtade a todos os Santos, o que Chriſto antiguamente diſſe aos Anjos todos, de Martinho: His me veſtibus cliens mea Luſitaniæ Regina contexit. E para que V. Mageſtade naõ ſó veſtiſſe ao ſeu Sãto de varias cores, ſenaõ tambem ſe veſtiſſe a ſi com as cores do ſeu Sãto, ſabemos ſe obrigou com voto, de naõ admitir, por eſpaço de hum anno, nas ſedas, de que traja, outra cor alguma, mais que aquella, com que o Sol do Oriente, em quanto padeceo o eclipſe do corpo mortal, mortificou, & occultou os rayos de ſuas virtudes, para ſe acomodar à triſteza deſta miſeravel vida, conſentindo ſó de miſtura a cor branca, como claro ſinal da Alma Virginal de Xavier, & de V. Mageſtade.

Conte já a Corte de Lisboa (ſe póde) as ſagradas peregrinaçoens de V. Mageſtade, com que no diſcurſo, & recurſo de todos os annos, humilde, & devota, venera os Templos, & Altares do ſeu Santo. Oh com quanta ſuavidade coſtuma mover à piedade (oxalà movèra tambem à imitaçaõ) o ver, que huma Rainha, Senhora de todos, naõ tem por menos authoridade por-ſe no dia de feſta deſte Thaumaturgo à Meſa da Sagrada Communhaõ, com toda a Caſa Real, em Templo publico, para com eſte banquete, verdadeiramente Real, & Divino, fazer mais celebre a ſolemnidade do ſeu Santo Bemfeitor! para ornato de cuja Imagem conſagra todas ſuas joyas, como melhores deſpojos Orientaes do Apoſtolo do Oriente; devendo as joyas a ventura do lugar, & o artificio do lavor, & diſpoſiçaõ às Reaes mãos de V. Mageſtade. Deixo as dez Seſtas Feiras, que a devaçaõ de V. Ma-

geſtade, ou publica, ou particular, dedicā todos os annos a Xavier; nas quaes naõ ſofre V. Mageſtade, falte ſua Real preſença, ſem lhe ſervir de impedimento, o que a qualquer outro pudera ſervir de eſcuſa. Dia ouve deſtes, em que V. Mageſtade cançada com o incommodo do caminho, & ardor da calma, contradizendo todos, foy aſſiſtir a ſeu Santo: & na ultima Seſta Feira deſte anno preſente, terminando V. Mageſtade a Novena no Collegio novo de Xavier, o foy tambem buſcar ao de Santo Antaõ. E quando a auſencia da Cidade, ou os achaques naõ permitiaõ alguma vez eſta piedade publica, V. Mageſtade a recompenſou com a particular; de tal ſorte, que dentro de ſeu Oratorio Real, no aceyo, no eſplendor, & no apparato, lucrou com ventagens o culto de Xavier; o que ſe lhe tirava no publico.

E que direi daquelle terniſſimo, & amoroſiſſimo affecto, que a todos ſe deſcobre, todas as vezes, que V. Mageſtade falla de Xavier? Sabem todos aquelles a quem V. Mageſtade tem admitido ao ſoberano favor de mais intimo trato, quantas vezes, com deſtreza, & ſuavidade, mete a pratica de ſeu Xavier: ao qual tanto que nomea, naõ ſó a lingua, ſenaõ o roſto com as chamas, os olhos com a viveza, o peito cõ a vehemencia, o coraçaõ com os ſaltos, fallaõ com tal fervor, que parece o expoem V. Mageſtade, naõ tanto aos ouvidos, quanto aos olhos dos que a ouvem; aos quaes com amavel ſimpathia, & reciproca communicaçaõ de affectos, faz frequentemente deſatar em copioſas lagrimas. De hum deſtes colloquios, em que eraõ Interlocutores dous Religioſos, foy a materia coſtumada Xavier; quando V. Mageſtade acabando de ler a prodigioſa ſaude, que poucos annos ha, na cabeça do mundo, recebeo em hum momento da maõ do Thaumaturgo do Oriente, Anna Maria Zambrina, Matrona Romana, chea de interior goſto, & conſolaçaõ, & deſejoſa de a communicar, repetindo, ſem enfado, a liçaõ, continuou o milagre do principio atè o fim, por eſpaço de huma hora inteira, naõ ſó ſem faſtio, mas ſem mais pauzas, que aquellas,

que,

que, de quando em quando, faziaõ os amorosos ſuſpiros de V. Mageſtade, que accendendo os ouvintes no meſmo fogo, eſcaſſamente podiaõ conter as lagrimas. Entendo que eſta foy a primeira vez, que os ſeus louvores contentàraõ à humildade de Xavier, ſó porque ſahiaõ da boca de V. Mageſtade.

Eſte meſmo amor, com a impoſiçaõ de nome taõ amado, tem V. Mageſtade inſtillado, como pientiſſima Mãy, a hum, & outro Filho, noſſos Sereniſſimos Principes, a quem imitaõ ambos neſta parte, com tanta felicidade, que apenas ſahiraõ em outra voz, primeiro que ſoubeſſem, ainda que cõ lingua balbuciente, chamar, com vulgar antonomaſia, a Xavier, o ſeu Santo; diſtinguindo jà de entaõ ſua Imagem, entre as dos mais, & coſtumando-ſe a venerala com mil innocentes oſculos. Naõ fallo no cuidado da mais Caſa, & Familia de V. Mageſtade, que ſó com a emulaçaõ, & imitaçaõ deſta Real piedade, procura merecer o agrado, & favor de ſua Senhora. Antes he jà fama conſtante neſta Corte, que para negocear com V. Mageſtade, naõ ha outro Interceſſor ſenaõ Xavier.

Hum amor taõ grande mal podia caber em huma ſó Cidade, jà paſſou àlem do Tejo, aonde V. Mageſtade eſcolheo a de Beja para theatro de ſua liberalidade; na qual, movida parte de ſeu zelo, parte dos piedoſos deſejos de ſeus moradores, levanta ſumptuoſa Caſa à honra do ſeu Santo, edificada, & dotada à cuſta de ſua Fazenda Real, para morada daquelles, que por obrigaçaõ de ſeu Inſtituto, & à imitaçaõ do Grande Apoſtolo do Oriente, criem a menor idade nas boas letras, & coſtumes; dirijaõ a mayor no caminho da ſalvaçaõ; & eſtendaõ ſeus glorioſos trabalhos ao vaſtiſſimo Campo de Ourique, fertil de lavouras, & falto de obreiros: os quaes alli, ſem o cuſto de paſſarem mares, acharàõ certamente a ſua India. Mas que muyto pareça curta ao amor, que V. Mageſtade tem a Xavier, huma Cidade, quãdo hum Reyno inteiro lhe parece limitado? Ou que Palacio ha, dos

princi-

principaes da Christãdade, em q̃ V. Mageſtade (fallo com as ſuas meſmas palavras) naõ tenha introduzido o nome ſuave, & poderoſo patrocinio deſte amavel Santo? Teſtemunhas ſaõ Viena em Auſtria; Madrid em Heſpanha; Varſovia em Polonia; Parma em Italia; & finalmente Alemanha toda, glorioſa, & ſoberba cõ o berço de V. Mageſtade, & rica com a numeroſa Deſcendencia de ſua Sereniſſima Caſa; nas quaes todas ateou V. Mageſtade tal fogo do amor de Xavier, que poucas ſaõ as cartas daquellas partes, que naõ venhaõ cheas de ſeus encomios eſcritos por aquelles, que agradecem, & contaõ os favores recebidos de ſua benefica maõ.

V. Mageſtade he a primeira, que com ſua confiſſaõ, & repetidas experiencias, pòde, & deve teſtemunhar não ſer menor o amor de Xavier para com V. Mageſtade, que o amor de V. Mageſtade para com Xavier. E ſe os beneficios ſaõ a prova mais evidente do amor, tem Xavier feito tantos a V. Mageſtade, que ſe os quizeſſe contar todos, ſeria neceſſario hum grand livro. Mas não me conſente paſſar tudo em ſilencio o animo de V. Mageſtade, não menos agradecido, que devoto; principalmente ſendo tambem gloria de Xavier o ſaber-ſe, que ſe moſtra benfeitor dos que o ſervem, & retribue os mutuos obſequios com reciprocos beneficios. He pois beneficio de Xavier o feliciſſimo, & continuado Parto de tres Filhos Varoens: aſſim o confeſſaõ, não ſó eu, & o Reyno todo, ſenão tambem V. Mageſtade; que ſe lembra muyto bem, do que lhe adevinhou o animo, preſago do futuro, quando cheo de fé, entre ſuaviſſimos jubilos de ſeu coração, recebeo a primeira vez em ſua Real cabeça o ſagrado Barrete de Xavier, trazido havia pouco de Goa; porque, lançadas as contas com toda a exacção, dalli a nove mezes ſahio V. Mageſtade a luz com o primeiro, & deſejado Herdeyro deſta Coroa; confirmando a fé do preſagio a infallibilidade do ſucceſſo. He verdade, que o Ceo, com ſeu direito, tomou para ſi eſtas primicias do Real Sangue de V. Mageſtade; mas foy, para recompenſar a tenra Planta, cortada em flor, cõ novos frutos.

Aſſim

Assim foy; succedeo o segundo, dado por Xavier, seguio-se o terceiro, devido tambem a Xavier, por especiaes titulos. O dito de V. Magestade he bastante a nos persuadir, que o seu Santo, com palavra dada là em occulto, lho prometeo: pois ainda muyto antes de tempo, affirmou, sem final de duvida, que se naõ haviaõ de acabar as dez semanas, cujas Sestas Feyras, consagradas a Xavier, tinha jà principiado a piedade de V. Magestade, sem terceira vez conceber Filho. Tambem o succesſo provou a verdade deste Vaticinio: se bem padeceo naõ pequenas difficuldades, para que ficasse mais patente o Author de taõ grande beneficio. Oh quanto teve de semelhante a prodigio, que acometida V. Magestade de hum repentino simptoma, que ameaçava perigo à Mãy, & ao Filho, se lhe naõ devessem applicar remedios humanos! Porque em quanto disputavaõ entre si, com pareceres contrarios, os mais experimentados Medicos, depois de varias consultas, naõ só de muytas horas, senaõ de muytos dias, impedidos de força occulta, mas superior, nenhuma cousa souberaõ, nem puderaõ determinar, para medicina do mal presente. O deixar então remedios cà da terra, se julgou por saudavel à Mãy, & Filho; pois là do Ceo tratava da cura de ambos o mais sabio, & poderoso Machaonte. Desta sorte livre V. Magestade, por seu Celestial Salvador, deste, & outros perigos, que occorreram, hum dia depois daquelle, em que alegre recebeo as graças pela nova fundaçam do Collegio de Xavier, confirmada jà, & estabelecida, tambem em huma Sesta Feira, dia sempre fausto para V. Magestade, nos deo finalmente, com feliz parto, aquelle seu Xavier, a quem hoje vemos, com inexplicavel gosto nosso: para que pelo dia do nascimento, acabasse V. Magestade totalmente de entender, que o Filho nascido era premio indubitavel, com que Xavier remunerava a liberalidade, & munificencia de V. Magestade para com elle.

Outros muytos semelhantes esperamos lhe hade dar daquì

daqui por diante; porque he justo que os seus beneficios continuados correspondaõ à continuada piedade de V. Magestade: como na verdade correspondem; & se vio manifestamente ha pouco tempo, no cuidado singular, que teve da vida, & saude de V. Magestade. Verdadeiramente, Senhora, tenho horror de me lembrar daquelle tristissimo tempo, em que eramos obrigados a desconfiar de huma vida, que desejavamos immortal, & temer, que o Ceo envejoso nos tirasse ceao, o que tarde nos tinha dado. Mas como vemos, lançado já fóra o medo, nascerem novas esperanças, naõ só da incolumidade, & vida de V. Magestade, (que he a honra deste nosso Reyno) para compridos annos; senaõ tambem de lograr, de sua fecundidade hereditaria, numerosa posteridade do Sangue Real, & huma, & outra cousa por patrocinio de Xavier, a quem devemos a V. Magestade, ou renascida, ou resuscitada: mandaõ-nos os alegres fins, que se seguiraõ de principios taõ tristes, repetir acçoens de graças ao seu Medico Xavier, & ao Ceo offertas, pela total convalecencia de V. Magestade.

Aqui determinava parar com a penna, se a naõ desafiaraõ ainda aquelles, que publicando os beneficios de Xavier, apregoaõ juntamente os de V. Magestade; porque confessaõ naõ poucos moradores desta Cidade, de hum, & outro sexo, dever a V. Magestade, o acharem no Ceo a medicina certa de seus males, depois de tentados, mas debalde, os remedios todos da terra. V. Magestade igualmente desejosa de soccorrer aos affligidos, & de augmentar a gloria de Xavier, mandando as Reliquias Sagradas de seu Santo aos que estaõ em mortal perigo, costuma excitar seus animos devotos à esperança naõ duvidosa de seu patrocinio, com tal confiança, que merecem receber o fruto desejado do poder de V. Magestade para com Xavier, & da potencia de Xavier sobre a morte. Em fim saõ já tantas, & taõ frequentes as mercès deste Thaumaturgo, dispendidas a V. Magestade, & a todos aquelles, que V. Magestade tem alistado debaixo da bandei-

bandeira de seu patrocinio, que podendo parecer milagres, se forão mais raros, com a frequencia tem perdido a admiração.

Acabo (que já he tempo), & quero que esta Dedicatoria tenha o fim, aonde teve o principio Receba V. Magestade ao seu Xavier todo seu; porque assim como V. Magestade se consagra toda ao serviço de Xavier; assim elle se applica todo aos commodos de V. Magestade. Ha batalha amorosa entre Xavier, & V. Magestade: V. Magestade peleja com obsequios; Xavier peleja com beneficios; mas sempre com fortuna prospera de huma, & outra parte, assim vencedora, como vencida; porque em huma, & outra triunfa sempre o Amor. Este laureado combatente de tal modo accende a guerra, & alterna as batalhas entre Xavier, & V. Magestade, que ata a V. Magestade a Xavier, & a Xavier a V. Magestade com vinculos indissoluveis no centro do Divino Amor, como venturosos Prisioneiros.

Ultimamente, pagos já, do modo que podemos, os favores, que o nosso agradecimento deve a Xavier, & deve a V. Magestade, seja V. Magestade servida dar licença à Provincia Brasilica da Companhia de JESU, para apresentar diante de seu Real Trono huma pequena petição: & he; Que assim como ella no Herdeiro, & Successor da Monarchia Portugueza (o qual o Ceo nos guarde por dilatados seculos) com o joelho no cham venera juntamente ao seu Principe do Brasil, & agradecida confessa, o que deve a Xavier; assim tambem deva a V. Magestade, & ao seu Real Sangue, nos annos vindouros, continuos, & continuados favores, & huma protecçaõ Maternal de sua Rainha, & Senhora: para a consecuçam de cujo despacho nam podia interpor mais poderoso Solicitador, que este mesmo Xavier, cujo amplissimo zelo, abraçando igualmente ao Oriente, & Occidente, verdadeiramente Dispersit cum Sole manus. V. Magestade, imitadora deste zelo, naõ cesse de fomentar com os rayos de sua benignidade hum, & outro termo do

mundo;

mundo; para que hum, & outro espaçoso campo produza a seara unicamente desejada de Xavier, & de V. Magestade, que saõ tantas Almas convertidas, & levadas a Deos.

Balthesar Duarte.

NOTI-

NOTICIA PREVIA.

HE Oraculo de Christo Mestre, & Senhor nosso, que o Escritor douto da sua Igreja ha de ser semelhante ao Pay de Familias, que tira do seu thesouro o novo, & o velho: *Qui profert de thesauro suo nova, & vetera.* O Author deste Tomo, que he o undecimo, nem se tem por Escritor, posto que escreva, nem por douto, posto que tenha estudado, & visto tanto, que o pudèra ser. E porque naõ he taõ cego, que naõ veja, como Jeremias, a sua pobreza: *Ego vir videns paupertatem meam;* da mesma pobreza, & naõ do thesouro, que naõ tem, tirou o novo, & o velho, que verà nos quartos de papel, que a este se seguem, quem tiver tanta devaçaõ, como paciencia para os lèr. O velho saõ os tres primeiros panegyricos debaixo do titulo de Xavier dormindo, que em hum triduo da festa do mesmo Santo se haviam de prègar, ha mais de quarenta annos, & por doença se nam prègàraõ; sendo ella tam anticipada, que ainda nam tinha riscado a penna mais que as primeiras linhas da idèa, & divisaõ dos assumptos. O novo saõ os outros doze Sermoens com o titulo de Xavier acordado, effeito, & obediencia forçosa, & naõ forçada, pela significaçaõ de hum desejo, que dos Reys para os Vassallos saõ os mais rigorosos preceitos. Tal he o vestido novo, & velho, em que Saõ Francisco Xavier, depois de estar glorioso no Ceo, apparecerà nestas duas estampas taõ pobre, & remendado, como quando vivia na terra. Nem deve parecer

Matth. 13. 53.

Jerem. Thren. 3. 1.

recer ao Leitor escrupuloso, ou critico, que se viola aqui o documento de Christo: *Nemo immittit commissuram pauni rudis in vestimentum vetus*; que se naõ ha de remendar o vestido velho com panno novo; porque na primeira, & segunda parte desta escritura tudo he velho sobre velho. A primeira velha na ordidura, pela antiguidade da idéa; & a segunda mais que velha na tecedura, pela velhice do Author. Se quem ler qualquer dellas chegar a outros tantos annos, entenderà a razaõ, que tem agora de nam estranhar, nem lhe pareceràm muytos os erros, que descobrir, & lhe darà perdaõ. Matth. 9 16.

CEN-

CENSVRA DO MVYTO R. P. M. Fr. Thomè da Conceiçaõ, Religioso de noſſa Senhora do Carmo, Qualificador do Santo Officio.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

LI eſte livro, que com titulo de Xavier dormindo, & Xavier acordado, contèm quinze Sermoens do Segundo Apoſtolo do Oriente Sam Franciſco Xavier, compoſto pelo Padre Antonio Vieyra da Sagrada, & Religioſiſſima Companhia de Jeſu, Prègador de Sua Mageſtade, cujo nome he a mais qualificada cenſura deſtes Sermoens, parto todos de ſeu admiravel talento, & zeloſo eſpirito, com que, ou prègando, ou eſcrevendo, entre as delicadezas de ſeu ſingular diſcurſo ſoube conſeguir a felicidade de grágear os applauſos de todos; neſtes quinze Sermoens tẽ os devotos de Saõ Franciſco Xavier hũa larga, mas plauſivel deſcripçaõ de todas ſuas mais heroicas virtudes, diſcurſadas em ſeu louvor, & encaminhadas à ſua devaçaõ, & aproveitamento eſpiritual dos Leitores, eſtilo que eſte grande Prègador uſou ſempre nos Pulpitos, ſeguindo ſempre o conſelho de ſeu Patriarca Santo Ignacio, cuja doutrina recomendada mais particularmente a ſeus Filhos, foy que tudo o que obrarem ſeja dirigido a mayor gloria de Deos; & bem moſtra o Author, que obſerva taõ Santo conſelho, pois

 tendo

tendo grangeado a Deos, & aos Santos tanta gloria nos Pulpitos, publicamente diz na primeira pagina deste undecimo Tomo, que naõ se tem por Escritor, posto que escreva, nẽ por douto, posto que tenha estudado, & visto muyto, querendo com a humildade de tam modesta confissaõ diminuir o preço de seus escritos, & comprehençaõ de seus estudos; & assim lisongeando por esta vez a sua modestia, só digo, que a licença que se pede para estes Sermoens sahirem a luz por meyo da imprensa, se deve aos Sermoens, & a seu Author. Lisboa, no Convento do Carmo, em 20. de Fevereyro de 1694.

Fr. Thomè da Conceiçaõ.

CENSVRA DO PADRE Doutor Fr. Ieronymo de San-Tiago, Qualificador do Santo Officio, & D. Abbade de Saõ Bento da Saude.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illustrissima, li este livro, que com o titulo de Xavier dormindo, & Xavier acordado, compoz o Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESU, Prègador de Sua Magestade; & se a censura passára a ser panegyrico, eu me naõ soubera determinar a qual era mais devedor este doutissimo Padre, se à fecundidade de seu admiravel talento, se à fortuna de ser Filho de taõ esclarecida Familia. Porque se nesta esclarecida, & dilatada Familia saõ tantos os sugeitos insignes, quantos saõ os Filhos, porque todos seus Filhos saõ insignes, como da dos Decios disse Cassiodoro: *Nescit inde nasci aliquid medioere, tot probati, quot geniti, & quod*

quod difficile provenit electa frequentia; a fecundidade de ſeu talento he taõ admiravel, taõ ſublime, & taõ univerſal, que ſendo tantos os filhos da Companhia, que illuſtràraõ as Sciencias em todos os ſeculos, como ſe vè do numero ſem numero de ſeus eſcritos; neſte nos dà a entender, herdou o Padre Antonio Vieyra felizmente os talentos de todos: *Noviſſime diebus iſtis locutus eſt nobis in filio, quem conſtituit hæredem univerſorum.* Em quinze Sermoens propoem ſeu zeloſo eſpirito, & ſeu ſubtiliſſimo engenho o Segundo Apoſtolo do Oriente Sam Franciſco Xavier, dormindo, & acordado: & com taõ ſolida doutrina, & com taõ agudos conceitos, & com tam ſelectos, & ſentencioſo eſtilo diſcurſa eſte inſigne Orador os ſonhos, & cuidados do glorioſo Apoſtolo, que bem moſtra ſabe nas materias da predica mais dormindo, que todos os mais acordados, pelo que ſe lhe devem mayores applauſos, que cenſuras. Eſte he o meu parecer. Saõ Bento da Saude, em 23. de Abril de 1694.

O Doutor Fr. Jeronimo de San-Tiago.

CENSVRA DO ILLVSTRISSIMO, & R. D. Fr. Timotheo do Sacramento, Biſpo de Santo Thomè, Religioſo de Saõ Paulo Primeiro Eremita.

SENHOR.

EScrevendo Saõ Paulino as proezas do grande Theodoſio, a cenſura do Doutor Maximo Saõ Jeronymo foy repetir em hum poema, o que a outro intento diſſe o Seneca: *Felix qui à tali Oratore laudatur.* O livro

das proezas de Theodosio, sendo grande, he mayor, pela opiniaõ do Escritor. O das excellencias de Xavier dormindo, & Xavier acordado, que V. Magestade me manda censurar, he tam qualificado em todo o Orbe, que os seculos presentes cõfessaõ naõ haver segundo, & os futuros o admiraràõ sem primeiro. E assim do Escritor tam relevante, ainda que por tal se nam confesse; digo, o que o Doutor Maximo de Saõ Paulino, quando escreveo as proezas de Theodosio: *Felix qui à tali Oratore laudatur.* O livro intitulado Xavier dormindo, & Xavier acordado, sendo grande pelas excellencias do Apostolo do Oriente, o faz mayor a reputaçaõ do Author que o escreve. He o Author o muyto Reverendo Padre Mestre Antonio Vieyra da Companhia de JESU, & constando o livro de quinze Sermoens, nam sey qual seja melhor caminho para huma Alma gozar a Deos: se o da escada de Jacob, tendo quinze degràos, ou se o deste livro contendo quinze Sermoens: o certo he, que sendo a escada de Jacob hum plano caminho para o Ceo, pela escada (excepto os Anjos) ainda o mesmo Jacob nam deo hum passo, ou estivesse acordado, ou dormindo. E que pelo deste livro deraõ muytos, ainda graviſſimos peccadores, que buscàraõ a Xavier dormindo, ou acordado. Pelo que me parece ô livro utiliſſimo para o bem das Almas, & para a dilataçaõ das Coroas. Isto he o que sinto: V. Magestade mandarà o que for servido. Convento dos Paulistas em 8. de Junho de 1694.

Fr. Timotheo do Sacramento, Bispo de Saõ Thomè.

LICEN-

LICENÇAS.

Da Ordem.

EU o Padre Alexandre de Guſmaõ da Companhia de JESU, Provincial da Provincia do Braſil, por cõmiſſaõ eſpecial que tenho de noſſo muyto Reverendo Padre Thyrſo Gonçalez, Prepoſito Gèral da meſma Companhia, dou licença para que ſe poſſa imprimir hum livro intitulado, Xavier dormindo, & Xavier acordado, compoſto pelo Padre Antonio Vieyra da meſma Companhia, Prègador de Sua Mageſtade; o qual foy viſto, examinado, & approvado por Religioſos doutos della, por Nòs deputados para iſſo. E em teſtemunho da verdade dey eſta ſubſcripta com meu ſinal, & ſellada com o ſello de meu Officio. Dada na Bahia aos 30. de Julho de 1693.

Alexandre de Guſmaõ.

Do Santo Officio.

VIſtas as informaçoens, pòde-ſe imprimir o livro dos Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESU, de que eſta petiçaõ trata, & depois de impreſſo, tornarà para ſe cõferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 23. de Abril de 1694.

Pimenta. Noronha. Caſtro. Foyos. Azevedo.

Do

Do Ordinario.

POde-se imprimir o livro de Sermoens, de que esta petiçaõ faz mençaõ, & depois tornarà para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correrà. Lisboa 26. de Abril de 1694.

Serraõ.

Do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se taixar, & conferir, & sem isso nam correrà. Lisboa 9. de Junho de 1694.

Mello P. Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeiro.

SERMOENS

Que contèm esta Oitava Parte.

Xavier dormindo.

Sonho Primeiro, pag. 12.
Sonho Segundo, pag. 47.
Sonho Terceiro, pag. 90.

Xavier acordado.

Sermaõ I. Anjo, pag. 142.
Sermaõ II. Nada, pag. 172.
Sermaõ III. Confiança, pag. 200.
Sermaõ IV. Pertendentes, pag. 228.
Sermaõ V. Jogo, pag. 252.
Sermaõ VI. Assegurador, pag. 275.
Sermaõ VII. Doudices, pag. 295.
Sermaõ VIII. Finezas, pag. 321.
Sermaõ IX. Braço. pag. 351.
Sermaõ X. Da sua Canonizaçaõ, pag. 389.
Sermaõ XI. Do seu dia, pag. 426.
Sermaõ XII. Da sua Protecçaõ, pag. 465.

ADVERTENCIA NECESSARIA.

PORque ſendo o Author tam conhecido em todo o mundo, ainda anda em opiniam donde he natural, & de preſente ſahio hum livro impreſſo, que o faz natural da Cidade da Bahia; he bem ſe ſaiba, que o Padre Antonio Vieyra naſceo em Lisboa, & foy bautizado aos quinze de Fevereiro do anno de mil, & ſeiſcentos, & oito, na Sè da meſma Cidade, ſendo Cura della o Padre Iorge Perdigaõ, & foy ſeu Padrinho o Conde de Vnham, Dom Fernando Telles de Menezes.

XAVIER
DORMINDO.
PROPOSTA.

Beati ſunt ſervi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes. Luc. 12.

COM os olhos primeiro fechados, & depois abertos promete o toſco deſenho deſta pintura moſtrar em differentes eſtampas ao mundo dous retratos ao natural do grande Xavier.

De Alexandre tambem o Grande ſe diſſe que ninguem o pode vencer vivo, & depois de retratado por Apelles, nem vencer pintado. Que Franciſco Xavier venceſſe a Alexandre vivo, o Ganges o vio, & todo o mundo o ſabe: & tambem para que o vença pintado, o temos pintado hoje por outro pintor melhor que Apelles, Saõ Lucas. Mas naõ paraõ aqui as vitorias, com que Xavier venceo ao vencedor do mundo. Naõ envejou Alexandre, nem o valor, nem as façanhas de Achilles, ſenaõ a penna de Homero, cõ q̃ foraõ eſcritas: & tam-

bem no motivo de huma taõ honrada, ou ſoberba enveja, o temos neſta occaſiaõ vencido; porq̃ o meſmo Saõ Lucas, que nos retratou a Xavier em quanto pintor, com melhor pincel que o de Apelles, no-lo deſcreveo, em quãto Evãgeliſta, com melhor penna que a de Homero.

As cores do retrato, & as letras da eſcritura igualmente ſe empregam em formar no meyo das ſombras da noite hũa perfeita imagem da vigilancia armada cõtra o ſono: *Beati ſunt ſervi illi, q̃os, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Sendo a vida humana, como Job a diffinio, milicia, nam ha couſa nella mais arriſcada, que o dormir. Dormindo perdeo a vida Olofernes, dormindo Sizara, dormindo Isbozeth; & ſe buſcarmos a primeira origem de todas as deſgraças do genero humano, acharemos que todas tiveraõ principio em hum homẽ dormindo. As armas, com que a vigilancia, fiel, & conſtante, tendo ſempre os olhos abertos, ſe defende contra os combates declarados, ou aſſaltos encubertos do ſono, ſaõ tres: cintos apertados: *Sint lumbi veſtri præcincti:* tochas acezas: *Lucernæ ardentes in manibus veſtris:* expectaçaõ cuidadoſa: *Expectantibus dominum ſuum, quando revertatur à nuptijs.* Cintos apertados; porque mal ſe deixaõ atar os ſentidos, ſenão eſtà deſatado o corpo. Aſſim dormia Saõ Pedro naquella noite fatal, quando o Anjo o eſpertou dizendo: *Circunda tibi veſtimentum tuum.* Act. 12. 8. Tochas acezas; porque quem ha, que poſſa dormir com a luz vizinha aos olhos? Por iſſo o Author da natureza, o tempo que deſtinou para o deſcanço dos animaes, ordenou que ſe auſentaſſe o Sol; & os Antigos puzeraõ a caſa do ſono nas covas Cymerias: *Quò nunquã radijs oriens, medius ve, cadens ve Phœbus adire poteſt.* Ouvid. Met. 11. Finalmente expectaçam cuida-

cuidadosa; porque bastando qualquer cuydado para inquietar o socego do sono: *Somnos abrumpit cura quietos*, o mais importuno de todos he aquelle, que por horas, ou momentos espera hum quando: *Quando revertatur.*

Virg. 1. Geor.

Esta he a imagem da perfeita vigilancia, cõ que Saõ Lucas, como Pintor nos retrata, & como Evangelista nos descreve a do grande Xavier, com os olhos sempre abertos. E como para premio dos olhos abertos, nenhum tem Deos mais proporcionado, que pagar vista com vista; a sua, em que consiste a bemaventurança, promete a todos, os que assim vigiarem *Beati sunt servi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes.*

A primeira diligencia dos Prègadores, depois de acharem no Evangelho o sogeito, ou heroe, de que haõ de fallar, he tornalo a buscar na sua vida. Ao menos eu assim o fiz sempre, & alguma vez com ventura. Mas que seria, se hoje, depois de achar a Xavier no Evangelho vigiando, na sua vida o achasse dormindo? A vida deste grande Apostolo escrevèram muytos, & insignes Authores. E tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri, & o primeiro passo, com que encontrei, foy este: Antes de partir o Santo para a India, sonhou por muytas vezes que andava lutando com hum Indio agigantado, & robustissimo, o qual o apertava entre os braços, & oprimia com tanta violencia, que, tomadas as vias da respiraçaõ, quasi o trazia a termos de espirar: outras vezes se lhe passava dos braços aos hombros, & parecialhe a Xavier que trazia às costas o mesmo Indio estranhamente pezadissimo, gemendo & anhelando debaxo da carga tão fatigada, & anciosamente, que muytos dias, depois de acordar, sentia os ossos moidos, & quebrantados. A luta, & o pezo era sonhado,

do, mas os effeitos verdadeiros. Grandemente me contentou este passo, por campear nelle o fervoroso, o animoso, o forte, o grande, o desvelado, & o perfeito do espirito de Xavier; porque naõ ha duvida que tudo isto foram profecias de muyto que o Santo havia de cançar, & trabalhar na converſaõ daquelle grãde Gigante da Asia, & vastissimo Imperio do Oriente, com quem tanto lutou em vida para o converter, & a quem ainda hoje traz às costas para o conservar. Por isto, como digo, me contentava grandemente o passo; mas voltãdo os olhos para o Evangelho, como nelle tudo saõ vigilancias, & o Santo neste lugar estava dormindo, naõ me servio: passey a outra folha.

Li alli, & dizia a historia, que dormindo o Santo em hum Hospital de Roma, onde tinha por cama huma taboa aos pès do enfermo mais perigoso, foy ouvido huma noite exclamar subitamẽte, & repetir a altas vozes: Mais, mais, mais. Naõ se soube entam, nem se pode entẽder a causa daquellas vozes; mas qual vos parece que seria? Tres mais ha neste mundo, pelos quaes suspiraõ, pelos quaes anhelaõ, pelos quaes morrem, & pelos quaes se mataõ os homens: mais fazenda, mais honra, mais vida. Seria alguma cousa destas, ou todas tres, as que Xavier desejava com tantas ancias, as que pedia cõ tãtas vozes? Vede que differentes eraõ, & confundamonos todos. Representoulhe Deos aquella noite em huma visaõ as fomes, as sedes, os perigos, os caminhos, os naufragios, os odios, as perseguiçoens, os falsos testemunhos, & todos os outros trabalhos, & afrontas, que havia de padecer por seu amor: & comserem taõ grandes, tam excessivos, taõ innumeraveis, era tam generoso o animo de Xavier, & a sede de padecer por Christo taõ fervorosa, taõ ardente, taõ insaciavel, que nada o intimida-

midava, nada o satisfazia, nada o fartava, tudo lhe parecia pouco; & assim pedia mais. A vossa cubiça pede mais fazenda; & a sua mortificaçam pedia mais pobreza, mais necessidades, mais desemparos. A vossa ambiçaõ pede mais honras; & a sua humildade pedia mais desprezos, mais injurias, mais abatimentos. O vosso amor proprio pede mais vida; & o seu amor de Deos, & o seu zelo pedia mais perigos, mais naufragios, mais dores, mais martyrios, mais mortes. Oh se o dia do Juizo tivera oitavas, como eu havia agora de tirar aqui a balança de Balthazar! *Appensus es in statera, & inventus es minus habens.* Põde em huma parte da balança o vosso menos, & eu porei da outra estes tres mais, & vereis que conta vos ha de pedir Deos, & que cõta lhe haveis de dar. Por este ponto de doutrina, & muyto mais pela singularidade do caso, me agradou muyto este; mas estava o Santo tambem dormindo, quando lhe aconteceo, ainda que o espirito naõ dormia: & bem vedes que nam diz com as vigilancias do Evangelho.

Daniel. 5. 27.

Aqui comecei a reparar, torno ao livro cõ mais cuidado, passei muytas folhas, & muytos capitulos, leyo, & dizia desta maneira: Estãdo o Santo em Lisboa para partir para a India, offereceo selhe em sonhos huma representaçam menos decente, do que sua virginal pureza permittia: & foy tanto o horror, tanta a adversaõ, & taõ extraordinaria a força do espirito, cõ que o valeroso Soldado de Christo rebateo, & lançou de si aquelle pensamento, que se lhe abriraõ as veas violentamente de puro resistir, & acordou com o rosto todo banhado em sangue. Raro caso! Estranha, & inaudita maravilha! Mas tambem aqui sonhava Xavier, tambem aqui terceira vez estava dormindo. Que vos parece, senhores, que faria neste passo taõ re-

petidamente apurada, senaõ a paciencia, a diligencia? Por huma parte o Evãgelho a pedir vigilancias em cada regra, por outra o Santo a mostrarse dormindo em cada pagina: que he o que havia de fazer? Resolvime em fim em seguir a aventura, fosse caso, ou fosse mysterio, & a fazer da difficuldade resoluçaõ, respondendo a hum acinte cõ outro acinte. Já que o Evãgelho manda vigiar, & Xavier se nos representa sempre dormindo, o sono, & os sonhos de Xavier sejaõ a prova da sua vigilancia. Querendo pois reduzir toda esta grande materia a huma só proposiçaõ, como costumo; a empreza, ou o assumpto, que se me offereceo, era este: que S. Francisco Xavier foy tão grande Santo dormindo, como os mayores Santos acordados. Taõ grande disse, & ainda me vinha ao pensamento dizer mayor. Os outros Santos, para serem Sãtos, lhes necessario, que vigiem; Saõ Francisco Xavier, para ser mayor que os mayores, basta lhe que durma. Esta he a proposta, que se me offerecia à fantesia, como se eu tambẽ sonhasse: mas nem a minha devaçaõ se atreve a tanto, nem se contenta com menos. Direi o que puder provar, & entaõ saberei eu, & julgaràõ os que me ouvirem, o que hei de dizer.

Prefaçaõ aos tres sonhos.

TEmos a Saõ Francisco Xavier dormindo, & nam só dormindo, mas sonhando. E se o sono he imagem da morte, os sonhos de que seraõ imagem? Agora, & a manhãa o veremos, & tambem ao outro dia, & no mesmo Sãto, de que havemos de fallar. O sono he imagem da morte, os sonhos saõ imagem da vida. Cada hum sonha como vive: *Ea maximè somniamus, quæ agimus, aut acturi sumus, aut volumus*, disse Aristoteles. Os sonhos

ſonhos ſaõ huma pintura muda, em que a imaginaçaõ a portas fechadas, & às eſcuras retrata a vida, & a alma de cada hum, com as cores das ſuas acçoens, dos ſeus propoſitos, & dos ſeus deſejos. Pharaò, como providente Principe, ſonhava com a fome, & com a fartura do povo: o ſeu copeiro mòr, & o outro miniſtro da meſa real (que naõ tem nome, nem officio nas noſſas cortes) hum ſonhava com a taça, outro com as iguarias: o ſoldado Madianita ſonhava com a eſpada de Gedeaõ: Nabucodonoſor ſonhava com Imperios, & Monarchias cada hũ em fim ſonhava de noite com o que exercitava de dia. Galeno, para conhecer os humores do enfermo, manda obſervar os ſonhos: & tambem ſe pòdem obſervar para conhecer os affectos, que ſaõ os humores da alma. O melancholico ſonha couſas triſtes, & tragicas, o ſanguinho ſonha felicidades, & feſtas, o colerico ſonha guerras, & batalhas, o flematico creyo que naõ ſonha, porque naõ vive. Atè no eſtado da innocencia reconheceo Santo Agoſtinho que havia ſonhos; mas logo advertio que eraõ ſemelhantes à vida: *Tam felicia erant ſomnia dormientium, quàm vita vigilantium*: Erao taõ felices os ſonhos, quando dormiaõ, como era felice a vida, quando vigiavaõ. Porque o dormir he conſequencia do viver; & o ſonhar, do modo, com que ſe vive. O vicioſo ſonha como vicioſo, o Santo como Santo. Bem ſeguro vay logo o noſſo diſcurſo ſobre o Evangelho, & as vigias, que elle pede ſobre os ſonhos de Xavier; pois veremos que, *Tam felicia erant ſomnia dormientis, quàm vita vigilantis.*

A razaõ deſta Philoſophia he, porq os ſonhos ſaõ filhos dos cuydados, como muytos cuydados filhos dos ſonhos. *De his enim* (conclue o Stagirita) *maximè cogitationes, imaginationeſque obveniunt. Et*

qui inſtrũcti virtutibus ſũt, meliora ſomnia vident, quòd etiam vigilãtes meliora animadvertunt. Quando Nabucodonoſor ſonhou toda a hiſtoria famoſa, & ſucceſſos daquella prodigioſa eſtatua, antes de Daniel declarar o myſterio, começou a contar o ſonho deſta maneira: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti in ſtrato tuo:* Vòs, Rey, começaſtes a cuydar no voſſo leito. Tende maõ, Daniel: El-Rey nam vos pergunta o que fazia, quãdo eſtava acordado, perguntavos o que ſonhou, quando dormia. Aſſim he, diz Daniel; mas eu quero, & devo contar o caſo deſde ſua primeira origem; & a origem do ſonho de Nabuco foraõ os ſeus cuydados: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti.* Cuydava no que ſeria, & por iſſo ſonhou o que havia de ſer. Cuydou deſperto, & ſonhou dormindo; & naõ ſonhou outra couſa, ſenaõ aquella meſma, que tinha cuydado; porque aquillo, em que cada hum cuyda, & lhe dà mayor cuydado, quando vigia, iſſo he o em que ſonha, quãdo dorme. Se Nabuco ſe lembràra do que cuydava, elle ſe lembraria tambem do que ſonhou; mas o eſquecimento que lhe roubou a memoria do cuydado, eſſe lhe levou tambem a lembrança do ſonho, pela grande connexaõ, que tem os ſonhos, & os cuydados. Em fim ſonhou em Reynos, & Monarchias futuras, porque os Reynos, as Monarchias, & os futuros, era a materia (digna verdadeiramente de hum Rey) em que elle eſtava cuydando: *Tu, Rex, cogitare cœpiſti quid futurum eſſet poſt hæc.*

Daniel 2. 29.

Ibidem.

He verdade que o ſonho de Nabuco teve muyto de profecia; mas os cuydados ſaõ como as cordas da cithara, que mandou tocar Samuel, quando quiz profetizar. Ainda para os ſonhos divinos ſaõ diſpoſiçaõ natural os cuydados. Sonhou o Rey com os ſeus cuydados, porque adormeceo ao ſom de ſeus penſamen-

mentos. Sonho divino foy aquelle, em que o Anjo revelou a Saõ Joseph o segredo da Encarnaçaõ do Verbo nas entranhas de sua Esposa. E quando teve esse sonho Joseph? Quando estava cuydando na mesma materia: *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei.* Mas se Joseph estava dormindo, *in somnis*, como estava juntamente cuydando, *hæc autem eo cogitante?* Porq dormia Joseph, mas naõ dormia o seu cuydado. Sonhava de noite cõ o que cuydava de dia. Entre o cuydado, & o sonho de Joseph, só havia esta differença: que o cuydado, era cuydado de Joseph desperto; o sonho, era cuydado de Joseph dormindo. Por isso Joseph, & Nabuco sonhàraõ, & tiveraõ a revelaçaõ do que lhes dava cuydado; naõ antes, nem depois, senaõ quando cuydavaõ: *Tu, Rex, cogitare cœpisti: Hæc autem eo cogitante.*

Matth. 1. 20.

Taes foraõ os sonhos de Xavier: sonhos divinos, sonhos, & revelaçoẽs juntamente. E não he pouco que eu me atreva a discorrer em tres dias o que Xavier sonhou em tres noites; nẽ he empreza menos grande, & menos digna de tamanha solemnidade, antes a mais propria, & mais natural deste triduo: porque aquelles tres sonhos de Xavier, convertendo as noites em dias, fizerão tres dias de festa a Deos. Nam sou eu o que o digo. *Cogitatio hominis confitebitur tibi: & reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi*: Os cuydados do homem, diz David, louvaõ a Deos, & as reliquias dos cuydados fazem-lhe dias de festa. Este he hum lugar dos mais difficultosos, que se lem nos Psalmos. Que os cuydados, & os pensamentos dos homens louvẽ a Deos, he cousa bem clara; porque Deos satisfaz se muyto dos nossos cuydados, & todos os quer para si. Nas obras, & nas palavras tem parte o corpo: nos cuydados, & nos pensamẽtos tudo

Psal. 75. 11.

do he alma. Saõ os cuydados os eſpiritos do eſpirito: que muyto he logo que louvem a Deos os cuydados dos homens, & que eſtes louvores ſejaõ a Deos muyto agradaveis? O difficultoſo de entender he, quaes ſejaõ as reliquias dos cuydados: *Et reliquiæ cogitationis diem feſtum agent tibi.* As expoſiçoens, que dam os Interpretes, ſam muytas, & diverſas, & iſſo meſmo he final que ainda ſe naõ tem achado a verdadeira. Eu digo que as reliquias dos cuydados, ſaõ os ſonhos. Naõ tenho menos Author que o Principe dos Philoſophos. Ariſtoteles, explicãdo como ſe formaõ os ſonhos, diz aſſim: *Horum autem unumquodque eſt reliquia ejus, quod eſt in actu ſenſibili*: Os ſonhos ſaõ reliquias daquelles actos, que pelas eſpecies recebidas dos ſentidos, ſe formaram na imaginaçaõ. Eſtes actos deixaõ impreſſas na imaginaçam humas reliquias muyto ſutis, repreſentadoras dos ſeus objectos; & quando eſtas reliquias ſe movem, & apparecem, ellas ſaõ as que repreſentam, compoem, & fabricam os ſonhos. De maneira que os ſonhos naõ ſaõ outra couſa, ſenaõ as reliquias dos cuydados: *Reliquiæ cogitationis*: & eſtas reliquias dos cuydados diz David que fazem dias de feſta a Deos; porque aſſim como os cuydados racionaes, & ſantos louvaõ, & honraõ a Deos: *Cogitatio hominis confitebitur tibi*; aſſim as reliquias deſtes meſmos cuydados o honraõ, & louvaõ, & lhe fazem de noite dias de feſta: *Reliquiæ cogitationis diem feſtum agent tibi.* E porque fazem mais os dias de feſta as reliquias dos cuydados, que os meſmos cuydados? Porque os cuydados ſaõ exercicio de homens acordados, os ſonhos ſaõ attençoens de homens dormindo: os cuydados ſaõ os deſvelos da attençaõ; os ſonhos ſaõ as deſatençoens do deſcuydo. E quando hu homem dormindo, eſtà como fóra, & apartado de ſi meſ-

meſmo, que eſteja tam em ſi, & taõ unido a Deos, que aſſim dormindo o louve, aſſim dormindo o ame, aſſim dormindo o ſirva, nam ha duvida que he huma repreſentaçaõ taõ nobre, & taõ glorioſa, que merece ſer feſtejada no Ceo; & que ou a Corte do Ceo deſça de noite à terra a logralla, ou que ella ſeja levada ao Ceo, para là fazer a Deos hum dia de feſta. *Diem feſtum aget tibi.* Eſtas ſeraõ as feſtas deſtes tres dias, tomando cada ſonho de Xavier por ſua conta o ſeu dia, para o feſtejar. Em todos veneraremos, & collocaremos ſobre aquelle Altar outra nova, & melhor imagem; & outras novas, & mayores reliquias de Sam Francisco Xavier. As que alli vemos, ſaõ a imagem do ſeu corpo, & as reliquias dos ſeus oſſos: as que eu vos hey de moſtrar, ſaõ a imagem da ſua vida, & as reliquias dos ſeus cuydados: *Reliquiæ cogitationis diem feſtum agent tibi.*

SONHO PRIMEIRO.

Si venerit in ſecunda vigilia. Luc. 12.

I.

O Meſmo Evangelho, que tam encõtradas nos moſtrou as ſuas vigilancias com os ſonhos de São Franciſco Xavier, agora que entramos nelles nos deſcobre, que dentro em ſi continha diſtintamẽte o numero dos ſonhos, a ordem dos ſonhos, & o author, ou authores dos ſonhos O numero: *Si venerit in ſecunda vigilia*, hum: *ſi in tertia vigilia venerit*, dous: *qua hora fur veniret*, tres. A ordem: *Si venerit in ſecunda vigilia*, o primeiro: *ſi in tertia vigilia venerit*, o ſegundo: *qua hora fur veniret*, o terceiro. O author, ou authores; porque no primeiro, & no ſegundo, o Author foy o Senhor: *expectantibus dominum ſuum*; & no terceiro foy o author o ladraõ: *qua hora fur veniret*. No primeiro, & no ſegundo o Senhor, o qual duas vezes fallou em ſonhos a Xavier, revelandolhe no primeiro a luta, & no ſegundo os trabalhos. No terceiro o ladraõ, que he o demonio, o qual tambem o tentou em ſonhos, preſu-

presumído de o achar descuidado, ou menos vigilante.

Começandó, como pede a mesma ordem, pelo primeiro; grandes eram os cuydados de Xavier, & grandes, & vastissimos os seus pensamentos, pois de huma só reliquia delles se levantou aquelle taõ avultado, & poderoso Gigante negro, & medonho, de cuja luta entre os braços, & de cujo immenso pezo sobre os hombros, foraõ taõ duros os effeitos, que depois sentia acordado, quanto tinhaõ sido fortes os combates, que experimentàra dormindo. Discretamente disse Seneca, que tambem em Roma havia Antipodas. Chamava assim aos q̃ dormião de dia, porque tinhão vigiado em seus passatempos a noite: *Qualis illorum conditio dicitur, quos natura sedibus nostris subditos è contrario posuit; talis horum contraria omnibus non regio, sed vita est: sunt quidem in eadem urbe Antipodes.* Era Xavier hum novo Sol, que no mesmo tempo, & lugar tinha dous Emisferios, & quando acordado, & de dia alumiava os de cima; de noite, & dormindo vigiava, & rondava os Antipodas: ensayando, a furto dos olhos, & dos outros sentidos, as lutas, & as batalhas, que havia de ter cõ elles. Estes Antipodas eraõ todos aquelles, que unidos em hum só corpo, por isso agigantado, tão fortemente o apertavão lutando.

Mas antes que vejamos a luta, em que veremos o que não vio Roma, nem Grecia nos seus mais celebrados Atletas; será bem que descubramos o campo, & tomemos as medidas ao theatro. Como Deos escolheo a Xavier para Apostolo do Oriente, tudo o que comprehende o mesmo Oriente de mar, & de terra, foy a praça, ou terreiro immenso desta sonhada luta. Quando à India chegàrão os nossos primeiros Argonautas, para que a Magestade do Rey de Portugal, representada na

na peſſoa do ſeu Capitão, em nenhuma couſa cedeſſe à dos naturaes da terra, fabricavaſe hum theatro em tal fórma, que parte delle ficaſſe na terra, & parte no mar, onde aſſentados ambos de igual a igual, hum ouviſſe, outro diſſeſſe as cauſas deſua vinda. Tal era (ſe as couſas pequenas ſe pòdem comparar com as grandes) o theatro da luta de Xavier, fundado nos dous elementos do mar, & da terra. A baliza de huma parte era o mar Eritrêo, onde acaba a terra da Africa: a baliza, ou termo da oppoſta era o mar Fôo, àlem do qual ainda ſe nam conhece terra; & détro deſte meyo circulo do mundo, ſe comprehende aquella grande parte delle, que foy a campanha, depois viſta, deſta agora ſonhada batalha.

Em ſumma, que o theatro do primeiro ſonho de Xavier, em huma palavra, foy toda a Aſia. Mas quem poderà deſcrever a grandeza, & grãdezas, que o Author da natureza, & da graça, encerrou deſde ſeu principio no que a noſſa Coſmografia ſignifica com tão pequeno nome? Aſia, diz Plinio, he aquella região cõpoſta de muytas, da qual nunca ſahiraõ ſeus habitadores, nem derão entrada a outros, porque para a vida, & para o regalo, tem dentro em ſi tudo, o que pòde deſejar, ſem o receber de fóra, (excepta porèm a Fè do verdadeiro Deos, que he a que pelas ſuas portas tam cerradas lhe havia de introduzir Xavier.) Aſia he aquella primeira fonte, ou mãy de todas as ciencias, onde não ſó as profeſſárão, & enſinàraõ os Caldeos, mas contra as injurias de ambos os diluvios, que conhecèrão, as deixàram eſcritas, & immortaes em duas columnas, huma invencivel à agua, outra ao fogo. Aſia ſaõ aquelles vaſtiſſimos, & poderoſiſſimos Imperios, onde reynàram os Ninos, as Semirames, os Xerxes, os Senacherides,

os

os Artaxades, os Aſſueros, os Darios, os Balthaſares, os Nabucodonoſores, & os mais altos, & ricos membros da ſua famoſa eſtatua. Aſia ſaõ aquellas terras populoſiſſimas, nas quaes com fabricas monſtruoſas, & inimitaveis ſe edificàrão as Ninives, & Babylonias, & depois dellas as Suzas, & as Ecbatanes, que ſe na grandeza as não igualàrão; na riqueza, na opulencia, & na architectura as vencèrão com exceſſo oſtentoſo quaſi increivel. Aſia he a patria, que o foy, do primeiro pay do genero humano, onde o meſmo Author do Univerſo foy o Agricultor, que plantou o Paraiſo: de que ſaõ teſtemunhas mayores que toda a exceição os dous Rios Tigres, & Eufrates, que da meſma fonte nacèrão, que longamente cortão, & regãoſeus campos, & que aos ſeus, & não a outros mares vão pagar o tributo. E para que à viſta da grandeza, que agora direi, ſejão pequenas todas as outras, Aſia he aquella terra, que para nacer, viver, & morrer, eſcolheo o Filho de Deos feito Homem, com ordem, & preceito de ſeu Pay, que ſó a ella ſantificaſſe com ſeus paſſos, & não puzeſſe os pès em outra. Finalmente he a meſma Aſia, como bem notou, & pòderou Orteiio, o Mapa particular, & commum; dentro do qual ſe contem quanto nas Sagradas Eſcrituras lemos, aſſim no velho, como no novo Teſtamento: *Omnem ferè utriuſque Teſtamenti hiſtoriam in ea ſcriptam, & completam legimus.* De ſorte que de tudo o que Deos obrou no paſſado, & prometeo para o futuro, não partio o meſmo Deos com Xavier o theatro, que tomou para ſi, mas deolho todo inteiro.

II.

HUma das couſas notaveis, que os Japoés arguìrão, & perguntàram a Sam Franciſco Xavier, foy: Se o Deos, que elle prèga-

prègava, era taõ bom, como dizia, porque não lhes mãdou a noticia de si muytos annos, & seculos antes, senão naquelle tempo? A repoſta, que o Santo deo aos Japoens, direy logo; a que eu lhes dou a elles, & a todos he, porq tinha Deos reſervado toda a Aſia, atè o ultimo fim della, que he o Japaõ, para o Apoſtolado de Xavier, & para theatro de ſuas maravilhas. A primeira prova deſta verdade temos nas noſſas meſmas hiſtorias, ſe bem as cõſiderarmos. Todos os hiſtoriadores noſſos, & eſtranhos, notão que naceo Saõ Franciſco Xavier em Navarra no meſmo anno, em que Vaſco da Gama partio de Lisboa ao deſcobrimento da India. Mas debaxo deſta obſervação gèral eſtà ainda em ſilencio, & nam obſervada huma circunſtãcia digna de todo o reparo. E qual he? Que o portentoſo cabo da Boa Eſperança, que era o terror daquella navegação, & o nò Gordiano daquelle deſcobrimento, havia jà onze annos, que eſtava reconhecido, & deſcuberto. Porque eſperou logo a Providencia Divina pelo nacimento de Xavier, para o deſcobrimento da Aſia? Sem duvida, porque a tinha guardado para elle. Naquelle deſcobrimento tinha Deos determinado duas conquiſtas, ou duas miſſoens, ambas por ſeu modo Apoſtolicas: a primeira das almas, & a ſegunda das armas: a das almas, como fim, & a das armas como meyo, que lhe abriſſem o caminho. E como à primeira havia de ſervir a ſegunda, por iſſo os paſſos, ou compaſſos da Providencia Divina paràraõ, & dilatàrão onze annos a viagem do conquiſtador das armas, para que eſtiveſſe jà nacido o que havia de conquiſtar as almas. Eſte foy o Oroſcopo do ſeu nacimento, ou do ſeu Oriente debaxo dos aſpectos de todas as Eſtrellas, que alumião o do mũdo.

Vamos agora à Eſcritura

tura Sagrada, & acharemos a conformaçam desta providencia, com a propriedade não só de missão a missão, senão de Asia a Asia. Andando Saõ Paulo, como proprio Apostolo da gẽtilidade, alumiádo com a luz do Evangelho outras partes da Europa, determinou com seu companheiro, o Apostolo Saõ Bernabè, ir prègar a Asia menor. Mas diz o Evangelista São Lucas, que o Espirito Santo lhe prohibio esta missaõ, mandandolhe que não fossem: *Vitati sunt à Spiritu Sancto loqui verbum Dei in Asia.* E qual seria a razam divina desta prohibiçam tão notavel? Quer o Apostolo das Gentes ir prègar àquellas Gentes, & Deos não quer? Sim, diz S. Gregorio Papa; porq̃ os Asianos naquelle tempo, nam tinhão as disposiçoens necessarias para receber a Fè; & se o Apostolo lha prègasse, & elles a não recebessem, seria para sua mayor condenação: *Negravius de cõtempta præaicatione mali auditores judicari merentur.* Em conclusaõ, que não querer Deos que Sam Paulo prègasse então na Asia, não foy desatençam de sua Providencia, senão mercè, indulgencia, & misericordia de sua bondade. E isto mesmo he o que respondeo Xavier aos Japoẽs. Arguis ao Deos, que eu vos prègo, de que sendo tão bom, vos não desse em tantos annos o conhecimẽto de si mesmo, que agora vos dà? Antes havieis de arguir o contrario: & que então, & mais agora se mostrou comvosco duas vezes bom. Bom, quando vos não deo o conhecimento de si no tempo, em que não estaveis dispostos para o receber, porque seria para mayor condenação vossa: & bom, agora que estais dispostos, porq̃ he para vossa salvação.

Mas esta razão, que no caso dos Japoens foy tão cabal, & adequada, no caso dos Asianos, diz Sam Joaõ Chrysostomo, que não tem lugar: & se prova

claramẽte; porq̃ no meſmo tempo foy outro Apoſtolo prègar a Aſia menor: logo diſpoſtos eſtavão os Aſianos, para receber a Fè, como a recebèrão. Qual foy pois o motivo da diverſaõ, ou motivo, porque negou Deos a Saõ Paulo a miſſaõ da Aſia? O meſmo Sam Chryſoſtomo o diz: *Quia Aſia ſervabatur Joanni:* Porque a Aſia a tinha Deos reſervado para Sam Joaõ. Aſſim o moſtrou o effeyto; porque Saõ Joaõ foy o que nella prègou, & a converteo. E iſto he o que eu digo de Xavier no Japaõ. Elle foy o ſeu proprio Apoſtolo, & o primeiro, que là prègou a Fè; & ſendo o meſmo Japam de mar a mar o ultimo termo de toda a Aſia mayor, toda a meſma Aſia mayor foy a campanha do ſeu ſonho, & o theatro do ſeu Apoſtolado; bem aſſim como a Aſia menor o de Saõ Joaõ, o Diſcipulo amado de Chriſto.

III.

HE quaſi tremenda a conſequencia, q̃ daqui ſe tira, mas tal, que ſe nam deve callar. De maneira que nega Deos a Sam Paulo a miſſaõ da Aſia menor, porque a tem reſervado para Saõ Joaõ: & quando reſervou a Aſia menor para Sam Joaõ, reſerva a Aſia mayor para Xavier. Que comparaçaõ tẽ a Aſia menor cõ a mayor? A menor he huma pequena parte da Europa, & a mayor he mayor q̃ toda a Europa, & toda a Africa. Apertemos agora a conſequencia. He regra certa no amor de Deos, medirſe o que ama, pelo que dà. Elle meſmo o diſſe: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum Unigenitum daret.* Logo ſe o amor de Chriſto ſe houver de medir em Joaõ, & em Xavier pelo que deo a hum, & outro; bem pòde pòr demanda Xavier a Saõ Joaõ ſobre o titulo de amado. Deos me ajude neſte caſo, Ioan. 3. 16.

caſo, & neſta conſequencia, que por iſſo lhe chamey tremenda. A demanda, ou a cauſa naõ pòde ſer mais grave, nem mais bem fundada. Mais grave nam, porque abaxo de Deos a mayor couſa he ſer mais amado delle: mais bem fũdada naõ; porque o direito de huma, & outra parte ſe funda em texto expreſſo, & authoridade divina. Onde iremos logo buſcar o Juiz, & a deciſaõ? Sigamos o que diſpoem em ſemelhante duvida as noſſas Leys; & vamos ao Reyno mais vizinho.

O Reyno mais vizinho a huma, & outra Aſia, he o Egypto: & o Oraculo do Egypto Joſeph. Eſtando pois Joſeph à meſa com ſeus irmãos no Egypto, diz a Hiſtoria Sagrada que elle por ſua propria peſſoa lhe fazia, & repartia os pratos; mas com tanta differença, que ſendo as porçoens de todos os outros irmãos iguaes, a de Benjamim era avantejada, & mayor nam menos que em cinco partes: *Et mirabantur nimis, ſumptis partibus, quas ab eo acceperant: maiorque pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* Genes. 43 33. & 34. Muyto he que os irmãos de Joſeph ſe admiraſſem deſta differença, a qual he mais admiravel para o noſſo caſo, que para o ſeu. Elles muyto bem ſabiaõ que Joſeph amava mais a Benjamim, que aos outros irmãos: & tambem ſabiam que a cauſa deſte mayor amor era ſerem Joſeph, & Benjamim irmãos de pay, & de mãy. O meſmo texto o nota alli: *Vidit Benjamin fratrem ſuum uterinum.* Ibid. 29. Todos eram irmãos por parte do pay; porque todos eraõ filhos de Jacob; mas ſó Joſeph, & Benjamim eraõ irmãos de pay, & de mãy; porque ſó Joſeph, & Benjamim eram filhos de Jacob, & de Rachel: & como o mayor amor, fundado no mayor parentesco, era o que trinchava, & fazia os pratos, que muyto he que a porçaõ de Benjamim foſſe mayor que a dos

outros? & que essa mesma porçaõ mayor fosse a prova de ser elle o amado?

Huma cousa he ser amado, outra ser o amado. Para os outros irmãos conhecerem que eram amados de Ioseph, bastava que, depois de tão offendido, os puzesse à sua mesa; mas para prova de Benjamim ser o amado, foy necessario que a sua porçaõ fosse mayor: *Maior pars venit Benjamin*, & com tal vẽtagem mayor, que excedesse às outras em tãtas partes: *Ita ut quinque partibus excederet*. Daqui se segue a decisão do nosso pleito, & que a sentença de Ioseph està por parte de Xavier. Porque? Porque se para Benjamim ser o amado sem cõtradiçaõ, bastou por prova que a porçaõ do seu prato excedesse às outras em cinco partes: *Quinque partibus excederet:* quanto mais a de Xavier, que naõ só excedia à de Sam Ioaõ em cinco partes, senão em mais de cincoenta? A porçam de Xavier era huma Asia, & a de Saõ Ioaõ outra Asia, & ambas por seu proprio nome confessaõ, & provaõ esta mayoria: a de Ioaõ com o nome de menor, & a de Xavier com o de mayor: *Maior pars venit Benjamin.*

Com tudo porque Saõ Ioaõ pòde ter embargos a esta sentença, ou ao entendimento della; ouçamolo de sua justiça, para que demos a cada hum o seu. Dissemos que a causa do amor de Ioseph a Benjamim era por ser elle seu irmaõ de pay, & de mãy: *Fratrem suum uterinum*: & esta prerogativa, ou exceiçaõ para o titulo de amado pertence a Saõ Ioaõ, & de nenhum modo a Xavier. Nem he necessario appellar para outra mesa, senão para a do mesmo Ioseph. A mesa de Ioseph com os doze irmãos representava a de Christo com os doze Apostolos; & entre os doze Apostolos, só Sam Ioão era o irmão de Christo de Pay, & de Mãy. Todos eram irmãos de Christo, como o mesmo Senhor

Senhor lhes chamou dizẽ-
Matth. 28. 10 do: *Ite, nuntiate fratribus meis*, & só Ioão era irmão de Pay, & Mãy; porque só
Ioan. 19. 27. a Ioão disse: *Ecce Mater tua.* Logo a Ioão, & nam a outrem pertence o titulo de amado. Distingo: em comparação dos Apostolos de Christo, concedo: em comparação do Apostolo do Oriente, nego. São Ioão foy o Apostolo, a quem
Ioan. 13. 23. Christo amava: *Quem diligebat*: Xavier foy, o que o mesmo Christo havia de amar. E o amor que era, pelo que era, não se podia comparar, nem preferir ao que havia de ser, porq̃ nam cõstava qual fosse, ou qual seria. Em Benjamim concorrèrão juntas duas prerogativas, as quaes se repartìrão entre os dous Apostolos: a da mayoria do parentesco pertencia a Ioão, & a da mayoria do prato havia de pertencer a Xavier: na primeira se continha a causa de amar, na segunda a prova do amor: & esta he a que deve preferir sem controversia.

Quanto à causa de amar, jà Sam Bernardo definio que o amor se não governa por ella: *Amor non quærit causam.* Isaac amava a Esaù com causa, porque comia do que elle caçava: *Isaac amabat Esau, eo quòd de venationibus illius vesceretur*; Rebecca, que era a mãy, amava a Iacob sem causa: *Rebecca diligebat Iacob*; & o amor sem causa foy o que prevaleceo, porque a bençam nam a alcançou Esaù, senão Iacob. Que importa que Esaù tivesse por si a causa, se Iacob teve o effeito, que he a prova do amor? Os mesmos irmãos de Benjamim o entendèrão tanto assim, que de nenhũ outro favor dos muytos, em que Ioseph lhe mostrou o seu particular amor, se admiràram, ou fizeram reparo, senaõ da vẽtagem, & excesso do seu prato em tantas partes: *Et mirabantur nimis sumptis partibus.* E sendo o prato de Xavier, isto he, a sua Asia, com tam excessivas ventagens mayor que a de São Ioaõ, bem

Gener. 25. 28.

Ibidem.

provado parece que fica, ou quâdo menos bem provavel, eſtar por parte de Xavier a deciſão da meſa de Ioſeph; a qual naõ ſó era a meſa do Paço do Egypto, ſenão tambem a da Conciencia.

IV.

SO reſta ſatisfazer ao eſcrupulo de algum juizo, ou goſto critico, o qual póde ſer que nam achaſſe ſabor no prato de Benjamim para o noſſo caſo. A grande Regiaó da Aſia foy o campo, que Deos repartio a Xavier para a cultura, & lavoura do ſeu Apoſtolado. O officio, a obrigaçam, & o fim do meſmo Apoſtolado, era ſemear o Evangelho, prègar a Fè, & converter as gentilidades daquellas Naçoens. Que ſemelhança tem logo a ſeara com a meſa, o campo có o prato, o converter Gentios com o comer? Agora ſe verà ſe he propria. O primeiro Gentio, que ſe fez Chriſtaõ neſte mundo, foy Cornelio Romano, Capitaõ da Infantaria do terço, ou cohorte Italica; o qual eſtando em Ceſarea mandou pedir a Sam Pedro, que eſtava em Joppe, o quizeſſe inſtruir na Fè de Chriſto. Nam tinha o Santo noticia deſta embaxada, ſubio ao mais alto da caſa, onde vivia, para orar mais livremente, & no meyo da oraçam, lhe ſobreveyo tal fome, que pedio de comer: *Cùm eſuriret, voluit guſtare.* Mas em quanto ſe lhe punha a meſa: *Parantibus autem illis*, adiantouſe o Ceo com a toalha, & o prato: *Et vidit Cœlum apertum, & deſcẽdens vas quoddam, velut linteum magnũ.* Em lugar de, *vas quoddam*, lè Santo Agoſtinho, & outros Interpretes, *diſcum.* De maneira que, *vas quoddam*, era o prato; &, *linteum magnum*, a toalha: & qual ſeria a iguaria, ſendo o prato hum ſó, & decido do Ceo?

Act. 10. 10. Ibidem. Ibid 11.

Primeiramente era compoſta a iguaria de todo o genero de animaes, feras, aves, ſerpentes: *In quo* Ibid. 12.

quæ erant omnia quadrupedia, & serpentia terræ, & volucres Cœli; & estes animaes naõ mortos, senão vivos, porque Saõ Pedro os havia de matar, & comer. Assim lho mandou logo a
Ibid. 13. voz do Ceo: *Et facta est vox ad eum: Surge Petre, occide, & manduca*: Eya Pedro, matay, & comey. Admirado o Apostolo do que via, & cuvia, & muyto mais de que Deos lhe mandasse comer os animaes prohibidos na Ley, & que se chamavam immundos, naõ acabava de entender o mysterio da visaõ, senaõ quando lhe batem à porta os enviados, que eraõ tres, com a petiçam de Cornelio, & entaõ conheceo que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja todo o genero de Gentios, & tratasse da sua conversaõ. Os animaes terrestres significavaõ os Gétios mais barbaros, as aves os mais entendidos, as serpentes os mais inimigos. Mas porque lhes poem Deos na mesa, & o convida com elles em hum prato, & lhe manda que os coma, quando quer que os converta? Por isso mesmo: & agora se verà a sabedoria do sabor, & a propriedade da semelhança. Pergunto: Como pòde hum animal naturalmente converterse em homem? Naõ ha duvida, que comendo o o mesmo homẽ. E porque? Porque sendo comido do homem, a sustãcia do animal, por bruta, & fea que seja, se converte na sustãcia humana, & em tal sustancia humana, qual for o homẽ, que o comer. Por isso a voz do Ceo disse a Sam Pedro, nam só que comesse aquelles animaes, senam que os matasse primeiro: *Occide, & manduca*: porque mortos perdiam huma vida, & comidos acquiriaõ outra: mortos deixavam de ser o que eram, & comidos começavam a ser o que naõ eraõ: mortos acabavam de ser o que tinhaõ sido em si, isto he Gentios; & comidos, & incorporados em Pedro, começavam a ser o

que era Pedro, isto he, Christãos. Admiravelmẽte Sam Gregorio Papa: *Macta, & manduca: quod mactatur quippe à vita occiditur; ia vero, quod comeditur, in comedentis corpore commutatur. Macta ergo, & manduca dicitur, id est, à peccato eos, in quo vivunt, interfice, & à se ipsis illos in tua membra converte.*

Nem he necessario buscar outros exemplos deste modo de converter, & comer, pois no mesmo Christo o temos. Assentado o Senhor sobre a fonte de Sicar, cançado do caminho, p rque era a hora do meyo dia, mandou aos Discipulos que fossem à Cidade buscar de comer. Tornàraõ, & pedindo-lhe que comesse, nam o aceitou o Divino Mestre, antes lhes deo a entender que tinha comido, & de outros manjares que elles naõ conheciaõ: *Ego habeo cibum manducare, quem vos nescitis.* Ouvida com admiraçam a reposta, começàraõ os Discipulos a duvidar entre si: *Numquid aliquis attulit ei manducare?* Por vẽtura, em quanto nòs estivemos ausentes, veria alguem, que trouxesse de comer a nosso Mestre? Elles o duvidavaõ, & verdadeiramente assim era; porque no mesmo tempo veyo a Samaritana, a quem o Senhor tinha convertido, & incorporado em si, fazendo a de Gent a Christãa, & aquella grande Alma naquella hora propria de comer, era a que tinha comido. Logo chamados por ella, vieram muytos da Cidade, os quaes bebendo da fonte, que tira a sede para sempre, se convertèram tam bem; & todos naquelle dia fizeraõ ao Senhor hum esplendidissimo banquete.

Joan 4. 32. Ibid 33.

O que agora se segue no texto, he huma clausula naõ menos que milagrosa de todo este discurso. Por occasiaõ de ter dito o Divino Mestre que o seu comer era de outro genero, que elles naõ sabião, cõtinuou assim: *Ecce dico vobis: levate oculos vestros, & videte regio-* Ibid. 35.

regiones, quia albæ sunt jam ad messem. O que vos digo agora, Discipulos meos, he, que levanteis os olhos, & os estendais por estas Regioẽs do mundo, cujas searas estaõ já maduras esperando por vòs, para que as recolhais. De maneira que o que atègora era mesa, prato, & comer, agora sam Regioens, searas, & colheita; porque huma metafora he declaraçaõ da outra, & ambas significão a conversam dos Gẽtios. A Regiaõ de Xavier nam a podiam ver os Discipulos, porque estava muyto longe, & ainda nam descuberta. Mas o que elle havia de comer era conforme à grandeza do prato, tamanho como toda a Asia. Os Discipulos comèram o que trouxeram da Cidade, o Mestre comeo toda a Cidade; porque cõverteo todos os que vieram della. aqui se descobrio entam hum grande mysterio do prato de Benjamim. Se a sua porção excedia em tantas partes as outras, como era possivel que elle a comesse? E se a não havia de comer, porque lhe coube na repartiçam? Porque representava, como já dissemos, ao segũdo Benjamim de Christo Sam Francisco Xavier, o qual era tam faminto, tão insaciavel, & tam grande comedor de almas, como se vio depois que Deos o poz à mesa. Em dez annos q̃ Xavier cultivou a Asia, converteo hum milham, & duzentas mil almas. Repartia agora esta soma pelos annos, & pelos dias: pelos annos, saõ cento, & vinte mil almas cada anno; & pelos dias, saõ trezentas, & vinte & nove almas cada dia. Já me naõ espanto que Xavier passasse tantos dias sem outro mantimẽto, pois o seu paõ de cada dia era tanto, & tao substancial, como saõ as almas. Isto foy o que achou, & o agoa dava na sua immensa Regiaõ da Asia, tam abundãte no prato para a mesa, como vasta no campo para a luta.

V.

ATẽgora naõ fizemos mais q̃ medir a grandeza da campanha, em cuja mediçaõ nos deriveram os embargos do Discipulo amado com forçado, mas nam ocioso encontro, pela comparaçaõ, & excesso de huma, & outra Asia. Entrando pois Xavier na sua, o recebeo todo o Oriente entre os braços, mas nam com a benevolẽcia de hospede, senaõ com o aperto, que vimos, & violencia de inimigo. Era sonhádo, & a mesma representaçaõ, posto que sonhada, segundo o que Deos costuma parece que nam devia ser bellicosa, senão pacifica, antes muyto comedida, & cortez, & de nenhum modo violenta. Quiz Deos que fosse Sam Paulo prègar a Macedonia, & appareceolhe em sonhos hum Varam authorizado, que no trajo, & linguagem mostrava ser Macedonico. E diz o Texto Sagrado que com muyto comediméto rogava ao Apostolo quizesse tomar o trabalho de passar à sua patria, para promover, & ajudar sua conversaõ: *Et visio per noctem Paulo ostensa est: vir Macedo quidã erat stãs, & deprecans eum, & dicens: transiens in Macedoniam adjuva nos.* Act. 16. 9. Ao mesmo modo se podera representar a Xavier naquelle sonho a Asia, & sem perder nada de sua magestade, & grandeza, assim no trajo, como no requerimento. Appareçalhe assentada sobre hum Elefante real de Ceilam ricamente acubertado. Appareçalhe vestida de huma cabaya ligeira, faxada de prata sobre verde: o verde pelo fertil da terra; & a prata pelos rios, que a cortam, & regam. Appareçalhe cõ o peito descuberto ao uso Oriental, mas cruzado de colares de diamantes: & os braços apertados a espaços com manilhas de rubis. Appareça com a garganta, nam afogada, como cà se diz, mas torneada cõ hum grosso fio de perolas, na gran-

grandeza, & igualdade eſcolhidas entre milhares; & de huma, & outra orelha pendentes ſómente duas mayores, & de mayor preço q̃as de Cleopatra. Appareça finalmẽte com turbante entretecido de branco, encarnado, & ouro, que ſaõ as cores, de que ſe arrea a Aurora: & por remate, entre garçotas de aljofar, Coroa Imperial de ſafiras. Repreſentada, ou ſonhada aſſim a Aſia, que entaõ ſe ajuelhaſſe o Elefante, para que ella ſe podeſſe apear: & chegandoſe mais de perto à preſença de Xavier, em ſinal de já vir diſpoſta a receber a Fè, & culto do Deos verdadeiro: que depois de lhe fazer a zumbaya, ou profunda reverencia, com as mãos cruzadas ſobre a terra, como a Prègador, & Sacerdote do meſmo Deos, lhe offereceſſe dos ſeus aromas, nam Ambar, nem Almiſcar, ou Bejuim de boninas, mas em huma Naveta de ouro o Incenſo da Arabia tambem ſua.

Nem deve parecer demaſiada a alguem a fabrica deſte ſonho, porque todo elle naõ he mais, que a metade do que vio Nabucodonoſor no da ſua eſtatua, em que o ouro da cabeça, & a prata do peito, & braços nam ſignificavam outra couſa, ſenaõ a meſma Aſia nos ſeus dous mayores, & mais antigos Imperios, o Aſſyrio, ou Caldeo, & o Perſico. Mas quando a Aſia no noſſo caſo ſe nam houveſſe de offerecer por ſi meſma ao ſeu Apoſtolo, ſenaõ por meyo de hum Embaxador, como a Macedonia a Sam Paulo; eſſe Embaxador, porque nam ſeria hum Indio pacifico, benevolo, comedido, & cortez, ſenaõ aquelle môſtro medonho, & fero, tam agigantado nas forças, como na eſtatura, & tam impaciente, arrebatado, & furioſo, que de ſubito ſe achou Xavier lutando com elle, & primeiro apertado de ſeus braços, que acometido? Nam ſonhou aſſim Jacob em Betel; nam ſonhou

nhou assim Joseph em Canaan ; nam sonhou assim Mardocheo em Suza, lugares todos dentro da mesma Asia. E se Deos foy o Author de huns, & outros sonhos, porque trata a Xavier taõ diversa, & tam violentamẽte, & com taõ descubertas hostilidades? A reposta deste grande reparo pertence ao segundo sonho, que foy declaraçaõ do primeiro. E porque he materia, que a manhãa havemos de ouvir com assombro, agora só devemos examinar, porque havendo de ser o sonho guerreiro, & bellicoso, naõ foy o mesmo Xavier o agressor, senaõ o acometido? nem elle o que rompeo a guerra, & deo a batalha ao Oriente, senaõ o Oriente a elle, & com todo o poder, & forças de ambos os braços?

Os dous braços mais poderosos do Oriente saõ os dous Imperios do Mogor, & China, & tam presumidos ambos de suas forças, que tem por desprezo, & afronta fazer guerra, ou admitir a batalha qualquer outra potencia, posto que grande. Rebellandose contra o Mogor hum Rey vizinho com condiçoens de sugeito, mas com cem mil cavalos em campo; posto em conselho o modo, com que se devia proceder no tal caso: a primeira resoluçaõ foy, que era contra a authoridade, & credito do Imperio fazer-lhe guerra: a segunda, que fosse o Emperador à caça, & com parte dos seus monteiros, & caçadores mandasse castigar aquelle rebelde. Assim se fez: & para que o effeito naõ pareça admiravel, cõta o Author fidedigno, como testemunha de vista, que só dos vivãdeiros, que seguiaõ o trem do Emperador, para provimento dos que o serviaõ na caça, foraõ quinhentos mil carros. Tãto he o poder do braço esquerdo do Oriente. O do direito, que he a China, sendo muyto mais numeroso na multidaõ da gente, he taõ igual na presunçam, & soberba (pois nam pode ser

ſer mayor) que havendo de tomar ſatisfaçaõ de certo menos reſpeito, cõ que os Japoens o tinham deſgoſtado: o que ſe reſolveo tambem em conſelho, foy, que ſendo ſeſſenta & ſeis os Reynos do Japaõ, nam era competente inimigo para ſe lhe fazer guerra pelo modo ordinario, mandando là Armadas; mas que ſe tomaſſe outro novo genero de os dominar, em que aquelle Imperio lhes moſtraſſe a elles, & ao mundo a ſuperioridade ſem igual da ſua potencia. Aſſentàram pois os Engenheiros o novo modo, com penſamento mayor, que toda a imaginaçaõ, & era, que ſobre as trinta legoas de mar (que he o menos que diſta o Iapaõ da China) ſe lançaſſe huma ponte, por onde marchaſſem a pè, & como por terra continente os q̃ foſſem vingar aquelle aggravo. Haviaſe de fundar a ponte ſobre navios unidos de coſtado a coſtado com groſſas cadeas de ferro, & outros inſtrumentos de bronze, & diz o meſmo Author, que por cauſa da furia dos Tufoens, que naõ admite reſiſtencia humana, ſe deixou de effeituar a obra, & naõ pelo numero dos navios; porq̃, ſem ſe fabricaré outros de novo, havia muytos mais do que eraõ neceſſarios, para encher unidos aquella diſtancia. Eu mais me admiro da arrogancia, que da temeridade do penſamento, pois ſabemos que em noſſos dias hum ſó Coſſario levantado da meſma China ſe poz no mar com quatro mil baxeis.

VI.

ESendo tal a ſoberba, arrogancia, & potencia do Oriente, que elle naõ a olhos fechados (porque nam era o que ſonhava) ſenaõ movido por impulſos divinos, foſſe o que rompeo a guerra, & ſem preſentar a batalha acometeſſe a Xavier de improviſo, & com todo o poder, & forças de ambos os bra-

braços? He certo que já começa a ser vencido neste mesmo respeito, & Xavier sem batalha, vencedor antes da vitoria. A soberba naõ se governa por razam, mas vejamos as muytas, que encerra em si o pundonor, & altiveza deste pensamento: & para que seja em dous grãdes exemplos tambem gentios; ouçamos o de Alexandre Magno em Macedonia, & o de Ayax Telamonio em Troya. Demandãdo Ayax, por morte de Achilles, ser elle o herdeiro de suas Armas, oppoz-se-lhe Ulysses, em quem era mayor a força da lingua, que a facundia das mãos. E que diria Ayax? Como soldado bizarro, & afrontado de tal competidor, declamou assim:

Ouvid. lib. 13. Met.

Præmia magna peti fateor, sed demit honorem
Æmulus Ayaci. Non est tenuisse superbum
(Sit licèt hoc ingens) quidquid speravit Ulysses.
Ipse tulit pretium jam nunc certaminis hujus,
Qui cùm victus erit, mecum certasse feretur.

O premio desta demanda cõfesso (diz Ayax) que he grande, pois sam as Armas de Achilles, mas a desigualdade do competidor já antes da sentẽça me tirou a honra: *Sed demit honorem Æmulus Ayaci.* Quem compete, espera vẽcer: & posto que eu de tal competidor nam possa temer a sua vitoria, já me tẽ afrontado a sua esperança. Que honra pòde ser minha alcançar Ayax, o que esperou Ulysses: *Quidquid speravit Ulysses?* Elle nunca pòde ser vẽcedor; mas que mayor vitoria, & gloria para elle que poderse dizer no mundo que competio comigo: *Mecum certasse feretur?* Atè aqui Ayax tam forte, como honradamente. Ouçamos agora a Alexandre. Entre as outras habilidades, com que o tinha feito grande a natureza,

za, & a fortuna, era singular a velocidade no correr. A mesma reconhecia em si David, & por ella dava graças a Deos, quando dizia: *Qui perfecit pedes meos tamquam cervorum.* Por esta ventagem, sendo Alexandre de doze annos, & já naquella idade com ardentissimos desejos de fama, lhe diferaõ os Palacianos da sua criaçaõ, porque naõ hia aos jogos Olympicos, onde sem duvida alcáçaria aquella coroa tam estimada, & celebrada em todo o mundo. E que diria o Grande, que já era mayor na generosidade que nos annos? *Libens equidem, inquit, si decertaturos mecum Reges sim habiturus:* De muy boa vontade iria correr nos jogos Olympicos, se os que houvesse de ter por competidores fossem Reys. Vencer he avêtajarse: competir he medirse: & que gloria será a minha vencer correndo, quando eu me deva correr dos mesmos que venci por competirem comigo? Ainda que seja a vitoria dos pès, naõ devem ser os vencidos por mim outros, senaõ pès de cabeças coroadas: *Si decertaturos mecum Reges sim habiturus.*

Ah Xavier sempre, & de todos os modos glorioso! Dormi, dormi descançado, que por mais forte, & mais Gigante que seja o vosso competidor, já tendes a primeira vitoria na mesma cõpetencia. Aquella sua soberba, & arrogancia, que se afronta de competir com tam poderosos contrarios, essa mesma se honra de contender comvosco. E quando a nenhuma outra potencia concede batalha, nem só com o braço direito, nem só com o esquerdo, a vòs provoca, desafia, & acomete com ambos! Mas diga-nos o mesmo Author do vosso sonho quanto vos quiz hõrar com este. Aquelle Atleta mais que Gigante, que lutou com Iacob, posto que naõ dormindo toda a noite, pedio-lhe no fim della que o soltasse dos braços; & a ra-

Psalm. 17. 34.

Curt. 3.

a razam que deo para isso
Genes. 32. 26 foy notavel: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora:* Apartemonos, & baste, q̃ jà vem sahindo a Aurora. E que importava que sahisse a Aurora? Muyto, diz por parte do Anjo o Doutor Angelico: *Loquitur more alicujus gravis viri, qui erubescit videri ab alijs agere, quæ parum cõdigna sunt.* O Anjo, que lutou com Jacob, vinha incognito, & com disfarce de homem:
Ibidem. 24 *Ecce vir luctabatur cum eo;* & fallou conforme os brios humanos, envergonhádose de que visse nelle a luz do dia huma acção menosdigna desua pessoa. Em quanto encubrio a luta a escuridade da noite, lutou, mas tanto que assomou a Aurora, afrõtouse da competencia. E quando hum homem, que por dẽtro era Anjo, & naõ tinha nada de soberbo, se afronta de que a Aurora o veja lutar com Iaçob, a mesma Aurora, que he o Oriente, nam se afronta, antes se preza, & honra de lutar com Xavier.

Mas supposto que o sonho de Xavier, chamado para a cõversaõ da Asia, naõ foy pacifico, & benevolo, como o de Saõ Paulo para a de Macedonia, senaõ violento, & guerreiro, naõ deve passar sem ponderaçaõ, & reparo o genero da guerra. Os modos de guerrear saõ tantos, quantos tem inventado o amor para a defensa propria, & o odio para a ruina do inimigo. E com tudo Deos, que dispoz o sonho, ou a batalha para este conflito de Xavier, entre todos os modos de pelejar escolheo a luta. E porque? Naõ pode ser sem mysterio, sendo disposiçaõ divina. E foy sem duvida, para que melhor conhecessemos o valor do Capitaõ, que desarmado, sem guardas, nem sentinella dormia. A luta he o mais forte modo de pelejar, & o mais glorioso de vencer. Nos outros generos de guerra, ou peleja o soldado de longe, ou de perto: ou a pè, ou a cavalo, ou com a lança, ou com a espa-

espada. Se de longe, parte da vitoria pertence à balla, ou à setta: se de perto, parte à espada, ou à lança: se a cavalo, parte ao cavalo, & tal vez mayor que ao cavaleiro; porèm na luta, que he combate sem armas, & de corpo a corpo, toda a vitoria inteiramente he do homem, porque peleja cõ os braços, peleja com as mãos, peleja com os pés, & quando derruba, & mete debaxo delles o inimigo, entaõ acaba de vencer. Assim nẽ mais, nẽ menos descreveo a luta David. Os braPsal 17. 35. Ibidem. cos: *Posuisti ut arcũ æreum brachia mea*: as mãos: *Qui docet manus meas ad prælium*: Ibid 37. os pès: *Dilatasti gressus meos subtus me: & non sunt infirmata vestigia mea*: & finalmente o inimigo derruIbid 40. bado a elles: *Et supplantasti insurgentes in me subtus me.* Mas nesta mesma descripçaõ cõ todas as clausulas della se deve muyto notar, que falla David sempre de si: *Brachia mea, manus meas, gressus meos*, & *subtus me.* Constando pelo cõtrario da historia Sagrada, que nenhuma das suas victorias alcançou David lutando. Pois se as suas batalhas naõ foraõ luta, porque lhe chama luta David? Por ventura, porq̃ as quiz escrever mais gloriosamẽte, do que as vencèra? Naõ: que David era Santo, & naõ queria a gloria para si, senaõ para Deos, cuja fortaleza pertendia engrandecer, & agradecer, como se vè no exordio do mesmo Pslmo: *Diligam te Domine, fortitudo mea*: & porque Ibid. 1. o mais forte modo de pelejar, & o mais glorioso de vencer, he o da luta, por ser victoria sem armas; por isso às victorias, que David canta, & attribue à fortaleza de Deos, & naõ à sua, dá o nome de luta. De luta outra vez, & naõ de outro genero de batalha, como louvor, & soberania propria da fortaleza divina pelejar, & vencer desarmado. Assim concedeo Deos parte desta mesma gloria a Xavier, querendo que lutasse, & vencesse dormindo,

do, o que nem por ſonhos fez nunca David, ainda quando mais acordado.

A mayor, & mais celebrada vitoria de David foy a do Gigante. Mas como? Por vêtura lutou com elle a braço partido? Aſſaz faria ſe lhe chegaſſe aos joelhos. Por ventura atreveose a medir o ſeu cajado com a lança do Filiſteo? Bem advertio elle, que naõ era feito o cajado para lobo de tamanhos dêtes. Pois que fez? Poz-ſe de longe, fez-lhe tiro com a funda, & derrubou-o com a pedra. Grande vitoria! Mas que diremos della ſem liſonja? He certo que teve mais de deſtreza, que de valor. De valor digo, & naõ ſem miſtura de fraqueza, a qual o meſmo David reconheceo, & nam negou. Matar, ou vencer de longe naõ he valentia. E ſe naõ pergunto: Quando David dedicou a Deos o trofeo da ſua vitoria, porque pendurou no Templo a eſpada, & naõ a funda? Porque com a funda derrubou o Gigante de longe, & com a eſpada cortou lhe a cabeça de perto. Mas os pertos da eſpada (ainda que ſeja de eſpada a eſpada, o que aqui naõ foy) nam ſaõ como os da luta. Nos da eſpada tem muyta parte o ferro, & a ventura; nos da luta toda a vitoria inteiramente he da força: *Virtus enim ſuis lacertis magis, quàm alienis integumentis nititur*, diſſe judicioſamente Santo Ambroſio.

VII.

RE conhecido pois, & ſentenciado à luta o primeiro, & mais glorioſo lugar entre as batalhas, tempo he jà que entremos aos combates. O primeiro combate de Xavier (agora ſonhado, & depois verdadeiro) foy em Goa, onde o ſeu robuſto, & agigantado Antegoniſta o recebeo cõ multiplicadas forças de Gigante. Se buſcarmos a verdadeira, & naõ fabuloſa origem dos Gigantes, acharemos que caſando os filhos de Deos com as filhas dos

dos homens antes do Diluvio; da convençam ou uniaõ deſtematrimonionacèraõ aquelles homẽs protentoſaméte mayores que os outros, os quaes pela grandeza daſua eſtatura, & pela força, & violencia, cõ que opprimiaõ os demais, ſe chamàraõ Gigantes, que eſſa he a etymologia do nome: *Gigantes autem erant ſuper terram in diebus illis:* (diz a Eſcritura Sagrada) *poſtquam enim ingreſſi ſunt filij Dei ad filias hominum, illæque genuerunt, iſti ſunt potentes à ſæculo, viri famoſi.* Os que aqui ſe chamaõ filhos de Deos, eraõ os deſcendentes de Seth, bons, virtuoſos, & varonis, que por iſſo ſe ſignificaõ com o nome maſculino. As que ſe chamaõ filhas dos homens, eram os deſcendentes de Cain, màos, vicioſos, afeminados, que por iſſo ſe ſignificaõ com o nome feminino. E he couſa muyto digna de ſe notar, q̃ aquelles monſtros da natureza, nem nacèraõ dos bons, antes de ſe ajuntarem com os màos, nẽ os produziram os màos, antes de ſe ajuntarem com os bons; mas depois que huns, & outros caſáraõ, & ſe unìraõ entre ſi, entaõ gerou a natureza, & ſahiraõ ao mundo taõ mõſtruoſos partos.

Genes. 6. 4.

E porque nam antes, ſenaõ depois deſta uniam? A razaõ he; porque aſſim como do concurſo, & congreſſo de duas eſpecies differentes nace outra terceira eſpecie, q̃ ſegue a peyor parte: aſſim no concurſo de diverſos coſtumes, dentro na meſma eſpecie (cuja differẽça he ainda mayor) ſe produzem naõ os meſmos effeitos, que cada huma deſtas couſas podera por ſi ſó, ſenaõ outros ſempre peyores. A Filoſofia moral no noſſo caſo he manifeſta; porque aos filhos de Deos, iſto he, aos bons, ſem a uniaõ dos màos, faltavaõ-lhe os impulſos para a maldade: & aos filhos dos homens, iſto he, aos màos, ſem a uniaõ dos bõs, faltava-lhe a authoridade para o atrevimento. E como

mo os máos se viaõ authorizados com a uniaõ, & exemplos dos bons, & sem a resistencia dos mesmos exemplos, que lhe serviaõ de freyo; chegado o mundo ao estado de corrupçaõ, que declara o texto: *Quippe omnis caro corruperat viam suam*; do racional corrupto naceo o brutal monstruoso; & da corrupçam dos homens, a geraçaõ dos Gigantes.

Genes 6 12.

Tal era a corrupçam de Goa, & taes os mõstros, que da mesma corrupçam tinhaõ nacido, & com ella crecido enormemẽte, quãdo là chegou o novo Hercules, que os havia de domar, & vencer. Cõpunha-se aquelle grande emporio do Oriente, como de quatro humores, de quatro differentes Seitas: Judeos, Mouros, Gentios, & Christãos. Os Judeos seguiam obstinadamente a Ley de Moyses, os Mouros o Alcoram de Mafamede, os Gentios o culto, & ritos dos Pagodes, & Idolos; & posto que os Christãos professavaõ a Fè, & verdade do Evangelho, a Fè estava nelles taõ morta, & a verdade taõ casada com o appetite, & taõ sugeita a elle, que pelo trato, communicaçaõ, & costume, o Iudeo, o Mouro, o Gentio, & o Christaõ, tirada a differença dos nomes, nenhuma se lhe via nos costumes. Todos seguiaõ huma Ley, que era a da natureza corrupta: todos adoravaõ dous Idolos, que eraõ o da cobiça, & da torpeza: & todos lhe sacrificavaõ as miseraveis almas, & vidas, ardendo nas abominaçoens, & maldades, que furiosamente rebẽtaõ daquellas mesmas raizes, servindo-lhe de branda materia ao fogo as riquezas, & delicias naturaes da terra, tanto mais inimiga do Ceo, quanto mais deliciosa, & rica. Taõ forte por todos os quatro lados se prefẽtou a Xavier em Goa o seu Gigante, não só barbaro, mas impio. Porèm elle bem advertido, que todas as forças destes monstros, eram partos daquelle

quelle matrimonio, em que os filhos de Deos se casáraõ com as filhas dos homens, o seu primeiro cuydado foy introduzir o divorcio destecasaméto,procurádo separar os filhos de Deos, q̃ eraõ os Christãos, da communicaçaó, & trato das filhas dos homens, que eraõ as outras tres Seitas.

Usou Xavier do meyo, que Deos tinha ensinado ao Profeta Jeremias em semelhante difficuldade. Para que te ouçaõ os que te naõ quizerem ouvir, & se convertaõ os que se naõ querem converter, ò que has de fazer, ô Jeremias, primeiro q̃ tudo, diz Deos, he separar o precioso do vil: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris, ipsi convertentur ad te.* Se separares o precioso do vil, as palavras da tua boca seraõ, como se sahisse da minha: *Quasi os meum eris*: & os que pòdem cuydar que te haõ de converter a ti, como tem convertido a outros, & os tem feito semelhantes a si, tu os converterás a elles: *Ipsi convertentur ad te, & tu non converteris ad eos.* Admiravel, & tremendo modo de dizer he o desta ultima clausula, a qual naõ poucas vezes se tem experimentado na India pelas influencias, & intemperanças do clima, & suas delicias. Quantos passáraõ là com animo de converter, & emendar os abusos da terra; & a terra, & os abusos os convertèram a elles, ficando em vez de converterem pervertidos? Taes erão gèralmente os Christãos, que là achou Xavier, sem mais Fè, que a do nome, & no demais como os outros, com quem estavaõ misturados, & verdadeiramente casados. Os que casou Deos naõ os pòde separar o homem: *Quod Deus conjunxit, homo non separet*; porém os que casou o demonio, bem os pòde o homem separar; mas taõ ordenadamẽte, que comece a separaçam pelo mais precioso: *Si separaveris pretiosum à vili.* O precioso aqui eraõ os que ao

Jerem 15. 19

Matth. 19. 6.

menos tinham Fé, posto que a nam concordassem com a vida, & o vil erão todos os outros na vida, & na crença, totalmente infieis, & por taõ differente seerros. Começando pois o novo Prègador pelos Christãos separadamente, exhortava-os a que se lembrassem do que eraõ, & tornassem em si; & que puzessem os olhos no fim, para que de taõ longe, & por meyo de tantos perigos tinhaõ passado àquellas terras: que nam desdissessem da eleiçaõ taõ particular, cõ que Deos os tinha escolhido entre todas as Naçoens catholicas, para propagadores do seu nome nas estranhas: que reparassem em si, & fóra de si, que eram ramos daquelle tronco, & parte daquella gẽte, à qual a mesma voz divina tinha honrado com o nome nam só de *Fide puram*, senam igualmente de *pietate dilectam*. Em summa, que considerassem o abismo da sua miseria, & cegueira, tam esquecidos da salvaçam propria os q̃ tinham obrigaçaõ de procurar a alhea. Finalmente foraõ tam poderosas, & efficazes as razoens, & palavras de Xavier, como se a boca de q̃ sahiram, fora a boca do mesmo Deos: *Quasi os meũ eris.*

E tanto que as tres Seytas vìs com os novos exemplos da subita mudança dos Christãos se viram desauthorizadas, & enfraquecidas, que lhe havia de succeder? O que succede aos brutos, que faltandolhe hum dos quatro pès, em que se sustentaõ, com os tres que lhe ficaõ nam pòdem dar passo, & caem. Cahio o Judeo, cahio o Mouro, cahio o Gentio, & foy taõ universal o triunfo da Fè naquella pouco antes Babylonia (por lhe naõ dar outro peyor nome) a que os Historiadores a cõparaõ, que os que de fóra vinhaõ a Goa, não a conheciaõ, nem ella se conhecia a si mesma. E como dizem as fabulas que na guerra, que os Gigantes fizerão ao Ceo, foy sepultado Encela-

do

do debaxo da Ilha de Sicilia; assim ficou o nosso nam fabuloso, posto que sonhado, debaxo da Ilha de Goa neste primeiro conflito.

VIII.

O Segũdo combate (no qual, como no primeiro, posto que em sonhos, porque eraõ sonhos profeticos, se lhe representava a Xavier tão vivamẽte o que havia de ser, como se jà fora) foy no Japão, & muy semelhante ao do Gigante Golias com David. Estavão à vista em dous montes opostos, o exercito dos Filisteos, & o de Israel, & confiados os Filisteos na grãdeza do seu Gigante, com pretexto de evitar sangue, no desafio singular de hum só combatente, todos comprometèraõ nas forças de Golias as suas, & de todo o exercito, & Naçaõ Filistèa, com cõdição que se o Filisteo vencesse ao Israelita, ficariaõ os Israelitas sugeitos aos Filisteos; & se o Israelita venceſſe ao Filisteo, ficarião sugeitos os Filisteos aos Israelitas. Assim o propoz, & repetio por espaço de quarenta dias o mesmo Golias, quando no meyo de hum, & outro exercito, se offereceo ao duello por estas palavras: *Eligite ex vobis virum, & descendat ad singulare certamen; si quiverit pugnare mecum, & percusserit me, erimus vobis servi: si autem ego prævaluero, & percussero eum, vos servi eritis, & servietis nobis.* 1. Reg. 17. 8. O mesmo passou no Japaõ. Afrontados os Bonzos, que saõ os seus religiosos, & sacerdotes, de que hum Estrangeiro pobre, só, & mal vestido, prègasse no Japão huma nova Ley contra as estabelecidas nelle por tantos annos; & huma nova divindade contra as adoradas em tãtos Reynos, & cridas pelos Reys seus antepassados: para atalhar a opinião com que era ouvido o Prègador, & pôr silencio à doutrina, que ensinava, assim como os Filisteos escolhèram hum

Golias entre os seus soldados, assim elles entre os seus sabios: de todas suas universidades fizerão eleição do Letrado mais eminente de todos, o qual em publica disputa defendesse a Religião, & Leys antigas, & convencesse a falsidade da nova.

Chamavase este Gigante das letras Fucarandòno (nome, que pelo estrondoso, & arrogante em qualquer livro de cavalarias podèra fazer bem a figura.) A disputa havia de ser em presença do Rey, no seu mesmo Paço, onde o Prègador da Fè Christãa jà se achava só, & para onde o grande Doutor, & defensor da sua caminhava, ou marchava, não com menor acompanhamẽto, que de tres mil Bonzos. Nam consentio o Rey que entrassem mais que quatro para testemunhas do acto: & para mayor clareza, & segurança do que se propuzesse, & respondesse, pedio Xavier que tudo se tomasse por escrito, & se nomeassem tambem Juizes, què sobre cada hum dos pontos sentenceassem logo por qual das partes prevalecia a razaó. Fez-se assim: & como a verdade he muyto confiada, nam recusou o Padre, antes foy contente, que os Juizes, como nam fossem Bonzos, fossem embora Gentios. Sobre estas suppósiçoens (que da parte contraria se houveram de consentir por força) sahio ao campo Fucarandòno, mais armado, & apercebido, que o Gigante de David; porque este cuberto todo de ferro, só a testa trazia descuberta, & desarmada, & por isso sem resistencia foy penetrado da pedra. Mas como o presente conflito era de entendimento a entendimento, de saber a saber, de razam a razam, & finalmẽte de testa a testa, elle a trazia fortalecida com huma vizeira forjada na officina de Vulcano, & temperada na lagoa Estygia, composta de todos os erros, que o inferno introduzio

zio na especulaçaõ cega, & sem Fè, de todos os antigos Filosofos.

Defendia a eternidade do mundo, a multidaõ dos Deoses, & transmigração das almas. Negava a immortalidade dellas, a liberdade do alvedrio, a salvaçam dos pobres, & das mulheres, & attribuhia ao Sol, & à Lua os poderes da primeira causa. Em todos estes erros (excepto o dos pobres, & mulheres, invêçam particular da cubiça dos Bonzos) reconhecia Xavier a Aristoteles, a Plataõ, a Pitagoras, a Zeno, a Epicùro, & aos outros Authores delles. E posto que para os confundir, & convencer, como tam insigne Filosofo, & Theologo, lhe sobejava o cabedal da propria ciencia, eram taes os rayos da luz mais que natural, que acompanhavam as palavras, que sahiam da sua boca, q alumiados extraordinariamente o Rey, os Juizes, & todos os circunstantes, nam podiam deixar de acclamar a huma voz, & em altas vozes a verdade da nova Ley, & a vitoria do Mestre, que a ensinava. Este foy o successo daquelle dia & tambem dos cinco seguintes, em que duràraõ as disputas publicas, no fim das quaes o mesmo Rey, tomando pela maõ ao vitorioso Capitaõ da Christandade, o levava em pessoa pelas ruas atè sua casa (ou atè a casa naõ sua) sendo este acompanhamento real mayor pompa por hũa só pessoa, que a dos tres mil, que acõpanhavaõ o Bonzo.

Só faltou neste triunfo o coro das filhas de Jerusalem, que cantàram o de David. Mas nem ellas souberaõ cõtar o numero dos vencidos, nẽ medir a grandeza do vencedor. Nam souberaõ contar o numero dos vencidos; porque disseram que David vencéra dez mil: *David autem decem millia*; sendo assim que os vencidos foram mais de cem mil, que de tantos cõstava o exercito dos Filisteos, os quaes vendo cahir a Golias,

1 Reg. 18. 7.

Golias, ſe puzeram todos em vergonhoſa fugida. E tambem naõ ſouberaõ medir a grandeza do vencedor; porque nam haviam de fazer a comparaçaõ entre David, & Saul, o qual nenhuma parte teve na vitoria; ſenaõ a que o meſmo Saul tinha feito entre David, & o Filiſteo, quando a David chamou menino, & ao Filiſteo Gigante. E alludindo a eſta comparaçam, ou differença, entam devia a cantiga trocar os termos, & dizer que o Gigante fora o menino, que cahira de huma pedrada, & David o Gigante, que com a ſua propria eſpada lhe cortou a cabeça.

IX.

MAs ſe o elogio, & gloria deſte nome faltou a David na ſua vitoria, nam faltou a Xavier nas ſuas. Navegava Xavier, & tendo reſtituido vivo a hum Mouro, com promeſſa de ſe fazer Chriſtão, hum filho, ſeis dias antes affogado, & ſepultado no mar, chegou a fama do milagre a terra primeiro q̃ o Santo deſembarcaſſe, & vieraõ ſeſſenta Mahometanos ao navio certificar-ſe do caſo. Sobre a evidencia deſte motivo, o tomou Xavier para lhes moſtrar a falſidade de ſua Ley, & a verdade da de Chriſto, cõ tal efficacia, que todos a reconhecéraõ, & nam quizeraõ ſahir do navio, ſem que o Santo os bautizaſſe. Fello aſſim, depois de bem inſtruidos, & na ſolemnidade daquelle acto ſe provou, como eu dizia, que o titulo de Gigante, que as filhas de Ieruſalem nam ſouberam dar a David na ſua vitoria, o alcançou Xavier nas ſuas. Porque a eſtatura ordinaria do Santo ſe vio no meſmo acto tam crecida, que nam ſó parecia, mas verdadeiramente era de Gigante. Aſſim o viram de longe os que eſtavam em terra, & tambem de perto os q̃ vieram a bordo, & achàram que ſe nam enganavaõ os olhos, & era certo

certo o que viam. Agora pergunto: E porque razaõ, quando Xavier converteo tantos Mahometanos, & os bautizava, entaõ appareceo com eſtatura de Gigante? Outros daraõ outra melhor; mas eu digo que a razam foy, porque a ſua eſtatura creſcia, & ſe aumentava à medida das ſuas vitorias. Tenho em prova nam ſó a Eſcritura, ſenam o mais proprio comento della; porque eſte meſmo caſo de Xavier a comentou cõm mayor propriedade, que nenhum outro Expoſitor atè agora.

Medindo Salamam, ou enſinando a medir a eſtatura do homem interior, que ſempre creſce, & buſcando-lhe a ſemelhãça entre as arvores, naõ diz que he ſemelhante aos Cipreſtes do Monte Sion, nem aos Cedros do Libano, ſenaõ à Palmeira: *Statura tua aſſimilata eſt Palmæ.* E porque nam ſemelhante a alguma das outras arvores grandes, & altas, ſenam à Palmeira? Porque ſó ella creſce à medida das ſuas palmas: por iſſo as outras arvores tomaõ o nome do fruto, & a Palmeira nam o toma do fruto, ſenam dos ramos. O tronco da Palmeira com ſingularidade unica entre todas vay ſubindo, & creſcendo, como huma eſcada de degràõ em degràõ; & cada degràõ deſtes o vay acquirindo de palma em palma pelo naſcimento de cada hũa. Vaõlhe naſcendo ſucceſſivamente as palmas, & ſurgindo de dentro pelo cume, primeiro direitas, & fechadas, depois abertas, dobradas, & eſtendidas, lhe formaõ a copa, atè q̃ apartando-ſe do tronco, o deixaõ tam augmẽtado de altura, quanto era o eſpaço, de q̃ recebiaõ o nutrimento. E eſta he a razaõ, & propriedade admiravel, pela qual a eſtatura de Xavier he comparada à Palmeira: *Statura tua aſſimilata eſt Palmæ.* Creſcia Xavier, & ſubia como a Palmeira, porque tanto ſe levantavam os graos, ou degràos

C ap. 7. 7.

da

da sua estatura, quantas eraõ as suas palmas, isto he as suas vitorias. E como as vitorias de Xavier contra Mafamede naquella occasiaõ foraõ sessenta; por isso subitamente foy visto com estatura de Gigante. Donde se infere, que se naquelle dia, ou naquella hora cresceo sessenta degràos, qual seria o seu augmento em todos os annos, que trabalhou na Asia, em que tãtas foram as suas vitorias, quanto o numero sem numero das almas adultas, & nam adultas, que bautizando, ou prègando tirou do cativeiro do demonio?

Mas antes que pelas mesmas vitorias tomemos a verdadeira medida à sua agigantada estatura; vejamos primeiro qual foy, ou se fingio neste mundo a do mayor Gigante. No capitulo terceiro do Deuteronomio conta Moyses, que na Cidade de Rabath, que depois se chamou Philadelphia, se via em seu tempo hum leito de ferro, que havia sido do Rey Og, o ultimo de todos os Gigantes, o qual leito tinha nove covados de comprido, & quatro de largo: *Et monstratur lectus ejus ferreus, qui est in Rabbath filiorum Ammon, novem cubitos habens longitudinis, & quatuor latitudinis.* E acrecenta a tradiçaõ dos Hebreos, referida por Lyrano, & Abulense, que este leito era do mesmo Gigante Og, em quanto criança; porque depois cresceo a tanta grandeza, que tinha huma legoa de alto, & os braços de tantas forças, que arrãcou, & levantou nelles hũ monte de duas legoas, & o poz sobre a cabeça, com intento de que assentando seus arrayaes os filhos de Israel, que então marchavaõ para a terra de Promissaõ, lançasse sobre elles o monte, & os sepultasse de hum golpe a todos. Isto diz a tradiçaõ; mas assim o Gigante de huma legoa, como o monte de duas, saõ fabulas dos Hebreos. A cuja vista porèm, tomadas as medidas do nosso Gigante da India, Deut. 3. 11.

India, lhe podemos bem cantar com o Poeta tam-bem Indiatico:

As verdadeiras voſſas ſaõ tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabuloſas.

Porque ſe o Gigante ſonhado, & fabuloſo tinha huma legoa de altura, fique à curioſidade dos Arithmeticos medir, & ſomar a do noſſo, & acharàõ que o excede em muytas legoas. A Eſcritura Sagrada medio a altura do Gigante de David a covados, & palmos: *Sex cubitorum, & palmi*: & para tirar à noſſa cõta toda a ſombra de encarecimento, naõ quero que os degràos, que acrecentaõ as palmas à eſtatura do noſſo, ſe meçam a covados, nem a palmos, ſenam pela ſuppoſiçam mais eſtreita, que he a largura de hum ſó dedo por palma. E ſendo as palmas de Xavier hum milhaõ (como diſſemos) & duzentas mil, bem ſe ſegue, que ſahirà a ſoma tam multiplicada em alturas, que quando o noſſo Gigante naõ chegue a topar com a cabeça nas Eſtrellas, ao menos as nuvens mais remontadas lhe ficarão muyto abaxo dos hombros.

1. Reg. 17. 4.

Tam largos, tam fornidos, & tam robuſtos lhe eraõ neceſſarios para nam ficar vencido, ou opprimido das forças, & arte do ſeu Antegoniſta. O qual vendo-ſe taõ fortemente, nam ſó reſiſtido, mas derribado, & poſtrado em todos os combates da luta, ſe deſenvolveo deſtramẽte dos braços de Xavier, & de hum ſalto, como diz a hiſtoria, ſe lhe poz sobre os hombros, para opprimir com o pezo, o que naõ podia vencer com a força. Qual foſſe o pezo immenſo de huma corpulencia cõpoſta de todos os membros da Aſia, nam ha juizo taõ vaſto, que o poſſa comprehender. Manifeſtou-o porèm

porèm o effeito; porque Xavier em muytos dias depois se naó pode descarregar, nem aliviar das dores, & quebrantamento daquella oppressam; mas aos primeiros impulsos della, quasi suffocadas as vias da respiraçam, espertou, & com o fim arrebatado do sono parou o sonho. A manhãa se segue o segundo muyto mais admiravel; & em quanto o Santo respira de tamanho trabalho, respiremos nòs tambem para o ver entrar, & sahir de outros mayores.

SONHO

SONHO SEGUNDO.

Et si in tertia vigilia venerit. Luc. 12.

I.

Um dos mayores mysterios, & mais delicados segredos da natureza na architectura humana, he a fabrica dos sonhos. Sendo o sono huma prizaõ universal dos sentidos, com que os olhos naõ vem, nem os ouvidos ouvem, & assim dos demais; como pòde ser que sonhando, vemos sem ver, & ouvimos sem ouvir, & exercitamos os actos dos outros sentidos como se estiveram espertos? A razaõ, ou filosofia deste artificio natural he, porque na memoria (naõ a espiritual, que he potencia da Alma, senaõ a corporal, & sensitiva) estão depositadas as especies de todos os objectos, ou as imagens de todas as cousas que entram pelos sentidos. Estas imagens, em quanto os sentidos dormem, estam encubertas, & escondidas debaxo dos vapores grossos, & espessos q̃ sobem ao cerebro: & ao passo que os mesmos vapores se vam adelgaçando, & desfazendo, as imagens aliviadas delles se vaõ

vaõ tambem descobrindo, & representido à fantasia, que por outro nome se chama imaginativa, & he a potencia com que imaginamos.

O modo deste artificio occulto declara o Principe dos Filosofos com huma semelhança digna do seu engenho. Fazey, ou lavray de cortiça (diz Aristoteles) huma cantidade de rans mayores, & menores, & com esta fórma, ou sem ella (que só he necessaria para mayor primor da comparaçam) ponde-as todas sem ordem, nem cõcerto no fundo de hũ grande vaso. Assim postas, lançay sobre ellas huma cama de sal, de modo que fiquem cubertas todas, & nam appareçaõ: & logo enchendo de agua a ècima, o mesmo vaso, esperay hum pouco, & vede o que vedes. Cousa verdadeiramente curiosa, & ao nosso intento admiravel! Assim como se vay desfazendo o sal com a agua, assim vaõ surgindo, & se vaõ aboyando as cortiças pouco a pouco, aqui huma, acolà outra, humas antes, outras depois, atè que apparecem todas. Isto mesmo he o que acontece nos sonhos. Porque as imagens escondidas das cousas que entràram pelos sentidos, desafogadas dos vapores q̃ as opprimiam, se vaõ descobrindo, & apparecẽdo à fantasia, ou sem nenhuma ordem, se os sonhos saõ naturaes, ou se saõ sobrenaturaes, & divinos, cõ aquella ordem, & disposiçaõ que he necessaria para mostrarem, & darem a entender o que significaõ.

Aristot. de somno & vigil. apud Conimb

Desta sorte se descobrio, & representou distintamente a Xavier no sonho de hoje, o que no de hontem só suppoz, ou pizou confusamente, porque o mesmo terreiro da sua luta foy o Anfiteatro dos seus trabalhos, cuja immensa campanha agora vio repartida em terras, & mares: & para que nem essa propriedade faltasse à semelhança, tambem foy em agua salgada. Passado pois o cabo de

de Boa Esperança, & penetrando já o nosso Apostolo do Oriente aquelle primeiro lago em que o mar Ethiopico, & o Indico cõfundem as aguas, como se do meyo dellas fossem surgindo de mergulho as terras em que havia de semear o Ceo, assim se lhe hiaõ descobrindo, & apparecendo humas depois das outras. A primeira, como a mayor Ilha do mundo, se deixou ver ao longe, a grãde Gadamascar: logo à maõ esquerda a dourada Sofala, & a foz das correntes, que a fazem rica: & dahi a poucas sangraduras o cõmum cemeterio de Portugal com nome de Moçambique. Daqui fugindo, & nos mares já da menos negra Mombaça se mostràraõ ao principio como huma, & depois duas, & divididas Zenzibar, & Pemba, com outras de menor nome. E deixadas atraz Quiloa, & adiante Melinde cõ a infausta Pate, depois de hum largo intervallo se vio levantar a montuosa cabeça o grosso cabo de Guardafú, abrindo a grande boca da estreita garganta do mar Roxo, da qual, como temẽdo ser comida, appareceo retirada a juntamente Christãa, & Moura, ou nem Moura, nem Christãa Socotorá. Este he o ponto donde Xavier começou a cortar as ondas já propriamente da Asia; mas tanto ao largo, que alagada a Arabia, só se divizárão no fim della as torres da famosa Ormuz, presumida de que se o globo do mundo se reduzira ao circulo dehũ annel, ella seria a pedra. Daqui mais por fẽ, que de vista veneràrão as bandeiras Portuguezas a sempre inexpugnavel Diu. E voltada a proa para a terra pyramidal (a quem os naturaes chamàrão Indostam, & os nossos, pela figura, Lisonja) depois de muytos dias, & legoas de mar se avistou a desejada India, & dentro do circuito de humanam grande Ilha (habitada porẽm de trinta Povos) appareceo com a ca-

beça coroada, como metropoli de todo o Oriente, & foy festejada com salvas a Real, & Imperial Goa. Não se detem neste grande emporio o nosso discurso, porque com o vento nas velas vay correndo em demanda do Cabo de Comorim. Neste caminho pareceo que tambem subião do fundo do mar as innumeraveis Maldivas (mais semelhantes a formigas, que arans) & ao dobrar do cabo, quasi sentida primeiro pelo cheiro, que pela vista, se descobrio a odorifera Tapobrana, hoje chamada Ceilão. Daqui se continùa longamente a celebrada costa da Pescaria, pelas perolas que se pescão nas suas prayas; as quaes reconheceo mais lentamente Xavier atè chegar à foz do famosissimo Ganges, que trazendo seu nascimento desde o monte Imào, & tam cançado do caminho, como de ser Rio, para se graduar de mar no Oceano, descarrega suas correntes no golfo de Bengala.

II.

ATèqui tendes chegado felizmente, glorioso Xavier, & parece que segundo as obrigaçoens do officio, & as Leys do Evangelho, não deveis passar daqui. Se sois hum dos Apostolos; aos mayores disse o seu, & vosso Divino Mestre, que seriam pescadores de homens: & vos tendes chegado à costa da Pescaria, onde as vossas redes pòdem pescar mais homens, que as de Pedro peixes no mar de Tiberiades. Tambem sois aquelle mercador Evangelico, que buscava perolas, & por huma deo quanto tinha, & as que podeis grangear nestas prayas, mais preciosas que as que lhe derão o nome, sam mais que as mesmas areas. Paray pois, nem passeis daqui. E para que a grandeza do vosso sonho não pareça que espera mais de vossas peregrinaçoens, querovos allegar hũ exemplo tambem sonhado, & não natural, senão Divino.

Quan-

Quando Alexandre Magno, cujas vitorias descreveo o Profeta Daniel, foy ao Templo de Jerusalem, admirados os que o acompanhavaõ da grande reverencia com que tratou ao Summo Sacerdote Jaddo, cousa tam alhea da sua soberania, & arrogancia; respondeo que naquelle mesmo trajo lhe apparecèra Deos em sonhos, quando lhe mandou que fosse conquistar o Oriente. Foy pois Alexandre com poderoso exercito, atravessou o mar Eritreo, entrou na India, alcançou muytas vitorias, conquistou muytas terras, dominou muytas Naçoés, & entre ellas ao grande Rey Pòro, mais Gigante, que homem; mas chegando às margens do Ganges com pensamento de passar adiante, nem lho consentiraõ seus soldados, nem elle insistio no intento, que todos julgàram temerario. Mandou voltar as bandeiras, sem se afrontar de dar as costas ao Sol, & contente com os trofeos, de que deixou semeados os caminhos, & de que colheo os frutos da fama, & memoria immortal, entrou triunfante em Macedonia. E se esta resoluçam em Alexandre com hum exercito de quarenta mil combatentes taõ costumados a vencer, foy de prudente Capitaõ, & a contraria seria temeridade: porque nam seguirà o mesmo conselho Xavier só, & desarmado, & porque se não contentarà de pòr o non plus ultra das suas columnas, naõ nas Ribeiras por onde corria, senam na foz onde morre o mesmo Ganges? pois ainda que o seu espirito seja mayor que os grãdes espiritos de Alexandre, donde elle tornou atraz, antes he credito, que valor, nam querer passar adiante.

Nem tem que recear Xavier, que a Roma, que o mandou ao Oriente, nam aprove esta resoluçaõ, pois em hum congresso de todos os Oradores Romanos, como escreve Seneca, se poz em controversia no seu

Senec. Suasor. lib. 1. Suasor. 1.

ſeu tempo, ſe devia Alexandre intêtar a paſſagem do Ganges; & todos com diverſas razoens panegiricas concordàrão que obràra como devia a quem era. Dos que fallárão com mayor applauſo, huns diſſerão que ſe não devia emprender a tal conquiſta, pois nella ſe não podia ganhar tanto, quãto na peſſoa do meſmo Alexandre ſe arriſcava: & outros, que a grandeza do ſeu animo ſe devia contentar do que tinha obrado na empreza da India; pois Bacho, havendo feito muyto menos, tinha alcançado por ella as honras de divino, & eſtava adorado entre os Deoſes.

Todas eſtas razoens tinhão mayor, & mais verdadeiro lugar em Xavier, que em Alexandre. Mas a generoſidade do ſeu immẽſo coração tão fóra eſtava de ſe medir, & aquietar cõ ellas, que torna, ou continùa a ſe engolfar com mayor ouſadia em novos mares. Com a proa primeiro no Auſtral, & depois no Eòo, ſe começàrão a ver pelo continente ao longe os cumes dos montes mais altos, & as pontas dos Cabos mais bojãtes: & ao perto nomeſmo pègo que cortava (como ſe do fundo foſſe ſubindo, & ſurgindo ſobre a agua todo o cardume das rans) aſſim hia apparecendo jà confuſa, jà diſtintamente o numero ſem numero das Ilhas, de que eſtà lageado ſem ordẽ, nem igualdade aquelle intricadiſſimo Arcipelago. A aurea Cherſonèſo, hoje chamada Samàtra, as Jàvas mayor, & menor, Borneo, Celèbes, Geilòlo, Mindanào, Tandaya, Timòr, Paloon, Carman, Cuba, Malùcas, Lequios, & as que jà tinhão bautizado os Portuguezes, Santa Maria, Saõ João, Santa Clara, São Miguel, os Reys Magos, & finalmente com largo, & perigoſiſſimo intervallo, a grandiſſima do Japão, povoada, ou coroada de ſeſſenta & ſeis Reynos, cujos orizontes, ſegundo a etymologia do nome, ſam os berços

berços onde nasce o dia.

Aqui se deve muyto notar que assim como Xavier nasceo no anno em que se descobrio a India, assim no anno em que elle chegou à India, se descobrio o Japaõ aos Portuguezes, levados là de hũa tempestade fóra da sua derrota. E assim como aquellas erão as ultimas rayas que a natureza poz ao Oriente nos seus orizontes, assim eraõ tambem as ultimas, & remotissimas a que a Divina Providencia tinha estendido, & mostrado a Xavier a campanha das suas vitorias; mas naõ com nome de vitorias, senão de trabalhos; porque não devia Deos variar o nome de tão heroicas façanhas ao Hercules das suas conquistas. Que Daniel porèm haverà de tam aguda vista, & de tam sabia, & copiosa elo-quencia, que possa declarar, ou como a Balthasar o escuro das letras, ou como a Nabucodonosor o terrivel das estatuas, ó naquelle immenso painel de horro-

res pintou mudamente a fantasia a Xavier dormindo? onde o menos que elle estava vendo com os olhos fechados, eraõ dous mundos: hum o proprio, & natural que deixava; outro o novo, & estranho que havia de conquistar.

III.

OS que tendes lido os trabalhos deste grande Hercules da Igreja, desenquadernando o livro da sua vida, & fazendo de cada folha huma scena, podereis conceber algũa parte destatemerosa representação: & digo parte, & não tudo, porque o menos he o que se sabe, & o que se escreveo: do demais foraõ só testimunhas Deos, & os Anjos. Alli se vião os mares pouco dâtes descubertos, & ainda mal conhecidos, & nunca domados: as tempestades furiosas, & tremendas, os ventos implacaveis, as ondas em montes, os mareantes sem cor, sem força, sem tino, as

gaveas no mar, a quilha fóra delle, as vidas morrendo, & resuscitando a cada balāço, os dias medonhos, sem Sol, as noites horrendas, sem Estrella, os relampagos, os trovoens, os rayos, a derròta, & o leme perdido, os baxios roncando ao perto, soando temerosamente ao longe por toda a parte. Oh que horror! E isto não hum dia, senam muytos continuados, nem em huma, senam muytas vezès em tantas costas, em tantos cabos, em tantos estreitos, em tantos golfos. Muytos dos que me ouvis, como tam experimētados, entendeis o que digo, que eu sobre tam repetidas experiencias, ainda nam sey exprimir o que só quando se sente, se conhece. Viaõse alli os climas, & os Ceos tam diversos, os ares pestilentes, as enfermidades terriveis, sem Medico, sem remedio, sem alivio: no mar o convez, na terra a mesma terra por cama: os calores, os frios, as fomes, as sedes: o navegar taõ difficultoso, o chegar incerto, o desembarcar, & apparecer cheyo de perigos: as gentes barbaras, feras, & de Christo todas inimigas: as Seytas infinitas, a pertinacia mayor que a cegueira: a idolatria estabelecida na antiguidade, na crença, na natureza, defendida da soberba, & cobiça dos Sacerdotes, & da licença dos costumes: armados todos, & tudo contra o Prègador da nova Fè, só, pobre, aborrecido, perseguido, accusado, cōdenado. Sobre tudo, o demonio, & todo o inferno posto em campo contra hum só homem, invisivelmente com machinas, & visivelmente com figuras horrendas, naõ matando, porque naõ tinham licença para matar, mas dando-lhe taes combates, & tormentos, que muytas vezes o deixàram moido, & pizado a duros golpes, ferido, & quasi morto. Tudo isto se via alli em varios tempos, & em muytos modos repetido, representando-se vivamēte em suas pro-

proprias, & feissimas figuras as crueldades, os odios, as iras, as envejas, as perseguiçoens, os desprezos, as injurias, as afrontas, as traiçoens, as filadas, os venenos, as settas, as catanas, os assaltos, as guerras, & infinitos outros generos, & fórmas horriveis de trabalhos, de perigos, ou da natureza, ou da malicia, que havia de padecer quem os estava vendo, com a morte sempre presente, & nam escapádo de huma sem novo risco de outras.

Finalmente o que fazia mais admiravel, & quasi increivel esta representaçam, era huma perspectiva que se abria no meyo della, com huns longes taõ seguidos, & remontados a preder de vista, que o fio, & comprimento delles podia quatro vezes dar volta a toda a redondeza da terra. E taes eram as peregrinaçoens, & caminhos de trinta & cinco mil legoas que por mar, & terra havia de fazer Xavier. No mar, bastava dizer que se via no mar, para dizer muyto, mas via-se sem gasalhádo, sem mantimento, sem provisaõ alguma humana, sustentando se de esmola, servindo de dia, & de noite aos enfermos, & dormindo aos pès, & velando à cabeceira do mais afflicto. Na terra, via-se caminhando a pè, muytas vezes descalço, & vertendo sangue por serranias, por bosques, por espinhos, por pedras agudas, por neves, por areaes ardentes, com a trouxa dos ornamentos Sagrados às costas, disfarçado em marinheiro, em escravo, em lacayo, podendo mal andar, & corrédo atropellado diante dos cavallos, suando, anhelando, espirãdo: ao Sol, à chuva, a todos os rigores do tempo: sem descanço, sem casa, sem abrigo, sem segurança: conservando a vida só no disfarce, & nam havendo entre a vida, & a morte mais distancia que o ser, ou nam ser conhecido. Assim estava vendo Xavier representado dentro em si mesmo o

espectaculo formidavel de seus trabalhos, bastantes a causar lastima, & horror, quando fossem alheyos, ou fingidos, & nam fora o que os havia de padecer o mesmo que os via. Em fim, no fim do ultimo acto se descobrio tambem a ultima apparencia. E que vio nella Xavier? Vio Xavier a Xavier despedindose do mundo, & de si mesmo, não jà lutando, mas rendido, enfermo, postrado, desfalecido, morendo, morto: em huma Ilha deserta, sobre a terra nùa, só, & no extremo desemparo: Religioso sem cõpanhia, Christão sem os auxilios da Igreja, homem sem nenhũ soccorro humano, porque ainda que os Anjos, & todo o Ceo o assistia, & esperava com palmas, & coroas, tudo isto se lhe encobrio naquella representaçam pavorosa para mayor horror da tragedia.

IV.

MAs quaes vos parece que seriam os affectos que excitou toda esta vista no coraçaõ de hum homem que assim velava, ou assim dormia? Nam acordou ao estrondo de tamanha bataria. Porèm antes que ouçamos o que fez, ou oque disse, querome admirar, & ponderar primeiro a novidade, & estranheza desta representaçam. Tanto me admiro do que Deos mostrou a Xavier neste sonho, como do que lhe encobrio. Antes de Joseph ir ao Egypto, sonhou profeticamente, naõ huma, senam duas vezes, o successo desta sua peregrinação. E que foy o q̃ Deos lhe manifestou? Os sinaes foraõ diversos, hũ no Ceo, outro na terra, hum nas espigas, outro nas Estrellas; mas em ambos, nenhuma outra cousa lhe mostrou Deos, senam a grandeza, o throno, a magestade a que havia de ser sublimado, & em que nam só os estra-

tranhos, mas seus proprios pays, & irmãos o haviam de adorar. Caso notavel, & mais notavel à vista do nosso! Joseph antes de chegar a estas felicidades, padeceo as envejas, os odios, as ferezas, & as tyrannias de seus irmãos, que o despiram, que o atàram, que o metèraõ no fundo da cisterna, que lhe quizeraõ tirar a vida, que o vendèraõ. Perdeo a patria, perdeo a casa de seu pay, perdeo o mesmo pay que tan singularmente o amava. Foy levado escravo & como escravo a Egypto, & là outra vez vendido: depois perseguido, & accusado innocentemente: preso, carregado de ferros, & mais carregado de hum falso testimunho tam feyo, & tam enorme, afrontado, deshõrado, & chegado em fim a hum tal extremo de miseria, & desemparo, que se Deos milagrosamente lhe nam acudira, sem duvida acabava a vida em hũ supplicio infame. Pois se Joseph havia de padecer tantos, & tam desusados trabalhos; porque lhe esconde Deos os trabalhos, & lhe revela sómente as glorias? Os trabalhos foram primeiro, as glorias depois: siga Deos a mesma ordem, & senam, mostrelhe as glorias, & os trabalhos juntamente; mas as glorias sim, & os trabalhos nam? Ah Xavier meu, que singular homem sois! Vede quanto vay de sonho a sonho, & de homem a homẽ. A Joseph mostra lhe Deos as glorias, & esconde lhe os trabalhos: a Xavier mostra lhe os trabalhos, & esconde lhe as glorias.

Por certo que depois de Deos mostrar a Xavier aquelle grande theatro de trabalhos, de perigos, de assombros, podèra facilmente correr outra cortina, & mostrar lhe hũ Monte Tabòr de glorias muyto mayores que as de Joseph, nam adorado de onze Lavradores nas espigas, nem de huma só familia nas Estrellas, nem de hũ só Reyno no Egypto; mas de Prin-

Principes, de Reys, de Emperadores, de Pontifices, & de todo o mundo. Podèra contrapòr à dureza dos climas, & das gentes o rendimento, & obediẽcia dellas; às perſeguiçoens, os obſequios; ao odio, o amor; às injurias, os applauſos; às enfermidades, as ſaudes milagroſas; às mortes, as vidas, & reſurreiçoens de tantos mortos; aos Soes, o Sol parado a ſeu imperio; aos caminhos, & peregrinaçoens, as peregrinaçoẽs ſem caminhos, quando no meſmo tempo ſem dar paſſo, ſe achava preſente em tam diſtantes lugares; às peſtes, as meſmas peſtes exterminadas de Cidades, de Reynos, ſó com a invocaçaõ ſempre efficaz de ſeu patrocinio; às tempeſtades, & furores do mar, o meſmo mar humilhado, mãſo, reveréte, & o Oceano doce ſó com meter nelle hum pè; aos perigos da natureza, & da malicia, a ſugeiçam da meſma natureza nos elementos, & da meſma malicia nos homẽs; às guerras, & batalhas do inferno, o meſmo inferno vencido, ſopeado, deſpojado, triunfado; em fim, os Templos, os Altares, as eſtatuas, os mauſoleos, os incenſos, os votos, os ſacrificios, & a immortalidade glorioſa do nome de Xavier, com a memoria ſempre viva, com a devaçam ſempre creſcendo, com as maravilhas ſempre novas, reconhecido no Oriente por luz da Aſia, no Occidente por eſcudo firmiſſimo da Europa, & em toda a parte por propiciatorio univerſal da Igreja; como ſe Deos derrubàra, & deſfizera por elle tantos idolos, para levantar no mundo hum ſó oraculo.

Mas todas eſtas glorias (nam fallando nas do Ceo) encobrio Deos a Xavier naquelle ſonho; porque ainda que eſtava dormindo, era Xavier o que dormia. A Joſeph moſtralhe glorias, para depois o animar aos trabalhos: a Xavier moſtralhe trabalhos, porque eſſas eram as

ſuas

suas glorias. A hum, & outro cortou Deos a visaõ pelas medidas do seu espirito, mostrando a cada hum o que o podia obrigar, & encobrindolhe o que o podia offender. A Joseph só glorias, para que a mistura dos trabalhos lhe nam desazonasse o gosto: a Xavier, só trabalhos, para que a companhia das glorias lhe naõ diminuisse a fineza. O desejo, & espirito de Xavier nam era padecer para gozar, senao padecer por padecer; porque era amar por amar: & mereciam os quilates desta fineza que o convidasse Deos com os trabalhos puros, & secos, sem liga, nem mistura de interesse. Desconfiaria Xavier, & duvidaria da verdade do que via, se Deos lhe mostrasse outra cousa, que naõ fossem trabalhos. Joseph quando vio tantas glorias, creo que o sonho era revelaçam: Xavier se naõ vira trabalhos, cuidaria que a revelaçaõ era sonho. Em fim, a Joseph tratou-o Deos como homem: a Xavier, como exceiçam dos homens.

A missaõ para q̃ Deos prevenia a Xavier naquelle sonho, era a mayor que nunca ouve no mũdo; porque tambem o mundo entaõ era o mayor que nunca havia sido. E quando vejo os termos com que Deos o convida para tamanha empreza, naõ posso deixar de conhecer a grande differença que Deos fez deste grande homem a todos os homens. A Abrahaõ mandou Deos sahir, & deixar a patria, & os parẽtes: *Egredere de terra tua, & de cognatione tua*; & promete-lhe que pela pouca terra que deixa, lhe darà muytas, & melhores terras; & pelos poucos parentes de que se aparta, o farà pay, & cabeça de huma Naçam innumeravel, nova, & nobilissima: *Et faciam te in gentem magnam*. A Jonas manda-o prègar aos Ninivitas; & como a mayor lisonja de hum Prègador he a magnificencia do theatro, condescende Deos com este affecto Genes. 12. 1. 2.

huma-

humano, & representa-lhe a grandeza da immẽsa Cidade, & Corte aonde o manda, a mayor que entaõ havia, & nunca ouve no mundo, & por antonomasia a Grande: *Vade in Niniven Civitatem grandem, & prædica in ea.* A Moyses manda-o ao Egypto a libertar da servidaõ o Povo Hebreo cativo; & sobre lhe dar na vara huma amplissima delegaçam de sua Omnipotencia, honra-o não menos que com o titulo de Deos de Faraò: *Constitui te Deum Pharaonis.* Finalmente elege a Jeremias Profeta das Gentes; & posto que não Gentes barbaras, nem remotas; promete-lhe Deos a immunidade de todos os perigos no seguro de sua propria assistencia: *Tecum sum, ut eruam te:* & da-lhe jurdição, & poder absoluto de fazer, & desfazer Reys, & Reynos: *Ecce constitui te hodie super Gentes, & Regna, ut evellas, & dispердas, ædifices, & plantes.* Esta he a fórma com que Deos despachou, & prevenio sempre aos mayores homens para as mayores empresas. E sendo a de Xavier igual a todas estas juntas, & mayor que todas; vede a differença inaudita com que Deos o trata. Quer que se desterre da patria, como Abrahão, & muyto melhor patria: quer que và prègar a terras estranhas, como Jonas, & muyto mais estranhas: quer que và libertar não hũ Povo, como Moyses, senão infinitos Povos: quer que se meta nos perigos, como Jeremias, & muyto mais presentes, & formidaveis perigos; & com que premios o convida, com que esperanças o anima, com que promessas o alenta, com que assistencias o assegura? Para que se desterre, convida-o com os desterros; para que se embarque, anima-o com as tempestades; para que prosiga, assegura-lhe os trabalhos; para que não desista, amontoa-lhe as difficuldades; para que não tema, afea-lhe os perigos; em fim,

Jon. 1. 2.

Exod 7. 1.

Jerem 1. 8. 10.

fim, para que padeça, & mais padeça, o q̃ lhe promete, o que lhe assegura, o que lhe mostra, he tudo o que ha de padecer, & nada mais. Ouve homem algum no mũdo a quem Deos tratasse cõ estã singularidade?

V.

Dirmeheis q̃ sõ S. Paulo, ao qual, ou do qual disse Christo: *Ego ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati*: Eu lhe mostrarei quanto ha de padecer por mim. Primeiramente quando assim fora, não era pequena gloria que fiasse Deos tanto de Xavier dormindo, como de São Paulo acordado. Mas não he assim, nem foy assim, nem querem dizer isso aquellas palavras. Não quiz dizer Christo que havia de mostrar antecedentemente a São Paulo quantos trabalhos havia de padecer por seu nome, senam que lhe daria muytas occasioens de padecer, & que padeceria muyto. Assim explicão o texto todos os Commentadores; & essa he a força, & significaçam da palavra, *ostendam illi*, como consta de muytos lugares da Escritura. No Psalmo 59. *Ostendisti populo tuo dura, potasti nos vino compunctionis*: no Psalmo 70. *Quantas ostendisti mihi tribulationes multas, & malas, & conversus vivificasti me*: & o mesmo Christo no capitulo 10. de S. João: *Multa opera bona ostendi vobis, id est, feci, exhibui*. E q̃ de facto não mostrasse Christo antecedentemẽte a Sam Paulo, como a Xavier, todos os trabalhos que por seu nome havia de padecer, prova-se claramente do capitulo 20. & 21. dos Actos dos Apostolos, onde revelando o Espirito Santo a Agabo, & outros Profetas daquelle tempo as perseguiçoens que em Jerusalem estavão aparelhadas a São Paulo, o mesmo Apostolo confessou aos Christãos de Mileto que ignorava o que alli lhe havia de succeder: *Et nunc ecce ego alligatus spiritu vado in Jerusalem, quæ in ea ventu-*

Act. 9. 16.

Psal. 59. 5.

Psalm. 70. 20.

Ioan. 10. 22.

Act. 20. 22.

ventura ſint mihi, ignorans. Demaneira que o exemplo de São Paulo de nenhũ modo diminue eſta glorioſa ſingularidade, verdadeiramente unica de S. Franciſco Xavier. Antes acrecento que as meſmas revelaçoens de São Paulo a calificão muyto mais. E ſenão, pergunto: que he o que Chriſto moſtrou a São Paulo antes de o mandar à ſua miſſaõ, & lhe encarregar o Apoſtolado das Gentes? O que Chriſto lhe moſtrou, não forão os trabalhos, não, ſenão as glorias, & a coroa que no Ceo lhe tinha aparelhado, & para iſſo o levou arrebatado ao Ceo Empyreo. Sãto Thomas, a quem muytos ſeguem, tem para ſi que eſta revelação ſuccedeo logo no principio da converſaõ de São Paulo, naquelles tres dias em que teve os olhos fechados. Porém o meſmo São Paulo na ſegunda Epiſtola aos Corinthios, que foy eſcrita no ſegũdo anno do Emperador Nero, expreſſamente affirma que teve eſte rapto *ante annos quatuordecim*, catorze annos antes. E cõforme a verdadeira chronologia dos tempos, vem a cahir no anno ſegundo de Claudio, & quarenta & quatro de Chriſto, que foy o anno em que São Paulo foy ordenado Apoſtolo das Gentes, pouco antes de partir, & tomar poſſe da miſſaõ, como diligentiſſimamente notou Cornelio: *Raptus ergo fuit Paulus anno Clauaij Imperatoris ſecundo, quo anno jubente Spiritu Sancto ordinatus eſt cum Bárnaba Apoſtolus, & Doctor Gentium, paulo videlicet antequã hunc Apoſtolatum ordiretur.* Vede agora a differença com que Deos tratou aos dous Apoſtolos das Gentes: a Paulo, que tirou a Xavier o ſer o primeiro: & a Xavier, que tirou a Paulo o ſer unico, ſendo porèm Xavier o primeiro, & o unico neſta ſingularidade. A Paulo antes de entrar na carreira, arrebata-o Chriſto ao Ceo, & moſtralhe as coroas que havia 2. Cor. 12 2.

havia de merecer: a Xavier, antes de entrar na batalha, leva-o à campanha, & mostra-lhe os exercitos cõ que havia de pelejar. A Paulo diz, estas saõ as glorias que has de gozar: & a Xavier, estes saõ os trabalhos que has de padecer. Assim enche Christo estes dous Vasos de eleição com tão differentes licores: assim anima estes dous valẽtes Soldados; para que do differente modo com que os anima, se veja a differẽça do animo de cada hum. A differença, digo, naquelle tempo. Eu não nego a São Paulo que trabalhou mais que todos os Apostolos: *Plus omnibus laboravi;* nem tambem posso negar, ou affirmar de Xavier que trabalhou mais que Sam Paulo. O que sey de certo he, que no Catalogo que São Paulo escreveo de seus trabalhos, & perigos, a penas se lê algum que não padecesse Xavier outros semelhantes, padecẽdo muytos outros que alli se nam achaõ: *In labore, & ærumna, in vigiliis multis, in fame & siti, in jejuniis multis, in frigore, & nuditate, in plagis supra modũ, in mortibus frequenter, in itineribus sæpe, periculis fluminum, periculis latronum, periculis ex genere, periculis ex gentibus periculis in Civitate, periculis in solitudine, periculis in mari, periculis in falsis fratribus.* Tudo isto padeceo Paulo, tudo isto padeceo Xavier: mas antes de o padecerẽ, cõ grande differença. A Xavier mostrou-lhe Deos só os perigos, & os trabalhos: a Paulo mostrou-lhe as glorias, & os premios. A ambos quiz satisfazer Christo, mas cõ differente satisfaçaõ: a Paulo mostrou-lhe os premios, cõ que lhe havia de satisfazer os trabalhos: a Xavier mostrou-lhe os trabalhos, com que lhe havia de satisfazer os desejos.

2. Cor. 11. 5. 10.

2. Cor. 11. 27.

Dizia o mesmo Sam Paulo que para hum homẽ servir a Deos, era necessario crer primeiro duas cousas: huma, que he Deos, outra, que he remunerador:

Acce-

Hebr. 11. 6. *Accedẽtem ad Deum, oportet credere, quia eſt, & remunerator ſit.* E eſte eſtylo guardou Chriſto com Sam Paulo, primeiro lhe moſtrou que era, *quia eſt*, quando o derrubou, & lhe diſſe: At. 9. 5. *Ego ſum Jeſus, quem tu perſequeris:* depois lhe moſtrou que era remunerador, *quia remunerator eſt*, quando o arrebatou ao Ceo, & lhe moſtrou a gloria. A Xavier nam aſſim. Quando quer que o ſirva tanto, moſtra-lhe os trabalhos, & naõ lhe moſtra os premios. A Paulo trata-o como remunerador: a Xavier como Deos. Ainda que Deos nam fora remunerador, nem tivera premios, baſta que poſſa dar trabalhos, para que Xavier o ſirva. Eſta he aquella altiſſima filoſofia, & aquella ſutiliſſima liçam que David pedia a Deos Pſalm 142 10 lhe enſinaſſe: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.* Eſte verſo não anda commummente bem entendido, nem bem conſtruido. Aquelle, *quia Deus meus es tu*, não ſe ha de cõſtruir com o, *doce me*, ſenão com o, *facere voluntatem tuam*: não querdizer, enſinayme, porque ſois meu Deos, a fazer voſſa vontade; ſenão, enſinayme a fazer a voſſa võtade, porque ſois meu Deos. E eſta he a liçõ que David ſendo tão douto, & tão Santo, pedia a Deos lhe enſinaſſe: fazer a vontade de Deos ſem outro motivo, ſem outro intereſſe, ſem outro premio, ſem outro porque, ſenão porque Deos he Deos; não porque he remunerador, ſenão porque he, *quia eſt*. E porque eſte era o modo puro, deſintereſſado, & finiſſimo, com que Xavier ſervia, & queria ſervir a Deos; por iſſo Deos lhe não moſtra asglorias como a Paulo, ſenão os trabalhos. Trabalhe Paulo, padeça Paulo, ſirva a Deos Paulo; mas a Deos, como remunerador: trabalhe tambem Xavier, padeça Xavier, ſirva a Deos Xavier; mas a Deos, como Deos, *quia eſt*: *quia Deus meus es tu.*

VI.

VI.

E Como se ouve cada hum dos dous Apostolos à vista de duas representaçoens tam diversas? Saõ Paulo à vista das glorias, estando acordado, naõ soube se estava em si, ou fóra de si: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio*: Xavier à vista dos trabalhos, estando dormindo, esteve tanto em si, que começou abradar: Mais, mais, mais. Eu cuydava que as vozes de Xavier neste caso haviaõ de ser ays, & naõ foraõ ays, senaõ, mais. Parece que haviaõ de ser ays; porque estas saõ as vozes proprias dos trabalhos, das penas, dos tormentos. Mas nam forão ays, senaõ, mais. Porque? Porque a dor, & o desejo fazem muyto differentes eccos no coraçaõ humano, & tem muyto diversos gemidos: os gemidos da dor saõ ays, os ays do desejo, saõ, mais. E como os desejos em que Xavier ardia de padecer por Christo, eraõ excessivamẽ-

2. Cor. 12 2.

te muyto mayores que os trabalhos que lhe representava, apertavaõ-lhe o coraçaõ os desejos, & nam os tormentos; & por isso os gemidos que se lhe ouviaõ, naõ eraõ os ays da dor, senaõ os ays do desejo: mais, mais, mais. Christo na Cruz quando jà se lhe acabavaõ os tormentos, bradou, dizendo: *Sitio*. Tenho sede. E como assim Senhor? repara agudamente Gualberto: *De Cruce taces, & de siti clamas?* A Cruz sofrey-la com silencio, & a sede fazvos dar vozes? Sim. Porque a sede era sede de mais padecer por amor dos homens. E ainda que o atormẽtava muyto a Cruz que padecia; muyto mais o atormentava o desejo que tinha de padecer mais. Por isso os brados, & os gemidos naõ eraõ da Cruz, senam da sede: *Sitio, sitio*. Taes foraõ as vozes de Xavier naquelle temeroso espectaculo de si mesmo. Via-se estender, & cravar naquella grande Cruz, & em tantas Cruzes quantas

Joan. 19. 28.

Deos lhe repreſétava; mas ainda quẽ as penas, & os tormentos eraõ taõ multiplicados, & taõ immenſos, como o deſejo, & a ſede de padecer por Chriſto era muyto mayor; *de Cruce tacet, & de ſiti clamat*; naõ ſe lhe ouvem vozes de dor, & ſó ſe ouviaõ osbrados do deſejo: mais, mais. Eſtes eraõ os ays daquelle coraçaõ verdadeiramente anguſtiado, nam anguſtiado pela grandeza das penas, ſenaõ anguſtiado pela eſtreiteza dellas: porq̃ eram muyto eſtreitos os trabalhos, ſendo taõ largo o coraçaõ, eraõ agua pouca para tanta ſede, & pouco padecer para tanto deſejar. Os trabalhos ſaõ grandes, ou pequenos pela medida, & proporçaõ do deſejo, ou do temor. Se aquelles trabalhosfoſſem iguaes ao deſejo de Xavier, recebeloſhia com ſilẽcio, com reſignação, com igualdade de animo: ſe os trabalhos foſſem mayores que o deſejo, ouvir-ſe-lhe-hiaõ as vozes da dor, & diria ſoſobrado, & afflicto, ay, ay, ay: mas como os deſejos erão tanto mayores que os trabalhos, & a ſede tanto mais ardente, rebentava o coração naquella eſtreiteza, & bradava anſiado, & pedia mais, mais, mais.

Oh quem podèra declarar dignamente a armonia deſtas tres vozes, & o ecco que fizerão no Ceo quando là foraõ ouvidas! No capitulo 4. do Apocalypſe vio São João aquelles quatro Cherubins de quatro roſtos, & ſeis azas, que continuamente ſem ceſſar eſtavão entoando diante do throno de Deos: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Apoc. 4. 8. Porèm no capitulo 8. diz q' ceſſavão ſubitamente eſtes vozes, & que por eſpaço de meya hora ſe fez no Ceo hum grande ſilencio: *Factum eſt ſilentium in Cœlo quaſi media hora*; & que hũ Anjo neſte tempo tomou hum incenſario para offerecer nelle das Oraçoẽs de todos os Santos: *Ut daret de orationibus Sãctorum omnium.* O que neſte paſſo ſe Apoc. 8. v. 3.

deve

deve muyto notar, he, que naquelle silencio naõ offereceo o Anjo todas as Oraçoens de todos os Santos, senaõ que de todas ellas tirou, & escolheo o que poz no incensario para presentar a Deos, como se de todos os memoriaes apartasse hum, *ut daret de orationibus.* Agora pergunto: & que memorial, ou que Oraçaõ particular foy esta, por huma parte de tanto preço, & estimaçaõ, que foy escolhida entre todas as Oraçoens de todos os Santos, & por outra parte de tanta armonia, & de tanto applauso no Ceo, que se poz silencio às vozes dos Cherubins, para que só ella fosse ouvida? Cessaõ no Ceo aquellas tres vozes, *Sanctus, Sanctus, Sanctus,* para que se ouçaõ vozes da terra? Que vozes seriaõ estas? Cuyde cada hum o que lhe parecer, que eu entre todas as Oraçoens de todos os Santos naõ acho tres vozes, que podessem pòr silencio às vozes dos Cherubins, senaõ aquelles tres mais de Xavier. No tempo em que a Xavier na terra se lhe estava representando aquella Iliade de trabalhos, aquelle labyrinto de perigos, aquelle chàos de horrores que ouvistes, estavaõ os Cherubins no Ceo, como sempre, continuando com a sua musica, & cantando a Deos, *Sanctus, Sanctus, Sanctus:* mas quando no meyo desta armonia, com outra nunca jà mais ouvida soàraõ no Ceo as vozes de Xavier, mandou Deos que parassem as vozes do Ceo: *Factum est silentium in Cœlo*; porque queria ouvir aquellas vozes da terra. Os Cherubins á vista da gloria diziam a Deos, *Sanctus, Sanctus, Sanctus:* Xavier à vista dos trabalhos dizia a Deos, mais, mais, mais. E estas vozes tam acordadas (& mais ditas por hum homem dormindo) quem duvida que eraõ muyto mais admiraveis aos ouvidos de toda a Corte do Ceo?

E senam, comparay visaõ com visaõ, pessoas

com peſſoa, & vozes com vozes. Na viſaõ beatifica, em huma viſaõ de gloria, eſpiritos celeſtiaes, & impaſſiveis, q̃ digaõ a Deos, *Sanctus, Sanctus, Sanctus;* he affecto natural, nam he maravilha: mas na viſaõ de Xavier, em huma viſaõ taõ medonha, & taõ terrivel, em que ſe repreſentava naõ o ſummo bem, ſenaõ o ſummo dos males da natureza; que hum homem de carne diga, mais, mais, mais: eſtas ſaõ as vozes admiraveis, & que fazẽ mais admiravel a Deos, & mais glorioſo, & por iſſo mais merecedoras de ſerem ouvidas no Ceo. Digaõ-no as meſmas vozes do Ceo, & do meſmo Senhor do Ceo nas ſuas mayores glorias. No dia da Transfiguraçaõ trasladou-ſe a gloria do Ceo à terra, & appareceo viſivel no Tabòr: & que vozes ſe ouvìraõ alli? *Loquebantur de exceſſu, quem completurus erat in Jeruſalem:* Chriſto, Moyſes, & Elias, o que fallavaõ, & celebravaõ, eraõ os exceſſos que o Redemptor do mundo havia de padecer em Jeruſalem. Pois eſtas eraõ as vozes, eſta era a muſica celeſtial que em tal dia, & tal acto ſe ouvia naquelle mõte da gloria? Sim, eſtas eraõ. Tres vozes, huma de Chriſto, outra de Moyſes, outra de Elias, que publicavão os exceſſos que o meſmo Senhor havia de padecer: porque não ha vozes mais dignas de ſe ouvirem na gloria, que vozes de padecer, & padecer cõ exceſſo. Vede ſe ſe pareciaõ eſtas tres vozes com as tres de Xavier. Mas que ouço? Ouvio-ſe alli no meſmo tempo huma voz do Ceo: *Et ecce vox de nube dicens:* & q̃ dizia eſſa voz? *Ipſum audite:* Ouvi-o. Notay duas couſas. Não diſſe, vede-o, ſenão, ouvi-o; porque eſtando Chriſto tanto para ver, eſtava muyto mais para ouvir. E não diſſe a meſma voz: ouvime, ſenaõ, ouvi-o: porque no meſmo lugar da gloria, qual então era o Tabòr, não ſaõ tanto para ouvir as vozes

Luc. 9. 31. 2

Matth. 17. 5.

vozes do Ceo, como as vozes do padecer, & padecer com excesso: *Loquebantur de excessu.* E que excessos de padecer, como os daquella Oração de Xavier? Que excessos de padecer, como os que Xavier pedia? Mais padecer, mais padecer, mais, mais, mais. Que muyto logo que para se ouvir este trisagio de Xavier, calle o trisagio dos Anjos, & que para se ouvirem estas vozes da terra, se ponha silencio às do Ceo? *Factum est silentium in Cœlo.*

VII.

O Afinado destas vozes he o que eu sobre tudo quizera saber ponderar. Mas antes de o fazer, quero vos aquietar o pensamento. Vejo que estais dizendo comvoico, que pedir mais em trabalhos sonhados, naõ parece grande cousa: mas que, se Xavier dissera isto mesmo no tempo em que depois os padeceo, entaõ seria huma grande façanha de seu espirito, & de seus espiritos. Primeiramente, o que Saõ Francisco Xavier disse esta vez dormindo, repetio, & ratificou depois muytas vezes acordado, & mais nos mayores trabalhos, & perigos. Mas digo que muyto mayor excesso de valor foy pedir mais trabalhos quando se lhe representavaõ em sonhos, que quando os padecia vigiãdo: por duas razoens. Primeira, porque os trabalhos em sonhos causaõ muyto mayor horror. Em materia de trabalhos nam pode haver mais calificada testimunha, nem mais exprimentada, que Job. Vede o que dizia: *Si dormiero, dicam, quando consurgam?* Se durmo, desejo naõ dormir, & estou dizendo dentro em mim: quando ha de chegar a hora em que hey de espertar? Notavel dizer, & mais notavel desejar de hũ homem que estava cuberto de chagas, & todo o dia martyrizado de dores, como elle confessa no mesmo verso: *Et replebor doloribus* Job. 7. 4.

uſque ad tenebras! Pois ſe Job ſe queixa das ſuas dores, & ſó a noite, & o ſono podia pôr tregoasa eſta dura batalha; porque deſeja não dormir? E ſe o demonio o queria tentar, & vencer a pura bararia de tormentos, porque não lhe tira, ou lhe impede o ſono? Porque o queria atormentar mais com os trabalhos ſonhados, que com os trabalhos padecidos: & por iſſo Job eſcolhia antes padecer velando, que penar dormindo. A repoſta he de Origenes, de Saõ Chryſoſtomo, & de Saõ Gregorio; mas eu não quero outro interprete, ſenão o meſmo Job, que logo declarou o porque deſte ſeu deſejo: *Si dixero, conſolabitur me lectulus meus: terrebis me per ſomnia, & per viſiones horrore concuties: quamobrem elegit ſuſpẽdium anima mea, & mortem oſſa mea* Tenho medo ao ſono (diz Job) porque os ſonhos, & as viſoens que nelle ſe me repreſentão, me cauſaõ mayor tormento, & me fazem mayor horror que as penas, que velando padeço: tanto aſſim, que para ſe livrar a minha alma de tal genero de penar, me deſejo tirar a vida com minhas proprias mãos: *Quamobrem elegit ſuſpendium anima mea.* Aſſim temia, & tremia Job dos ſeus ſonhos; & tal he a affliçaõ, & horror cõ que combatem, penetraõ, & aſſombraõ hũa alma os trabalhos, & perigos ſonhados.

Ibidem. 13. 14. & 15.

A razaõ natural deſta differença he; porque os perigos, os temores, & quaeſquer trabalhos, & tormentos, mais ſe padecem na apprehenſaõ, q̃ nos ſentidos: & a apprehenſaõ no homem he muyto mais viva, muyto mais intenſa, & muyto mais penetrante quando dorme, que quando vigia. Quando o corpo vigia, eſtà a alma divertida, & como eſpalhada pelos ſentidos, & potencias exteriores: quando dorme, eſtà toda unida, & recolhida dentro em ſi: & por iſſo padece toda, & totalmente, & quanto mais attenta à

ſua

sua dor, tanto a mesma dor he mais intensa. He o sono huma morte breve; por onde Seneca sabiamente chamou à morte, morte longa, para a distinguir do sono. E assim como na morte fica a alma separada do corpo, & por ficar separada, conhece melhor, & padece mais (como se vè na ausencia de Deos, que entaõ he o mayor tormẽto da alma, sendo que na vida, quasi à naõ sente) assim no sono, pelo que tem de morte, posto que a alma esteja unida ao corpo, fica por aquelle breve espaço com propriedades de alma separada; & assim conhece, & apprehẽde mais vivamente, & ou goza, ou padece com mayor efficacia. Por isso Job temia tanto os seus sonhos, & padecia mais insofrivelmente quãdo dormia, que quando velava. E por isso os trabalhos, os perigos, as afflições, & todo aquelle tropel de penas, & calamidades que Deos mostrou a Xavier em sonhos, naturalmente causavaõ mayor horror, & eraõ mais temerosas, & formidaveis quando se lhe representavam dormindo, que quando depois as padeceo vigiando.

Acrecenta-se (& hea segunda razaõ) que os trabalhos, & perigos de Xavier, quando depois os padeceo, foraõ padecidos successivamente, & por partes, agora huns, & depois outros; mas naquelle sonho representàraõ-se-lhe todos juntos: & aquelle exercito de calamidades todo unido de hũ assalto, & de huma bataria, naõ ha duvida que causava muyto mayor terror; & assim foy muyto mayor excesso de valor, & constancia de animo atreverse entaõ contra todos, & parecerẽ-lhe poucos, q̃ quando depois os vẽceo, & padeceo hũ por hũ. Christo no Horto, deixando obrar os affectos da natureza, temeo tanto os tormẽtos em que havia de entrar, que chegou a suar sangue, & pedir ao Padre o aliviasse do Caliz, & parece que foy necessario que viesse

hum Anjo a confortalo. Tudo iſto antes da batalha: mas depois de entrar nella, nem temeo, nem ſuou, nem pedio que paraſſem, ou ſe diminuiſſem os tormẽtos; antes lembrou a ſeus atormentadores o fel de que ſe eſqueciaõ, & nem antes da Cruz, nem na meſma Cruz houve Anjo que o vieſſe confortar. Pois ſe Chriſto ſofreo todas as penas, & dores de ſua Payxaõ com tanto ſilencio, com tanta fortaleza, com tanta conſtancia; como no Horto quando ainda as naõ padecia, lhe cauſáraõ tanto temor, & afflicçam, que o obrigàraõ a taes extremos? Os tormentos que temeo no Horto, & os que padeceo no diſcurſo da Payxaõ, naõ eraõ os meſmos? Sim eraõ. Mas no diſcurſo da Payxaõ padece-os nos ſentidos; no Horto padece-os na apprehẽſaõ: no diſcurſo da Payxaõ padece-os por partes, & huns depois dos outros; no Horto repreſentàraõ-ſe-lhe todos juntos. E aquella multidaõ, & tumultode trabalhos unidos, poſtos juntamente à viſta, & como aſſeſtados em huma bataria ao meſmo tempo, claro eſtà que naturalmente haviaõ de fazer mayor golpe no coraçam, & produzir mayores, & mais terriveis effeitos de horror, & aſſombro, do que depois divididos por partes, & padecidos cada hum por ſi em diverſos tempos. Tanta hea differença que vay de ſe padecerem os tormẽtos por partes, & ſe beberem gota a gota, ou ſe repreſentarem todos com toda a ſua amargura dentro em hum ſó Caliz.

Tal foy a repreſentaçam, & a apprehenſam de Chriſto no Horto, & tal a de Xavier no ſeu ſonho. E ſendo os trabalhos, & perigos que Deos alli moſtrou a Xavier, tantos, taõ feyos, taõ temeroſos, & taõ vivamente repreſentados; que vendo-os decretados, & armados todos contra ſi, & cahir, & deſcarregar todos ſobre hum corpo de carne, & naõ de bronze, como di-

zia

zia Job; naõ temeſſe, nam deſmayaſſe, naõ aſſombraſſe, antes lhe pareceſſem poucos, & bradaſſe, mais, mais, mais? naõ ha duvida que foy huma voz nunca ouvida no mundo, & hum extremo de forraleza, & valor ſem exemplo entre os homens.

VIII.

O Gigante Golias era hum homem que valia por dez mil: *David autem decem millia:* & aquelle exercito de homens em hũ homem, aquelle monſtro vaſtiſſimo da natureza, aquella torre armada de ferro, como lhe chama Chryſoſtomo, plantada, & ſoberba diante dos exercitos de Iſrael, que he o que fez, ou o que diſſe com toda a ſua arrogancia? *Stans, clamabat adverſum phalangas Iſrael: eligite ex vobis virũ, & deſcẽdat ad ſingulare certamen.* Eſcolhey (dizia) hum de vòs, & ſaya comigo a deſafio. Hum de vòs? E que valentia he eſſa para hum Filiſteo, para hũ Gigante, para hum Goliat tamanho como a ſua ſoberba? Iſſo he deſafiar hũ mõte a hum torraõ, hum Cedro a hum junco, hum Elefante a huma formiga. Cõ tudo naõ deſafiou Goliat, nem a todos, nem a muytos, nem a dous, ſenam a hum ſó corpo a corpo: *Ad ſingulare certamen.* Podiaſe eſcuſar com Hercules famoſo pelas vitorias de ſeus trabalhos, o qual ainda que matou Dragoens, venceo Antheos, prendeo Cerberos, & deſcabeçou Hydras; deixou com tudo em proverbio ao mundo, que, *Nec Hercules contra duos.* Porẽ Xavier, do mũdo mayor Gigante que o Gigante, & mayor Hercules que Hercules, com o exercito immenſo de ſeus trabalhos, & com os monſtros feriſſimos de ſeus perigos à viſta, não ſó deſafia a todos, mas diz que ſaõ poucos, & que venhaõ mais: & ſe vierem mais, que creſçaõ mais ainda: & ſe mais, mais.

1. Reg. 18 7

1. Reg. 17 8.

Eu

Eu naõ quero desfazer no valor dos mayores Athletas da fortaleza humana, & Sagrada. Mas naõ posso deixar de conhecer huma muy notavel differença entre aquelles grandes Heròes, & este mais que grande. Elias, cuja espada ardente naõ teve igual, cansado de fugir às perseguiçoẽs de Jezabel, pede a morte por partido: *Petivit animæ suæ, ut moreretur:* & Xavier pede mais perseguiçoens. Moyses armado da Omnipotencia, teme a Faraò, & resiste huma, & outra vez a entrar no Egypto: *Mitte, quem missurus es:* & Xavier pede mais Faraòs, & mais Egyptos. Joseph com hum peito feito à prova de odios, de envejas, de calumnias, de cativeiros, afflicto de Putifar, busca terceiros para sahir do carcere: *Memento mei, ut suggeras Pharaoni:* & Xavier pede mais calumnias, & mais cadeas. Jeremias santificado antes de nascido, fortalecido com a graça, & ainda confirmado nella, geme, chora, lamenta-se dos rigores com que o trata Fassur, & chega a amaldiçoar o dia em que nasceo: *Maledicta dies, in qua natus sum: quare de vulva egressus sum, ut viderem laborem, & dolorem?* & Xavier pede mais dores, & mais trabalhos. David forte no nome, & entre os tres fortes de Israel o fortissimo, perseguido de Saul, desterrado, & fugitivo, naõ fazia fim de pedir a Deos o livrasse: *Eripe me de inimicis meis, Deus meus, & ab insurgentibus in me libera me:* & Xavier pede mais inimigos, & mais perseguidores. Finalmẽte Job, o valente do Ceo, o terror do inferno, a columna da constancia, naõ lhe bastando a largueza de animo para os trabalhos, nem a paciencia para as dores, rogava lastimado a Deos, que parasse nos tormentos, & afrouxasse hum pouco os cordeis com que o apertava: *Recede paululum ab eo, ut quiescat usquequò non optet mercenarius diem suum?* *ut*

3 Reg. 19. 4.

Exod. 4. 13.

Genes. 40. 14.

Jerem. 20. 14. & 18.

Psalm. 58. 2.

Job. 14. 6.

Job. 7. 19.

ut glutiam salivam meam? porèm Xavier jazendo no seu leito, como posto a tormento em hũ eculeo, que vozes eraõ as suas? Oh valor, ò constancia incomparavel! Dava Deos hũa volta ao torcedor com os trabalhos, pobrezas, miserias, fomes, sedes, enfermidades, penas, dores, afflicçoens, angustias: & Xavier respondia, mais. Dava outra volta cõ perseguiçoens, odios, envejas, iras, trayçoens, afrontas, injurias, desprezos, calumnias, com tantas accusaçoens falsas, publicas, horrendas, contra a innocencia, contra a virtude, contra o zelo da honra de Deos, & salvaçaõ das almas: & Xavier, mais, & mais. Dava outra volta com os perigos, tempestades, naufragios, com todos os elementos, & a mesma natureza conjurados contra huma vida, com a fereza dos barbaros, com a crueldade dos tyrannos, com a pertinacia dos demonios, com venenos, serpentes, feras, armas, Cruzes, mortes, & mil generos de mortes: & Xavier, mais, mais, mais. *O virum ineffabilem, nec labore victum, nec morte vincendum!* Com este excesso de admiraçaõ canta, & apregoa a Igreja o valor daquelle grande homem, que com ametade da capa cobrio a todo Christo. Mas que vozes foraõ as de Martinho, que merecèram, & deraõ no mundo tal ecco? *Si populo tuo sum nec sfarius, non recuso laborem*: Se sou necessario, Senhor, a vosso povo, nam recuso o trabalho. Vede, medi, & comparay esta voz com aquellas vozes, este trabalho cõ aquelles trabalhos. Martinho, naõ recuso; Xavier, mais, mais, mais: Martinho ao trabalho de huma Igreja, & povo de Turon, Catholico, & sugeito; Xavier, aos trabalhos de huma Dioceſi immẽsa de novos mundos, incognitos, inimigos, bellicosos, barbaros, feros, & que se haviaõ de conquistar à pura força de padecer.

Mas deme licẽça Xa-

vier,

vier, que taõ animoſo, tam intrepido, & tam bravo ſe moſtra, deme licença, que neſte leito, ou eculeo, onde eſtà poſto a tormentos, ſeja eu o que lhe faça a queſtaõ. Quẽ diz, mais, mais, mais, nenhuma couſa exceptua. He aſſim Xavier? Aſſim he. E ſe os executores deſſe mais, & mais, que pedis, forem Neros, & Diocleciános, & os inſtrumentos das penas, a que vos offereceis, forem os de todos os Martyres; que direis a cada hum? Mais a cada hum, & mais a todos: às pedras de Eſtevaõ, mais pedras: às ſettas de Sebaſtiaõ, mais ſettas: às grelhas de Lourenço, mais grelhas: às rodas, & navalhas de Catharina, mais rodas, & mais navalhas: aos carceres, às cadeas, aos Leoens, aos Tigres, ao chumbo derretido, às ſertans, & laminas ardentes, às unhas, & garfos de ferro, às Cruzes, às cataſtas, às garruchas, às fogueiras, mais, mais, mais. Tudo iſto ſignifica, & tudo iſto abraçava aquella animoſa reſoluçam de Xavier. Mas vamos adiante. Todos eſſes tormentos, Xavier, que vos repreſentey, ſaõ os dos Martyres jà paſſados: porèm no mundo ainda ha de haver outros Martyres; aquelles martyrios horrendiſſimos que eſtão reſervados para Enoch, & Elias; aquelles q̃ ham de ſer executados nos que entaõ defenderẽ as partes de Chriſto; aquelles que ſe ham de inventar na ultima tribulaçam, & perſeguiçam da Igreja, que ſerà (como diſſe Chriſto) a mais cruel, & a mais terrivel que nunca ſe vio, nem ouvio: *Qualis non fuit ab initio.* E ſe vos viſſeis preſentado diante do Antechriſto, armado de todo o poder, de toda a tyrania, de todo o terror do inferno, que direis no meyo de todos eſtes horrores? Que direis cõdenado a todos eſtes tormẽtos Que direis metido nelles? mais, mais, mais. Mais? Jà nam ha mais, porque ſe acabou o mundo. Acabou-ſe o mũ-

Matth. 24. 21.

do,

do, mas nam se acabou o poder de Deos. Ainda restaõ todos os trabalhos, & todas as penas, & todos os tormentos possiveis. E aos possiveis que diria Xavier? Diria, & diz o que tem dito, porque tudo abraça, tudo comprehende, a tudo se estende aquelle mais, sem limite, nem fim: mais, mais, mais: hũ mais para o presẽte, outro mais para o futuro, outro mais para o possivel. Seja fiador de Xavier dormindo Paulo acordado.

O mayor desafio que nunca se fez no mundo, foy aquelle em que Saõ Paulo por hum cartel firmado da sua maõ retou a todas as creaturas. *Quis nos separabit à charitate Christi? Tribulatio, an angustia, an fames, an nuditas, an periculũ, an persecutio, an gladius?* Quem haverà q̃ nos aparte do amor de Christo? Por vẽtura a tribulaçaõ, a angustia, a fome, a desnudez, o perigo, a perseguiçaõ, a espada? Parece q̃ tinha dito assaz o Apostolo; mas ainda passa adiãte: *Certus sum, quia neq̃ mors, neq̃ vita, neque Angeli, neque Potestates, neque Virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei:* Est. tou certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados, & Potestades, nem o presente, nem o futuro, nem tudo o que he forte no mundo, nem o mais alto, nẽ o mais profundo, nẽ alguma outra creatura nos poderà separar da charidade de Deos. Atè aqui o famosissimo desafio de Saõ Paulo, animoso, forte, grande, & naõ facil de comprehender. Só reparo naquella ultima clausula, *neq̃ creatura alia*; ou como lè com mayor expressam o texto original, *neque alia aliqua creatura*; nem alguma creatura outra. E que creatura he esta que Paulo naõ assina, nem nomea, avendo nomeado, & desafiado a todas? Se desafiou as tribulaçoens, as angustias, as fomes, as sedes,

Rom 8. 35-38.

des, os perigos, as perseguiçoens, as espadas: se desafiou o Ceo, a terra, & o inferno: os Anjos, os homẽs, & os demonios: a vida, & a morte, o alto, & o profúdo, o temporal, & o eterno, o presente, & o futuro, tudo o que he, & tudo o que ha de ser; que creatura, ou creaturas outras saõ estas sem nome, que depois de todas, & sobre todas, ainda provoca? Saõ os possiveis. O possivel, como tal, nem he, nem ha de ser, mas pòde ser; & este possivel, isto he, todo o possivel, he aquella creatura outra que Paulo retou no ultimo lugar: *neque aliqua alia creatura.* Theodoreto: *Cum videret adhuc aliquid deesse, quærit quidem aliquid aliud adjicere: cum autem non inveniret tãtam, & tam multiplicem creaturam, oratione affingit, & hæc nec sic quidem videt omnino exæquari charitati in Deum.* Quiz Paulo, como se tocára arma a todas as creaturas, formar, & unir em hũ corpo huma tal multidam, & como exercito de trabalhos, perigos, adversidades, & tormentos, que fosse igual à grandeza da sua charidade, & ao animo, & resoluçam em que estava firme de padecer por Christo: & depois de convocar, & provocar contra si a todas as creaturas que foraõ, saõ, & seraõ, desde a terra atè o Ceo, & desde o Ceo atè o inferno, como se achasse que todas jũtas ainda naõ igualavaõ a sua charidade, acrecentou no fim aquella universal, *neque alia aliqua creatura*; para comprehender tudo o que Deos pòde crear, todos os possiveis. Dividio Paulo tudo o que he, & ha de ser, & pòde ser, em tres partes: *Tot, ac tanta, bis, & ter*, diz o mesmo Theodoreto. Na primeira parte, ou no primeiro esquadraõ deste formidavel exercito de adversidades poz em campo contra si todo o presente: *Tribulatio, an angustia*: no segũdo, todo o futuro: *Neque instantia, neque futura*: no terceiro, todo o possivel:

vel: *Neque aliqua alia creatura.* Assim Paulo para naõ se apartar de Christo: *Quis nos separabit à charitate Christi?* E assim tambem, & mais finamente Xavier, naõ para naõ se apartar, senam para mais servir, & mais servir, & mais padecer por Christo: *Tot, actãta, bis, & ter:* mais (diz) mais, & mais: huma, duas, & tres vezes: hum mais para os trabalhos presentes, outro mais para os futuros, outro mais para os possiveis. Porque toda esta immensidade, ou infinidade de padecer abraçava aquelle mais, mais, mais, sem excepçaõ, tem limite, sem fim.

IX.

PArece que competio neste passo a resoluçaõ, o valor, & a paciencia de Xavier com a Omnipotencia Divina. De huma parte a Omnipotencia de Deos, & de outra a omnipotencia de Xavier. Nam estranheis o vocabulo, que isso quer dizer, *Charitas omnia suffert.* He questaõ ainda nam decidida, se Deos pòde crear infinito? O em que concordam Filosofos, & Theologos, he, que pòde crear o infinito, a que elles chamaõ sincathegorematico, que vem a ser, produzir em qualquer genero de creaturas sempre mais, & mais, & mais. Assim definio Aristoteles o infinito: *Cujus semper est aliquid aliud extra accipere.* Vede se concorda cõ o termo de Saõ Paulo: *Neque aliqua alia creatura:* & mõta tanto (dizem os Interpretes do mesmo Filosofo) *Quod ulterius, & ulterius semper extenditur:* naõ pòde Deos crear alguma cousa, que em especie, numero, intensaõ, ou extensaõ seja actualmente infinita; mas nessa mesma especie, nesse numero, nessa extensaõ, & intensaõ pòde sempre produzir mais, & mais, & mais: *ulterius, & ulterius.* E isso he o que Xavier desejou, pedio, & instou, em genero de trabalhos, & tormentos. Como

. Cor. 3, 7.

mo se diſſera aquelle animo invicto: Vòs, Senhor, quereis que eu padeça por vòs estes trabalhos que me representais; mas vòs podeis fazer que sejaõ mais, & mais, & mais: pois venham mais, & mais, & mais: querey tudo o que podeis; que eu estou prompto naõ só a padecer tudo o que quereis, senam o que podeis tambem.

Assim o diſſestes, meu Santo; mas a mim parece me demasiado dizer: & a alguem parecerà que he muyto presumir. Job dizia que era menos credito da Omnipotencia empregar as suas lanças em combater, & affligir hum homem, que em respeito daquelle braço he huma palha seca: *Contra folium quod vento rapitur ostendis potẽtiam tuam, & stipulam siccam persequeris:* & vòs que naõ sois de melhor, nem de maisduro metal, dizeis que para cada mais da Omnipotencia, tendes hum mais de constancia: logo parece que imaginais que sercis tam omnipotente em padecer trabalhos, como Deos em os fabricar. Sim, (diz Xavier) fim: & nam he temeridade; porque elle pòde tudo em si, & eu possotudo nelle: *Omnia possum in eo qui me confortat.* Para o homem competir com Deos, hum em fazer, & outro em sofrer trabalhos, he necessario que seja taõ omnipotente o homẽ no padecer, como Deos no obrar: & este correr parelhas com Deos, naõ cabe na desigualdade do poder, ou da fraqueza humana, nùa, desacompanhada, & só comsigo; mas se a mesma Omnipotencia se puzer tambem da parte do homem, confortando-o, *in eo qui me cõfortat*; entaõ sera taõ omnipotente o homẽ no mais, & mais do padecer as penas, como Deos no mais, & mais de as multiplicar: porque se Deos pòde tudo, o homem tambem pòde tudo: *Omnia possum.* Ouvi a Saõ Bernardo: *Quantæ fiduciæ vox omnia possum in eo qui me confortat? nihil Omni-*

Job. 13. 25.

Philip. 4. 13.

Omnipotentiam verbi clariorem reddit, quàm quod omnipotentes facit. Parece demaſiada confiança hum tudo poſſo na boca de hum homem; mas eſta he a mayor gloria do Omnipotente fazer omnipotẽtes. *Verbo innixum, & indutum virtute ex alto, nulla vis poteſt, nec ſtantem dejicere, nec ſubjicere dominantem.* O homem que eſtà em Deos, & Deos nelle, nenhuma força ainda que ſeja do meſmo Deos, o pòde derrubar, nem vencer; porque combate huma Omnipotencia com outra, ou para melhor dizer, a meſma omnipotencia comſigo. Eſta era a confiança omnipotẽte, ou a omnipotencia confiada com que Xavier dizia, mais, mais, mais, metendo em campo hum infinito contra outro infinito: porque eſtava certo que os meſmos braços omnipotentes, que Deos empenhaſſe em o combater, ſe empenhariam tambem em o confortar: *Omnia poſſũ, ſim; mas, in eo, qui me cõfortat.*

Grande caſo foy que lutaſſe Deos com Jacob, & que Jacob ſe atreveſſe a lutar com Deos arca por arca. Mas o que excede toda a maravilha, & toda a admiraçaõ, he, que eſtiveſſe ſempre tam forte Jacob, que nunca Deos o podeſſe derrubar, nem vencer: *Cõtra Deum fortis fuiſti.* Pois ſe os competidores eram taõ deſiguaes, hum Deos, outro homem: ſe as forças de huma parte eraõ omnipotentes, & immenſas, & da outra limitadas, & fracas, como pode reſiſtir, & prevalecer Jacob? Porque a batalha era luta, & os braços de Deos que apertavaõ a Jacob, eſſes meſmos o ſuſtentavaõ, & fortaleciaõ. Quanto Deos mais apertava a Jacob, tanto mais o unia comſigo: quanto Jacob ficava mais unido a Deos, tanto ficava mais forte; & aſſim era impoſſivel que Deos o venceſſe por mais, & mais que o apertaſſe: porque quanto mais forças aplicava o cõbatente, tanto mais forças Genes. 32. 28.

recebia o combatido. Hercules naõ podia derrubar, nem vencer a Antheo, porque quando o hia botando em terra, a meſma terra pelo contacto lhe dava novas forças: ſuſpendeo-o no ar, & como o teve apartado da terra, entaõ prevaleceo contra elle. Iſto diz, & fingio a fabula. Mas ſe Antheo recebèra a força do peito, & dos braços do meſmo Hercules, fora invencivel contra elle; porque quãto mais o apertaſſe, tãto lhe infundiria mais força. E eſte foy o caſo de Jacob, que recebia a força, & a fortaleza dos meſmos braços de Deos que o apertavaõ.

Tal Xavier naquella ſua noite ſemelhante à da luta de Jacob. Ruperto, & Santo Thomas tiveraõ para ſi, que eſta luta foy toda imaginaria, & em repreſentaçaõ, como a de Xavier; mas o contrario he mais certo. Jacob acordado, Xavier dormindo, & por iſſo mayor Jacob Xavier. Jacob prevaleceo huma vez contra Deos, & Xavier tres vezes; porque cada mais foy huma vitoria. Os braços com que Xavier lutava, eraõ aquelles cõ que abraçava os trabalhos que Deos lhe dava, & com que pedia os que lhe nam dava, & com que deſejava todos os que podia dar. Mas a força deſtes braços de Xavier, infinita no deſejo de padecer, & na conſtancia que ſuppunha, tambẽ infinita, toda ſe fundava nos meſmos braços de Deos: *In eo, qui me confortat.* Sabia que quanto Deos mais o apertaſſe com trabalhos, tanto mais o unia comſigo: quanto mais o unia comſigo, tanto mais o esforçava: quanto mais forte, tanto mais apto ficava para mais padecer: & creſcendo com os trabalhos a uniam, com a uniaõ as forças, & com as forças a reſiſtencia, neſte circulo ſe formava o infinito da conſtancia contra o infinito do poder. No deſejo paſſava o meſmo. O amor he como a hidropeſia, os trabalhos como a agua,

agua, o desejo como a sede: quem mais ama, mais deseja padecer, & quem mais padece, mais ama: & deste mais amar, & mais padecer, crescendo sempre o padecer sobre o amar, & o amar sobre o padecer, se formava outro circulo tambem infinito, do desejo cõtra o infinito dos trabalhos. Da parte de Deos mais, & mais poder, da parte de Xavier mais, & mais constancia: da parte de Deos mais, & mais trabalhos, da parte de Xavier mais, & mais desejos, competindo sempre hum infinito contra outro infinito, & o Divino sem poder prevalecer contra o humano, porque o humano se fundava no Divino: *In eo, qui me confortat.*

Hum dos mayores prodigios da vida de Sam Francisco Xavier, sendo tantos os seus, & taõ raros, foy, que hũ Crucifixo proprio da sua casa venerado no Castello de Xavier, se via suar por muytas vezes, & em grande copia: & observando-se os tempos, achou-se depois que os dias em que suava, eram aquelles em que o Santo no Oriente padecia algũ notavel trabalho. Demaneira que Christo sua cõ os trabalhos de Xavier, & Xavier nesses mesmos trabalhos pede mais, & mais? Sim. E por isso suava Christo. Christo, & Xavier, ambos se apertavaõ no mesmo tẽpo: Christo apertava a Xavier com os trabalhos, Xavier apertava a Christo com os desejos: Christo com lhe dar que padecer, & Xavier cõ lhe pedir mais que padecer: & porque Xavier o apertava mais, & mais, por isso Christo era o que suava. Não ha cousa que mais aperte a Deos, que as instãcias com que lhe pedimos. A Jacob disse: *Dimitte me,* Deixame, porque o apertava lutando: & a Moyses tambem disse: *Dimitte me,* porque o apertava pedindo. E estes eraõ os braços com que Xavier apertava tanto a Christo, quando Christo o apertava, que o

Genes. 32. 26.

Exod. 32. 10.

fazia ſuar. Aſſim o conſidero eu. Mas ſe quizermos com a interpretaçam mais commum deſta maravilha que os meſmos trabalhos de Xavier foſſem os que faziaõ ſuar a Chriſto; temos por eſta parte a ſentẽça de Santo Ambroſio, & Saõ Paſchaſio, os quaes dizem que a conſideraçam dos futuros trabalhos da ſua Igreja, & dos ſeus ſervos foy a que fez ſuar a Chriſto no Horto. E ſendo taõ fortes os trabalhos de Xavier, que faziaõ ſuar a Deos, quando Deos quiz apertar a Xavier com eſtes meſmos trabalhos, taõ fóra eſteve de o poder rẽder, que Xavier foy na luta o vencedor, Deos o vencido: *Contra Deum fortis fuiſti.* Grande milagre ſuar Chriſto; mas muyto mayor milagre vẽcer Xavier. Na batalha do Horto (que
Luc. 22. 43. tambem foy luta: *Et factus in agonia*, ou *in agone*, como tem o Grego) a parte ſuperior da Alma de Chriſto lutava cõ a parte inferior; mas a parte ſuperior foy a que venceo, & a inferior a que ſuoú, & ficou vencida. Porèm na luta de Xavier, ſẽdo a parte ſuperior Deos, & a inferior hum homem; a ſuperior foy a que ſuou, & ficou vencida, & a inferior a que venceo. Segundo Jacob, mas com grandes ventagens ao primeiro. Jacob capitulou que deſiſtiria, ſe Deos lhe deſſe a bençaõ Xavier capitulou nunca deſiſtir, & a bençaõ que pedio foy a meſma batalha; & que foſſem ſempre mais os trabalhos, mais, & mais.

X.

EM fim Senhor (que jà he mais que tempo de chegar ao fim; mas em tanto mais, & mais, quẽm pòde acabar?) Em fim Senhor, que haveis de ficar hoje vencido. Mas nunca mais admiravel, nunca mais glorioſo, que quando moſtrais ao mundo que tẽdes hum ſervo taõ fiel, taõ forte, taõ conſtante, que o naõ podeis vencer em padecer por vòs. Se vos quereis

reis despicar desta vitoria sua, naõ vos vejo outro remedio, senão trocar as armas. Trocay os trabalhos em gostos, as afflicçoẽs em delicias, as penas em consolaçoens, & logo tereis a Xavier rendido: elle vos pedirà tregoas, & vòs ficareis vencedor. Assim foy. Começa Deos a desfazer o Ceo em consolaçoens, & em delicias da Alma: & que fez Xavier, ou que disse? Desmayou o coraçaõ, trocàraõ-se as vozes: jà nam diz, mais, mais, mais; senaõ, basta, basta, basta. Pois aos gostos, basta; & aos trabalhos, mais? Este he Xavier: tam desejoso de padecer por Christo, & com tanto gosto, que padecia os gostos, & gozava os trabalhos. Como era possivel logo, que os trabalhos o venceſſem? Quem para os gostos não tinha paciencia, como lhe podia faltar paciencia para os trabalhos? *Quæ hunc adversitas superet, quẽ pœnæ fovent?* disse profundamente Saõ Gregorio Papa. Hum homem a quem alentaõ, & alimentaõ as penas, como o pòdem vencer as penas? E se os trabalhos saõ alivio dos mesmos trabalhos, como o pòdem cançar os trabalhos? *Ad propellendam laboris latitudinem pœna refovetur.* Só huma pena padecia Xavier nas suas penas, que era a pena de naõ padecer mais, & mais. Pacientissimo nos trabalhos que padecia: nos desejos de padecer, impacientissimo. Por isso venceo os trabalhos, & mais a Deos: os trabalhos com a paciencia; a Deos com a impaciencia, mais, Senhor, mais, mais.

Mas se Deos naõ pòde vẽcer os desejos de Xavier, pòde só Xavier satisfazer os desejos a Deos. Dos homens a quem encomenda Almas, deseja Deos ser amado com tres mais. Quando Christo encomẽdou as suas ovelhas a Sam Pedro, tres vezes lhe perguntou, se o amava mais: *Diligis me plus his?* A primeira expressamente no *plus his*, a segunda, & a ter- Ioan. 21. 15.

ceira em huma, & outra repetiçaõ do meſmo *diligis me.* E que reſpondeo Sam Pedro? Naõ ſe atreveo a reſpõder que amava mais, nem tres vezes, nem duas, nem huma: *Tu ſcis Domine, quia amo te:* Vos, Senhor, ſabeis que vos amo. Reſpondeo tres vezes ao amor, mas ao mais, naõ reſpondeo. E porque? Nam reſpondeo aos tres mais, (diz Sãto Agoſtinho) porque ſe lembrou que negàra tres vezes. E negou tres vezes (diz Sãto Thomas) porque tres vezes dormio no Horto: *Trinæ dormitioni reſpondet trina negatio.* Oh grande Xavier! Oh grande Apoſtolo! Oh grãde Vigario do Vigario de Chriſto! Encomẽda o ſucceſſor de Saõ Pedro a Xavier as ovelhas do Oriente, & naõ ſó acha Chriſto em Xavier os tres mais, que deſejou em Sãt Pedro, mas acha-os nelle não acordado, ſenão dormindo: para que o ſeu ſono acodiſſe àquelle ſono, & a ſua reſpoſta àquella pergunta. Se não reſponde Pedro, porque dormio; reſponda Xavier dormindo: & ſe Pedro cala, & não diz, *plus, plus, plus*, brade Xavier, & diga a vozes: mais, mais, mais. A pergunta de Chriſto foy ſobre o amor: a repoſta de Xavier foy ſobre os trabalhos; & aſſim havia de ſer, quando a pergunta não ſó era de amar, ſenão de amar mais. O amar definido pelo meſmo Santo Thomas, & por Ariſtoteles, *Eſt velle bonum:* Amar, he querer bẽ. E amar mais, q̃ he? Amar, he querer bem: amar mais, he querer males. O padecer he o comparativo do amar: *Maiorem charitatem nemo habet, ut animã ſuam ponat quis pro amicis ſuis.* Definio Chriſto o mayor amar, não pelo mayor bẽ q̃ ſe quer, ſe naõ pelo mayor mal que ſe padece. O amor peza-ſe na balança da paciencia: padecer menos, he amar menos; padecer mais, he amar mais. Bem ſatisfez logo Xavier à pergunta, & aos deſejos de Chriſto, reſpondendo aos tres mais do amar,

amar, com os tres mais de padecer: Christo no amor, *plus, plus, plus*; Xavier nos trabalhos, mais, mais, mais.

XI.

ESte he, fieis, o Santo, de que sois taõ devotos, & esta he a melhor, & mayor devaçaõ em que podeis mostrar que o sois, em tempos q̃ tãta materia nos daõ a mais, & mais padecer. Imitemos a sua paciencia, imitemos o seu valor, imitemos a sua cõstancia, imite a nossa necessidade a sua virtude. Porque naõ será alguma vez a nossa virtude, como saõ os nossos vicios? Que vicio ha que naõ deseje insaciavelmẽte sempre mais, & mais? Havia de vir Saõ Francisco Xavier ao mundo para desafrontar a virtude. Salamaõ que tanto conhecia o bem, & mal do mundo, diz que lançando os olhos por todo elle, achou quatro cousas que nunca se fartaõ, & sempre estaõ dizendo, *affer, affer*: mais, mais, mais: *Tria sunt insaturabilia, & quartum nũquam dicit, sufficit.* Que quatro cousas sejaõ estas, explica o mesmo Salamão por metaforas, & vem a ser, segundo a commum interpretação dos Padres, & Expositores, a ira, a sensualidade, a cobiça, & a ambição: a ira, que se não farta de sangue, & de vinganças: a sensualidade, que se não farta de deleites, & prazeres: a cobiça, que se naõ farta de dinheiro, & riquezas: a ambiçaõ, que se naõ farta de honras, & dignidades. Isto disse de seu tempo o mais sabio homem de todos os tempos, & ainda mal, porque tanto se verifica, & se exprimẽta nos nossos. Mas o que eu muyto admiro, & reparo, he, que todos estes insaciaveis sejaõ vicios. Não haverà tambem huma virtude insaciavel? Insaciavel queria Christo que fosse a nossa virtude, quando disse: *Beati qui esuriunt, & sitiunt justitiam.* Mas somos nesta passagem da vida como os filhos de Israel na do deserto: que

Prov. 38. 15.

Matth. 5. 6.

nos enfaſtia o Manà, & todo o noſſo appetite, & a noſſa fome he pelas groſſerias do Egypto. O Manà era do Ceo, nòs ſomos terra: os vicios nunca nos fartão, a virtude logo nos enfaſtia. Por iſſo digo que veyo São Franciſco Xavier ao mundo, para deſafrontar a virtude. Se Salamão viera no ſeu tempo, elle diſſera que os inſaciaveis do mũdo erão mais de quatro. Xavier foy o quinto inſaciavel. Mas de tal maneira o quinto, que vẽceo, & afrontou a todos os quatro inſaciaveis. A ira inſaciavel das vinganças; a paciencia de Xavier, mais inſaciavel nos aggravos, nas ſemrazoens, nas injurias: a ſenſualidade inſaciavel nos deleites; a mortificação de Xavier mais inſaciavel nas penas, nos trabalhos, nos tormentos: a cobiça inſaciavel nas riquezas; a pobreza de Xavier mais inſaciavel nas neceſſidades, nas miſerias, nos deſemparos: a ambiçaõ inſaciavel nas honras; a humildade de Xavier mais inſaciavel nos deſprezos, nas ignominias, nas afrontas. Oh confundaõ-ſe os noſſos vicios, & afoguem-ſe neſte mar, & abiſmo immenſo de virtudes, onde a nenhuma ſe pòde achar fundo. *Erubeſce Sidon, ait mare*: Confunda-ſe a ira, confunda-ſe a ſenſualidade, confunda-ſe a cobiça, confunda-ſe a ambição, confundaõ ſe todos os vicios, & confunda-ſe a natureza humana corrupta, & depravada à viſta do eſpirito ardentiſſimo deſte homem inſaciavel, naõ de outra, ſenão da meſma natureza. Naõ vos peço, ainda que digais mais, & mais, & mais à virtude, que naõ ſe começa por aqui: ao menos, aos vicios dizey, baſta, baſta, baſta. Baſtem jà as vinganças, baſtem jà as cobiças, baſtem jà as ambiçoens, baſtem jà as torpezas, & ſenſualidades. Ha de ter iſto fim alguma hora? Porque naõ ſerà neſte dia? Pelos tres mais de Xavier offereçamos a Deos neſta Iſai 23. 4

neſta hora hum nũca mais. Nunca mais, Senhor, offendervos, nunca mais deſobedecervos, nunca mais apartar de vòs, nunca mais peccar, por ſeres vòs quem ſois. Com eſte nunca mais no coraçaó, com eſte nunca mais na boca, com eſte nunca mais em toda a vída, nos acharà vigilantes o ſono da morte, & alcançaremos aquella Bemaventurança que nunca mais ſe ha de acabar. *Beati ſunt ſervi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.*

SONHO

SONHO TERCEIRO.

Qua hora fur veniret. Luc. 12.

I.

SOmos chegados ao ultimo ſonho de Xavier. E he elle de tal calidade, que parece desfaz, ou deſmente quanto temos dito. Diſſemos no exordio do primeiro, ou na prefaçaõ de todos tres, q̃ os ſonhos ſaõ as reliquias dos cuydados. E a eſte ultimo, nem do cuydado ſe pòde chamar reliquia. Quando aquillo que ſe ſonhou de noite, he o meſmo em que ſe cuyda de dia, o cuydado he a cauſa, ou o que deo occaſiaõ ao ſonho: & taes foraõ os dous primeiros ſonhos de Xavier: porèm eſte terceiro por huma parte foy tam alheyo da pureza da ſua virtude, & por outra tam proprio da fineza della, que naõ pòde ſer todo ſeu. A primeira parte foy do demonio, que pintou a tẽtaçaõ na fantaſia do Santo, & a ſegunda foy do Santo, que na meſma fantaſia vẽceo a tentaçaõ, & o demonio. Tambem aqui ouve cuydado, & reliquias, mas as reliquias naõ foraõ effeito do cuydado, ſenão o cuyda-

cuydado effeito das reliquias. Ora vede.

Quando aquella grande Alma deixou neſte mũdo o corpo morto, mas atraveſſado nas portas da China para que ſe naõ podeſſem fechar aos que o ſeguiraõ, achou-ſe-lhe ſobre o peito hum relicario de cobre, que forão todas as riquezas que em dez annos, & meyo da ſua nunciatura acquirio no Oriente o Nuncio Apoſtolico de todo elle. E que continha o relicario? Tres reliquias muyto notaveis: hum oſſo de Sam Thome, huma firma de Santo Ignacio, & a formula da profiſſaõ do meſmo Franciſco Xavier eſcrita de ſua propria maõ, a qual repetia, & renovava todos os dias, ratificando os tres votos eſſenciaes da Religiaõ, pobreza, caſtidade, & obediẽcia, & o quarto de obediencia ao Summo Pontifice, como profeſſo da Companhia. E como na repetiçaõ dos actos ſe fortalecem, & creſcem os habitos das virtudes, & as potencias muyto habituadas ainda ſem deliberação nem imperio da vontade naturalmente obraõ, & exercitão os meſmos actos de que naſcèrão os habitos, eſtes forão não as reliquias dos cuydados, ſenão os cuydados das reliquias que no meyo do ſono, que he deſcuido, & tão acordadamente, ſem acordar, rebatèrão, & vencèrão a tentação atraiçoada do demonio na meſma fantaſia do ſonho. O ſonho, & a tentação era contra a pureza da caſtidade; mas como a meſma caſtidade eſtava habituada, & actuada todos os dias na repetida, & renovada profiſſaõ, que era a terceira reliquia do relicario de Xavier; não a reliquia deſte cuydado, ſenão o cuydado deſta reliquia foy o que na meſma fantaſia tentada, dormindo reſiſtio à tentaçam, & dormindo zombou do tentador vergonhoſamente vẽcido.

Aſſim o deixou eſcrito quinhentos annos antes

Saõ

Saõ Bernardo, fallando da memoria da propria profiſſaõ, como ſe eſtivera vẽdo o caſo de Xavier: *Ne à memoria repellat Deum irruens turba cogitationum in atrium, ad ejus portam ponatur janitor, cujus nomen eſt recordatio propriæ profeſſionis.* O atrio, ou portico da Alma he a fantaſia, onde as eſpecies corporaes ſe eſpiritualizam, & dalli ſobem ao entendimento que as repreſenta à vontade, & pára que nam cheguem, nem entrem là os màos penſamẽtos, ponhaſe à porta do meſmo atrio hum porteiro, o qual ſe chama, *recordatio propriæ profeſſionis*, lembrança da propria profiſſaõ. E que ſe ſeguirà daqui? diz Bernardo. Com a meſma propriedade do caſo outra vez: *Ut cum turpibus ſe cogitationibus ſenſerit animus prægravari, increpet ſe, & dicat: Tu ne hæc debes cogitare, qui Sacerdos es, qui Monachus es?* Seguir-ſe-ha que ſentindo-ſe o tentado acometido de penſamentos torpes, ſe reprehenda a ſi meſmo, & diga: E bem penſamentos, ſaõ eſtes que deve admitir hum Sacerdote, que deve admitir hum Religioſo? E dizendo iſto, conclue o Santo, logo ficaõ rebatidos, & excluidos os illicitos penſamentos em virtude da lembrança da propria profiſſaõ: *Hæc dicendo excludit fluxum illicitæ cogitationis per recordationem propriæ profeſſionis.* E porque Xavier andava ſempre armado com eſta reliquia da propria profiſſaõ, & ainda dormindo a tinha como ſentinella nas portas da fantaſia, nam he muyto que ò porteiro deſſe com a porta na cara ao tentador, & que poſto elle em vergonhoſa fugida, a tentação com que pertendia derrubar, cahiſſe, & deſſe eſte novo genero de vitoria à profiſſaõ renovada.

Digo com particular reparo, renovada, porque eſta renovaçaõ com que o noſſo Santo repetia todos os dias, & offerecia de novo

vo a Deos os votos da sua profissaõ, foy invento singular, & proprio do seu constante, & fervoroso espirito. Os outros Religiosos commummente fazem huma vez a profissaõ para toda a vida; Santo Ignacio mandou aos seus que a renovassem duas vezes cada anno: porèm Xavier, como não tinha mais que dar a Deos, assim como o mesmo Deos depois que se nos deo a si mesmo, renova a mesma dadiva todos os dias; assim elle todos os dias renovava a sua. Ouçamos todo o caso pintado pela penna de Salamam, sem lhe faltar circunstancia. *Lectulus noster floridus: tigna domorum nostrarum Cedrina; laquearia Cypressina.* Nestas palavras offerece a Deos a Alma Santa a sua casa, & o seu leito, notando que o leito era composto de flores, & a casa cuberta de Cedros, & de Cipreste. E verdadeiramente que os Cedros, & os Cipreste parecião materia mais accómodada também para o leito. Pois se aquella Alma como pastora do Móte Libano podia fabricar o seu leito destes lenhos, ou de outros preciosos, & odoriferos; porque o naõ fez, senão de flores, *Lectulus noster floriaus?* Porq o leito de materia solida faz-se huma vez para sempre; porèm o leito de flores ha-se de renovar todos os dias. O reparo, & o pensaméto he tambem em muyto differente lugar do mesmo S. Bernardo: *Propterea necesse est sanè præparare frequenter, & recentiores semper reponere flores.* O leito fabricado de materia solida feito huma vez, serve para toda a vida; porèm se he formado, & composto de flores, he necessario que ellas se renovem todos os dias. Por isso Xavier renovava todos os dias as flores, & as virtudes da sua profissaõ. E este foy o cuydado, & a industria, porque aquella virtude em que foy tentado, sendo a flor mais delicada, & mimosa de todas, no mes-

Cant. 1 5. 16.

dia, ou noite da tentaçam se achou taõ fresca, & tam forte, que nem dormindo perdeo nada do seu vigor. Nem dormindo, torno a dizer, porque esse foy o mysterio da Alma Santa, offerecer, ou convidar a Deos com as flores, naõ no campo, ou no jardim, senaõ no leito: *Lectulus noster floridus.* No leito, porque dormindo foy o assalto: no leito, porque dormindo se deo a batalha: no leito porque dormindo se alcançou a vitoria: & no leito finalmente, porque nem o sono pode adormecer o valor, nem o sonho divertir o cuydado.

E para que se visse que tudo foraõ effeitos maravilhosos da mesma reliquia, & da mesma profissaõ renovada todos os dias, estava o mesmo leito cuberto, ou coroado de Ciprestes, & Cedros: *Tigna Cedrina, laquearia Cypressina.* O Cipreste significa o mortal, o Cedro significa o incorruptivel, & ajuntar o incorruptivel com o mortal, foy naõ só o primor, senaõ a propriedade da pureza que professava Xavier. Declarando Sáto Ignacio qual deve ser a castidade dos que professaõ o seu instituto, diz que haõ de procurar imitar a pureza dos Anjos na limpeza do corpo, & Alma. A Alma separada do corpo facilmente póde imitar os Anjos, porq he espirito; mas unida, & atada ao corpo, que he carne, nesta uniam consiste toda a difficuldade de taõ pura imitaçam. Na mesma difficuldade porèm assim como se esforça a contrariedade da resistencia, assim se exalta, & levanta no homem atè o Ceo a que nos Anjos he natureza, mas nam vitoria, porque não tem contrario. Por isso no tecto que cobria o leito florido se formava a coroa de ramos do Cedro tecidos, & enlaçados com os de Cipreste, porque no Cipreste se unia o mortal com o Cedro, & no Cedro o incorruptivel com o mortal. Os Anjos

saõ

saõ incorruptiveis, mas naõ saõ mortaes, porque não tem corpo: & como a profissaõ de Xavier o obrigava a imitar a pureza dos Anjos na limpeza do corpo, & alma, esta foy a maravilha, ou o milagre da reliquia da sua profissaõ. Assim q̃ este terceiro sonho, se pela parte do tentador foy diverso, pela parte da resistencia não só foy igual aos dous primeiros, mas na mesma differença có grãde vẽtagem; porq̃ se nelles forão os sonhos reliquias do cuydado, neste foy o cuydado milagre, & vitoria da reliquia.

II.

ASsentado desta sorte o fundamẽto do terceiro sonho de Xavier em quanto vitorioso, antes de ponderar a vitoria, consideremolo primeiro em quanto tentado. Tentou o demonio menos reverentemente do que devèra, & como mestre tão velho, & tão astuto, parece que não andou coherente, nem tomou bem as medidas à tentação, a qual para não errar o tiro, poz a mira no estado, & condição da pessoa. Era Xavier Nuncio Apostolico, tentara-o o demonio com pensamentos da purpura, pois o degràu para subir à eminencia do Cardinalato, saõ as precedentes nunciaturas, & nenhuma mayor que a sua. Tinha o poder Ecclesiastico supremo em todo o Oriente, onde no mar se pescão perolas, & na terra nascem diamantes, rubis, & safiras. Tentara o com huma lustrosa cubiça de voltar para Europa có os thesouros de Cresso, os quaes na mesma Roma, como peregrinos não havião de ser mal agasalhados. E se o demonio, como sugeito Religioso, & mortificado, quizesse tambem espiritualizar a tentação, supposto que Xavier não se fazia levar ao uso da terra em hombros de homens, mas caminhava a pè, & atè pelas serranias do Japão cubertas de neve descalso, puzera-lhe

lhe à vista dos pès descalsos as alpargatas do Idolo de Retorà avaliadas em duzentos mil cruzados, podendo esperar que assim comparada a sua mesma pobreza, & tão altamente avaliada ou no proprio, ou no alheyo juizo, facilmente se converteria em vangloria: ou tambem, porque o mesmo corpo de Xavier não era menos mortificado por dentro, que por fora, & passava muytos dias sem comer bocado, não digo que o tentasse de gula na terra onde as delicias do gosto saõ as mais exquisitas; mas porque o não apertaria no cerco em que elle mesmo se punha, tentando a sua fome ao menos com paõ seco, & duro, como tentou a de Christo?

Sobre tudo he circũstancia digna de grande reparo, que tendo a tentação daquella casta, esperasse o mesmo inimigo para o assalto a hora em que o acometido estivesse dormindo, & com os olhos fechados. He certo que os olhos abertos saõ os instrumentos mais provados, & mais seguros com que o caçador do inferno arma às Almas para as fazer cahir em semelhantes laços. A olhos abertos tentou a Olofernes com Judith, a olhos abertos a Abimelech com Sàra, a olhos abertos a Sichem com Dina, & nam só a Gentios, & sem fé, como estes eraõ, mas aos mais fieis, & mais Sãtos como David, & Samsaõ. Pois se aos valentes de Deos tenta o demonio com os seus mesmos olhos abertos; a Xavier, porque o não tenta assim? Grandes triunfos tinha alcançado a sua virtude nesta guerra, quando no mayor ardor da idade defendeo glorioſamente a pureza virginal em Parìs, & depois a conservou sem mancha toda a vida, por onde mereceo a palma brãca das assuceñas que trazna maõ; mas não erão bastantes estes triunfos para que o demonio desmayasse, & se decesse dos seus intẽtos. He texto notavel a este propo-

propoſito o que agora pôderarey, & para cuja nova, & literal expoſição convido aos doutos.

Diz a Eſcritura Sagrada no capitulo terceiro dos Canticos, que fabricou Salamão huma carroça triunfal compoſta dos mais precioſos lenhos do Libano, em que as columnas eraõ de prata, o trono, & cadeira de ouro, os degràos de purpura, & o eſtrado ſoalhado de amor: iſſo quer dizer, *media charitate conſtravit*: onde o Hebraico, o Siriaco, os Setenta, Vatablo, & os outros Hebraizantes tresladam mais expreſſamente em lugar de *charitate, amore*. E acrecenta o texto que iſto fez Salamão em reſpeito das filhas de Jeruſalé: *Media charitate conſtravit propter filias Jeruſalem.* Va no agora à expoſição. Primeiramente eſtar o eſtrado aſſoalhado de amor, ſignifica que no eſtrado do trono onde Salamão punha os pès, ſe via eſculpida a imagé, ou eſtatua do amor cego, & com arco, & aljava, aſſim como os Poetas pintão o que elles chamão Cupido. E atèqui differaõ os Expoſitores; mas deſta meſma expoſição, que he a mais conforme à letra, ſe ſeguem duas duvidas, a que elles não reſpondem, nem ainda excitão no ſentido hiſtorial: a primeira, porque poz Salamão no eſtrado do ſeu trono eſta figura do amor profano; a ſegunda, porque o fez, como elle diz, em reſpeito das filhas de Jeruſalé, *propter filias Jeruſalem*. Quanto à primeira, quando ainda Salamão era Santo, no eſtrado do ſeu trono aonde elle punha os pès, poz a eſtatua do amor profano, para ſignificar neſte carro do ſeu triunfo, que elle o tinha triunfado, & vencido de maneira, que o trazia debaixo dos pès. E iſto (quanto à ſegunda) em reſpeito das filhas de Jeruſalem, para deſenganar a cada huma, & a todas, que nenhuma preſumiſſe, ou eſperaſſe de ter entrada, ou

Cant. 16.

parte no seu amor. Como se differa: Se presumem as filhas de Jerusalé que succederà a alguma dellas comigo o que a Bersabè minha mãy com meu pay David, engana-se, porque nenhuma haverà taõ favorecida da natureza em todos aquelles dotes que estima, appetece, & de que se deixa cativar o amor, que a mim me haja de entrar no pensamento, ou dar cuydado, porque a todos esses affectos he superior o meu coração, & no mesmo amor que levo debaixo dos pès neste meu triunfo, tenho jà triunfado de todo.

Isto he o que presumio de si Salamão, quando era Santo. Mas sem embargo de o ser; que he o que lhe succedeo? Acautele-se todo o coração humano, & nenhum se fie de si. Assim como Salamão tinha triunfado do amor profano, assim o mesmo amor depois triunfou delle. E para ser mais afrontosamente vencido, & pizado, naõ foy por meyo das filhas de Jerusalem, que crião no verdadeiro Deos, mas por meyo das Gentias, & Idolatras, a quem amou tão cega, & perdidamente, que sendo o escolhido de Deos para lhe edificar o unico Templo, elle edificava templos aos seus idolos. E se este foy o cataſtrofe da santidade de Salamão, porque não poderia o demonio presumir, senaõ tanto, ao menos algum caso semelhante na santidade de Xavier? Grande fundamento parece que tinha por certo, & mais ajudado das occasioés em que o Santo se metia, não presumindo de si, como mais sabio que Salamão, mas confiado na graça Divina. Havia na India muytas familias em que as livres, & as escravas eraõ senhoras dos senhores, & nestas casas se introduzia benevolamente Xavier, para livrar a ellas, & a elles do cativeiro em que o demonio os tinha, & os poz, como sempre conseguia, em estado de salvaçaõ.

Mas

Mas nem eſtes ſegundos triunfos erão baſtante ſegurança para o demonio não eſperar o que pertendia. Como aquelles lugares erão tão contagioſos, porque não eſperaria o demonio que ſuccedeſſe alguma vez a quem entrava nelles, o que ſuccede commummente nas outras peſtes, em que os meſmos que entraõ Medicos, ſaem feridos? Entrava porèm Xavier cõ os olhos abertos, mas erão taes os reſplandores de pureza que ſahião dos meſmos olhos, que baſtava que os peccadores viſſem que o Sãto os via, para que nos ſeus meſmos olhos, como em eſpelhos, reconheceſſem a fealdade das ſuas vidas, & as aborreceſſem, & emendaſſem. Aos olhos abertos não lhe faz mal o que vem, ſenão quando vê o para que olhão. E para que olhava Xavier, ou dẽtro, ou fóra de caſa, ou no particular, ou no publico? Olhava ſó para a ſalvação das Almas, o que o demonio eſpreitava, & via, & por iſſo ſe temia tanto dos ſeus olhos abertos. Abertos ſempre edificavão, abertos ſempre admiravão, & abertos ſempre compũgião. Hia o Padre Meſtre Franciſco por huma rua, & os ſeus olhos como hião? Ou pregados na terra, ou levantados, & arrebatados ao Ceo. E bem conhecia o demonio que quem na terra levava diante dos olhos a ſepultura, & no Ceo a eternidade, malpodia dar entrada no coração à fantaſia de hum accidente enganoſo, & vil, que para matar, baſta que paſſe, & para não enganar, paſſa em hum momento.

Com eſtas experiencias o inimigo da caſtidade, que pela viſta tentou a Eva, & pela viſta tenta a ſeus filhos, como ſe Xavier foſſe a exceição de todos elles, ſe deſenganou, & reſolveo ao não tentar com os olhos abertos. Mas neſta meſma reſolução me parece a mim que tambem elle os tinha fechados. Vem cà demonio, ſe aſſim como cõ-

feſſas que te não atreves a acometer eſte homẽ acordado, não ves que ſerà dobrada afronta tua, ſe tambem te vencer dormindo? Olha bem para onde dorme, & veràs que em cama tão dura não pòdem ter lugar ſonhos tão brãdos. Todos os Eſcritores da vida de Xavier ſem figura de encarecimento, mas por narração de ſimples verdade, dizem que a cama de Xavier quando navegava, erão as amarras da nao, & a cabeceira as ancoras. Cõpara agora o ſono com eſte modo, ou invenção de dormir. O ſono he o remanſo da vida, & como lhe chamou Plinio, he aquelle porto quieto que a natureza pròvida concedeo ao homem de noite para deſcanço dos trabalhos do dia. Grande erro he logo a do teu roteiro preſumir que pòde naufragar no porto quem dorme ſobre ancoras, & amarras. Mas da cama do mar paſſemos à da terra. Dormia na terra Xavier, dizẽ os meſmos Hiſtoriadores, em hum apoſento, ou choupana, em q̃ as paredes erão de eſteira; & como por entre os juncos eſpreitaſſe a devota, ou incredula curioſidade o que o ſervo de Deos fazia, cõmummente o vio de joelhos arrebatado em oração, & alguma vez que obrigado do pezo do ſono pagava hum breve tributo à fragilidade da natureza, a cama em que ſe encoſtava, era hum catre percintado de cordas de cairo, que ſaõ os entrecoſtos do coco, & huma pedra por cabeceira. Lembre-ſe agora o demonio de Jacob dormindo, & conſidere quaes podião ſer os ſonhos de huma cabeça recoſtada ſobre huma pedra, & tão mimoſamente agaſalhada. Sonharia com eſcadas da terra ao Ceo: ſonharia com Anjos que ſubião, & decião por ella: ſonharia cõ o portal da fabrica da caſa de Deos (quaes erão as Igrejas que deſenhava no penſamento, & edificava em toda a parte) ſonharia em fim cõ o meſmo

mo Deos, que das ameyas do Empireo como vigilá-te, & amorosa sentinella lhe fazia guarda ao sono. Ainda temos outra cama de quem não tinha cama. Era de taboa, ou tabûa no desemparo de Moçambique, onde de dia, & de noite enfermo servia Xavier aos enfermos. E estando para morrer frenetico cõ a febre maligna humsoldado moço, cuja idade, & liberdade fazia muyto sospeitosa sua salvação, toma-o o Santo Padre nos braços, deita-o naquella sua cama, & o mesmo foy tocala, que tornar o frenetico a seu perfeito, & inteiro juizo, com que recebidos em grande quietação, & socego todos os Sacramentos, acabou naquella escala christãa mête a carreira da vida. Para que se veja, se era mais frenetico, & louco o demonio em esperar que o frenesi do seu machinado sonho fizesse delirar, ou tresvariar o juizo de quem dormia em huma cama, que milagrosamête o restaurava aos que o tinhaõ perdido.

III.

ASsim zombava eu dos atrevimentos do tẽtador nocturno: mas porque naõ só prègo do Santo que o pode vencer, senaõ para todos; não posso deixar de declarar para nossa cautela, que ninguem deve desprezar estas traiçoẽs do demonio, mas temelas, & fazer dellas muyto caso, posto que sonhadas. Os Filosofos, & Theologos dividem os sonhos em naturaes, divinos, & diabolicos. Os divinos devem-se estimar muyto, dos naturaes não se deve fazer caso, mas os diabolicos saõ tanto para temer, como nos ensina a Igreja universal na Oração que faz a Deos no fim de todos os dias antes das horas do sono: *Procul recedant somnia, & noctium phantasmata, hostemque nostrum comprime.* Pede a Deos que reprima a força, & astucia do inimigo com-

mum, & que lance muyto longe de nòs os fantaſmas dos ſonhos, com que elle como principe das trevas nos faz guerra de noite. E para a cautela, & vigilancia da noſſa parte, nos exhorta a meſma Igreja, como Máy cuydadoſa, com as palavras de Saõ Pedro, a quem tanto cuſtou o dormir, quando tinha obrigaçaõ de velar: *Fratres, ſobrij eſtote, & vigilate, quia adverſarius veſter diabolus, tanquam Leo rugiens, circuit quærens quem devoret.* Onde he ponto muyto digno de notar, que ſe o demonio ſe deve temer quando dà bramidos como Leaõ, *tanquam Leo rugiens*, & quando com os meſmos bramidos nos pòde deſpertar do ſono: quanto mais quando no mayor ſilencio da noite, & no mayor deſcuido dos ſentidos, entrãdo a portas fechadas, como eſpirito que he, & penetrando ao mais interior da fantaſia, lhe faz aquella guerra, que Saõ Cypriano elegantemente chama clãdeſtina, a qual quãto mais occulta, & eſcura, tanto mais certa, & fortemente fere aos que dormẽ? *Quoniam elatius latenter obrepit, occulta, & clandeſtina ejaculatio, quo minus perſpicitur, eo & gravius & trebrius in vulnera noſtra graſſatur.* Cypriano. tract. de zelo.

1. Petr. 5. 2.

Sendo pois taõ perigoſo, & deſigual genero de batalha aquella, em q̃ peleja com hum homem de carne dormindo, hum eſpirito que naõ tem corpo, nẽ dorme, por iſſo o naõ devemos deſprezar como covarde, mas temer como aſtuto, & atraiçoado inimigo. E ſó nos poderiamos admirar de que a Providẽcia Divina deſſe licença, & poder ao demonio para em tal materia, & de tal modo tentar a ſeu fideliſſimo ſervo Franciſco. Mas eſſe meſmo he o mais encarecido exemplo, & a mais refinada prova da meſma fidelidade, & invencivel fortaleza ſua, eſſa ſeguriſſima confiança que Deos fazia do ſeu valor depois da experi-

experiencia de tantas vitorias, & não comparando a Xavier comsigo neste combate, senão a elle com os mayores Santos.

Quando Christo Redemptor nosso entrou no Horto a orar a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos Discipulos, os tres de seu Conselho secreto, Saõ Pedro, Saõ Joaõ, San-Tiago, & Matth. 26. 41. avisou-os assim. *Vigilate, ne intretis in tentationem:* Discipulos meus, vigiay, naõ vos deixeis render ao sono, porque não entreis, ou não sejais entrados da tentação. Mandou-os que vigiassem, para não serem vencidos, porque entre os descuidos de dormir, entre as desatençoens, & negligencias do sono não ha virtude bastantemente segura: atè a firmezá de Pedro pode cahir, atè a resolução de Jacobo pode enfraquecer, atè o amor de João pode vacillar. Pois se assim he, Senhor, que desigualdades saõ estas de vossa Providencia? Como tratais com tanta exceição de pessoas aos vossos Apostolos, & ao nosso? Aos tres Discipulos mandais-lhe q̃ estejão despertos, porque haõ de ser tentados, & a Xavier mandais lhe a tentaçaõ estando dormindo? Sim. E naõ foy falta de Providencia, senaõ excesso de cõfiança. Fiava Deos mais de Xavier, q̃ dos tres mayores Apostolos naquelle tempo. He Theologia certa que quando Deos permite que o demonio nos tente, sempre tempera, & mede as tentaçoens conforme as forças do que he tẽtado. Assim o dizo Apostolo Saõ Paulo na primeira aos Corinthios, & assim o declarou o Concilio Tridentino: *Fidelis autẽ Deus est, qui non patietur vos tentari supra id, quod potestis.* 1. Cor. 10. 13. E como Deos tem em sua maõ as redeas do tentador, & aperta, ou alarga a tentaçaõ pela medida da força de cada hum, bem se vè que fiava Deos mais da virtude de Xavier agora, que da dos tres mayores Apostolos

tolos então; pois a elles os manda vigiar, porque haõ de ser tẽtados, & a Xavier manda-lhe a tẽtaçaõ eſtãdo dormindo. Dormir hũ homẽ, & ter acordo para ſe naõ deixar vencer do demonio, eſtar com os ſentidos ligados nas prizoẽs do ſono, & ter ſentido para ſe naõ deixar entrar da tentaçaõ, he huma empreſa taõ arriſcada, & huma vitoria taõ duvidoſa, que ſó de Xavier a fia Deos, & de nenhum outro, ainda que ſeja San-Tiago, ainda que ſeja Saõ Joao, ainda que ſeja Saõ Pedro. Saõ Pedro, Saõ Joaõ, San-Tiago, eſtejaõ em vèla, ſe haõ de ſer tentados; mas Franciſco Xavier venha-lhe embora a tentação dormindo, que dormindo, & acordado, ſempre eſtà ſeguro.

E ſe eſta tentação fora tentação de outro genero, menos me eſpantàra eu que Deos a fiàra de Xavier entre as deſatençoens do ſono; mas tentação contra a pureza, batalha contra a caſtidade? Eſte mundo he o Amphitheatro de Deos: & aſſim como os Emperadores Romanos mandavão lançar os Martyres às feras, aſſim Deos manda ſahir os Confeſſores aos vicios. E que ſendo o vicio contrario à pureza, huma fera tão fera lhe lançaſſe Deos a Xavier não acordado, ſenaõ dormindo! Grãde extremo de confiança em Deos, grande credito de valor em Franciſco! O homem mais inſigne na caſtidade, & mais famoſo em ſonhos, foy Joſeph. Dormia Joſeph ſendo menino, & ſonhava huma vez que andava na ſega, como filho de Lavrador que era; & que as pavcas, ou feixes de trigo que hiaõ atando ſeus irmãos, inclinados, ou debruçados ſobre a terra, reverenciavão & adoravaõ o ſeu. Tornou a ſonhar o meſmo Joſeph, & das eſpigas paſſou às Eſtrellas. Sonhava que o Sol, a Lua, & outros Aſtros do Ceo deſécaixados das ſuas eſferas decião tambem à terra a adoralo. Naõ ſaõ eſtas

tas as primeiras Estrellas que para servir a hũa ambição venturosa se abatem do firmamento. Mas deixadas estas, & outras grandes consideraçoẽs para outro dia, que não he bem nos gastem o tempo ho'e; todos estes sonhos de Joseph erão profecias, porque assim hum como o outro significavaõ que havia de ser supremo Governador do Imperio do Egypto, & que todos os subditos do mesmo Imperio o havião de adorar, & obedecer, assim os grandes, como os pequenos, assim os da Corte, como os do campo; que por isso as figuras que os representavaõ, em hum sonho foraõ espigas, & noutro Estrellas: as Estrellas para significar os illustres, & as espigas os Lavradores. Significavão mais os mesmos sonhos que toda a casa de seu pay, & seus irmãos tambem illustres por decendẽcia, & Lavradores por officio, cahidos a seus pès o havião de reconhecer, & adorar por Senhor, como o mesmo pay lhe declarou, & ainda reprehẽdeo muyto antes.

Daqui se segue que nestes dous sonhos, & nestas duas significaçoens delles, ou foy, ou podia ser tẽtado Joseph nas duas mayores, & capitaes virtudes, humildade, & charidade, a humildade, q̃ he o fundamento, a charidade, que he o cume de toda a perfeição. Contra a humildade tentado de ambição, & soberba, vendo-se Senhor absoluto de toda a Monarchia d'Faraò: cõtra a charidade tentado de ira, & de vingança, vendo postrados a seus pès os irmãos, ou os inimigos que tanto o aborrecião, & perseguião, que o quizerão matar, & chegàrão ao vender. Mas a esta venda, & cativeiro, que foy a occasião de todas as suas fortunas, falta a historia da mulher de Putifar sua senhora, tão amado, como não devèra, & tam cegamente pertendido como sabemos. Pois se Deos revela em sonhos a Joseph,

que

que ha de dominar o Imperio do Egypto, se lhe revela em todos que ha de ter aos pès os seus mayores inimigos; porque lhe nam revela tambem a olhos fechados aquelle amor tam cego? Porque na primeira revelaçaõ corria risco a humildade, na segunda a charidade; mas na terceira, se Deos lha revelàra, perigava, & arriscava-se a castidade: & riscos, & perigos da castidade, nẽ de Joseph os fia Deos em sonhos. He verdade que elle se portou na tentaçaõ fiel, & galhardamente; mas vay muyto de velar a dormir, & o tino que teve acordado, pòde ser que o naõ tivesse dormindo. Por isso Deos lhe encobrio a historia da Egypcia, quando lhe revelou as outras sonhando. Sonhe embora Joseph que ha de ser Senhor do Egypto, & fiem-se-lhe as tentaçoens da ambiçaõ, & soberba: sonhe embora que ha de ter debaixo dos pès seus inimigos, & fiem-se-lhe as tentaçoens da ira, & da vingança; mas sonhar que ha de ser pertẽdido de quem lhe podia enfeitiçar os pensamentos, & fiar-se-lhe em sonhos, nem por sonhos, tentaçaõ contra a pureza? Isso naõ. Só de Francisco Xavier dormindo fia Deos huma batalha taõ arriscada, só delle confia huma vitoria taõ duvidosa; porque sabe que he taõ fina, & afinadamente observante de suas obrigaçoens, que ainda que naõ esteja acordado, naõ ha de fazer dissonancia.

IV.

ASsimo presumia Deos altamente de Xavier, & elle o provou naõ menos que cõo galhardo testemunho de seu proprio sangue. Tam longe esteve o valente soldado de Christo de dar ao combate da tentaçaõ nem ainda hum inadvertido consentimento, que antes aos primeiros acenos della a rebateo com tanta violencia de espirito, que lhe saltou das veas o sangue puro. Somos entrados

trados em huma circunſtancia grande, & glorioſa deſta acção; mas de tal maneira grande, que parece diminue ſua grandeza; de tal maneira glorioſa, que parece contradiz ſua gloria. Venceo Xavier a tentaçaõ, mas cuſtou-lhe ſangue: & a vitoria tanto menos val, quanto mais cuſta. Sahio Xavier vencedor, mas juntamente ferido; & o vencedor ferido he meyo vencedor, porque em parte fica o vitorioſo, em parte o vencido. Aſſim poderà parecer a animos pouco generoſos, mas naõ he aſſim: & tomo por teſtemunha a flor das Armas Portuguezas que eſtà preſente. Qual de vòs naõ teve por realce da vitoria o ſahir ferido da batalha? Qual de vòs ſe naõ preza mais do ſangue derramado na guerra, que do que traz vivo nas veas? Atè no amolgado da eſpada, no acutilado da rodela, & no paſſado da malha ſe eſtimaõ as feridas, ainda que ſecas. A mayòr gala do vencedor ſaõ as feridas, & o ſangue: nem ha modo mais ayroſo de ſahir da batalha, que vitorioſo, & ferido. Como os ſucceſſos felices da guerra muytas vezes ſaõ liberalidades da fortuna, & não merecimentos do valor, as vitorias acreditaõ de venturoſo, as feridas de valente. Quem vẽceo, podia naõ pelejar, & he a vitoria alhea: quem ſahio ferido, pelejou, & fez com o ſangue a vitoria ſua. Mas vejamos eſta controverſia decidida no juizo do meſmo Deos. Muytos vencedores ouve no mundo; mas vencedor que eſcolheſſe a vitoria, & o modo de vencer à ſua vontade, hum ſó ouve, que foy Chriſto. E que vitoria, ou que modo de vencer eſcolhe o Chriſto, ſenaõ o de ferido, & cõ tanto ſangue? Para remir, & vencer o mundo, naõ era neceſſario a Chriſto padecer, nem derramar ſangue; mas eſcolheo eſte modo de vencer, poſto que taõ cuſtoſo, naõ pela neceſſidade do remedio, ſenaõ pelo credito

credito da vitoria. Para ſer vencedor do mundo, baſtava vencello, mas para ſer vencedor glorioſo, havia de ſer com ſangue, & com feridas. E ſenaõ, vede-o no ſeu triunfo.

Quando Chriſto vencedor do mundo, da morte, & do inferno entrou pelo Ceo triunfante, pergunto, que inſignias levava de vencedor? He couſa que ſe ſabe, & digna de ſe ſaber. Sabe ſe, porque dous Profetas, Iſaias, & Zacharias, viraõ toda a pompa deſte triunfo. Pois que inſignias de vencedor levava Chriſto? Por ventura, palmas, coroas? Nada diſſo. O ſeu ſangue, & as ſuas feridas foraõ todas as inſignias da vitoria, & todas as galas do triunfo. O ſangue levava-o derramado pelo veſtido: Iſai. 63. 2. *Quare rubrum eſt indumentum tuum?* As feridas levavá-as abertas nas meſmas Zachar. 13. 6. mãos: *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio manuum tuarum?* E eſte tangue, & eſtas feridas era o que applaudia o Ceo, era o que acclamava o triunfo, era o q̃ admiravaõ os Anjos, era em fim o que mais prezava o Pay, & o que mais honrava ao Filho; porque as feridas ſaõ os ſellos do valor, & o ſangue os eſmaltes da vitoria: & na ſua vitoria do mundo eſtimava, & gloriava-ſe Chriſto naõ ſó de o vencer, ſenaõ de o vencer com ſangue; naõ ſó de ſahir vitorioſo da batalha, ſenaõ vitorioſo, & ferido.

Mas reparãdo no ſangue de que levava matizados os veſtidos Chriſto no ſeu triunfo, duvidarà com razaõ alguma curioſidade douta, que ſangue de Chriſto era, ou podia ſer eſte? Chriſto entrou triunfante no Ceo depois de reſuſcitado: na Reſurreiçaõ, como dizem os Theologos, recolheo-ſe todo o ſangue às veas do corpo Sagrado. Pois ſe o ſangue hia recolhido dentro nas veas de Chriſto, como hia derramado pelo veſtido? Agora entẽdereis a razaõ porque Chriſto conſagrou, & ſacramentou ſeu ſangue de

ſorte

ſorte que o podeſſe ter juntamente recolhido, & derramado juntamente nas veas, & fóra dellas: & aſſim foy aqui. O ſangue que Chriſto levava recolhido nas veas, era o da Cruz: o ſangue que levava eſpalhado pelo veſtido, era o do Caliz. O meſmo texto o diz, & Santo ſobre o texto, que agora he neceſſaria tanta prova: *Quare rubrum eſt indumentum tuum ſicut calcantiũ in torculari?* diz o texto de Iſaias: Porque eſtà taõ vermelho o voſſo veſtido, Senhor, como ſe o metèraõ em hum lagar? De ſorte que o veſtido do triunfador hia vermelho de ſangue, mas de ſangue como vinho, porque era ſangue que tendo de ſangue a ſuſtancia, tinha de vinho os accidentes. Saõ Cypriano: *Vini utique mentio eſt, & ideo ponitur, ut Domini ſanguis vino intelligatur: prædi atur enim verbis propheticis, & præſignificatur quod poſtea manifeſtatum eſt in Calice Dominico.* Teve Chriſto por tam grande honra, & gloria ſua o ſangue que derramou na victoria do mundo, que para o poder eternizar entre os homens na meſma fórma de derramado, duplicou a materia do Sacramento, & o conſagrou ſeparadamente no Caliz. Para o effeito do Sacramento, que he a cõmunicaçaõ da graça, baſtava ſó a conſagraçam do corpo de Chriſto na Hoſtia, que he o que ſó cõmungaõ todos. Pois porque quiz o Senhor conſagrar o meſmo ſangue tambem no Caliz? Porque no corpo eſtà o ſangue dentro nas veas, & no Caliz repreſentaſe derramado dellas: E ainda que o ſangue aſſim recolhido baſtava para noſſo remedio, naõ baſtava para a gloria de Chriſto; porque a gloria de q̃ Chriſto mais ſe preza, he de o ter derramado. Vede-o na meſma inſtituiçam: *Hic ſanguis meus, qui pro vobis effundetur*: Eſte he o ſangue que por vòs ſerà derramado. Quando Chriſto cõſagrou o Caliz, ainda o ſeu ſangue

Iſai. 63. 2.

Matth. 26. 28.

chava

eſtava todo nas veas, mas o Senhor naõ o conſagrou como ſangue das veas, ſenaõ como ſangue derramado dellas: *Sanguis, qui effundetur:* porque iſſo he o de que mais ſe prezava, iſſo he o que queria eternizar na fama, & na memoria dos homens.

E ſe fez tantos extremos Chriſto por conſervar o ſangue derramado, nam ſaõ menores os que fez por conſervar as feridas abertas. Naõ havia couſa mais repugnante a hum corpo vivo, glorioſo, & impaſſivel, que as cinco Chagas abertas: repugnãtes as dos pès, repugnantes as das mãos, & a do lado ainda mais repugnante. E com tudo reſuſcita Chriſto à vida, entra na gloria, & eſtà, & eſtarà eternamẽte nella cõ as Chagas abertas. Porque? Porque foraõ as feridas que recebeo na batalha do mundo, & ſaõ as teſtemunhas mais abonadas de ſeu valor, & os deſpojos mais glorioſos de ſua vitoria. Em ſumma, que ſe prezou Chriſto tanto do ſangue que derramou, & das feridas que recebeo na batalha, que para conſervar eternamẽte eſtes dous memoriaes da ſua vitoria, reſuſcitou as feridas, & ſacramentou o ſangue, ficando por eſtes dous milagres cõtinuos, hũ no Ceo, outro na terra, as feridas perpetuamente abertas, & o ſangue perpetuamẽte derramado. Aſſim ſe prezou Chriſto de ſahir vencedor da ſua batalha; & aſſim ſahio Xavier vitorioſo da ſua: vitorioſo, & ferido, vitorioſo, & com ſangue. E taõ fóra eſteve eſta bizarra acçaõ de ſe poder chamar por iſſo meya vitoria, que antes foy por iſſo vitoria dobrada: huma vencedor Xavier pela batalha que venceo, & outra vez vẽcedor pelo ſangue q̃ derramou.

V.

ORa conſideremos agora a Xavier aſſim ferido, aſſim banhado em ſeu ſãgue, & aſſim dormindo, tragamos à ſua preſença

ça os mais valentes Athletas da Igreja, os mais valerosos defensores da castidade, & veloshemos a todos à vista de taõ heroica acçaõ, heroica, & gloriosamente vencidos. Fiou Deos em fim de Joseph acordado a tentaçam que naõ fiára delle dormindo. E que fez Joseph estando muyto em si? Largou a capa nas mãos da Egypcia, & fugio: *Relicto in manu ejus pallio, fugit.* Galharda acçaõ, & ainda comparada cõ a de Xavier taõ galharda, que hum dia, ou huma noite, em que a Alma Santa se quiz mostrar a seu Esposo mais fina, mais animosa, & mais valente, se revestio destas duas acçoens. Sae a Esposa hũa noite de casa a buscar pelas ruas, & pelas praças a seu Esposo Divino, & contandolhe depois que o achou o que lhe tinha succedido, & o que tinha feito, diz que se encontrára com os soldados da guarda, que brigára, & se defendera delles, & que na pendencia largára a capa, & sahira ferida: *Percusserunt, & vulneraverunt me, & tulerunt pallium meum mihi custodes murorum.* Naõ sey se reparais na capa, & nas feridas. Demaneira que quando a Alma Santa quiz alardear finezas, & valentias em materia da defensa de sua pessoa, & de sua honestidade, as duas acçoens que escolheo entre todos os presentes, passados, & futuros, foy a de Joseph, & a de Xavier: a de Joseph em largar a capa, a de Xavier em sahir ferida. Mas supposto que estas duas acçoens forão as mais estimadas da Esposa, & as mais illustres da Igreja, qual das duas he digna de mayor estimaçaõ, a de Joseph em largar a capa, ou a de Xavier em derramar o sangue?

Genes. 39. 12.

Cant. 5. 7.

A mesma Esposa que fez a eleiçaõ, deo o primeiro lugar ao sangue, & às feridas, & o segundo à capa: *Vulneraverunt me, & tulerunt pallium meum*: & com muyta razam; porque nas batalhas da castidade, ainda

da que o modo mais seguro de resistir he fugindo, o modo mais glorioso de vẽcer, he pelejando. Joseph venceo, mas venceo fugindo; Xavier venceo, & venceo pelejando: a vitoria de Joseph, sem enfeite, foy huma retirada; a resistencia de Xavier foy verdadeira vitoria: em fim, a vitoria de Joseph consistio em nam pelejar, nem ser vencido; a de Xavier em pelejar, & vencer. Falla destes dous modos de vencer David, & referindo hũ, & outro a Deos, & a sua graça, diz assim: *Deus noster refugium & virtus*: O nosso Deos he refugio, & he fortaleza. E porque, ou para quem he refugio, ou para quem he fortaleza? Saõ Basilio: *Recte refugiũ, & virtutem dixit, ut ostenderet, quod aliquando fugiendo, aliquando stando, & pugnando vincimus.* He nosso refugio, & nossa fortaleza Deos, diz Basilio, porque humas vezes vencemos fugindo, outras vezes vencemos pelejando. Mas as vitorias dos que fogem, & as dos que pelejaõ, todas saõ de Deos: as dos que fogem, saõ de Deos, como refugio; as dos que pelejaõ, saõ de Deos como fortaleza: *Refugium & virtus.* Taes forão as vitorias de Joseph, & de Xavier: Joseph venceo, Xavier vẽceo: a vitoria de Joseph foy de Deos, & a de Xavier tambem de Deos: mas a de Joseph foy de Deos em quanto refugio, porq venceo fugindo; & a de Xavier foy de Deos em quanto fortaleza, porque venceo pelejando: a acçaõ de Joseph foy temor com castidade; a de Xavier foy castidade com valor: a de Joseph foy conhecer se, & temer se; a de Xavier foy conhecer se, & triunfar se: a de Joseph foy dar ao golpe da tẽtaçaõ a capa; a de Xavier foy afogar a tentaçam no proprio sangue. Joseph, & Xavier ambos se acharaõ no corro contra aquelle touro feroz, o mais bravo de todos os vicios: estavaõ vendo del-dos palanques

Psalm. 45.2.

ques Deos, os Anjos, os homens, o mundo: remeteo cego, & furioso o touro cuidando que oslevava nas pontas: & como se portàraõ ambos? Joseph largoulhe a capa com acordo, & fugio: Xavier esperou a pè quedo, ferio-o, jarretou o, matou-o. Ambas as sortes merecèraõ vivas, & applausos; mas a de Joseph chamou-se destreza, a de Xavier valentia: *Aliquando fugiendo, aliquando stando, & pugnando vincimus.* E consiste tanto a fortaleza na virtude neste segundo modo de vencer pelejando, que comparado hum com outro, só este se chama virtude: *Deus noster refugium & virtus.* O vencer fugindo, como Joseph, he refugio: o vencer pelejando, como Xavier, he virtude.

Entre agora outro cõtẽdor: quem serà? Seja Saõ Paulo montante da Igreja, o valente da Ley da Graça. Mas antes que vejamos suas resistencias, à vista deste vosso sangue, Divino Xavier, não posso deixar de formar huma grande queixa: nam quero dizer contra a vossa modestia, senão contra a vossa verdade. Naquella occasião em que decestes do Ceo a dar a vida ao vosso Marcello em Napoles, para que elle a fosse dar por Deos no Japão, ensinastes lhe alli a dizer em presença de todos que pedisse a Deos a graça do martyrio, que vós tinheis desejado, & não alcançastes. He possivel que ha de dizer Xavier que desejou ser Martyr, & que o naõ alcançou? Retratayvos Santo do que disestes, q̃ sim alcançastes ser Martyr, & illustrissimo entre todos os Martyres. Que he esse sangue prodigioso que derramastes, senam hum testimunho ardẽtissimo de vossa fé, & huma quinta essencia de martyrio novo, singular, inaudito? De Saõ Joaõ Evangelista disse Saõ Jeronymo *Martyrium animo defuisse:* que naõ lhe faltou o animo para o martyrio, senaõ o martyrio para o ani-

o animo; & isto bastou para ficar Saõ Joaõ canonizado por Martyr. Pelo affecto que tenho, & devo ao Evãgelista amado, me peza de o haver metido nos empenhos desta comparaçam; porque nenhum grande do Ceo, ainda que seja tam grande como Joaõ, póde sahir deste caso, senaõ vencido. A Saõ Joaõ nam lhe faltou o animo para o martyrio, mas faltou-lhe o martyrio para o animo. Elle naõ faltou ao tyranno, mas o tyranno lhe faltou a elle. E ao animo de Xavier que lhe aconteceo? Faltãdo-lhe o martyrio, nam lhe faltou o martyrio: & faltãdo-lhe o tyranno, nam lhe faltou o tyranno; porq̃ elle foy o Martyr, & elle o tyranno de si mesmo: elle foy o que padeceo o martyrio, & elle o que martyrizou: elle foy o que derramou o sangue, & elle o que o fez derramar.

Lucrecia (para que nem na gentilidade nos fiquem os mayores exemplos) Lucrecia foy taõ hõrada Matrona, & tam Romana, que por huma violencia que padeceo em sua honestidade, se atravessou com hum punhal a si mesma. Valente acçam! mas vagarosa. Tardaste Lucrecia, diz Agostinho: Esse sangue que derramaste havia de ser antes da mancha, & naõ depois. Assim foy o sangue de Xavier naõ derramado em vingança da honestidade rendida, & afrontada, mas em defensa da castidade inteira, & vẽcedora. E por isso verdadeiro defensor da Fè, que devia a Deos, & verdadeiro Martyr da castidade. O mayor louvor q̃ se disse da castidade foy aquelle de Santo Ambrosio: *Nec ideo laudabilis virginitas, quia in martyribus reperitur, sed quia ipsa Martyres facit.* Naõ merece o mayor louvor a castidade, porque se acha nos Martyres, senaõ porque ella os faz. Assim como a Fè tẽ os seus Martyres, assim a castidade tẽ tambem os seus: mas com huma differença, que no

marty-

martyrio da Fè, a Fè he a defendida; no martyrio da caſtidade, a caſtidade he a tyranna, ella he a que martyriza a carne, & ella he a que faz os Martyres: *Ipſa Martyres facit.* Mas entre os Martyres que faz a caſtidade, o martyrio de Xavier foy perfeitiſſimo, porque foy Martyr com ſangue. Os outros martyrios deſta virtude, poſto que ſempre bellicoſa, ſaõ commummente metaforicos, & incruentos; porèm o de Xavier foy martyrio verdadeiramente cruento, & por iſſo perfeitiſſimo com todos os eſmaltes de Martyr. Naõ diga logo Xavier que naõ foy Martyr, nem nòs creamos ao depoimento de ſua modeſtia, ſenam ao teſtimunho de ſeu ſangue. Sem eſte ſangue entrou na batalha Virgem, & com a vitoria delle ſahio Virgem, & Martyr. Entrou com huma coroa, & com huma palma, & ſahio com duas palmas, & com duas coroas: huma coroa de açucenas, & outra coroa de rubìs: huma palma de Virgem, & outra palma de Martyr: *Quia ipſa Martyres facit.*

Mas entre jà Saõ Paulo, que ha muytò eſpera, mas naõ a vencer, como os demais, ſenão a acrecentar coroas. Huma batalha ſemelhante à de Xavier teve o Apoſtolo Saõ Paulo, que deſcreveo deſta maneira: *Ne magnitudo revelationũ extollat me, datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ, Angelus Satanæ, qui me colaphizet:* Para que a grandeza das revelaçoens me nam deſvaneceſſe, deo-me Deos hũ eſpirito de Satanàs, que eſtimulâdo minha propria carne, ſe rebella contra mim, & me dà de bofetadas. O modo com que reſiſtio a eſta tentaçaõ o Santo Apoſtolo, foy pegar das armas da oraçaõ, proſtrarſe diante de Deos, pedirlhe muytas vezes ſua graça: *Propter quod ter Dominum rogavi;* & com ella ſahio vencedor. Mas ainda que ſegundo as Leys de Deos fez o Apoſtolo o que

2 Cor. 12 7.

devia, segundo as Leys do mundo, pòde dizer o mesmo mundo que nam ficou gentil-homem Saõ Paulo. Todos sabeis melhor que eu, que hum homem, a quem deraõ huma bofetada, ainda que tirasse pela espada contra seu inimigo, se naõ chegou a lhe tirar sangue, naõ ficou desafrontado, haveis de ferir necessariamente a quem vos afrótou, porque a mancha de huma bofetada no rosto só com o sangue de quem a deo, se lava. Afrontado ficou logo Sam Paulo nas Leys do mundo; porque elle confessa que seu corpo estimulado pelo demonio lhe deo de bofetadas: *Stimulus carnis meæ, qui me colaphizet.* E ainda que tirou tres vezes pela espada da oraçaõ, nam chegou a lhe tirar sangue. Assim se sahio Saõ Paulo desta pendéncia: porèm nosso Dom Francisco de Xavier (day-me licença que o nomee assim neste passo, que a gẽtileza de huma acçaõ tam galharda mais me parece nascida dos brios de Cavaleiro, que das obrigaçoens de Religioso.) Sam Paulo como Religioso resistio có oraçoens: Xavier como Cavaleiro brioso, & alentado, com o sangue de seu inimigo tomou a vingãça de seu aggravo: que onde as tentaçoens saõ bofetadas, feridas haõ de ser a resistencia. O mesmo Sam Paulo, ainda que seja contra si, nos ha de illustrar o passo.

Escreve o Sãto Apostolo aos Christãos da primitiva Igreja em Jerusalẽ, diz-lhe assim no capitulo doze: *Nõdum usque ad sanguinem restitistis adversus peccatum repugnantes:* Naõ cuideis que fazeis muyto em servir a Christo, & guardar, & sustentar sua Ley pontualmente, que ainda naõ resististes contra o peccado atè derramar sangue. Atè derramar sangue? E quem vio nunca, nẽ leo este genero de resistencia contra o peccado? Nas materias da Fè sim, como diz Saõ Pedro: *Cui resistite fortes in Fide.* Mas na da casti-

Hebr. 12 4.

1. Petr. 5. 9.

castidade; qual esta era? Mais parece que alludio aqui Sam Paulo a alguma das revelaçoẽs em que fallava, que à obrigaçam do preceito. Digamos pois que tinha diante dos olhos o Santo Apostolo a seu grãde imitador Francisco, Apostolo tambem das Gẽtes, & admirado de tal modo de resistir, alludio a esta futura maravilha, & deo em rosto com ella aos primeiros Athletas da christandade, como se dissera: Naõ cuideis Christãos primitivos, que fazeis demasiado em perseverar constantes, & resistir, como resistis, que virà tempo, em que haja hum homem no mundo, que resistirà às tentaçoens do demonio com o sangue das proprias veas, o que vòs ainda naõ fizestes: *Nondum usque ad sanguinẽ restitistis.* Isto disse Sam Paulo àquelles primeiros Christãos, & o mesmo digo eu a Saõ Paulo. Sagrado Apostolo, *Nondum usque ad sanguinem restitistis*: se dizeis que vos deo as tentaçoens Deos, para que as revelaçoens do terceiro Ceo vos nam desvanecessem: *Ne magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis*: sabey, & perdoayme, sabey que naõ sò tendes occasiam de humildade nas tentaçoens, senaõ ainda nas resistencias: pòdem-vos humilhar as tentaçoens, porque nellas vedes que sois homem como os outros homens; & podem-vos humilhar tambem as resistencias, porque nellas vereis que com seres taõ Gigante, naõ chegais a igualar os hombros, nem podeis medir a espada cõ hum homem, que sendo como vòs de carne, resistio contra o peccado atè derramar sangue; façanha que nunca fizestes: *Nondum usque ad sanguinem restitisti.* Comparado com outros Santos, bem se pòde gloriar de seu valente resistir quem era taõ Santo, que se gloriava nas suas fraquezas: *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis.* Mas comparado com Xavier, 2. Cor. 12 9.

sem aggravo podemos cõtar ao mesmo Saõ Paulo, & aos outros no numero dos que elle com a cota de hum ainda naõ, *nondum*, excluhio da ultima palma da resistencia.

E senam, diga-o por todos Job, & logo ouviremos a Deos a razaõ, porque Job o pòde dizer por todos. Prudencia he naõ só politica, senam Evangelica, antes de chegar a combate com o inimigo, medir as forças proprias com as suas; & conforme a proporçam de hũas, & outras, ou aguardar a batalha de perto, ou pedir partidos de longe. Que Rey ha, diz Christo, que havendo de pelejar de poder a poder com outro Rey, naõ considere primeiro, se he bastãte o seu para lhe resistir? & quãdo conhece que as suas
Luc.14 32| forças saõ desiguaes: *Adhuc illo longe agente, legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt*: naõ espera o combate, nem deixa chegar o inimigo, mas estando elle ainda longe, manda seus Embaixadores a pedir-lhe paz, & rogar-lhe com partidos. Assim o fez aquelle grande Rey Job, mayor por sua constancia, & fortaleza, que por seu Imperio. Considerou a guerra que faz a carne contra o espirito, & as resistencias que deve fazer o espirito à carne: *Caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem.* Considerou as forças deste poderoso inimigo, & medio-as com as suas; & que resoluçam tomou? O mesmo Job o diz, que eu naõ lho levãto: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de Virgine*: Fiey taõ pouco de minhas forças, diz Job, para esperar, & resistir os assaltos de taõ bravo, taõ insolente, & tam vitorioso inimigo, que vim a tomar o conselho que tomam os que se vem totalmente faltos de resistencia. E para que ficasse afastado muyto longe de mim, & nem por pensamento chegasse a me dar batalha, *ne cogitarem*, abati as armas, pedi quartel,

Gal.5. 17.

Job. 31. 1.

tel, rendime a partido, *pepigi fœdus*. Pois a partido se rende Job, aquelle com quem Deos desafiava o in-
Job. 1. 8. ferno? *Nunquid considerasti servum meum Job?* O valentaõ de Deos, a ronca do Paraiso pede quartel? Sim, Senhores, diz Saõ Gregorio Papa. Póde tanto a força brandamente violenta de hum pensamento molesto, & importuno, que humilha as resistencias do mayor Capitaõ nesta milicia.

Ainda Job naõ estava tentado, nem combatido, ainda a tentaçaõ lhe naõ tinha tirado pela capa, como Joseph, nem lhe tinha posto as mãos afrontosas no rosto, como a Paulo, & sem mais que a imaginaçaõ, ou aprehensaõ de hum pensamento ao longe, estava taõ aslombrado aquelle coraçam invencivel, que rendido só da opiniam do perigo, desconfia da vitoria, recusa a batalha, capitùla sugeiçoens, & salva a vida a partido. Ah Divino Xavier, que grande sois, & quanto campeam vossas grandezas à vista das dos outros Santos! Perdoe-me a Corte do Ceo, perdoem-me os Bemaventurados da Gloria, que suas façanhas por grandes que sejaõ, parecem sonhos de vossas verdades, & as verdades de vossos sonhos saõ assombro de suas façanhas. Joseph acordado foge, Paulo acordado pede paz, Job acordado rende-se a partido: & Xavier dormindo peleja, dormindo vence, dormindo triunfa. Vindo o demonio de correr todo o mundo: *Circuivi terram, & per-* Job. 1. 7. & 8. *ambulavi eam*: perguntou-lhe Deos se vira là a seu grande servo Job, & se reparàra bem que não havia no mundo homem semelhante a elle: *Nunquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra?* Olhay quanto vay de tempos a tempos, de homens a homens, & de Santos a Santos. O mesmo Job comparado com os outros homens, naõ tem semelhãte, comparado com Xavier

naõ tem semelhança. Esse Job, o mayor que todos os homens, rende-se a hum pensamento, pede quartel, comete partidos, *ne cogitarem*: mas a fortaleza, a cõstancia, o animo, o brio, o valor de Xavier naõ se humana a tregoas, naõ se humilha a concertos; a ferro, & a sangue peleja; a ferro, & a sangue vence; ou por melhor dizer, naõ vence a ferro, & a sangue, senam a sangue sem ferro, que he muyto mais.

VI.

ATègora cõsideramos este grande caso por fóra, o sono, a tentaçaõ, a resistencia, o sangue: agorá he necessario que penetremos o interior de tudo isto, & veremos o que teve de fino, de alto, de heroico, de sublime o espirito incõparavel de Xavier. Agora quizera pedir outra vez a graça, mas por vos naõ descompor a attençaõ, contẽtome com vola tornar a pedir. Resistio Xavier à tentaçaõ derramando sangue; sim; mas que instrumento foy o que lhe arrancou das veas esse sangue? Naõ podemos negar que outros muytos Santos vencèram semelhantes tentaçoens cõ o sangue das proprias veas. Demos o seu a seu dono. Hum Patriarcha Saõ Bento, que entre as silvas, & espinhos buscou a Rosa da castidade: hum Sam Jeronymo, que com huma pedra feria os peitos, atè os deixar em carne viva, para mortificar a carne: hũ Sam Domingos, q̃ se disciplinava cõ cadeas de ferro para domar a rebeldia do corpo: hum Sito Aniano, que chegou a arrãcar os olhos, porque forão complices de hum pensamento. O outro Santo que cortou huma mão: o outro que cuspio fóra a lingua. Todas estas façanhas deixàrão os Santos vivas nos annaes da santidade para perpetua admiração dos seculos: mas todas estas resistẽcias comparadas com as de Xavier reconhecem nelle muytas venta-

ventagens; porque os outros pelejárão a ferro, & sangue, Xavier a sangue sem ferro, que he, como dizia, muyto mais. Nam sey se imagino bem.

Seis vezes derramou Christo seu precioſiſſimo sangue: (já não acho comparaçoens nos Santos do Ceo, nem da terra, he força buſcalas no Santo dos Santos, & na fonte da meſma Santidade) derramou Christo seu precioſiſſimo sangue na Circuncisam, no Horto, nos açoutes, na coroação, na Cruz, & na lançada. Saybamos: & de todo este sangue tantas vezes, & por tantos modos derramado, ouve algum que tiveſſe alguma excellencia, alguma ventagem, alguma prerogativa, ou quando menos alguma differença, pela qual mereça ser estimado, honrado, & venerado com mais particular amor, com mais particular devação, com mais particular affecto? Toda a Theologia miſtica, que he a que mais alcança de Deos, reſponde que sim; & dà esta excellencia, & prerogativa ao sangue que Chriſto derramou no Horto. Mas porque? Que mais teve o sangue do Horto, que o da Cruz, que o da columna, que o da Coroa de espinhos, & mais tormentos? Hum, & outro estava unido hypoſtaticamente ao Verbo, hum, & outro era precioſiſſimo, & de valor infinito, hum, & outro foy derramado livre, & espontaneamente, & se a algum se attribue mais particularmente o myſterio de noſſa redempçáo, he ao sangue da Cruz. Pois logo que mais teve o sangue do Horto para ser tão admirado, tão encarecido, & com tão extremo estimado? A razão deo estremadamente o doutiſſimo Salmeirão: *Quamquam omnis Chriſti ſanguis ſit immenſi valoris, iſte tamen, quia non inciſa ejus carne per flagella, per ſpinas, per clavos, nec lanceam, ſed ſponte effluxit, in magno honore eſt à nobis habendus.* He verdade que todo

do o ſangue de Chriſto era igual ſem ventagem na infinidade do preço; mas o ſangue do Horto teve huma circunſtancia ſuperior, pela qual merece particular veneração, honra, & affecto, que he o haver ſido mais generoſa, mais liberal, & mais fidalgamente derramado: porque o ſangue da Payxão teve neceſſidade de cravos, de lança, de açoutes, de eſpinhos para o derramarem; porèm o ſangue do Horto, elle por ſi rebentou das veas ſem mais violencias que as do proprio coração, do proprio amor. Foy o ſangue do Horto como o precioſo licor da myrrha a que chamão primeira, o qual por ſi meſmo brota, & ſe eſtila, & ſúa da arvore, ſendo o da Payxão como o da myrrha ſegunda, que não ſae ſenão eſpremido por arte, & como por força, depois de picado, & raſgado o tróco cõ ferro. E tal he a differença do ſangue de Xavier neſta occaſião comparado com o dos outros Santos. O ſangue dos outros Santos, não digo que foſſe mais tardo, ou menos fervoroſo, mas forão neceſſarios inſtrumentos exteriores, & violentos para o derramar: porèm o ſangue de Xavier com impetos de mais acelerado, & ardente, & como mais fino, & mais adelgaçado no fogo do amor, elle por ſi ſe desfechou das veas. O ſangue de Saõ Bento foy como o ſangue da coroação de Chriſto, que o tiràrão os eſpinhos: o ſangue de Saõ Domingos foy como o da columna, que o tiràrão os açoutes: o ſangue dos outros Santos foy como o ſangue do lado, das mãos, & dos pès, que o tiràrão os cravos, a lança, & outros inſtrumentos de ferro; mas o ſangue de Xavier foy como o ſangue do Horto, que o tirou a força do Amor Divino, ſem outro exterior inſtrumento; & por iſſo mais calificado na meſma igualdade, mais admiravel, & amavel nella.

Ora já que aqui chegamos, conſideremos que violen-

violencias interiores fizerão suar sangue a Christo, porque visto a taõ grandes luzes, teremos muyto que admirar no sangue de Xavier. As causas do suor de sangue de Christo, dizem ordinariamente os Santos, & Doutores q̃ foraõ duas. A primeira, conforme Saõ Justino, & Theofilato, foy a viva cõsideraçaõ da morte propinqua, & dos tormentos que havia de padecer. Aprehendeo o Senhor em seu entendimento as dores, as penas, as injurias, as afrontas, & o rigor da morte q̃ naquelle dia o esperavaõ; & foy taõ aguda, & penetrante esta imaginação, que começou a Humanidade Sagrada a agonizar mortalmente, & a suar sangue: *Factus est sudor ejus tanquam guttæ sanguinis decurrẽtis in terram.* Luc 22. 44. Ah glorioso Xavier, que a grandeza de vossas acçoens me vay quasi tirando do assumpto que prometi! Mas exceder os limites da prova, antes he aperfeiçoar a promessa. Veyo-me ao pensamento dizer que fostes mayor Santo dormindo, q̃ os outros Santos acordados. Mas naõ me atrevendo a tanto, só prometi que diria o q̃ pudesse provar. E neste passo, se bem se consideraõ as circunstãcias delle, parece que excedem vossas obras, & maravilhas não só às dos outros Santos, senaõ ainda às do mesmo Christo. Nam cuide algum escrupuloso que me atrevo demasiadamente, que a grãdeza verdadeira he muyto confiada, & o mesmo Christo nos deo licença para fallarmos assim. *Qui credit in me*, diz o Senhor por Saõ Joaõ no capitulo 14. *opera, quæ ego facio, faciet, & maiora horum faciet.* Os que crerem em mim, & me servirem, faraõ as obras que eu faço, & ainda mayores. Nam quer dizer que seraõ mayores na sustancia, nem no valor, que o das obras de Christo sempre he infinito, & o das puras creaturas limitado; mas nas circunstancias, & no modo, diz o Joan. 14. 12. mes-

meſmo Senhor, & Redemptor dos homens, que pòdem os homens fazer acçoens tam heroicas, & levantadas, que comparadas com as ſuas, as igualem, & ainda as excedaõ. Neſte ſentido falla; & neſte me parece que a acçaõ, & maravilha do ſangue de Xavier derramado em tal occaſiáõ, excede a do meſmo ſangue de Chriſto ſuado no Horto. Chriſto ſuou ſãgue no Horto, porque ſe lhe repreſentàram os tormentos da morte: Xavier ſuou ſangue na tentaçam, porque ſe lhe repreſentàraõ as delicias da vida. Huma, & outra aprehenſam foy vehemente: huma, & outra imaginaçaõ fez cauſa, mas os effeitos foraõ muyto mais admiraveis em Xavier: porq̃ a Chriſto fello derramar ſangue a imaginação dos tormẽtos; masa Xavier a imaginação das delicias. Que a imaginação dos tormentos tiraſſe ſangue a Chriſto, não he maravilha, que exceda os limites da razão: os tormentos, ainda que imaginados, ſempre ſaõ repugnantes à natureza: porèm que a imaginação dos deleites, & das delicias, que tão conformes ſaõ à humanidade, lhe fação rebentar o ſangue das veas, como ſe fõrão verdadeiros tormentos, eſta he a maravilha das maravilhas, eſte he o paſmo dos paſmos.

O meſmo Senhor, que tanto quiz honrar a ſeu ſervo, nos ha de ſubir de ponto eſte penſamento. Quando a Magdalena ungio a Chriſto com aquelle precioſo unguento, murmuràrão os Diſcipulos de que aceitaſſe ſemelhante regalo quem lhe fazia tantas exhortaçoẽs da mortificação: acudio porèm o Senhor com aquellas tam ſabidas palavras: *Mittẽs hæc unguentum hoc in corpus meum, ad ſepeliendum me fecit*: Que não eſtranhaſſem admitir em ſeu corpo aquelles unguentos, porque o ungia a Magdalena para a ſepultura. Para a ſepultura? Pois como? Se Chriſto Matth. 26. 12.

to estava vivo, como diz, & se pòde verificar que o ungia a Magdalena para a sepultura? O Cardeal Caietano o disse, & com bem aguda advertencia : *Constat quod cadaveri non adhibetur unguentum ad delicias. Itaque utebatur Dominus ista unctione sine omni sensualitate, sicut cadaver, quod ungitur, ut sepeliatur.* Dizer Christo que a Magdalena o ungia para a sepultura, foy significar, diz Caietano, que estava seu corpo taõ mortificado, & insensivel na vida, como se jà tivera passado por elle a morte : como se dissera o Divino Senhor: Ainda que aceito, ou naõ resisto estes unguentos da Magdalena, naõ me tenhais, Discipulos meus, por regalado, & delicioso; porque haveis de saber que està taõ mortificado, & tão morto este corpo que vedes, que as delicias em mim naõ saõ delicias, & estes unguentos da Magdalena mais os recebo como ceremonias de morto, que como regalos de vivo. Assim como os defuntos que vaõ a enterrar, nenhuma deleitaçaõ recebem nos unguentos com que os ungem, porque a morte os fez insensiveis; assim està tão morta, & taõ mortificada minha humanidade, que não sente mais deleitação nestes unguentos preciosos, que se a Magdalena me ungìra para a sepultura: *Ad sepeliendum me fecit.* Atèqui encareceo Christo a mortificaçam de seu corpo Sagrado: mas a de Xavier, se bem advertirdes, ainda a temos mais encarecida nesta acçam: *maiora faciet.* No corpo de Christo chegàrão as delicias a não ser delicias: no corpo de Xavier passárao as delicias a ser tormentos. Em Christo chegàram as delicias a naõ ser delicias, porque não obravaõ como delicias, nem causavaõ deleite: em Xavier passáram as delicias a ser tormentos, porque obravaõ como tormentos, & chegavaõ a tirar sangue. Ha mais grandeza? Ha mais excellencia?

Ha

Ha mais maravilha? Ainda ha mais.

A segunda cauſa que fez ſuar ſangue a Chriſto no Horto, dizem os Santos mais conformemente que foy a aprehenſaõ de todos os peccados do mundo. Conſiderou o Redemptor o numero ſem numero de peccados preſentes, paſſados, & futuros, com que os homens offendèrão, & haviaõ de offender a ſeu Eterno Padre, & foy tão grande a dor que concebeo em ſeu coração, que entrou naquellas anſias, & agonias mortaes, que ſe deſafogàrão em ſuores de ſangue. Tal o noſſo Franciſco Xavier. Foy-lhe tão penoſo tormento aquella imaginação, ou repreſentaçam huma, material, & informe, ſó porque coſtuma ſer materia de peccado, & offenſa de Deos, que de pura afflicção, & anſia lhe rebentou o ſangue das veas. Mas niſto meſmo teve circunſtancias tantas, & taes, que à viſta da imaginação do meſmo Chriſto no Horto, ſubìram grandemente de ponto eſta heroica acçam. Chriſto ſuou lagrimas de ſangue pela aprehenſaõ de todos os peccados do mundo: Xavier pela de hum ſó peccado. Chriſto por peccados de penſamentos, palavras, & obras: Xavier por hum peccado de penſaméto. Chriſto por peccados reaes, & verdadeiros: Xavier por hum peccado imaginado. Chriſto por peccados que erão, forão, & havião de ſer: Xavier por hum peccado que nem era, nem fora, nê havia de ſer, ſenão ſó porque podia ſer peccado. Tão amava Xavier a Deos, que obravam nelle as poſſibilidades de huma offenſa ſua, o que em Chriſto as exiſtencias de todas.

VII.

MAs ſe neſte caſo não havia peccado: apertemos bem o pôto. No ſono não ha livre alvedrio, ſem livre alvedrio nam ha peccado: logo ſuppoſto que Xavier eſtava dormindo,

do, naõ só não era peccado aquelle penſamento, mas nem o podia ſer. Pois ſe naó podia ſer peccado, porque lhe reſiſte Xavier tanto à ſua cuſta? Porque era Xavier. Não lhe acho outra razaõ. E ſenaõ, vede as razoens porque os outros Santos reſiſtìraõ. Reſiſtio Joſeph tão reſolutamente como vimos: & porque? Por temor do peccado. Elle meſmo o diſſe: Geneſ. 39. 9. *Quomodo poſſum hoc malum facere, & peccare in Deum meum?* Reſiſtio Suſana ainda com mayor vitoria, ſendo mulher, porque reſiſtio contra a morte, & contra a honra: & porque? Por temor do peccado. Ella o Daniel. 13. 23. diſſe tambem: *Melius eſt mihi incidere in manus veſtras, quàm peccare in conſpectu Domini.* E porque nos não faltem, ou porque não pareça que fugimos os exemplos dos que derramàrão ſangue, entrem de huma vez todos os Martyres. Reſiſtìrão os Martyres valeroſamente, padecèrão os tormentos, deraõ a vida, derramàram o ſangue: & porque? Ainda que foy por amor da Fè, em todos concorreo o temor do peccado, como gravemente põdera Santo Ambroſio: porque a todos poem o tyranno entre a coroa, & o ſupplicio: a todos ſe poem o Ceo, & o inferno à viſta: a todos ſe manda eſcolher neſte terrivel dilema, ou ſer Martyr perdendo a vida, ou ſer Apoſtata perdêdo a Fè. Nada diſto havia no caſo de Xavier; porque naõ havia peccado, nem temor de peccado, nẽ poſſibilidade de peccado. Se aquelle penſamento fora, ou podèra ſer peccado, naó he muyto que lhe reſiſtìra qualquer Santo, & ainda qualquer Chriſtão atè derramar ſangue, que eſſa he a obrigaçaõ da Ley de Deos, naõ conſentir no peccado, ainda que cuſte a vida: mas nam ſer aquella imaginação, nem poder ſer peccado, & com tudo reſiſtir-lhe com tanta violencia, ſó porque tinha parenteſco com outras imaginaçoens

que

que costumaõ ser peccado; isto sim, que he a verdadeira santidade: nam resistir pelo perigo da conciencia, senão pelo amor da virtude.

Huma das mais louvadas façanhas de toda a Escritura, he a generosidade de David com que tendo a seu inimigo debaixo da lança, lhe naõ quiz tirar a vida. Esta he a circunstância que todos louvaõ: mas quanto a mim nam esteve nisto a fineza. Pois em que esteve? Esteve em que podendo ter a satisfaçam de vingado sem a culpa de homicida, perdoou, nam por temor do peccado, senam por amor da virtude. Deos tinha dado licença a David para que podesse matar a Saul, se quizesse, & assim lho lembràram naquella occasiaõ os companheiros: 1.Reg. 24 5. *Ecce dies, de qua locutus est Dominus, tradam tibi inimicum tuum, ut facias ei sicut placuerit in oculis tuis*: Chegado he, Senhor, o dia que Deos vos tinha prometido: matay a vosso inimigo, pois Deos volo entregou nas mãos. Demaneira q̃ tinha David licença de Deos para tirar a vida a Saul, & o podia matar, como Ministro do mesmo Deos, sem peccar, assim como os Ministros de Justiça matraõ homens sem peccado. Pois aqui esteve o fino desta famosa acçaõ de David: se matar a Saul fora peccado, nunca o fizera David, porque era Santo; porèm que podendo David ter a satisfaçaõ de vingado sem a culpa de homicida, que quizesse com tudo perdoar a seu inimigo, & tal inimigo; isto sim, que he verdadeira acçam de grãde santidade naõ obrar a virtude por temor do peccado, senam a virtude por amor da virtude. Tal Xavier. Estava livre de offender a Deos pela impeccabilidade do sono: & podendo lisongear a imaginaçaõ sem manchar a conciencia; repugnou, & resistio atè derramar sangue, defendendo fiel, & generosamente naõ a castidade por

por temor da impureza, ſenaõ a caſtidade por amor da caſtidade.

Mas cuidarà alguem que ficou igualmente gentil-homem David, & que correo parelhas com Xavier neſte caſo. Ora vede no meſmo caſo quanto ficou David atraz. Diz o Texto: *Poſt hæc percuſſit cor ſuum David:* que depois deſta acçaõ lhe bateo o coraçam no peito a David, & que lhe remordeo a conciencia. Pois a conciencia de que? ſe David tinha feito hum acto taõ ſingular, & heroico, & ſe tinha portado em tal occaſiaõ de vingança tam pio, tam modeſto, tam religioſo, & ainda tam reverente a ſeu inimigo? Iſto he o que foy no fim da tentaçam, mas nam o que tinha ſido no principio. O meſmo David o diſſe logo a Saul: *Cogitavi ut occiderem te, ſed pepercit tibi oculus meus.* A primeira reſoluçaõ de David, quando vio a Saul ſó, & ſem defenſa, foy cozelo alli a punhaladas, & matalo, como lhe diziam os companheiros; mas depois que cõſiderou, depois que diſcorreo, depois que abrio os olhos para ver o muyto que havia que ver, & ainda que chorar naquelle caſo, abſteveſe David da execuçam, perdoàram ſeus olhos a Saul, como elle diz: *Pepercit tibi oculus meus.* Deſorte q̃ toda eſta grande façanha de David foy vitoria cõ quèda; primeiro a tẽtaçaõ o derrubou a elle, & depois elle derrubou a tentaçaõ: primeiroſe quiz vingar, & depois perdoou: primeiro foy vencido, & depois venceo. Antes bem conſiderado o procedimẽto, ou o proceſſo de toda eſta acção, ſe pòde duvidar, ſem aggravo de David, ſe mereceo nome de vitoria, porque nam foy reſiſtencia da tentaçaõ, ſenão emenda do arrependimento. Deliberou a morte de Saul, & depois arrependeo-ſe: cegou-ſe, & depois abrio os olhos: *Pepercit tibi oculus meus.* Nam aſſim Xavier. David conſentio, &

& cahio no penſamento; Xavier ſempre reſiſtio cõſtante: David deliberou ſe a derramar o ſágue alheyo; Xavier nam duvidou de derramar o proprio: David perdoou, mas tarde, a ſeu inimigo; Xavier nam tardou hum inſtante em ſe nam perdoar a ſi meſmo: David vencido venceo-ſe, mas depois que abrio os olhos: *Pepercit tibi oculus meus*; Xavier venceo-ſe invencivel, eſtando com os olhos fechados: finalmente David em materia onde podia não haver peccado, teve de que fazer penitencia: *Percuſſit David cor ſuum*; Xavier onde não ouve de que fazer penitẽcia, nẽ era poſſivel haver peccado, executou o mais cruento, & o mais rigoroſo caſtigo contra ſeu proprio corpo.

Agora vejo que me perguntam q̃ caſtigou Xavier, ſe aqui não havia peccado, nem offenſa, nem injuria de Deos? Nam havia offenſa, nẽ injuria de Deos, mas havia offenſa, & injuria ſua, & eſſa caſtigou Xavier. Os homens de bem haõ de regular ſuas acçoẽs por duas Leys, pela Ley de Deos, & pela Ley de quem ſaõ. Onde ha offenſa de Deos, haõ de temer offender a Deos; & onde naõ ha offenſa de Deos, haõ de temer offender-ſe a ſi. Iſto he o que altamente chamou Seneca Reverencia de ſi meſmo: *Cum jam profeceris tantum, ut ſit tibi etiam tui reverentia.* Mas ſe em ſi meſmo tudo o que aqui ouve (como acabamos de dizer) naõ foy mais que hum penſamento taõ leve; que he o que vinga, que he o que deſafronta, que he o que caſtiga Xavier? Atè a ſoberba humana, em que a honra, & a vingança tem tantos pontos, & eſta tanto em ſeu ponto, não vinga imaginaçoens, nem caſtiga penſamentos. Caſtigar penſamentos he regalia tão propria, & tão unicamẽte ſingular da Divindade, que nẽ à ſua meſma Eſpoſa a communica Deos, ſegundo aquelle Canon:

non: *Ecclesia non judicat de internis.* Que diremos logo desta acção de Xavier? Diremos que a pureza de seu corpo, & Alma das suas portas a dêtro se trata com pûdonores de Divina, dos quaes resultão fóra estes extremos? Eu naõ sey que cousa semelhante reprehêdeo Deos em Job, quando lhe Disse: *Si habes brachium sicut Deus, & si voce simili tonas.* Com tudo nem por isso me retrato do que inferia dos pundonores de Xavier, como Divinos; antes affirmo que quem assim o disser, não dirà mais do que he, senão menos. Para Deos se dar por offendido, & castigar pensamentos, não basta que nos viesse à imaginação hum pensamêto mào, mas he necessario que deliberadamente consintamos nelle, porq, *Non nocet sensus, ubi non est consensus.* Porèm no juizo de Xavier, para elle se offender, & castigar hum pensamento, basta que de sua natureza seja mào, ainda que não fosse consentido, como aqui não foy. Donde se segue, que em materia de offensas de Deos, ou suas, mais estreito he o juizo de Xavier, que o de Deos, pois no mesmo caso em que a reverencia de Deos se nam offendia, a pureza de Xavier se deo por offendida. Tão delicados, & escrupulosos erão os primores da sua pureza, ainda examinada aos rayos da Divina.

Job 40. 4.

Chegado aqui, nam tem mais para onde subir o nosso discurso. Mas quem decer com a memoria pelos quatro degràos delle, em todos acharà que este só caso lhe deo muyto que deixar impresso na admiração. Primeiro, que sem acordar Xavier, se portasse taõ acordado: segundo, que sendo a materia tão grosseira, obrasse nella tantas finezas: terceiro, que nam tẽdo o inimigo carne, nem sangue, a batalha fosse sanguinolenta: quarto, que em taõ arriscada, & difficultosa empreza se alcançasse a vitoria sem as armas nas mãos: & seja o quinto, &

ultimo, que nam só sem armas nas mãos, mas sem mãos, porque estavaõ atadas. Vio Nabucodonosor em sonhos aquella estatua mysteriosa de metaes, que tinha a cabeça de ouro, o peito de prata, da cintura aos joelhos de bronze, dos joelhos aos pès de ferro; & vio mais que deceo huma pedra do monte, que tocando-lhe nos pès, q eram de barro, deo com toda aquella machina em terra. Cõpara esta pedrada Drogo Hostiense com a que David atirou ao Gigante: & diz que esta victoria foy mayor, & mais digna da Omnipotencia Divina: *Factus est lapis, & percussit Goliam in fronte, statuam in pedibus: iste jactus tuus Domine.* Pois se a estatua de Nabucodonosor era huma fabrica morta, ruinosamente fundada em pès de barro, & o Gigante de David era hum Colosso vivo, hũa pyramide animada, huma torre cuberta de ferro, como foy esta victoria menos admiravel que aquella? Dà a razaõ o mesmo Drogo Hostiense tirada da Escritura: *Quia iste lapis abscissus est sine manibus*: Porque a pedra que derrubou a estatua, como diz o Texto, foy atirada sem mãos: a pedra que derrubou o Gigante foy meneada pelas mãos de David, que volteou a funda, que disparou o tiro; porèm a pedra que derrubou a estatua, foy despedida sem impulso, & atirada sé mãos: *Abscissus sine manibus.* E assim ainda que a estatua era morta, & o Gigante vivo, mayor victoria foy derrubar a estatua, que derrubar o Gigante; porque o Gigante foy vencido com mãos, & a estatua sem ellas. O mesmo passa nesta victoria de Saõ Francisco Xavier comparada com os outros Santos. Jà sabeis que em quanto hum homem està dormindo tẽ as mãos do livre alvedrio atadas. He verdade que pòde merecer, & desmerecer pelos actos, ou habitos antecedentes, mas a vonta-

de,

de, & livre alvedrio, que saõ as mãos com que obra nossa Alma, estaõ atadas nas prizoens do sono. Pois por isso he muyto mayor a vitoria de Xavier, que a dos outros Santos; porque ainda que os inimigos fossem igualmente poderosos, elles pelejàraõ acordados, Xavier pelejou dormindo: elles vencèraõ com as mãos do alvedrio livres, Xavier com as mãos atadas: elles cõ mãos, Xavier sem mãos: *Sine manibus.*

Quando os Filisteos quizeraõ matar a Samsaõ, pediraõ a Dalila que o atasse primeiro, & lho tivesse seguro. Feito ella assim escolhidamẽte, naõ sey porque interesses, & diz o Texto que o atou com sete ataduras fortissimas. Eis aqui, Senhores, quem tendes em vossa casa, quem sustentais à vossa custa, & com o vosso paõ, quẽ vos ata as mãos, & os pès, para que vos naõ possais defender de vossos inimigos, contra todo direito natural. Mas o valente Samsaõ naõ se levou desse erro; tanto que vio a occasiaõ, quebrou as ataduras, saltou do lugar onde dormia, & derrocou-os a todos. Pois valeroso Samsaõ, para que vos soltais, porque quebrais os laços, porque vos naõ deixais estar prezo nelles? Naõ fora muyto mais glorioſa vitoria pelejar assim com vossos inimigos, & vencellos com as mãos atadas? Naõ ha duvida que muyto mais glorioſa vitoria fora: mas esses impossiveis só para Xavier estavaõ guardados. Estava Xavier dormindo, como Samsaõ, atado com sete ataduras, as cinco dos cinco sentidos, as duas do entendimento, & vontade, & quando chegou a tentaçaõ, quando chegàraõ os inimigos, naõ acordou, naõ se soltou das prizoens, deixou-se estar com as mãos do alvedrio atadas, como se differa a todo o inferno que o acometia: Chegay, chegay covardes, que Xavier para vòs naõ ha mister mãos. Assim vencestes, glorioso Soldado da Com-

panhia de JESU, assim vencestes ao mayor inimigo do genero humano, & assim triunfastes delle. Pintem-vos diversos affectos cõmo quizeré, huns apartando do peito as roupas pelo incendio Divino, outros com hum Sol abrazado na mão, porque o fostes do Oriente, & do mundo, outros com hum ramo de neve em açucenas, que saõ a palma da virgindade; que eu, se ouvesse de reduzir a breve epilogo vossas maravilhas, havia vos de pintar com as mãos atadas, & com o inferno aos pès.

CON-

CONCLUSAM AOS SONHOS DE XAVIER DORMINDO.

Se dormindo, & com as mãos atadas alcançou este novo Samsaõ da Igreja tam prodigiosas vitorias; acordado, & vigiando, que vos parece que faria? Vinham novas de grandes vitorias, & conquistas ao Emperador Timotheo, como refere Plutarco: & como nas Cortes sempre ha habilidades queixosas, & entendimentos descontentes, sahio huma noite este paschim. Estava o Emperador pintado em trajos de pescador, dormindo em huma barquinha sobre ferro; & lançadas ao mar as redes, que cercavaõ Cidades, & as nassas, pelas quaes hiaõ entrando outras que elle depois recolhia. Queriaõ significar com isto os malevolos, que naõ tinha o Emperador que se vangloriar das vitorias que alcançava; porque elle se estava muy descançado no seu Palacio, como o pescador dormindo na barquinha; & as Cidades que hião entrando em seu Imperio, & acrecentando sua grandeza, aos Capitaens que as conquistavão, se devião, & não a elle. Foy levado este paschim ao Emperador, o

qual como ſabio, & confiado (que tudo he a meſma couſa) pedio a penna, & eſcreveo por baixo eſta regra: *Si tantas urbes dormiens capio quid me vigilantem facturum putatis?* Se eu dormindo venço tãtas Cidades, que vos parece que farey vigiando? O meſmo podia dizer de ſi Xavier, & o meſmo digo eu delle. Se o Evangelho, & o thema pedia que vos diſſeſſe quanto vigiou eſte grande Santo, & quam vigilante ſervo foy de Chriſto em ſua vida, olhay para elle dormindo, & veloheis. Tomar por aſſumpto a Xavier vigiando, & querer reduzir a diſcurſo as maravilhas prodigioſas que eſte ſingular Herõe obrou acordado, he empreza quaſi impoſſivel: mas das vitorias que alcançou dormindo, ſe póde fazer conceito do que venceria vigiando: *Quid me vigilantem facturum putatis, ſi tantas urbes dormiens capio?*

Conſideray, & pezay bem que he, ou que vem a ſer Xavier dormindo. Xavier dormindo nam he todo Xavier, nem ainda parte de Xavier, he hum deſmayo de Xavier, he huma ſombra, he huma eſtatua, he hum cadaver de Xavier. Pois ſe hum cadaver, ſe huma eſtatua, ſe hũa ſombra, ſe hum deſmayo de Xavier aſſim peleja, aſſim reſiſte, aſſim vence, aſſim triunfa; ſe hum Xavier ſem Xavier, ſe hum Xavier naõ em ſi, & deſacompanhado de ſi meſmo, obra taes maravilhas; Xavier acordado, Xavier vivo, Xavier todo, Xavier dentro em ſi, & Xavier comſigo, julgay o que ſeria, & o que faria? Aos Soldados mais valentes, aos Capitaens mais experimentados, & aos ſervos mais fieis, & mais cuidadoſos de ſua caſa, manda-os Chriſto vigiar, & buſca-os vigiando para os achar: mas a Xavier como mais Soldado, como mais Capitaõ, & como mais ſervo, dormindo o buſca, dormindo o tenta, dormindo o acha, dormindo o coroa.

O jui-

O juizo verdadeiro desta conjectura pertence à segunda parte no titulo, Xavier acordado. E certamente que os seus desvelos merecem melhor orador que os seus sonhos. Eu ja protestey no principio que tambem estava sonhando, quando me veyo ao pensaméto que fora Xavier mayor Santo dormindo, que os outros vigiando. O que prometi foy, que diria o que pudesse provar. Mas se provey o que disse, agora confesso que disse muyto menos do que devèra. Naõ peço porèm perdam ao Santo, porque ser elle taõ grande, assim como he gloria sua, nam póde ser culpa minha.

PREFAÇAM
AOS DESVELOS DE
XAVIER
ACORDADO.

NUnca amanheceo a Francisco Xavier no seu Oriente a Aurora, que o naõ achasse naõ só vigiando, mas desvelado. E qual era a Aurora do seu Oriente? Naõ aquella, de q̃ nasce o Sol, que allumia o mundo, senaõ a de quem nasceo à luz do mundo, o que criou o mundo, & poz nelle o Sol. Estes eraõ os seus cuydados de dia, & os seus desvelos de noite. E assim como a Aurora todos os dias abre as portas ao Sol, assim elle vigiava às portas da sua Aurora todos os dias: *Qui vigilat ad fores meas quotidie.* A Maria Senhora nossa, & Senhora, Mãy, & Protectora sua, depois de contemplar suas grandezas, cãtar seus louvores, & implorar suas misericordias no silencio da noite; para entrar, & sahir felizmente dos trabalhos, & emprezas do dia, se lhe offerecia todo. Os pensamentos a seus glorioſissimos olhos, com que está vendo a Deos, para que os dirigisse: as palavras a seu ardentissimo coraçaõ, para que as accendesse: as obras a seus poderosissimos braços, para que as confirmasse. Naquella offici-

officina do Espirito Santo se lavravaõ as virtudes, se fabricavaõ os milagres, se fundiaõ, & temperavaõ as armas para as vitorias.

Sendo tam fechados os boſques, que se haviaõ de abrir, & tam fragoſas, & incultas as terras, que se haviaõ de romper, muytos dias havia (quem tal imaginára!) que a meſma Senhora tinha guardado o metal duro, & forte, que havia de dar a materia a taõ poderoſos inſtrumentos. Quando Santo Ignacio trocou a milicia da terra pela do Ceo, ao Altar famoſo de Monſerrate dedicou o valente Capitaõ a ſua eſpada, velando aquella noite as armas, como entaõ se coſtumava em Heſpanha, & ſe ſignificava cõ eſtes termos. Muyto tempo ſe vio alli pendente aquelle nobre deſpojo da vitoria de ſi meſmo. Mas que se fez da meſma eſpada? Diz o Profeta Iſaias, & tambem Micheas, que nos tempos do Meſſias se converteriam as eſpadas em arados: *Conflabunt gladios* Iſai. 2. *ſuos in vomeres*: & aſſim o fez a ſoberana Rainha dos Anjos, diſpondo daquella offerta como ſua, & querendo que da eſpada de Ignacio se forjaſſe o arado de Xavier. Bem moſtrou depois a experiencia que ambos eſtes dous inſtrumentos eraõ formados do meſmo metal, porque tudo o que Santo Ignacio ordenava em Roma, Saõ Franciſco Xavier ditava na India, ſem se communicarem.

Mas antes que nos apartemos da forja, nam deixarei de contar aqui o que ſuccedeo tambem a Xavier na ſua converſaõ. Em quanto Santo Ignacio meditava o ſeu Inſtituto, & na Univerſidade de Paris hia eſcolhendo alguns companheiros, o que lhe levava os olhos era Dom Franciſco Xavier, o qual poèm naõ podia reduzir a que meteſſe debaixo dos pès o mundo, que o trazia nas palmas, como a fama nas linguas. Tinha porèm Xavier hum Collega dos meſ-

mesmos estudos, chamado Pedro Fabro, que jà seguia a Ignacio, & ambos finalmente conseguiram o que Ignacio só naõ podèra. Daqui se formou hum Emblema, que entre os engenhosos, & discretos, nenhum se invêtou mais proprio. Ignacio significa fogo, & Fabro ferreiro. Pintàrão pois hũa fornalha ardẽdo, & o ferreiro batendo o ferro affogueado, com a letra que dizia: *Solus non sufficit ignis.* A dureza de Xavier em ambos os estados sempre foy de homẽ de ferro: & para amoldar a dureza do ferro, naõ basta só o fogo, he necessario o fogo, & mais o fabro.

Forjado da espada de Ignacio o arado de Xavier, entaõ se vio na terra, & no Ceo aquelle impossivel do Poeta: *Terra feret Stellas: Cœlum findetur aratro*: Que quando o Ceo se lavrasse com o arado, entaõ a terra produziria Estrellas. Assim succedeo. Arava Xavier o mar com as suas navegaçoens, arava a terra com suas peregrinaçoens, arava principalmente o Ceo com suas Oraçoens: & quando as Oraçoens do Ceo se ajuntavão com as prègaçoens da terra, entaõ produzia a terra Estrellas, que mandava ao Ceo.

As que mais estimava Xavier erão as da via Lactea, que tiradas dos peitos das mãys, hião sem duvida logo a ver o Pay. Mas em todas as outras idades, & estados era com a mesma fertilidade. Os Astrologos com o nome de *Magnitudo* distinguem nas Estrellas primeira, segunda, terceira, atè sexta grandeza. E a natureza, & a fortuna fazem no mundo a mesma distinçaõ, & o mesmo numero. A natureza nas idades subindo: infancia, puericia, adolescencia, idade de Mancebo, de Varaõ, velhice. A fortuna nos estados decẽdo: Reys, Principes, Fidalgos, Nobres, Plebeos, escravos. E de todas estas idades, & estados, pela prègaçam de Xavier, nascèrão em todas as

as terras do Oriente innumeraveis Eſtrellas.

A Abraham apparecendo-lhe Deos de noite diſſe, que cõtaſſe as Eſtrellas, ſe podia: *Numera Stellas, ſi potes.* E depois de Abraham não poder contar tãtas, lhe revelou o Senhor que tão innumeravel ſeria o numero da ſua deſcendencia: *Sic erit ſemen tuum.* E ſendo as almas de innocentes, que pelo bautiſmo, & de adultos, que pela doutrina, ou mandou logo Xavier, ou poz no caminho do Ceo, como jà diſſemos, mais de hum milhaõ & duzentas mil; maravilhoſa couſa he que o numero das Eſtrellas, que deſdo principio do mundo deſcobrirão as obſervaçoens de todos os Mathematicos no Ceo, foſſem ſó mil, & vinte & duas: donde ſe convence, que combinado o numero das Eſtrellas do Ceo com o das Eſtrellas da terra, que ſaõ as almas, em dez annos podeſſe Xavier dar de ventagem, ou de barato a todos os Aſtrologos, por cada huma Eſtrella, mil Eſtrellas. Mas a mais intereſſada no exceſſo de tam grande numero he a meſma Virgem Maria, Mãy, Senhora, & Protectora de Xavier. E porque? Porque quando o ſeu ſegundo Filho Saõ Joaõ lhe naõ deſcobrio na coroa mais que doze Eſtrellas: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim:* Xavier nos ſeus deſcobrimẽtos a coroou com cem mil Eſtrellas, por cada Eſtrella. Tantas vem a ſer preciſamente no meſmo numero hum milhaõ, & duzentas mil, iſto he, por doze, doze vezes cem mil. Niſto, & no demais nenhũa couſa deve a Mãy de Deos a Xavier, ſenam tudo Xavier deſdo principio atè o fim, como elle cõfeſſava, à Mãy de Deos, & ſua. E ſe a Aurora do ſeu Oriente de noite, & dormindo o aſſiſtia cõ taõ exceſſivo numero de Eſtrellas, bem podemos eſperar, que de dia, & acordado o aſſiſta com todo o Sol.

Genes 15. 5.

Ibidem.

Apocal. 12. 1.

SER-

SERMAM PRIMEIRO.

ANJO.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

IA temos a Sam Frãcisco Xavier naõ dormindo, senaõ acordado; naõ jazendo, senam levantado; naõ parado, senaõ andando, & com hum pè sobre o mar, outro sobre a terra. Saõ estas palavras do Evangelista Saõ Joaõ; mas naõ como Evangelista, senam como Profeta. Como Evangelista, escreveo só a historia da vida de Christo; como Profeta, historiou todos os successos futuros da Igreja mais notaveis, & tal he o presente, sobre ser de nossos tempos. Já suppuz, & depois provarey a Pessoa de que falla, a qual descreve, ou pinta enigmaticamente na figura seguinte: *Et vidi alium Angelum descendentem de Cœlo, amictum nube, & Iris in capite ejus, & facies ejus erat ut sol, & pedes ejus: ã-* Apocal. 10. 1. 2.

quam

quam columnæ ignis: & habebat in manu ſua libellum apertum: & poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram. Quer dizer: Que vio decer do Ceo hum Anjo, o qual tinha os pès de fogo: que eſtes pès ſerviaõ de baſes a duas grandes columnas, ſobre que ſe movia o reſto do corpo cuberto, ou veſtido de huma nuvem: que deſta nuvem ſe levantava, ou amanhecia hum Sol, coroado com a Iris, ou Arco celeſte: que puzera o pè direito ſobre o mar, & o eſquerdo ſobre a terra: & finalmente, que o que ſuſtẽtava todo elle Coloſſo, era alvorado na maõ hum livrinho aberto.

No principio deſta deſcripçaõ diſſe o Profeta, *& vidi*, & vi; porque antes daquella viſta, ou viſaõ tinha precedido outra, ſem a qual ſenaõ póde ella entender; & foy deſta maneira. Vi, diz, que cahia do Ceo huma Eſtrella, a qual tinha as chaves do poço dos abiſmos, que he o inferno, para o poder abrir: que daquelle poço aberto ſahiraõ grandes nuvens de fumo eſpeſſo, & negro, que eſcureciaõ o Sol: & que de entre o meſmo fumo naſciaõ innumeraveis éxames ou exercitos de gafanhotos de monſtruoſas, & horriveis figuras. Os corpos eraõ de cavallos armados para a guerra, os dentes de Leoens, as caudas de eſcorpioens, os roſtos de homens, os cabellos de mulheres, & ſobre as cabeças coroas como de ouro: ſobre tudo, que ſendo gafanhotos naõ talavaõ os campos, nem ſe ſuſtentavam das ervas, & das plantas; mas toda a ſua fome, & veneno empregavaõ em atormentar os homens cõ taes dores, que elles deſejavam a morte, & a morte fugia delles.

Eſtas ſaõ as duas viſoens, tam horrenda, & temeroſa huma, como admiravel, & prodigioſa outra. E porque a que referimos em ſegundo lugar, foy a que precedeo à primeira, todos

todos os Expoſitores antigos concordaõ uniformemente que nella ſaõ ſignificadas as hereſias. E os mais modernos ajudados da experiencia dos tempos, & da ordem, & conſequencia da meſma hiſtoria do Apocalypſe reconhecem mais propriamẽte nas ditas hereſias, as que começàram no ſeculo paſſado, & continuam no preſente. A Eſtrella que cahio do Ceo, dizem com pouca, ou nenhũa differença, huns q̃ foy Lutèro, outros Calvino. Calvino, porque ſendo Clerigo, cahio do primeiro Ceo da Igreja Catholica, q̃ he o Eſtado Eccleſiaſtico; & Lutèro, porq̃ ſendo Religioſo, cahio do ſegundo, & mais alto, que he o da Religião. O fumo que ſahio das fornalhas, & abiſmos do inferno que eſtes Hereſiarchas abrîram, ſaõ os erros, & dogmas impios, ſacrilegos, & abominaveis, que novamente enſinàraõ, tam contrarios ao Evãgelho, & Ley de Chriſto, como conformes à largueza da vida, appetite, & ſenſualidade da natureza corrupta. Com elles eſcurecèràõ o lume da razaõ, & da Fè, & cegàraõ, & levàraõ brutalmente apoz ſi tãta parte do mundo Septentrional, & Naçoens do Norte, huns enfeitiçados do doce veneno da liberdade, ſem obediencia de Mandamentos, ſem continencia da carne, ſem confiſſaõ de peccados, & ſem neceſſidade de boas obras: outros ſugeitos por força, & violencia das armas, ſeguindo, como manadas de brutos ſem razaõ, a cegueira de Principes inconſtantes, covardes, & affeminados, que por iſſo ſobre cabellos de mulheres traziaõ na cabeça as coroas.

II.

MAs que coherencia, ou conſequencia tẽ eſta viſaõ tão horrenda, taõ bellicoſa, & taõ inimiga de Chriſto, & ſua Igreja, com a primeira que vimos, & logo ſe ſeguio apoz ella taõ diffe-

differente em tudo? Grande coherencia, & grande consequencia, dizem os melhores interpretes. Como na visaõ antecedéte tinha cahido do Ceo aquella Estrella fatal que abrio o inferno, & dos abysmos delle fez sahir os monstros, & pestes de taõ feas, & abominaveis heresias; necessaria consequencia era que do mesmo Ceo fizesse logo a Providencia Divina decer o soccorro verdadeiramente forte, que parasse a furia, que resistisse a audacia, & reprimisse os estragos, que os rebeldes, & apostatas da sua Igreja hiaõ fazendo nella, & poderosamente impugnasse, confutasse, confundisse, & converteſſe seus erros. Assim o fez no mesmo tépo Deos por meyo dos Doutores fieis, & Catholicos, armados desde os pès atè a cabeça, como alli se descreve, com o zelo significado no fogo, com a firmeza, & constancia da Fè significada nas columnas, có a luz, & pureza da verdade significada no Sol, com o rego da doutrina decida do Ceo significada na nuvem, & finalmente com a coroa, & vitoria deste diluvio, em que a Arca de Noè, isto he, a Igreja de Christo, se vio taõ combatida; mas como elle lhe prometeo, sempre segura, & salva, significado tudo na Iris.

Acrecéta logo o mesmo Texto que o Anjo do soccorro levantou a voz, como bramido de Leam, a qual os trovoens do Ceo acompanhàrão com as suas: *Et clamavit voce magna, quemadmodum cum Leo rugit: & cũ clamasset, loquuta sunt septem tonitrua voces suas.* Diz que as vozes destes trovoens eraõ dearticuladas, & que fallavam: *Loquuta sunt*; porque taes foram acompanhadas de relampagos, & rayos, as com q̃ os valentes defensores da Fè Catholica prègando, & escrevendo, começàraõ logo a ferir nos olhos a cegueira, a confundir nos ouvidos a surdeza, & a fulminar nos coraçoẽs Apocal. 10 3.

a dureza, & nos entendimentos a obſtinação dos Hereges: relampagos na luz, trovoens no eſpanto, & rayos ſem reſiſtencia nos effeitos.

Só poderia parecer menos propria, & menos conforme ao ſignificado a figura da viſaõ, pois havendo de ſer os fortes defenſores da Fè muytos, o Anjo forte que deceo do Ceo foſſe hum ſó. Mas deſte cuydado, ou eſcrupulo nos livrou a meſma Igreja, declarando que o forte defẽſor com que o Ceo a ſoccorreo contra Lutèro, & os outros Hereges dos noſſos tempos, foy Santo Ignacio, & a ſua Companhia. Saõ palavras expreſſas da Sè Apoſtolica nas Liçoens da feſta do meſmo Santo: *Ut conſtans fuerit omnium ſenſus, etiam Pontificio cõfirmatus oraculo, Deum, ſicut alios alijs temporibus Sanctos viros, ita Luthero, ejuſdemque temporis Hæreticis, Ignatium, & inſtitutam ab eo Societatẽ objeciſſe.* Todas as vezes que na Igreja ſe levanta nova hereſia, logo a Providencia Divina levanta contra ella algum novo Capitaõ que a impugne, & defenda a verdade da Fè Catholica. Taes foraõ contra Arrio Santo Athanaſio, cõtra Pelagio Santo Agoſtinho, contra Eutyques Saõ Gregorio, contra Neſtorio Saõ Cyrillo, & contra os Hereges Albigenſes os dous grandes Patriarchas Sam Domingos, & Sam Franciſco com os luzidiſſimos terços, ou exercitos das ſuas Sagradas Religioens. E da meſma maneira contra Lutèro, & Calvino, & os outros Hereges dos noſſos tempos, ſendo as hereſias as mais perniciosas de todas, (porque as antigas eraõ de entendimento, & as modernas todas ſaõ fundadas na carne) cõtra ellas affirma a meſma Igreja, & manda ler em todos os còros, que o Capitaõ que Deos levantou, foy Santo Ignacio, & a ſua Cõpanhia: *Ignatium, & inſtitutam ab eo Societatem.*

E aqui ſe deve notar huma eſpecialidade, ou elegãcia particular da Providencia, & Sabedoria Divina, a qual quando quer obrar por modo ſuperior, & mais admiravel, nam ſó cura contrarios com contrarios, como a medicina, mas com tal contrariedade aos meſmos remedios, que ſe na oppoſiçaõ ſaõ contrarios, na paridade ſejaõ ſemelhantes: aſſim contra o peccado da arvore vedada levantou Deos a Arvore da Cruz, & contra o veneno das Serpentes do deſerto a Serpente de Moyſes. E como entaõ vencida huma arvore com outra arvore, & humas Serpentes com outra Serpente, neſta meſma correſpõdencia foy mais admiravel, & glorioſa a vitoria; aſſim depois com igual propriedade, & energia, ſendo hum Hereſiarcha Clerigo, como Calvino, & outro Hereſiarcha Religioſo, como Lutèro, levantou Deos hum Patriarcha, & hũa Companhia que foſſe de Clerigos, & Religioſos juntamẽte, naõ ſó para deſafrontarcõ elles o Eſtado Clerical, & Religioſo, mas para que de hũ, & outro Eſtado unidos formaſſe à Igreja Militante hum novo ſubſidio fiel, & forte, com que fortificada os reſiſtiſſe, & mais glorioſa os debellaſſe. Saõ outra vez palavras da meſma Igreja fallando com Deos: *Deus, qui ad maiorem tui nominis gloriam propagandam novo per Beatum Ignatium ſubſidio Militantem Eccleſiam roboraſti.*

III.

NEſte ponto pois eſtà definido pela ſuprema autoridade, nem eu tenho mais que dizer, nem outrem terà que impugnar. Digo porèm que naquella meſma viſaõ, & figura do Apocalypſe nam ſó ſe repreſentou o Pay, ſenam tambem o Filho, nam ſó Santo Ignacio, ſenaõ juntamẽte Saõ Franciſco Xavier. Fallando de ſi, & de ſeu Eterno Padre Chriſto

Senhor noſſo, dizia: *Ego in Patre, & Pater in me eſt:* Eu eſtou em meu Pay, & meu Pay eſtà em mim: & noutro lugar: *Qui videt me, videt & Patrem meum:* Quem me vè a mim, vè a meu Pay. E iſto meſmo (quanto o humano ſe pòde comparar com o Divino) podia dizer Saõ Franciſco Xavier, fallando de ſi, & de ſeu Padre Santo Ignacio. Nem deve alguem eſtranhar a comparaçaõ por demaſiadaméte alta; pois, como diz Saõ Paulo, nam havêdo no Ceo outro Pay ſenaõ Deos, (porque nos Anjos não ha pay, nem filho) da paternidade do meſmo Deos no Ceo ſe deriva o nome, & ſemelhança que tem os pays na terra com ſeus filhos: *Ex quo omnis Paternitas in Cœlis, & in terra nominatur.* E pòde eſta ſemelhança nos homens ſubir a ponto de perfeição tam alto, que aſſim como entre o Eterno Padre, & ſeu Unigenito Filho, excepta ſómente a diſtinção real das Peſſoas, no entender, & querer, & em tudo o mais ha huma perfeitiſſima, & ſimpliciſſima unidade: ao meſmo modo em dous ſugeitos humanos, pay, & filho, haja tal uniaõ, & conformidade do entendimento, & vótade de ambos, que ſendo differentes as peſſoas, & eſtando em differentes lugares, em tudo o mais nam ſejaõ dous eſpiritos, ſenaõ hum ſó, & eſſe naõ dividido, ſenam multiplicado. Tal foy o de Elias, & Eliſeo: *Fiat in me duplex ſpiritus tuus*: & tal o de Ignacio, & Xavier. Eſte he hum dos mais prodigioſos milagres deſtes dous Sãtos. Em quanto Saõ Franciſco Xavier viveo, naõ eſtava ainda promulgado no Oriente o Inſtituto da Companhia. E ſendo as ſuas Regras taõ differentes das outras Religioens, aſſim no fim, como nos meyos de o conſeguir; governãdo Santo Ignacio em Roma, & Sam Franciſco Xavier na India, eraõ taõ uniformes os ſeus ditames, & taõ idẽtica-

Ioan. 14. 11. 9.

Ephes. 3. 15.

4. Reg. 2. 9.

tica-

ticamente os meſmos; que as inſtrucçoens de Xavier pareciaõ tresladadas pelas Conſtituiçoens de Santo Ignacio, & as Conſtituiçoens de Santo Ignacio pelas inſtrucçoẽs de Xavier: & naõ por communicaçaõ alguma que ouveſſe neſta materia em diſtancia de tãtas mil legoas, ſenaõ pela uniaõ, ou unidade do eſpirito, que vivia, ou ardia em hum, & outro, como ſe foſſem ambos huma ſó Alma em dous corpos, hum ſó entendimento em duas Almas, & huma ſó vontade em dous entendimentos. Naõ he logo nova maravilha, que pudeſſe dizer Xavier: *Ego in Patre, & Pater in me eſt:* que elle eſtava em ſeu Padre, & ſeu Padre nelle; & que na meſma figura do Apocalypſe, como em hum eſpelho reciproco ſe viſſem ambos: *Qui videt me, videt & Patrem meum.*

Mas ſe Santo Ignacio, como vimos, foy eleito contra o Septentriaõ, & Saõ Franciſco Xavier para o Oriente, Santo Ignacio contra os Hereges, & Sam Franciſco Xavier para os Gentios; como ſe podiam ajuntar na meſma figura duas miſſoens taõ diſtãtes, & taõ diverſas? Reſpondo, que com admiravel propriedade, & por iſſo meſmo. Para intelligencia deſtes dous myſterioſos concurſos, havemos de ſuppor huma notavel razam de eſtado da Providencia Divina: & he eſta. Nas rebellioens das hereſias, em que os ſubditos da Igreja ſe levantaõ contra ella, nam ſó padece a meſma Igreja a guerra, ſenaõ tambem a ruina. A guerra pela oppoſiçaõ, & rebeldia das armas contrarias: & a ruina pela perda dos meſmos ſubditos rebellados, que eraõ membros ſeus, & partes da ſua meſma grandeza, da qual fica privada, & diminuida. E para acudir a hum, & outro dano, que ha miſter a Igreja? Quanto ao da guerra, ha miſter quem a defenda; & quanto ao da ruina, quem lhe reſtaure,

& acrecente em huma parte o que lhe faltou, & se lhe diminuhio na outra. Para isso pois foy necessario no nosso caso que Deos levantasse naõ só hũ, senaõ dous famosos Capitaens, quaes foraõ Ignacio, & Xavier; hum com nome, & obrigaçaõ de defensor, outro com nome, & obrigaçaõ de restaurador: Ignacio para defender a Igreja na guerra contra os Hereges do Septentriam; & Xavier para lhe restaurar as ruinas nas gentilidades do Oriente. Vamos às Escrituras.

Quãdo os Anjos Apostatas se rebellàram contra Deos no Ceo, que succedeo à Igreja Triunfante? O mesmo que à Militante: guerra, & ruina. A guerra, pela que lhe fez Lucifer có os seus sequazes: a ruina, pela das cadeiras das tres Gerarchias que ficàraõ vagas. E como acudio a Providencia Divina ao reparo de hum, & outro dano? Pelo mesmo modo que dissemos. Para a resistencia da guerra elegeo hum defensor, que foy o Archanjo S. Miguel, Capitaõ General dos seus exercitos: *Michael, & Angeli ejus prælia-bantur cum Dracone.* E para a ruina das cadeiras elegeo por restaurador a seu proprio Filho; que só quẽ fosse Deos, & Homem, podia fazer homens dignos de se assentarem nas cadeiras dos Anjos. Assim o cantou David: *Judicabit in nationibus, implebit ruinas:* Farà juizo em todas as naçoens, escolhendo dellas os bons, & delles encherà, & restaurarà as ruinas dos Anjos: *Et de bonis implebit ruinas Angelorum*, diz Hugo Cardeal. Psalm. 109. 6.

Deçamos agora do Ceo à terra, & da Igreja Triunfante à Militante, & vejamos quam fortemente se defende na guerra, & quam gloriosamente se restaura nas ruinas. Huma, & outra cousa descreveo admiravelmente Salamam, quando chamou à mesma Igreja, *Pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata.* Hea Cant 6. 9.

Igre-

Igreja Catholica eſcolhida como o Sol, fóte da luz, pura, & ſem mancha, *electa ut Sol*; mas nem por iſſo iſenta da oppoſiçaõ, & da guerra, que lhe fazem os eclipſes, & das ruinas da meſma luz, q̃ nos eclipſes padece. Eſtà porèm ſempre armada por hum lado com o exercito terrivel que a defende na guerra: *Terribilis ut caſtrorum acies ordinata*: & pelo outro com o reparo natural da fermoſura da Lua para reſtauraçaõ das ruinas: *Pulchra ut Luna*. Já diſſemos, ou nos diſſe a meſma Igreja, que o ſeu Capitaõ defenſor contra a guerra das hereſias, era Santo Ignacio. E o ſeu exercito debaixo da bandeira de JESU, poſto que com nome de Companhia ſómẽte, he tam terrivel, & formidavel aos meſmos Hereges, que todos os livros que elles eſcrevem, como ſe não tiveraõ outros inimigos, ſaõ contra os Jeſuitas. Hum grande Capitaõ dos meſmos Hereges, que morreo pelejando cõtra os Catholicos de Irlanda, vendo em Evora huns Padres da Companhia, diſſe: (& pòde ſer que eſteja neſte auditorio quem lho ouvio) Se naõ foraõ eſtes, já todos haviamos de ſer huns. Iſto quanto ao defenſor da guerra.

E quanto ao reſtaurador das ruinas Xavier, he admiravel a comparaçam, & ſemelhança da Lua: *Pulchra ut Luna*. Entre todos os Planetas, ſó a Lua tem crecentes, & minguantes; mas com tal propriedade, que quanto perde de luz por huma parte, tanto acquire no meſmo tempo pela outra. Deſorte que quãto ſe moſtra diminuida ao perto da parte que a vemos, tanto eſtà crecida, & reſtaurada da meſma luz pela parte occulta, & oppoſta, em que a não vemos, & tudo dentro no ſeu meſmo globo. O globo da Igreja he o do mundo, & ſe na parte, ou partes do Norte a vemos diminuida pelas ruinas, que mais em ſi meſmos, que nella lhe cauſaraõ

ſáraõ os Hereges; nas partes remotas dos noſſos olhos, quaes ſaõ as do Oriente, por meyo do ſeu grãde reſtaurador Xavier, tãto que elle là poz os pès, ao primeiro ſom das trombetas do Evangelho nam ſó ficou igualmente crecida na fé da gentilidade, mas com exceſſivas ventagens.

Divinamente Iſaìas. Falla com a Igreja, & diz: Iſai. 60. 4. *Filij tui de longe venient, & filiæ tuæ delatere ſurgent*: Os voſſos filhos viràõ de longe, & as voſſas filhas ſe levantaràõ do voſſo lado. E que filhas ſaõ eſtas que ſe levãtaràõ do lado da Igreja: & que filhos os que lhe viriaõ de longe? Sò o poderà dizer com tãta propriedade, & clareza, quem no ſeu tempo eſtava vendo o que ſuccedeo nos noſſos. As filhas que ſe levantàraõ do lado da Igreja, ſaõ Inglaterra, Eſcocia, Holanda, Dinamarca, Suecia, & as outras, que ſe naõ em todo, em parte, eſtando na Europa ao lado da Igreja Romana, & ſendo fieis, & Catholicas, & enobrecidas com muytos Santos, ſeguindo a Lutèro, & Calvino, & negando a obediencia à Sè Apoſtolica, ſe rebellàraõ contra ella, & apoſtatando da unica, & verdadeira Fè, ſe fizeram hereticas. E os filhos que lhe vieraõ de longe, ſaõ os Canarìs, os Decanìs, os Malabàres, os Chingalàs, os Bengàlas, os Pegùz, os Malayos, os Jaos, os Abexins, os Siames, os Malucos, os Mindanàos, os Japoens, os Chinas, & Cochichinas, & tantos outros Gentios Oriétaes nacidos, & criados nas trevas da idolatria, que alumiados pela prègação, & milagres de Saõ Franciſco Xavier, de tam longe vieraõ buſcar a Igreja, & ſe fizeram ſeus filhos, como ella meſma diz, orando: *Deus, qui Indiarum gentes Beati Frãciſci prædicatione, & miraculis Eccleſiæ tuæ aggregare voluiſti.* E ſe compararmos a ruina das filhas que ao lado ſe levantàram com o numero ſem numero dos filhos

filhos que de tam longe vieraõ, bem ſe vè cõ quam immenſas ventagens o famoſo reſtaurador da Igreja lhe recuperou o perdido. Thomas Boſco, taõ diligente examinador dos Annaes Eccleſiaſticos, & computo dos tempos, naõ duvidou affirmar, que todos os Hereſiarchas em mil & quinhentos annos nam roubàraõ tãtas Almas fieis à Igreja, quantas Xavier em dez annos lhe acquirio de Gentios.

E para que naõ pareça equivocaçam o ſentido que demos à palavra, *ſurgent*; ouçamos a meſma palavra da boca da meſma Igreja no meſmo caſo, & no meſmo ſentido. E juntamente veremos quam grande he a eſtimaçaõ que ella faz dos Gentios, que a Fè, & prègaçaõ de Xavier lhe agregou na India, em comparaçam dos maos Chriſtãos que a perfidia dos Hereſiarchas lhe tirou no Norte. *Surge Aquilo, & veni Auſter, perfla hortum meum, & fluant aromata illius*: Levantate tu, ò Norte, & vayte embora do meu jardim, diz a Igreja, & venha em teu lugar o Auſtro, & vente, & aſſopre nelle, para que ſe exhalem, & corraõ os ſeus aromas. Neſte ſentido entendem o *ſurge* Sam Gregorio Papa, Sam Gregorio Niſſeno, Santo Ambroſio, Sãto Agoſtinho, Santo Anſelmo, Philo Carpacio, Ruperto, Theodoreto, & Pſello. Deſorte que a Igreja lança fóra do ſeu jardim o Norte, & chama para elle o Auſtro, porque os ventos tambem pertencem à cultura das flores, como Claudiano diſſe elegantemente: *Zephyro contenta colono.* As flores do jardim da Igreja ſaõ primeiramẽte a Fè, & ſobre ella todas as virtudes Chriſtãs; & a calidade do Norte he tal que as murcha, ſeca, & queima; & pelo contrario o Auſtro as alenta, & fomenta, & lhes faz creſcer a fermoſura, & a fragrancia. E como eſte natural dos ventos ſe communica, & influe

Cant. 4. 16.

influe nas terras, & Gentes a elles ſugeitas (donde veyo a dizer Santo Agoſtinho, que o Norte he a patria do demonio, & das hereſias) por iſſo a Providẽcia Divina, quando o Norte ſe rebelleu cõtra a Igreja, fez logo navegar a Xavier com a proa no Pòlo Auſtral, para que a luz que a Igreja, como Lua, perdia no Norte, ſe lhe reſtauraſſe, como reſtaurou, no Auſtro; & com tanta vẽtagem, que aſſim como Plinio diſ ſe da Lua: *Nunc in Aquilonem elata, nunc in Auſtros dejecta*; nòs poſſamos dizer hoje com os termos trocados: *Nunc in Aquilonem dejecta, nunc in Auſtros elata.*

Plin lib. 2. cap 9.

IV.

TEmos viſto, & confirmado com authoridade da meſma Igreja, como Santo Ignacio foy eleito por ſeu defenſor contra a perfidia dos Hereges, & Saõ Franciſco Xavier por ſeu reſtaurador na nova Fè dos Gentios. E nam para diminuição da gloria do Pay, ſenaõ para mayor gloria ſua, vejamos agora na conſideraçaõ da meſma figura do Apocalypſe, quam differẽtes foraõ os meyos, & modos, com que o Filho a reſtaurou, daquelles com que o Pay a defendeo. A couſa mais admiravel que ſe via naquella figura, he que ſendo hum Gigante, ou Coloſſo tam grande, o que levava na maõ, foſſe hum livrinho aberto: *Et habebat in manu ſua libellum apertum.* Que livrinho foſſe eſte, & quam livrinho, depois o veremos; agora ſó noto a differença.

Apocal. 10 2.

As armas dos Capitaens de Santo Ignacio cõtra os Hereges tambem ſaõ livros, porque as da lingua naõ as permittem elles, & para as pennas naõ valem muros, nem portas fechadas. Eſtes Capitaens, nam digo que foram, porque ſempre ſe vaõ ſuccedendo huns aos outros, & porque pelejàram com armas immortaes, digo que ſaõ os Laines, os Salmeiroens, os

Cani-

Canisios, os Belarminos, os Vasques, os Soares, os Valenças, os Henriques, os Turrianos, os Ribeiras, os Maldonados, os Serarios, os Salianos, os Petavios, os Theophilos, os Granetos, os Campianos, os Beranos, os Cornelios, os Tirinos, os Falonios, os Tyrsos, & os mais, que fora infinito, & he superfluo nomear. Baste dizer, que só dos nomes nos Catalogos se tem estampado volumes inteiros. E quantos escreveo cada hum delles? Alguns ouve que passáraõ de vinte, & trinta grandes tomos, que mais parece escrevèram livrarias, que livros. E porque eu naõ meço a grandeza dos livros pelas folhas; o que mais me admira, he, que sendo tantos, & tam grandes, segundo a necessidade das materias, nem podiaõ ser menos, nem menores. Mas que fulminando se todas estas balas de papel em defensa da Igreja contra os Hereges do Norte, o restaurador da mesma Igreja no Oriente appareça com hum livrinho na maõ: *Habebat in manu sua libellum?*

Decendo da mão aos pès, diz o Texto, & mostra a pintura, que tinha hũ posto sobre o mar, outro sobre a terra. Segunda, & manifesta differença. Santo Ignacio depois de fundar a sua milicia, nunca navegou, sempre residio em Roma, assistindo junto à Cabeça da Igreja, contra a qual, como cõtra Saul, dos hombros para cima mais alto que todos, assestaõ as portas do Inferno todo o pezo dos seus tiros, taõ hereges em cuidar que pòdẽ prevalecer contra ella, como em lhe querer tirar das mãos a successaõ, & as chaves que Christo deo a Sam Pedro. Os Capitaens, & Soldados da milicia, que sobre tudo se emprega na defésa desta verdade, tambem o fazem, & fizeram sem sahir da terra. Eraõ Espanhoes, & escreviaõ em Hespanha: eraõ Fracezes, & escreviam em França: eraõ Italianos, & escreviaõ em

em Italia: eraõ Alemaens, & eſcreviaõ na alta, & baixa Germania: naõ porque ſeja mais facil tingir a penna no mar negro, que molhar os pès no Oceano: ou porque elles o temeſſem, como ſe diz das Eſtrellas do meſmo Norte: *Arctos Oceani metuentes æquore tingi*; mas porque o nam pedia a neceſſidade, ou cõveniencia da guerra. Com tudo naõ ſe pòde negar ſer a guerra de Xavier tanto mais heroica, quanto mais perigoſa, pois na terra ſe combate com homens, & no mar com todos os elementos.

Mas porque razaõ tinha Xavier o pè direito ſobre o mar, & o eſquerdo ſobre a terra: *Dextrum pedem ſuum ſuper mare, ſiniſtrum autem ſuper terram?* A queſtaõ he curioſa, & as repoſtas tambem. Entre os Interpretes antigos Andre Ceſarienſe, & entre os modernos Menochio, ſeguindo ao grande Ribera, dizem que eſte Anjo forte tinha o pè eſquerdo ſobre a terra, porque a havia de alimpar, & ſepultar nella os ladroens; & o direito ſobre o mar, porque o havia de alimpar tambem, & afogar nelle os piratas. Mas eſte milagre ainda o nam fez Saõ Franciſco Xavier, & ſe o fizer, ſerà mayor que reſuſcitar tantos mortos. Neſte ſentido porèm, eu trocàra os pès, & puzera o direito ſobre a terra; porque muyto mayores ſaõ os latrocinios, & mais poderoſos os ladroens da terra, que os piratas do mar. Eſtes ſe furtaõ ſem carta de marca, enforcaõ-nos, & aquelles com as ſuas patentes, & proviſoens tem licença para furtar; & o caſtigo que lhes daõ pelo que furtàraõ, ſaõ novos, & mayores poderes para furtarem mais. Santo Anſelmo diz que a terra como ſolida, & firme, ſignifica os Chriſtãos mais bem fundados na Fè, & mais conſtãtes na virtude, aos quaes por iſſo baſta a aſſiſtencia do pè eſquerdo, como menos forte: & que o mar ſignifica

nifica os Christãos menos firmes na mesma Fè, & q̃ nam tẽ constancia, nẽ perseverança na obſervancia dos preceitos divinos, nem na emenda da vida; & por isso necessitaõ de mais forte assistẽcia, força, & coacçaõ, qual he a do pè direito, que os obrigue, refree, & violente a viver como devem. Mas como vemos que saõ taõ pouco zelosos, & taõ molles, que nam fazem isto os que tem officio de pè direito, huns, & outros se acharám depois à maõ esquerda. Os Politicos, que naõ cõtentes com interpretar a sua Biblia, que he o Tacito, se meterem tambem a cométar a nossa, dizem que o Anjo forte tinha o pè esquerdo sobre a terra, & o direito sobre o mar, para ensinar aos Principes (principalmente os que tem dominios ultramarinos) que devem pòr o pè direito, isto he, o seu mayor poder no mar, se querem conservar a terra. E quantas temos nòs perdido, porque o naõ fizemos assim?

Mas como todos estes Authores naõ conhecèraõ, nem suppunhaõ que o Anjo do Apocalypse representava a Saõ Frãcisco Xavier, por isso naõ acertàraõ com a verdadeira razaõ de ter o pè esquerdo sobre a terra, & o direito sobre o mar, a qual darey agora. Pergunto: Sam Francisco Xavier em quanto Nuncio Missionario & Apostolico do Oriente, donde sahio, & atè onde chegou? Sahio de Lisboa, & chegou atè o Japaõ. Tomay agora hum Mappa, ou huma carta de marear, ponde-a diãte dos olhos, & vereis que em toda esta navegaçam, & caminho, de mais de quatro mil legoas, levando Xavier hum pè por terra, outro por mar, sempre o pè da terra foy o esquerdo, & o do mar o direito. A primeira terra que deixou sahindo de Lisboa, & navegando ao Sul, foy a Costa de Berberia atè Guinè, toda à maõ esquerda, & à direita o mar Atlantico. Dalli atè o Cabo de Boa Esperãça,

ça, & voltando o meſmo Cabo atè o eſtreito de Meca, por huma, & outra parte a terra era a Africa ſempre à maõ eſquerda, & à direita o mar Ethiopico. Daquelle eſtreito atè o Seyo Perſico, & foz do Eufrates, à maõ eſquerda a Arabia Feliz, & à direita o mar Arabico. Da garganta do meſmo Seyo atè a primeira foz do Indo, a Carmenia parte da Perſia à maõ eſquerda, & à direita o mar Perſico, por nome mais gèral, Eritreo. Do Indo começa a terra, a que elle dà o nome, chamada India, & ſe eſtende atè o Cabo de Comorim, à maõ eſquerda toda, & à direita o mar Indico. Do Cabo de Comorim dà volta, & corre a cõtra coſta do Reyno de Narſinga, ou Biſnagâ, até a foz do Ganges ao meſmo modo à maõ eſquerda, & à direita o mar, ou golfo de Bengàla. Seguindo o grande arco que faz aquelle golfo pelas Coſtas da meſma Bengàla, Pegû, & Siam atè o eſtreito de Cingapûra, o mais auſtral de todo o Oriente, todas aquellas terras ficaõ à maõ eſquerda, & o mar por onde ſe navegaõ, que he o meſmo golfo, à direita. Finalmente continuando depois de Malaca os Reynos de Camboja, Champà, & Cochichina, & o vaſtiſſimo Imperio da China, todo eſte grãde tracto de terras demoraõ à maõ eſquerda, & o mar, ou mares do Oceano Chinenſe atè o Japaõ à direita. E como naquella univerſal, & total derrota que Xavier fez deſde os ultimos fins de Europa atè os fins tambem ultimos da Aſia, as terras eſtavam, & eſtaõ lançadas a tam differentes rumos, jà de Norte a Sul, ou do Sul ao Norte, jà de Poente a Levante, ou de Levante a Poente, já de todos os outros ventos, & ſuas partidas, demorando ſempre todas à parte eſquerda, como os meſmos mares à direita; por iſſo eſta he a razaõ natural, & demoſtraçaõ geografica, & eſte o ſentido literal, neceſſario,

sario, & forçoso, sem nenhum outro mysterio, ou interpretaçam, porque o Anjo que representava a Xavier, appareceo nam mudando, ou trocando os pès, senaõ firme, & constantemente com o esquerdo sempre sobre a terra, & o direito sempre sobre o mar: *Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrũ autem super terram.*

V.

ESTas palavras saõ as que propuz ao principio, para cujo entendimẽto sem nenhuma superflua foy necessario hum taõ largo discurso. E estas mesmas seraõ o thema do presente Sermaõ, & de todos os oito que se continuaõ nesta novena. Em todos seguirey o mesmo assumpto, ou seguirey as mesmas pizadas dos pès de Saõ Francisco Xavier, dãdo dous passos sómente em cada dia, hum por terra, outro por mar: por terra, dizendo o q̃ Xavier obrou em terra; por mar, o que obrou no mar, em hum, & outro elemẽto sempre maravilhoso, & semelhante a si mesmo. E posto que digo que os passos seraõ só dous, naõ quero dizer com esta limitaçaõ que os exemplos naõ seraõ algumas vezes muytos mais, conforme a materia, porque o meu intento he dar bem a conhecer este Santo, posto que jà taõ conhecido, & venerado. O uso commum nestas novenas era contar hum só milagre, ou hum só exemplo muyto brevemẽte, supposto nos ouvintes o fastio, com pouco credito de sua devoçaõ, & naõ menor ignorancia das excellencias do mesmo Santo, de que saõ devotos. Eu, ainda que naõ hey de ser tam breve, tambem espero que nam hey de enfastiar; naõ só pela grãde variedade das materias, dentro do mesmo assumpto, senaõ, & principalmente, porque naõ hey de prègar para que o Prègador seja ouvido, senam para que o Santo seja visto.

Saõ

Saõ alguns Prègadores, como os Sanchriſtaens da Aldea, que no dia do Orago cobrem o Altar, & o retabolo de tantos ramalhetes, que naõ ſe vè o Santo. Eu, em quem as flores com a idade naõ ſó eſtaõ jà murchas, mas ſecas, de tal maneira hey de pòr ó Santo diante dos olhos, que elle viſto ſeja o Prègador, & as ſuas acçoens, & maravilhas a prègaçaõ. Altamente diſſe Santo Ambroſio: *Prolixa laudatio eſt, quæ nõ quæritur, ſed tenetur*: Aquelles louvores ſaõ mais copioſamente amplificados, os quaes ſẽ ſe buſcar ſe achaõ. Nos louvores que ſe buſcaõ, ha couſas algumas vezes muyto bem achadas; mas eſſas mais louvaõ a induſtria, ou ventura de quẽ as achou. O panegirico de Trajano naõ louva tanto a Trajano, quanto a Plinio. Tudo o que eu diſſer de Xavier, naõ he porque eu o buſcaſſe, mas porque elle jà o tinha de ſi: *Quæ non quæritur, ſed tenetur*. E aſſim tudo ſerà ſeu proprio, & nada alheyo, & por iſſo mais digno de ſer ouvido.

Iſto poſto, para nam faltar hoje, quãto o permite a brevidade do tempo, ao aſſumpto, começaremos por onde Sam Franciſco Xavier começou. A primeira acção ſua foy a doutrina Chriſtãa aos meninos, & gente rude. Com o pè na terra, veremos a doutrina que fazia nas praças, & ruas das Cidades; com o pè no mar, veremos a meſma doutrina a bordo, & nos convezes dos navios. Os que viſtes as mayores Cortes da Europa, verieis a authoridade com que ſaem em publico os Nuncios Apoſtolicos, & o apparato de liteira, carroças, Capellaens, gentiſ-homens, eſtafeiros, librès, & as outras repreſentaçoẽs de Embaixadores, que ſaõ do Supremo Monarcha da Igreja cõ delegaçam do ſeu poder. Mas agora vereiso que nũca là ſe vio, nem imaginou. Xavier tambem era Nuncio Apoſtolico (o que naõ callou a figura que o repreſenta-

sentava, porque *Angelus* quer dizer *Nuntius*) & cõ toda esta dignidade sahia o Nuncio do Oriente pelas ruas, & praças da India vestido de hũa roupeta preta, pobre, & grosseira (aonde as lans de que usa o vulgo, saõ sedas) só, a pè, & muytas vezes descalço, tãgendo por sua propria maõ huma campainha, & parando nos lugares mais publicos, dizia em voz alta: Fieis Christãos, amigos de Jesu Christo, mãday vossos filhos, & filhas, escravos, & escravas à Santa doutrina por amor de Deos. A este pregaõ do Ceo acodia toda a terra, & grandes, & pequenos ouviaõ as liçoẽs daquelle livrinho, que agora direy, como prometi, quam livrinho, & quam pequenino era.

O Apocalypse de Saõ Joaõ foy escrito originalmente na lingua Grega, na qual esta palavra livro tem tres diminutivos, que na nossa senaõ pòdem traduzir, & na Latina se imitaõ nam sem alguma violẽcia. O primeiro diminuitivo he *libellus*, o segundo, & menor *libellulus*, o terceiro, & minimo *libellunculus*; & este he o que responde ao nosso texto, em que se diz que o Anjo tinha levãtado na maõ hum livrinho aberto: *Et habebat in manu libellum apertum*. Este livrinho pois nam só pequeno, mas menor ainda que pequenino, he a cartilha da doutrina Christãa, que Saõ Frãcisco Xavier compoz, & por onde a ensinava na India. O Evangelho a que Isaias chama Verbo abreviado, he o primeiro diminutivo, & o abreviado da Escritura, *libellus*: o Catecismo commum he o segundo diminutivo, & o abreviado do Evangelho, *libellulus*: a cartilha de Xavier he o terceiro diminutivo, & o abreviado do Catecismo commum, *libellunculus*; porque o medio o Santo cõ a capacidade daquelles a quem ensinava. Nem passarey em silencio huma circunstancia digna de se saber, & de nam pequena

quena gloria da meſma cartilha, por ſeu Author, & he, ſer ella o original daque hoje ſe pratica em todo Portugal, aonde veyo da India, ſendo entre os diamantes, perolas, & rubis, a mais precioſa das ſuas drogas. Chama-ſe livrinho aberto, *libellum, ou libellunculum apertum*, por duas razoens, ambas mayores que o meſmo livro: livrinho pela brevidade, aberto pela clareza. E aſſim como a ciencia, & Omnipotencia Divina reſplandece mais na criaçaõ das couſas pequenas, que nas grandes; aſſim a ciencia, o eſpirito, & o engenho de Xavier venceo aqui a contrariedade daquelles dous extremos: *Brevis eſſe laboro, obſcurus fio.* O livro do Apocalypſe eſtava fechado cõ ſete ſellos por eſcuro; & o livrinho de Xavier naõ fechado, ſenaõ aberto por claro. Os ſellos do Apocalypſe hiaõ-ſe abrindo hum por hum, & a cada abertura tocava hum Anjo huma trombeta, por iſſo os ſellos eraõ ſete, os Anjos ſete, & as trombetas ſete. Porèm o noſſo Anjo ſendo os myſterios do ſeu livrinho mayores que os do Apocalypſe, porque ſaõ todos os da noſſa Fé; tocando elle com dous dedos a ſua campainha, todas as ſuas folhas ſe abriaõ taõ claramente, que naõ havia menino taõ menino, nẽ eſcravo taõ boçal, que as naõ entendeſſe.

VI.

A Razão de todos as entenderem, he, porque fallava a todos na lingua de todos. Sam Paulo dizia que ſe fazia Judeo cõ os Judeos, & Gentio com os Gentios, para ganhar os Gentios, & os Judeos. E Xavier nas ſuas doutrinas fazia-ſe Portuguez com os Portuguezes para lhe ganhar os filhos, & Indio, ou Ethiope com os Ethiopes para lhe ganhar os eſcravos. Pintava-ſe, ou trajava-ſe o Apoſtolo do Oriente de branco, & preto, para como branco ganhar os bran-

brancos, & como preto, os pretos. Vio-o David, posto que o nam entendèraõ os seus Interpretes: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam*: O dia, diz, falla, & ensina ao dia, & a noite falla, & ensina à noite. Se os dias, & as noites naõ fallàraõ, nam differaõ os Meninos da fornalha de Babylonia: *Benedicite noctes, & dies Domino.* Por isso acrecentou logo o mesmo Profeta David que as palavras com que o dia ensina ao dia, & a noite à noite, saõ palavras que se ouvem, & se entendẽ: *Non sunt loquelæ, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.* Mas parece que o dia havia de fallar á noite, & não ao dia, porque a noite està mais perto do dia; & do mesmo modo a noite havia de fallar ao dia, & não à noite, porque o dia està mais perto da noite. Pois porque naõ falla o dia à noite, senão ao dia, *dies diei*, & a noite não ao dia, senão à noite, *& nox nocti*: Porque ao fallar ensinando, que isso he, *indicat scientiam*; o que ensina, & o que aprende haõ de ser da mesma cor: o branco ao branco, o preto ao preto, naõ no rosto, senão na lingua. Tal era a lingua de Xavier, & taes as folhas da sua cartilha: huma pagina branca, quando ensinava os brancos, *dies diei eructat verbum*; & outra pagina preta, quando voltava a folha, & ensinava aos pretos, *& nox nocti indicat scientiam.* E isto universalmente, & em todas as linguas do Oriente só se verificou em Saõ Frâcisco Xavier; porque ainda que São Thomé foy à India, só as palavras de Xavier chegàraõ ao Japão, que he o fim da terra: *Et in fines orbis terræ verba eorum.*

Pſal 18. 3. 4

Daniel. 3. 71.

Pſalm. 18. 5.

Deos no principio do mundo dividio o dia, & a noite; & Xavier nas terras, & mares da Asia ajuntou outra vez a noite ao dia, não só fallando na lingua dos Portuguezes aos brancos, senão tambem aos negros, & de todas as outras

cores. Todas as Naçoens do Oriente de qualquer cor que ſejaõ, fallão a lingua Portugueza, mas cada huma a ſeu modo, como no Braſil os de Angola, & os da terra: & Xavier que fazia para que elles o entendeſſem? Arremedava as ſuas linguagens cõ os proprios aſſentos, nunca mais eloquente, que quando nos tempos, nos caſos, nos generos imitava os ſeus barbariſmos. Là cãta Salamaõ da Igreja, quando dà o primeiro leite de doutrina aos meninos, & aos rudes: *Mel, & lac ſub lingua tua*: O mel, & o leite he o primeiro comer, ou a papa dos meninos, *Butyrum, & mel comedet*. E porque traz a Igreja eſte mel, & eſte leite, nam na lingua, ſenão debaixo da lingua: *Sub lingua tua?* As aeçoens de Xavier ſaõ a expoſição de muytas Eſcrituras, que antes dellas ſenão entendèrão. A lingua Portugueza nas terras, & mares por onde o Santo andou, tem aveſſo, & direito: o direito he como nòs a fallamos, & o aveſſo como a fallão os naturaes. E Xavier para ſer melhor entendido na doutrina que enſinava, não uſava do direito da lingua, ſenam do aveſſo. Aos Canarins à Canarina, aos Malayos à Malaya, aos Japoens à Japôa. No Japão ha huma lingua baixa, de que ſó uſa a gente vil, & de nenhum modo os nobres; & deſta maneira enſinava o Santo a eſtes, fallando-lhe na lingua baixa, ou no baixo da lingua: *Sub lingua tua*.

Cant. 4. 11.

Iſai. 7. 15.

Mas perguntàra eu ao Nuncio Apoſtolico, ou Padre Meſtre Franciſco, onde aprendeo elle eſtas linguas, ou eſtas meyas linguas? He certo que não em Parìs, nem na ſua Univerſidade da Sarbona, nem em Roma, nem em Veneza, nem em Bolonha, nem em Lisboa. Mas tambem nam ha duvida que ſó as pode aprender no Cenaculo de Jeruſalem, onde o Eſpirito Santo deceo não ſó em linguas de fogo, mas em linguas partidas: *Apparuerunt.* Act. 2. 3.

runt dispertitæ linguæ. E porque eraõ, ou foraõ, ou haviaõ de ser aquellas linguas partidas? Tambem aqui he o novo commentador Saõ Francisco Xavier. Eraõ linguas partidas, naõ só porque eraõ muytas linguas, senaõ porque eram linguas, & meyas linguas: *Dispertitæ linguæ*: como as que elle arremedava. Meyas linguas, porque eram meyo Europeas, & meyo Indianas: meyas linguas, porque eraõ meyo politicas, & meyo barbaras: meyas linguas, porque eram meyo Portuguezas, & meyo de todas as outras Naçoẽs que as pronunciavaõ, ou mastigavaõ a seu modo.

VII.

E Para que se veja quam largamente repartia Deos suas graças com os meninos que eraõ doutrinados com estas linguas partidas; referirey brevemente só dous exemplos, hũ da terra, outro do mar: hum de hum menino já Christaõ; outro de hũ ainda Gentio, ou Mourinho, que he mais. Estando o Sãto fazendo doutrina em Manapar, vieram os criados de hum homem muyto principal pedir-lhe que quizesse acodir com toda a pressa a seu Senhor, porque o demonio lhe entràra no corpo, & lhe dava terriveis tormentos. E que faria Xavier? Bem entendeo que era estratagema do inimigo para o divertir da doutrina, & sem desistir, nem parar, tirou hũa Cruz que trazia sobre o peito, deo-a a hum menino da mesma doutrina, dizendo que a desse a beijar ao endemoninhado, & rezasse com elle o Credo. Foy, & fello assim o innocente, & o demonio com assombro dos presentes saltou logo fóra, mais raivoso como soberbo, que como inimigo, por se ver desprezado de Xavier, & naõ vencido por sua propria Pessoa, senam por hum menino da doutrina que elle pertendia impedir.

Paſſemos da terra ao mar, & do menino Chriſtaõ ao que ainda o naõ era. Havia muytos dias que o Santo navegava de Malaca para Sanchaõ, fazendo ſempre, como coſtumava, em toda a parte as ſuas doutrinas: & o convez podia competir com a praça de qualquer Villa, porque levava a nao quinhentas peſſoas, ſoldados, marinheiros, mercadores, Chriſtãos, Gentios, Mouros. E ſendo a principal eſquadra da bandeira das doutrinas de Xavier os moços de pouca idade; ſuccedeo que hum menino de cinco annos filho de hum mercador Mouro, cahio ao mar ſem o Santo ter noticia daquella deſgraça. Teve-a pelo meſmo pay entre muytas lagrimas, depois de elle ter chorado a morte do filho havia tres dias, & entaõ lhe perguntou ſe receberia a Ley de Chriſto no caſo em que tornaſſe a ver vivo ſeu filho naquelle navio? Reſpondeo o Mouro que ſim; & ficando eſte cõtrato ſuſpenſo outros tres dias, eis que na manhãa do ſeptimo apparece o menino rindo, & brincãdo no meſmo lugar do bordo donde cahira. Perguntado onde eſtivera, ſó ſoube dizer que ſe lembrava que daquelle lugar tinha cahido ao mar. E nam foy neceſſario que o Santo puxaſſe pela promeſſa, porque o pay, a mulher, & toda a familia ſe lãçàram a ſeus pès, pedindo o Bautiſmo. O menino ſe chamou Frãciſco, & aſſim eſtereſuſcitado no mar, como o que confundio o demonio em terra, podiam cantar alternadamente o Oſaná no triunfo de Xavier, como os meninos de Jeruſalem no de Chriſto.

Ora eu voltando os olhos deſtes meninos da Aſia para os da noſſa America, deſejàra ſaber qual ſerà a razaõ, porque ſe nam vem nelles ſemelhantes exemplos? Da parte dos Meſtres naõ pòde ſer, porque a variedade das linguas, & o trabalho dos que as aprendem para enſinar eſtes

eſtes Gentios, não he menor, nem menos diligente o cuydado quotidiano cõ que ſaõ doutrinados. Segue-ſe logo que he por culpa, ou deſmerecimẽto dos meſmos diſcipulos, & pela natural ingratidão cõ que deſconhecem o beneficio da meſma doutrina. E porque ſe não attribua a differença à Santidade de Sam Franciſco Xavier, ſeja a prova não dos diſcipulos da ſua eſcola, ſenão de outros. Hum Religioſo da Ordem Serafica com grande zelo, & talento tinha huma eſcola na India, em que enſinava a doutrina Chriſtãa aos meninos Malabâres, & porque os caſtigava à Portugueza, os pays Gentios que reputam por injuria propria o caſtigo que ſe dà aos filhos, arremetèrão hum dia furioſamente à eſcola para matar o Meſtre. E os meninos, que erão os magoados, & choravão quãdo recebiaõ o caſtigo, que fizerão? Saltão todos fóra dos bancos, cercão o Meſtre, & foy tal a carga de pedradas que chovèrão ſobre os pays, que os fizerão voltar mais depreſſa do que tinham vindo, enſinando lhe que devião mais àquelle de quem recebião a doutrina, que aos que lhe deram o ſer.

Agora não quero comparar eſtes meninos Malabáres com os Americanos, ſenão com os Romanos. Era Meſtre da eſcola em Roma hum Chriſtão chamado Caſſiano, condenàraõ no à morte pela doutrina, & Fè de Chriſto, que enſinava, & que os executores foſſem os meſmos diſcipulos com os ponteiros, de que uſavam, que eraõ de ferro. E que fariaõ os Romaninhos? Inveſtem o Meſtre como enxame de abelhas com os ferroens, & foraõ tantas as picadas, atè que lhe tiràraõ a vida. Os Gregos, & os Romanos prezavaõ ſe de todas as outras Naçoens ſerem barbaras, & ainda hoje conſerva Roma o meſmo ditame naquelle verſinho, *Græcis,*

Latinis, Barbaris. Agora pergunto: E quaes saõ nestes dous casos os barbaros, os Romanos, ou os Malabàres? De homés a homés taõ barbaros, & tam tyrannos huns como os outros; mas de meninos a meninos, os Romanos os barbaros, os ingratos, os desconhecidos, & os Malabares os urbanos, os agradecidos, os hõrados, os generosos, & os dignos de ser cantados nas Georgicas Virgilianas, & nos Fastos de Ouvidio.

VIII.

BAste de panegirico aos meninos da doutrina, ou à doutrina dos meninos, & acabo cõ dous documentos muyto necessarios à nossa. Que dizia o pregaõ de Xavier depois de tocar a sua campainha? Fieis Christãos, manday vossos filhos, & filhas, & vossos escravos, & escravas à Santa doutrina por amor de Deos. Por amor de Deos, dizia, como se pedisse esmola; & eu digo no Brasil, por amor de nòs, sob pena de sermos condenados, por faltarmos com a doutrina a quem devemos, & como devemos. Começando pelos escravos, & escravas, o modo com que Sam Francisco Xavier ensinava a doutrina, era este. Rezava primeiro o Padre nosso, a Ave Maria, o Credo, & as outras Oraçoens da cartilha em voz alta, seguindo-o, & respondendo todos com as mesmas vozes. E logo decendo a cada mysterio em particular, declarava o com taes termos, & repetiçoens, que atè os de menor capacidade fizessem o conceito necessario do que haviam de crer. E no cabo de cada mysterio pergũtava assim: Credes que Deos he hum só, creador de todas as cousas? Respõdiaõ todos, cremos. Credes que Deos naõ he huma só Pessoa, senam tres, Padre, Filho, Espirito Santo? Cremos. Credes que a Pessoa do Filho se fez Homem para remir o genero humano? Cremos.

E quando reſpondiaõ, cremos, repetiaõ tudo o que dizia a meſma pergunta. Agora pergunto eu: E he eſte o modo com que no Braſil enſinaõ aos eſcravos os ſeus Senhores, ou os ſeus Feitores, ou os ſeus Capellaens, ou os ſeus filhos? Os menos negligentes fazem quando muyto, que os eſcravos, & eſcravas buçaes ſaibaõ as Oraçoens na lingua Portugueza, nam entendendo mais o que dizẽ, que os Papagayos pardos de Angola, ou verdes do Braſil. E aſſim vivem, & morrem tam Gentios como dantes eraõ: declarãdo elles o ſer Chriſtãos com dizer que lhe metèram ſal na boca, & lhe chamàram Pedro, ou Franciſco. Iſto he ſer Chriſtaõ? Iſto he ſaber o Gentio o eſtado que deixa, & o que toma, & profeſſa de novo? Iſto he o que baſta para ſe ſalvar o eſcravo, & mais o Senhor? O eſcravo na hora da morte dirà a Deos: A mim nam me enſinàram mais que a cortar a cana, & a plantar mandioca. E o Senhor que dirà? Que dirá, torno a dizer, o Senhor, o Parocho, & o Prelado mayor? Ouçam todos a quem ha de julgar a todos. Chriſto Senhor noſſo definindo como ſe haviaõ de ſalvar os homens, diſſe aos Miniſtros da meſma ſalvaçam: *Docete omnes gentes, baptizantes eos*: Enſinay a todas as gentes, & bautizay-os. Primeiro mandou que foſſem enſinados, & depois bautizados. E eſta ordem, a que chama, *Ordo præcipuus*, o mayor Interprete dos Textos Sagrados, S. Jeronymo, declara o meſmo Doutor Maximo por eſtas palavras: *Primum docent omnes gentes, dein te doctas intingunt aqua*: Primeiro enſinaõ os Gentios, & depois os bautizaõ: porque? Segue-ſe a razaõ: *Non enim poteſt fieri, ut corpus Baptiſmi recipiat Sacramentum, niſi ante Anima Fidei ſuſceperit veritatem.* Porque de nenhum modo pòde ſer, que o corpo receba o Sacraméto do Bautiſmo, ſem

Matth. 28. 19.

Jeron. ibi lib. 4. Cõm. &c. in fine.

que

que a Alma antes disso receba a verdade da Fè. E se estas miseraveis Almas nũca recebèraõ, nem entendèraõ a verdade da Fè, como estes tristes, & negros homens sam verdadeiramente bautizados, & como se pòdem salvar elles, & os que estaõ obrigados, debaixo de peccado mortal, & gravissimo, de procurar sua salvaçaõ?

O segundo ponto naõ menos necessario, mas de que menos se cuida, he, que Sam Francisco Xavier naõ só dizia aos Portuguezes, manday vossos escravos, & escravas à Santa doutrina, senam tambem vossos filhos, & filhas. Isto das filhas tem muyta necessidade de attençam, & reforma em toda a parte, & nam só entre a gête vulgar, senaõ tambem na que naõ he vulgo. A doutrina com que costumaõ criar as meninas as suas ayas, contem duas cousas, ou duas vaidades: a primeira, a grãde nobreza da sua geraçaõ, & de caminho os defeitos das alheas: a segunda, como se haõ de toucar, & enfeitar, gastando com o espelho, & com a mestra destas ceremonias toda a manhãa, & fazendo esperar o Capellaõ revestido, quando fora melhor no mesmo tempo aprender os Mysterios da Missa. Sam Francisco Xavier tinha dedicado na India hum dia cada somana para a doutrina das mãys, & das filhas, sem entrar então na Igreja outra pessoa. Mas a isto responderàõ as nossas Portuguezas, que aquelle cuydado do Santo, era muyto bem empregado, & necessario entre Gẽtias, mas naõ nas que pòdem ser mestras do que elle lhes ensinava. Assim o creyo, porèm cõ sua exceiçaõ; porque me consta, sem outrem mo contar, que em alguma familia Portugueza muyto Christãa, & nam pouco illustre, duas filhas, que jà naõ eraõ meninas, cuidavão que os Anjos tinhaõ azas, & pennas, que o Padre Eterno era hum velho com as barbas

bas brancas, & o Eſpirito Sáto huma Pombinha. As Matronas Romanas entẽdem tanto ao contrario eſta preſunçam das noſſas, que todos os Domingos mandaõ ſuas filhas à Caſa Profeſſa da Companhia aprender a doutrina Chriſtãa, que lhe faz hum Padre ancião dos mais graves na Capella de Santo Ignacio com huma cortina corrida. E o certo he, fallando de mais perto, que na noſſa terra fiz eu algũas doutrinas domeſticas em caſas de portadas bem altas, & exprimentey q̃ tam neceſſaria he a doutrina Chriſtãa nos Paços, como nas praças, & nos eſtrados, como nas eſtradas.

SER-

SERMAM SEGUNDO.

NADA.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

PAra dar felice principio aos passos, ou Apostolicos do nosso Anjo, ou Angelicos do nosso Apostolo, posto que o Filho de Deos feito Homẽ disse aos seus, que os faria pescadores de homẽs, tambẽ lhes tinha profetizado por Jeremias que nam só haviaõ de ser pescadores, officio do mar, senaõ tambem caçadores, exercicio da terra. Sam Jeronymo, Santo Ambrosio, & Santo Agostinho dizem que fallava o Profeta particularmente dos Gentios, & as palavras da profecia sam estas: *Ecce ego mittam piscatores multos, & piscabuntur eos: & post hæc mittam eis multos venatores, & venabuntur eos.* A clausula *post hæc*, parece que finala tempos successivos, & differentes a estas duas missoens; Jerem. 16. 16.

ens; mas ambas ellas no meſmo tempo, & nos meſmos lugares ſe ajuntàraõ, & viraõ unidas no noſſo grãde Apoſtolo Saõ Franciſco Xavier. E ſe na prodigioſa decada da ſua vida, & peregrinaçoens do Oriente lhe computarmos os dias de peſcador no mar com os de caçador na terra; acharemos que ſe igualàram os da peſca aos da caça, & mõtaria. Notaveis faõ as artes, invençoens, & induſtrias com que os peſcadores, caçadores, & monteiros armaõ aos peixes, às aves, & às feras. E porque nas Sagradas Letras os homẽs mais barbaros, & carniceiros ſe comparam às feras, os mais Politicos, & de melhor entendimento às aves, & os mais brutos, & indiſciplinados aos peixes; materia ſeria nam ſó accõmodada, propria, & util, mas curioſa, & aprazivel, ſe eu hoje fizeſſe aqui huma previa, & fermoſa repreſentaçaõ das admiraveis traças, novas, & propriamente ſuas, com que Xavier como peſcador no mar, & como caçador na terra, trouxe à obediencia de Chriſto, & agregou à Igreja, como ella meſma diz, tanta diverſidade de Gentios, & Almas ſem numero. Mas porque os diſcurſos ſeguintes nos iram moſtrando por partes eſtas celeſtiaes, & engenhoſas induſtrias; o que hoje ponderarey ſómente com bem importante doutrina, he a energia daquelle repetido *ſuper: ſuper mare, ſuper terram.*

II.

ISto que abaixo do Ceo chamamos mundo, nam he outra couſa que huma machina natural maravilhoſamente compoſta de mar, & terra, abraçados, & unidos entre ſi. Donde ſe ſegue que quem debaixo de hum pè tiver a terra, & debaixo do outro o mar, terà ſugeito o mundo todo, & ſerà Senhor delle. Tal he a dobrada ſuperioridade que ſignifica aquelle dobrado *ſuper* do noſſo thema.

thema: *Sinistrum super terram, dextrum super mare.* E ouve jà mais no mesmo mundo quem fosse Senhor de todo elle? Muytos o presumìraõ, como Nabucodonosor, & Assuero: muytos o desejàraõ, como Alexandre Magno, & Julio Cesar: algum ouve que o poz em praxi, como Tiberio, *Ut describeretur universus orbis*; & hum só, que realmente tivesse esta grãde fortuna, que foy o mesmo que a perdeo, Adam.

Luc. 2. 1.

Descrevendo David naõ a grandezà da perda, senaõ a do senhorio, disse: *Constituisti eum super opera manuum tuarum*: Que cõstituìra Deos a Adam sobre todas as obras de suas mãos, isto he, sobre tudo o que tinha creado neste mũdo inferior, sendo o mesmo Adam a mayor, & ultima obra sua. E bastando, como nota Santo Agostinho, estas palavras para declaraçam do dominio universal do primeiro homem; acrecenta o mesmo Profeta: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus*: que todas as mesmas creaturas lhe tinha Deos posto debaixo dos pès, com expressaõ de humas serem as da terra, outras as do mar, como se fallàra no nosso caso: as da terra, *Oves, & boves insuper, & pecora campi*: as do mar, *Volucres Cæli, & pisces maris, qui perambulant semitas maris*; entrando neste segundo coro as aves, como creadas tambem cõ os peixes no elemento da agua.

Psalm. 8. 7.

Desorte que este senhorio do mũdo em Adam se declarou por dous termos, hum de superioridade nelle, como cabeça, pelo adverbio *super*: *constituisti eum super opera manuum tuarum*; & outro de sugeiçaõ nas cousas postas a seus pès pelo adverbio *sub*, *omnia subjecisti sub pedibus ejus*. E porque, ou com que mysterio? Porque assim como a posse corporal, & civil das cousas se toma com as mãos, pondo as mãos nellas; assim a espiritual, & moral se toma com os pès, pizan-

pizando-as, & metendo-as debaixo delles. Funda-se a realidade desta ceremonia naquella promessa de Deos tantas vezes repetida aos filhos de Israel para quando entrassem na terra de Promissaõ: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit:* Tudo o que pizarem os vossos pès, serà vosso. A terra de Promissaõ sempre significa nas Divinas Letras a Bemavẽturança, ou da outra vida, que cõsiste em ver a Deos, ou desta, que consiste em o servir, & agradar: & assim como chegou a dizer Origenes que se elle no Ceo pizasse o lugar de Lucifer, a cadeira de Lucifer seria sua; assim he certo que tudo o que pizamos neste mundo, he nosso, & só do que pizamos somos verdadeiros senhores. Tudo o mais por grande, alto, & sublime que seja, se o nam metemos debaixo dos pès por desprezo, mas o trazemos, ou na cabeça por estimaçaõ, ou no coraçaõ por amor, ou nas palmas por ostentaçam, ou no desejo (os que o nam tem) por ambiçaõ, & cubiça; taõ fóra estamos de ser senhores de qualquer destas cousas, que antes ellas nos dominaõ, senhoreaõ, & possuem a nòs, & nòs somos seus escravos. De qualquer outro modo que se tratem as cousas deste mundo, ou saõ pezo, ou saõ embaraço, ou saõ cuydado, ou saõ dor, ou saõ sugeiçam, ou saõ cativeiro; só pizadas, & metidas debaixo dos pès, sam dominio. Por isso todas as da terra, & do mar tinha o Anjo figura de Xavier debaixo dos pès: *Pedem suum dextrum super mare, sinistrũ super terram.*

Deut. 11. 24. Iosue 1. 3.

Origen. Homil. 3.

Supposto pois que meter tudo debaixo dos pès he o verdadeiro modo de dominar, & possuir tudo; esse mesmo dominar, & possuir, bem apertado, que vem a ser, ou em que consiste? Cousa maravilhosa! Consiste em nam ter, nem querer nada de quanto se possue, ou pòde possuir. Texto expresso de Sam

Paulo:

2. Cor. 6. 10. Paulo: *Nihil habentes, & omnia possidentes:* Nada temos, & tudo possuimos. Pois se o nada he o contrario do tudo, & o nam ter he o contrario do possuir, como pòdem possuir tudo os que nam tem nada? Este que parece paradoxo, serà a materia do meu discurso. Sam Joaõ Chrysostomo comentãdo o mesmo Texto, diz assim: *Quomodo hoc est? Imo quomodo contrarium est?* Vòs dizeis, como pòde ser isto? E eu pelo contrario digo, como pòde nam ser? Elle o prova em Sam Paulo antes das mesmas palavras: eu o provarey em Sam Francisco Xavier, que o confirmou com as obras: elle como tam eloquente, com muytos, & elegantes argumentos: eu com hum sò argumento, & sem elegancia. Argumento assim: Porque tem Xavier o mar, & a terra debaixo dospès? Porque ter debaixo dos pés, he desprezar, & ter debaixo dos pés, he dominar. Logo porque Xavier correndo tantas terras, & navegando tantos mares, nenhuma cousa quiz do mar, nem da terra; por isso o nada da terra lhe deo o dominio de toda a terra: *Pedem super terram*, & o nada do mar o dominio de todo o mar: *Pedem super mare.*

III.

COmeçando pelo mar, o primeiro cuydado de quem se embarca, porque no mar nam ha estalagens, he prevenir à mataloragem, ainda que a viagem seja breve. Daqui nasceo o ditado dos mareantes, que tal vez basta hum paõ para fazer cem legoas, & tal vez para fazer huma legoa, nam bastaõ cẽ pães. E em huma navegaçaõ taõ dilatada, & em huma Republica tam confusa, qual he huma nao da India, (& mais as daquelle tempo) nam sò se vaõ diminuindo os mantimentos, mas crescendo as bocas, o que nam acõteceo na Arca de Noé. A hum fidalgo duas vezes

Capi-

Capitaõ Mòr de Goa, & que mais de duas fez a meſma viagem, ouvi dizer, que elle, pela experiencia que tinha, fazia ſempre tres matalotagens, huma para os ratos, outra para os marinheiros, a terceira para ſi. E podèra acrecétar a quarta, porque em certas alturas atè os Ceos comem, & voraciſſima mête, corrompendo-ſe os mantimentos pela intemperança dos climas. E que proviméto foy o do Padre Meſtre Frãciſco, quando ſe embarcou para a India? Segundo a largueza com que o mandou prover El-Rey Dom Joaõ o III. podèra paſſar os Almazens de Lisboa ao ſeu payol; & quãdo menos, podèra deſcuidarſe da proviſam particular da propria peſſoa, ſuppondo que a meſa do General ſeria a ſua. Mas nem depois de embarcado podèram acabar com elle os rogos, & inſtancias do Governador da India Martim Affonſo de Souſa, que aceitaſſe eſta cómodidade, nẽ antes de ſe embarcar o Cõde da Caſtanheira Dom Antonio de Ataide, Veedor da Fazenda Real, para que admitiſſe o menor provimento de matalotagem, ou outra couſa, dizendo depois muytas vezes em converſaçaõ o meſmo Conde, que nam tivera no apreſto das naos daquelle anno menos que fazer com o Padre, para que quizeſſe aceitar algum proviméto del-Rey, que com toda a outra gente, para que nam pediſſe, ou tomaſſe mais do que lhe deviaõ.

Mas ſe Xavier era vivo, como os mais, em que fundava a confiança de ſuſtentar a vida na viagem, nam querendo levar nada? Reſpondo, que no meſmo nada; porque quem como elle, por ſe conformar com a pobreza Evangelica, deixa tudo, & nam quer nada, nada lhe pòde faltar. Na primeira miſſaõ em que Chriſto Senhor noſſo tirou da ſua eſcola os Diſcipulos, para que foſſem prègar, & exercitar os outros

ministerios da sua profissaõ, como a ave que tira os filhinhos do ninho para os ensinar a voar, a instrucçaõ que lhes deo, foy, que nenhũa cousa levassem comsigo para viatico, ou provimento dos caminhos, nẽ para comer, nem para vestir, nem para o mais necessario; nem mẽos bolsa, ou dinheiro com que o comprar: *Nolite possidere aurũ, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris; non peram, neque duas tunicas, &c.* Foraõ os Discipulos, prègàraõ o Reyno do Ceo, convertèram peccadores, saràraõ enfermos, lançàraõ demonios dos corpos, obràraõ muytos outros milagres: & tornando taõ carregados destes despojos, quam leves tinhaõ ido de tudo o necessario para a vida; entaõ lhes fez o Divino Mestre esta pergunta: *Quãdo misi vos sine sacculo & pera, nunquid aliquid defuit vobis?* Quando vos mandey sem alforge, nem viatico, faltou vos algũa cousa? *At illi dixerunt, nihil:* & elles respondèram, nada. Pois se nada levàraõ, como nada lhes faltou? Porque essa he a virtude do nada, & essa a riqueza da pobreza Evangelica. Naõ levarem nada, foy irem destituidos de tudo: nam lhe haver faltado nada, foy terem tudo o que lhes foy necessario. E este tudo se fundou totalmẽte naquelle nada; porque nelle levavaõ hum credito aberto da Providencia Divina, para que pela medida do nada que naõ levavaõ, lhe nam faltasse nada do que ouvessem mister. E se isto succedeo aos Apostolos de Galilea com o seu nada, porque naõ succederia o mesmo ao Apostolo da India com o seu? O seu nada foy o seguro viatico, que nem se podia roubar, nẽ se podia diminuir, nem se podia corromper; com que Xavier em toda a viagem, vivendo, & sustentandose de esmola, & muytos dias sem ella, nunca lhe faltou nada, porque nam quiz nada. Donde eu infiro que na Capita-

Matth 10.9.

Luc. 22 35.36.

pitania, & em toda a Armada, ninguem hia melhor amatalotado que o Meſtre Franciſco: porque os outros hiaõ providos pelo Regimento del-Rey, em que pòdem faltar, & faltaõ muytas couſas; & elle hia provido pelo Regimento de Deos, em que nada falta: *Dominus regit me, & nihil mihi deerit.*

Pſa. 22. 1.

Tornando porèm à primeira inſtrucçam de Chriſto, & à experiencia com que os Apoſtolos reſpondèraõ que nam tendo levado nada, nada lhes faltàra, *nihil*; o que entaõ lhes diſſe o meſmo Senhor, he huma couſa eſtupendamẽte admiravel, por ſer totalmente o contrario. As palavras cõ que o refere Sam Lucas, ſaõ eſtas: *At illi dixerunt, nihil: dixit ergo eis: ſed nunc, qui habet ſacculũ, tollat ſimiliter & peram.* Dizeis que quando vos mandey ſem alforge, nem bolſa, nada vos faltou? Pois agora vos digo, que quem tiver alforge, & bolſa, que a leve cõſigo. Eſtes ſaõ os meſmos Diſcipulos, & eſte he o meſmo Meſtre: mas ſe elle, & elles foraõ outros, naõ lhes podèra dizer couſa mais encontrada. Parece que em boa conſequencia havia de dizer o Senhor: Suppoſto que naõ levando nada, exprimentaſtes que vos naõ faltou nada, daqui por diante tende ſempre a meſmà confiança na voſſa pobreza, & nam trateis do provimento, ou viatico para as outras miſſoens, porque nos theſouros da minha Providencia, & do meſmo deſpego, & deſprezo de tudo, tereis tudo o neceſſario para o ſuſtento da vida. Mas ſe na primeira inſtrucçam lhes mandou que nam levaſſem nada, como agora lhes ordena que levem tudo o que tiverem, & podèrem? Porque nem todos os preceitos, ou conſelhos ſaõ para todos os tempos, & para todas as occaſioens, ainda que os homens que os haõ de ſeguir, & executar ſejaõ os meſmos. A razaõ deſta differença he; porque as

Luc. 22. 36.

missoẽs, a que Christo Senhor nosso mandou os seus Apostolos, foraõ duas, & muyto diversas: a primeira, & em sua vida, para que prègassem aos Judeos sómente: *In viam gentium ne abieritis, sed potius ite ad oves, quæ perierunt domus Israel:* a segunda, & para depois de sua morte (que entaõ lhes declarou) para que fossem prègar a todas as gentes do mundo: *Euntes in mundum universum prædicate omni creaturæ:* & como as missoens eraõ tam diversas, por isso foram tambẽ diversas as instrucçoens. Quãdo hiaõ prègar aos Judeos, q eraõ os Christãos, ou fieis daquelle tẽpo, mandou-lhes que nam levassem nada, porque entre elles facilmente podiaõ achar de graça, & de esmola o que lhes fosse necessario para sustẽtar a vida: porèm quando fossem prégar aos Gentios, que fossem prevenidos, & providos de tudo, porque nelles, como idolatras, & inimigos, naõ só naõ achariaõ quem os soccorresse com o sustẽto da vida, mas antes, & certamente, quem lha quizesse tirar.

Matth. 10. 5. 6.

Marc. 16. 15.

Este he o sentido proprio, & literal de hum, & outro texto, & assim o declaraõ todos os Santos, a quem segue Sãto Thomàs; mas naõ Saõ Francisco Xavier, posto que a elle lhe pertence a segunda parte, como Apostolo das Gentes. Reconhece Xavier a verdade da declaraçam, mas sempre abraçado constantemente com o seu nada, nada quer para o mar, quando serve aos Christãos no mar; & nada para a terra, quando prèga aos Gentios em terra.

IV.

OS Gentios mais barbaros, & feros, & mais sem humanidade de todo o Oriente, saõ os da Batechina, ou Ilhas de Moro, em que a principal he de cento & cincoenta legoas. O seu mais ordinario mantimento he de carne

ne humana: mataõ-se para isso atè os pays aos filhos, os maridos às mulheres, & os filhos aos pays, & mãys: & muytas vezes antes da fome, & do gosto de se comerem, só pelo gosto, & appetite de matar, se mataõ. Nam ha entre elles Ley, pezo, medida, ou outro final de uso de razaõ, & justiça, salvo o frequente cõtrato de se empreſtarem humas familias às outras, o pay, ou filho, para o comerem em alguma festa, com obrigaçaõ de o pagarem na mesma moeda. O genero de morte mais usado, & menos violento daquella carniceria he o dos venenos, em que saõ sutilissimos, nam se comendo entre elles hum bocado de arroz, nem bebẽdo-se hum trago de agua com segurança, & sem sospeita de que se come, ou bebe a morte. A quem nam meteria medo entrar, & pòr os pès em taes terras? & quem, ainda navegando, nam fugiria muyto longe de suas prayas, & de seus mesmos ares? *Heu fuge crudeles terras, fuge littus avarum?* Virgil. Æneid. 3. Mas esses mesmos horrores eram os que mais animavam, & estimulavaõ o espirito de Xavier a emprender a cõquista das Ilhas do Moro. Diziaõ-lhe que voluntariamente se hia meter, & buscar os perigos nam duvidosos, mas certos: diziaõ-lhe que de gente tam barbara, & fera nenhum fruto se podia esperar: diziaõ-lhe que na hora, em que se embarcasse, o chorariaõ por morto, abonando esta promessa com as mesmas lagrimas, que jà naõ podiaõ resistir. Sobre tudo punhaõ-lhe diãte dos olhos o desemparo de todas as outras christandades do Oriẽte, humas ainda verdes, & em flor, outras só semeadas, & outras que desejavaõ, & pediaõ o arado com certissimas esperãças de copiosa colheita, & que toda esta fertilidade trocava por huns penhascos estereis. Mas como o Santo desfizesse todas estas razoẽs com outras mais

altas, & ſobre humanas, viſta a conſtante, & inflexivel deliberaçam em que eſtava de nam deſiſtir daquella empreza; ao menos lhe rogavam que levaſſe comſigo as Bazares, os Unicornios, as pedras de Porco Eſpin, & os outros defenſivos mais finos, & aprovados de que a Judea he taõ abundante, como dos meſmos venenos. Porèm Xavier tam fechado neſte caſo, como em todos os outros, com o ſeu nada, nenhuma couſa, nem deſte, nem de outro genero quiz aceitar, nem ainda ver.

Ha tal reſoluçaõ? Ha tal deſprezo da vida? Ha tal deſejo de a perder? Naõ vedes, meu Santo, que aos ſeus Apoſtolos diz Chriſto que quando forem às terras dos Gentios, mudem o eſtilo da ſua ſufficiencia, & vaõ prevenidos dos meyos neceſſarios para a conſervaçaõ da vida? Huma couſa he navegar de Lisboa a Goa em huma nao que leva no tope as Chagas de Chriſto, para que vos baſte para ſuſtento o voſſo nada; mas entrar em humas terras, onde o nome de Chriſtaõ, ſobre o de homem, & eſtrangeiro, he nova pena de morte; jà que naõ levais os peitos de aço para rebater as ſuas ſettas, porque naõ levareis ao menos eſſes reparos que nellas criou a natureza para as traiçoens dos ſeus venenos? Iſto meſmo repetiaõ a Xavier com novas inſtancias os que preſumiaõ zelar tanto a ſua vida, como elle a ſalvaçaõ das Almas: & que reſpondia o Sãto? Reconhecia o amor, & a boa intençaõ, agradecia os offerecimentos, & eſcuſava-ſe de os aceitar, dizendo com o roſto muyto ſeguro, & alegre, que elle levava comſigo a mais fina, & mais forte contrapeçonha de todas. Eſta era debaixo da confiança em Deos a virtude do ſeu nada. O primeiro, & mais famoſo antidoto, ou contra-veneno artificial que ouve no mundo, foy o Mitrida-

Plin. lib. 25. c. 2.

tridatico, a que deo o nome depois de o inventar Mitridates Rey tam poderoso, como sabio, o qual o tomava todas as manhãs, & sobre elle sem perigo, nem lezaõ, comia, & bebia todos os venenos. Compunha-se o Mitridatico de oitenta, & tantos ingredientes; mas que cõparaçaõ podia ter com o nada de Xavier, que tinha debaixo dos pès o mar, & a terra? Tudo o que cõtem o mar, & a terra, pizado como elle o pizava, vede se podia fazer huma confeiçaõ, & hũ antidoto que melhor lhe defendesse a vida de todos os venenos, que o seu a Mitridates? Em fim assim armado, ou desarmado chegou Xavier às terras dos medonhos Mõrotèses, & nem a sua fome o comeo, nem a sua sede lhe bebeo o sangue, nem os seus venenos lhe tiràram a vida; antes elle ao principio, de feras os fez homẽs, logo de homẽs, Christãos, & em espaço de tres meses que os assistio, os deixou taõ firmes na Fè, & com taes mostras da sua propria salvaçaõ, que perseguidos depois pela mesma Fè, de crueliſſimos tyrannos a defendèraõ cõ glorioſos martyrios. Tanto faz, tanto pòde, & taõ seguro caminha quem se fia de Deos, & naõ quer nada.

Sò resta responder ao conselho de Christo, (que conselho foy, & nam preceito) Huma cousa he o que se permite, outra o que se manda; huma o licito, outra o heroico. Tambem Sam Paulo Apostolo das Gentes se singularizou dos outros Apostolos em nam querer nada. Os outros Apostolos no exercicio da prègaçam do Evangelho deixavaõ-se acompanhar de pessoas devotas que os assistiaõ, & lhe ministravaõ o necessario, que he o termo com que fallam os textos; porèm Saõ Paulo depois de provar largamẽte que lhe era licito o mesmo, estava taõ desapegado a tudo, & taõ pegado ao seu nada, que nenhuma cousa

queria aceitar de outrem, gloriandose tãto desta sua isençaõ, & independencia, & fazendo tanta estimaçaõ della, que se naõ fora taõ Santo, & naõ tivera dito, 2 Cor 10. 17. *Qui gloriatur, in Domino glorietur*, sendo esta sua gloria tam solida, podèra parecer que debaixo della havia alguma cousa de vã. Chegou a dizer que antes perderia a vida, que esta gloria singularmente sua: 1. Cor. 9. 15. *Bonum est mihi magis mori, quàm ut gloriam meam quis evacuet.* E se o nada de Sam Paulo era tam isento de tudo, & tam nada, de que se sustentava? Elle mesmo o diz apontando para as mãos, de cujo trabalho tirava o sustento seu, & de seus companheiros: Act. 20. 33. 34. *Argentum, & aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis: quoniam ad ea, quæ mihi opus erant, & his, qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ*: Nem para comer, nem para vestir recebi de outrem cousa alguma, como todos sabeis: porque estas mãos, & o trabalho dellas eram as que me davaõ tudo o necessario. Isto fazia o nada de Saõ Paulo, o que naõ fazia o nada de Xavier. E qual delles era mais glorioso? O de Saõ Paulo era singular sobre os doze Apostolos; o de Xavier naõ só era singular sobre os doze, senaõ sobre os treze, entrãdo tambem neste numero o mesmo Saõ Paulo. Seria pois mais glorioso o nada de Xavier, porque muytas vezes passava os tres, & os quatro dias, & tal vez a somana inteira sem comer bocado? Naõ só por isso. O nada de Paulo sustentava a Paulo, o nada de Xavier sustentava a Xavier; mas o de Xavier mais glorioso: porque a confiança do nada de Paulo fundavase no que trabalhava com as suas mãos; & a do nada de Xavier no que pizava com os seus pès: hum pè sobre o mar, & outro pè sobre a terra: no mar entre os Christãos, como vimos, bastando-lhe o seu nada para

para sustentar a vida, & na terra entre os Gentios bastando lhe o mesmo nada para se defender da morte: *Pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram.*

V.

AInda naõ chegamos a tudo o que prometi. Prometi que assim como Xavier tudo desprezava, & tudo metia debaixo dos pès, sem querer nada, assim esse mesmo nada o fazia Senhor de tudo: & isto he o que agora havemos de ver. Como saõ frequentes nos mares do Arcipelago da India os perigos, & naufragios, deo à costa com o seu navio hum mercador Capitaõ, & senhorio delle, o qual no mesmo navio levava todo o seu cabedal, tam confiado, ou tam cubiçoso, que naõ tinha deixado reserva em terra. Cõ a vida que lhe perdoou o mar, vendo-se despido em huma praya, por nam ter com que a sustentar, se meteo a pedir esmola pelas portas, tam pobre, que atè ao mais pobre que acaso se achou naquella terra, sem reparar nos seus remẽdos, & pès descalços a pedia tambem. Enterneceo-se Xavier com a relaçaõ da sua desgraça, & presente miseria, meteo a maõ na algibeira, nam achou nada, mas nem por isso despedio o pobre. Torna outra vez com a maõ à algibeira Mas tende maõ nessa maõ, meu Santo, reparay no que fizestes, & no que tornais a fazer. Quando com essa acçaõ natural fostes buscar o que desejaveis dar ao pobre, achastes alguma cousa? Nam. Pois se naõ achastes na algibeira mais que o nada que nella havia, que ides buscar de novo? O mesmo, & por isso mesmo. Porque he tal a excellencia ou a riqueza do nada de Xavier, pelo qual elle tinha metido tudo debaixo dos pès; que em virtude do mesmo nada lhe nam podia faltar cousa alguma do que desejasse, ou ouvesse mister. E assim foy.

Aca-

Acabou de meter segunda vez a maõ na algibeira, & no mesmo ponto a tirou chea de moedas de ouro, & prata finissima, cunhadas de insignias naõ conhecidas: com ellas soccorreo, & remediou o pobre, dando-lhas todas. Notaõ aqui os Historiadores, que quãdo isto fez Xavier, poz os olhos no Ceo: como se dissera: *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi:* Levãtey os olhos aos montes, donde me havia de vir o soccorro. Os dous montes mais celebres no mundo, hum de ouro, outro de prata, he de prata o Potossi na America, & de ouro o Pangêo na Tracia. E foraõ estes por ventura os montes donde lhe veyo a Xavier o soccorro dõ ouro, & da prata? Naõ, continûa elle: *Auxilium meum à Domino, qui fecit Cœlum & terram:* O soccorro veyome do Senhor, que fez o Ceo, & a terra. Admiravel razaõ, & proprijssima do caso! Nam diz que lhe veyo o soccorro do Deos todo poderoso, ou do Deos Senhor de todas as cousas; senaõ do Deos que fez o Ceo, & a terra: & porque? Porque só quando Deos criou o Ceo, & a terra, fez tudo de nada, que isso he criar: *In principio creavit Deus Cœlum & terram:* & tal foy o milagre da algibeira de Xavier, primeiro nada, & depois ouro, & prata. Foy mayor milagre, que o da nossa Rainha Santa, quando as moedas dos pobres se convertèraõ em Rosas: porque alli as moedas convertèram-se em outra cousa, que he menos; aqui criàraõ-se, ou fizeram-se as moedas de nada, que he muyto mais. Tambem o modo de soccorrer ao pobre foy mais maravilhoso que o de Sam Pedro, quando deo os pès ao alejado, que lhe pedia esmola: *Argentum, & aurum non est mihi, quod autem habeo, hoc tibi do.* Sam Pedro disse, naõ tenho ouro, nem prata, mas doute o que tenho; & Xavier podia dizer, nam tenho ouro,

Ps Im. 120 1.2.

Genes. 1.1.

Act 3.6.

nem

nem prata, mas doute o que naõ tenho: porque esta era a virtude do seu nam ter, & do seu nada.

Passemos agora da terra ao mar, & vejamos como pelo mesmo modo cõ que o nada de Xavier remediou aquelle naufragio do mar na terra, assim acodio naõ menos maravilhosamẽte a outro muyto mayor da terra no mar. Os Paravàz saõ hum Gentio da Costa da Pescaria, em que o Santo empregou hũs dos primeiros lanços das suas redes, com tanta ventura, ou favor do Ceo, que havendo entre elles alguns Christãos só de nome, naõ só resuscitou neltes a Fè, mas a plantou nos demais com taõ firmes raizes, que de todos se compoz huma florentissima christandade. Habitavaõ em muytas povoaçoens os lugares maritimos da mesma Costa, quando subitamente rebẽtou contra elles do certaõ hum exercito dos Badagàz gente barbara, & ferocissima, com tal impeto, & resoluçaõ de levar tudo a fogo, & a ferro, que os pobres Christãos largandolhe a terra, & quanto nella possuhiaõ, naõ tiveraõ outro lugar para onde fugir, & salvar de algum modo as vidas, que lançando-se ao mar. Faz o Cabo de Comorim com a vizinha Ilha de Ceilaõ hũ estreito cheyo de muytos baixios, restingas, parceis, coroas de area, & recifes de pedra; & alli (se he licito comparar as cousas pequenas com as grandes) se vio hum lastimoso retrato do Diluvio universal, quando começou a alagar os valles: huns se metiaõ pelas concavidades dos recifes, outros nadavaõ ao mais descuberto das coroas, outros subiam ao mais alto dos penedos, & a multidaõ innumeravel dos demais homens, mulheres, & meninos, metidos na agua com as cabeças de fóra para conservar a respiraçaõ, & as mãys, & pays com os filhinhos aos hombros, em pè sem poder descançar, nem dormir, & nam

nam só abrazados dos rayos do Sol, que alli saõ ardentissimos, mas estalando à fome, & à sede, ou se deixavaõ já afogar desmayados, ou por instantes esperavaõ acabarna mesma miseria sem remedio; quando com outro repente viram que vinha inflando o canal do mesmo estreito, que he muyto difficultoso, huma frota de muytas embarcaçoens. Alguns temèraõ que fossem os mesmos barbaros; mas os fumos, & labaredas com que viaõ do mar arder as suas povoaçoens, os asseguravaõ de que nam podiam ser elles: mas de quem seriaõ? Dilo hey pelas palavras do mesmo Capitaõ da frota, tanto que lhe chegou a nova do que passava. Em huma carta que escreveo entaõ Sam Francisco Xavier a seu cõpanheiro o Padre Francisco de Mancias, diz assim: Eu me parto para o Cabo de Comorim cõ vinte embarcaçoens de mantimentos a soccorrer aquelles pobres Christãos, que cõ medo dos inimigos estaõ pelo mar morrendo alguns à pura necessidade. Là escrevo aos Pantagatins, & Regedores que lhe acudaõ com alguma esmola: fazey que seja por suas vontades, & naõ por força; & que a naõ tirem dos pobres, senam daquelles que à boamente a quizerem, & poderé dar. Assim deixava Xavier prevenido o segundo, & futuro soccorro; mas este primeiro, & presente, donde lhe veyo? Vinte embarcaçoens, & de mantimentos, & principalmente de aguada, que era o de que mais nec ssitavaõ, & as vazilhas para ella, & as cousas de comer promptas, & aparelhadas, & taes que nam dependessem de fogo: hum Viso-Rey da India com os Almazens del Rey, & toda a fabrica da ribeyra naõ podèra expedir em Goa hum taõ repentino soccorro. Como o fez logo em hũ momento com tantas embarcaçoens, marinhagem, & tudo o mais necessario quem, como Xavier, nam possu-

poſſuhia nada? A hiſtoria naõ o diz; mas eu digo, & ninguem poderà dizer outra couſa, ſenam que o ſeu nada fez eſte grãde, & univerſal milagre, tirando tudo dos ſeus theſouros, que ſaõ os meſmos da Divina Omnipotencia, a qual naõ ha miſter tempo, nem outros requerimentos que o da meſma neceſſidade, & miſeria dos pobres.

Onde a noſſa Vulgata diz, *Deſiderium pauperum exaudivit Dominus*, tem o original Hebreo, *Vacuitatem pauperum.* Quer dizer, que ouvio Deos, & remediou o vacuo dos pobres, que he a ſua neceſſidade, & falta do que nam tem. E porque chama o Profeta, & o meſmo Deos por ſua boca a eſſa neceſſidade, & falta do neceſſario, o vacuo dos pobres? Para que entendamos, que aſſim como a natureza para impedir o vacuo, obra ſobre todas as ſuas Leys, & contra ellas, fazendo milagres; aſſim os faz a Miſericordia Divina para acudir às neceſſidades dos pobres. He o que fez neſte caſo, & no paſſado por meyo da caridade de Xavier, & com taõ elegante contrapoſiçam, que em huma, & outra neceſſidade remediou hũ vacuo com outro vacuo: o vacuo dos pobres com o vacuo do meſmo Xavier. Là com o vacuo, & com o nada da ſua algibeira, ſoccorrendo a pobreza de hum naufragante cõ a maõ cheа de ouro, & prata: cà, & com mais univerſal maravilha, do meſmo vacuo, & do meſmo nada acudindo naõ a hum homem, nem a hum povo, ſenaõ a muytos, que de ſi meſmos tinhaõ feito voluntario naufragio, lançando-ſe ao mar, para eſcapar as vidas, ſoccorrendolhas na extrema neceſſidade com huma frota inteira de vinte embarcaçoẽs carregadas de mantimentos. Là em fim remediando as perdas do mar na terra para moſtrar o ſeu nada; que por ter metido a terra debaixo dos pès, era Senhor da terra: *Pedẽ ſiniſtrum ſuper*

Pſalm. 10. 17.

per terram: & cà remediando as perdas da terra no mar, para acabar de confirmar o mesmo nada; que por ter metido o mar debaixo dos pès, era Senhor do mar: *Dextrum autem super mare.*

VI.

POr estes, & outros exemplos vieram os mesmos Gentios a reconhecer com tal evidencia, & espanto estes dous dominios de Xavier, que lhe chamavaõ Deos da terra, & Deos do mar. Fallavaõ como Gentios, mas bem podiaõ dizer o mesmo em sẽtido christaõ. A Moyses disse Deos: *Ecce constitui te Deum Pharaonis.* E assim como Deos fez a Moyses Deos de huma terra, que era o Egypto, & Deos de hum mar, que era o Vermelho, bem o podia fazer sem limite Deos de toda a terra, & Deos de todo o mar. Tal era o cõceito que os Gentios tinhaõ do poder, & dignidade de Xavier. E para que o possamos tomar em bom sentido, he cousa muyto singular, & digna de reparo, que Deos se naõ dà por offendido dos que daõ a Xavier este nome; antes favorece aos que o invocaõ, & castiga aos que o juraõ em vaõ. Em Cotâta Cidade da India tem Xavier hum Templo muyto celebre por milagroso, o qual està todo cheyo de votos, ou troféos que alli penduraõ os Gentios em memoria, & agradecimento das mercès que alcançaõ do Santo: & o seu mayor, & mais inviolavel juramẽto naõ he pelos seus Deoses, ou idolos, senam, pelo Santo de Cotâta, havendo-lhe conciliado este summo respeito a experiẽcia que tem das penas com que Deos castiga os violadores deste juramento.

Exod. 7. 1.

Ouçamos agora ao verdadeiro Deos, que nas cousas que pertencem a Xavier, naõ parece o mesmo, senaõ outro. Queixase dos Hebreos, & diz assim pelo Profeta Jeremias: *Super quo propitius tibi esse potero?* Jerem. 5. 7.

potero ? Filij tui dereliquerunt me, & jurant in his, qui non sunt Dij? Porque razaõ, porque merecimento, ou com que titulo, ô Israel, te posso eu favorecer, ou ser propicio, se os teus filhos me deixaõ, que sou o verdadeiro Deos, & juraõ por aquelles que nam saõ Deoses? Pois se isto em proprios termos he o mesmo que faziaõ os Gentios da India venerando a Xavier por Deos, & jurando por elle, como os Israelitas por Baal, & Melchon: porque favorece Deos aos que isto fazẽ concedendo-lhe quãto pedem a Xavier, & castigando severamente aos que juraõ por elle, se nam guardaõ os juramentos? He certo, como cantou a Igreja no dia em que canonizou a Saõ Francisco Xavier, que Deos se honra na honra que se faz a seus Santos: *Et in Sanctorum tuorum honoribus honoraris*; mas isto se entende quando a honra que se faz aos Santos, naõ offende a honra de Deos, como a offendem os que veneraõ o outro Deos, & juraõ por elle: porque merecimẽto logo chega Deos a dissimular as suas offensas, por acrecentar, & favorecer as honras que se fazem a Xavier? Naõ ha duvida que pelos merecimentos do mesmo Santo, & não dos que ignorantemente lhe dão o nome, & veneração de Deos; porque isto nẽ o mesmo Deos o pòde fazer, como dizem enfaticamente aquellas palavras suas: *Super quo propitius tibi esse potero?* Mas se isto chega Deos a fazer pelos merecimẽtos de Xavier; resta saber por quaes merecimentos.

Digo que pelos merecimentos daquella soberania que ponderamos em todo este discurso tão parecida com a Divina. Deos he Senhor de tudo: mas de que modo? De tal modo, que para si não quer nada, & tudo o de que he Senhor, he para nòs. Antes de Deos criar o mundo, tinha algũa cousa fóra de si? Nada; porque não havia nada. E

depois

depois do mundo creado, teve mais alguma couſa de novo? Para ſi o meſmo nada que dantes; mas para nòs, & para o homẽ tudo: Psal.8. 8. *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus.* Ao meſmo modo Xavier com hum pè ſobre a terra dominava tudo o que ha na terra; com o outro pè ſobre o mar dominava tudo o que ha no mar: mas para quem? O tudo para todos, ou foſſẽ Chriſtãos, ou Gentios; & para ſi o ſeu nada, puro, & deſpegado de tudo, porque era o que ſó queria. E como no uſo, & deſuſo de huma, & outra couſa ſe parecia tanto com Deos, por iſſo Deos não ſó permitia que foſſe venerado por Deos do mar, & da terra, mas favorecia cõ milagroſos beneficios aos que aſſim o veneravão; & caſtigava, que he mais, aos que jurando por elle, faltavão a eſta veneração.

VII.

AGora para acabar, fallemos hum pouco comnoſco. Navegàraõ ao meſmo Oriente os Portuguezes, fizeraõ-ſe Senhores do mar, & da terra: & como uſáraõ deſte dominio naquelles felices principios tão abſoluto? Com grande differença. O Texto não diz que o Anjo tinha hũ pè no mar, & outro na terra, ſenão hũ pè ſobre a terra, *Siniſtrum ſuper terram*; & outro ſobre o mar, *Dextrum ſuper mare*: quẽ tem os pès ſobre o mar, & ſobre a terra, piza o mar, & piza a terra, & ſó quem os piza, os ſenhorea verdadeiramente: *Omnis locus, quem calcaverit pes veſter, veſter erit*; & iſto he o que fez Xavier: porèm os que navegàràõ, & conquiſtàraõ o Oriente com outro eſpirito, naõ metèraõ o mar, & a terra debaixo dos pès, mas metèraõ os pès no mar, & na terra para acquirir o que debaixo de ſi eſcõdia a terra, & o que debaixo de ſi eſcondia o mar. Xavier foy là levar a bençaõ de Deos, elles foraõ là buſcar a bẽçaõ de Izachar. E que diz eſſa bẽçaõ? *Inũdatio-*

Deut. 33. 19. *dationem maris quaſi lac ſugent, & theſauros abſconditos arenarum.* As tormentas do Cabo da Boa Eſperança, & os tufoens dos mares da China parecerlhehaõ mar leite: *Inundationem maris quaſi lac ſugent*; porque vaõ buſcar os theſouros que eſtaõ eſcondidos nas arèas, *& theſauros abſconditos arenarum.* As perolas buſcalas-haõ debaixo do mar, de mergulho, na Coſta da Peſcaria: o ambar eſperaràm que as tempeſtades, ou as Baleas o lancem às prayas: os diamantes cavalos-haõ debaixo da terra de Colocondâ: os rubìs deſenterralos haõ na de Pegû: as Safiras illaſhaõ buſcar mais longe na dos Perſas, & Mèdos. E porque ſe metèraõ debaixo da terra, & debaixo do mar, & naõ a terra, & o mar debaixo dos pès, por iſſo os naõ dominàraõ verdadeiramente.

Democrito, por teſtimunho de Seneca, o mais ſutil de todos os Filoſofos, teve para ſi, que todas eſtas que chamamos Eſtrellas, ſaõ outros tantos mundos, mayores que eſte que habitamos; & poſto que nam ſe enganou na grãdeza, em ſerem outros mundos diſſe hum erro, em que outros o ſeguìraõ. Ouvindo iſto Alexandre Magno, faltàraõ lhe as lagrimas pelos olhos, & diſſe chorando: He poſſivel que ha tantos mundos, & que eu ainda naõ acabey de conquiſtar hum? Aſſim diſſe aquelle monſtro de ſoberba, & o meſmo havia de dizer, ſe os conquiſtàra todos, porque naõ ſabia em que conſiſte o dominio do mundo. O dominio do mundo naõ conſiſte em o poſſuir, conſiſte em o pizar. Eſſa he a razão altiſſima porq̃ Deos, ſendo taõ liberal, deo todo o mundo ao primeiro homem, creando tantos homens, creou hum ſó mundo. Porque para cada homem poſſuir hum mundo, era neceſſario que foſſem tãtos mundos, quantos ſaõ os homens; mas para todos os homens, & cada homem

pizar todo o mundo, baſta hum ſó mundo. Deſta ſorte o dominou Xavier, pizando-o, & não querendo delle nada: & do meſmo modo o dominàraõ todos os que o ſouberaõ pizar.

Oh ſe os cubiçoſos de riquezas ſouberão entender, & penetrar bem eſte ponto! Ouvi huma notavel pôderação de Saõ Paulo, não ſey ſe bem entendida: 2. Cor. 8. 9. *Scitis gratiam Domini noſtri Jeſu Chriſti, quoniam propter vos egenus factus eſt, cum eſſet dives, ut illius inopia vos divites eſſetis.* Bẽ ſabeis a grande mercè, & graça de Deos, có que elle por amor de nòs, ſendo rico, ſe fez pobre, para nos enriquecer com a ſua pobreza. Suppoem o Apoſtolo que todos ſabemos iſto; mas he certo que muytos o não ſabem, antes cuidam que he couſa que ſe não pòde ſaber. Se diſſera q̃ Deos ſendo rico, ſe fez pobre, para nos enriquecer có a ſua riqueza, bem ſe entendia; mas para nos enriquecer com a ſua pobreza? Sim. E he laſtima que não entẽdão eſta filoſofia os Chriſtãos, entendendo-a os Gẽtios. Quẽ ſaõ os ricos neſte mundo? Os que tem muyto? Naõ; porque quem tem muyto, deſeja mais, & quẽ deſeja mais, falta-lhe o que deſeja, & eſſa falta o faz pobre: *Inventus eſt qui aliquid concupiſceret poſt omnia:* Ouve neſte mundo hũ homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda deſejou mais. Eſte declarou elle que foy Alexandre; mas com encarecimento falſo, porque Alexandre nunca foy Senhor de tudo. O Senhor de tudo ſó foy Adão. Mas a eſſe tambem o perdeo a ſua pobreza, porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. Demaneira que não he rico quem tem muyto, ainda q̃ ſeja tudo. Pois quẽ he o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma couſa lhe falta. E eſta he a verdadeira riqueza, com que Chriſto nos enriqueceo có a ſua pobreza, enſinando-nos a Senec. Epiſtol. 120.

não

não querer nada, como elle o não quiz.

Ainda não eſtà dito; porque aqui ſe devem notar duas couſas muyto particulares. A primeira, dizer São Paulo que o Filho de Deos nos enriqueceo cõ a ſua pobreza, & não com a ſua Omnipotencia: *Ut illius inopia vos divites eſſetis.* E porque? Porque com a ſua Omnipotencia pòde Deos dar muytas riquezas aos homens; mas fazelos ricos não pòde. Deo muytas riquezas aos Aſſyrios, aos Perſas, aos Gregos, aos Romanos, mas todos elles com eſtas riquezas ſempre ficavão pobres, porque lhe faltava o mais que todos apeteciõ; & por iſſo ſe deſtruhião com guerras. Que remedio logo para Deos poder fazer os homens ricos? O remedio foy o que elle tomou, fazẽdo-ſe Homem, & pobre, & enſinando-nos com a ſua pobreza a não querer nada. Torno a dizer a não querer nada: & eſta he a ſegunda energia das palavras de S. Paulo, em que me admiro não repararem os Interpretes. Se diz que Chriſto ſe fez pobre para nos enriquecer com a ſua pobreza, porque não ſignificou eſſa pobreza com a palavra, *paupertas*, ſenão com a palavra, *inopia*? Porque *paupertas*, a qual ſe define, *parvi Poſſeſſio*, ſignifica a pobreza que poſſue pouco; porèm a palavra, *inopia*, por aquella negação, *in*, que nega tudo, ſignifica a pobreza que não quer nada, & ſó a *inopia*, & a pobreza que não quer nada, he a que faz o homẽ verdadeiramente rico: *Ut ejus inopia vos divites eſſetis.* Aſſim o entendèrão, como dizia, atè os meſmos Gentios; por onde Attalo famoſo Filoſofo em fraſi tambem gentilica, diſſe: *Nihil deſideres, oportet, ſi vis Jovem provocare nihil deſiderantem*: Se queres ſer tão rico, que deſafies ao meſmo Jupiter, não deſejes nada, aſſim como elle nada deſeja.

Ita Senec. Ep. 88. in fine.

Apud. Senec. Epiſtol. 111.

Que ricos ſerião os homens, & logo, & neſte meſmo

mo instante, se soubessem conhecer, & estimar os thesouros do naõ querer! Estas foraõ as riquezas que Christo nos ensinou com à sua pobreza; & esta foy a que professou Saõ Francisco Xavier, com que foy o mais rico de quantos passáraõ ao Oriente. Elles metendo, & engolfando os pès, as mãos, todo o corpo, & toda a Alma, nas riquezas daquellas terras, & daquelles mares: & Xavier pizando, & metendo debaixo dos pès quanto encerraõ os mesmos mares, & terras: *Pedem sinistrum super terram, dextrum autem super mare.* Comparemos agora o nada do que là quiz Xavier, com o tudo do que là foraõ buscar, & trouxeraõ os que tornàraõ com grãde fama de ricos a Portugal. Todos os que com as velas inchadas desta falsa opiniaõ entraraõ pela barra de Lisboa, por mais carregados que viessem de riquezas, verdadeiramente nada trouxeraõ. E porque? Notay muyto a razaõ. Porque tudo o que trazem os que vem da India, ou he roubado, ou elles vem roubados. Se he roubado, naõ trazem nada, porque o que trazem he alheyo, & naõ seu, & o devem restituir. E se vẽ roubados, ainda menos, porque o roubado naõ só perde o que traz, senam tambem a liberdade, & de rico não só fica pobre, mas cativo. Tudo isto descubrio, antes de nòs descobrirmos a India, o Cardeal Hugo naquelle verso do Psalmo, *Rapinas nolite concupiscere: divitiæ si affluant, nolite cor apponere.* Psalm. 61. 11.

Primeiramente, porque naõ diz o Espirito Sãto que nos guardemos da rapina, & do roubo, senaõ dos roubos, & das rapinas: *Rapinas nolite concupiscere?* Porque assim como ha dous modos de acquirir, assim ha dous modos de roubar: hum com que nòs roubamos as riquezas alheas; & outro com que as proprias nos roubaõ a nòs: *Dicuntur autem rapinæ non solum divitiæ, quæ rapiuntur,*

id

id est, quæ per rapinam acquiruntur, sed etiam omnes divitiæ, quæ rapiunt mentem hominis. De sorte que ha humas riquezas que se acquirem por violẽcia, engano, ou qualquer outro modo de injustiça, & estas saõ as que os homens roubão: & ha outras acquiridas licitas, & justamente; & com tudo se os homens poem nellas o coração, & o amor, estas saõ as que os roubão a elles. Por isso o Espirito Santo depois de dizer, *Rapinas nolite concupiscere*, acrecenta, *divitiæ si affluant, nolite cor apponere*: como se dissera: & ainda que as riquezas vos entrem pela porta voluntaria, & justamẽte sem violencia, ou engano, nem por isso vos fieis de pòr nellas o coração, porque ainda que não sejão roubadas, saõ roubadoras; & nam só vos deixaràõ pobres, senão cativos. Assim o declara o mesmo David noutro lugar: *Dormierunt somnum suum, & nihil invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis:* Despertàraõ, & abrirão os olhos, & nada achàraõ nas suas mãos os homens das riquezas. Naõ diz as riquezas dos homẽs, senão os homẽs das riquezas; porque no tal caso, naõ saõ os homens os Senhores das riquezas, senão as riquezas as Senhoras dos homens, & elles os cativos, & escravos dellas. E que importa que venhais da India arrastando cadeas de diamantes, se essas vos prẽdem, & vos cativão? & quando presumis, & cuidais que sois muyto rico, o que verdadeiramente nam tendes, he nada: *Nihil invenerunt in manibus suis.*

Pſalm. 75. 6.

Comparemos, pois, com os olhos bem abertos, hum nada cõ o outro nada: o nada do que se possue cõ o nada do que se não quer; & acharemos que o nada do que se possue (ainda sem o encargo, ou encargos da conciencia) he huma carga pezadissima, chea de cuidados, de desgostos, de temores, de dependencias, de sugeiçoens, de cativeiros:

ros: huma materia tanto mayor, quanto ellas forem mayores, sempre aparelhada, & exposta aos golpes, & vayvens do tempo, & da fortuna: & sem descanço, sem quietação, sem liberdade, huma riqueza rica de miserias, & a mais necessitada, & extrema pobreza. Pelo contrario, o nada do não querer, he hũ thesouro, só escondido aos cegos, no qual se encerra a isenção de todos os males, perigos, & pezares desta vida, o descanço sem trabalho, a alegria sem trifteza, a liberdade sem sugeição, & a posse segura, & inalteravel de todos os bens, & do mayor de todos, que he o senhorio de nòs mesmos. Se acaso esta riqueza vos não parece riqueza, porque os menores a não appetecem, nem os iguaes a invejaõ, nem os mayores á perseguem, & carregão de pensoens, & tributos. se vos não parece riqueza, porque não depende no campo do Sol, & da chuva que a criem, nem do muyto Sol que a seca, nem da muyta chuva que a inunda, & afoga, nem da formiga, da lagarta, do gafanhoto, & das outras pragas, de que nenhuma industria, ou poder humano a pòde defender: se nos naõ parece riqueza, porque naõ se fazẽ sobre ella pleitos, nem está sugeita à affecto, ou odio do Juiz, nem à verdade, ou falsidade das testemunhas, nem a ser citada, & levada à juizo para ouvir, & ser ouvida nos Tribunaes: se vos parece que não he riqueza, porque se naõ acquire cõ trabalho, nem se conserva com cuydado, nẽ se perde com dor propria, & o que às vezes mais doe, com agrado, & triunfo dos inimigos se vos parece que não he riqueza, porque por ella se naõ entrega a cubiça às ondas, & tempestades do mar, nem os exercitos se combatem nas campanhas, & se derrama o sãgue, & perdem as vidas para sustentar a mesma vida, & o mesmo sangue: se vos parece que naõ he riqueza, por-

porque cõ anticipada crueldade de a poſſuir, vos naõ deſejaõ a morte os filhos, os parentes, & quaeſquer outros que a eſperaõ herdar: ſe vos parece que naõ he riqueza, porque a naõ daõ os Reys, nem a conſultaõ os Miniſtros, nẽ a ſolicitaõ os requerimentos, & vòs ſois o requerente, o Miniſtro, & o Rey que ſó comvoſco vos deſpacheis: ſe vos naõ parece riqueza, porque vos naõ tira, nem inquieta o ſono a vigilancia, & aſtucia do ladraõ, a diligencia, & negociaçaõ do emulo, & a calũnia, & enganõ do q̃ a quer para ſi. Finalmente, ſe todas eſtas cõveniencias naõ baſtaõ, ſendo cada hũa dellas riquiſſimas; conſideray que da riqueza do naõ querer, nem vos haõ de pedir conta os homens, nem vòs a haveis de dar a Deos; antes o meſmo Deos em premio do voſſo nam querer, vos ha de dar aquella unica bemaventuranca, & ſemelhante à ſua, na qual, como diz Sãto Agoſtinho, tereis tudo o que quizerdes, & nada do que nam quizerdes: *Ibi erit quidquid voles, & non erit quidquid noles.*

SERMAM TERCEIRO.

CONFIANCA.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

A Mayor miseria da vida humana (outros diram outra) eu digo que he nam haver neste mundo de quem fiar. Os amigos saõ como Joab com Abner: os Irmãos saõ como Caim com Abel: os filhos saõ como Absalaõ com David: os casados saõ como Eva com Adam: & cada hum comsigo he tam traidor como o mesmo Adam, que se perdeo a si mesmo. E se hum homem se nam pòde fiar de si, de quem se ha de fiar? De ninguem se podia fiar mais David, que de Saul, a quem tinha servido, & honrado cõ a propria vida; & Saul lhe atirou às lançadas. De ninguẽ se podia fiar mais Salamaõ, que de Jeroboaõ seu criado, a quem tinha levantado do pò da terra; & Jeroboaõ foy o que se rebellou contra

contra seu filho, & de doze partes do Reyno lhe usurpou as dez. De ninguem se podia fiar mais Samsam, que de Dalila, a quem amava, & sustentava com o suor do seu rosto; & Dalila o entregou a seus inimigos. De ninguem se podia mais fiar Christo, que de Judas, a quem tinha fiado quanto havia em sua casa, & de Pedro a quem tinha dado as chaves do seu proprio Reyno; & Judas o vendeo, & Pedro o negou. Por isso diz Deos por boca de Jeremias: *Maledictus homo qui cõfidit in homine*: Maldito seja o homẽ, que se fia de outro homem.

E se hum homem se nam ha de fiar de outro homem, nẽ de si mesmo, porque he homem; de quem se ha de fiar? A consequencia he manifesta: de Deos, & só de Deos. Assim continúa o mesmo Jeremias cõtrapõdo esta benção àquella maldição, & esta felicidade àquella miseria: *Benedictus vir, qui confidit in Domino, & erit Dominus* Ibid. 7. *fiducia ejus*: Bemdito, & ditoso o homem que confia em Deos, & Deos hẽ a sua confiança; porque não tem outra. Com esta confiança deixou Abraham a sua patria, & tão forte como felizmente conseguio as promessas divinas: *In repromissione Dei non hæsitavit diffidentia, sed confortatus est fide, dans gloriam Deo.* Cõ esta confiança se afrontava David de lhe dizerem que debaixo de outras azas se emparasse de seus perseguidores: *In Domino confido, quomodo dicitis Animæ meæ, transmigra in montem sicut passer? quoniam peccatores intenderunt arcum, paraverunt sagittas suas in pharetra.* Com esta confiança pelejou Judas Machabeo tantas batalhas, & alcançou tantas vitorias cõtra tam poderosos inimigos: *Machabæus autem semper confidebat cum omni spe auxilium sibi à Deo affuturum.* Com esta confiança atè Susana, sendo mulher, & nam só desemparada, mas condenada de todos, só

Rom. 4. 20.

Psal 10. 2. 3.

2. Mach. 15. 7.

só com levantar os olhos ao Ceo, & sem fallar palavra, prevaleceo contra os injustos, & infames Juizes: Daniel. 13 35 *Erat enim cor ejus fiduciam habens in Domino.* Finalmente esta confiáça em Deos he hum ponto de sua honra, que elle defende tão mimosa, & tão desconfiadamente, que tendo Senacherib Rey dos Assyrios sitiado a El-Rey Ezechias em Jerusalem; porque em hum recado que lhe mandou para que se entregasse, meteo huma clausula, que dizia: E se me responderes, confiamos no nosso Isai. 36. 7. Deos: *Quod si responderis mihi, in Domino Deo nostro confidimus*; cada letra desta proposta lhe custou tanto sangue, que amanhecèrão degolados naquella noite cento & oitenta & cinco mil dos soberbos sitiados, & Senacherib por aquella blasfemia perdeo o exercito, a Coroa, & a vida: o exercito, fugindo ignominiosamente; a Coroa, rebellandose-lhe os vassallos; & a vida, sendo morto por seus proprios filhos.

Mas aonde, direis, caminha este meu discurso, senão he a huma publica retractação de quãto estes dias tendes ouvido? Se só de Deos se pòdem fiar os homens, & só em Deos devem pòr sua confiança; & pelo contrario não só he imprudencia, engano, & erro, mas maldiçaõ expressa do mesmo Deos, fiar emse os homens de outro homem; & este homem chamado Francisco Xavier tambem he filho de Adaõ como os outros, & cõposto do mesmo barro para a fragilidade, & da mesma carne, & sangue para a descõfiança; como apregoamos com tantas trombetas, & inculcamos a todos que fiem tudo delle? Esta minha instancia he o argumento cõque os Hereges negão a veneração, & interceſſaõ dos Santos, impia, blasfema, & ignorantemente, & sem vergonha, constando o contrario por todas as Escrituras Sagradas. Aos amigos de Job, que tão duramen-

ramente lhe apuràram a paciencia, disse Deos, que para lhe perdoar, recorressem ao mesmo Job, que in-
Job. 42. 8. tercedesse por elles: *Ite ad servum meum Job: Job autem servus meus orabit pro vobis, faciem ejus suscipiam* O mesmo Deos irado contra o Povo, disse, que lhe naõ havia de perdoar, ainda que Moyses & Sa-
Jerem. 15. 1. muel lhe pedissem: *Si steterit Moyses, & Samuel coram me, non est Anima mea ad populum istum.* Onias Summo Sacerdote muytos annos depois de morto, via Judas Machabeo que orava pelos Judeos: *Oniam manus protendentem orare pro omni populo Judæorum:* & o mesmo Onias lhe disse, que Jeremias tambem defunto fazia a mesma ora-
2 Mach. 15. 13. 14. ção *Hic est, qui multũ orat pro populo, & Sancta Civitate Jeremias Propheta Dei.* Moyses pedra a Deos que se lembrasse de Abra-
Exod. 32. 13. haõ, Isaac, & Jacob seus servos: *Recordare Domine Abraham, Isaac, & Israel servorum tuorum.* E a Igreja, que se lembrasse de David: *Memento Domine David.* Psalm. 131. 1. E Sam Pedro nam só prometeo que se lembraria de interceder por nòs depois de sua morte: *Dabo operam, & frequenter habere vos post obitum meũ*; mas ainda em vida se valeo de Saõ Joaõ, como Discipulo amado, para saber o segredo de quem era o traidor:
2. Petr. 1. 15. *Innuit ergo huic Simon Petrus, & dixit ei, quis est, de quo dicit?* Ioan 13. 24.

Pois se estes Santos eraõ homens, & Deos fazia tanto caso dos seus merecimentos, & os homens com aprovação de Deos faziam tanto delles, & de sua intercessaõ, como diz o mesmo Deos: Maldito o homẽ que confia em outro homẽ: *Maledictus homo, qui confidit in homine?* Porque ha grande differença de homens à homens. Os Santos saõ homens, mas homens de Deos. Assim se chamaõ na Escritura; & esse nome deraõ a Elias os tres Enviados del-Rey Ochozias, chamando-lhe todos, *Ho-*

me

mo Dei, ainda os que elle abrazou cõ o fogo do Ceo, em prova de o ser, como o mesmo Elias repetio: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de Cœlo.* E quem se fia dos homens de Deos, fia-se do mesmo Deos, do qual por meyo delles tem confiança de alcançar o que pertende. Deixado pois o engano, ou maldiçaõ dos que se fiaõ dos homẽs, que naõ saõ de Deos; para que vejamos no exemplo de hum só Santo, quam seguramente se fiaõ os Santos em Deos, & quam confiadamente se devem os homens fiar nos Santos; cõ hum pè na terra, & outro no mar veremos em primeiro lugar quam ordinaria, & quam segura foy a confiança cõ que Saõ Francisco Xavier se fiava de Deos; & no segundo, quaõ extraordinaria, quam admiravel, & quaõ segura a certeza cõ que os homẽs se fiàraõ de Saõ Francisco Xavier.

4. Reg 1. 9. 10. 11. 12.

II.

PAra demonstraçaõ da grande confiança do noſſo Santo em Deos, bem bastava a que atèqui temos visto envolta em tantos casos, & tão maravilhosos; mas para que agora se descubra, & manifeste mais expressa, & distintamente, & com mayor admiraçaõ, referirey só dous, hum com o pè na terra, outro no mar, ambos tão raros, & estupendos, que a mesma terra, & o mesmo mar, que ao principio estiveraõ incredulos, cõ o assombro, & pasmo do que virão, ainda depois de visto, quasi o naõ criaõ.

Chegou a Malàca Saõ Francisco Xavier a tempo que huma grande Armada do Achem, tendo intentado de noite ganhar a fortaleza por entrepeza, posto que o naõ conseguio, queimou com tudo as naos que noutro porto desviado estavão seguras sem noticia, nem sospeita do perigo. Com a luz da manhãa apareceo

receo a Armada ao largo cuberta de bandeiras, & flamulas, como vitoriosa. Era o General, com titulo de Rey de Pedir, hũ Mouro taõ grande Soldado na fama, como soberbo, cruel, & inimigo do nome Christaõ, o qual tendo tomado sete pescadores nossos, por elles com os narizes, & orelhas cortadas, mandou huma carta, ou cartel escrito com o sangue dos mesmos miseraveis, em que desafiava ao Capitaõ da fortaleza, que era Simaõ de Mello, & se continhaõ nelle grandes afrontas dos Portuguezes, desprezos do seu Rey, & blasfemias contra Christo. Recebida a embaixada com mais riso das barbaras, que pensamento de vingar as injurias, só Xavier doendo-lhe, quanto era razaõ, as de Deos, & de sua Ley, foy de voto que em todo o caso se acudisse por ella, & foraõ tão vivas as suas razoens, que assim se resolveo. Declarada a guerra contra o Mouro, & tambẽ Deos entaõ parece que a quiz declarar contra Xavier, competindo ambos sobre a sua confiança no mesmo Deos, multiplicando difficuldades, ou impossiveis, que parecião insuperaveis a toda a confiança, & Xavier perseverando sempre nella taõ constante, inteira, & invencivel, como se fosse superior a todos.

Queimadas as outras naos, só se achàrão no arsenal de Malàca sete fustas, & hum catûr pequeno, sem outro aparelho mais que os cascos velhos, rotos, & destroçados: boa parelha contra huma Armada de sessenta velas, fustas, lanchâras, & galeotas fortes, & fornecidas de tudo o necessario para a navegação, & para a guerra; & sobre tudo de muyta artelharia de todo o genero. Sobre esta difficuldade creceo outra, que mais se pòde chamar desesperação; porque o Feitor, ou Provedor do Almazem disse que nam havia nelle hum fio de enxarcia,

xarcia, nem huma vara de pano, nem estopa, né breu, nem hum remo. Mas a tudo acodio a confiança em Deos de Xavier, repartindo com sua authoridade, & encomendando com sua boa graça o aprèsto das oito embarcaçoens a oito homens ricos, senhores de navios, os quaes com diligencia, & trabalho que requeria hum mes, os puzerão à vela em cinco dias. Guarneceo-os o Capitão Mòr com cento, & cincoenta Soldados, & Cabos de toda a confiança, sendo os da Armada inimiga seis mil, à fóra a chusma, todos escolhidos, & entre elles muytos Turcos, & Genisaros, & quinhentos criados del-Rey, da primeira nobreza, que chamaõ Orobaloens da manilha de ouro. Demaneira que vinha a ter o inimigo para cada navio nosso doze navios, assim como para cada Soldado quasi quarenta Soldados. Vencida esta desproporçaõ só com dizer Xavier: È Deos não póde mais? partio a nossa Armada em demanda da do inimigo, que de proposito para outro assalto tinha desaparecido: eis que subitamente sem tocar em baixo, nem outra occasiaõ de perigo, ou desastre, a nossa Capitania se vay a pique. Amotinase toda a Cidade, dizem a gritos que bem mostrava Deos no principio qual havia de ser o fim daquella empreza. Votaõ todos que era temeraria, & contra o serviço del-Rey: faz-se disso assento publico, que assinàraõ todos; mas naõ os Capitaens, & Soldados, os quaes cõ valor verdadeiramẽte christaõ, & Portuguez, disserão que se não havião de retratar do que hũa vez tinhão jurado de pelejar atè morrer pela Fè de Christo: que aquelles agouros erão mais de mulheres, que de homens, que se a Capitania se perdèra, se salvàra a gente, que he a que faz a guerra, & que tanto podiaõ pelejar em sete, como em oito navios. Tudo isto eraõ

effeitos

effeitos da oraçaõ de Xavier, & da ſua confiança em Deos, o qual ainda que a apurava, naõ podia deixar de a favorecer. Com tudo para ſocegar os animos dos que ficavaõ em terra, promete o Santo que por hum navio que ſe perdèra, daria Deos dous mayores, & melhores; & naquelle meſmo dia, antes q ie ſe puzeſſe o Sol. A brevidade da promeſſa acrecentou o alvoroço, naõ havendo olhos que dos eyrados, & dos montes naõ eſtiveſſem poſtos no mar; quando huma hora antes de o Sol ſe pòr, aparecèram da parte do Norte duas velas Latinas. Soube-ſe logo qne eram fuſtas Portuguezas, Capitaens, & ſenhorios dellas Diogo, & Belchior Soares, pay, & filho, que as levavaõ carregadas de mercadoria, ſem intento de tocar Malàca. Foy-as tomar ao mar o Santo, Author da empreza, & ambos a poucas palavras ſuas, mais como Cavalleiros, que Mercadores, offerecèraõ as peſſoas, os navios, & ſeſſenta Soldados que nelles levavão, para ſe encorporar na Armada. Aſſim acrecentada de vaſos, & gente, tornou a pedir ſegunda vez, & com a ſegunda bençaõ de Xavier, a que elle chamava Romaria da Sãta Cruz, não deixando com tudo de picar os coraçoẽs dos que ficavaõ, aquella eſpinha, que deſguarnecida a fortaleza do principal nervo do ſeu preſidio, perdida a Armada, ſe perderia tambem ella. Quarẽta, & cinco dias naõ ouve em Malàca novas dos ſeus aventureiros, tẽdo paſſado a mayor parte deſte tempo ſobre ferro por cauſa dos ventos contrarios. Mas não ſe deſcuidàrão os Mouros, & o demonio por meyo dos feiticeiros, em divulgar que não viera nova, por não eſcapar quẽ a trouxeſſe, ſendo todos mortos, finalando-ſe o tempo, & lugar da batalha, & outras circunſtancias a que a meſma demaſiada tardança dèo facilmẽte credito. Porque a

fé

fé da profecia paſſada nam ſó ſe esfriàra com o temor, mas ſe apagàra totalmente com a triſteza. Culpavão ao Capitaõ Mòr, por ſe haver precipitado a huma empreza tão arriſcada por conſelho, como dizião, de hum Clerigo: que os Religioſos rezaſſem pelo ſeu Breviario, & ſe encomendaſſem a ſi, & ao Povo a Deos, & ſe contentaſſem os bons com governar as conciẽcias, mas não as armas. Só o Padre perſeverava conſtante na ſua confiança em Deos, & em todos os Sermoens pedia hum Padre noſſo, & huma Ave Maria pela vida, & vitoria dos que hião na Armada: ao que reſpondião, murmurando os ouvintes, que as pediſſe antes pelas Almas dos que elle tanto ſem razão mandàra a morrer. As mulheres lhe chamavão homicida de ſeus maridos, & as mãys de ſeus filhos; & atè o Capitão Mòr arrependido ſe afaſtava delle.

III.

SObre eſta conſternação ſe acrecẽtou outra mayor, porque chegou a Malàca huma embaixada do Rey de Bintão, filho do Mouro Mafamede, a que nòs a tomamos, na qual dizia que eſtando elle preſtes com huma Armada de trezentas velas, para fazer guerra a El-Rey de Patâne, ſoubera o deſtroço da Armada dos Portuguezes, & como fiel amigo del-Rey de Portugal ſeu Irmão, voltàra com todo o meſmo poder a ſoccorrer a Malàca, da qual diſtava ſó ſeis legoas, eſperando a repoſta do Capitão Mòr. A repoſta foy como de Coſſario a Coſſario pelos meſmos conſoantes: que elle Capitão Mòr lhe agradecia muyto o offerecimento do ſoccorro, em correſpõdẽcia do qual teria naquella fortaleza o favor, & ajuda que ſempre nella achàra, porque tudo lhe ſobejava para o ſervir, gente, armas, muniçoens, & baſtimen-

mentos, & o que mais importava, ordem de seu Rey para o fazer assim. E quanto à nova que o divertira do seu principal intento, soubesse que era falsa; antes esperava por horas a sua Armada taõ vitoriosa, & inteira, que lhe pudesse ainda ir seguir a elle as costas a Patâne. Isto se dizia por fóra, mas o que todos entendiaõ por dentro, era que o Mouro, aproveitando-se da occasiaõ, queria recuperar o que seu pay perdèra, ou a titulo de soccorro, sendo admitido, ou quando naõ a força descuberta com tamanho poder acabar de conquistar Malàca, que nòs desemparando-a, diziaõ os moradores, lhe tinhamos começado a entregar. Com esta consternaçaõ já a Armada do Achem não dava cuidado, temendo-se mais o novo perigo quanto mayor, & quanto mais vizinho. Tudo era horror, tudo tristeza, tudo confusaõ, & as queixas, clamores, & desesperaçoens, todas cahiaõ sobre o pobre, ou bemdito Francisco Xavier, o qual naõ as podendo vencer cõ razoens, orava continuamente recolhido, ou acolhido à sua Hermida de nossa Senhora do Monte, donde, como de mais alto descobria a sua confiança em Deos, o que os demais não podiaõ ver. Amanheceo finalmente o dia fatal de seis de Dezembro, que cahio em Domingo, & prègando o Santo na Matrìz, sendo presentes o Capitaõ Mòr, & toda a Cidade, das nove para as dez horas, emmudeceo subitamẽte no meyo do Sermão, como suspenso, & arrebatado no que via. Todos os gestos mostravaõ que as cousas vistas eraõ grandes, & espantosas, & naõ ao perto, senaõ muyto longe, retratando tudo em si mesmo, como em hum espelho vivo. O rosto já alegre, já triste, já temeroso, & palido, já fervoroso, & abrazado, já admirado, já perplexo. As acçoens do mesmo modo varias: já apertando

as mãos, jà eſtendendo os braços, jà cahidos, mas naõ deſmayados, jà cruzados ſobre o peito, jà apartando delle a roupa, como ſe ardèra dentro o coração. Os olhos jà levãtados ao Ceo, jà pregados em hum Chriſto crucificado que eſtava ſobre o arco da Capella Mòr, agora brotando groſſas, & copioſas lagrimas, agora entre ſuſpiros, & palavras tronçadas, ſahindo dellas rayos, ou ſettas, que parece feriam o meſmo Chriſto. O povo vendo as figuras deſte enigma, que não entẽdia, attonito, paſmado, & fóra de ſi, & quaſi cuidádo que tambem naõ eſtava em ſi o Prègador: atè que elle como cançado do conflicto ſe inclinou hũ pouco ſobre o Pulpito, & tornando a levantar a cabeça, alegre, & ſocegado, acabou o Sermaõ com eſtas palavras. Demos graças a Deos pela vitoria que agora acabou de dar a noſſa Armada. Rezemos hum Padre noſſo, & huma Ave Maria pelos que morrèraõ na batalha. Quarta feira chegarà a nova, & ſeſta veremos a meſma Armada.

Aconteceo-vos jà depois de hum ſonho pezado, funeſto, & temeroſo, em que vos imaginaveis ou afogado no mar, ou ardendo no incendio, ou lançado pelos ares dentre as põtas do touro, acordar ſubitamente, & ficar no meſmo momento deſcarregado do pezo, aliviado da triſteza, ſeguro do temor, & livre dos ſonhados perigos? Tal ficou Malàca com as ultimas palavras do Sermaõ de Xavier, reſuſcitando, como da morte à vida, de toda aquella confuſaõ de temores, ameaças, & deſeſperaçoẽs, em que pouco antes ſe cõſiderava perdida: condenando agora a ſua pouca fé, & pedindo perdaõ ao prodigioſo Author de ſua ſegurança, felicidade, & honra, a quem taõ ingratamente, & tanto ſem razam accuſava, & cõdenava. Chegou a nova no dia ſinalado, & della ſe ſoube, que as duas Armadas ſe encon-

encõtràraõ no Rio Parlês, cento, & cincoenta legoas de Malàca, onde os Achens tinhaõ deſtruido, & queimado tudo, & poſto em fugida o Rey: que o primeiro choque foy entre as duas Capitanias, em que a noſſa ſe vio cuberta de duas nuvens de ſettas, & pelouros: que hum tiro de Camello da fuſta de Joaõ Soares metèra logo a pique a lanchàra do ſoberbo General Rey de Pedir, notando-ſe que ſe ambos ſeguìraõ a ſua derrota, & naõ ſe encorporàraõ com a noſſa Armada, hiaõ cahir na dos Achens: que delles nenhum eſcapàra com vida, ou liberdade: que os ſeus mortos foram quatro mil, & os noſſos foraõ quatro: que o Rey de Parlès em reconhecimento da ſua liberdade ſe fizera tributario a Portugal: que entre os deſpojos ricos, & militares, eraõ trezentas peças de artelharia, tres dellas com as noſſas Armas: que a batalha fora Domingo entre as nove, & dez horas da manhãa. E quando os da terra contàraõ o que no meſmo dia, & hora tinha feito, & dito no Sermaõ o Padre Xavier, acrecentou o menſageiro, que a elle ſem duvida ſe devia toda a vitoria; porque Dom Franciſco Deſſa Cabo da noſſa Armada, correndo os navios, ſó dizia: Pelejay, Senhores, & amigos, como Soldados de Jeſu, & por ſua Fé: lembrayvos do juramento de morrer, ou vencer, que fizemos nas mãos do Padre Xavier: nem duvidemos da vitoria, pois elle a prometeo; & poſto que auſente, por ſuas oraçoens o temos comnoſco.

Conteſtando em tudo a verdade do ſucceſſo com a da profecia, ſó eſperava Malàca com ancia ver o que acabava de ouvir; quando na feſta feira ſinalada lhe aparecèraõ as ſuas oito fuſtas, & pequeno catûr, com quarenta, & cinco das inimigas por popa, ficando queimadas as demais, por naõ haver quem as marcaſſe, todas arraſtando

do as bandeiras Mahometanas, & tremolando no tope da noſſa Capitania as Chagas de Chriſto. A receber os vencedores ſahio Xavier à praya com huma Imagem do meſmo Chriſto crucificado arvorada, & tanto que puzeraõ os pès em terra, lhes diſſe: Eſte he o General, a quem deveis a vitoria. Todos proſtrados, a altas vozes o confeſſáraõ aſſim, adorando a Sagrada Imagem, & dalli foy levada em triunfo ao ſeu Altar, ſendo tal o eſtrõdo da artelharia do mar, & da fortaleza, os repiques de todas as Igrejas, os applauſos, & acclamaçoens de grandes, & pequenos, em que ſó ſe ouvia: Viva Jeſu: ſubindo tudo junto atè o Ceo; que nunca là ſe ouvio outra muſica de vozes, & inſtrumentos que mais o alegraſſe.

IV.

ESte foy o famoſo teſtimunho da confiança de Xavier em Deos com os pès em terra; paſſemos ao ſegundo no mar nam menos admiravel, em que no breve da relaçaõ ſuprirey o largo da paſſada; ſendo que de quantos eſcrevèraõ o caſo, nenhum o reduzio a taõ poucas palavras. Embarcado o Santo, & navegando de Japaõ para Goa, foy tam furioſa a tempeſtade que ſe levãtou, & foy crecendo com a Lua nova, que alijando ao mar tudo o que podia ſer de embaraço, com conſelho poucas vezes ouvido, ſe arrazàraõ os caſtellos de proa, & popa, & atè o batel de que naquellas viagens depende a ſalvaçaõ por cauſa das aguagens, & correntes, pelo muyto vulto, & pezo que fazia no convez, pareceo que foſſe antes fóra, que dentro na nao. Amarrouſe por popa com dous fortes cabos novos, & groſſos, ficando nelle quinze homés Portuguezes, & Mouros, que pelo perigo de ſe fazer em pedaços, ſe nam podèram recolher. Cinco dias nam apareceo de dia Sol,

Sol, nem de noite Eſtrella, para que os Pilotos pudeſſem ſaber em que altura eſtavaõ, deixando-ſe levar por mares naõ conhecidos a arbitrio das ondas, & dos ventos. Seria meya noite quando ſe ouvio hum alarido de vozes laſtimoſas cada vez mais diſtantes, & eraõ os do batel, que rotas as amarras, & perdido aquelle fraco abrigo, mais pediam miſericordia a Deos, que ſoccorro aos homens. Mandou com tudo o Capitaõ pela importancia do batel, & laſtima dos que nelle hiaõ, ſeguiſſe a nao, bolinando a ſua eſteira; mas apenas tinha dado hum lado aos mares, quando cahiraõ ſobre ella com todo o pezo duas ſerras de agua, de que ficou quaſi ſoſobrada, & totalmẽte morta ſem obedecer ao leme, faltando ſó a terceira para ir a pique. Aos gritos da gente acodio Xavier, que eſtava em oraçaõ, & dizendo: O' Jeſu Chriſto amor da minha Alma, valeinos, Senhor, pelas cinco Chagas que recebeſtes por nòs na Cruz: no meſmo inſtante a nao meyo ſepultada ſurgio, & ſe poz em via, & os que jà a tinhaõ por tumba de todos, como reſuſcitados da morte à vida, naõ acabavaõ de entrar em ſi.

Paſſado eſte taõ grande ſuſto, tornou a occupar os coraçoens a dor, & triſteza da perda do batel, & deſgraça dos que nelle eſtavaõ, naõ havendo quem os naõ tiveſſe por mortos: & rezando-lhe os amigos pelas Almas, ſó Xavier os exhortava a que cõfiaſſem em Deos, prometendo ao Capitaõ, que entre elles perdèra hũ ſobrinho, que antes de tres dias o filho viria buſcar a mãy, entendẽdo por mãy a nao, & por filho o batel. Todos porèm nam ſe riaõ da promeſſa, porque o caſo era para chorar, & olhando para a braveza do mar, ſó criam o que ameaçava a menor onda delle: algum ouve que pe ſiſlindo na metafora, diſſe: Virà o filho mamar na mãy depois de o mar o ter

comido: outros, que se os seus olhos tornassem a ver taes homens, se haviaõ de benzer delles, como fantasmas do outro mundo. Nos primeiros dous dias ao amanhecer, & antes de se cerrar a noite, pedia o Santo que fossem a ver das gaveas se aparecia o batel; o que o Mestre, & Piloto faziaõ mais por naõ descontentar a quem tanta reverencia deviaõ, que por esperarem, nem lhe entrar na imaginaçam tal cousa. Có tudo Xavier, entre tantas desconfianças, naõ vacillava na que tinha em Deos, humas vezes dizendo, que nam havia de permitir o mesmo Senhor que dous Mouros, que hiaõ no batel sem bautismo, perdessem esta vida, & mais a eterna: outras, que elle tinha prometido tres Missas à Senhora do Monte de Malàca, em cuja piedade confiava lhe alcançaria esta merce de seu bemdito Filho; mas nada bastava para abrandar a dureza da desesperaçam humana, em que confirmava a todos a mesma tempestade. Amanheceo finalmente o terceiro dia, tornou a pedir Xavier ao Piloto que mandasse descobrir o mar; ao que elle respondeo, que o batel em mares taõ grossos nam podia deixar de estar perdido, & quando Deos milagrosamente o salvasse, jà lhe ficava atraz mais de cincoenta legoas Mas ao desengano desta replica acodio o Santo com huma instancia tam contraria, como foy pedir que amaynassem a vela porque o batel jà nam podia estar longe Padre, replicou o Piloto, comernosha o mar, se tirarmos aquella pequena vela com que surgimos. Amaynàraõ com tudo; mas vendo que a nao perigava, & querendo outra vez levantar a vela, Xavier teve maõ na verga de proa, & inclinando sobre ella a cabeça por hum breve espaço, eis que grita da enxarcia hum grumete: Milagre, milagre, alli vem o nosso batel.

V.

TOdos os olhos da nao corrèraõ a ver o prodigioso aparecimento, saltando em todos as lagrimas de alegria, & tornando-se a suspender de pasmo. Se entaõ se imaginàra o que se soube depois, com razam se pudèra duvidar pelo numero, se o batel era o mesmo, ou outro; porque o perdido levàra quinze pessoas, & este trazia dezaseis. Entaõ se hiaõ todos lançã do aos pès de Xavier, beijando-lhos, como a Santo, & pedindo-lhe perdam da sua pouca fé; mas elle fugindo ao triunfo da sua cõfiança em Deos, se retirou à camara da nao, fechando-se por dentro. Chegou-se a bordo o batel, subìram acima por seus pès, & suas mãos, sem meter medo, como fantasmas, os que nos tres dias antes tinhaõ sido mortos. E advertindo hum delles, que naõ via o Padre, disse: Ainda o Padre naõ subio? E perguntado, que Padre, & donde havia de subir; respondeo naturalmente, que o Padre Francisco Xavier, o qual parece que ainda nam tinha subido do batel, onde viera com elles. Aqui creceo o espanto, & parecia cousa de comedia; porque os da nao sabiaõ que sempre estivera na nao, & os do batel affirmavaõ que sempre os acompanhàra no batel, & nem huns podiaõ deixar de crer o dito de tantos, nem os outros contrariar o testimunho de quinze: em fim examinado o caso, se averiguou que o Sãto no mesmo tempo assistìra na nao, & no batel juntamẽte, sendo necessario assim, para que nem a mãy, nem o filho acabassem de se perder de todo. Agora me lembra huma notavel circunstancia da historia de Malàca, quando havia de partir a Armada contra os Achens. Os da Armada queriaõ que fosse com elles Xavier, os da Cidade naõ vinhaõ em consentir que os deixasse, & estando a contẽda igualmente travada, o que o Sã-

to reſpondeo, foy: Senhores, & amigos, eu todo ſou de todos, & de cada hum; com taõ boa vontade irey com huns, como ficarey com outros; ſe me podeis partir, fazey-o, & ſe naõ, vòs vos concertay, & o reſolvey. Note-ſe muyto a palavra do Santo, ſe me podeis partir: porque o naõ podèraõ partir, nam o partìraõ, agora porè n porque elle podia, & o pedia a neceſſidade, elle ſe partio, & todo em cada ametade: no meſmo tempo ſe achou Xavier na nao, & Xavier no batel. Sò a eloquencia de Sam Pedro Veronenſe podéra ponderar o caſo. Mandou El-Rey Manaſſes ſerrar pelo meyo da cabeça atè os pès ao Profeta Iſaìas, & diz o grande Padre: *Prophetatamen egregius, & illuſtris inter reſupinatos ſectores, & pendulos, tandiu immobili & inconcuſſo corporis duravit ſtatu, quandiu duo eſſe inciperent, qui figuras gentium cum ſuo perſecutore damnarent.* Quer dizer: E o inſigne, & illuſtre Profeta entre os ſerradores, hum pendéte de cima, & outro revoltado de baixo, tanto tempo perſeverou com o corpo conſtante, & immovel, atè que partido hũ Iſaìas ficaſſem dous: *Quandiu duo eſſe inciperent*; os quaes ambos cõdenaſſem a perfidia dos Idolatras. Aſſim tambem Xavier naõ outros o partìrão a elle, ſenaõ elle ſe partio a ſi meſmo, atè que de hũ Xavier ſe fizeſſem dous Xavieres, hum na nao, outro no batel, para que ambos condenaſſem a pouca fé dos que nam criaõ o poder da ſua confiança em Deos.

Zeno Veron. de mar tyr. Iai.

Os primeiros que a reconhecèram, foram os dous Mouros, cujas Almas deviam tanto cuydado a Xavier, os quaes logo ſe bautizàraõ, & todos os demais confeſſavaõ que naquelles tres dias, & tres noites paſſáram tam ſeguros, & ſem cuydado, como Jonas no ventre da Balea, porque ſe là a Balea que não podia perigar na tempeſta-

peſtade, defendia o Profeta, cà o Profeta defendia o batel, para que naõ perigaſſe, ſendo là hum ſó milagre continuo na vida de Jonas, & cà tãtos milagres, naõ ſó quantas eraõ as vidas, ſenaõ quantas eraõ as ondas, que podendo cada huma meter no fundo o batel, como na nao ſe cuidava, todas por reverencia do Sagrado Piloto ſe rebatiaõ, & lhe perdoavaõ. He verdade que os do batel, como Jonas, em todos aquelles tres dias naõ comèraõ; mas foy couſa obſervada na nao, que tambem Xavier nos meſmos tres dias nam comeo bocado: tanto aſſim, que no fim delles, de fraco, & debilitado, pedio a Fernaõ Mendes Pinto, que hia na meſma nao, o deixaſſe encoſtar no ſeu beliche. E porque? Reſolvem os Filoſofos, que quando Deos reproduz a hum homem, para que no meſmo tempo eſteja em differẽtes lugares, bem pòde comer em huma parte, ſem comer na outra; mas Xavier, porque naõ comia no batel, tambem naõ quiz comer na nao, para que atè a ſua abſtinencia nos provaſſe em huma, & outra parte, que era o meſmo. Elias quando o Povo perecia à fome, tinha hum corvo, que duas vezes no dia lhe levava de comer; porèm Xavier, ainda eſtando muyto longe dos ſeus, nam tinha animo para comer, quando elles jejuavaõ.

VI.

MAs que diremos ao dito de que o filho viria buſcar a mãy? Os navios ſaõ huns animaes inanimados, que contem em ſi todos os cinco generos da vida ſenſitiva. Là diſſe Salamaõ: *Tria ſunt difficilia mihi, viam aquilæ in Cœlo, viam colubri ſuper petram, viam navis in medio mari.* Andaõ eſtes animaes ſem pès, como Serpentes, voaõ com azas como aves, governaõ ſe pela cauda como peixes, trazem ò freyo nas anchoras, & Prov. 30. 18. 19.

& as redeas nas escotas, como cavallos; & os seus movimentos certos depẽdem do Ceo, como homens. Quando o batel se veyo chegando à nao, mandou o Piloto que lhe lãçassem hum cabo, & disse Xavier que naõ era necessario, como com effeito nam foy, porque juràraõ as testimunhas que o batel, estando o mar taõ alterado, veyo direitamente buscar a nao, & se cingio com ella sem corda, ou cousa algũa que o atasse, como se fosse hum bezerrinho, ou cordeiro, que por instinto natural vay buscar a mãy, & se pega a ella. E deste dito, & caso junto com outros muytos infiro eu que fez Deos a Xavier Pastor universal de todo este gado maritimo mayor, & menor: & assim como o Senhor disse a Sam Pedro que apascentasse as suas ovelhas: *Pasce oves meas*, que saõ as mãys; & que apascentasse os seus cordeiros: *Pasce agnos meos*, que saõ os filhos: assim Xavier, segundo este seu particular officio, & dominio, acodio, & salvou a nao, & mais o batel, chamando à nao mãy, & ao batel filho, & infundindo a ambos quasi espiritos vitaes; à mãy, para que estando cahida, se levantasse; & ao filho, para que estando tam longe, saltando de monte em monte, a buscasse.

Joan. 21. 16. 17.

O mesmo Christo dizia de si: *Ego sum Pastor bonus, & cognosco oves meas*: Eu sou bom Pastor, & conheço as minhas ovelhas: o qual conhecimento conforme Sãto Agostinho, & Saõ Joaõ Chrysostomo, he aquella sciencia cõ que o Senhor entre as suas ovelhas, que saõ os homẽs, conhece quaes saõ os predestinados, & quaes os reprobos. Exceptos porèm os individuos humanos, não ha outros, ou sejaõ naturaes, ou artefactos, que tenhaõ tambem o seu genero de predestinaçaõ com tanta propriedade como os navios, dos quaes huns se salvaõ, outros se perdem. Logo sendo Xavier Pastor, &

Joan. 10. 14.

& bom Paſtor deſte ſeu gado maritimo, nam podia deixar de ter o exacto, & infallivel conhecimẽto dos que ſe haviaõ de ſalvar, ou perder, em que foy mais prodigioſo que nenhum outro Santo. Em cada viagem, ou partiſſem muytos navios, ou poucos, conhecia o ſucceſſo de cada hum, diſtinguindo nomeadamẽte os que haviaõ de chegar a ſalvamento, ou arribar, ou perigar, & porque cauſa, ou deſgraça: & de cada navio ſe havia de durar muyto, ou pouco tempo, & que fim havia de ter, ou acabando de velho no porto, ou feito pedaços em hum recife, ou lá ſado a pique na guerra, ou comido do mar na tempeſtade; em fim a predeſtinaçaõ de cada hum. Da nao Capitania San-Tiago, em que partio de Lisboa, diziaõ todos em fraſe marinheſca, que em todo o mar ſalgado naõ havia pao de melhores manhas, ſeguro, veleiro, obediente ao leme; & Xavier ſó della ſe dohia, ſignificãdo ſempre ao Governador o deſeſtrado fim que havia de ter, como teve, chegando todas as outras, que eraõ ſete, a Goa, & ſó ella dando à coſta na Ilha de Salſete de Baçaim, onde feita pedaços, ſe afogàraõ todos aquelles, que ſe apreſſaraõ, como ſuccede, a ſe querer ſalvar a nado. Pelo contrario da nao Santa Cruz, famoſa em toda a India, prometeo que nenhum perigo do mar havia de prevalecer contra ella, & que depois de muytos annos acabaria no meſmo eſtaleiro, onde fora fabricada. Por eſta cauſa o ſenhorio, que era Diogo Pereira, o Embaixador com quem o Santo determinava paſſar à China, nunca lhe quiz dar querena em terra, mas ſó recorrer-lhe os lados no mar, entendendo que ſó na terra perigava, & no mar eſtava ſegura. Deſta maneira navegou a nao Santa Cruz trinta annos, livrando ſempre felizmente de grandes perigos de torméntas, & Coſſarios; atè que

paſſan-

paſſan lo a outro dono, cõſiderada a ſua velhice, a quiz reparar. Em conjunçaõ de grandes mares foy levada ao eſtaleiro, onde ſe aſſentou quietamente, & indo na manhãa ſeguinte os officiaes que haviam de trabalhar no concerto, naõ achàraõ nao, ſenaõ a oſſada della: concorrendo entam toda a Cidade de Cochim a ver, & admirar os muytos, & continuos milagres com que ſe cõſervàra inteira; porque a quilha eſtava podre, podres a roda da proa, & popa, podres as curvas, ou cavernas, o fundo comido do buzàno, as obras mortas cadaveres, as coſturas deſcozidas, & abertas, os pregos ferrugentos, & ſem cabeça; em fim huma deſcõpoſiçaõ naval compoſta de innumeraveis milagres.

VII.

E Como as profecias, & promeſſas de Xavier eraõ tam certas, & evidentes, por iſſo a confiança que os homens tinham nelle, quaſi competia com a que elle tinha em Deos, que he o ſegundo ponto do noſſo diſcurſo. Nelle ſerey tam breve, como largo no paſſado: mas não duvido dizer que com exemplos igualmẽte admiraveis, & ſe póde ſer, mais eſtupendos. Pela experiencia deſte ultimo era continua a emulação, ou batalha com que os mercadores procuravão embarcar, ou ſegurar os ſeus cõmercios na nao Santa Cruz, partindo ſempre ſobre carregada, & quaſi metida no fundo. Succedeo pois, que ſahindo huma vez de Malàca em companhia de huma frota mercantil para Cochim, mal havia perdido de viſta o porto, quando advertirão o Piloto, & paſſageiros, que fazia tanta agua, que ſeria manifeſta temeridade empenharem-ſe em huma tão larga, & arriſcada viagem ſem aliviar a carga, & deſcobrir por onde ſe alagavão: pelo que diſparando hũa, & outra peça em

em final do seu perigo, voltàram arribados outra vez a Malàca. He caso sem semelhante o que agora se segue. Quando os da Cidade souberaõ a causa, em lugar de acodirem ao temido naufragio, foraõ taes as rizadas, & zombarias, taes as injurias, nomes, & apòdos afrontosos com que reprehendiaõ a covardia, & pouca fé de homens que temiam perder-se na nao Santa Cruz, à qual o Padre Francisco Xavier tinha prometido, & asseguràdo de nunca perigar no mar; que o Piloto, Mestre, Marinheiros, & quantos nella hiaõ, envergonhados, & corridos do que tinhaõ intentado, do mesmo modo que arribàram, sem buscar, nem tomar a agua, nem fazer diligencia alguma, tornàraõ a içar as velas, & proseguir a sua derrota a Cochim, onde chegàraõ com a mesma agua, mas com toda a carga tam enxuta, & sem avarias, como se o vaso da nao fora o mais bem calafetado, & estanque. Taõ firme, & tam gèral era a confiança que em toda a India se tinha nas palavras, & promessas daquelle Oraculo.

O caso que depois de desfeita a mesma nao se seguio, ainda na minha opiniaõ he mais admiravel. Jorge Nunes Patraõ de huma pequena fragata, considerando que aquella milagrosa fortuna, que a bençaõ de Xavier imprimìra em todo o corpo da nao Santa Cruz, naõ podia deixar de ficar tambem impressa nas partes, & reliquias della, com grande fé, & confiança no mesmo Santo, tomou huma daquellas taboas, & pregou-a na popa da sua fragata, & por este modo de enxerto, como o garfo de huma arvore no tronco de outra, foy tal o dominio que dalli emdiante exprimentou sobre os mares, & ventos, que sem esperar pelas conjunçoẽs que os grãdes baixeis observaõ para se fazer à vela, o bom Jorge com qualquer tempo, & vẽto, & por meyo das mes-

mas

mas tempeſtades ſe fazia ao mar, ſem nenhum medo dellas, como ſe naquella taboa levaſſe eſcrito hũ paſſa-porte de Deos, para que nenhuma ſe lhe atreveſſe. Chamavam-lhe temerario, & louco os outros officiaes da arte; aos quaes elle reſpondia que o mar conhecia a virtude daquella ſua reliquia, pela experiencia que tinha de trinta annos, em que ſempre a reverẽciára. Por muytos annos depois continuou o venturoſo Patram as ſuas viagens por todas as coſtas da India, vendo a ſua fragatinha laſtimoſas perdiçoẽs, & naufragios de naos de grande porte, ella porèm ſempre ſegura, porque em qualquer contrariedade dos ventos, levava ſempre naquella taboa a ſua fortuna em popa. Finalmente, chegada já à ultima velhice, & cançada mais de pizar, q de ſulcar as ondas, fẽdo tirada à praya para receber nova querena, diz a hiſtoria que aſſim como tinha imitado a nao Santa Cruz na vida, aſſim a imitou na morte, desfazendo-ſe, & ficando ſepultada na terra a que nũca pode ſepultar o mar. Tanto ſe conformou a pũtualidade de Xavier naõ ſó com o deſejo, ſenaõ com o penſamento do ſeu devoto, o qual ouvèra de pendurar aquella milagroſa taboa diante dos Altares do meſmo Santo, como trofeo das ſuas vitorias, & perpetuo monumento da confiãça que nelle devem pòr os homens.

Nam poſſo deixar de ajuntar a eſte o terceiro exemplo, & ſeja o ultimo. Era Piloto da nao mãy, a que buſcou o batel como filho, Franciſco de Aguiar, o qual diſcorrendo com Xavier, o ſeu milagroſo paſſageiro, ſobre os perigos, & ſuſtos dos que tomàrão por officio, & vida trazella ſobre as aguas do mar tão duvidoſa, & inconſtante como os meſmos vẽtos, lhe manifeſtou a triſteza, & pena com que vivia. Conſolou-o o Santo, &

& confirmou-o no meſmo exercicio, prometẽdo-lhe, que nem elle morreria no mar, nem navio algum governado por elle ſe perderia, por mayores que foſſem as tempeſtades, que contra elle ſe conjuraſſem. Ouvido o celeſtial Oraculo, ficou tão ſeguro o temeroſo Piloto na fé daquella promeſſa, que dalli por diante, ſem reparar em que a embarcaçaõ foſſe grande, ou pequena, forte, ou fraca, bem, ou mal aparelhada; nem fazer caſo ſe o mar eſtiveſſe quieto, ou alterado, o vento proſpero, ou contrario, o caminho, & o fundo limpo, ou cheyo de eſcolhos, & baxios, tão ouſada, & cegamente ſe arrojava aos perigos do mar, & da terra, como ſe o nome de Aguiar lhe tiveſſe dado azas de Aguia ſuperior a ambos os elementos. Navegãdo huma vez de Jonaſerim a Pegú em hũ champam, embarcação pequena, & propria daquelles mares, velha, & mal aparelhada, em companhia de outros navios de alto bordo, levantou-ſe huma tempeſtade tão furioſa, que não a podendo aguardar, nem reſiſtir os navios grandes, todos, ſem eſcapar hũ ſó, ou lançados a pique no alto, ou feitos pedaços nos baxios, ſe perdèrão laſtimoſamente. E o Piloto Aguiar que fazia? Guiado por onde o levava a agulha da ſua fé, aſſentado na popa, & governando o leme do ſeu champam, como na mais ſegura bonança, hia cantando. He poſſivel (lhe differaõ os Marinheiros) que no meyo de huma tormenta tão furioſa, & quando os mares eſtaõ ſemeados dos maſtos, das vergas, & dos outros pedaços naufragos de tantos navios mais poderoſos que vimos perder diãte dos noſſos olhos, vòs no voſſo champam ſinho ides tão ſeguro, & cantando? Sim, reſpondeo intrepidamente o Piloto; porque o Padre Franciſco Xavier me prometeo, que nem eu, nẽ embarcação que eu governaſſe,

naſſe, havia de perecer no mar; & porque he impoſſivel faltar a palavra, & promeſſa daquelle grande homem de Deos; ainda que eſtas ondas crecèram, & ſubiſſem atè as Eſtrellas, & o meu champam fora de vidro, taó ſeguro hiria, & cantando no meyo dellas, como atègora fiz ao ſom do vento nas cordas, & do ruido dos mares nos baxios. Com eſta repoſta ſe reveſtìrão da meſma fé todos os companheiros, o champam chegou a ſalvamento a Pegû, & alguns Mouros que nelle hiaó, tanto que puzerão os pès em terra, pedìrão, & recebèram a agua do Baptiſmo.

VIII.

SEgundo vejo, parece-me que todos eſtais admirados da infallivel certeza das profecias de Xavier, & dos modos extraordinarios com que ſe comprìrão. Mas eu nem dos milagres me admiro, nem da certeza das profecias, que todas ſendo de Deos, ſaó igualmente infalliveis; o que me cauſa ſingular admiraçaó, & eſpanto, he a ſegurança taó firme que os homens tinham nas meſmas profecias, & promeſſas de Xavier; graça que Deos naó concedeo aos meſmos Profetas Canonicos, & da Sagrada Eſcritura, ſendo as ſuas palavras de fé. Que promeſſas ſe lem na Sagrada Eſcritura mais repetidas, & confirmadas com mayores milagres, que as da terra de Promiſſaó? acuja viagem precedèram no principio as dez pragas do Egypto, os exercitos de Faraò afogados no mar Vermelho, a paſſagem dos filhos de Iſrael pelo meſmo mar a pè enxuto, & tantos outros aſſombros da natureza, & prodigios inauditos, viſtos com os olhos, palpados com as mãos, & pizados com os pès; & cõ tudo os meſmos q̃ os viam, palpavaó, & pizavaõ, criaó taó pouco que haviaõ de chegar à terra de Promiſſaó, que em caſtigo da ſua

ſua incredulidade, ſendo ſeiscentas mil familias, as matou Deos a todas no deſerto, & o que mais he, atè ao meſmo Moyſes por incredulidade lhe tirou a vida antes de là chegar. O meſmo ſuccedeo às profecias de Iſaìas, de Jeremias, de Ezechiel, de Oſeas, & todos os outros Profetas, ou duvidadas, ou totalmẽte negadas, & naõ cridas. E que as profecias de Xavier vieſſem finalmente a conſeguir tal authoridade, fé, & credito com os homens, que no meyo dos mais horrendos, & formidaveis perigos naõ vacilaſſem nellas, antes os deſprezaſſem!

Ponhamos o mayor exemplo, & o mais natural dos caſos que acabamos de referir. Eſtádo a barca dos Apoſtolos no meyo do mar de Tiberiades, foy a elles o Senhor, que eſtava em terra, caminhando ſobre as aguas; o que vendo Saõ Pedro, diſſe: Senhor, ſe vòs ſois, manday me que và eu tambem por cima da agua atè onde eſtais. E vòs Pedro pedis que vos mandem o que quereis; muyto temo que vos nam ha de ſucceder bem neſta viagẽ. Havida com voz de obediencia a licença, deceo confiadamente da barca; mas tendo dado alguns paſſos com toda a ſegurança, ſubitamente ſentio que hia ao fundo. Bradou ao Divino Meſtre que o ſalvaſſe, & o Senhor eſtẽdẽdo o braço, teve maõ nelle, dizendo: *Modicæ fidei, quare dubitaſti?* Homem de pouca fé, porque duvidaſte? Demaneira, como pondèra Sam Chryſoſtomo, que no principio teve fé nas palavras de Chriſto, & com ella ſe lançou ao mar; porèm depois duvidou. E porque duvidou depois? O meſmo Texto o diz: *Videns verò ventum validum, timuit:* Vendo que o vento era muyto forte, fraqueou na fé, & temeo. Comparay-me agora eſte grande Piloto com os noſſos Pedro ſobre a palavra de Chriſto, & com o meſmo Chriſto

Matth. 14. 30. 31.

diante dos olhos, vêdo que o vento era forte, duvida, teme, fraquea na fé, ve-se perdido, & como dizem, a Deos misericordia, bradando ao Senhor que o salve: que tanta força tem, & tanto pòdem os perigos à vista. Porèm os nossos Pilotos sobre a palavra de Xavier naõ presête, senaõ ausente, ou morto, vendo naõ hum vento forte, senaõ as mais horrendas tempestades de todo o mundo, vêdo subir as ondas em montanhas às nuvens, vendo sorver o mar huns navios inteiros, & desfazer outros em pedaços, vendo-se sós, & cercados de naufragios alheyos, naõ vacillavaõ hũ ponto na fé, nàm duvidavaõ, naõ temiaõ, nam reconheciaõ perigo, nem necessidade de recorrer outra vez ao Ceo, ou ao Santo, mas desassustados, alegres, & cantando, seguiam sua viagem, como se o mar fora leite, os tufoens viraçaõ galerna, a cerraçam, & escuridade luz, & os trovoens, & coriscos serenidade.

IX.

TEnho acabado o meu discurso, & assim como elle teve dous pontos, assim em duas palavras tiro delle dous documentos. O primeiro, q̃ confiemos em Deos, como Xavier cõfiou em Deos: o segundo, que confiemos em Xavier, assim como os homens cõfiàraõ em Xavier. Este foy o homem em que se quebràraõ, & desfizeraõ as maldiçoens, que Deos lançou sobre o homem que se confia de outro homem: *Maledictus homo, qui confidit in homine.* Se confiares em homens, achareis em lugar da verdade a mentira, em vez da sinceridade enganos, em paga de beneficios ingratidoẽs, em correspondencia de merecimentos invejas, em figura da virtude a hipocresia, cõ mascara de amizade traiçoens, com rosto de benevolencia odios, com fingimento de louvores calumnias, com promessa de bons officios maldades, com bãdeyra de paz guerra, com capa

capa de zelo zelos, debaixo da voz de Jacob roubos, debaixo dos abraços de Joab punhaes, debaixo do beijo de Judas vendas, aleivosias, prizoens, falsos testemunhos, afrontas, espinhos, cravos, Cruz; & atè depois da morte lançadas. Isto fazem os homens, & isto acõtece aos que se fiaõ delles.

Porèm quem puzer a sua confiança naquelle homem, a quem Deos fez para exceiçaõ de todos, Frãcisco Xavier, nelle acharà o seguro de todos os bens, & a isençaõ de todos os males. Para as tristezas acharà a consolaçaõ, para as difficuldades o conselho, para os perigos o remedio, para os trabalhos o verdadeiro, & forte soccorro. No mar terà certa a serenidade, nos ventos a obediécia, na terra a fertilidade, na fome a fartura, na peste a saude, na guerra a paz, ou a vitoria; & onde naõ valem as forças humanas, milagres, & poderes Divinos. Nos carceres, & masmorras as cadeas rotas, nos naufragios o porto, nos incendios o fogo sem queimar, nas ballas o ferro sem ferir, & nas mesmas mortes, ou impedidas, ou resuscitadas à vida. Para os vicios, & duvidas da passada, que he mais, a emenda, para as fraquezas, & incõstancias da presente a fortaleza, para as tentaçoens, & astucias do demonio a valerosa resistẽcia, para os peccados, & suas consequencias a verdadeira contriçaõ, & arrependimento, para o arrependimento, & propositos da virtude a firme perseverança; & para a Alma, em fim, quando se desatar do corpo, o fim para que Deos a creou, que he a eterna Bemaventurança do Ceo, aonde nas azas da protecçaõ de Xavier voarà segura.

SERMAM QUARTO. PERTENDENTES.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

MUyto receoso venho de que pelo argumento que hoje trago para prègar haja de perder o nosso Santo alguns amigos. He fundado em algumas cartas, que escreveo da India a Portugal. Nem serà esta a primeira vez em que ellas, principalmente quando contem verdades de pouco gosto, produzaõ semelhantes effeitos. E como foraõ escritas em terra, & navegàraõ tanto mar, creyo que se darà por satisfeito o nosso Anjo dos dous passos de cada dia, com que por mar, & por terra o imos seguindo.

II.

MUytas estatuas de Saõ Francisco Xavier se tem esculpido, muytas imagens pintado, muytas

tas estampas impresso, mas em nenhum mais ao natural, nem mais ao vivo retratado que nas suas cartas. Isto disse das do seu Lucilo Seneca: *Quod frequenter mihi scribis gratias ago, nam quo uno potes modo te mihi ostendis.* Isto disse das suas Ovidio: *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago sunt mea quæ mando.* E se eu me podèra, naõ digo allegar, mas repetir, jà disse neste mesmo lugar, que os corpos se retrataõ com o pincel, as Almas cõ a penna. Mas porque na penna, como no pincel pòde aver favor, na sinceridade lisonja, & na verdade engano; ouçamos o que diz Tertuliano das Epistolas dos Apostolos, pois fallamos de hum destes. *Ipsæ authenticæ literæ eorum recitantur sonantes vocem, & repræsentantes faciem unius cujusque.* Lemos as Epistolas de Sam Pedro, de Sam Paulo, & dos outros Apostolos, & o que soa nos nossos ouvidos saõ as suas vozes, o que vem os nossos olhos as suas imagens. Cẽto, & quinze Epistolas andão impressas de São Francisco Xavier, & em todas ellas se vè tão retratado ao natural, ou sobrenatural, como se estivera vivo. A pintura tem cores, & sombras, claros, & escuros: & tanto se descobre a soberania do seu espirito no claro do que diz, como no escuro do que calla.

Seneca Epistol. 40.

Tertul. lib. de Præscr. adverſ. Hæret. cap. 36.

Quando ouve de partir de Lisboa o Santo, que jà começava a ter esse nome, encomendou-lhe El-Rey que chegando à India visitasse as fortalezas, & presidios do estado, procurando a cura, & remedio das desordens que achasse, avisando-o por suas cartas de tudo o que visse cõvir ao serviço de Deos, & seu. Mas sobre este ponto nem huma só palavra escreveo Xavier a El-Rey, entendendo que se naõ devia occupar na India, senão naquillo a que viera, tratando só do espiritual, & universal de todo o Oriente, & naõ do temporal,

& particular, que outros tinhaõ a seu cargo: & tambem para naõ causar ciumes aos mesmos de quem queria ser ajudado cõ verdadeiro amor. Em Malàca lhe fez Dom Alvaro de Ataide aquelles aggravos, & publicas afrontas, que todos sabem, taõ alheas da nobreza do seu appellido, como da Fè, & nome de Christaõ; & quando cuidava q̃ seriaõ iguaes as queixas que delle escreveria o Nuncio (jurisdiçaõ de que só alli usou naõ para castigo dos sacrilegios, mas para absolviçaõ das censuras, & injurias) avendo à maõ secretamẽte huma via das cartas, & lendoas, taõ assõbrado ficou de senaõ achar nõ silencio dellas, como de ver no mesmo silencio a santidade, de quem taõ cegamente offendèra. He bem verdade que para tirar os impedimentos da propagaçaõ da Fé, conversaõ dos Gentios, exemplo, & perseverãça dos jà Christãos, deo conta Xavier a El-Rey de algumas desordens geraes, que muyto encontravaõ o mesmo fim, mas sempre com tanta cautela, & reverencia das pessoas, que nem pelo nome, nem pelo officio podessem ser conhecidas, para que se emendassem os abusos sem castigo, nem descredito dos culpados.

III.

ATè aqui ninguem se podia offender das cartas de Xavier, mas para fazer verdadeiro juizo de outras, he necessario supor duas cousas certas. A primeira, que assim como nesta vida naõ ha Almas senaõ unidas ao corpo, assim para a conversaõ, & conservação das mesmas Almas he necessario que o poder temporal, & espiritual estejaõ unidos. *Virga tua, & baculus tuus ipsa me consolata sunt*: Diz David que foy Rey, & mais Pastor: *Virga tua*, o vosso Cetro, *& baculus tuus*, & o vosso cajado, *ipsa me consolata sunt*, esses assim juntos Psalm. 22. 4.

me

me cõsolàraõ; porque quãdo o Cetro, que he o poder Real, & o cajado, que he o Pastoral, se ajuntão, assim como do contrario se seguem as perturbaçoens, & desconsolaçoẽs, assim desta uniãoseseguem suave, & efficazmente os effeitos contrarios, sendo o mayor, & principal a salvaçaõ das Almas. No mesmo Psalmo admiravelmẽte: *Dominus regit me, in loco pascuæ ibi me collocavit, & Animam meam convertit.* Construamos clausula por clausula. *Dominus regit me*, eis ahi o poder Real: *In loco pascuæ ibi me collocavit*, eis ahi o Pastoral: *Animã meã convertit*, eis ahi a conversaõ das Almas. Para libertar o Povo do cativeiro do Egypto, em que se significa a redẽpção, & salvação das Almas tiradas do cativeiro do demonio, escolheo Deos a Moyses, & Arão. A Moyses deo o Cetro Real, & supremo poder temporal fazendo-o Governador do Povo; & a Arão deo o baculo Pastoral, & poder supremo espiritual, fazendo o Summo Sacerdote. E com que fundamento, & mysterio a Moyses, & a Arão? Porque Moyses, & Arão erão irmãos, & nesta irmandadeainda naturalmente estava a uniaõ da jurisdição temporal, & espiritual tão segura, que diz o Texto Sagrado. *Eauxisti Populum tuũ in manu Moysi, & Aaron:* Tiraste, Senhor, o vosso Povo do cativeiro do Egypto com a mão de Moyses, & Aram. Não diz com as mãos, sendo dous os sugeitos, & duas as jurisdiçoens: senão com a mão; porque a mão que meneava o Cetro, & a que meneava o cajado estavão tão unidas, como senão forão duas mãos, senão huma só: *In manu Moysi, & Aaron.*

Ibidem. n. 3.

Psalm. 76. 21.

Esta he a primeira suppoſição. A segunda he, que ainda que a conversaõ, & cultura das Almas pertença immediatamente à jurisdição espiritual, com tudo esse mesmo espiritual depende muyto mais do

poder, & governo temporal. No meſmo exemplo de Moyſes, & Aram o temos. Em primeiro lugar ſe poem o Cetro, & no ſegundo o cajado: *Virga tua, & baculus tuus.* E no primeiro tambem Moyſes, & no ſegundo Aram: *In manu Moyſi, & Aaron.* Sahidos do Egypto quiz Deos que ſe fizeſſe o tabernaculo, em que ſe puzeſſem as Taboas da Ley, & a Arca do Teſtamento, & eſta obra nam a encomendou a Aram, ſenão a Moyſes. Depois na terra de Promiſſão quiz que ſe puzeſſe em ordem o eſtado Levitico, & Eccleſiaſtico, & a fórma do Ritual não a fiou de Abiathar, que era o Summo Sacerdote, ſenão del-Rey David. Do meſmo modo a fabrica do famoſo Templo de Jeruſalem, ſendo o deſenho do meſmo Deos, ao poder real de Salamão a entregou, & não ao Pontifical de Sadoc. Finalmente na Ley nova, da qual tudo o que ſe diſpoz na antiga forão ſómente figuras, mais importou, & fez o Emperador Conſtantino em hum dia, que São Silveſtre, & todos os Pontifices ſeus predeceſſores por ſi ſó em mais de trezentos annos.

IV.

AGora ſe ſeguem as outras cartas de São Francisco Xavier, o qual ſobre eſtas duas ſuppoſiçoens tão calificadas, & tão certas vendo que os progreſſos da fé, & chriſtandade do Oriente não ſe adiãtavão quanto facilmente podião, porque os Miniſtros do governo temporal mayores, & menores os não favorecião quanto El-Rey lho encarregava em ſeus Regimentos, eſcreveo a Sua Alteza, repreſentando lhe principalmẽte quatro meyos, com que eſtes deſcuidos ſe podião emendar. Primeiro, que todos os Capitaens, & Governadores dos Reynos, Cidades, & fortalezas, foſſem obrigados a lhe mandar todos os annos informaçoens auten-

autenticas do que se tinha promovido a propagaçaõ da Fè nos destrictos das suas jurisdiçoés. Segundo, que os que não tivessem observado as suas reaes ordens neste serviço de Deos que devião antepor ao seu; por huma nova Ley, que El-Rey não só promulgasse, mas jurasse de a comprir, tornando a Portugal lhe fossem confiscados todos os bens, & elles postos em huma muy dilatada prizão. Não disse mais neste ponto, como eu creyo, por temor de incorrer em alguma irregularidade. Terceiro, que os Feitores não tivessem jurisdição sobre os novamente cóvertidos, porque sêdo o jugo da Ley de Christo leve, & suave, como se avião de querer sugeitar a elle, se quando deviaõ ser favorecidos para consolação, & liberdade sua, & exêplo dos demais, se vião tratar como escravos? Quarto, que Sua Alteza nomeasse huma Pessoa de toda a sua confiança, a qual com total isenção dos Ministros de sua Fazenda a pudesse dispender, pois essa era sua real vontade, em tudo o que fosse necessario para os Ministros da propagação da Fè, suas peregrinaçoens, viagens, & ornamentos sacerdotaes. E neste pôto pedia em huma notavel carta (allegando que o fazia por descargo de sua consciencia) que Sua Alteza fizesse có Deos boas contas, computando o muyto que Deos mandava da India a Portugal, & o pouco que à mesma India mãdava Portugal a Deos. Oh Deos! Oh Principes! Oh Ministros!

Como isto lhes tocava a elles tanto no vivo dos seus interesses, não he muyto que lhes agradasse pouco, como succedeo. Porque as cartas ainda que fallão, não respondem. Levou estas a Lisboa o Vigario Gèral de Goa Miguel Vaz, Varão verdadeiramente Apostolico no zelo, na fortaleza, na constancia, no desinteresse, & sobre tudo no desejo, & trabalho incança-

cançavel do serviço, & gloria de Deos, & bem das Almas com inteira noticia de todas as da India. Acompanhava-o huma informação de tudo o sobredito, em que só faltava a Sam Francisco Xavier dizer de Miguel Vaz: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, & Regibus.* Chegou a Lisboa estando El Rey em Almeirim, aonde lidas as cartas, & ouvidas as informaçoẽs, & deferindo-se a todas, se despachou logo naquelle lugar de recreaçaõ, & passa-tempo huma larga proviſaõ de ordens tão justas, tão santas, & tão acertadas para o governo da India, que parece naõ podèraõ sahir mais justificadas de hum Concilio ecumenico. Tanto importa o zelo, & piedade de hum Rey qual era Dom Joaõ o III. Partirão estas ordens, & chegàrão à India nas primeiras naos, & abertas no Conselho de Estado de Goa, raras foraõ, & de menos importancia as que se deraõ à execução, resistindo, & achando que replicar a todas os interesses, & respeitos particulares, que como o naõ tem a Deos, assim o perdem às Leys, & proviſoẽs dos Principes, & mais, se estaõ mais longe.

A este dissabor, que sendo que naõ sahia da boca, se mordia, & mastigava mal entre os dẽtes, se ajuntou outro mais notorio a todos, que foy naõ querer o Santo passar certidoens, nem dar cartas de favor aos que tendo servido na India se hiaõ despachar a Portugal, & requerer mayores postos, ou officios nella. E sendo naquelle grande estado (por lhe não chamar Monarchia cõ sugeiçaõ, & tributos de tantos Reys, & Embaixadores, & dependencias de outros) sendo tantos, & de tanta honra, & utilidade os provimentos, como Gèral de Ceilão, Gèral da Armada de alto bordo, Gèraes das tres Armadas de remo, Tribunaes, & Conselhos de Estado, Guerra, Justiça, &

& Fazenda em Goa, Capitanias de Cochim, Malàca, Sofalla, Ormuz, Diu, & as demais, & em cada huma dellas com grandes destrictos, Capitaens, Alcaides Móres, Feitores, Escrivaens, Thesoureiros, foy cousa igualmente notavel, & notada, que tendo o mesmo Padre tanta authoridade com os Governadores, & Viso-Reys, núca jà mais se pudesse alcançar delle q̃ para os taes provimentos, mayores nem menores intercedesse por pessoa alguma, nem ainda com huma leve significação da propria vontade. E sendo pelo contrario o mais efficaz, & solicito procurador de tudo o que pertencia à propagação da Fè, & novas christandades com os mesmos Governadores, & Ministros Reaes, tão inteiro porèm sempre, & tão inexoravel em não favorecer, ou ajudar os outros requerimentos, que atè em Lisboa do modo que podia lhe punha embargos. Consta das suas mesmas cartas, em huma das quaes escrevendo a seu antigo cõpanheiro o Mestre Simaõ, que tinha com El Rey grande entrada, & valia, lhe diz: (formaes palavras) Que se tinha algũ amigo na Corte, por nenhum caso o deixasse ir à India com cargos, & officios del Rey.

V.

Esta he a razaõ porque eu receava ao principio, que o argumento deste dia diminuisse devotos, & amigos a Sao Francisco Xavier; & agora acrecento que não quaesquer, senão os da primeira plana, como saõ os que por letras, & armas, ou por suas grandes calidades, huns requerem os mayores postos, outros aspiraõ ao supremo da India. Não era este mesmo Xavier, o que aos Lavradores nas inundaçoens do Inverno impetrava Sol, & nos calores do Estio chuva? Não era o que aos pescadores nas costas, & prayas mais estereis com huma

ma bençaõ que lhes lança-va às redes, as naõ podiaõ arraſtar de muyto cheas? Naõ era o què ao marinheiro invocado nas tempeſtades lhas convertia em vento galerno, & nas falta de aguada a agua ſalgada em doce? Naõ era o que aos Mercadores ſegurava as peſſoas, & as fazendas, abonando debaixo de ſua palavra a proſpera viagem de huns navios, ou prevenindo com cautela o naufragio de outros? Eſta ſua natural benignidade, & deſejo de bem fazer naõ era taõ univerſal para todos, que a logravaõ ſem differença naõ ſó os Portuguezes, & Chriſtãos, ſenaõ os meſmos Gentios, & Mouros, que com igual confiança recorriaõ a elle? Que antipatia era logo eſta, que o meſmo Santo tinha ſó cõ os deſpachos, & provimẽtos dos officios del-Rey na India? Digo advertida, & nomeadamẽte deſpachos, & naõ deſpachados, provimentos, & naõ providos, officios, & naõ officiaes, porque a eſtes favorecia Xavier com ſua interceſſaõ, ou com El-Rey, ou com Deos, em tudo o que podia. Diogo Pereira nomeado Embaixador ao Emperador da China, fez à ſua cuſta todos os gaſtos da embaixada conforme a authoridade, & grandeza della; & porque naõ teve effeito, eſcreveo Saõ Franciſco Xavier, & repreſentou a El-Rey, que nam ſó por mercè, mas em conciencia ſe lhe deviaõ reſtituir da Fazenda Real, & aſſim ſe fez. Coſme Aires Feitor de Cochim, lhe cõmunicou hum dia que tinha mandado a El-Rey hũ diamante, que cuſtàra dez mil cruzados, & em Europa valia mais de vinte, & cinco. E como o Santo lhe pergũtaſſe em que nao das ſete que partiraõ naquelle anno, & reſpondeſſe que na Atocha; Não quizera, diſſe, que neſta nao arriſcaſſeis peça de tanto preço; com que o Feitor ficou muyto aſſuſtado, porque a tinha comprado ſem ordem

dem del-Rey. E que ſuccedeo? Abrio a nao huma taõ grande agua pela quilha, que ſe hia a pique; mas Deos que revelou o perigo a Xavier, pelas ſuas oraçoens lhe concedeo que chegaſſe a ſalvamento. Aſſim ſe ſoube em Goa dalli a vinte meſes, & antes de todo eſte tempo tinha dito Xavier ao Feitor que eſtiveſſe ſem cuydado, porque jà a Rainha trazia o diamante em hũ annel. Pois ſe aos officiaes, & providos del-Rey favorecia tanto Xavier, porque encontrava tanto os provimentos, & officios da India?

O meſmo Santo o declarou na carta pouco antes citada ao ſeu correſpondente o Padre Meſtre Simaõ. Jà vimos como lhe dizia, que ſe tinha algum amigo na Corte, por nenhum caſo o deixaſſe ir à India com cargos, & officios del Rey. E porque? Cõtinùa dando a razaõ: Pelo naõ ver apagado do livro da vida, & da matricula em que ſe aſſentaõ os Juſtos. E iſto por mais confiança que tiveſſe da ſua devaçam, & virtude, ſalvo ſe ſoubeſſe certo que era confirmado em graça, como o foraõ os Apoſtolos. Deſorte que entendia Saõ Frãciſco Xavier dos deſpachados para a India com cargos, & officios del-Rey, que o meſmo era eſcreverem-ſe ſeus nomes nas proviſoens, que riſcarem-ſe dos livros da ſalvaçaõ, & quanto melhor deſpachados para eſta vida, tanto peyor deſpachados hiaõ para a outra. Agora pergunto: E que ſe ſegue daqui? Que Saõ Franciſco Xavier naõ he amigo dos que pertendem ſemelhantes deſpachos? ou que os meſmos, que os pertẽdem, o naõ devem ter por amigo a elle como eu receava? Reſpondo que de nenhum modo. E por iſſõ o meſmo Santo como em profecia, ou cautela da meſma conſequencia, diſſe na meſma carta: Se tiveres algum amigo. A razaõ, ou fundamentos, que hum tam grande Varaõ teve para afirmar

firmar huma couſa taõ notavel, veremos depois. O que agora affirmo he, que taõ fóra eſteve o Santo de ſe moſtrar menos amigo na cenſura, & impedimento deſtes deſpachos, que antes em huma, & outra ſe moſtrou o mais verdadeiro, & fiel amigo. Vamos às Eſcrituras, & os que as lem ſeja com fé.

VI.

NO capitulo ſexto do Eccleſiaſtico diz o Eſpirito Santo que o amigo fiel naõ tem comparaçaõ neſte mundo: *Amico fideli nulla eſt comparatio.* Eccl. 6. aſt. 6. 15. Parece demaſiado encarecimento; porque aſſás calificado ficarà o amigo fiel, ſe o ſeu amor ſe comparar cõ o dos pays, dos filhos, dos irmãos, & muyto mais dos caſados. Mas he certo, & evidente, que nem eſtes ſe pòdem comparar com o amigo fiel. Admirame, que Plutarco ſendo Gétio deſſe a verdadeira razão: *Dulces, fatior*, diz elle, *parẽtes, dulces avi, dulces filij, dulces fratres, dulces uxores: poſſunt tamen amareſcere, nec parentes ideo, nec fratres, nec filij deſierint eſſe, cum tamen dulces eſſe deſierint. At amicus ſolus, dum ſit verus, dulcis, & charus, eſſe non deſinit.* Plutarc. dialog. de amic. fideli. Verdadeira, & ſutiliſſimamente advertido! Porq o pay pòde nam amar o filho, mas nem por iſſo deixa de ſer pay: o filho pòde naõ amar o pay, & nem por iſſo deixa de ſer filho: o irmão pòde nam amar o irmão, & nem por iſſo deixa de ſer irmão: os caſados podẽ não ſe amar, & nem por iſſo deixaõ de ſer o maior parenteſco. Mas o amigo fiel nũca pòde deixar de amar, porque nem ſeria fiel, nem amigo, ſenaõ amaſſe. Em todos os parentes o amor he accidente que ſe pòde mudar; no amigo fiel he eſſencia, & por iſſo immutavel.

Bem eſtamos atè aqui. E em que conſiſte a eſſencia do amigo fiel! O meſmo Eſpirito Santo o declarou logo: *Amicus fidelis medica-* Eccleſiaſt. 6. 16.

dicamentum vitæ, & immortalitatis. O amigo fiel, he o medicamento da vida, & da immortalidade. Notai muyto muyto: Medicamento da vida, & da immortalidade juntamente: porque se o medicamẽto, & o remedio for só para a vida, & esse mesmo remedio da vida for veneno da salvaçaõ, & da immortalidade, naõ será amigo fiel, senaõ infiel, & traidor, & verdadeiramente inimigo o que o naõ impedir. Atè Marco Tullio sem fé da immortalidade definio assim a verdadeira amizade: *Est autem amicitia nihil aliud nisi omnium divinarum humanarumque rerum cum benevolentia, & charitate summa consensio.* A verdadeira amizade naõ he outra cousa senaõ huma summa uniaõ, & commum cõsenso entre os amigos, com o qual benevola, & amorosamente se conformaõ em todas as cousas, naõ só humanas, mas Divinas, & primeiro nas Divinas, que nas humanas: *Divinarum humanarumque rerum.* E como naquelles requerimentos, & despachos, o Divino se naõ concordava cõ o humano, & o que se reputava bem util para a vida, era màо, & nocivo para a immortalidade, & no que parecia remedio para o tẽporal via o Santo que se occultava o veneno, destruiçaõ do eterno; por isso como fiel amigo, naõ só o naõ queria ajudar, & favorecer, mas o impedia, quãto lhe era possivel.

Tull. de bon. amicitiæ.

Quando os irmãos de Joseph foraõ buscar paõ ao Egypto, sabendo o Rey que tinha irmãos, & pay em Canaan, disse a Joseph, que de sua parte levassem este recado: *Tollite inde patrem vestrum, & cognationem, & venite ad me, & ego dabo vobis omnia bona Ægypti:* Trazei de là vosso pay, & todos vossos parentes, & vinde a mim, que eu vos darei todos os bens do Egypto. Sahir de Canaan com esta promessa Real, era ter passado o cabo da Boa Esperança antes de sahir

Genes. 45. 18.

hir do Tejo. Em fim partìraõ, & chegàraõ: & que faria então Joſeph ſobre aquella promeſſa com todo o poder da Monarchia nas mãos? Inſtruìo aos irmãos, que perguntados que officio, ou exercicio era o ſeu, reſpondeſſem, que eram Paſtores de ovelhas, porque com eſta noticia poderiaõ viver na terra de Geſſen apartados dos Egypcios. E logo eſcolhendo de entre os onze irmãos os cinco menos bem apeſſoados, & de feiçaõ mais ruſtica, *quinque extremos*, com elles preſentou a El-Rey o pay. Faria algũ valido de hoje eſtas duas prevençoens? Naõ por certo, ſenaõ as que coſtumaõ. E porque as fez Joſeph? A primeira, porque os Egypcios abominavaõ os Paſtores de ovelhas: *Quia deteſtantur Ægyptij omnes Paſtores ovium.* A ſegunda, porque o Rey ſe naõ affeiçoaſſe a algũs dos irmãos, & os deixaſſe ficar em ſeu ſerviço no Paço: & ambas por tres grandes motivos, ordenados todos ao meſmo fim. Primeiramente, para que pudeſſem habitar juntos na terra de Geſſen, apartados dos Egypcios, nam ſó na Corte, mas fóra della: *Ut habitare poſſitis in terra Geſſen.* Depois diſſo, para que aſſim ſeparados, ſe naõ miſturaſſem nos vicios cõ os meſmos Egypcios, & ſe conſervaſſem na Fè, Religiaõ, & ſerviço do verdadeiro Deos: & ultimamente, para que vivendo naquella pobre, & humilde fortuna, ſem tratar da que lhe offerecia o Rey: *Ego dabo vobis omnia bona Ægypti*, foſſe tal a ſua vida no Egypto, que naõ perdeſſem, nem arriſcaſſem a eterna, que eſperavaõ no Ceo. Aſſim foy Joſeph fiel irmão de ſeus irmãos, & fiel amigo dos que devia amar verdadeiramente. Se fora como os que hoje ſe uſaõ nas Cortes verdadeiros inimigos de ſi, & dos ſeus, avia de introduzir o pay com os outros onze filhos, & dizendo o velho ao Rey, que pois Deos o fizera

Geneſ. 46.34.

fizera tam venturoso em lhe dar hum filho, que soubesse servir, & agradar a sua Magestade, alli lhe offerecia aquelles onze para que delles tambem se servisse, podendo assegurar a Sua Magestade, que na fé, lealdade, & zelo de seu Real serviço mostrariam todos, & cada hum, que eraõ irmãos de seu irmaõ. E como o Rey lhes tinha prometido todos os bens da sua Monarchia, naõ ha duvida que os despacharia logo com os melhores postos, & lugares della. Mas o verdadeiro, & fiel amigo que lhes desejava os bens, & remedio desta vida com os olhos na immortalidade: *Medicamentum vitæ, & immortalitatis*, naõ só lhes naõ procurou os despachos, mas lhos impedio por todas as vias, como se entaõ estivera já revestido do espirito de Xavier. E se esta cautela usou Joseph com homens, que na terra, onde seu irmão era Viso-Rey, se contentavaõ com o officio que tinhaõ na sua: quanto mais Xavier com aquelles que nenhũ se embarca para a India, senam para melhorar de pelote, & de fortuna?

VII.

MAyor cautela foy ainda a de Xavier, que a de Joseph: porque Joseph aos que quiz salvar apartou-os da occasiaõ na mesma terra; mas Xavier, apartou delles a terra da occasiaõ. Isso quer dizer: por nenhuma caso os deixeis ir à India. Em hum Psalmo, em que David ensinou aos homens o que aviaõ de pedir, he admiravel hum verso que diz assim: *Viam iniquitatis amove à me*: Senhor, peçovos que aparteis de mim o mão caminho. Parece que avia de dizer, peçovos que me aparteis a mim do mão caminho; mas que aparteis o mão caminho de mim? o homem he o que se ha de apartar do caminho, & naõ o caminho do homem. Parece-se isto com aquella historia Psalm. 118. 29.

da India, Afaſteſe o penedo. Hia o Governador em hum bargantim, & vendo que ſe deſviava do caminho direito, perguntou ao Temoneiro, porque. E reſpondendo, que ſe afaſtava de hum penedo, que lhe demorava pela proa: a bizarria, ou arrogancia do Governador foy tal, que lhe diſſe: Afaſteſe o penedo. Demaneira que para o bargantim ſe naõ fazer pedaços no penedo, ou ſe avia de afaſtar o penedo, ou o bargantim: mas o bargantim, em que vay a peſſoa de hum Governador da India, naõ ſe afaſta, afaſteſe o penedo. Huma das couſas viſtas, & naõ advertidas, que diſſe Seneca, he que os homens naõ vaõ por onde avião de ir, ſenaõ por onde ſe vay: *Non qua eundum eſt, ſed qua itur.* Vay-ſe à India buſcar riqueza? pois vamos à India. Vay-ſe a Ceilaõ buſcar rubis? Vay ſe a Colocondà buſcar diamantes? Vay-ſe ao fundo do mar buſcar perolas? Vay-ſe ao centro da terra buſcar prata? pois va-ſe a tudo iſto: *Itum eſt ad viſcera terræ, quaſque recondiderat, ſtygijſque admoverat umbris effodiuntur opes.* E ſe todas eſtas couſas ſaõ, *irritamenta malorum*, & qualquer deſtes caminhos, *via iniquitatis*, como os homens empenhados, & cegos, ſe naõ querem apartar do caminho, que remedio? O remedio he, jà que elles ſe naõ querem apartar do caminho, apartar o caminho delles, *Viam iniquitatis amove à me.* Iſto he o que fazia Xavier, & iſto o que deviaõ pedir a Deos os que por ventura ſe queixavaõ de elle lhes impedir ſuas petiçoens.

O meſmo Deos quando eſtà taõ liberal, que nos manda pedir, & promete certos os deſpachos, ſempre he debaixo deſta meſma condiçaõ, que nam ſejà contra a ſalvaçaõ o que ſe pede: *Quidquid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis:* Tudo o que pedires a meu Padre em meu nome, Ioan. 14. 13.

nome, elle volo concederà, diz Christo Senhor nosso. Mas que diremos nòs às continuas experiencias de tantas cousas, que se pedem a Deos em nome de seu Filho, & naõ se alcançaõ? Alguma condiçaõ necessaria falta logo da nossa parte, pois a verdade da palavra Divina naõ pòde faltar? A replica he de Santo Agostinho, & tambem a soluçaõ, a qual consiste na intelligencia do que quer dizer, *in nomine meo*. Qual he o nome do Filho de Deos? He Jesus: & Jesus que significa? *Salvator*, Salvador. Pois porisso muytas cousas senaõ alcançaõ, porque naõ saõ conformes à salvaçaõ, senaõ contrarias a ella, posto que nòs o nam entendemos. E o que he contrario à salvaçaõ, nam se pede em nome do Salvador: *Quod enim petimus cõtra salutem, non petimus in nomine Salvatoris. Ipse autem in nomine ejus petit, & accipit quod petit, si non cõtra suam salutem sempiternam petit.* E por isso nas petiçoens, & despachos de que fallamos, Xavier naõ queria ser interessor, porque sabia que eraõ contra a salvaçaõ. Por ventura pode-se pedir em nome do Salvador, o que pede em seu nome o tentador? Claro està que naõ. Pois isso he o que se pede naquellas petiçoens. Quando o demonio tentou a Christo, pedio para elle, & offereceo-lhe tres cousas, paõ, honra, & mando: Paõ, *Dic ut lapides isti panes fiant*, & matareis a fome: Honra, *Mitte te deorsum*, porque viraõ os Anjos, & vos levaràõ nas palmas: Mando, *Hæc omnia tibi dabo*, & mãdareis o mundo. Nam saõ estas mesmas em seu tanto, as que o demonio promete aos pertendentes da India nos seus despachos? Na fazenda paõ, nos habitos, & fóros honra, nas Capitanias, & governo mando? Sim. Pois de qual das partes se havia de pòr Xavier, da parte do Salvador, & da salvaçaõ, ou da parte do tẽtador, & da condenaçaõ?

Matth. 4. 3.

Auguſt. in cap. 14 Ioan.

VIII.

MAs os pertendentes naõ levaõ, nẽ poem aqui a ſua mira. Tudo no que pertence à vida, nada no que importa à immortalidade. Os que aſſim vivem, & querem viver neſte mundo, como ſe naõ ouvera outro, pouco perderà Saõ Franciſco Xavier em osnaõ ter por devotos, nem por amigos, eu lhes aconſelho que lhe naõ encomẽdem a elle as ſuas pertẽçoens, porque antes as ha de impedir, que favorecer, ſalvo ſe quizerem abrir os olhos, & pollos na immortalidade, & no que ha de durar para ſempre. E porque todo eſte deſengano ſe funda naquella tremenda ſentença, com que o Sãto ſuppunha, & affirmava, que ir bem de pachado para a India, era ir bem deſpachado para o inferno; reſta para complemento deſte grande ponto, & de toda a materia do noſſo diſcurſo averiguar, & declarar duas queſtoens para todos curioſas, & para os que ſe quizerem aproveitar dellas importãtiſſimas. A primeira, dõde ſabia Saõ Franciſco Xavier, o que affirmava com tanta certeza? A ſegunda, ſe o que dizia dos d ſpachos, & officios da India, ſe ha de entender tamb m das outras conquiſtas, & partes ultramarinas?

Quanto à primeira queſtaõ, o meſmo Santo confirma na meſma carta o que tinha dito, concluindo aſſim: Credeme que fallo verdade, & tenho experiencia, & o porque eu o ſey, naõ he neceſſario dizelo. A experiencia era de muytos annos, de olhos muyto claros, & muyto abertos, & de quem tinha corrido a India muytas vezes, vendo viver, & morrer, que ſaõ os dous pòlos de que depende a ſalvaçaõ. Se eu vir que hum homem na vida rouba o alheyo, & na morte podendo o nam reſtituìo, nenhum aggravo farey a ſua Alma ſe entender que eſtà no inferno, antes

tes farei aggravo à Fè, a qual enſina que, *Nõ dimittitur peccatum niſi reſtituatur ablatum.* Dizem que voltando o Cabo de Boa Eſperança ſe esfria a Fè; & eu naõ ſey ſe foy frio, ou calor, o com que os Miniſtros ſeculares, & Politicos ſe naõ conformàraõ com os Theologos naquella glorioſa, & immortal acçaõ, com que o Viſo-Rey Dom Conſtantino de Bragãça desfez em pò, & queimou o dente de Bugio, famoſo Idolo em todo o Oriente, pelo qual offerecia El-Rey de Pegû trezentos mil cruzados, julgãdo que convinha mais aceitalos para as neceſſidades do Eſtado; & avendo algum, & naõ da inferior calidade, que ſe offerecia para levar o dente a El Rey de Pegû, & por todas as Cidades do Reyno, em quanto chegava à Corte, ir dando a beijar a ſanta reliquia, & recolhendo para ſi as offertas. Tinha tambem experiencia Xavier dos Capitaens das fortalezas, que cada hũ no ſeu deſtricto he hũ Rey pequeno, ſendo a ſalvaçaõ dos Reys pequenos muyto mais difficultoſa que a dos grandes: porque eſtes tem Conſelhos de Eſtado, de Guerra, de Juſtiça, & da Fazenda; & os pequenos para a fazenda, juſtiça, guerra, & proprio eſtado, naõ tem outro conſelheiro mais que o do intereſſe, conveniencia, & cubiça, que nunca diz baſta. Sobre tudo tinha Saõ Franciſco Xavier a ſciencia do porque, que elle diz naõ era neceſſario dizelo, encobrindo ſem duvida as revelaçoẽs de Deos. E eſta ſciencia Divina ſe argue, & prova da outra de menos importancia, pois ſabendo, como conſta de infinitos exemplos, quando partiaõ as frotas, ou navios particulares, quaes ſe aviaõ de perder, ou chegar a ſalvamento; melhor ſaberia das Almas, quaes ſe perdiaõ, ou ſalvavaõ, como materia propria do ſeu miniſterio.

Quanto à ſegunda

queſtaõ, ſe o que diſſe Saõ Franciſco Xavier dos deſpachos, & officios da India, ſe ha de entender tambem dos outros Eſtados das noſſas cõquiſtas. Muyto ſoſpeito, que ſe o Santo eſtivera na Africa, & na America, como na Aſia, o meſmo que eſcreveo da India, eſcreveria tambem de Angola, & do Braſil. Saõ Paulo diz: *Qui volunt divites fieri incidunt in laqueum diaboli:* Os que querem ſer ricos caem no laço do diabo. E ſe o deſejo da riqueza leva os homens à India, os que vaõ a Angola, & ao Braſil he certo que naõ vaõ là a empobrecer: a fazer pobres mais depreſſa. Os que Deos mandou eſcolher a Moyſes para governo do Povo, diſſe-lhe que foſſem homẽs, *Qui oderint avaritiam*, que tiveſſem odio ao dinheiro. E eu com ſer taõ velho, tendo viſto muytos odios, & vinganças, nunca tive a ventura de ver eſte odio ao dinheiro; amor ſim, & muyto refinado em muytos. Dizem que a India eſtà mais lõge do Rey, mas depois que não temos recurſo à Portugal, ſenaõ de hũm anno para o outro, jà eſtamos iguaes neſta differença. E taõ longe eſtà hoje o Cabo de Santo Agoſtinho em oito gràos, como o da Boa Eſperança em trinta, & cinco. Dizem que aquelle clima tem outras influencias. Aſſim he; mas quãdo ſenão trata do Ceo, pouca impreſſaõ pòdem fazer as Eſtrellas. O que ſey he, que na India ſaõ muyto menos os cativeiros, & que os de Angola, muytos ſaõ duvidoſos, & poucos livres de eſcrupulo; & no Braſil, ſendo todos os naturaes, naõ ſó por natureza, mas por repetidas Leys iſentos de cativeiro, os avòs morrendo os deixaõ por cativos aos filhos, & os pays morrendo aos netos. Finalmente, & em ſumma, o que julgo que ſe deve reſolver he, que onde os officios forem os meſmos, & tiverem os meſmos inconvenientes, & perigos da ſalva-

1 ad Timot. 6 9

Exod. 18, 21.

ſalvaçaõ, nem o mar, nem a terra, nem o Ceo deve fazer differença entre huns, & outros.

IX.

E Para acabar com huma carta de Saõ Franciſco Xavier, pois ſaõ as que nos ſervìraõ de marear neſte diſcurſo, & para que tomemos porto com ella, diz aſſim ao meſmo Meſtre Simaõ. Foaõ me rogou fallaſſeis por elle a El-Rey no ſeu requerimẽto. E eu digo que elle aceitarà muyto mais em andar com Deos em requerimento do perdaõ de ſeus peccados. E ſe o vòs là poderdes tanto favorecer, que o perſuadais que ſe faça Religioſo, & que naõ torne à India a ſer Soldado, fareis huma obra pia, que naõ ſerà menos que ganhar huma Alma. Toda-via em ſatisfaçaõ de ſeus ſerviços, & para que poſſa viver em Portugal, vos peço que por amor de noſſo Senhor o ajudeis. Atè aqui o capitulo da carta. E quanto à primeira parte, de andar antes em requerimento do perdaõ de ſeus peccados com Deos, não o devia eſtranhar o requerente, pois ſe não pòde requerer ſem folha corrida. Mas quanto à ſegunda, de ſe fazer Religioſo, pareceme que lhe eſtou ouvindo dizer: Muyto bom he, que quando pedi carta de favor ao Padre Xavier para meus deſpachos, me mande acõſelhar que me faça Frade! E eu digo que ainda das telhas abaixo eſte meſmo conſelho era muyto bom deſpacho. Eſte Soldado da India naõ devia de ſer tão deſvanecido, que ſe compараſſe com o grande Affonſo de Albuquerque, o qual com tudo tomou por conſelho: Affonſo acolhete à Igreja. Tanto o tinha deſenganado a India, & Portugal.

Mas troquemos iſto, meu Requerente, em meudos. O voſſo intẽto he voltar à India com poſto, para depois do trienio tornar rico para a patria. E quem

vos segurou que aveis de tornar da India? A raposa naõ quiz entrar na cova do Leaõ, porque observou que as pegadas dos outros animaes todas hiaõ para dentro, & não tornavão para fóra. De cento, & sessenta, que acompanhàrão a Vasco da Gama, só a terceira parte tornou da India. E não só he incerto o tornar da India, senão tambem o chegar. Se da Costa de Guiné atè o Cabo de Boa Esperança, & do Cabo de Boa Esperança atè Moçambique, os que forão láçados mortos ao mar tiverão letreiro nas suas sepulturas, com lastima, & horror se avia de ver que todo aquelle continuado caminho he hum cemeterio de mais de mil legoas. Mas concedamos a este Soldado tal fortuna, que chegue à India cõ vida, & tal valor, q̃ sirva là cõ honra. Se elle não he cego, bem deve de ver onde se semeaõ os trabalhos, & onde se colhem os frutos. Là se padecem as fomes dos apertadissimos cercos, & cà se fazem os banquetes. Là se soportão as calmas, & as ardentissimas sedes, & cà se bebe a agua de neve. Là se trazem as armas às costas, & se derrama o sangue, & cà se cortão as galas, & vestem as purpuras. Là se batem à viva força, & se derrubão as muralhas, & cà se levantão os Palacios. Lá se dão as tremendas batalhas, & cà se vem as comedias. Là se padecem as feridas, & as curas nos Hospitaes, & cà nas casas de prazer se regão, & cheirão as flores. E o peyor de tudo he, que là se ganha ás lançadas a fama, & cà se rouba, levando os premios della os que não he sua. Quando Esaú vio que Jacob com as luvas calçadas lhe tinha roubado a benção, que elle com o arco, & settas tinha merecido nas brenhas, diz o Texto Sagrado, que as suas lagrimas forão bramidos: *Irrugijt clamore magno.* Genes. 27. 34. Mas nem as lagrimas se vem, nem os bramidos se ouvem: & se verifica daquellas

quellas conquiſtas, o que dizia o Duque de Alva das ſuas: Que locos lo ganan, y poltrones lo comen.

X.

E Porque não deixemos ſuſpenſo o fim de toda eſta demanda, ſupponhamos o que rara vez acontece, que o noſſo pertendente ſe deſpachou em Portugal, que foy à India, que lá por bons, ou màos meyos enriqueceo, & que finalmente com toda a felicidade chegou rico à patria. Suppoſta eſta marè de Roſas de felicidades, folgàra ſaber ſe eſte homem torna da India Gentio, ou Chriſtão: ſe Gentio, melhor lhe fora ficar lá: ſe Chriſtão, deve conſiderar que cá o eſpera hum oraculo do Filho de Deos que diz: *Facilius eſt Camelum per foramen acus tranſire, quàm divitem intrare in Regnum Cœlorum*: Mais facil he entrar hum calàbre pelo fundo de huma agulha, que entrar hum rico no Reyno do Ceo. Onde ſe deve muyto notar, que não diz Chriſto hum Ladrão, ou hum roubador do alheyo, ſenão hũ rico. Que remedio tem logo hum rico para entrar no Ceo? Eu o direi. Deſfiar o calabre, & logo fio a fio poderà entrar pelo fundo da agulha. Não he declaração minha, ſenão do meſmo Chriſto, enſinando o modo cõ que o calabre ſe pòde deſfiar: *Vende quæ habes, & da pauperibus*: Vendei o que tendes, & reparti-o cõ os pobres. Agora torno a perguntar: E ha algum que vá buſcar as riquezas à India, & as traga de lá para as deſfiar, & repartir deſte modo? Pareceme que naõ. Logo bem mandava aconſelhar Saõ Franciſco Xavier ao ſeu afilhado, que ſe fizeſſe Religioſo, que he o que ſignificaõ eſtas palavras de Chriſto: ſẽdo mais facil profeſſar a pobreza em Portugal, que ir buſcar as riquezas à India: & mais ſeguro, mais util, & mais bem pago o ſervir a Deos, que aos homens?

Luc. 18. 25.

Matth. 19. 21.

O meſ-

O meſmo Saõ Franciſco Xavier he o melhor, & mayor exemplo. Ninguem ſervia mais que elle na India. E o Senhor do Ceo, a quem elle ſervia, pagou-lhe por ventura como os que ſe chamaõ Senhores da terra? Deſtes diſſe nas ſuas Eglogas o noſſo Virgilio ſobre as experiencias, & deſenganos naõ de outra Corte, ſenaõ da noſſa:

Elles bebem, & o homem ſua,
Doelhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a ſua.

Demaneira que ſem elles ſuarem, nem ſe doerem, antes ſe regalarem à cuſta dos ſuores alheyos, como pouco ha ponderavamos, querem que ſuem, trabalhem, & padeçaõ os que os ſervem. Mas naõ aſſim o Senhor do Ceo, a quẽ Xavier ſervia. Os ſuores, & as dores eraõ iguaes, & reciprocas no Senhor, & no ſervo: como ſe via no famoſo milagre da Imagem de Chriſto no Caſtello de Xavier. Quando Xavier ſuava na India, ſuava Chriſto em Navarra: & quando Xavier padecia em huma parte, padecia tambem Chriſto na outra. Donde ſe inferio diſcretamente, que as veas, & aspenas eraõ as meſmas em ambos, as veas para o ſuor, & as penas para a dor.

Quod tibi ſudanti ſudorem reddit JESUS,
Vena vel ambobus, pœna vel una fuit.

Do ſuor de Chriſto no Horto diſſe Saõ Bernardo, que chorára o Senhor por todo o corpo. E taes foraõ na vida, & na morte os ſuores milagroſos do mais fiel de todos os amigos Chriſto, em correſpondencia do de Xavier. Chriſto chamou amigo a Lazaro: *Lazarus ami-* Joan. 11. 36.

amicus noſter. E todos quãdo o viraõ chorar na ſua morte, conhecèraõ quam ſeu amigo era: *Ecce quomodo amabat eum*. Xavier morreo na ſeſta feira de Lazaro, quando a Igreja renova a memoria daquelle milagre: & Chriſto no da ſua Imagem andou tão fino com Xavier, que em todas as ſeſtas feiras daquelle anno, ou chorou aquelles ſuores ou ſuou aquellas lagrimas: ſendo eſte o mais ſolemne, & ſaudoſo anniverſario, que fez o amor dos vivos por nenhum defunto. Fiel amigo na vida, fiel na morte, & fiel depois da morte. Na vida como medicamento da vida, depois da morte como medicamento da immortalidade; & na morte, que he o fim de huma, & o principio da outra, exemplo a todo o mundo, em que deixou provado quam verdadeiro amigo he Xavier, pois ſó aſſim quiz ſer, & foy ſempre amigo.

SER-

SERMAM QUINTO.

JOGO.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

NAõ ha couſa taõ precioſa, & tam util, que continuada nam enfade. Por iſſo ſendo a mais eſtimada, & mais amada de todas a vida, naõ ſó variou Deos o anno em Primavera, Eſtio, Outono, & Inverno, ſenaõ que atè os dias, & noites fez taõ deſiguaes, & deſſemelhantes, que dentro da meſma roda do anno ſó hum he igual, & ſemelhante ao outro. Mas a que fim eſte exordio? Eſtamos por mercé de Deos no dia quinto da noſſa Novena, que por boa conta he o meyo della. E para naõ enfaſtiar a devaçaõ, que tambem ſe enfaſtia, julguei por couſa conveniente, & agradavel aos ouvintes, que no meyo da meſma continuaçaõ, ſem interromper a materia, foſſe hoje de algum paſſatempo.

po. Assim será, & no mar veremos hum jogo, & na terra outro.

II.

OS jogos saõ taõ antigos como o tempo, & porque este passa, & naõ torna, não sey se com razaõ, ou sem ella se chamàraõ passa-tempos. Os primeiros jogos que inventàraõ os homens, quádo ainda não eraõ, ou ainda se creavaõ para ser homẽs, foraõ a luta, os cestos, a clava, a lança, a pèla, o troya, (a que nòs chamamos canas) o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estadio, o saltar os vallos, o nadar vestido de armas, & outros semelhantes, cujo exercicio era tão util para a saude, & robustèza dos corpos, como necessario para a guerra, para a agricultura, & para os outros trabalhos de que vive, & se conserva o mundo. Forão inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseo, & outros Heroes, de quem os tomàraõ Gregos, & Romanos. E nota Alexandre ab Alexandro (advertencia digna de tanto reparo, como cõfusaõ) que se decretou por Ley do Senado em Roma, que só estes jogos, & nenhum outro se pudessem jugar a dinheiro: *Erat que Senatus consulto cautum, ut nisi his ludis pecunia ludere liceret.* Alexã ab Alex Geniali-um dier. lib. 3. Sendo porèm o principal premio dos que venciaõ, não o dinheiro, se não a honra, & fama, esta era tão gloriosa nos jogos que se chamavão sagrados, que não se dava a coroa ao vencedor, senão à patria.

E sendo estes jogos dos Gentios tão honestos, tão racionaes, & tão sezudos, que afronta he dos Christãos, que tomassem delles os dados, & cartas, nos quaes como notou, antes de nos conhecer, Marco Tullio, nenhum lugar tem a razão, & o juizo, senão a temeridade, & o caso: *Quod talos jacere, quod tesseras, quibus in rebus temeritas, & casus,* Cicero lib. 2. Divin.

casus, non ratio, & consilium valet. Nestes dous jogos, ou latrocinios da cobiça, o menos que se perde he o dinheiro, posto que seja com tanto precipicio, & excesso, como chora a ruina de muytas familias, em que os filhos primeiro se vem desherdados, que orfãos, os dotes das mulheres cõsumidos, & as filhas em lugar de dotadas roubadas. O ouro de que se fundio o Idolo do deserto, foy o das arrecadas das mulheres, & filhas: *Tollite inaures aureas de uxorum, & filiarum vestrarum auribus.* E que maldito Idolo he este, se não o do jogo, em que os salteadores domesticos depois de terem dissipado tudo o mais, atè as arrecadas das mulheres, & filhas, lhe arrancão das orelhas? Refere alli o Texto Sagrado, que os adoradores do Idolo, depois de comerem, se puzerão a jugar: *Sedit Populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* Assim se usa commummente, que na mesma mesa, às iguarias succedem as cartas, & à comida o jogo. Mas eu sem ser Profeta, me atrevo a affirmar, que na mesa onde se frequentar muyto o jogo, cedo faltarà o comer. E donde tiro, ou infiro este pronostico? Do oroscopo das mesmas cartas, & da má Estrella, & influencia debaixo da qual ellas nacèrão. Os inventores do jogo das cartas, diz Plinio, que forão os Lydos gente antiquissima. E porque occasião? Refere-a o Eruditissimo ab Alexandro, & eu o quero fazer por suas proprias palavras: *Horum authores Lydos fuisse ferũt, qui ut famem, qua premebãtur, facilius ferrent, in miserijs hoc solatium invenere, ut ludo tempora transigerẽt.* Quer dizer: Que os Lydos, opprimidos da fome, para consolação, & alivio das suas miserias, inventáraõ este jogo para passar o tempo. Cuidava eu que para remediar a fome era melhor meyo cavar, & trabalhar, que jugar. Mas assim como este jogo teve sua origem

Exod. 32. 2.

Ibidem. 32. 6.

gem na fome, & foy invento de quem não tinha que comer; assim he pronostico certo cõfirmado com a experiencia, que viráõ a nam ter que comer, os que frequentarem o mesmo invento.

Sendo porèm tão frequente, & ordinaria no jogo a perda do dinheiro, & fazenda, isto he o menos que nelle se perde, como dizia, porque saõ muyto mais preciosas, & para sentir as outras perdas, ou perdiçoens, em que a cegueira da cobiça não repara. Perde-se a autoridade, porque se diz que a mesa do jogo a todos iguala, com tão que tenhaõ que perder; o que he contra todas as leys da decencia, & honra. Alexãdre Magno convidado para que quizesse entrar nos jogos Olympicos, respõdeo que o faria, se tivesse Reys com que emparelhar na contenda. Perde-se o tempo, que como discorre Seneca, he o mayor thesouro que a natureza fiou dos homens; & perde-se com perdição mayor, & mais desesperada, porque o dinheiro que se perde em huma mão pode-se recuperar na outra, o tempo huma vez perdido não se pòde restaurar. Perde-se a amizade, porque quando jugais com o vosso amigo, a vossa tenção he que o que he seu seja vosso, & a sua, que o que he vosso seja seu. Aqui se quebra a santissima Ley da verdadeira amizade: *Amicorum omnia sunt communia.* Porque o amigo nenhuma cousa pòde ter tão propria sua, que não seja do outro amigo, pois o amigo he, *Alter ego.* Perde-se a piedade, porque pela impaciencia, raiva, inveja, & mofina do que o jogo nam favorece, saem da sua boca juramentos, & execraçoẽs contra o Ceo, quaes eraõ todas as tardes na casa do jogo as daquelle taful, que gastava a manhãa na Igreja ouvindo todas as Missas; & se disse delle discretamente, que pela manhãa hia comer os Santos à Igreja, & que á tarde os vinha vomitar

tar na casa do jogo. Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos Germanos, que depois de perdido quanto tinham, a jugavão, ficando perpetuamente cativos; & o mesmo se usa hoje nas galès do Mediterraneo, em que os homens, se homens se pòdem chamar, se vendem a retro aberto, com condição que se ganhaõ no jogo, restituem o preço, & se perdem, se sugeitaõ para sempre ao infame, & duro cativeiro, ferrolhados os pès ao banco, & as mãos atadas ao remo. Perde-se a Religião, porque o taful que não tem que jugar, né que furtar no profano, se arrojará facilmente ao sagrado, & a despir os Altares, como fizeraõ em figura os algozes, que crucificáram a Christo, & depois de o pregarem despido na Cruz, lhe jugáraõ as vestiduras. Finalmente perdem se, ou acabaõ de se perder as quasi perdidas Almas, como muytas, por não ter que jugar, & perder, se entregaraõ ao demonio. E outros por extrema desesperaçaõ se mataraõ a si mesmos, ou quizeraõ matar, que he o caso a que temos chegado mais tarde do que eu quizera, mas sempre sem o declarar fallei delle.

Alexãd. ab Alc. lib. 3

III.

PArtio Sam Francisco Xavier de Meliapor, embarcado em hum junco, que lá chamaõ navio ordinario de carga, & atravessando o golfo de Bengalà, com vento que nam dava outro cuidado, se puzeráo a jugar as cartas dous passageiros. Quando o navio corre fortuna, todos os que vão dentro correm a mesma; mas aqui a teve hũ dos jugadores tam favoravel, & outro tão contraria, que este perdeo, & lhe deixou nas mãos quanto levava proprio. Creceo com a perda o desejo desse desquitar, que he a mayor tentação no jogo, & valendo-se da fazenda alhea, & de partes, que trazia a seu cargo, o acom-

o acompanhou tam pertinazmente a meſma deſgraça, que tambem a perdeo toda. Acabou-ſe o jogo, porque naõ teve mais que perder. E recolhendo-ſe o pobre homem dentro em ſi (de que eſtivera taõ fóra) começou a cuidar no que tinha feito. Perdi o meu, perdi o alheyo, perdi o credito! que conta hey de dar de mim? Que vida ha de ſer a minha? Como poſſo apparecer diante da gẽte? Oh triſte! Oh miſeravel, ô moſina, ô infame creatura! Aqui ſe levantou en taõ huma tal tormenta de imaginaçoens com ondas ſobre ondas tão furioſas, que humas atiravão com elle ao Ceo pronunciando blasfemias cotra Deos; outras o precipitavaõ, & metiaõ no fundo dos abiſmos, reſoluto, & proteſtando, que naõ tinha outro remedio, ſenaõ láçar-ſe ao mar. Chegou a noticia deſte frenefi ao Medico univerſal, que ordenou a Providencia Divina ſe achaſſe naquelle navio. Viſitou amoroſamente o deſeſperado, cõſolou-o, animou-o, exortou-o a eſperar melhoria na ſua deſgraça. Mas o caſo verdadeiramente olhado por toda a parte tinha taes circunſtancias, que ſe nam podiam facilmente curar com palavras. As do miſeravel, como rematadamẽte frenetico, em lugar de agradecerem a caridade do Santo, foraõ afrontoſas contra elle. E que faria Xavier naquelle aperto? Naõ ha virtude tão engenhoſa como a charidade. Vai pedir empreſtados cincoenta reales, mete-os na maõ ao perdido, diz-lhe que torne a jugar, & tentar ventura, & que lhe dè primeiro as cartas. Toma as cartas de jugar nas mãos o Meſtre da Santa doutrina, começa a baralhalas publicamente huma, duas, & tres vezes. E que diriaõ os que viaõ huma acção tão nova, & ao parecer taõ indigna de taes mãos? Os mais familiares do Santo eſtavaõ paſmados. Os que conheciaõ menos a peſſoa, naõ ſabiaõ como

mo a concordar com a fama. Este he, diziaõ entre dentes, o chamado Padre Santo! Este he o de quem se cõta que resuscitou mortos! Este he o Legado mãdado do Summo Pontifice! o qual em vez de mandar lançar as cartas ao mar, as està baralhando! Mas tornemos ao jogo, & demos entre tanto de barato ao convez estes principios de murmuração. O jugador que tinha ganhado, aceitou facilmente proseguir a empreza, não sabẽdo com qual pequeno anzol se lhe queria pescar o que tinha engolido. Davaõ-se de parte a parte as cartas, & as que tocavaõ ao jugador perdido, como se nas mãos se lhe pintassem, eraõ tudo o que avia mister, que tam bem amassadas estavaõ. A poucos lances se vio restituìdo do que fora seu, & seguindo a mesma fortuna recuperou tambem o das partes, demaneira que jà hia voltando sobre o contrario. Então o Santo que atudo assistia, disse, basta, & bastou que o disseste. A Sabedoria Divina diz que ella compunha tudo jugãdo neste mundo: *Cum eo eram cuncta componens ludens in orbe terrarum.* E assim o fez, & soube fazer Xavier, que tanta era a sua graça. O que tinha empestado os reales cobrou os mesmos. O que tinha perdido embolsou outra vez o seu: o dos ausentes, que não sabião o que passava, tornou a correr por sua conta: os do convez, que murmuravam, metèram-se na baralha, & celebravão a gritos o milagre; & a parte mais admiravel delle foy, que o que agora perdeo quanto tinha ganhado, não ficou descontente. Tal era a graça com que Xavier compunha tudo, sendo elle o que deste jogo sahio com mayor ganancia, ganhando para Deos as Almas dos dous jugadores, huma livre das desesperaçoens, outra dos escrupulos.

Prov. 8. 30.

IV.

IV.

POrèm a mim me fica ainda o que muytos podèraõ ter neſte caſo, parecendo-lhe que hum Religioſo, & Prelado da ſua Religiaõ, & o que he mais, Nuncio Apoſtolico, o podia remediar por outros meyos mais decentes às mãos Sagradas. Naõ digo que mandaſſe Xavier ſatisfazer aquella perda com huma groſſa eſmola das rendas da ſua Nunciatura; porque as rédas della eraõ ſemelhantes navegaçoẽs, pedindo elle a eſmola, de que ſe avia de ſuſtentar, & padecẽdo mayores perdas, ou perdiçoens nas meſmas viagens, em que tres vezes como Saõ Paulo, aquelle que tanto dominio tinha ſobre os ventos, & mares, fez naufragio; & naõ hum dia, & huma noite, como o meſmo Apoſtolo, ſenam tres dias, & tres noites, jà hindo ao fundo, jà ſurgindo, andou lutando com a furia das ondas ſobre huma taboa, atè que ella finalmente quaſi morto o lançou em huma praya deſerta. Sendo as outras gages do officio em terra, que naõ huma vez, como Santo Eſtevaõ, mas muytas foy apedrejado: nem huma, como Sam Sebaſtiam, aſſetteado, mas muytas ferido com ſettas, & azagayas, taõ perſeguida aquella vida pelos inimigos da Fè, que pelo naõ poderẽ queimar como pertendiaõ, fartavaõ a raiva em pòr fogo às caſas onde tinha eſtado. Mas com tudo eſte meſmo homem, que para exercicio, & exemplo da paciencia vivia em taõ extrema pobreza, & deſemparo, tinha tanta autoridade com os que o conheciaõ, & tanta graça com todos, que bem podia eſperar do jugador venturoſo, que ſe contentaſſe com o que o outro tinha perdido do proprio, & prometer a eſte, que para o das partes o cõporia com ellas. E quando menos, que appellâdo dos meyos humanos para os Divinos, lhe valeſſe com

suas oraçoẽs, com as quaes levantando só os olhos ao Ceo, como se ellas fossem as chaves dos thesouros da Omnipotencia, tinha remediado outras mayores necessidades, & perdas. E se o miseravel do desesperado se queria lançar ao mar, o que a tantas naos, & tantos milhares de homẽs tinha sido o seu Cabo da Boa Esperança, tambem o podia ser a este, tirandolhe a salvamento a vida, & o credito, que era o que mais sétia, & restituindo-o vivo, & honrado ao porto donde sahira, como finalmente fez.

Mas se tudo isto lhe era facil, sem tanto empenho, & fabrica de dinheiro empresta do, de segundo jogo, de cartas baralhadas, de perdas do ganhado, de restituiçoens do perdido, & de murmuraçoens, & menoscabo da propria opiniaõ, que em pessoa tam grande, & taõ Santa, posto que duràraõ tam poucos instantes, pezava, & valia mais que tudo: porque acudio Xavier a emendar, & trocara mà fortuna do seu afilhado, naõ por outro, senaõ por este meyo? Era ditame do Santo, & assim o aconselhava aos Soldados, que antes jugassem, que gastar o tempo em outras cõversaçoens. E para Deos confirmar esta doutrina cõ hũ milagre por todas suas circunstácias notavel, quiz que o Restaurador do jogo fosse o mesmo Mestre delle, & naõ por outro meyo, ou instrumento, senam as mesmas cartas. Porque he vitoria propria da grandeza, & magnificencia Divina, fazer vencer aos que socorre, com os mesmos instrumentos com que foraõ vẽcidos. Venceo o demonio ao homem no Paraiso, com que? Com hum lenho, que foy o da arvore vedada; pois seja tambem vencido com hum lenho, que foy o da Cruz. Porque meyo venceo o mesmo demonio? Por meyo de hũma mulher; pois seja tambem vencido por meyo de huma Mulher, que foy a

que

que lhe quebrou a cabeça: *Per mulierem vicit, per mulierem superatus est*, notou Saõ Chrysostomo. Da mesma maneira Xavier, quando tomou por sua cõta defender, & restaurar o jugador perdido. Com que o venceo o jugador vitorioso? Com as cartas, & pelas cartas. Pois tambem pelas cartas, & com as cartas, trocãdo a fortuna as mãos, ha de ser agora o vitorioso vencido, & o vencido vencedor. E para mayor energia da vitoria, & da mudãça, as cartas naõ haõ de ser de outra baralha, senaõ as mesmas; que por isso Xavier as pedio primeiro. De Achilles se conta, ou seja historia, ou fabula, que a ferida que fazia a sua espada, só com a mesma espada se podia curar: por onde disse o Poeta: *Et vulnere sensit in uno lethalem placidamque manum.* E sendo Xavier o Achilles da Igreja, nam podia faltar esta circunstãcia de vitoria aos instrumentos da sua.

V.

ESte foy o caso, este o remedio, este o milagre do nosso Santo. Agora quizera eu neste auditorio para evitar os casos, & escusar os remedios, os que o pòdem, & devem fazer sem milagre. He possivel que détro dos nossos navios avemos de trazer os Piratas que nos roubaõ? He possivel que, chegando os passageiros vivos, & a salvamento, sem peleja nem naufragio, haõ de sahir à praya despidos? Embarcase hum Indiatico em Goa rico, & chega aqui, ou a Lisboa, sem hum bazaruco. Por vêtura esta nao pelejou no mar, & vinha tam mal defendida, que a rendèraõ? Naõ. Ouve alguma tempestade, que obrigou a alijar ao mar quanto trazia? Tambem nam. Pois quem roubou a este Indiatico o que foy ganhar à India? Os Piratas que là se embarcaõ com elle. Jugàraõ, & perdeo quanto trazia. Sahe do mesmo modo

de Lisboa na frota hũ mercante da primeira viagem, & se veyo seguro à Bahia debaixo do Comboy, ou da Providencia de Deos, que as traz, & leva, porque chegou sem hum vestido, com que saltar em terra? Porque nas calmas da linha veyo a bordo hum batel com humas cartas, & os que as traziaõ, como se foraõ Piratas, que abordàraõ o navio, roubàraõ ao pobre novato, & o aliviàram de pagar direitos em Alfandega de quanto trazia. E se eu fallo mal em chamar Piratas aos jugadores, tornemosao nosso juizo de Meliapor. Se hum Cossario de Zelanda, ou de Bengala o tomàra naquella travessa, que havia de fazer este Cossario? He certo que havia de roubar a todos o seu, & o das partes. Pois isso mesmo he o que fez ao perdido desesperado o que jugou com elle. E que isto se permita, & naõ emende, antes os Cabos lhe dem exemplo!

Diraõ que he necessario este divertimẽto, principalmente em viagẽs tam compridas, & taõ penosas. O divertimento sim, mas naõ este. O Senhor Rey Dom Manoel o Conquistador, que acrecentou aos seus titulos o da navegaçaõ, & a entendeo melhor que todos, & lhe fez os mais sabios, & prudentes Regimentos, tambem quiz que se divertissem dos fastios do mar os seus navegantes, & mandou, q̃ todas as naos fossem providas para isso, de que? de violas, adufes, & pandeiros, mas nam de baralhas de cartas: tanjaõ, cantem, bailem, festejem-se os ventos galernos com folias, & danças; & se tambem querem jugar, sejaõ os jogos que pertencem à seguraça das mesmas naos, & sua defensa, & nam se exercitam, nem se aprendem. Aprendaõ a jugar as armas maritimas de todo genero: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia. Aprendaõ a jugar a artelharia, & a bornear a peça, & carre-

carregala. E ſe neſte jogo taõ proprio do valor, & da honra querem ganhar, & naõ perder; aprendaõ quãdo ſe ha de pelejar a ganhar o balravento, & quando o vento he contrario, a nam perder olò, nem a derrota. E façaõ grãde caſo de qualquer tento, que neſte jogo ſaõ neceſſarios muytos. Tento nas nuvens, tento na agulha, tento na bitacola, tento no leme, tento na bomba, tento no payol da polvora, tento no fogaõ, & tento no fumo, que ſe bebe, pois huma faiſca que cahe em materia taõ diſpoſta, tal vez não baſta toda a agua do mar para apagala.

Eſtes jogos, & eſtes deſenfadosſim; & o das cartas troque-ſe pelo da carta. Que couſa mais curioſa, util, neceſſaria, & deleitoſa, que entender a carta de marear, & ſaber hum homem no mar por onde vay, & não tão cego, & ignorãte, como qualquer pao do meſmo navio? Na carta de marear ſe vem em hũ abrir de olhos todos os mares, & terras do mundo, & ſuas diſtancias: o numero dos grãos, & ſuas medidas ſegundo differentes rumos: a arrumação das Coſtas, aſſim do continente, como das Ilhas: os Cabos, as enſeadas, os portos, os ſurgidouros, os baixos, as vigias, os parceis, as correntes: os ventos, & ſuas oppoſiçoens, meyas partidas, & quartas: & atè ſe vem os fundos ſe ſaõ de pedra, ſe de lodo, ſe de area, ou burgalhao; & finalmente as alturas, & onde eſtou, & o que tenho andado, que atè na terra alivia muyto oscaminhantes. Botem ſe logo ao mar, as cartas cauſas de mais perdiçoens que as meſmas tempeſtades, nas quaes como os ventos furioſos não admitem partido, não reſta mais que puxar pela carta. Arrenegué pois todo o navegante do jogo, ſe não ſe quer perder: que atè a nao que joga, não he ſegura.

VI.

VIsto, como acabamos de ver, o jogo do mar, segue-se o da terra, em que nòs tambem entraremos com a noſſa parte, & averà tanto que admirar, & aprender no que ſe ganha, & ſe perde, quanto he mayor cabedal que o dos dous jugadores do mar, o dos que ſaõ, ou querem ſer ſenhores de toda a terra. Todas as grandes mudanças de eſtados que ſe vem, & tem viſto neſte mũdo ſempre vario, & inconſtante, naõ ſaõ outra couſa que hũ perpetuo jogo do ſupremo poder, que o governa: *Ludit in humanis Divina potentia rebus.* O meſmo braço deſte poder, que he o Filho Unigenito de Deos, o diſſe, revelando a ordem dos ſucceſſos humanos, que deſde o principio ſem principio da eternidade eſtaõ diſpoſtos, & decretados nos ſegredos da Providencia Divina para ſahirem, & ſe manifeſtarem a ſeu tempo: *Cum eo eram cuncta compo-*
Prov. 8. 30.
nens, ludens in orbe terrarũ. Jogo lhe chama, *ludens*, & diz que a meſa deſte jogo, he toda a redondeza da terra, *in orbe terrarum*; por iſſo meſa redonda, porque nella naõ tem preferencia de lugar os que nella jogaõ, tendo tanto direito a perder, ou ganhar nella os Reys, como os vaſſallos, os grandes, como os pequenos, os ricos, como os pobres, & os Senhores, como os eſcravos. Ponhamos o exemplo no Reyno de Iſrael, por outro nome das dez Tribus, as quaes todas neſte jogo o ganhàraõ, & perdèraõ, paſſando naõ ſó de hũa peſſoa a outra peſſoa, & de huma familia a outra familia, ſenaõ de huma Tribu a outra Tribu, com taõ alternada, & continua variedade, & mudança, quanto era o numero de todas dez.

O primeiro que ganhou eſte Reyno a Roboaõ filho de Salamaõ, rebellãdo ſe, & por força de armas, foy Geroboaõ, criado que tinha ſido de ſeu pay. 3. Reg 12. 20.

O

3. Reg. 15 17. O ſegundo foy Baaſa, que o ganhou a El-Rey Nadab,
3. Reg. 16, 9. & 10. matãdo-o à traiçaõ. O terceiro Zambri, eſcravo del-Rey Hela, que vendo-o ſem juizo em hum banquete lhe tirou a vida. O quarto Amri, que o ganhou a
3. Reg. 16 17. & 18. El-Rey Zambri, ſendo General da ſua cavallaria, & o cercou, & apertou de maneira, dentro do ſeu proprio Palacio, que o obrigou a ſe matar, & queimar
4. Reg 9 24 a ſi meſmo. O quinto Jehu, o qual o ganhou a El-Rey Joram, atraveſſando o de longe, porque fugia, com huma ſetta, que lhe chegou
4. Reg. 15. 10. ao coração. O ſexto Sellum, que o ganhou a El-Rey Zacharias, acometendo-o deſcubertamente, &
4. Reg. 15 14. lhe cortou a cabeça. O ſeptimo Manahem, o qual o ganhou a Sellum, matando-o na meſma Cidade
4 Reg. 15 25. Real de Samaria. O oitavo Phaceas, que o ganhou a Phacee, em huma torre da meſma Samaria, onde juntamente com a vida o priv
4 Reg. 15 30. vou do Reyno. O nono Ozee, o qual o ganhou a Phacee, ferindo-o mortalmente de que morreo. O decimo Salmanazar, Rey dos Aſſyrios, que cativou a Ozee, & cativo o levou para as ſuas terras, onde tẽdo noticia que ſe queria rebellar, o matou em hũ carcere, & voltando ſobre Samaria, a rendeo, dando de barato a parte das dez Tribus, que naõ pode levar comſigo, que ficaſſem na patria deſtruida. Donde finalmente acabou de os tranſmigrar, & elles paſſãdo o Rio Eufrates deſaparecèraõ atè hoje. Eſte foy o fim daquelle jogo, em que Deos parece que jugava à pela com o Reyno de Iſrael, ſendo tão frequentes os rechaços, que muytos dos Reys não chegàraõ a ſuſtentar a Coroa mais que dous annos, & entre elles Zacharias ſeis mezes, Sellum hum mez, & Zambri ſet dias. 4. Reg 17. 3.

Dos jogos dos Reynos paſſemos ao dos Imperios, & Monarchias, em que mais amplamẽte ſe verifica o *ludens in orbe terrarum*,

rum. O primeiro Imperio foy dos Babylonios, que começou em Nabucodonosor, & acabou em Balthasar vencido por Cyro, & durou setenta annos. O segundo foy dos Persas, que começou em Cyro, & acabou em Dario, vencido por Alexandre, & durou duzentos annos. O terceiro foy dos Gregos, que começou em Alexandre, & continuou dividido nos Reynos do Egypto, Syria, & Macedonia, & acabou em Cleopatra com Marco Antonio, vencidos por Augusto Cesar, & durou duzentos, & oitenta annos. O quarto foy dos Romanos, que começou no mesmo Augusto, cuja duraçaõ conservada ainda no nome, & magestade de Imperio, se se computar com sua antiga grandeza, só lhe podemos assinar aquelles annos, em que as partes, de que a mesma grandeza se compunha, lhe estiveram sugeitas, sem se restituirem à sua propria, & natural liberdade: sendo certo, como profetizou à mesma Roma Seneca, que se hum Povo tinha dominado a tantos, mais facilmente elles sendo tantos, podiaõ sacudir o jugo, & dominio de hum. De sorte que os quatro famosos Imperios do mundo, todos, mais cedo, ou mais tarde, se perdèraõ neste jogo, passando de humas Naçoés a outras, sem ellas o poderem impedir por nenhuma arte, ou força: porque assim como no outro jogo Xavier foy o que baralhou as cartas; assim neste, Deos he o que as ordena, dispoem, & compoem como he servido: *Ludens in orbe terrarum, cum eo eram cuncta componens.*

VII.

O Vulgo (que he a segunda especie da Gentilidade) atribue as sortes, & azares do jogo à Fortuna. Mas Salamaõ nos desengana que toda a boa, ou mà sorte depende da disposiçaõ Divina: *Sortes mittuntur in sinum, sed à Domino* Prov. 16.33.

no temperantur. E o Pay do meſmo Salamam David, que ſempre andava com as armas nas mãos, confeſſava que nas de Deos, & naõ nas ſuas eſtava o ſucceſſo dellas: *In manibus tuis ſortes meæ*. Com tudo he certo, que no caſo em que eſtamos, o periodo, ou cataſtrofe dos Reynos, & Monarchias, & o paſſarem de humas Naçoens a outras, naõ depende ſó da primeira cauſa, como Senhor abſoluto dellas, ſenaõ tambẽ das ſegundas, como juſto Juiz. He oraculo naõ menos que do Eſpirito Santo por boca do Eccleſiaſtico: *Regnum à gente in gentem transfertur propter injuſtitias, & injurias, & contumelias, & diverſos dolos*: O Reynos, & os Imperios paſſaõ de humas gentes a outras gentes, pelas culpas dos que os perdem. E eſſas culpas ſaõ as injuſtiças, as injurias, as calumnias, & os enganos. Chegados aqui, agora he o lugar em que eu dizia que nòs tambem aviamos de entrar no jogo. O grande Imperio, que os Portuguezes fundàraõ na India ſem arrogancia nem afronta das outras Naçoens, ſe podia chamar Monarchia, com tantos Reynos, & Reys ſugeitos, & tributarios. Em tempo del Rey Dom Manoel teve o ſeu augmento: em tempo del Rey Dom Joaõ o III. que foy o meſmo de Saõ Franciſco Xavier, o ſeu eſtado; & de muytos tempos a eſta parte padece a ſua declinaçaõ. Naõ acabou de repente, como a Monarchia dos Babylonios em huma noite, em que Cyro venceo a Balthaſar. Nem como a dos Perſas em hum dia, em que Alexandre venceo a Dario. Mas como a dos Gregos, & Romanos, que pouco a pouco, & por partes foraõ perdendo o que tinhaõ ganhado. Tinhamos ganhado, & era noſſo Ormuz: & de quem he Ormuz? Maſcate: & de quem he Maſcate? Cochim: & de quem he Cochim? Ceilaõ: & de quẽ he Ceilaõ? Malàca: & de quem

Pſalm. 30.16

Eccleſi aſt. 10.8.

quem he Malàca? Deixo outros membros de menos nome. Os titulos de Senhores da Conquista, Navegaçaõ, & Comercio, mais dizem o que eramos, do que o que somos. Cujas saõ tantas terras conquistadas no Oriente? Cujas as Armadas, que navegaõ, & cobrè aquelles mares? Cujos os portos, que se enriquecem com os comercios, & tributos, que o Indo, & Ganges só pagavaõ ao Tejo?

Ninguem pòde duvidar que assim se vay comprindo, & tem comprido em grande parte no Imperio Portuguez do Oriente, aquelle oraculo universal: *Regnum à gente in gentem transfertur.* E mais lastimosa perda he ainda, que tendo a nossa Naçaõ naõ só illustrado o mesmo Oriête, mas asslóbrado gloriosamête o mundo com taõ façanhosos exemplos de Religiaõ, de valor, de generosidade, de verdade, de constancia, & desinteresse; vindo às causas originaes, que o mesmo Texto assinala deste castigo, & destas perdas, as naõ possamos negar. A primeira he, *propter injustitias.* E como podiaõ deixar de intervir grandes injustiças, quando tiravamos huns Reys, & punhamos outros, sendo naturaes Senhores de suas proprias Naçoens, acabando estes, ou prezos, ou desterrados, ou violentamente mortos? A segunda, saõ *injurias.* E que mayores injurias, da razaõ, da Ley, & da mesma Fè, que os Gentios convertidos a ella, por nos ficarem mais sugeitos, serem mais desprezados, mais oprimidos, mais cativos, & tal vez vendidos aos mesmos Mouros? A terceira, saõ *calumnias*; & nenhumas taõ escandalosas a todo o mundo, como as que padeceo o Grande Affonso de Albuquerque, conquistador, fundador, & pay do mesmo Imperio, sendo tirado por ellas do governo da India, & dado a seus proprios calumniadores, que foy o ultimo golpe, cõ que em poucas horas de

dor

dor cortou a injuſta parca os fios daquella hórada vida, tão merecedora de ſer immortal, como a ſua fama. Finalmente, a quarta foraõ *diverſos dolos*, com tanta diverſidade nelles, quantas eraõ as occaſioens na paz, & na guerra, das promeſſas, das obrigaçoẽs, das alianças, dos ſoccorros em que ſe violava pelos intereſſes da conveniencia a palavra, a verdade, & a fidelidade, que entre amigos, & inimigos deve ſer ſagrada.

Contra eſtas injuſtiças, contra eſtas injurias, contra eſtas calumnias, & enganos, prègava cõtinua, & fortemente como trombeta do Ceo a voz de Xavier: & as ſuas reprehenſoens, ſem emenda dos noſſos vicios, eraõ profecias certas das noſſas perdas. Era tam extraordinario o eſpirito de profecia, & taõ ordinario o do grãde Apoſtolo, que muytos Theologos tiveraõ para ſi, & quãdo menos duvidàraõ, ſe era nelle eſte dom habitual; o que Santo Thomàs nam concede a Iſaìas, nem a Jeremias, nem a algum dos Profetas Canonicos. Eſtãdo no Japaõ, profetizou a Malàca as ſuas extremas calamidades, & lhas mandou annunciar. Paſſando à viſta de Ceilão, como Chriſto à viſta de Jeruſalem, diſſe: Oh miſeravel Ilha, que te vejo cuberta de corpos mortos, & toda inundando em ſangue! E quaſi determinado a ir a Ormuz, mandou là ao Padre Gaſpar Barzeo taõ poderoſo no dizer, que com a ſua eloquencia obrigou aos Mouros, a que fechaſſem as portas de huma Meſquita, em que veneravaõ o Alcoraõ. O qual porèm pode tam pouco com os noſſos Soldados, que partindo com quatro mil dos naturaes a recuperar na Coſta da Perſia a fortaleza de Monjam, ſendo os Portuguezes quatro centos, ſó vinte ſe quizeraõ confeſſar. Pela diſſoluçaõ dos vicios, que deſta pouca chriſtandade ſe argue, ſubio o Padre Meſtre

Gaſpar

Gaſpar ao Pulpito, & depois de citar, & explicar o
Pſal.82. verſo de David: *Imple facies eorum ignominia, ut quærant nomen tuum, Domine*; fez huma fervoroſa Oraçaõ a Deos, em que lhe pedia o infelice ſucceſſo da jornada, & algum caſtigo de ſua poderoſa mão com que ſe emendaſſem; & aos ouvintes tres Ave Marias no fim pela meſma tençaõ. O ſucceſſo foy, que tendo ſitiado a fortaleza, veyo ſobre os Portuguezes tal peſte, que mortos muytos perdèraõ a facçaõ, a honra, & a vida. E os que eſcapàraõ, arrependidos, & poſtrados aos pès do meſmo Padre ſe confeſſáraõ. Mas elle entaõ com os meſmos cõfeſſados fez huma devota prociſſaõ, em que pedia a Deos miſericordia, aſſim como lhe pedìra a juſtiça; & no meſmo tempo chegou nova, que a fortaleza pacificamẽteſe tinha rendido: para que ſe viſſe manifeſtamente a cauſa, porque neſte jogo das armas ganhamos, ou perdemos.

Naõ deixarei de ajuntar aqui outro caſo naõ menos prodigioſo. E ſe bem ſe lhe entender o myſterio do caſtigo, de terrivel conſequencia. Reſidia na Cidade de Saõ Thomè o Padre Cypriano, carregado de annos gaſtados na converſaõ das Almas, & tam alumiado do Ceo, que tendo dito que dia das Cadeas de Saõ Pedro ſe avia de deſatar a ſua Alma das do corpo, no meſmo dia voou aonde ſeus merecimentos o chamavaõ. Succedeo pois, que chegando àquelle porto huma nao cõ a Cruz de Chriſto nas bandeiras, o Piloto ſaltou em terra, ou a aſſaltou com tal deſaforo, que roubando a hum dos novos Chriſtãos ſua mulher, a embarcou cõſigo. Bradava pelas ruas o pobre roubado, pedindo vingança contra aſua afrõta, & juſtiça contra taõ grave, & publica injuria; mas eraõ taõ fracas, ou taõ pouco zeloſas a Eccleſiaſtica, & Secular, que nenhuma lhe valeo. Embarca-ſe em hum

hum batel o velho Cypriano, vay a bordo, affea o delito, & o eſcandalo, primeiro ao Piloto, que lhe nam deo ouvidos; appella para o Capitaõ, o qual eſtava peitado do Coſſario, ſe naõ eſtiveſſe tambem empenhado na preza, & ſem reſtituiçam, nem eſcrupulo mandàraõ levar as anchoras, & a nao ſe fez à vela. Era o Piloto torto, & o Capitaõ tartamudo, mas naõ o velho Cypriano, o qual como lançando do Pulpito o pregaõ da Divina Juſtiça, diſſe, que ſe faltàra a da terra, não faltaria a do Ceo, & nomeadamente, que em pena do que tinhaõ cometido o Capitaõ, & o Piloto, depois de perdida a nao, & quanto nella levavão, o tartamudo ficaria mudo, & o torto cego. Ouvida a ſentença, & mais feſtejada como engraçada, que eſperada como certa, naõ tardou muyto em a cõfirmar a experiencia do ſucceſſo, porque os ventos, & mares, como executores do caſtigo, levantando huma furioſa tempeſtade deraõ com a nao à coſta: o Capitão gritando aos Marinheiros, apertou tanto com a voz, que a perdeo totalmente, & ficou mudo, & querendo-ſe vingar do Piloto, como cauſa da ſua perdiçaõ, arremeteo a elle com a eſpada, & lha meteo pelo olho, com que ſó via, com que tambem ficou cego. Ambos com tudo ſahiraõ do naufragio com vida, & ambos, hum perpetuamente ſem falla, & outro perpetuamente ſem viſta acabàraõ miſeravelmente. Mas o que eu muyto pondero, he o myſterio do caſtigo, ſendo ordenado por Deos. Naõ podèraõ morrer afogados das ondas? Naõ podèraõ ſahir vivos, mas feridos, & eſtropeados dos penhaſcos, em que ſe deſfez a nao, & dos pedaços do meſmo naufragio? Porque foy logo o caſtigo de hum nos olhos, & do outro na lingua, & tal em ambos, que hum perdeſſe totalmente a viſta, & outro totalmente a falla?

Para

Para moſtrar Deos, que quando ſe continuaõ as injurias, & injuſtiças como neſte caſo, naquillo meſmo em que temos perdido parte, avemos de vir a perder tudo. E aſſim como o Capitaõ tartamudo, tendo perdido parte do uſo da lingua, perdeo totalmente a falla, & ficou mudo; & aſſim como o Piloto torto tẽdo perdido hum dos olhos, perdeo totalmente a viſta, & ficou cego: aſſim entendaõ os que de perto, ou de longe governaõ a India, os quaes ſaõ os Capitaens, & Pilotos das ſuas terras, & mares, que ſe continuarem as injurias, & injuſtiças, com que tem perdido tanta parte della, ſem duvida a viráõ a perder toda, comprindo-ſe inteiramente naquelle Imperio: *Regnum à gente in gentem transfertur propter injuſtitias, & injurias.*

VIII.

A Cabo com hum documento da Divina Sabedoria, eſcrito no capitulo quinze, & parece que com o ſobre-eſcrito para os Portuguezes: *Æſtimaverunt luſum eſſe vitam noſtram, & converſationem vitæ compoſitam ad lucrum, & oportere undecunque etiam ex malo acquirere.* Ha homens, diz a Sabedoria Divina, que eſtimaõ, & tem para ſi, que eſta noſſa vida he hum jogo: *luſum eſſe vitam noſtram*; & que o fim deſte jogo he ganhar, & que eſtes ganhos, & intereſſes ſe haõ de ir buſcar a qualquer parte: *undecunque*; & que ſe haõ de procurar, & acquirir, ainda que ſeja por màos meyos: *etiam ex malo acquirere.* Agora ſaibamos: & que homens ſaõ eſtes? Cornelio à Lapide inſigne Expoſitor de toda a Eſcritura Sagrada, & Flamengo de naçaõ, ſem nenhum parenteſco com a noſſa, combinando o nome *luſus*, cõ q̃ o Texto aqui ſignifica o jogo, com o nome tambem *luſus* do filho de Bacho, do qual reynando em Portugal, tomou Portugal o nome de Luſitania, como Sapiẽt. 15. 12.

como se hum nome alludìra ao outro, depois de citar a Plinio, Marco Varro, & Berosо, diz: *Vide hìc antiquitatem Lusitaniæ, quæ à Luso Rege nomen accepit.* Mas se a significaçam do primeiro *lusus*, & à derivaçaõ do segundo, pertence aquiaos Lusitanos, osquaes foraõ buscar os interesses do jogo a partes taõ remotas do mundo, *undecunque*; he certo que o mào modo de os acquirir, *etiam ex malo acquirere*, mais pertẽce aos modernos, que aos antigos. Os Portuguezes antigos, & primeiros, que conquistàraõ a India, que antes delles tinha sido conquista do pay de Luso, que levavaõ, & que hiaõ buscar? O que là levavaõ era a Fè, & o que là hiaõ buscar era a honra, como Idolatras da mesma honra; que nenhum Gentio com os seus Camis, & Totoquez se lhe igualava nesta idolatria. Os filhos da mais illustre, & luzida nobreza da Lusitania, eraõ os que là hiaõ; & o que lhe diziaõ, & encomendavaõ seus pays, & mãys, quando lhe lançavaõ a bençaõ, naõ era que mandassem de là canella, ou diamantes, mas que viessem as naos muyto ricas da fama, & façanhas do seu valor. De sorte que os Antigos levavaõ à India a Fè, & hiaõ buscar a honra; & os Modernos levaõ à India a cubiça, & vaõ buscar a riqueza, & por isso os passados a ganhàraõ, & os presentes a perdem.

Mas concluindo com o que mais importa; he certo que esta nossa vida he hum jogo: *Lusum esse vitam nostram.* Bem o mostraõ as variedades, incertezas, & riscos della em qualquer estado. Tambem he certo, que Deos, que nos deo a mesma vida, a compoz assim para ganharmos com ella: *Et conversationem vitæ compositam ad lucrum.* Mas naõ para os lucros, ou ganancias, que acabaõ com a vida mortal, senaõ para os que haõ de durar por toda a eternidade. Sendo porèm taõ differen-

te o jogo que cahe em sorte aos que se tem por venturosos, & aos que se chamaõ mofinos; que remedio, para que cõ qualquer delles ganhemos sempre, & nunca percamos? Ensinou-o Plutarco tão verdadeiro, como se fora Christaõ. Diz assim: *Quid jactu cadat non est in nobis situm: at quod cecidit, recte disponere in nobis est. Sic eventus in nobis non est, quod evenit, id in bonum vertere nostri muneris est.* O pintarem bem os dados, ou as cartas, não está na mão do jugador, mas se elle he sabio na arte, está na sua mão o usar bem do jogo, com que se acha qualquer que seja. Ao Rico Avarento correo-lhe bem o jogo, & perdeo-se: ao pobre Lazaro correo-lhe mal, & salvoũ-se; porque o Rico usou mal da sua riqueza, & o pobre soube usar bem da sua pobreza. Aos dous Ladroẽs do Calvario naõ lhe podia succeder peyor sorte: & o bom, porque soube usar bem dos seus dous paos, ganhou cõ elles o Paraiso; & o mào, porque usou mal da mesma Cruz com os tormentos, que nella padecia, deo principio aos do inferno. Em fim q̃ neste jogo, que o mundo chama da fortuna, não cõsta o ser mà, ou boa, senão no bom, ou mào uso della. Use bem cada hum da sua, & sem duvida será vẽturoso; principalmente se para ganhar, ou recuperar o perdido, pedir a Sam Francisco Xavier, que lhe baralhe as cartas.

Libro de Animatranquilit.

SER-

SERMAM SEXTO.

ASSEGURADOR.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

NO segundo dia da creaçam do mũdo, dos dous elementos inferiores formou Deos cõ grãde providẽcia hum só globo. O elemento da agua cobria toda a terra, com que ella alagada não podia ser fecunda, nem o homem afogado, & sem respiração poderia habitala. Fez pois Deos, que subindo, ou surgindo hum elemento, & decendo outro, se dividissem juntamente, & se abraçassem, & destas duas partes, huma solida, & outra liquida, conservando cada huma a sua propria natureza, se compoz, & inteirou este formoso globo, ao qual servido, & acompanhado dos outros dous elementos chamamos mũdo. As duas mayores, & mais necessarias utilidades deste providentissimo in-

vento do Creador, colhèraõ depois de muytos annos os homens, & foram a navegaçaõ, & o comercio, dous titulos, que El-Rey Dom Manoel de Portugal, depois que dominou os mares, & descobrio muytas terras naõ conhecidas, ajuntou aos de sua Coroa, nomeando-se Senhor da Navegaçaõ, & Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, & da India, naõ fazendo ainda mençaõ do Brasil, posto que jà o navegavaõ as suas frotas, & as começavaõ a carregar docemente os seus comercios.

As utilidades destas duas artes, ou industrias, que chamei grandes, & necessarias, só as naõ conhecerá, quem estiver fóra do mundo; porque, como a sua redondeza se estende, ou revolve em tantas mil legoas, para poder unir as distancias de terras entre si taõ apartadas, & remotas, inventou a navegaçaõ aquelles grandes vasos de madeira, a que com nome geral chamamos navios, os quaes saõ hũas pontes moveis, & ligeiras, que caminhando, & nòs nellas, nos levaõ desde o porto, donde levantàraõ as anchoras, a quaesquer outros, posto que remotissimos, onde outra vez daõ fundo. E como as terras sotopostas a differentes climas, segundo as influencias varias do Ceo, assim como geraõ homens de diversas cores, & linguas, assim produzemcõ a mesma diversidade infinitos generos de frutos, & outras drogas, pois he certo que: *Nõ omnis fert omnia tellus*; estas saõ as que o comercio leva, & traz, cõmutando as naturaes com as peregrinas, & fazẽdo as mesmas peregrinas naturaes, com tanto augmento de estimaçaõ, & preço em todas, quanto saõ mais remotos os fins do mundo, donde cada huma he levada, ou trazida, *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus.* Là disse o Poeta: *Latum mutandis mercibus æquor aro.* E he cousa verdadeiramẽte maravilhosa na

Prov. 31. 10.

uniaõ

uniaõ deſtas duas artes, que arando a navegaçam o mar com as proas, & com as quilhas, daquellas meſmas arvores que nos navios ſe levantão ſecas, & ſem raizes, colhe o comercio todos os frutos, que a terra produzio, & regou o Ceo em todos os climas do mũdo.

Plinius lib. 19 in Proœm.o.

Plinio lança maldiçoens ao primeiro que ſemeou, & cultivou o linho, por ſer eſta erva a que deo materia aos homens para levantarem velas ſobre velas, mayores que os meſmos navios, com que dão novas azas, & forças aos ventos, não baſtando aos pobres navegãtes averem-ſe de ſubir os montes, & decer os valles, que os ventos por ſi meſmos cavão, & levantão nas ondas. Queixa-ſe, de que naſça de tam pequena ſemente, o que não deixa eſtar quieto o mundo nos lugares que lhe deo a natureza, mas o traga continuamente como fóra de ſi, de huma parte para outra: *Tam parvo ſemine naſci, quod orbem terrarum ultro citroque portet.* Não advertindo, ou nam ſabendo hum homem tam ſabio, que o fim para que foy fabricado o primeiro navio, foy para levar todo o mundo dentro em ſi. E ſendo eſte o mayor beneficio que delle recebeo o genero humano, quaſi não he menor o ſegundo, pois eſtando o mundo dividido, não ſó em quatro partes, ſenão em tantas outras, em todas pelo comercio, & navegação ſe póde ter, & lograr todo. E ſe foy, naõ ſó licito, mas elegante modo de dizer, que Eneas nas ſuas galès levara Troya a Italia: *Ilium in Italiam portans*; porque não ſerà igual, & mayor louvor dos outros vaſos nauticos mais capazes, que com o uſo das velas, ſem remos, nam ó levem a Italia a Heſpanha, eſtas duas Provincias às outras da Europa, mas a meſma Europa à meſma Africa, & a meſma Aſia, & America humas às outras? Finalmente cõclue o meſ-

mo Plinio; que a mesma natureza em castigo, & vingança desta injuria fez que o linho queime a terra onde nasce, & a faça esteril: *Ut sentiamus nolente id fieri natura, urit agrum, deteriorem que etiam terram facit.* Enganando-se muyto nesta sentença o juizo de taõ grande Author, pois importa pouco que o linho faça estereis poucas geiras de terra, para fertilizar, & fazer fecundas todas as outras do mundo, as quaes por beneficio daquellas arvores, cujas folhas tecidas do linho assopra, & incha o vento, todos os frutos que nascem, & crecem só em alguns, daõ ellas, & fazem proprios em si mesmas. E assim como a pintura mostra todo o mundo visivel em hum pequeno mapa; assim a navegaçaõ, & comercio, tudo o que nelle ha de bom, util, & precioso, não pintado, ou fingido, senaõ verdadeiro, o expoem, & offerece venal em huma só praça, ou feira. Assim o vemos nas de Amsterdaõ, & Londres, nas de Genova, & Veneza, nas de Lisboa, & Sevilha, & outros famosos Imperios, & portos do mar, donde elles as penetraõ, & comunicam às Cidades, & terras interiores, que nam tiveraõ a vêtura de ser maritimas.

II.

MAs como neste mundo naõ ha beneficio sem pensaõ, nem bem tam isento de todo o mal, que naõ tenha, & padeça seu contrario; estas duas utilidades tam importantes à conservaçaõ, opulencia, & ainda à delicia do genero humano, ambas estaõ sugeitas a dous perigos tam grandes como ellas mesmas. A Sagrada Escritura naõ os quiz declarar, mas mandanos que o perguntemos aos que navegam o mar, & que elles o digam: *Qui navigant mare enarrēt pericula ejus.* Ella os callou, porque nam he necessaria fé para os crermos, basta a experiencia dos que cada dia Eccles. cap. 43. 26.

dia os choraõ. Chamalhe porèm o Texto Sagrado, naõ perigo, senaõ perigos: *Enarrent pericula ejus.* E porque? Porque assim como as utilidades saõ duas, a da navegaçaõ, & a do comercio; assim os perigos que sempre a seguem, & de que muytasvezes naõ escapaõ, sao tambem dous. O perigo da navegaçaõ he a furia do mar, & das tempestades: o perigo do comercio he a cubiça, & violencia dos Corsarios, mas tam poderosamente contrarios a huma, & outra utilidade, q̃ basta naõ escapar dequalquer dellas para que se percaõ ambas. De ambas considerou Santo Agostinho os perigos, quãdo disse: *Mare procellis turbulentum, ubi homines cupiditatibus perversis, & pravis facti sunt velut pisces se invicem devorantes.* August. in Psal. 64.

Com tudo naõ só a dor, & experiẽcia dos proprios danos, senaõ tambem a inspiraçaõ da Providencia Divina ensinou aos homens outra industria com que anticipar o remedio dos mesmos perigos só no provavel temor, & contingencia delles. E para que não dilatemos mais o fim a que se encaminha este largo discurso, o remedio anticipado que digo, he o que em todos os grandes emporios, ou praças mercantìs se chama casa dos seguros. Contratão alli os interessados dar anticipada, & gratuitamẽte hũa parte do mesmo cabedal, q̃ tẽ arriscado, & com esta parte entregue antes, segurão de tal maneira o todo, que ainda que na tẽpestade faça naufragio o navio, ou rendão, & seja preza nas mãos dos Corsarios, sempre o cabedal fique tão seguro nas do que o arriscou, como se o conservàra em seu poder, & o não fiàra das ondas, & seus perigos. E atrevime a affirmar, que foy esta traça inspirada da Providencia Divina; porque mais de dous mil annos antes que o Oceano indomito sofresse sobre si o pezo das grandes machinas, que hoje sustenta-

ta, & se deixar romper dos arados nauticos, já este notavel remedio, ou reparo de seus perigos estava recitado nas Divinas Letras.

No capitulo onze do Ecclesiastes diz assim o Espirito Santo: *Mitte panem tuum super aquas, quia post multa tempora invenies illum*: Lançay o vosso paõ sobre as aguas, porque depois de muytos tempos o achareis. E quem saõ estes que lanção o seu paõ sobre as aguas? Saõ os Mercadores que embarcão a sua fazenda, & a lanção ao mar para depois de muyto tempo a recolherem cõ lucro. Neste sentido disse o mesmo Espirito Santo de huma mulher varonil, como se fora homem de negocio: *Vidit quia bona est negotiatio ejus*, & por isso, *facta est quasi navis institoris, id est mercatoris, de longe portans panem suum*. Allude aos Lavradores que semeão sobre a terra regadia, & cõ muyta propriedade; porque como estes saõ Lavradores da terra, assim os Mercadores saõ Lavradores do mar. E para que se veja que o sentido proprio, & natural he do Mercador, & não do Lavrador: o Lavrador não colhe o fruto do que semea, de longe, senão de perto, & da mesma terra que piza com os pès; porèm o Mercador espera-o de longe: *de longe portans*, como da India, & de outras partes muyto remotas. O Lavrador recolhe-o dentro em poucos mezes, o Mercador depois de muytos tempos, isso he, *post tempora multa* porque tal vez he necessario hum anno para ir, & outro para negocear, & o terceiro para vir.

Eccles. cap. 11. 1.

Transe unresnõ est in Hebræo.

Prov. 31. 14. & 18.

Isto assim assentado: seguem-se immediatamẽte humas palavras notaveis. *Da partem septem, nec nõ & octo, quia ignoras quid futurum sit mali.* Dai parte dos sete, & parte dos oito, porque não sabeis os males, que pòdem succeder de futuro. Todos sabẽ que o numero de sete na Escritura significa muytos, & o numero de oito mais ainda,

Eccles. cap. 11. 2.

da. Eſtas palavras pois ſaõ taõ difficultoſas, & ſe ataõ taõ mal com as antecedentes, que os Interpretes lhe tem dado, naõ ſó ſete, & oito, ſenaõ dezoito ſentidos differentes. O que eu tenho por proprio, natural, & verdadeiro, fique ao juizo dos ouvintes. Agora digo que falla aqui o Texto do contrato da aſſeguraçaõ, & do remedio anticipado, & prudente, cõ que dádo parte do cabedal, que ſe embarca, & ſe expoem aos perigos do mar, ſe ſegura o todo. O meſmo Texto, & a ordem, & conſequencia delle, he a prova manifeſta. Primeiramente diz o Texto, que lancem a ſua fazẽda ſobre as aguas: *Mitte panem tuum ſuper aquas*, que he o que fazẽ os Mercadores. Logo aconſelha que dem parte deſſa meſma fazenda, ainda que ſeja muyta, & mais que muyta: *Da partem ſeptem, nec non & octo.* E porque hei de dar eſta parte? Porque os ſucceſſos futuros do mar ſaõ muyto duvidoſos, & contingentes, & eu ignoro ſe ſeraõ màos: *Quia ignoras, quid futurum ſit mali.* E ſẽdo os taes ſucceſſos duvidoſos, & podẽdo ſer màos, he prudencia, & conveniencia grande dar parte do cabedal para o naõ perder todo. Pergunto: que fazem os Mareantes quando ſe vẽ neſſes perigos? O que fizeraõ os da nao de Jonas, que lançàraõ tudo quanto levavão ao mar: *Miſerunt vaſa, quæ erant in navi, in mare, ut alleviaretur ab eis.* E ſe no perigo ſe ha de lançar tudo ao mar, naõ he muyto melhor livrar do meſmo perigo & ſalvar, & ſegurar tudo ſó com dar huma parte: *Da partem ſeptem, nec non & octo?* Jon. 1.

III.

ISto he o que fazem em noſſos tempos os homẽs, & o que enſinou, & aconſelhou tanto antes o Eſpirito Santo. Mas eu venho publicar hoje, & apregoar outros ſeguros muyto mais ſeguros para a meſma navega-

vegação, & para o mesmo comercio. E que seguros saõ estes? Os da protecção de São Francisco Xavier, os quaes saõ mais seguros por duas razoens. A primeira, porq̃ seguraõ muyto melhor. A segunda, porque seguraõ muyto mais. Ponhamos primeiro os exemplos, & nelles veremos este melhor, & este mais. Navegádo para Coulão, na costa da India, hum navio mercántil em conserva de outros mayores; estes, por evitar o perigo das correntes, & baxios, se engolfáraõ, sustentando-se com trabalho ao rigor dos ventos, que não só erão cõtrarios, mas furiosos; & não se atrevendo o Piloto a se empenhar tanto com o seu, por menos possante, se recolheo ao abrigo de huma enseada. Era o Capitão, ou Mestre juntamẽte o Mercador, & considerando que as monçoens estavão no fim, & que naquelle tempo se fechavão os portos, com que seria obrigado a invernar alli cõ perda não só de viagem, senão das mesmas mercadorias; no meyo desta afflicção fez voto a São Fráncisco Xavier, de hũas cortinas de tèla para o seu Altar, se lhe désse o succesſo que só do Ceo se podia esperar. Em o mesmo ponto comprio Deos pelo seu grande Apostolo, o que tinha prometido pelo Profeta Isaías: *Invocabis, & Dominus exaudiet, clamabis, & dicet, ecce adsum* Porque mal tinha o Mercador acabado de pronunciar o voto, quando Xavier, como se dissera aqui estou, juntamente aplacou as ondas do mar, & mandou ao vento que assopraſſe em popa, cõ o qual correndo sempre a costa (o que ainda em tempos bonançosos se não faz sem perigo) tomou o pequeno, & venturoso navio o porto de Coulão, que muytos dos outros mayores não podèrão ferrar, & forão derrotados a outras partes. Era Portuguez o que alcançou este favor do Santo: & filho da terra o

Isai. 58.

que

que cõm mayores circunſtancias experimẽtou o que agora ſe ſegue. Sahira contra coſta da meſma India, em demanda de Cochim, em hum champaõ, que he embarcaçaõ pequena, em companhia tambem de outras mais poſſãtes, as quaes vencèraõ com difficuldade o Cabo de Comorim, que ellà não pode dobrar. Deo fundo defronte da povoação de Cotatà, em que Saõ Franciſco Xavier tem huma Igreja, não ſó celebre por milagroſa entre os Chriſtãos, mas muy venerada dos meſmos Gentios; & pondo os olhos nella o deſconſolado Mercante, por ſer ſingular naquella deſgraça, votou à meſma Igreja huma offerta, que a hiſtoria chama naõ pequena (poſto que o era em reſpeito de toda a carga) deliberado porèm a deſcarregar o champaõ no dia ſeguinte (que era jà o terceiro depois da arribada) & pòr as mercadorias em terra, onde aguardaſſe a invernada com mais ſegurança. Mas que faria o Divino Aſſegurador, tendo jà recebida, ou aceita em promeſſa a parte do cabedal? Apparece aquella meſma noite em ſonhos ao que nam eſperava taõ breve remedio. Manda-lhe que não deſcarregue o navio, porq̃ dentro em tres dias ſe amanſariaõ os mares, & mudariaõ os ventos. E aſſim ſe comprio. Ao amanhecer do quarto dia, largòu o champaõ todas as velas, montou ſẽ difficuldade o cabo, & achando que as naos da ſua companhia, que eraõ ſete, tambem tinhaõ arribado todas, entrou felizmẽte com ellas no deſejado porto de Cochim.

Agora ſobre eſtes dous exemplos, vejamos ſe affirmei eu com verdade, que Saõ Franciſco Xavier he melhor aſſegurador, & que aſſegura mais. Os dous Mercadores, ambos compriraõ a condição do contrato, porque derão anticipadamẽte a parte do cabedal. Mas Xavier excedeo muyto as condiçoens

delle,

delle. Porque os outros aſſeguradores ſó ſe obrigaràõ a repor, & inteirar o cabedal perdido; mas de nenhum modo aſſegurão a navegaçaõ, nem o comercio. A navegação não; porque não ſe obrigão a que o navio chegue ao porto deſtinado. E o comercio tambem não; porque tambem ſenão obrigão a introduzir as mercadorias onde os avanços, a que ellas vão encaminhadas, ſe pòdem lucrar: como faz, & fez Xavier amanſando os mares, & mudando os ventos, cõtra o curſo natural da monção, & metendo hum dos navios em Coulão, & outro em Cochim, onde era ſua direita deſcarga, & ſuſtentando asportas de hum, & outro porto abertas, quãdo ſegundo as regras do tempo podèrão eſtar fechadas. Iſto he o mais que aſſegura Xavier. E o em que ſe moſtra melhor aſſegurador he; que os outros aſſeguradores pòdem quebrar, como muytas vezes acontece, perdendo os que delles ſe fiàrão, não ſó todo o cabedal arriſcado, ſenão tambem a parte, com que quizerão ſegurar o riſco. O que não tem lugar, nem ſe pòde temer do noſſo novo aſſegurador, porque os ſeus theſouros eſtão ſituados no banco da Omnipotencia Divina, cõ que por mais, & mayores que ſejão os ſeguros, nunca poderàõ quebrar nem faltar, pois tem por fiador a Deos: *Dives in omnes, qui invocant illum.* ad Rom. 10. 12.

IV.

MAs deſtes meſmos exemplos parece q̃ reſulta huma opinião, ou eſcrupulo menos nobre contra a ſoberania do ſeu Author. Porque ambos os homens, que na ſua neceſſidade forão ſoccorridos de Xavier, não experimentàrão o ſeu favor antes, ſenão depois que cada hum delles lhe fez a ſua offerta: logo parece que o Santo não obra fina, & liberalmente, ſenão tambem com ſeu empenho,

penho, ou resabio de interesseiro. Quem isto imaginar, he porque naõ sabe a differença que ha entre as promessas que se fazem aos homens, & os votos que se fazem a Deos, & a seus Sãtos. O voto, como diffine D. Thomas q. 88. art. 5. Santo Thomàs, he hũ acto de latria, & religiaõ, com que prometemos alguma cousa a Deos, ou immediatamẽte a elle, ou por meyo dos seus servos, que cõ elle tem valia. E posto que no comprimento do que pedimos ha grandes interesses, Deos, & os Santos naõ saõ os interesseiros, nòs somos os interessados. He conclusaõ expressa do mesmo Santo Thomàs: Ibidem art. 1. corpo c. *Promissio, qua Deo aliquid vovemus, non cedit in ejus utilitatem, sed ad utilitatem nostram.* E como a utilidade dos votos, & offertas, que fazemos a Deos, & aos Santos, não he sua, senam nossa, nòs somos os interessados, & não elles os interesseiros. Como Deos he Senhor de tudo, & os Santos tem tudo no mesmo Deos, tanto necessitão elles das nossas offertas, como o mesmo Deos dos nossos bens: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Psalm. 15. 2. Cuidais quando me offereceis os vossos sacrificios, que me dais alguma cousa? enganaisvos, diz Deos: *Nunquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo?* Psalm. 49. 13. Por ventura dessas mesmas rezes como eu a carne, ou bebo o sangue? Atè Seneca sendo Gentio, & fallando dos deoses falsos, teve delles este honrado, & desentheressado conceito: *Dij quodcunque faciunt in eo, nihil præter ipsam rationem faciendi sequuntur, nisi forte existimas illos fructum operum suorum exfumo extostum, & thuris odore percipere.* Senec. lib. de Benef. cap. 25. Os deoses, diz o grande Filosofo, todo o bem que nos fazem he de mera bondade, & liberalidade sua, & de graça, sem interesse algum, salvo se ha ignorante que imagine tẽ elles por fruto, & premio dos seus favores o fruto dos sacri-

sacrificios, & o vapor, ou cheiro do incenso.

E se Deos nenhum interesse recebe do que lhe offerecemos, & damos nos votos; porque os recomendà tanto na sua Ley, & em todas as Escrituras? Por isso mesmo. Porque saõ interesses nossos, & não seus. Tudo o que offerecemos, & damos a Deos, elle no-lo deo primeiro: *Quid autem habes quod non accepisti?* diz o Apostolo Saõ Paulo. E quando nòs damos a Deos o que Deos nos tinha dado, não he para Deos o tomar, & se ficar com elle, mas para no-lo tornar a dar. Ouvi hum circulo admiravel deste contrato reciproco. Diz Salamão: *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat.* Todos os rios entrão no mar, & o mar não cresce. E porque não cresce o mar, sendo os rios tãtos, & tão caudalosos, & entrando nelle de dia, & de noite? O mesmo Salamão o diz: *Ad locum unde exeunt revertuntur, ut iterum fluant*: Porque tornão os rios ao principio donde sahirão, para tornar a correr. Tudo isto, que parte vemos, parte não vemos, consiste em hum movimẽto circular, & perpetuo, com que o mar dà a agua à terra, a terra torna a dar a agua ao mar, & o mar outra vez a torna a dar à terra. E por isso a terra he a que se rega, veste, & enriquece, & o mar não cresce, nem tem augmento. Quem he este mar immenso, senão Deos? Tudo o que recebe sahio delle, & não o recebe para o reter em si, senão para o tornar a dar. Excellẽtemẽte Sãto Agostinho fallando dos votos: *Benignus exactor est, & non egenus, & qui non crescit ex redditis, sed in se facit crescere redditores.* Deos, & os Santos, saõ muyto benignos, & muyto ricos, & como não haõ mister o que nos lhe offerecemos, nem pòdem crecer em si, todos os augmentos querem para os que lhos offerecerem, & por isso todos os interesses deste comercio saõ nossos, & nada seu.

1 ad Corinth 4. 7.

Eccles. 1. 7.

Ibidem.

Aug. Epist 45 ad Armentarium.

O

O primeiro homem que fez voto neste mundo, & o mayor Mercador delle foy Jacob, Mercador, & pay dos mais industriosos Mercadores. Foy taõ grande Mercador, que sem outro cabedal, mais que huma escudela de lentilhas, porque as naõ quiz dar, senaõ vender a seu irmaõ, grangeou com ellas huma herdade mayor que a de Adaõ, & melhor que ella. E que fez este grande Mercador com o seu voto: *Votum vovit Domino*? Com as suas mesmas palavras fallando com Deos, o refere a historia Sagrada: *Cunctorum, quæ dederis mihi, decimas offeram tibi*: De todas as cousas que me deres, Senhor, vos offerecerei a decima parte. Ha tal offerecimento! Ha tal voto! Ha tal contrato! Pasmo de naõ pasmarem aqui todos os Interpretes. Demaneira que Jacob era hum peregrino pobre, com hũ bordaõ na maõ, & neste contrato com Deos, elle nam avia de entrar com cousa alguma; Deos avia de entrar com dez partes, & destas dez partes as nove aviaõ de ser para Jacob, & hũa para Deos? Ora só cõ Deos se pòde negocear! Bem o entẽdeo assim David. Diz a Escritura, que David fez voto ao Deos de Jacob: *Votum vovit Deo Jacob*. E porque naõ diz que fez voto a Deos absolutamente, ou a Deos todo poderoso, ou ao Deos do Ceo, & da terra, senaõ nomeadamente ao Deos de Jacob? Porque no voto de Jacob mostrou Deos quam pouco interesseiro he, & quam interessados ficaõ os que lhe fazem votos. Se Jacob nam fora taõ pouco escrupuloso, que enganou a seu pay, podèra elle fazer escrupulo neste seu voto de dar mostras de que queria enganar a Deos. E como todos conhecem quam pontual imitador do mesmo Deos de Jacob he o generoso espirito de Saõ Francisco Xavier, basta esta demonstraçaõ, em quanto assegurador, para o ter defẽdido

Genes. 28. 22.

Psalm. 131. 2.

dido do escrupulo de interesseiro, pois os que lhe fizeraõ o voto, & pagàraõ o seguro, ficàraõ taõ interessados.

V.

MAs agora quero que se saiba com outros dous exemplos, que não faz menos Saõ Francisco Xavier pelos votos, que pelos devotos. Estãdo para partir de Malàca huma frota, disselhe hum seu amigo, & devoto, que tinha embarcado o seu cabedal em tal navio. Respondeolhe o Santo: Naõ quizera que em tal navio o tiveseis embarcado. Reconheceo o homem o mysterio que tinhaõ estas palavras, & porque naõ era jà tempo de mudar a carga, resolveo de se embarcar em outro navio, para que ao menos se em hum se perdesse a fazenda, no outro se salvasse a pessoa. Deo conta desta mudança a Xavier: & que lhe responderia elle? Nam quero que percais a fazenda, nem arriskeis a pessoa, embarcaivos no mesmo navio, & com tal advertencia, que se na viagem ouver perigo de alijar a fazẽda ao mar, o não consintais. Partiraõ, & navegando pelo alto, subitamente se viraõ encalhados em huma restinga de area. Alija, gritàraõ todos; porèm o devoto de Xavier de nenhum modo o consentio na parte, que lhe tocava, allegãdo o seguro que levava das palavras do Santo, cõ que os mais tambem se confirmàraõ, pela fé que nellas tinhaõ. Estando todos assim suspensos, só o navio se naõ movia, atè que levantando se huns grandes mares o suspẽdèraõ tambem, nadou, proseguio a sua viagem, & chegou a salvamẽto, naõ seguro pelo interesse do voto, mas pelos interesses do devoto.

Isto ficando Xavier em terra, mas embarcado elle tambẽ. Eram tres naos as que de Goa navegavaõ a Malàca, & a sua mais carregada, & menos obediente ao leme. Tendo caminhado

nhado alguns dias cõ proſpero vento, eſte ſe trocou em huma taõ terrivel tempeſtade, que à viſta da de Xavier, ſé lhes valer alguma diligencia, ou remedio da arte, comeo as outras duas o mar. Eſte triſte eſpectaculo acrecentou o temor. Faltavaõ poucas horas de Sol para ſobrevir a noite, que por ſi he nova tempeſtade, quando o Capitaõ, Marinheiros, & Mercadores, todos de cõmum acordo tratàram de prevenir o mayor perigo com alijar a carga. Jà pois que os outros perdèrao os navios, as fazendas, & as vidas, ſalvemos nòs ao menos eſta. E jà ſe abriam as eſcotilhas, & as mãos ſe aplicavaõ à obra, quãdo Xavier a impedio, prometendo, & aſſegurando a todos, que aquelle trabalho nam duraria muyto. Inſtavaõ com tudo os exprimentados, ſendo neceſſaria muyta ſé para igualar o perigo. Mas acodindo o meſmo Deos pela palavra de ſeu ſervo, & ſerenando-ſe bre-

vemente o mar, & o vento, reconhecèraõ os companheiros quanta ventura fora a ſua em o levarem comſigo. E ſem voto, nem outro ſeguro poz o Divino aſſegurador em terra os homens vivos, o navio inteiro, & as mercadorias ſem dano.

VI.

SO falta para compri-mẽto do noſſo aſſumpto, depois de tantas navegaçoens taõ felizmente aſſeguradas, o ſeguro dos Coſſarios. Em vida de Saõ Franciſco Xavier, como os Portuguezes eramos Senhores daquelles mares, avia pouca occaſiaõ, & pouca neceſſidade deſte ſeguro; mas depois que a hereſia, & pirataria do Norte os infeſtou, aſſim como foraõ muytos os caſos, em que os navios catholicos ſe viraõ em perigo; aſſim foraõ varios os milagres, com que o Santo aſſegurador os livrou. Referirey hum ſó. Navegavaõ de Goa a Macào, para paſſar a Manila,

seis Missionarios da Companhia, em huma galeota, quando ao pòr do Sol se vìraõ seguir de huma fragata Olandeza. Encomendàraõ-se primeiro que tudo a Saõ Frãcisco Xavier, taõ solicito Protector daquella gloriosa missaõ, como de todas; & logo ajuntãdo aos meyos Divinos os humanos, lançàraõ ao mar todas as cousas de pezo, que podiaõ aligeirar a galeota, atè o mesmo fogaõ. Dava a Lua bastante luz a se medirem as distancias, com que reconhecèrão que o Pirata velejava com tanta vantagem, que brevemente seriaõ alcançados, quando a nao inimiga subitamente amainou todas as velas, entendendo os Olandezes, que tinhão tocado em algum penhasco occulto, pelas pancàdas com que sentião bater a quilha, & costados vizinhos. E posto que com o plumo não achavão fũdo, a repetição dos mesmos golpes lhe fazia crer, que seria alguma ponta, ou agulha de pedra sobre aguada, que só subia à tãta altura, quãta era a que demandava, ou pescava o buco da nao. Em quanto ella se deteve nestas diligencias, teve tempo a galeota para desaparecer, & se pòr em cobro. E foy o caso, que o fogão que tinhão lançado ao mar, não sendo tam pezado, que fosse ao fundo, nem tão leve, que se sustentasse em cima da agua, por baixo della foy levado a se encontrar com a quilha, & costados inferiores da nao, & com a bataria que lhe dava a obrigou a amainar, & parar, & tratar mais da propria salvaçam, que da preza que seguia, passando-se o medo, & apprehensão do perigo aos mesmos que o causavaõ.

Assim livrou Xavier os seus Missionarios, zombando, & enganando os Olandezes. E assim livrou Deos os Magos, que foram os primeiros Missionarios do Oriente, zombando, & enganando a Herodes: *Videns quoniam illusus esset à Magis.* Aqui nota gravemente Matth. 2. 16.

mente Saõ Joaõ Chrysostomo, que nam he acçaõ menos digna da Divindade enganar os inimigos, q̃ destruillos: *Est autem Divinitatis dignum, non modo conterere inimicos, verũ etiam omni illos facilitate decipere.* Pudèra Deos derrubar do Trono a Herodes, pudèra Xavier meter no fundo o Cossario: mas assim como Deos teve por acçam mais digna de sua Divindade, enganar, & zombar de hum; assim Xavier, por mais digno da sua humanidade, enganar, & zombar do outro. E ser por meyo do fogaõ, foy mayor graça da zombaria. Pergũtou Deos huma vez a Jeremias que via. Respondeo, que via huma panella aceza: *Ollam succensam ego video.* E essa panella aceza donde veyo? Respondeo q̃ do Norte: *A facie Aquilonis.* Entaõ lhe disse Deos: Bem vistes, & bem dizes: porque do Norte ha de vir todo o mal: *Ab Aquilone pandetur omne malum.* Esta profecia significava muytas em diversos tempos; entaõ significava os exercitos de Babylonia, que aviaõ de vir contra Jerusalem, em respeito da qual, Babylonia he Aquilonar. Depois significava, como diz Santo Agostinho, que do Norte aviaõ de sahir todas as Heresias: *Prout hodie eos in Germania, Anglia, Scotia, aliisque Aquilonaribus regionibus grassari constat.* Diz Cornelio à Lapide Autor tambem do mesmo Setentriaõ. E nòs que diremos? Que do mesmo Norte, como mostrou a experiencia em nossos dias, avia de sahir o fogo, que abrazasse a India. E porque o Cossario neste casoera parte da olla succensa, com galante energia o enganou, & zombou delle Xavier, como se dissera: Jà que vòs sois a panella aceza, eu vos lançarei agua na fervura com o fogaõ apagado.

Chrysost. in secunda Matth. homil.

Jerem. 1. 13.

Ibid. 14.

VII.

JA vimos com hum pè no mar, como Xavier he

fiel aſſegurador da navegaçaõ, & comercio maritimo. Vejamos agora brevemente com outro pè em terra, como naõ ſaõ menos certos, & infalliveis nella os ſeus ſeguros. Em terra tambem ha naufragios, & Piratas, & eſtes tanto peores, que no mar pode ſe fugir delles, & na terra naõ. Bem o exprimentaõ os negociãtes, que muytas vezes perdem em terra, quanto grãgeàraõ no mar. Hum deſtes rico, & que o ſabia ſer, chamado Pedro Velho, era muyto particular devoto de Saõ Franciſco Xavier na India, o qual ſe valia do ſeu cabedal, & liberalidade para ſuſtento de muytas Almas, que por falta do temporal perdem a graça de Deos. Neſte riſco eſtava huma donzella, que o Santo queria caſar. E hindo pedir o dote ao meſmo Mercador, como o achaſſe jugando as tabolas em caſa de hũ amigo, diſſe-lhe: Naõ vem voſſa Reverencia a bom tempo pedirme o dinheiro proprio, quando eu eſtou trabalhãdo para ganhar o alheyo. Reſpondeo o Santo, como aſſegurador, palavras formaes: Sempre he tempo de fazer bem; & ſó neſta ſorte de jogo naõ pòde faltar dinheiro, onde elle ſe naõ ariſca com os homens, mas aſſegura com Deos. Tornou o que jugava com a meſma graça: Ora Padre, nam nos divirta mais, eis ahi a chave da caxa, và a minha caſa, & tome o que quizer. Foy o Santo, tomou trezentos cruzados, que era o preço do dote, tornou a entregar a chave, & declarando o que tomàra, Afrontaiſme, Padre, diſſe Pedro Velho, pondolhe os olhos muyto de ſizo: Neſſa caxa eſtavaõ trinta mil taês (valem mais que cruzados) & quando vos eu dou a chave, a minha tençaõ he partir pelo meyo, & naõ aveis de tomar menos de quinze mil. Feſtejàraõ os circunſtantes o dito, como bizarria, & jactancia. Porèm Xavier, que lhe vio o coraçaõ taõ largo

como

como as palavras, aceitando-as por parte de D. os, logo alli lhe prometeo, em principio de paga, que por aquella boa vontade, jà mais lhe faltaria a Providencia Divina em todo o neceſſario à vida temporal, & que viveſſe contente, porque para ſe fazer preſtes para a eterna Deos, lhe revelaria a hora da morte.

Ouvido eſte oraculo, provou logo o que avia, cõ o que começou a ſer. Porque Pedro Velho dalli por diante foy outro homem na conta com a propria cõciencia, na frequencia dos Sacramentos, na miſericordia com os neceſſitados, & no exemplo de huma vida verdadeiramente chriſtãa. Nem acabou brevemente, antes viveo depois por muytos annos em Macàõ, ſempre muy abaſtado, rico, & bem quiſto de todos: aonde no fim de huma ditoſa, & bem lograda velhice, quando jà ninguẽ ſe lembrava, ſenão elle, da prometida revelaçam da morte, a teve, eſtando ſaõ, & bem diſpoſto. Primeiramente, repartio pelos pobres toda ſua fazenda, depois ſe deſpedio dos amigos, o que muytos tinhaõ por graça, outros por delirio da velhice, & tendo-ſe confeſſado muyto de vagar, & recebido devotamente a Santiſſima communhaõ, ſe compoz em hum eſquife, para que lhe fizeſſem os officios de defunto, concorrendo toda a Cidade a ver o fim de couſa tam nova; cantou-ſe o officio, & a Miſſa, a qual acabada, veyo o Sacerdote ao eſquife, onde jazia o vivo, & dito o reſponſo, & lançada a agua benta, com a ultima clauſula do *Requieſcat in pace*, deſcançou em paz Pedro Velho.

Diz a hiſtoria, que a eſmola deſte venturoſo Mercador fez na India muytos eſmoleres: & eu creyo que dos que ouvirem o caſo, terà ella mais invejoſos, que imitadores. Por remate do meu aſſumpto, para que ſe veja quam puntual aſſegurador he Saõ

Francisco Xavier, deixada a differença das moedas, só ponderarei a conformidade, & correspondencia dos numeros. O que avia na caxa do Mercador, eraõ trinta mil taês; o que tomou della Xavier para a esmola, foraõ trezétos cruzados, q vem a ser pontualmente hũ por cento. Agora infiro assim: Xavier dà hum por cento, Deos dà cento por hum; logo dando Xavier hum por cento, nos trezentos segurou os trinta mil; porque quem dà hum por cento a quem paga cento por hum, nos trezentos que dà, segura os trinta mil que recebe. Assim segurou Xavier ao Mercador todo o cabedal, que tinha na pequena parte, que delle tirou, usando tam fielmente da chave, que elle lhe meteo na maõ, que com o que abrio para a esmola, lhe segurou o ser rico para toda a vida, & nam só a felicidade temporal para a que acaba, senam a eterna para a que ha de durar sem fim.

SER-

SERMAM SEPTIMO. DOUDICES.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

Assumpto, que hoje trago para prègar, nam só pareceràimproprio, & alheyo deste tempo, & deste lugar, nem só atrevido, & temerario, mas quasi impio. A menor censura que se pòde temer lhe daram os doutos, & os devotos, he de ser injurioso, & afrontoso ao mesmo Santo, que louvamos todos estes dias, & cujas acçoens naõ só foraõ sempre dignas de louvor, mas gloriosas, & admiraveis. E que monstro serà este de taõ fea carranca, & taõ medonha, & horrenda catadura? Nam me hei de deter em o declarar: & só peço ao pio Auditorio, que muytas vezes se apressa, & adianta a julgar, me conceda ao presente discurso, naõ condenar antes de ouvir, que he a justi-

ça q̃ Saõ Jeronymo pedia para os seus escritos: *Legãt prius, & postea despiciant.*

Debaixo desta breve prefaçaõ, o assumpto, que hoje hey de prẽgar, saõ as doudices de Saõ Francisco Xavier. E para que os escrupulos, que espero se haõ de converter em panegyricos, entre tanto tenhaõ maõ em si, supponho brevemente, que assim como ha doudices, que arguẽ falta no juizo, assim ha doudices que o calificam, & acreditaõ; assim como ha doudices vans, assim ha doudices santas. Texto expresso de David: *Qui non respexit in vanitates, & insanias falsas.* Falla de hum homem sabio, & sezudo, que toda a sua esperança poz em Deos, & diz que se nam deixou enganar das vaidades, & doudices falsas. Logo ha doudices falsas, & doudices verdadeiras? Assim he. E quaes saõ as verdadeiras, & quaes as falsas? As falsas, saõ as dos doudos, que seguem a vaidade: *Vanitates, & insanias falsas*: as verdadeiras, saõ as dos doudos, que seguem o contrario da mesma vaidade, que he a verdade. Mas se seguem a verdade, porque saõ doudos? Porque toda a doudice se opoem ao uso da razaõ differentemente. Os excessos dos màos obraõ contra a razaõ, & por isso saõ viciosos, & vãos: os excessos dos Santos obraõ sobre a razaõ, & por isso saõ solidos, & verdadeiros. Huns, & outros doudos nesta grande casa de loucos, que he o mundo, tem o seu hospital separado: o dos Santos està nos arrebaldes do Ceo, para onde sobem; o dos màos nos arrebaldes do inferno, aonde se precipitaõ: huns, & outros andaõ fóra de si como doudos: os màos fóra de si, porque se buscaõ; os Santos fóra de si, porq̃ se deixaõ. Este he aquelle extremo, que Saõ Gregorio julgou por taõ difficultoso, *Valde laboriosum est relinquere semetipsum.* E porque os extremos, que fazem os màos pela vaidade,

Psalm. 39. 5.

de, & os Santos pela verdade, excedem tanto o uſo commum da vida humana, ſeguindo cada louco, como dizem, a ſua teima; por iſſo neſte mundo ſe naõ acabaõ de conhecer quaes ſaõ os doudos propriamẽte doudos, & os doudos verdadeiramente ſezudos. E onde ſe conheceràõ ſem engano huns, & os outros? Ou no Ceo, ou no inferno, aonde a doudice de cada hum os leva. Aſſim o confeſſavaõ no meſmo inferno (como refere a Eſcritura Sagrada no capitulo da Sapiencia) aquelles que depois que là ſe viraõ ſem remedio, diziaõ aſſim: *Nos inſenſati vitam illorum æſtimabamus inſaniam*: Nòs que taõ cegamẽte nos deixamos levar do furor de noſſos appetites, tinhamos por doudos os que faziam o contrario, & agora vemos que os doudos eramos nòs, & elles os ſezudos: nòs os doudos, porque nos achamos padecendo no inferno entre os condenados: *Nos inſenſati*; & elles os ſezudos, porque eſtam no Ceo gozando de Deos entre os Santos: *Et inter Sanctos ſors illorum eſt.* Ibidem. 5.

Sapiẽt. 5. 4.

Eſta ſuppoſiçam das doudices ſezudas, he tam propria do eſpirito de Santo Ignacio, & do Inſtituto da Companhia, que reduzindo as noſſas Regras toda a perfeiçaõ religioſa a hum ſó principio, & a hum ſó documento, ou verdadeiramente ao ponto mais alto da meſma perfeiçam; que dizem? Dizem que de tal maneira devemos aborrecer tudo o que o mundo ama, & preza, & imitar tudo o que Chriſto Jeſu Senhor noſſo amou, & abraçou, que eſtimemos muyto, & tenhamos por grande mercè ſua padecer por ſeu amor injurias, afrontas, falſos teſtimunhos, deſprezos, atè ſer julgados por doudos. Eſta he a doutrina de Santo Ignacio cõfirmada com os exemplos dos mayores Santos. E eſte foy o primeiro fruto verde, duro, & propriamente pedrado que Saõ Franciſco

co Xavier, como Primogenito do meſmo Inſtituto, colheo na India de ſeu ardente eſpirito, & Apoſtolicas acçoens; as quaes por extraordinarias, & admiraveis, em lugar de ſer veneradas, & celebradas, como depois foraõ no mũdo, pela fraqueza dos olhos, que as viaõ, & juizos ſem juizo, que as avaliavaõ, eraõ chamadas doudices de hum Clerigo Santo. Eis aqui o conceito que faziaõ de Xavier os entendimentos de meya luz, cõ ametade julgavam que era doudo, & cõ a outra ametade Santo. E eſtas ſam as ſantas doudices, que agora avemos de ver. Ponhamos primeiro o pè em terra, & depois o poremos no mar.

II.

CLerigo chamavaõ ſómente a Xavier. E ſabendo-ſe em Goa, que aquelle homẽ ſobre o caracter de Clerigo, tinha o de Nuncio Apoſtolico inviado pelo Summo Pontifice, eſperava o mundo, q̃ quando appareceſſe em publico, foſſe com tal aparato, que repreſentaſſe a grandeza da ſuprema Mageſtade que o inviava. Mas quãdo o viraõ pelas ruas em corpo, ſem capa, ou manteo, q̃ nunca poz aos hombros, veſtido cõ huma roupeta taõ pobre, com os pès muytas vezes deſcalços, & chamãdo com huma campainha a vozes altas os eſcravos, & eſcravas, & fallãdo-lhe em hũa linguagem, meyo Reynol, & meyo Indiana, verdadeiramente ridicula, julgàraõ, q̃ ou a primeira vez q̃ paſſou a linha, cõ as calmas de Guinè, ou a ſegunda, em que a tornou a paſſar, com os novos, & exceſſivos calores da India lhe refervèra o juizo, & que podendo a doudice dar em outra couſa menos pia, tomàra a continua de ſahir pelas ruas a fazer aquellas doutrinas em modo taõ deſautorizado, & taõ alheyo de taõ grande Peſſoa. Porèm quando viraõ, que os meninos da meſma doutrina

na com as contas do Clerigo, que taõ pouca fazia da sua autoridade, ou com a Cruz que trazia ao peito lançavaõ os demonios dos corpos, & curavaõ as febres, & as outras doenças de Christãos, & Gentios, mudavaõ o conceito, & diziaõ: Elle parecerà doudo, mas he Santo.

Nam passou porèm muyto tẽpo, que naõ dèsse mayor prova Xavier ao segundo conceito, & mayor occasiaõ ao primeiro Tendo convertido à nossa Santa Fè grãde parte do Reyno de Travancor, entràraõ por essa parte subitamente com poderoso, & furioso exercito os Badagàs, gente barbara por natureza, fera, & cruel por costume, & por trato, & por exercicio da mesma vida, a qual sustentaõ de saltear, roubar, & matar. Achavam-se os Christãos sem armas para resistir, sem tempo nem lugar para se pòr em salvo: naõ se via nos homens, como acontece nos casos repentinos, mais que perturbaçaõ, & confusaõ, nas mulheres, & crianças lagrimas, prantos, alaridos, lastimas; ouvindo-se por cima de tudo isto, & atroando os ares a gritaria dos Barbaros com ameaça de morte, & assolaçaõ gèral a ferro, & fogo. S naõ quando entre este primeiro fuzilar da furiosa tempestade apparece Xavier: mete-se só entre huns, & outros: & com que soccorro, com que armas, com que embaixada, ou cõ que partidos? Naõ pede, naõ roga, naõ chora, naõ se lança por terra, nam offerece as fazendas por resgate das vidas, nem pelo incendio das casas, tudo o que ouver dẽtro nellas; mas com animo, com rosto, com semblante, com dominio de vencedor, & Senhor, trata-os de barbaros, de crueis, de tyrannos, màda-lhes imperiosamente que parem, ameaça-os com rayos do Ceo se daõ hum passo mais adiante. Pois meu Sãto (que atè eu podèra agora usar do outro nome) naõ vedes

vedes que esse modo nam he de abrádar, nem de persuadir, senaõ de endurecer, de exasperar, de acender, & fazer que esses Barbaros sejaõ mais barbaros, esses tyrannos mais inimigos, esses lobos mais raivosos, & essas feras mais feras? Naõ vedes que se vos mataõ a vòs (para que basta huma das suas settas) & depois as descarregarem sobre os que quereis defender, a morte delles serà lastimosa, & a vossa quando menos serà nome de temeraria? Naõ vedes que diraõ do vosso zelo, & demasiados fervores Hia a dizer o que elles dizem, mas jà naõ posso, porque a tragedia tam horrenda mudou subitamente a scena. Jà as trombetas, ou buzinas dos Barbaros, tocaõ, nam a fazer alto, senaõ a fugir desatadamente, como se viram diante de si, nam hum homem desarmado, mas muytos, & mais poderosos exercitos: como se Xavier (diz a historia) ferìra com os olhos, & derrubàra com as palavras, assim perdèram os inimigos em o vendo, & ouvindo, a braveza, a furia, as cores, as forças, & desarmando as settas, que jà traziaõ embebidas nos arcos, voltàraõ as costas, & se puzeraõ em fugida. E que fez entaõ Xavier? Naõ se recolheo triunfando entre applausos, & acclamaçoens, mas com os juelhos em terra, & os olhos no Ceo deo as graças a Deos, assim como de juelhos lhe tinha pedido o esforço para aquella empreza, a qual acabou como Santo, sendo que quãdo a começou, pareceo doudo.

Mas ainda temos outra mayor doudice, & no juizo humano mais rematada. Quando David fugio da ira de Saul seu Rey, & seu sogro, & por quem tantas vezes tinha arriscado a vida, passou-se para as terras dos Filisteos, jurados inimigos da sua Naçaõ, valendo-se da sombra del-Rey de Geth, chamado Achis. Mas como visse que tambem alli era conheci-

do

do, & por matador do Gigante Goliath assim mesmo Filisteo, temendo que quizessem vingar nelle a sua morte, fingio-se doudo. A tão obriga a sem-razaõ, o odio, a tyrannia, ou para o dizer por termos mais claros, o crime de ser hum homem mayor que os outros. E qual seria a doudice de que usou David? Estando as portas fechadas, intentava entrar por ellas, & cahia: *Collabebatur inter manus eorum, & impingebat in ostia portæ.* Este he o estado, em que temos a Xavier. O mayor Imperio, que então avia no mundo, & ainda hoje ha, he o da China; & posto q̃ naquelle tempo tinha fechadas as portas com tal severidade, cautela, & vigilancia, que nenhum Estrangeiro podia entrar là sob pena de morte, Ley inviolavelmẽte guardada; desejoso com tudo o ardẽtissimo zelo de Xavier de introduzir na China a Fè de Christo, se resolveo a intentar, & procurar efficazmente por qualquer meyo a entrada: a qual quando naõ conseguisse ainda perdẽdo a vida, merecia quando menos a immẽsa ousadia por epitafio: *Quam si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.*

1. Reg. 21. 13.

Consta o Imperio da China de quinze Provincias, mayores que grandes Reynos, nas quaes he obedecido de cento, & dezoito milhoens de vassallos, naõ contãdo tantos em toda a Europa os seus Reys. E por isso chamei immensa a ousadia, com que o infaciavel espirito de Xavier apprehendeo, & emprendeo a conquista de tam innumeraveis Almas. Os desenhos do seu pensamento, era entrar disfarçado a titulo de criado de hum Embaixador Portuguez, aventurando-se ao perigo, ou esperança do successo com a mesma condicional de Sinon Grego em Troya: *Seu versare dolos, seu certæ occumbere morti:* Ou lograr o santo engano introduzindo a Fè, ou morrer gloriosamente por ella, que

pare-

parecia o mais certo. E Deos, a quem nam podia deixar de agradar muyto a fineza, que fez? Concedeo-lhe ambas. Concedeo-lhe que morreſſe, como acabou a vida em Sancham, nas portas da meſma China: & cõcedeo-lhe que por meyo, & merecimento da ſua morte entraſſem nella ſeus companheiros, como elle lhes tinha prometido, ou profetizado. A porta do Caſtello de Lisboa, chama-ſe a porta do Moniz, em memoria de hum Cavalleiro do meſmo appellido, o qual, concorrendo muytos Mouros para a cerrar, dando, & recebendo feridas ſe deixou cahir morto nella, com tal acordo, que por cima delle entràraõ os Chriſtãos, & ſe fizeraõ Senhores do Caſtello. Tal Xavier cahindo morto às portas da China que batia: *Collabebatur inter eos, & impingebat in oſtia portæ.* E taes os Soldados da Companhia, & ſeus, que o ſeguiraõ, & ſeguem; ſendo taõ poderoſa a força da ſua morte, que naõ pode contra ella ſuſtentar fechadas as portas a meſma China, entrada, & preſidiada delles muyto a ſeu pezar no principio, & muyto a ſeu prazer no progreſſo. E ſe nos lẽbrarmos da cõparaçaõ do atrevido, & diſfarçado Grego, ſendo cada navio, q̃ hoje chega de Portugal à China, hũ cavallo de madeira, como o Troyano, fornecido de valeroſos Soldados; delle ſe pòde dizer, pois Xavier aſſim o tinha machinado: *Scandit fatalis machina muros.*

Mas deixadas todas eſtas comparaçoens como deſiguaes, & quaſi afrontoſas a tam heroica façanha, he certo que quiz Chriſto honrar a morte de Xavier com a ſemelhança da ſua, ſendo o meſmo em ambas o morrer, & abrir; pois Chriſto morrendo abrio as portas do Ceo, & Xavier morrendo as portas da China, humas, & outras atè entaõ fechadas a todos. No intento ſemelhan-

lhante a ousadia de Xavier à locura do filho do Sol; & no effeito semelhante a sua virtude ao merecimẽto do Filho de Deos.

III.

PAssando da terra ao mar, quem nam terà por doudice o que agora direy? Sabẽdo Xavier que se embarcava em huma Armada o mais escandaloso Soldado que avia em toda a India, sem ter necessidade, ou occasiaõ alguma de ir nella, se embarcou tambẽ, escolhendo o mesmo navio, & convidandose para serem camaradas, como verdadeiramente foraõ. Com elle comia, com elle conversava, com elle passava grande parte do dia, & os quartos da noite, em fim camaradas do mar, onde naõ ha outras praças, nem outras ruas, que nam obriguẽ a estar quasi sempre juntos. E o que naõ faria hum leigo honrado, & de bons procedimentos, que o fizesse hum Religioso, & Prelado da sua Religiaõ, & sobre tudo Nuncio Apostolico! Naõ ha duvida que quem o naõ conhecesse por Santo, sem temeridade o teria por doudo. Com muyto menor occasiaõ indo embarcado com elle em huma galeota hum Dom Diogo de Noronha, disse aos outros Soldados: Este Clerigo parece como nòs, & naõ taõ Santo como dizem. Saltando em terra mandou-o espreitar por hũ criado, o qual seguindolhe os passos ao lóge, o vio entrar em hum bosque, & chegando ficou taõ assombrado do que via, que chamou outros para que tambem o vissem; & viraõ todos que o Santo estava elevado, & arrebatado em Deos, levãdo a Alma apoz si o corpo extatico, & suspenso no ar, & sem uso dos sentidos, com que naõ dava fé da treiçaõ com que o estavaõ espreitando. Os que entendem pouco de espirito, naõ sabem que os grandes Santos, quando tratаõ com os homẽs, nem

por

por isso se divertẽ de Deos, & o perdem de vista. Assim disse Deos a Abraham: *Ambula coram me, & esto perfectus.* E Saõ Paulo dizia de si: *In carne ambulantes, nostra autem conversatio in Cœlis est.* Com aquelle testimunho, & relaçam de tantos ficou desenganado do seu conceito o fidalgo da galeota; & os do outro navio muyto mais certificados da propria experiencia, & do que quasi naõ podiaõ crer vendo-o com os olhos: porque o Soldado cõ a conversaçaõ, & trato do seu camarada nam só se mudou, mas converteo de tal sorte, que deixando as armas, & as Armadas, a liberdade, & liberdades da vida, se vestio de hũ habito religioso, aonde perseverou atè a morte, & acabou santamẽte, como tambem Xavier a sua viagem, pôdo se logo em terra, porque tinha cõseguido o fim para que se embarcàra.

Genes. 17. 1. 2 Cor. 10. 3. ad Philip 3. 20.

Outro Clerigo (jà que assim chamaõ a Xavier) se portaria com outro trato de mayor isençaõ, & gravidade, & seria reputado por muyto sezudo: mas cõ que fruto? Huma vez foy Christo Senhor nosso a huma figueira, naõ só com desejo, mas cõ fome de achar nella fruto, & porque naõ achou mais que folhas, lançou-lhe por maldiçaõ que nunca mais o tivesse. Outra vez passando por huma estrada, vio que estava subido em outra figueira hũ homem chamado Zacheo Principe dos Publicanos, o qual naquelle mesmo dia se converteo com toda sua casa, & lhe chama Santo Ambrosio elegantemente novo fruto da Ley nova: *Zacchæus in sycomoro novum novi temporis pomum.* Agora pergunto: qual destas duas figueiras agradaria mais a Christo? Naõ ha duvida que esta segunda, naõ só mais, senaõ só ella, porque só nella achou fruto, & naõ na outra. Pois saiba tambem agora todo o mundo, que esta segunda se chamava, *ficus fatua*, a figueira douda. E se as arvo-

res,

res, como diz o meſmo Chriſto, ſe conhecem pelo fruto, chamẽ embora doudo a Xavier entre tanto, que como ſe vir o fruto da ſua doudice, os meſmos lhe daraõ outro nome. Se elle como a outra arvore oſtentaſſe grande aparato de folhas, ou grande folhagem de aparatos, conforme a ſua dignidade, ninguẽ lhe negaria o nome de ſezudo, mas o fruto pòde ſer que foſſe o que diz o Texto: *Nihil invenit in ea, niſi tantum folia:* Nenhuma couſa achou nella ſenaõ folhas ſómente. Cõparem-ſe agora o fruto de huma com as folhas da outra, & ver-ſe-ha qual merece o nome de ſezuda, & qual o de douda.

Matth. 21. 19.

Ainda paſſou a mais o conceito das doudices de Xavier. Chegàraõ os ſeus amigos, & devotos ao prẽder, como fazem aos doudos. Quando quiz paſſar às Ilhas do Moro, & muyto mais ao Japaõ, nam o podendo convencer com razoens, nem com medos dos perigos, nem ainda com eſcrupulos de ſe matar, ſendo a ſua vida taõ neceſſaria, inventàraõ os grilhoẽs mais decentes com que o podiaõ prender, que foraõ prohibiçoens dos Governadores, que naõ partiſſem os navios, ou traças para que foſſem para outras partes. Mas o Santo os deſenganou que ſenaõ tiveſſe embarcaçaõ, ſe lançaria ao mar, & Deos o levaria onde o mãdava. Muytos doudos ouve que ſe lançàram ao mar, mas aqui os doudos eraõ os que lhe queriaõ impedir a viagem, podendo-ſe queixar o Santo dos meſmos amigos, como o outro doudo de Horacio, a quem elles tinham curado, & lhes dizia: *Pol me occidiſtis amici, non ſervaſtis.* A razaõ de Xavier era evidente; porque como Deos lhe tinha poſto aos hombros naquelle ſonho profetico todo o Oriente, intentarem que elle ſe contentaſſe ſó com prègar a Fè às Cidades, & Reynos vizinhos a Goa, era quererem que lançaſſe

de si a mayor parte do pezo, & faltasse à sua obrigaçaõ, & à cõfiança que Deos delle fizera. Assim que elles eraõ os doudos, como muytas vezes acontece na casa dos orates, que os que se tem por sezudos chamaõ doudos aos outros, & estranhaõ as suas doudices. Cõta Galeno que lhe trouxeraõ a curar hum doudo, cuja continua, & mania era andar muyto triste, & afflito, tendo para si que Atlãte cançado de ter o mundo às costas daria com elle em terra, & se faria pedaços. E sẽdo Xavier, naõ fabuloso, senaõ verdadeiro Atlante daquelle novo mundo, vede se era mayor locura a dos que naõ temiaõ, mas queriaõ que elle mesmo o despedaçasse, cõtentandose com sustentar huma parte aquelle, sobre quem incumbia, & carregava todo.

Mas passemos ao porto de Malàca, & alli veremos huma especie de doudice, a que nenhum juizo faõ, & sezudo parece que poderà achar razaõ, nem ainda desculpa. Resoluto Xavier a passar dalli a Japaõ, viagem de cincoenta dias, mas de perigos sem conto, embarcou-se finalmente, mas em que navio? Torna a vacillar o juizo, & tem medo de o dizer. Era hum junco pequeno, & muy desigual aos furiosos ventos, & mares daquella traveſſa. Chamavase o Ladraõ, nome q̃ lhe tinhaõ dado os furtos, & enganos do dono. Tinha na popa hum Idolo, em que era consultado o demonio para tudo o que se avia de fazer na viagem. Hia provido de muyta quantidade de aves, & paos cheirosos de aquila para os sacrificios, por meyo dos quaes se pediaõ as repostas, ou oraculos do Idolo. Demaneira que naquelle navio, que sem fabula se podèra chamar a barca de Charõte, o que mandava a via era o demonio, o Piloto que se governava por elle, Idolatra, sem fé a Deos, & Ladraõ, sem verdade aos homens,

mens, a marinhagem todos Gentios; & dentro deſte inferno nadante ſe meteo Xavier para levar, & meter o eſtandarte da Fè no Japaõ, aonde o meſmo demonio dominava com ſeſſenta, & ſeis tridentes de fogo & trevas outros tantos Reynos. Ao largar das velas averia alguma voz chriſtãa, que diſſeſſe boa viagẽ? Atè o meſmo Chriſto parece que ſe devia eſcandalizar de huma reſoluçaõ taõ contraria aos ſeus exemplos.

Indo o meſmo Senhor aſſentado na popa da barca dos Apoſtolos, diſſe a Pedro: *Duc in altum*: que ſe fizeſſe ao alto; & logo aos demais, que lançaſſem as redes: *Laxate retia veſtra in capturam.* Replicou Pedro, que toda a noite as tinhaõ lançado ſem tomar nada, mas que de novo o faria debaixo da ſua palavra, *in verbo tuo.* Fez-ſe aſſim, & foy taõ venturoſo o lanço, & tanta a multidam de peixe que tomàraõ, que naõ baſtou a barca para o recolher. Mas que documento tirou deſte caſo o Divino Meſtre? *Ex hoc jam homines eris capiens*: Eu vos chamei para peſcadores de homens, & eſte he o modo com que os aveis de peſcar. Pois ſe o modo de peſcar os homẽs he que Chriſto mande a via, *Duc in altum*; como para peſcar, & meter dentro das redes da Igreja os Japoens, ſe embarca Xavier em hum navio, em que o que manda a via he o demonio? Se o Piloto deſta barca ha de ſer Saõ Pedro, como ſe mete Xavier na que tem por Piloto hum Idolatra? E ſe tudo ſe ha de obrar debaixo da palavra de Chriſto, *in verbo tuo*, que fim pòde ter a viagem onde ſe fazem ſacrificios ao demonio, para que ella ſe governe pelos ſeus oraculos? Nam averà homem com fé, & com uſo de razaõ, que naõ julgue eſta pela mais rematada doudice. O primeiro effeito o moſtrou, porque o demonio, & o Piloto ſe reſolvèrão a naõ ir a Japam,

Luc. 5. 4.

Ibid. 10.

ſenão ir tomar porto em Chincheo, & invernar alli. Poem a proa em terra, mas hum navio, que ſahia do meſmo porto, os aviſou, que eſtava cheyo de Piratas, & por medo dos Ladroens deixou o Ladrão de ſe recolher, & acolher a elle. E que faria o demonio, & o que ſe governava por elle? Ao menos forçados deſte modo ſeguirião a ſua derrota a Japão? De nenhũ modo. Reſolvem arribar outra vez a Cantão desfazendo a viagem. Eis aqui, Xavier, os apertos em que ſe vè quem ſe fia de taes Pilotos. Mas onde elles quizerão desfazer a viagẽ, desfez Deos a que parecia doudice. Dà nas velas hum vento tão forte em popa para Japão, que não o podendo reſiſtir, nem o navio, nem o Piloto, nem o demonio, foy tomar terra, & dar fundo em Cangoxima. Já Xavier ſe vè onde hia lãçar as redes, & a poucos lanços foy tanta a multidão dos homens, & das meſmas Ilhas peſcadas, que deſenganados no mar, & na terra os que o avião tido por doudo, o acclamavão por Santo.

IV.

LEmbrame que diſſe ao principio, que as doudices de Xavier avião de ſer panegyricos. Agora me deſempenharei, começando pelo humano atè o divino. *Nullum magnum ingenium abſque mixtura dementiæ eſt*, diſſe Seneca, & antes delle Ariſtoteles: Não ha grande engenho, ſem miſtura de doudice. E a razão he; porq para qualquer homem obrar heroicamente, & ſe exceder, & levantar ſobre ſi, he neceſſario ſahir de ſi. Que forão os arrojamentos de Alexandre, ſenão doudices do valor? Que foraõ as fantaſias de Homero, ſenão doudices do furor poetico? Que foraõ os vaticinios das Sibyllas, ſenão doudices da viſta, que deixando a luz do preſente, penetrava as eſcuridades do futuro?

ro? Ha couſas que eſtaõ em nòs, & outras que eſtaõ ſobre nòs, & eſtas ſaõ as admiraveis. David o diſſe: *Necin mirabilibus ſuper me.* E para eu chegar ao que eſtà ſobre mim, he neceſſario ſahir de mim. Expreſſamente Jeremias nos ſeus Threnos: *Sedebit ſolitarius, & tacebit, quia levavit ſe ſupra ſe.* Falla dos Solitarios do Egypto, & Anacoretas da Thebaida, os Paulos, os Arſenios, os Hilarioens, os Macharios. Que homens doudos ſaõ eſtes, que trocaõ o povoado pelo deſerto, as caſas pelas covas, a converſaçaõ pelo ſilencio, os manjares pelo jejum, & tudo o que he regalo pela mayor aſpereza? Saõ huns homens que endoudecèram deſta ſorte, porque cada hum delles ſe levantou a ſi ſobre ſi: *Quia levavit ſe ſupra ſe.* Os que cà ficaõ neſte mundo, ou ſe precipitaõ abaixo de ſi, ou ſe ſeguem, & vam apoz ſi: apoz ſi, & atraz das riquezas, apoz ſi, & atraz das hõras, apoz ſi, & atraz das delicias. Oh ſe o juizo lhes dera huma volta, que doudices ſeriaõ as ſuas tam verdadeiras, & naõ vans: *Qui non reſpexit in vanitates, & inſanias falſas!*

Pſalm. 130. 1.

Thren. 3. 28.

Ita legunt S. Baſil. S. Bernard. S. Petr. Dam. Raban. Rupert. Lyra. Hugo.

Taes foraõ as doudices de Xavier. Naõ ſeguio a Regra do ſeu Inſtituto, que citamos no principio, mas todo ſe formou, & transformou naquelle grãde apotegma do meſmo Santo Ignacio: *Inſaniendum eſt, ſi vis eſſe perfectus*: Haſte de fazer doudo, ſe queres ſer Santo. Elle o diſſe, & foy tam Santo, & taõ doudo, que ſe Deos puzera na ſua maõ a eſcolha, ou de ir logo para o Ceo, ou de ficar neſte mundo ſervindo aos proximos cõ riſco da ſua propria ſalvaçaõ, tinha aſſentado comſigo de eſcolher eſte ſegũdo. Pòde aver mayor doudice, que em materia de ir, ou naõ ir ao Ceo, em materia de gozar, ou naõ gozar de Deos por toda a eternidade, deixar o certo pelo duvidoſo? & aventurar a ſalvaçaõ propria por

ſolicitar as alheas? Mas eſte era o Meſtre, & por iſſo foy tal o Diſcipulo.

Dos exemplos domeſticos paſſemos aos de fóra. Os mayores Santos ſem cõtroverſia foraõ os Apoſtolos. E entre elles o Apoſtolo por antonomaſia, Saõ Paulo. E que dizia Sam Paulo, naõ ſó de ſi, mas dos outros? *Sive inſanimus, ſive ſobrij ſumus, charitas enim Chriſti urget nos* Hũas vezes obra mos como doudos, outras como ſezudos, porque a tudo nos obriga a caridade, & amor de Chriſto. Platão diſtinguia quatro eſpecies de doudices divinas, que todas tinham ſeus deoſes particulares, das quaes a mais perfeita, ſaõ as doudices do amor. E taes, diz Theophilato neſte lugar, que eraõ as de Saõ Paulo: *Inſaniebat itaque Paulus amatoria quadam inſania.* E Sam Bernardo diz o meſmo: *Audi ſanctam inſaniam.* E prova, & declara as doudices de Sam Paulo com dous notaveis exemplos tirados das ſuas proprias reſoluçoens, & palavras. O primeiro na Epiſtola aos Romanos: *Optabam ego ipſe anathema eſſe à Chriſto pro fratribus meis.* Quer dizer: Deſejava (eu meſmo, & naõ outro por mim, eu meſmo eſtando muyto em mim, & nam fóra de mim, *ego ipſe*) ſer anathema de Chriſto, iſto he, eſtar ſeparado de Chriſto para ſempre, & carecer delle, & de ſua viſta por toda a eternidade, por amor de meus irmãos, com tanto que elles ſe ſalvem. O ſegundo exemplo na Epiſtola aos Philipenſes, onde diz o Apoſtolo: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto multo magis melius: permanere autẽ in carne neceſſarium propter vos: & hoc confidens, ſcio quia manebo, & permanebo:* Deſejo delatarme do corpo para eſtar com Chriſto, & iſto para mim he o melhor. Mas porque he neceſſario ficar neſte mundo por amor de vòs, reſoluto eſtou, nam ſó de ficar, ſenão de permanecer aſſim, quanto importar à voſſa

Plato in Phæd.

Bern. de natur. & dignit. amoris cap. 3.

ad Rom. 9. 3.

ad Philip. 1. 23.

à voſſa neceſſidade. Eſtes ſaõ os dous exemplos, que allega Saõ Bernardo, & em ambosa rematada doudice de quem dizia taes couſas. Pòde aver mayor doudice que amar Paulo a Chriſto tão fixa, & inſeparavelmẽte com o affecto, & com o effeito querer eſtar ſeparado delle, não menos que para ſempre? *Non ne mentis bene ſanæ quædam videtur inſania, cum impoſſibile ſit effectu habere fixum in affectu pro Chriſto anathema velle eſſe à Chriſto?* E quanto ao ſegundo: *Quæ maior, quæ magis inopinata inſania, quàm hominem relicto ſæculo deſiderantem, & ardentem inhærere Chriſto, pro Chriſto rurſum inhærere ſæculo, tendentem in Cœlum ſemetipſum mergere in cœnum?* E que mayor, & mais não imaginada doudice, que deſejar hum homem ardentiſſimamente deixar o mundo para eſtar com Chriſto, & pegar-ſe outra vez ao mundo, & voando para a gloria do Ceo, tornar-ſe outra vez a meter no lodo da terra? Eſtas foraõ, diz Bernardo, as doudices de Paulo; & eſtas ſaõ, digo eu, com mayor razão as de Xavier, o qual ainda hoje eſtà tão doudo no Ceo, como foy neſte mundo, pois veſtido de gloria ſe reveſte de huma eſclavina, & para tratar do bem dos proximos apparece peregrino em tantas partes da terra.

Depois dos Apoſtolos, pois imos ſubindo, quẽ ſe ſegue ſenão o meſmo Chriſto? E velohemos tãbem doudo? Ver nam, que ſeria blasfemia dos olhos; mas ouvir ſim, & com toda a fé dos ouvidos. Diz o Evangeliſta São Marcos, que quando Chriſto começou a prègar, os ſeus proprios o quizerão prender por doudo: *Cum audiſſent ſui, exierunt tenere eum, dicebant enim quoniam in furorem verſus eſt.* Marc. 3. 21. A palavra grega no Texto original o diz ainda com mayor expreſſaõ: *Quoniam extra ſe eſt mentis inops, delirans, inſanus.* Nam ha entender eſte mundo. Os ſeus tive-

rão a Christo por doudo, porque fallava; & Herodes teve-o por doudo, porque não quiz fallar: os seus por doudo o quizeram préder; & Herodes, estâdo já prezo, por doudo o remeteo a Pilatos vestido de branco. Agora o vestio de branco na Payxaõ o mesmo amor, q̃ o tinha vestido de encarnado na Encarnação. Nũca o mais gentil-homem dos filhos dos homens poz sobre si, ou lhe puzeraõ gala que melhor lhe estivesse. Nam foy o que o prendeo Pilatos, naõ foy o que o vestio Herodes, o seu amor foy o que o prendeo, o seu amor o que o vestio, & o seu amor o que o endoudeceo.

Quem nos darà hum testimunho desta fermosa verdade, sem enveja como os seus, & sem odio como os alheyos? Seja entre os Santos, que mais perdidamente endoudecèraõ, Saõ Francisco o Serafico. Definindo-se Sam Francisco a si mesmo, chamava-se em Italiano, Fatuello di Dio: O doudo, ou doudinho de Deos. E se os Poetas todos tem huma vea de doudo, naõ podia faltar a este doudo huma vea de Poeta: fez varios versos Francisco ao seu amado Christo, & como feridos ambos das mesmas Chagas, em huma parte desculpando as suas doudices diz assim:

Culpa tua est quidquid victus amore gero:
Desipio? per te sum rationis egens:
Mentis inops? Amor est qui facit esse inopem.

Quer dizer: De tudo o que eu faço vencido do amor, vòs Senhor tendes a culpa. Se faço doudices, vòs sois o que me fazeis perder o uso da razaõ. E se me vejo mais pobre do juizo, do que de tudo o mais, vosso amor he o que me tem posto nesta pobreza. Em versos mais pequenos disse outra vez desta sorte:

Ardes

Luc. Vãding. in hiſtor. generali S. Franciſci.

Ardes amore vivens,
Et occidis amore:
Ibas amore victus
Ceu ebrius per orbem.
Ergo ſi facit ebrium,
Si mentis facit impotem,
Si vires amor eripit,
Amor te quoque perdidit.
Qui me deſpere impulit,
Hic mentem eripuit tibi.

Eſta foy a verſaõ do Italiano em Latim; a do Latim em Portuguez, he a ſeguinte, fallando com Chriſto:

Ardendo em amor morro,
E ardendo em amor vivo:
Andaveis pelo mundo
Como ebrio, & ſem juizo.
E ſe o amor embriaga,
E faz perder o ſizo,
Tambem vòs, Senhor, foſtes
Do amor hum perdido.
Nas doudices que faço
Me privou do juizo,
Mas fez primeiro em vòs
O que uſa comigo.

Aſſim confeſſava Saõ Frãciſco as ſuas doudices, & com amoroſa confiança as dirivava, & referia às de Chriſto. E era eſta doutrina tão propria da ſua eſcola, que Frey Jacopone (o qual ſendo igualmente nobre, & Letrado, por deſprezo do mundo, & de ſi ſe tinha feito leigo do meſmo habito, & muyto ſimples) como

como os simples saõ aquelles com quem Deos gosta de fallar, *Cum simplicibus sermocinatio ejus*, hũa vez fallando Christo com este, lhe perguntou: Jacopone, porque fazes tantas doudices? Respõdeo com liberdade Franciscana (que só a tem quem não depende) *Quia stultior me fuisti, Domine*: Faço estas doudices, Senhor, porque as que vòs fizestes foraõ mayores que as minhas. Tão mayores, q̃ esta foy a mayor difficuldade q̃ teve a Fè de Christo cõ os Sabios domundo: *Prædicamus Christũ crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* Prègamos, diz Sam Paulo, a Christo crucificado, para os Judeos escandalo, & para os Gentios doudice. Para os Judeos escãdalo, porque não queriam ter por Deos a hum homẽ crucificado: & para os Gẽtios doudice, porque nam querião reconhecer a Divindade em hum homem, que fizera cousas tão alheas de toda a razão, & juizo humano. Prègavam-lhe q̃ Christo voluntariamente quizera morrer pregado em huma Cruz, que era a morte mais afrontosa, para salvar aquelles mesmos que o crucificàrão, & sabendo quam ingratos lhe avião de ser; & em quanto não acabavam de capacitar que tal excesso de caridade só podia caber em hũ amor immenso, & infinito, antes querião adorar a Jupiter cõ tantos vicios, mas de homem, que a hũ Deos com taes virtudes, que excedião toda a razão, & juizo humano.

Prov. 3. 32.

1. Cor. 1. 23.

Fallemos agora de Deos, em quanto Deos, que he o summo a que pòde subir o encarecimento do nosso discurso. Mas sem encarecimento pergunto: Se ouvesse hum Rey, que tivesse hũ escravo ladrão, homicida, rebelde, traidor, & tão inimigo de seu Senhor, que muytas vezes ouvesse intentado tirarlhe a vida, & por estes delitos estivesse condenado à morte mais cruel, & infame.

me. E se este escravo tivesse hum só remedio, mais imaginario, que possivel, para escapar do castigo, qual seria, que a execuçam da sua sentença se passasse ao Principe filho unico do mesmo Rey: & sobre tudo, que o Rey sendo pay aceitasse, & tivesse por boa esta terrivel condição, & mandasse executar a sentença no filho unico, & innocente, & elle com effeito padecesse a cruel morte nos tormentos do infame supplicio; neste caso inaudito, torno a perguntar (ou pergunta São Bernardo, cuja he a consideraçam) averia em todo o mundo por onde se divulgasse, pessoa, ou Naçaõ inteira alguma, que naõ entendesse, & suppuzesse, que o tal Rey, & tal pay endoudecèra, & estava fóra de si, quãdo tal ordenou? Pois isto he o que fez o Eterno Padre, isto o que padeceo seu Unigenito Filho, & este o meyo có que se livrou o genero humano cativo, & condenado.

No sacrificio de Abraham, quando declarou a Isaac, que elle era a victima do sacrificio, & começou a lhe atar as mãos para mais seguramente o degolar, & pôr morto sobre a lenha; o que mais me admira he, que o moço, que era jà de vinte annos, naõ julgasse que o velho endoudecèra, & que aquella resoluçaõ era delirio de caduco. Cuidava eu que corrêdo deceria do monte ao valle, onde tinhaõ deixado os dous criados com o jumento, & que contandolhes o que passava, subissẽ todos tres ao monte a provar se podiaõ meter o velho em razaõ, & quando o naõ persuadissem, o atassem por força com os mesmos cordeis, & posto no jumento o levassem para casa. Mas se esta, que tantos finaes tinha de remattada doudice, naõ teve effeito no monte Moria, teve-o no Calvario. O Padre foy o Abrahaõ, o Filho o Isaac, os cravos o cutello, a Cruz a lenha, & o fogo, que em ambos,

ambos, & em tudo ardia, hum fino delirio do amor infinito.

Lembrame que na expediçaõ da guerra de Troya, naõ querendo ir a ella como prudente Ulysses, se fingio doudo: & a ficçam foy andar com hum arado abrindo regos na area. Querendo porèm experimentar os Gregos se a doudice era verdadeira, ou fingida, puzeraõ-lhe o filho diante do rego, que hia seguindo, a ver o que fazia; mas o pay quando chegou perto delle voltou, & desviou o arado. Passemos agora das areas de Grecia a Jerusalem. Que cousa he a Cruz, senaõ hum arado instrumento de pao, & ferro fixado na terra? E assim como os bois saõ os que tirao pelo arado, & o Lavrador he o que o governa: assim Deos, que debaixo do peccado quiz occultar o remedio, & debaixo do odio dos homens o seu amor, aos Judeos permitio que puxassem pela Cruz, mas elle era o que a governava. Supposto isto, ponhamos-lhe a Deos o seu Filho diante, & vejamos o que faz. Os Judeos foraõ os que lhe puzeraõ a Cruz, & o arado às costas: *Supra dorsum meum araverunt peccatores*. E Deos foy o que lhe meteo o ferro, & com quatro feridas penetrantes lhe tirou a vida: *Propter scelera populi mei percussi eum*. Se Ulysses assim o fizera, entenderiaõ todos que a doudice era verdadeira, & naõ fingida. E nòs que devemos inferir, & dizer? Por reverécia da Pessoa, & dissonancia da palavra, basta que entendamos o enigma. Isai. 53. 8.

V.

ASsim lhe succedeo a Xavier com as suas doudices, as quaes sendo assinadas por Santo Ignacio, confirmadas pelos Apostolos, cósagradas em Christo, & divinizadas em Deos, o que atè agora disse naõ foy Apologia com que as quizesse defender, senaõ panegyrico có que as pertendi

tendi illuſtrar, mas naõ tãto quanto ellas merecem.

Oh que venturoſos ſeriaõ muytos dos que neſte mundo ſe prezaõ de ſezudos, ſe à imitaçaõ deſte Sãto ſoubeſſem, & quizeſſem ſer doudos! Deixo os exẽplos de tantos grandes Senhores, Principes, Reys, Emperadores, que aſſim o fizeraõ, & ſó quero envergonhar os noſſos entendimentos com o de hum Gẽtio. Democrito, aquelle grãde Filoſofo, ſendo oraculo do mundo, & muyto rico, deixou quanto tinha, & foy-ſe viver em hum deſerto ſó, & muyto bem acompanhado, porque cõſigo. Os da ſua Cidade o tiveraõ por doudo, & mandàraõ huma embaixada a Hipocrates como Rey, que ſe dignaſſe de querer ir curar hum taõ grande ſugeito como Democrito, porque endoudecèra. Foy Hipocrates, ouvio de vagar ao doudo, & voltando ſem lhe aplicar remedio algũ, o que diſſe foy: Viſitei a Democrito como me pediſtes muyto particularmente, conheci os ſeus humores, ouvi as ſuas razoens, & vi a ſua vida, & nenhuma couſa achei que curar nelle, mas muytas que curar em mim. Eſte era o doudo para exemplo dos homens.

Para o das mulheres, em que as doudas nam devem ſer poucas, pois de dez Virgens eſcolhidas, as cinco eraõ fatuas, ſeja exẽplo o da grande Paula Romana, da qual diz Saõ Jeronymo no ſeu epitafio: *Cùm præ nimio fervore virtutum quibuſdam videretur inſana, & cerebrum illius dicerent reſovendum, reſpõdit: Theatrum, ſeu ſpectaculum facti ſumus Deo, Angelis, & hominibus.* Era Paula da primeira, & mais illuſtre nobreza Romana: tinha dado todas ſuas riquezas aos pobres, tinha trocado as galas por hum cilicio, tinha deixado o amfitheatro de Roma pelos deſertos da Paleſtina: & como por eſtas acçoens foſſe julgada por douda, reſpon-

reſpondeo com as palavras de Saõ Paulo, que ella tinha outro theatro, em que eraõ os eſpectadores, nam ſóos Romanos, ſenaõ Deos, os Anjos, & os homens, & que ſe os homens a julgavaõ por douda, a ella lhe baſtava que a Deos, & aos Anjos pareceſſe ſezuda. E ſuppoſto que à opiniaõ da doudice reſpondeo com alluſaõ ao amfitheatro Romano, naõ he penſamento alheyo da materia, q̃ tambem quizeſſe alludir à hiſtoria do doudo de Horacio, que acima tocamos, taõ celebrada em Roma, o qual ſe queixava de o terem curado, porque no tempo da ſua doudice, eſtando o amfitheatro ſolitario, elle ſó por arte, & architectura da ſua imaginaçaõ via taes feſtas, taes jogos, taes repreſentaçoens, taes comedias, & variedade de ſcenas tam admiraveis, quaes nunca as tinha invẽtado o poder, & magnificencia dos Emperadores. E pois diziam os que lhe chamavaõ douda, que tinha neceſſidade de lhe fomentarem, & curarem o cerebro, antes lhe fariam grãdiſſimo dano, q̃ beneficio, pois a privariam dos eſpectaculos verdadeiramente celeſtiaes, Angelicos, & Divinos, com que Deos diverte, & recrea a ſolidaõ dos que por ſeu amor trocaõ as Cortes pelos deſertos. Oh ſe o mundo, que todo he faſtios, quizeſſe provar os goſtos, que Deos lhe tem eſcondido, & de que ſó gozaõ, & ſaõ regalados os q̃ o amaõ: *Quàm magna multitudo dulcedinis tuæ Domine, quam abſcondiſti timentibus te!* Pſalm. 30. 20.

Acabo, & ſeja com hum documẽto muyto neceſſario, que parece ainda nos faltava. Perguntarà alguem: donde tirou, ou aprendeo Saõ Frãciſco Xavier eſtas ſuas doudices, & donde as poderà tirar algũ eſpirito deſejoſo de o imitar, & de endoudecer como elle? A Alma Santa, como exprimẽtada, o inculcou, & deixou declarado em hum texto bem notavel:

Cant. 2. 4. vel: *Introduxit me Rex in cellam vinariam, & ordinavit in me charitatem.* El-Rey Salamaõ, como tam sabio, tinha no seu Palacio varias cellas, em que estavaõ depositadas como em thesouro varias cõusas, as mais exquisitas do mundo. Isai. 39. 2. Huma cella dos mais exquisitos aromas, outra dos mais exquisitos contravenenos, outra dos mais exquisitos vinhos: & nesta diz a Alma Santa que o mesmo Rey Author dos Canticos a introduzio para ordenar nella a caridade. Com razaõ chamei a este texto notavel. Meter a Alma na cella dos vinhos para ordenar a caridade! Antes para desordenar esta virtude, & todas, era muyto propria a cella dos vinhos, porque elles perturbaõ, & tiraõ os homens do seu juizo, & fazem que fiquẽ fóra de si como doudos. Assim he, & por isso mesmo; porque a caridade bem ordenada, naõ he outra cousa que huma doudice santa. Dizem que *Charitas bene ordinata incipit à se ipsa*; eu differa: *Charitas bene ordinata non incipit, sed despicit se ipsum*: A caridade bem ordenada he aquella, que se deixa a si mesmo, & só trata de Deos, & dos proximos, para os levar ao mesmo Deos.

Respondendo pois à questaõ, a cella vinaria, em que a caridade se ordena, he a casa da fervente oraçaõ, & contemplaçaõ, na qual os Santos abrazados, & arrebatados do amor Divino saem fóra de si, & como doudos, ou tomados do vinho, com movimentos, & acçoens extraordinarias exercitaõ a bem ordenada caridade, nam fazendo caso de si, nem da propria vida, tratando só, ainda à custa della, de converter, & levar muytas Almas a Deos. Esta cella vinaria foy o Cenaculo de Jerusalẽ, em que os Apostolos postos em oraçaõ cõ ardentissimos affectos esperavaõ a vinda do Espirito Santo, & com ella tam dentro do mesmo Espiri-

to,

to, como fóra de si, começàraõ a prègar em varias linguas com taõ desusados impulsos, que os que os viaõ, & ouviaõ, diziam pasmados: *Quia musto pleni sunt isti*: Estes homens estaõ tomados do vinho. *An non tibi cella videtur fuisse vinaria illa domus, in qua erant Discipuli pariter congregati, cum factus est repẽte de Cœlo sonus tanquam advenientis Spiritus vehementis, & replevit totam domum? Et non ne unusquisque illorum exiens inebriatus ab ubertate domus illius dicere merito quibat, quoniam introduxit me Rex in cellam vinariam?* Assim o disse Saõ Bernardo dos primeiros Apostolos, & o podèra dizer do nosso. Toda a vida de Xavier era huma perpetua oraçaõ, & contemplaçaõ, ainda quando parecia mais divertido. Nella padecia, ou gozava dous arrebatamentos admiraveis. O primeiro, levantado da terra, com que publicamẽte, sem querer, foy visto muytas vezes O segundo, & mais notavel, cõ que levantando-se de si mesmo, & como fóra de si, obrava aquellas sãtas doudices, tantas, & tam extraordinarias no mar, & na terra, pelas quaes ao principio o reputavaõ por doudo, & depois o veneravaõ, & canonizavaõ por Santo. A sua caridade, pois era taõ ordenada, que toda se empregava na salvaçaõ das Almas alheas, nos alcance de Deos alguma imitaçam das suas doudices, para que vivendo, & morrendo sezudos, entrem tambem as nossas no numero das que elle ajudou a salvar.

Actor. 2. 13.

Bernardus Ser. 49.

SER-

SERMAM OITAVO.

FINEZAS.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

ODIA de à manhãa he o ultimo da nossa Novena, & tambẽ será o ultimo da vida do nosso Santo: & o dia antes do ultimo, he o dia das finezas. Assim guardou as suas o amor Divino & humano de Christo, para o dia antes do ultimo: *Ante diem festum Paschæ.* O que dissemos em todos os discursos passados das virtudes, milagres, & excellencias de Saõ Francisco Xavier, naõ foy pouco: mas o que deixamos de dizer he muyto mais. E onde as cousas saõ tam grandes, que naõ tem medida, & tantas, que naõ tem numero, como nunca pòde faltar a materia, assim he força que falte o tempo. Resumindo pois o que devèra ser muyto largo a brevidade de hum só dia, veremos

remos neſte tambem com hum pè no mar, outro na terra, entre as obras, & acçoens de Xavier empregadas todas na conquiſta da ſalvaçaõ das Almas, quaes foraõ as de mayor fineza.

II.

AS finezas deſte ultimo, ou penultimo dia, foraõ no infinito amãte das noſſas Almas as que tantas yezes, & por tantos modos ouvimos encarecer, poſto que nunca baſtantemente louvar. E para que as de Xavier foſſem finiſſimas, baſta q̃ vejamos quam ſemelhantes foraõ a ellas. Por iſſo em tudo o que põderarmos, ſerà Chriſto o ſoberano Original, & Xavier a copia; Xavier a exacta imitaçaõ, & Chriſto o ſummamente perfeitiſſimo exemplar. Tudo o que podia inventar a Sabedoria, tudo o que podia obrar a Omnipotencia, & tudo o que podia querer, & deſejar o amor, he o que a fineza do meſmo Amor de Chriſto fez por todos os homens. E ſe neſte todo, ou tudo, quizer eſtimar, & agradecer cada hum a parte que lhe cabe, ou todos comprehender o que he o todo, cada hum acharà que fez, & padeceo tanto por cada hum, como por todos, & todos com reciproca admiraçaõ, que padeceo tanto por todos, como por cada hum.

Eſcrevendo Saõ Paulo aos Romanos, diz que o Filho de Deos morreo por todos nòs: *Sed pro nobis omnibus tradidit illum*: & eſcrevendo aos Galatas, diz q̃ o meſmo Filho de Deos morreo ſó por elle: *Qui dilexit me, & tradidit ſemetipſum pro me*. Pois ſe Chriſto morreo por todos, como morreo ſó por Paulo? & ſe morreo ſó por Paulo, como morreo por todos? Por q̃ eſſa foy a fineza do Amor do Filhõ de Deos, morrer por todos os homens em commum, & morrer por cada homem em particular; & fazer, & padecer tanto por cada hum, como fez, & Rom. 8. 32. Galat 2. 20.

& padeceo por todos. Assim o Redemptor do mundo, & assim à sua imitaçam Xavier. De tres meyos usava Xavier para converter as Almas dos peccadores: o primeiro, a frequente, & fervorosa oraçaõ para com Deos, sem cuja graça se naõ pòdem converter: o segundo, as exhortaçoens, & razoens fortes, & solidas fundadas no temor do mesmo Deos, & da eternidade cõ que os procurava persuadir: & o terceiro, tomando sobre si a satisfaçaõ das penas, que mereciaõ por seus peccados. A este fim tinha humas cadeas de ferro armadas de agudas rozetas, com que no caso de mayor obstinaçaõ se açoutava cruelmente diante delles, & com as costas lavadas em sangue, attonitos daquelle espectaculo de caridade se reduziaõ. Isto fazia secretamente por todos, & em publico, quando naõ bastava, diante dos olhos de cada hum.

Tornemos agora a Christo na Cruz morto por cada hum, & por todos, & ouçamos a declaraçam, & cõmento daquelle estupẽdo mysterio. Mas quem será o Cõmentador? O melhor, & igualmente estupendo, o Divinissimo Sacramento do Altar. As palavras da consagraçam do corpo dizem: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur*: Este he o meu corpo, que por amor de vòs será entregue aos que o haõ de pòr na Cruz. As da consagraçaõ do sangue: *Hic est calix sanguinis mei, qui pro vobis effundetur*: Este he o caliz do meu sangue, que por amor de vòs será derramado. Agora pergunto: E esse corpo crucificado por nòs, & esse sangue derramado por nòs, como se nos dà a nòs no Sacramento? Por ventura huma parte a hum, & outra parte a outro? Parece que sim; porque Christo Senhor nosso depois da consagraçaõ disse aos Apostolos: *Dividite inter vos*: Dividi entre vòs. Logo se aviaõ de dividir, & repartir, huma parte havia

1. Cor. 11. 24.

Luc. 22. 17.

via de caber a Pedro, outra a Joaõ, a Andre outra? Naõ: tanto a Andre, como a Joaõ, como a Pedro; mas naõ parte, senaõ todo, & inteiro: *Non confractus, nõ divisus integer accipitur.* E porque? Porque assim como Christo no Sacramento se dà todo a todos, assim se dà todo a cada hum: *Sic totum omnibus, quod totum singulis.* Donde se segue, que cõmungando muytos mil, ou hum só, tanto recebe esse só, como todos aquelles mil: *Sumit unus, sumunt mille, quantum isti, tantum ille.*

Pareceme que estou vendo, & ouvindo a Sam Francisco Xavier, ou no Japaõ declarando a Ley do verdadeiro Deos a tres mil Bonzos; ou na Costa da Pescaria, servindolhe de Pulpito huma arvore, prègando a cinco mil Paravàs: ou em Travancor bautizãdo em hum dia a quinze mil Almas, jà sem alento na voz, nem forças nos braços: ou em Cambaya, Pegu, Narsinga, & outros Reynos, & Naçoens, ensinando por varios modos o caminho da salvaçam a muytos milhares: & logo por outra parte disputando com hum Bramene, catequizando hum Mouro, cõfessando hum Christaõ, ajudando a bem morrer hum enfermo. E em qual destes lugares, ou tempos, estava mais aplicado todo Xavier? Todo com aquelles, & todo com qualquer destes: todo quando com tantos mil, & todo quando com hum só, porque tanto se dava a hum só, como a muytos mil: *Sumit unus, sumunt mille, quantum isti, tantum ille.*

III.

COmo os dous elementos de Xavier eraõ o mar, & a terra, assim lhe poz Christo em si mesmo dous exemplares desta fineza, em que o avia de imitar, hum na terra, outro no mar: na terra, a parabola do pastor, que buscou a ovelha perdida; & no mar, a do Mer-

Mercador, que buſcava perolas, que he mercadoria maritima. Que homem ha, diz Chriſto: *Quis ex vobis homo*; o qual ſe de cem ovelhas perdeo huma, naõ deixe as noventa, & nove no deſerto, & và buſcar a perdida? Antes, replica Saõ Pedro Chriſologo, nam ha homem que tal couſa faça: donde ſe infere que eſte paſtor, naõ he paſtor da terra, ſenaõ do Ceo, & eſte homem, naõ he ſó homem, ſenaõ homem, & Deos: *Ergo non terrenus paſtor iſte, ſed cæleſtis.* E em que ſe funda huma conſequencia taõ alta, & taõ notavel? Explicarey o Doutor mais delicado com o mais profundo, & a Chriſologo com Tertulliano. Se eſte paſtor fora como os outros paſtores, compuzera-ſe com a perda, ſendo de huma ſó ovelha. Jacob taõ famoſo paſtor, tendo o ſeu rebanho em perigo por medo de Eſaù, dividio-o em tres partes, dizendo: Se ſe perder huma parte, ſalvar-ſe-ha outra: *Si percuſſerit unã turmam, ſalvabitur alia:* mas eſte paſtor, nem huma ſó ovelha conſentio que ſe perdeſſe, & ſe naõ ſalvaſſe. Se fora homẽ como os outros homens, diz Tertulliano, amàra, & eſtimàra huma ovelha, como huma; mas eſte amou, & eſtimou tanto huma, como todo o rebanho: *Una paſtoris ovicula; ſed grex una charior nõ erat.* Se fora como os outros homens, ſentìra a perda com a differença de noventa, & nove ſalvas a huma perdida; mas eſte ſentio tanto perder huma, como ſe perdèra todas: *Una illa requiritur, pro omnibus deſideratur.* E quem ama tanto huma ovelha, como todo o rebanho, & ſente tãto perder huma, como ſe perdèra todas; bem ſe infere que naõ he paſtor como os outros paſtores, nem homem como os outros homens, ſenaõ homem, & juntamente Deos, como Chriſto: *Non terrenus paſtor iſte, ſed cæleſtis.*

Luc. 15. 4.

Chriſol. Serm. 168.

Genes. 32. 8.

Tertull. lib. de pœnit. cap. 8.

Paſſemos da terra ao mar, do paſtor ao Mercador,

dor, & das ovelhas às perolas. O negocio da salvaçaõ, diz Christo, he semelhante a hum Mercador, que buscava perolas, & achando huma preciosa, a comprou, dando por ella quanto tinha: *Inventa una pretiosa margarita, venaidit omnia quæ habuit, & emit eam.* Pois se este Mercador buscava naõ huma, senaõ muytas perolas, *quærenti bonas margaritas*; porque dà todo o seu cabedal por huma só? Se differa que esta era mais preciosa que todas clara estava a razaõ do mayor empenho; mas o texto naõ diz que era mais preciosa, senaõ preciosa sómente: *invenia una pretiosa*, logo se o preço do seu cabedal era igual a muytas, como o dà todo por huma: *Dedit omnia sua, & emit eam?* Porque este Mercador, como dizẽ todos os Santos, era Christo; as perolas, como as ovelhas do pastor, eraõ as Almas; & comparado o numero com o preço, tanto emprego fazia Christo em huma, como em todas, & em todas, como em huma. Por isso o mesmo Senhor chamando universalmente a todos, *Venite ad me omnes*, Matth. 11. 28. humas vezes chamava hũ só Zacheo, & outras hum só Mattheos, havendo por tambem empregado o preço em todos, como em hum só, & em hum só, como em todos.

Matth. 13. 46.

Ponhamos agora os olhos em Xavier no mar, & na terra. Na terra as suas peregrinaçoens eraõ buscando as Almas de todo o Oriente, & tal vez se embarcou só, como hontem vimos, para cõverter hum Soldado: no mar as suas navegaçoens, eraõ tambẽ para a conversaõ de todos, & tal vez deixando a derrota do mar, saltou em terra só para converter hum Judeo, tam inimigo de Christo, como seu. Em hũ só homem ajuntou o mesmo Santo estes dous exemplos; porque para tirar de mão estado hum Piloto, se embarcou com elle, & porque o naõ pode converter

no

no mar, se tornou a desembarcar com elle, para o cõverter, como converteo, em terra. Assim como bom pastor deixava as noventa & nove ovelhas, para nam perder huma sò ovelha. E assim como bom Mercador, podendo cõprar muytas perolas, empregava todo o cabedal em huma sò perola.

E para que este modo de estimar tanto huma Alma como todas, naõ pareça encarecimento apparéte, & naõ fineza verdadeira, & solida; vejamos a verdade della em todo o rigor da Theologia, & da Fè, & como he fundada nas acçoens do mesmo Christo, a quem Xavier vay sempre seguindo, & imitando nas suas. Os fins do altissimo mysterio da Redempçam foraõ dous, assim como tinhaõ sido dous os effeitos, & defeitos, que causou no genero humano o peccado de Adaõ. Adaõ foy creado em graça, & à imagem, & semelhança de Deos, & pelo peccado, perdẽdo a graça, ficou cativo do demonio, & afeando a imagem de Deos, de fermosissima que era, ficou nelle disforme, & semelhante aos brutos. Para reparo pois destes dous defeitos, se fez o Filho de Deos Homem, & veyo ao mundo: o primeiro, para resgatar o homem do cativeiro do demonio: o segundo, para reformar nelle a imagem de Deos afeada, & disforme, & reduzila à sua primeira fermosura. Assim o canta a Igreja:

Dominica secũda post ascha.

Nascente qui mundo faber
Imaginem vultus tui
Tradens Adamo, nobilem
Limo jugâsti spiritum.
Cum livor, & fraus dæmonis
Fœdasset humanum genus:
Tu carne amictus, perditam
Formam reformas artifex.

Este era o estado de todas as Almas cativas pelo cativeiro do peccado, & disformes pela deformidade da imagem. Considerando-as pois Xavier remidas do cativeiro, & reformadas na imagem por Christo, assim no preço da Redempçaõ, como no reparo da imagem, via claramente, que taõ preciosas, & taõ fermosas eraõ todas, como huma, & huma, como todas. Taõ preciosas todas como huma, & húa como todas quanto ao preço; porque sendo o preço do sangue do Redemptor infinito, naõ se podia dar mais a todos, nem menos a cada hum. E taõ fermosas todas como huma, & huma como todas quanto à representaçaõ da imagem; porque sendo a imagẽ de Deos, nem a todos se devia mayor estimaçaõ pelo numero, nem menor a cada hum pela materia.

Ponhamos o exemplo em huma Imagẽ de Christo. Esta Imagem, ou póde ser de ouro, ou de chumbo, ou de marfim, ou de ebano, ou de marmore, ou de barro. E taes eraõ os estados, & differenças das Naçoens, & pessoas, a que Xavier prègava: huns eraõ, como de ouro, Principes, & illustres; outros como de chumbo, em fraze da India, casta baixa: huns, como de marfim, brancos, como os Portuguezes; outros, como de ebano, negros, como os Ethiopes: huns, como de marmore, fortes, & constantes, como os Japoens; outros, como de barro, fracos, & mudaveis, como os de Tolo. Mas como em todos se representava a Imagem de Deos reformada por Christo, tanto estimava, & amava o Santo a huns, como a outros, & tanto a cada hum, como a todos, & a todos, como a cada hum.

VI.

Esta fermosura das Almas em quanto Imagẽs de Deos (para o amor) & este preço infinito em quan-

quanto reſgatadas (para a eſtimaçaõ) foraõ os dous motivos, & incentivos gèraes, com que a Alma de Xavier, em tudo o que fez, & padeceo pelas alheas, obrou ſempre taõ fina, & heroicamente, como de quẽ era. Mas ſendo a meſma fineza taõ fina, haverà por ventura algũa circunſtancia, que ainda a affine mais, pois iſto he o que vai buſcando, & inquirindo o noſſo diſcurſo? O que elle me offerece he a do tempo na continuaçaõ, & perpetuidade, & a do zelo ardente, que na meſma continuaçaõ (como ſuccede aos affectos humanos) ſenaõ effriava, ou remitia, antes creſcendo ſempre fazia a ſede da ſalvaçaõ das meſmas Almas, naõ ſó mayor, & mais intenſa, mas verdadeiramente inſaciavel. E para que fallemos neſte ponto taõ relevante com ordem, & com diſtinçaõ; digo que foy inſaciavel na vida, inſaciavel na morte, & atè depois da morte inſaciavel, levando ſempre o ſoberano exemplar diante.

O tempo da Sagrada humanidade de Chriſto, em quanto andou neſte mundo em carne mortal, chama-ſe propriamente via, porque ſó naquelle tẽpo, como fallaõ os Theologos, foy viador, condiçaõ neceſſaria para poder merecer. Diz pois David, que o Verbo Divino encarnado, ou encarnando, ſe alvoroçou grandemẽte para correr eſta via, ou paſſar eſta carreira com paſſos de Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.* Pſalm. 18 6. E o meſmo Senhor por boca do meſmo Profeta diz que a correo ſempre cõ ſede: *Cucurri inſiti.* Pſalm. 61 5. Se perguntarmos agora, que ſede era eſta de Chriſto; reſponde Santo Agoſtinho, que era a ſede da ſalvaçaõ das Almas, ainda dos meſmos que o matàraõ: *Illi interficiebãt, ego eos ſitiebam: illi honorem meũ cogitaverunt repellere, ego eos in corpus meum ſitiebam trajicere.* Nos primeiros trinta annos eſteve parada

rada a carreira; mas assim como em todo aquelle tẽpo crecia Christo na idade, na sabedoria, & na graça diante de Deos, & dos homens; assim crecia immensamente na mesma sede de os salvar. Chegados em fim os tres annos seguintes destinados pela Divina Providencia para esta celestial empreza; creyo que naõ será desagradavel à devoçaõ, & curiosidade dos que me ouvem, verem distinta, & ordenadamente o que Christo correo em cada anno.

No primeiro sahio de Nazareth a Capharnaù, de Capharnaù a Jerusalem, de Jerusalé a Galilea, de Galilea a Samaria, de Samaria à Cidade de Canâ, de Canâ a Capharnaù, de Capharnaù ao deserto, do deserto às prayas de Tiberiades, dalli a Genezareth, de Genezareth outra vez ao mar, & do mar outra vez a Capharnaù. Em todos estes caminhos, & lugares, prègando, fazendo milagres, curando enfermos, lançando demonios dos corpos, resuscitando a filha do Archisinagogo, alimpando o Templo dos que nelle negociavaõ, chamando a Pedro, & Andre, a Joaõ, & Jacobo, & pouco depois a Mattheos Publicano, convertendo nomeadamente a Nathanael, a Nicodemos, & à Samaritana, com todo o seu Povo, correndo sempre com sede de salvar mais Almas: *Cucurri in siti.*

No segundo anno, de Galilea passou a Jerusalé, de Jerusalem ao Mõte, que depois se chamou, *Mons Christi*, o mais alto de toda aquella regiaõ; do Monte a Capharnaù, de Capharnaù à Cidade de Naim, de Naim ao mar de Galilea, do mar ao deserto, do deserto outra vez ao mesmo mar, em huma grande tempestade, parte pizando-o sobre as ondas, & parte navegando depois de amansado atè Genezareth, & de Genezareth outra vez ao deserto, naõ dando passo sem novos milagres, & no-

va

va doutrina. Entaõ publicou, & promulgou a nova Ley do Evangelho, & da Graça, reformando a de Moyſes, reduzindo o Matrimonio à ſua primeira unidade, emendando os abuſos do adulterio, eſtabelecendo o amor dos inimigos, aconſelhando, poſto que naõ mandando, a perpetua continencia, reſuſcitando o filho da viuva, aceitando, louvando, & defendendo a penitencia da Magdalena, perdoãdolhe os peccados, convertẽdo a Simaõ Leproſo, ao Centuriaõ, ao ſeu criado, ao Regulo, & toda ſua familia, correndo ſempre cõ a meſma ſede das Almas: *Cucurri inſiti.*

No terceiro anno, de Capharnaù caminhou às partes de Tyro, & Sidonia, de Tyro a Galilea, de Galilea a Bethſaida, de Bethſaida a Ceſarea de Philippo, de Ceſarea ao Tabòr, do Tabòr por Galilea a Capharnaù, de Capharnaù a Decapolis, de Decapolis a Jeruſalem, de Jeruſalem a Jericò, de Jericò a Betharaba, naõ havendo em toda Judea, & Galilea Villa, Lugar, ou Aldea, que o Divino Meſtre naõ alumiaſſe com os rayos de ſua doutrina, & naõ ſantificaſſe com os veſtigios de ſus ſacratiſſimos pès: prometendo o Ceo, & ameaçando o inferno (dous pótos, em que ſe naõ falla palavra na Ley velha) enſinando as ignorancias dos Legiſperitos, reprehendẽdo as hypocreſias dos Eſcribas, & Fariſeos, & naõ perdoando às maldades, & malicias de Herodes, convertendo a Cananea, & a filha, & a outra mulher da meſma Phenicia, que eſcõdidamente quiz roubar a ſaudè a Chriſto, tocandolhe na ultima ourela das veſtiduras: & o cego de ſeu nacimento, & o Paralitico da Piſcina, & Zacheo Principe dos Publicanos com toda ſua caſa, & infinitos outros em todos os tres annos, que por naõ terem hiſtoria particular, ſe involvem na generalidade das

das Turbas, correndo sempre, & cada vez com mais insaciavel sede: *Cucurri in siti.*

Santo Agostinho considerando o insaciavel desta sede, falla com o mesmo Christo, & diz assim: E bé, Senhor, nòs naõ vemos o infinito concurso com que as gentes vos seguem taõ enlevadas em vòs, & tam esquecidas de si, que para naõ morrerem de fome no caminho vos foy necessario dar de comer milagrosamente a quatro mil em hum deserto, & em outro deserto a cinco mil? Nam vemos que naõ só nas ruas, senaõ nas praças vos cercaõ, & apertaõ de tal sorte, que naõ podeis dar passo: Luc 8. 45. *Turbæ te comprimunt*: Nam vemos que todos huns sobre outros, para participar de vossa infinita virtude procuraõ tocar ao menos hum fio das vossas roupas: Luc 6. 19. *Omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes?* Naõ vemos que as accusaçoens de vossos inimigos naõ saõ outras, senaõ que todo o mundo vay apoz vòs: *Totus mundus post eum abijt?* Porque naõ bastarà logo tudo isto para retardar hum pouco a pressa cõ que correis, & moderar o ardor da sede, em que vos abrazais: *Cucurri in siti?* Assim diz, & podèra dizer muyto mais Agostinho; mas esses argumentos, & objecçoẽs, & outras muytas que se pudèraõ deduzir, todas provaõ, & confirmaõ com evidencia, que a sede das Almas, com que o Redemptor dellas solicitava sua salvaçaõ sem descançar de dia, & de noite, no mar, & na terra, caminhando, prègando, & ganhando ascom beneficios, & milagres, foy sede, como diziamos, em toda a sua vida insaciavel. Ioan. 12. 19.

V.

SE agora ouvessemos de seguir os passos de Xavier, com que elle imitou a mesma sede, & a mesma carreira, posto que a naõ podia

podia igualar: *Sequiturque Patrem non passibus æquis*; naõ só seria digressaõ muyto dilatada, & naõ necessaria, depois de aver dito tãto neste mesmo genero. Mas por naõ quebrar o fio do discurso nesta fineza, he força referir correndo, o que baste para prova della. Quando Saõ Frãcisco Xavier, partindo de Moçambique para a India, sahio em terra na Ilha de Socotorà, habitada de gente cafres na cor, Mahometanos na crẽça, & no nome muytos delles Christãos; o que lhe persuadia o seu fervente desejo da salvaçaõ daquellas pobres Almas, descreve na historia original Portugueza o famoso Escritor da sua vida, por estas palavras: Como os que padecèraõ grande sede caminhando por lugares desertos, se arremeçaõ às vezes, & debruçaõ sobre as primeiras aguas (quaes quer que ellas sejaõ) naõ esperando pelas fontes, & ribeiras mais doces, & claras, que estaõ logo adiãte: assim levou neste passo ao Padre Mestre Francisco o seu ardente zelo da salvaçaõ das Almas. Demaneira que quasi esquecido dasque em todo o Oriẽte o esperavaõ, pedia muy de verdade ao Governador, o deixasse ficar em Socotorà. Passando porèm (porque naõ permitia outra diversaõ o seu roteiro) à India, & correndo muytas vezes o interior, & maritimo daquellas costas, fazẽdo innumeraveis Christãos, naõ bastou a lhe mitigar a sede, tudo o q̃ nellas abraçaõ com suas correntes o Indo, & Ganges. Em Malàca, onde venceo os calores da linha equinocial o que ardia em seu peito, quanto mais eraõ as Almas que convertia, tanto mayores eraõ os excessos cõ que o desejo de banhar com as aguas do Bautismo as outras, o apertava. Na grande Ilha de Amboino, & nas outras vizinhas, & remotas, o regelo natural com que os coraçoens dos barbaros estavaõ endurecidos, parece que pudèra esfri-

Lucen. lib. 1. cap. 12.

esfriar ao mesmo fogo; mas como se obrasse por modo de antepariſteſis o acendia mais, sempre prègando, sempre convertendo, sempre bautizando innocentes, & adultos, em Povos, & Naçoens inteiras. Chegado ao Japaõ, cujas Almas como mais politicas, mais sabias, & mais capazes de receber a Fè, & a defender constantemente; aqui se lhe abrazavaõ mais as entranhas, & se lhe confirmou a hidropesia.

Mas assim como Agostinho se admirava da sede de Christo, naõ se satisfazendo dos que a milhares o seguiaõ; q̃ diremos nòs do que jà temos ouvido, que as Naçoens assim politicas, como barbaras, naõ só a milhares, senaõ a milhoens, seguiaõ, ouviaõ, & se convertiaõ à prègaçaõ de Xavier? o que naquelle Povo ingrato raras vezes succedia ao mesmo Filho de Deos. Que sede era logo esta taõ insaciavel de Xavier? Era sede das Almas, mas naõ sede só da Alma, senaõ muyto mais do corpo, que tanto trabalhava, & se fatigava por ellas. Notavel sede he, a que David descreve, ou suppoem fallando assim com Deos: *Sitivit in te Anima mea, quàm multipliciter tibi caro mea.* A minha Alma Senhor teve sede em vòs, mas o meu corpo a teve para vòs de tantos modos, que só os sey admirar, *quã multipliciter.* Nota Sãto Agostinho, ponderando aquelle *tibi*, que os homens gèralmẽte todos andaõ naõ vivendo, senaõ morrendo de sede, & de muytas sedes, mas todas para si, & naõ para Deos: *Videte quàm bonũ hic est, sitivit tibi, sunt enim multi qui sitiunt, sed nõ Deo.* Xavier tinha mais sede, & mais sedes que todos, mas todas para Deos, & nenhuma para si. E porque diz que estas muytas sedes eraõ do seu corpo, & naõ da sua Alma, *quàm multipliciter tibi caro mea?* Porque a sede da Alma he o desejo, que sempre era hum; as sedes do corpo, diz o mesmo Santo

Psalm. 62. 2.

Santo Agoſtinho, eraõ os trabalhos: *Quàm multipliciter laborat, tam multipliciter ſitit; quàm multipliciter fatigatur, tam multipliciter ſitit.* A ſede da Alma de Xavier era ſempre huma, & a meſma de ſalvar as Almas. A ſede do ſeu corpo, eraõ tantas, taõ varias, taõ multiplicadas, como os trabalhos, & fadigas que por ellas padecia. Os caminhos ſedes, as navegaçoens ſedes, as tempeſtades ſedes, os encontros, & perſeguiçoens ſedes, as prègaçoens, as diſputas, as converſaçoens particulares ſedes: ſedes as oraçoens, ſedes as lagrimas, ſedes os ſacrificios, ſedes as penitẽcias, ſedes as vigilias, ſedes os jejuns, ſedes as fomes, & atè as ſedes ſedes. E tal foy a ſede das Almas em Xavier, inſaciavel na vida.

VI.

SEgue-ſe a ſede inſaciavel na morte; & como eſta he execuçaõ de hum inſtante, ſerà breviſſima a conſideraçaõ della. Morreo Chriſto na Cruz, & quem o matou? Porque elle naõ pode matar a ſede, a ſede o matou a elle. Cuidamos que foy a Cruz o que o matou, & naõ foy a Cruz, ſenaõ a ſede. Por iſſo na Cruz, quando diſſe *Sitio*, Tenho ſede, acrecentou: *Conſummatum eſt*; dizendo, que a ſua vida eſtava acabada, & aſſim o declarou o Evangeliſta: *Et inclinato capite tradidit ſpiritum.* Ouçamos a Drogo Hoſtiẽſe. Eſte Author taõ douto, como pio, ſobre a palavra *ſitio* faz duas perguntas a Chriſto. A primeira, que ſede he a ſua: *Quid ſitis?* A ſegunda, porque ſe queixa da ſede, & naõ da Cruz: *De Cruce ſiles, & de ſiti clamas?* A' primeira reſponde o Senhor, que a ſua ſede he da noſſa ſalvaçaõ: *Sitio veſtram ſalutem.* E à ſegunda, que mais o atormenta a ſaude das noſſas Almas, que os tormentos do ſeu corpo: *Plus Animarum veſtrarum, quã corporis mei cruciatio me tenet.* Joan. 19. 28. & 30.

Aſſim

Assim morreo de sede das Almas o Senhor, que morrendo lhe abrio as portas da salvaçaõ. E naõ acabou menos abrazado, & menos morto de sede o seu grande imitador. A propriedade naõ pòde ser mais propria. Partio Xavier do Japaõ para a China, a cuja vista o trasladou Deos para a eterna; & com que motivo fez esta viagem, que ainda entaõ naõ sabia que era a ultima? Diz a sua historia, que tendo entendido no Japaõ, que as Seitas, superstiçoens, & ritos, que nelle se seguiaõ, todos tinhaõ manado da China, o seu intento foy ir reconhecer as fontes originaes daquella cegueira, & os fundamentos, com que tinhaõ lançado taõ profundas, & dilatadas raizes os mesmos erros, para mais interiormente examinados là, os refutar, & convencer primeiro, & donde tinha sahido a mentira, viesse tambẽ a verdade, & fosse por isso melhor recebida dos discipulos depois de desenganados os mestres. Assim foy buscar o Divino a fonte de Sichar com o disfarce de hum caminhante cãçado, que isso quer dizer, *Sedebat sic*; & como o seu fim, & intento era, naõ a sede da agua, que naõ bebeo, mas a das almas da Samaritana, & da Samaria; assim era a de Xavier, naõ só salvar os Japoens, senaõ tambem os Chinas. Que maravilha logo que estalasse à sede, quem a padecia taõ immensa? E que acabasse a vida, naõ dizendo com as palavras, mas bradando com as ultimas respiraçoens: *Sitio, sitio?* Joan. 4. 6.

VII.

VIsto jà hum, & outro zelo (ou verdadeiramente o mesmo) insaciavel na vida, & insaciavel na morte; só resta que o vejamos tambem depois da morte insaciavel. Entre as coulas insaciaveis (depois de nomear tres, que o saõ com mayor excesso) a mais insaciavel de todas, diz Salamaõ,

lamaõ, que he o fogo, o qual nunca diz basta: *Ignis nunquam dicit, sufficit.* Mas quando o fogo se apaga, & morre, morre tambem cõ elle a sua insaciabilidade; o q̃ naõ succedeo à de Christo, nem à de Xavier, sendo o zelo da salvaçaõ das Almas taõ inextinguivel no soberano exemplar, como na excellente copia, que assim como a sede tinha sido insaciavel na vida, & insaciavel na morte; assim foy depois da mesma morte insaciavel. Espirou Christo Redemptor nosso na Cruz, inclinando a cabeça: *Inclinato capite*; acçaõ, como ultima, chea de altissimos mysterios. O em que concordão os Expositores he, que naõ se podendo declarar com a voz, pois a morte lha tirava; nem com os braços, & mãos, pois as tinha pregadas; quiz manifestar com aquella inclinaçaõ para a terra onde deixava os homens, que por mais que do seu corpo se apartava a Alma, o zelo, & amor das nossas, que tivera na vida, & na morte, depois della, como dantes ficava comnosco. *Inclinato capite* (diz Hugo Cardeal) *quasi supponens humeros ad portandum nos, & onera nostra: ac si dicat: Caput inclino, ut videatis me paratum ad onera vestra portanda, & ponatis ea super me.* Morreo amoroso, & piedoso Redemptor, naõ levantando a cabeça para o Ceo, mas inclinando a para a terra, *inclinato capite*; offerecendonos os hombros para nos tomar nelles, & sobre elles todo o pezo de nossos trabalhos. Como se dissera: Estes saõ os hombros, em que buscando, como bom pastor, a ovelha perdida no meyo das brenhas, cõ grãde alegria de a ter achado, a puz, & levey sobre elles: Estes saõ os hombros, em que caminhando para a morte, sustentey sobre elles a Cruz, & o pezo de todos os peccados do genero humano para o salvar: & para que depois de morto saibais que sou o mesmo que vivo, & vive na minha Alma

Prov. 30. 16.

Hugo ibid.

Ioan. 19 30.

ma o mesmo desejo, a mesma ansia, & a mesma sede da salvação das vossas: aqui vos offereço de novo os mesmos hombros, para que as descarregueis sobre elles, & todo o pezo, de que só eu vos posso aliviar. Isto fez, & isto disse Christo na morte: & esta foy a segunda parte daquelle sonho, em que o Indio agigantado, depois da luta dos braços, se lhe passou aos hombros de Xavier, onde elle morrendo o tornou a tomar, não recusando o pezo immenso de tamanha carga, mas inclinando a elle a cabeça, com tão ardente desejo, & valor, & taõ admiravel imitaçam de Christo, como agora veremos.

Em outro sentido disse Salamão no capitulo quarto do Ecclesiastes: *Unus est, & secundum non habet, non filium, non fratrem, & tamen laborare non cessat, nec satiãtur oculi ejus divitijs.* Ecclesiast 4 8. Ha homẽ que sendo hum, & não tendo segundo, nem filho, nem irmão, não cessa com tudo de trabalhar, nẽ a sede dos seus olhos se pòde fartar com as riquezas que tem. E que homem, & que hum he este em consideração mais alta, & não menos verdadeira, & propria? Santo Ambrosio, São Jeronymo, Alcuino, Salonio, & outros graves Authores, dizem que he Christo depois de morto. Refiro só as palavras de Santo Ambrosio. *Est unus, & non est secundus is, de quo dictum est: Magister vester unus est Christus, Unigenitus Dei Filius, solus, primus, unus Deus, unum quid cum Patre, unicus sine peccato, solus sine adjutorio in Passione.* Este Homem hum, & só, he Christo; hum em quanto Mestre, hum em quanto Deos, hũ em quanto Unigenito do Padre, hum, & só sem peccado, hum, & só, & sem companhia na sua Payxão. E sendo hum, & só, que faz? *Non est finis laborum ejus, quia pro omnibus advocatus est apud Patrem, & pro nobis dolet, & infirmatur, non satiatur*

tiatur oculus ejus divitijs, quia ipse est altitudo divitiarum sapientiæ, & scientiæ Dei, in quo sunt omnes thesauri mysteriorũ cœlestium. E com tudo este mesmo Homem, & Deos juntamente, depois de morrer na terra, não cessa de trabalhar, & pór fim a seus trabalhos no Ceo, avogando por nòs, doendo-se de nòs, tomando sobre si as nossas miserias, & fraquezas, nem bastando as riquezas immensas, & thesouros infinitos que goza na sua Gloria, para se fartar o desejo, & sede que tem de nossa salvação. Isto he o q̃ Christo obra sem cessar à dextra do Padre; o que São Paulo declarou pelos termos de *Purgationẽ peccatorum faciens, qui etiam interpellat pro nobis*; sendo o mais encarecido de todos a prodigiosa aparição, com que o mesmo Christo em Pessoa, para o converter a elle, deceo do Ceo à terra. Mas com licença de tão doutos Expositores do texto de Salamão, como Ambrosio, & Jeronymo, quizera eu que elles me explicàrão, & aplicàrão em particular aquellas tres clausulas passadas em silencio: *Secundum non habet, nec filium, nec fratrem*: que Christo nestas acçoens, ou obras, em que trabalha no Ceo, não tem segundo, nem Filho, nem irmão. Entendo porèm que o não fizerão, nem podião fazer, porque em seu tempo não conhecèrão a Francisco Xavier; que se tiveram noticia do que obrou, & obra depois de morto, & depois de estar no Ceo, sem duvida affirmarião que o mesmo Christo hum, & unico tem segundo, pois Xavier foy nas mesmas obras postumas hum tão diligente, & perfeito imitador das suas: & que teve filho, pois foy tão legitimo herdeiro do seu zelo, & do seu espirito. E finalmente que teve irmão, porque em se não fartar a sua sede com as riquezas, & glorias da Patria, & tornar a este mundo peregrino della, nenhum ouve

Hebr. 1. 3. Rom. 8. 34.

tão parecido, & semelhante ao mesmo Christo, nem tão irmão seu: *Secundum, filium, fratrem.*

E para que vejamos o que digo com os olhos, permitime que use daquella figura chamada Prosopopèa, com que as cousas que naõ tem corpo, nem cor, nem voz, se fazẽ sensiveis. David, a quem na terra intizicava o seu zelo: *Tabescere me fecit zelus meus*: David, a quem o zelo da casa, & serviço de Deos comia, & abrazava as entranhas: *Zelus Domus tuæ comedit me*: dizia de si, que quando no Ceo visse a Gloria de Deos, & Deos lhe mostrasse a sua face, entaõ, & só entaõ se fartaria a sua sede: *Satiabor, cum apparuerit Gloria tua: quando veniam, & apparebo ante faciẽ Dei.* Isto mesmo parece que devia dizer Xavier, quando desatada sua Alma das prizoens do corpo, se vio no Ceo, & com tanta gloria, repetindo cõ o mesmo David: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam, quoniam singulariter in spe constituisti me.* Já se compriraõ as esperanças dos meus desejos, já se acabàraõ os trabalhos dos meus sonhos, agora he o tempo, & por isso mesmo, de dormir, & descançar em paz: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam.* Assim cuidava eu que havia de ser; mas o effeito mostrou que não foy assim. Perguntou Deos a Xavier diante de toda a Corte celestial, quando là entrou com mayor acompanhamento, & triunfo de Almas, que nenhum outro: E bem, Francisco, estàs já contẽte, & satisfeito? Aqui onde esquece tudo o passado, lẽbraste ainda daquelles teus mais, & mais, com que me via taõ importunado dos teus fervores? Calou, & emmudeceo Xavier, por reverencia; mas instado a que respondesse, disse desta maneira.

Psalm. 118. & 139.

Psalm. 68. 10.

Psal. 16. 15.

Psalm. 41. 3.

Psal. 4. 9 & 10.

Eu, Senhor, em quanto vivi no mundo, sempre foy com tres grandes desejos, que muyto me apertavão o coraçaõ. O primeiro, de

de verõ que vejo, & gozo descubertamente no summo bem de vossa Divina presença; & depois do comprimento desta felicidade, não posso dizer, nem desejar mais; pois por misericordia de vossa Divina grãdeza, he mais o que possuo, do que nunca esperey, nem merecia minha indignidade. O segundo desejo era de padecer mais, & mais por vosso amor, & este, se naõ está acabado, está porèm impedido no corpo morto pela impossibilidade da morte, & na Alma jà glorioſa pelo impossivel da pena. Sò resta o terceiro desejo, que era, & he, de servir, & ajudar aos proximos no ministerio da vocação, em que vossa Divina Providencia se servio de que eu os serviſſe, para cõversaõ dos Gentios, reforma dos Christãos, & salvação de todos. E quando vejo, Senhor, (agora melhor) que vosso Unigenito, & bemditiſſimo Filho deixou, do modo que podia deixar, o Ceo por amor, & remedio das Almas, nam posso eu deixar de tomar por valedores as suas mesmas Chagas, para supplicar (& aqui se postrou de joelhos) & pedir humildemẽte a vossa Divina piedade a continuação do mesmo ministerio q̃ exercitey na vida, cõ licença de tornar outra vez ao mundo (pois pòde ser sem perder o bem da soberana vista que gozo, antes mais animado, & confortado com ella poderey servir aos proximos sẽ às minhas imperfeiçoens) & que esta concessaõ, Senhor, seja perpetua sem limite de mais, & mais, & mais, em quanto durar o mundo, & em todas as partes delle.

Admirou a toda a Corte dos Bemaventurados a novidade da petição, & ainda ficàrão mais admirados, quando virão que a suprema Magestade com alguma inclinação do soberano acatamento mostrou que se agradava do novo memorial, & que annuhia a elle. Assim se diz no Supre-

mo Consistorio da Igreja: *Annuit Sanctissimus.* Mas ainda falta outra prerogativa da mesma graça. Em bem differente materia vio Saõ Joaõ no seu Apocalypse, que fizerão a Deos outra petição os Martyres no Ceo: & porque não era ainda chegado o tempo de se poder despachar, diz o mesmo Evangelista, que lhe foy dada a cada hum huma certa estola em prenda de ser bem aceito o seu requerimẽto: *Et datæ sunt illis singulæ stolæ albæ, & dictum est illis, ut requiescerent adhuc tempus modicũ.* Que estolas forão estas, não explicou São João, & ainda se não sabe com certeza o que erão, ou significavão. Porèm a que Deos deo a Xavier despachado logo, & sem dilação, sabe-se com evidencia qual fosse, porque foy visto muytas vezes com ella. Muytos pintão ao Santo, ou revestem suas Estatuas com sobrepeliz, & estola, por ser este o trajo com que prègava. Mas não foy esta a diviza, ou insignia com que Deos o graduou na continuação do officio. Mandou que o vestissem no Ceo com huma esclavina, & lhe metessem hũ baculo na mão na mesma fórma de peregrino, cõ que seu Filho resuscitado appareceo aos Discipulos que hião para Emaùs. E cõ esta diviza começou Xavier a exercitar a sua segunda missaõ do Ceo à terra em que Christo foy o primeiro, & elle o segundo, para q̃ se não diga jà: *Unus est, & secundum non habet.*

Apoc. 6. 11.

Todos os Santos neste mundo se reputàrão por peregrinos. Jacob, *Dies peregrinationis meæ*: David, *Advena ego sum, & peregrinus*: São Pedro, *Tanquam advenas, & peregrinos*: São Paulo, *Peregrinamur ad Dominum.* O mesmo São Paulo deo a razão: *Non habemus hìc manentem Civitatem, sed futuram inquirimus:* Somos peregrinos, porque não tendo aqui Cidade permanente, & propria, imos caminhando, & buscan-

Genes. 47. 9. Psalm. 38. 13. 1 Petr. 2. 11. 2 Cor. 5. 6. Hebr. 13. 14.

buscando a futura. Mas tão to que là se vem os mesmos Santos, como o mesmo Saõ Pedro no monte Tabòr, todos dizem: *Bonum est nos hìc esse*: & huma vez revestidos com os quatro dotes da gloria, nenhum os quer cobrir, ou afrontar cõ lançar sobre elles a esclavina. Saõ Martinho, cuja caridade era tanta, que ainda sendo Soldado, & Cathecumeno, deo ametade da capa ao pobre, tambẽ naõ havia de fazer, ou forrar a esclavina da outra ametade. Sendo jà naõ só Christaõ, mas Bispo, o mayor offerecimento que fez a Deos, foy de continuar nesta vida em serviço dos proximos: *Si Populo tuo sum necessarius, non recuso laborem.* E Saõ Paulo fallãdo com os mesmos proximos, dizia, que o seu desejo era acabar a vida, & deixar este mundo, para estar no Ceo com Christo, naõ havendo para elle mayor lucro que a morte; porèm que se compunha com a dilatar, porque assim lhe era necessario, & lhe importava a elles para sua salvaçaõ: *Permanêre autem necessarium propter vos.* O mesmo differaõ outros grandes zeladores das Almas, em quãto viviaõ, & estavaõ na terra; mas depois que se viraõ no Ceo, & com Deos, nenhum ouve que lhe fizesse este offerecimento. Em vida só Christo deixou o Ceo para peregrinar na terra; & depois da morte, só Christo, & Xavier. E este foy o finissimo da fineza em que estamos, com que acabo.

Matth. 17. 4.

Philip. 1. 24.

Antes do dia da Paschoa, como disse no principio, se costumaõ ponderar as mayores finezas do Amor de Christo para com os homens: *Ante diem festum Paschæ, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Mas o finissimo dessas finezas naõ teve o seu fim no dia antes da Paschoa; mas no dia da mesma Paschoa he que começou. E porque? Porque antes do dia da Paschoa padeceo Christo a morte, & deo a vida por amor dos homens, &

Joan. 13. 1.

na meſma morte, & em todas as acçoens da vida mereceo naõ para ſi, ſenaõ para nòs a graça, & a gloria, porque ainda que era comprehenſor, como fallaõ os Theologos, era juntamente viador; porèm no dia da Paſchoa, em que reſuſcitãdo, eſtava jà no eſtado de immortal, & glorioſo, naõ merecia, nem podia merecer: & peregrinar neſte mundo, depois de conſeguir a gloria da immortalidade, quem naõ pòde merecer para ſi, nem para outrem, & ſó para conſolar, favorecer, & levar ao Ceo os que vivem no meſmo mundo, naõ ſó he o fino, ſenaõ o finiſſimo da meſma fineza. Aſſim peregrinou glorioſo Chriſto, & Xavier tambem glorioſo, & peregrino.

VIII.

CHriſto peregrino, & glorioſo, naõ ſó appareceo aos peregrinos de Emaùs, ſenaõ, no meſmo dia da Paſchoa, à Magdalena, às Marias, a Saõ Pedro, aos Diſcipulos no Cenaculo. Peregrino, & glorioſo lhes tornou a apparecer no meſmo Cenaculo, preſente jà Sam Thomè, & os foy buſcar a todos a Galilea, & lhes appareceo, ou juntos, ou divididos, na praya, no monte, & em diverſos lugares por eſpaço de quarenta dias. Peregrino, & glorioſo, depois de ſubir ao Ceo, appareceo a Saõ Pedro, a Saõ Paulo, & aos outros Apoſtolos, como lhes tinha prometido: *Vado, & venio ad vos*: & neſſe ſentido lhes diſſe o Anjo no Olivete (que doutro modo naõ ſeria conſolaçaõ) *Hic Jeſus, qui aſſumptus eſt à vobis, ſic veniet, quemadmodum vidiſtis eum euntem in Cœlum.* Peregrino finalmente, & glorioſo appareceo o meſmo Senhor a Saõ Pedro Alexandrino, a Santo Ambroſio, a Saõ Gregorio Papa, a Saõ Remigio, ao Emperador Baſilio, ao Emperador Marciano, a Clodoveo Rey de França, a Affonſo primei-

Joan. 14 28.

primeiro Rey de Portugal. E daquelle tempo sempre atè os nossos, a tantos Santos, & Santas, ou porque jà o eraõ, ou para que o fossem, como consta das historias Ecclesiasticas.

Da mesma maneira appareceo Saõ Francisco Xavier, depois de morto, peregrino, & glorioso, exercitãdo a segunda parte da sua missaõ, naõ só na India, senaõ em muytas partes do mundo. Peregrino, & glorioso appareceo na India a hum cego tam cego, que naõ só carecia da vista, senaõ dos olhos, de que só lhe ficàraõ as covas, donde havia muytos annos os tinha perdido. Perguntou-lhe o Santo, se sentia muyto a falta da vista. E como declarasse a sua pena com grandes encarecimẽtos: Pois porque naõ recorres a mim? Ora fazete levar à minha Igreja de Cotàra, & por espaço de nove dias roga a Deos que te faça esta mercè. Foy, & acabada a Novena, se achou com os olhos restituidos a seu lugar, & com a vista mais clara do que dantes a tinha. Em outro lugar dos Malabares appareceo o Santo peregrino a huma mulher Christãa que estava morrendo, com grande sentimento de acabar a vida, & lhe disse: Porque naõ queres o que Deos quer? Deos quer que morras, & a ti te convem morrer agora: confessate de todos os teus peccados, & eu farey vir aqui hum Padre (porque o naõ havia) com que o possas fazer. Veyo o Padre, confessou-se, & em recebẽdo a absolviçaõ, morreo taõ consolada, como quem sabia que lhe importava morrer. Em outra Igreja de Saõ Francisco Xavier junto a Manapar adormeceo hum Indio, de vida publicamente escandalosa. Appareceo lhe o Santo, exhortando-o à emenda: & fazendo elle taõ pouco caso da exhortaçaõ, como de qualquer outro sonho, tornou a lhe apparecer Xavier, certificãdo-lhe quem era, & ameaçando-o

çando o que se naõ se emẽdasse, lhe custaria caro. Naõ se quiz cõ tudo emẽdar, & ainda depois de ver duas vezes o que vira; mas no mesmo ponto se achou tolhido de todos os membros, com dores, que os Medicos o desengànaraõ serem mortaes. Entaõ reconheceo o seu castigo, & a causa, fez propositos firmes, se tornava a recuperar a vida, de a emendar, pedindo perdaõ ao Santo com muytas lagrimas: o qual porque vio que o arrependimento era verdadeiro, como depois mostrou o effeito, lhe appareceo terceira vez, & sam jà na Alma, lhe sarou tambẽ o corpo. Em todos estes casos e deve notar que naõ foy Xavier invocado pelos q̃ tinhaõ necessidade delle, mas elle mesmo, vendo-os necessitados, ou no corpo, ou na Alma, os foy buscar para lhes dar o remedio.

Vamos agora aos que o pedìraõ ao Santo, & se encomendàraõ a elle. Nas masmorras da Berberia estava cativo, & carregado de ferros hum Portuguez nobre, mas sem cabedal para comprar o seu livramento. Invocou a Saõ Fráncisco Xavier, tomando-o com grande fé por seu Redemptor, & o Santo sem habito da Trindade, ou das Mercès, mas no seu de peregrino, se lhe presentou no carcere escurissimo, enchẽdo o todo de luz celestial, & lhe prometeo que dentro em tres dias seria livre. Eraõ necessarios para comprimento desta promessa dous grandes milagres, hum contra a crueldade, outro contra a cubiça, & avareza dos Barbaros; mas elles no fim do terceiro dia o soltàraõ das prizoens, & sem resgate lhe deraõ a libe. dade. Na Calabria havia vinte, & tres annos que huma miseravel mulher estava possuida de cinco demonios. Tinha sido levada a varios Santuarios da Italia sem nenhum effeito, que taõ obstinados eraõ os cinco rebeldes espiritos. Occorreo final mẽ-

te

te aos parêtes levarem-na a Imagem de Saõ Francisco Xavier de Potàmo, & logo foraõ ouvidos os demoniosgritar com grandes gemidos: Ay de nòs que jà naõ poderemos resistir. No caminho, que era grãde a distancia, tres vezes appareceo o Santo à mulher, dizendo: Eu sou Frãcisco, vay muyto confiada, que teràs remedio: & assim foy, porque em chegando à porta da Igreja, onde he venerada a milagrosa Imagem, uyvando como caõ raivoso, desapareceo o cerbero de cinco cabeças, & nunca mais tornou.

Sobre todos foy maravilhoso em Napoles o caso do Padre Marcello Mastrilli da Companhia de Jesus, grande devoto de Saõ Francisco Xavier, ao qual se encomendou estando jà agonizante de huma ferida mortal na cabeça. Appareceo-lhe naquelle extremo o Santo peregrino, fez-lhe fazer voto de ir ao Japaõ, se Deos lhe dava vida, & de a tornar a dar a Deos, sendo martyrizado em defensa da Fè. O Santo invisivelmente lhe hia ditando o voto, & o agonizãte, que estava jà sem falla, o hia repetindo em voz clara, que todos os circunstãtes ouviaõ, attonitos da voz, & da significaçaõ das palavras, sem entender o mysterio, atè queviraõ que o moribundo se levantou são, & sem final da ferida, & declarou com circunstãcias de mayor admiraçam (que seria necessario muyto tempo para referir) tudo o que occultamente tinha passado. Foy tam publico, & famoso o milagre, que logo correo por todo o mundo estampado, & o Padre Marcello naõ coroado ainda, mas jà cercado dos instrumentos de Martyr. Martyr lhe chamavaõ todos dalli em diante, & como Martyr o veneravaõ. Elle por devoçaõ do Santo ajuntou ao seu nome o de Francisco, chamando-se Marcello Francisco Mastrilli; mas ninguem o nomeava senaõ có o de Martyr.

tyr. Martyr sahindo de Italia, Martyr passando por França, & Hespanha, Martyr chegando a Lisboa. De Lisboa partio com o mesmo nome, & navegou atè Goa, de Goa com o mesmo navegou, & chegou, a Japaõ, onde por fim, prègãdo publica, & intrepidamente a Fè do verdadeiro Deos, depois de padecer por ella exquisitos, & atrozes tormẽtos, foy cõdenado à catana, & à fogueira. A catana no primeiro golpe fez taõ pouca mòça na cer viz do fortissimo Atleta, como se ella fora de aço, & a catana de cera: no segundo, fazendo sò hũ pequeno final, cahio das mãos ao algoz: no terceiro, contente Marcello cõ ser tres vezes Martyr, cõ palavras que todos ouvìraõ, deo licença à catana para cortar, & lhe tirou a cabeça. Desta sorte, sendo primeiro degolado, & depois queimado pela Fè, elle comprio o seu voto, & a profecia de Xavier se comprio nelle.

Voltemos agora sobre os casos referidos. Nas primeiras tres apariçoens do Santo peregrino, & nos tres primeiros milagres, notamos que os obrou sem ser invocado; & assim nestes tres ultimos que parecem mayores, devemos notar que primeiro o invocàraõ, & se encomendàraõ a elle seus devotos. E supposto que a materia em que estamos he das finezas de Xavier; se me perguntarem em quaes se mostrou o Santo mais fino, respondo, que nos primeiros; porque nos segundos teve alguma parte a nossa devaçam, os outros foraõ todos inteiramente da sua caridade. Estes começàraõ pelo nosso cuydado, & acabàraõ pelo seu: nos outros mostrou o Santo, que tinha mais cuydado de nòs, do que nòs de nòs. Tambem he muyto para notar nos primeiros casos, que nelles fez o Santo morrer huma mulher, & adoecer gravemente hum homem. E sendo taõ ordinario nas suas maravilhas curar enfermos, & resuscitar

tar mortos; que diremos, quando tira a vida aos vivos, & a saude aos saõs? Tambem digo que esta foy em ambos os casos mayor fineza, porq aqui era mais necessaria à viva a morte, que a vida, & mais importante ao sam a enfermidade, que a saude. Donde devem inferir, & advertir muyto os que pedem favores a Saõ Francisco Xavier, que quando lhe naõ cõcede o que desejaõ, ou lhe nega o que pedem, né por isso se mostra o Santo com elles menos, senaõ mais fino; porque quando nos nega o que desejamos, nos cõcede o q devemos desejar: & quando nos naõ dà o que pedimos, nos ensina o que naõ devemos pedir. Finalmente quando sem desejar, nem pedir cousa alguma a Xavier, succede a seus devotos o que lhe deveramos agradecer, se tiveramos invocado a sua intercessaõ; nem por isso devemos cuidar que naõ saõ favores, & obras suas, né elle he o Author dellas, antes entender que tanto saõ mayores finezas, quanto mais occultas; porque fazer o beneficio, & esconder a maõ, assim como he mayor generosidade, assim he mayor fineza.

IX.

ESTas eraõ, & saõ as de que usava, & usa Sam Francisco Xavier, àlem de outras de que elle só tẽ noticia, exercitando a segunda parte do seu Apostolado depois da morte, glorioso no Ceo, & peregrino na terra. Peregrino na Asia, peregrino na Europa, peregrino na Africa, como vimos, & tambem peregrino com as mesmas maravilhas na America. Jà presente, jà ausente: jà visto, jà invisivel: jà rogado, jà nam rogado: jà por si mesmo, jà por suas reliquias: jà por suas imagens, jà por qualquer memoria sua: & tambem sem memoria nossa, esquecido, mas sem nunca se esquecer: sempre acudindo, sempre ajudando,

do, sempre favorecendo a todos: & naõ só espiritual, senaõ temporalmente, sem deixar meyo, modo, ou motivo de reduzir as Almas ao serviço de Deos, & as pòr no caminho do Ceo. E posto que pelo que tem de milagrosas todas estas finezas, parece que nos escusaõ da imitaçaõ; pelo que importaõ às nossas Almas, naõ só temos obrigaçaõ de as imitar, mas ellas mesmas, se o naõ fizermos, serão os mais rigurosos fiscaes de nossa condenaçaõ. Pergunto: Quem he este homem que tantos extremos fez na vida, & tantos faz depois de morto, por nos salvar? He Francisco Xavier. E onde està este homem, & onde estamos nòs? Elle està no Ceo, & nòs na terra: elle com a salvaçaõ segura, & nòs com ella taõ duvidosa: elle sem poder jà merecer, & nòs no tempo, & lugar que Deos limitou para o merecimento. Pois se elle sem interesse anda peregrinando, & correndo o mundo, vigiãdo de dia sobre os que naõ vigiaõ, & acordãdo de noite os q̃ dormem, por salvar as Almas alheas; que he o que nòs fazemos por salvar a propria; & que he o que muytos fazem pela perder? Tantas diligencias, tantos desvelos, tantos trabalhos, tantas batalhas pelo que nenhuma cousa importa; & nada pelo que importa tudo? O que fazemos, & o que naõ fazemos, tudo nos condena Que importa ao homem ganhar o mundo todo, se perde a sua Alma? Saõ Francisco Xavier, pois taõ zeloso he da salvaçaõ de todas, nos alcance a graça de que se imprima bẽ nas nossas aquelle oraculo Divino: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* Matth. 16. 26.

SER-

SERMAM NONO.

BRAÇO.

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. Apocalypsis 10.

I.

A Crueldade mais hórosa, ou a hóra mais cruel, q̃ nunca vio o mũdo, he hum tremendo espectaculo, que primeiro affombrou a terra, & depois o mar, o qual eu reservei de proposito para esta ultima clausula da nossa Novena.

II.

MOrreo em fim Sam Francisco Xavier, & como naõ ha duas cousas taõ parecidas como a morte, & a vida, sendo taõ miraculosa a sua vida, naõ podiaõ faltar milagres na sua morte. Depois della naõ foy embalsemado seu corpo, como era antigo costume, ou rito funeral do Oriente; mas como o mesmo

corpo

corpo foy habitado cincoenta, & cinco annos daquella Alma Santiſſima chea de tantas virtudes, ellas foraõ o balſamo, a myrrha, o nardo, o aloes, & as outras eſpecies aromaticas celeſtiaes, que o conſervàraõ incorrupto, cheiroſo, & taõ inteiro como vivo. *Ineſt quædam ejuſmodi virtus in corporibus Sanctorum propter tot annos inhabitatas in illis Animas juſtas quorum miniſterio uſæ ſunt*, diz Saõ Cyrillo Jeroſolymitano. He eſte privilegio raro, & ſó concedido por Deos àquelles Santos, que particularmente merecèraõ o nome de ſeus: *Non dabis Sanctum tuum viaere corruptionem.* E quem mais Santo de Deos, *Sanctum tuum*: & de Deos todo, & em tudo, & por tudo que Xavier?

Act. 2. 27.

A morte he filha do peccado, *Per peccatũ mors.* E no peccado de Adaõ onde ella teve o ſeu principio, alcançou tambem o poder, naõ ſó de matar os homens, mas de lhe corromper os corpos, & os reſolver em pò: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Eſta he a queixa, ou horror que tinha David, naõ ſó da morte, ſenaõ do pò, em que ella o avia de deſfazer na ſepultura: *Et in pulverẽ mortis deduxiſti me.* Pois ſe eſtes ſaõ os teus poderes, ò morte, porque os naõ executaſte em Xavier? Naõ diràs que te faltàraõ os inſtrumẽtos mais efficazes deſte teu ſegundo rigor, porque duas vezes foy o ſanto cadaver cuberto de cal viva, que he a lima mais forte, & mordaz para roer, & deſfazer em pò toda a materia taõ varia, de que ſe compoem a fabrica de hum corpo, atè lhe deſpir, & deſconjuntar os oſſos. Mas foy tal o reſpeito com que a ſua natural voracidade reverẽciou aquelles deſpojos da vida na imagem morta de Xavier, que nem no menor fio da roupa ſe atreveo a lhe tocar, com que tambem a meſma cal por eſte milagre mereceo ſer venerada por reliquia.

ad Rom. 5. 12.

Genes. 3. 19.

Pſalm. 21. 16.

Mais.

Mais. Aquelle ultimo accidente congella o ſangue, ſeca a carne, endurece os nervos, muda, & deſmaya as cores: porèm todos eſtes effeitos, ou cõſequencias da morte naquelle corpo morto, ou naquelle milagre vivo, ficàraõ taõ parados, ou taõ paſmadas, que o ſangue corria liquido, a carne cedia brãda, os nervos ſe dobravaõ flexiveis, & a cor, freſcura, & graça do roſto eſtava taõ conſtante, & taõ a meſma, que os que tratàraõ o Santo em vida, ſó porque naõ fallava o julgavão por morto. Enganava-ſe a viſta, enganava-ſe o tacto, enganava-ſe o olfato, & atè o goſto ſe enganou, porque ouve devação taõ atrevida, ou tão faminta, que com os dentes lhe cortou parte de hum dedo do pè a furto, & còmo ſe a morte de Xavier fora myſterio de Fè, ſó o ouvido cria, & confeſſava que não eſtava vivo. Que fizeſte logo, ò morte, ou porque não fizeſte o que coſtumas?

Naõ fez a morte no corpo de Xavier o que coſtuma nos outros, porque morreo matando. Ella matou a Xavier, & Xavier a matou a ella. Foy como a Abelha, que ferindo morre: ou menos doce, & mais nobremẽte como Samſaõ, que morreo matãdo. Nem realção pouco a propriedade da ſemelhãça as duas columnas do Anjo, que repreſentava a Xavier. A morte quando mata, & vive, depois de ſeparar a Alma corrompe o corpo; mas quando matando morre, perde totalmente as forças, ficando ella o cadaver da morte, & o cadaver inteiro, & incorrupto cõ todos os outros accidentes de vivo. Aſſim anticipou Xavier em ſi meſmo, como Precurſor de Chriſto neſta parte, o que elle como triunfador da morte ha de fazer univerſalmente no fim do mundo. Ouçamos a Saõ Paulo: *Oportet corruptibile hoc induere incorruptionem, & mortale hoc induere immortalitatem: cum autem* 1. ad Corinth. 15. 53. & 54.

mortale hoc induerit immortalitatem, tũc fiet ſermo, qui ſcriptus eſt: Abſorpta eſt mors in victoria. Virà tempo, diz o Apoſtolo, em que eſte corpo corruptivel, & mortal ſe reviſta de immortalidade, & fique incorruptivel, & entaõ ſe cõprirà o que eſtà eſcrito, que a morte ficarà afogada na ſua vitoria. Note-ſe muyto aquelle *tunc*, entaõ; porque o reveſtir-ſe o corpo corruptivel de incorruptibilidade, que he o que ſe ha de fazer no fim do mundo, iſſo meſmo ſe fez na morte de Xavier anticipadamente, & pelo meſmo modo, iſto he, affogandoſe a morte na ſua propria vitoria: *Abſorpta eſt mors in victoria.* Venceo, affogou, & matou a morte a Xavier, masquando o affogou, ficou ella affogada, quãdo o venceo, ficou ella vencida, & quando o matou, ficou ella morta. Foy a morte como Eleazaro quãdo matou o Elefante, & Xavier como o Elefante da India, que cahio morto ſobre elle, & o ſepultou debaixo de ſi.

Naõ he metafora o que digo, ſenaõ verdade experimentada, & viſta logo pelos olhos em proprios termos. A primeira jornada que fez Xavier depois de morto, foy das prayas de Sãchaõ onde o ſepultàraõ, ao porto de Malàca. Ardia a Cidade em huma ſeviſſima peſte, andando a morte com a fouce tremendamente enſanguentada por toda a parte entre Gentios, & Chriſtãos ſegando vidas ſem numero. E agora quero eu fazer huma apoſtrofe, naõ aos vivos, ou moribundos, ſenaõ ao corpo morto de Xavier: Eſta he, para que a hum taõ grãde Santo naõ faltaſſe o caracter da verdadeira ſantidade, que ſaõ as perſeguiçoens, & a herança, que Chriſto deixou em morgado aos ſeus Apoſtolos quãdo lhes diſſe: *Si me perſecuti ſunt, & vos perſequentur.* Ioan. 15. 20. Eſta he, Padre Meſtre Frãciſco, aquella ingrata, & indigna, por naõ dizer infame

fame Cidade, na qual devendovos a fé, a doutrina, & a liberdade tantas vezes, & taõ milagrosamente conservada por vòs, & defendida de seus inimigos, por obedecer, & adular à impiedade de hum Tyranno, que a governava, fostes taõ enormemente injuriado, & afrontado pelas ruas publicas, & a autoridade, & bullas Apostolicas, comofalsificador dellas, desobedecidas, & desprezadas: & da qual, como rebelde, maldita, & escomungada, vos despedistes sacudindo o pò dos çapatos, conforme o conselho de Christo, em testemunho ao Ceo, & à terra de sua rematada obstinaçaõ. Entaõ sofreo tudo vossa invicta paciencia, como insensivel, & mudo; mas agora que a Justiça Divina se tem declarado em a castigar, & defender vossa innocencia, metendo-lhe nas entranhas o veneno irreparavel do ar corrupto, com que a mesma respiraçaõ, em lugar de ser alento, & alimento da vida, se lhe converta em laço, & garrote da morte. Agora, agora he tempo que vòs tambem vos ponhais da parte da mesma Justiça, & que essa caxa tosca em que estais metido morto, como outra Arca do Testamento, em que residia Deos vivo, faça a destruiçaõ, & exterminio em Malàca, que ella cativa, & afrontada fazia em todas as terras dos Filisteos inimigos aonde chegava.

Isto he o que a razaõ, a verdade, & a justiça devia aconselhar, & persuadir a Xavier. Mas como mostraria elle que era morto o mesmo que tinha sido vivo? Sahe, & aparece o sagrado deposito em terra, & no mesmo ponto todos os que estavaõ feridos, & espirando da peste, se levantàraõ subitamẽte saõs. Purificou-se o ar, desapareceo, & fogio o contagio sem ferir mais, nem tocar em Christaõ algum, nem Gentio. E a morte tambẽ quiz fogir; mas nas mesmas covas q̃ estavaõ abertas para

os moribundos a meteo, & encerrou Xavier como triunfador della. Tinha a morte, & os inimigos de Christo presidiado o seu sepulchro com guardas de muytos soldados armados, *Cujus sepulchrũ plurimo custode signabat lapis.* Masque aproveitàram estas cautelas contra o triunfador da morte? Festiva, & discretissimamente o cantou a Igreja: *Victor triumphat, & suo mortem sepulchro funerat*: A mesma morte que o tinha morto, sepultou elle no seu sepulchro. Do mesmo modo o fez Xavier, naõ em humaso cova, onde ella o tinha metido nas prayas de Sanchaõ, mas nas muytas covas q̃ a mesma morte tinha aberto em Malàca, para os que nella hia matãdo. Na morte de Christo abrìraõ-se muytas sepulturas, *Monumẽta aperta sunt.* E que succedeo pouco depois? Que quantas eraõ as covas abertas, tantos foraõ os mortos, que dellas sahiraõ resuscitados: *Et multa corpora Sanctorum, quæ dormierant, surrexerunt.* Julgue-se agora se foy mais, ou menos que se levantassem vivos, & sãos, & naõ entrassem nas sepulturas tantos, quantas eraõ as sepulturas, que a morte lhes tinha aberto; & estes nam sómẽte Sãtos como aquelles, *Multa corpora Sanctorum*, mas Christãos cõ fé, & Gentios sem ella, sem differença nem exceiçam todos.

Matth. 27 52.

Ibidem.

III.

TAõ universal, & plenaria foy a indulgencia, que as reliquias de Xavier alli concedèraõ só de caminho, sendo a sua derrota direitamente a Goa. Mas que eloquencia serà bastante a referir a devaçaõ, o affecto, o applauso, a magnificencia, & triunfo, com que foy recebido naquella Imperial Metropoli da Asia morto, quem tanto lho tinha merecido em vida? Deixo sete manifestos naufragios, de que o Santo livrou a nao, que o levava, com outros tantos mila-

milagres. Mas nam posso passar em silencio o q agora direi. Tão que em Goa se soube a alegre nova, o Padre Provincial da Companhia com outros tres Religiosos partiraõ em hum catur a encontrar o Sagrado hospede: acharaõ a nao em Baticalla, nam surta, mas sobre a vela ao pairo, & tanto que passáram ao catur a caxa, em que vinha o Santo corpo, a nao sem vento, sem tocar em baxio, & sem occasiaõ alguma de perigo se foy por si mesma direita ao fundo, como quẽ tinha comprido com seu officio. Para que se naõ cãcem os Expositores em inquirir que foy feito da Estrella do Oriente, depois que parou sobre o Presepio de Christo; huma, & outra se foy a pique, que tambem o ar tem fundo. Assim quiz Deos hórar a Xavier, mostrando, que o que tinha creado para servir a seu Filho, & o que tinha fabricado para servir a seu servo, era decencia, & autoridade, que em acabando de os servir, acabassem juntamẽte, & naõ servissem a outrem. Anoiteceo o catur na barra de Goa, onde ninguem dormio aquella noite, nem ouve dia que tanto tardasse em amanhecer, dizendo algum pensamento poetico, que a Aurora se detinha em se enfeitar, para mais arrayada, & mais fermosa que nunca abrir as portas ao Sol do Oriente. Ao primeiro romper da luz partiraõ de voga arrancada em demanda do catur dezoito bargantins, & nelles a principal fidalguia daquella entam segunda Corte de Portugal, todos com tochas acezas, & depois de fazerem a devida reverencia ao Santo, divididos em duas fileiras voltàraõ acompanhando o catur para a Cidade. E como os bargantins vinhaõ embandeirados de flamulas, & galhardetes de variascores, & prevenidos de instrumentos sonoros de todo o genero, as luzes que reverberavaõ, & se multiplicavaõ na agua, & a con-

ſonancia dos inſtrumentos ao compaſſo lento dos remos faziaõ tal armonia aos olhos, & aos ouvidos, que grandemente ajudavam a alegria dos coraçoens.

Eſperava na praya o Viſo-Rey, com todos os Tribunaes do Eſtado, & ſeus Miniſtros, a Camara com a ſua bandeira, Juizes, Vereadores, & todos os outros officiaes da Republica, & a Cidade inteira em huma multidaõ innumeravel de todos os eſtados, & naõ ſó os ſãos, ſenaõ tambem os enfermos, ou por ſeu pè, ou em braços alheyos, eſperando tornar para ſuas caſas com ſaude. Quando o catur jà hia chegando, era muyto para ver os braços que ſe levantavaõ, & eſtendiaõ do meyo da multidaõ, como abraçando de longe, & do modo que podiaõ os pès do Santo; avendo alguns, que naõ tendo paciencia para eſperar mais, aſſim veſtidos como eſtavaõ, ſe lançavaõ ao mar. Deſembarcado o Santo, todos o ſalvàraõ com os juelhos em terra, & vivas, que chegavaõ ao Ceo. E unindo-ſe com grande acordo o funebre com o triunfal, por nam exceder os ritos da Igreja, ſe ordenou a Prociſſaõ, ou acompanhamento neſta fórma: Haõ diante os meninos da doutrina, por quem Xavier naquellas meſmas ruas, & praças tinha obrado tantos milagres: eraõ em numero noventa, todos veſtidos de branco, com grinaldas de flores na cabeça, & palmas verdes na mão, cantando: *Benedictus Dominus Deus Iſrael, quia viſitavit, & fecit redemptionem plebis ſuæ.* Seguia-ſe toda a Irmandade da Miſericordia cõ ſuas inſignias; & apoz ella duas compridas fileiras da nobreza, que eſperava em terra, & da que tinha ido ao mar, todos cõ tochas acezas, & veſtidos das melhores galas à competencia. Depois delles os Conegos da Catedral Metropolitana, & os Clerigos de todas as Parrochias. Entre os quaes

quaes hiaõ todos os Religiosos da Companhia, que tambem levavaõ aos hombros o seu Santo Padre em hum esquife, ou andor ricamente ornado. Fechava todo o acompanhamento o Viso-Rey, a Cidade, & os Embaixadores de quasi todos os Reynos, & Naçoens da Asia, que com a diversidade de cores, & trajos faziaõ hum fermoso, & pomposo remate.

As ruas estavaõ alcatifadas com o mais fino, precioso, & artificioso do Ormuz: as paredes ricamente armadas de tapeçarias de ouro, & seda: a espaços se viaõ levantados arcos triunfaes, & outros corpos de devota, & magnifica architetura: das janellas, & eirados choviam flores sobre o andor, & corpo do Santo: as milicias postas em ala; quando hia passando lhe abatiaõ as armas, & as bandeiras: & em toda a parte, ou ardiaõ, ou erviaõ em odoriferos licores todos os aromas da India, entre os quaes com estupenda maravilha recendia, & se distinguia de muyto lõge a celestial fragrãcia, que de si exalava o bemaventurado cadaver. Em quanto assim marchava o mais solemne triunfo, de quantos tinha visto aquella tantas vezes triunfante Cidade, acompanhavaõ estrondosamente os applausos os continuos trovoens da artelharia de todas as fortalezas, & os alegres repiques dos sinos de todas as Igrejas, a cujo som se excitavaõ os enfermos, huns a sahir às janellas, outros às mesmas ruas com principios da saude, em que o Santo os confirmava. E aqui me lembra a sutil murmuraçaõ de hũ Herege, o qual mofando das reliquias dos catholicos, naõ duvidou escrever, que hum Religioso depois de visitar os lugares da terra santa, trouxera de là em huma caxinha o som dos sinos de Jerusalem. Mas o que elle entaõ disse por riso, se verificou neste dia com verdadeiras experiencias.

Chegada a Procissão à Igreja da Companhia de Jesu, foy collocado o Sagrado depósito na Capella mòr: onde as grades quebradas por muytas partes com o pezo da gente o naõ podèraõ defender do impeto, com que huns sobre outros se lançavaõ a lhe beijar os pès. Tres vezes foy o Santo levantado em pè, & mostrado ao Povo, em que o pasmo daquella vista era igual às lagrimas, que todos derramavaõ: & tres dias revestido nos paramentos sacerdotaes esteve assim exposto. Naõ ouve Sermaõ de honras nestas gloriosas exequias, nem panegyrico do morto triunfador da morte, porque as linguas de todos em toda a parte (naõ se fallando por muyto tempo em outra cousa) erão eloquentissimas oradoras dos seus louvores. Huns referião profecias, outros milagres, outros conversoens, outros excellentes virtudes, testemunhando em si mesmos os favores recebidos no mar, & na terra, & contando outros o das suas os Gétios, & estrangeiros. Mas quando estes, & todos estivessem mudos, bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, & os outros enfermos de todo o genero, os quaes concorrendo ao novo Propiciatorio da saude, sahião de sua presença inteiramente saõs, porque o corpo que Deos tinha conservado tão incorrupto, & inteiro, não sabia fazer mercès, nem milagres partidos.

IV.

MAs antes que passemos adiante, será não só justo, mas necessario saber qual foy o particular merecimento, pelo qual a Divina Providencia concedeo a Saõ Francisco Xavier este privilegio da incorrupção, & inteireza, não só concedido a poucos Santos, mas cõ tantas circunstancias, & accidentes

vivos

vivos em hum corpo morto (segundo o que lemos nas historias Ecclesiasticas) pòde ser que a nenhũ outro: A razaõ, ou merecimento declarou Santo Agostinho sobre aquelle texto: *Neque dabis Sanctum tuum videre corruptionem.* Diz o mayor lume da Igreja, que naõ concede Deos este privilegio aos Santos por santificados, senaõ por santificadores; naõ por serem Santos em si, mas por santificarem a outros: *Neque sanctificatum corpus, per quod & alij sanctificandi sunt, corrumpi patieris.* E como Saõ Francisco Xavier, entre todos os Santos, & Varoens Apostolicos da Igreja, nam só foy o que avia de santificar, *Sanctificandi sunt*, senaõ o que tinha santificado em sua vida, & cooperado à salvaçaõ de tantos milhares, & milhares de Almas, que os Authores de mayor liçam, & mais noticiosos estendẽ a dous milhoens (o que se nam sabe de algum outro Santo) çomo avia Deos de consentir, que padecesse corrupçaõ a inteireza de tal corpo: *Neque corrumpi patieris?* Saõ Paulo comparando as coroas dos que se salvão, com as dos vencedores, que neste mundo se coroão, a estas chama corruptiveis, & àquellas incorruptas: *Et illi quidem, ut corruptibilem coronam accipiant, nos autem incorruptam.* Saõ Pedro ponderãdo nas mesmas coroas do Ceo o preço porque forão compradas, que foy o sangue preciosissimo do Cordeiro sem mancha, tãbem considera nellas o incorrupto em comparação do corruptivel: *Non corruptibilibus auro vel argento, sed pretioso sanguine, quasi agni immaculati Christi.* E quem distribuio taõ innumeraveis coroas incorruptiveis, & incorruptas, como avia de padecer corrupçaõ em si mesmo? Finalmente, quãdo Xavier chegou ao Oriente, podia-se dizer de toda a Asia, o que se disse do mundo antes do diluvio: *Quia omnis caro corru-*

Psalm. 15. 10.

1. ad Corinth 9. 25.

1. Petr. 1. 18. & 19.

Genes. 6. 12.

corruperat viam suam: & no meyo desta immensidade, ou diluvio de corrupçoẽs, que fez o grãde Apostolo? Nos Gentios alimpou, & desterrou a corrupção da Idolatria, nos Mouros a corrupção da infame Seita de Mafamede; em huns, & outros, & nos mesmos Christãos, a corrupçaõ da torpeza, da cubiça, da injustiça, & dos outros vicios arreigados em tantas Naçoens tão diversas, & em tantas terras tão remotas. E aquelles pès, que tantas mil legoas caminhàrão, quasi sempre descalços: aquelles braços, que tantas mil Almas bautizàram, mais de dez, & vinte mil em hum dia: aquelle sangue, que tantas vezes se derramou das veas cõ piadosa impiedade para converter peccadores: aquella lingua, que nunca cessou de prègar a Fè do Evangelho em todas as linguas: aquelles olhos, que de dia, & de noite vigiavão, & o coração, que sempre ardia no zelo de prègar o nome de Christo: & todo aquelle corpo taõ mortificado, & tão vivo, taõ abstinente, & taõ forte, taõ fatigado, & taõ incançavel, taõ dividido em mil partes, & tam inteiro, porque avia de aver corrupção, que se lhe atrevesse à inteireza? Deixo tãtos apèstados, a quem livrou da corrupçam do cantagio: & a vinte mortos, q̃ em vida livrou tambem da corrupçaõ da sepultura.

V.

ASsim perseverou inteiro o corpo morto de Saõ Francisco Xavier sessenta, & tres annos, atè que no de mil, & seis centos, & quatorze, que foy para a sua inteireza o climaterico, se dividio, & lhe foy cortado o braço direito. E esta he, a que no exordio deste discurso chamei a crueldade mais honrosa, ou a honra mais cruel. Começando pela honra: Cõstando ao Summo Pontifice Paulo V. que o corpo do Padre Francisco Xavier se conser-

conſervava inteiro, com iſençoens da natureza, & da morte taõ ſingulares, deſejou ter comſigo huma reliquia inſigne do meſmo corpo, que aſſim chama a Igreja às partes principaes de que elle ſe compoem. E como os deſejos da ſupre ma autoridade ſaõ os modos mais apertados de mãdar; declarado eſte por ſua Santidade à Companhia, elle foy o golpe que a obrigou a huma taõ rigoroſa ſeparaçaõ. Mas que mayor honra ſe pòde imaginar no Ceo, ou fingir na terra, que o meſmo Vigario de Chriſto, & Vice-Deos, tendo em Roma à ſua maõ direita a Saõ Pedro com as chaves, contra as quaes nam pòdem prevalecer as portas do inferno; & à eſquerda a Saõ Paulo com o montante da doutrina, & Fè Catholica, de que ſempre temeo o mundo, quizeſſe juntamente pòr, & ter a ſeu lado o braço de hum homem ainda naõ canonizado por Santo, nem beatificado? Oh homem mais que homem na vida, & honra & exceiçaõ de todos os homẽs depois da morte! Naõ he Roma aquelle Santuario univerſal, que reparte reliquias a todo o mundo chriſtaõ? Naõ he aquella terra ſanta, regada com o ſangue de infinitos Martyres, em que naõ ha parte minima, em que ſe naõ poſſa, & deva venerar como reliquia? Naõ he aquella por antonomaſia Cidade, de cujos cemeterios ſe eſtaõ deſenterrando continuamente corpos inteiros de Santos, com que enriquecem, & authorizaõ os Altares de toda a chriſtandade? Como logo ſolicita cõ tanto empenho, & de tam longe a meſma Roma huma reliquia de Xavier? Se viſſemos que o mar pedia agua a huma fonte, & o Sol luz a huma Eſtrella, que diria a noſſa admiraçam? Pois eſta he a honra ſem exemplo, com que a Cabeça da Igreja ſingulariza entre todos os Santos aquella parte de Xavier morto, que com tantos applauſos rece-

recebe, & abraça, ou com que se gloria de se ver delle abraçado.

Mas que muyto, se a mesma Igreja o tinha profetizado assim com grande expectaçaõ, & alegria? *Læva ejus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me:* O seu braço esquerdo se poz jà debaixo de minha cabeça, & o seu braço direito me abraçarà depois. Assim o fizeraõ antes, & depois os dous braços de Xavier. Quando renunciou os intentos das temporalidades do mundo, a que estava taõ pegado, & se dedicou ao serviço da Igreja no Instituto de Sãto Ignacio, com especial sugeiçaõ, & obediencia ao Papa, que he a sua cabeça, entaõ poz o braço esquerdo debaixo da cabeça da Igreja: *Læva ejus sub capite meo*: & quãdo depois de ter obrado cõ o braço direito tantas maravilhas, o trouxe, ou mandou a Roma, entaõ acabou de abraçar a mesma Igreja, & se aperfeiçoou, & inteirou o braço: *Et dextera illius amplexabitur me.* Ella o profetizou, o Pontifice o dispoz, Xavier o comprio, & Roma em honrar fez o que devia, & o que costumava. Quando os seus Capitaens conquistavaõ Reynos, & Provincias, là levátavão os trofeos, mas na mesma Roma se lhe punhaõ as estatuas, & decretavão os triunfos: & tendo Xavier conquistado à mesma Roma hum novo mundo, ainda que là se lhe tinhão levantado os trofeos das vitorias, justo era que as honras das estatuas, triunfos, & Templos, as viesse receber na mesma Roma. Santo Ignacio, & Sam Francisco Xavier, no meneyo do seu Instituto, forão como as duas pontas do compasso, Ignacio como a do centro sempre fixo, & immovel em Roma, & Xavier como a da circunferẽcia, dando volta ao mundo: & ordenou com alto conselho o Pontifice, que elle tornasse a Roma, para aperfeiçoar o circulo, acabando-o no mesmo ponto donde

Cant 8. 3.

donde tinha sahido. Assim o tinha ensinado a este filho de Sãto Ignacio, outro Filho de melhor, & mayor Pay. *Exivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mũdum, & vado ad Patrem.* Assim como Christo sahindo do Padre veyo em vida ao mundo, & depois de morto deixando o mundo tornou ao Padre: ao mesmo modo Xavier vivo, & morto, vivo se apartou de seu Santo Padre em Roma, & morto o veyo outra vez buscar a Roma, onde eu os estou vendo glorioſos a ambos no Templo, que a mesma Roma chama o Graõ Jesus. Quãdo Christo se mostrou aos Apostolos na gloria do Tabòr, apparecèrão magestosamente com elle ao lado direito Moyses, & ao esquerdo Elias. Quiz Saõ Pedro entaõ fazer tres tabernaculos; mas fellos seu successor o Summo Pótifice neste segũdo Tabòr, na Capella mayor Christo com o nome de Jesus, na collateral da maõ direita Sãto Ignacio, como Moyses, & como Legislador, & na collateral da esquerda Xavier, como Elias, & como o mayor zelador da Fè. De Achilles se disse: *Unus Pæleo juveni non sufficit orbis*: que a Achilles lhe nam bastou hum mundo: & como o Achilles da Companhia Xavier lhe naõ bastou para suas vitorias só o mundo antigo, mas conquistou o novo; necessario foy para gozar as honras merecidas na vida, que se dividisse depois da morte, & repartindo-se entre Goa, & Roma, no Oriente o veneresse, & adoresse a cabeça da Asia; & no Poente a cabeça da Europa, da christandade, & do mũdo.

Joan. 16. 28.

VI.

Baste isto quanto ao honroso: & quanto ao que pòde parecer cruel, deme licença Roma, para que falle com ella, & naõ serà a primeira vez que me ouça. Para Roma alcançar reliquias, & insignes reliquias de

de Xavier, parece que naõ era necessario imitar a lançada de Longinos, nem ensanguentar o ferro. E argumento a Roma cõsigo mesma. O uso, & estilo antigo da Igreja Romana, quãdo os grandes Principes pedião alguma reliquia dos Santos, era mandarem-lhe os Summos Pontifices, naõ parte alguma dos seus corpos, senaõ hum vèo chamado Brandezem, tocado nelles, ou nos seus sepulchros. Assim o mãdou Saõ Gregorio Papa à Emperatriz Constancia, como cõsta do terceiro livro das suas Epistolas: & o mesmo uso consta de toda a historia Ecclesiastica, que se pòde ver em Baronio. Eram aquelles vèos de linho finissimo, & branquissimo, dos quaes cantou Prudencio: *Candore nitescere claro lintea*: & jà pòde ser, que este exemplo aprendeo Saõ Pedro no sepulchro de Christo, onde elle notouque deixàra o Senhor por reliquias de seu Sagrado corpo *linteamina, & sudarium*. E porque a devação de algũs Principes se naõ dava por bastantemẽte satisfeita cõ aquellas reliquias santificadas sò cõ o tacto dos corpos, ou sepulchros santos, ouve Pontifice, que mandando vir diante dos seus Embaixadores estes vèos, apertando-os na mão, manàraõ sangue. Que reliquia logo tam insigne seria de Xavier aquella sua roupeta pobre, grosseira, & remendada, debaixo da qual sofrèra tantas vezes o Santo as neves frigidissimas do Japaõ, os soes ardentissimos das areas de Meliapor, & que nas poucas horas de sono, entre o fatigado corpo, & a terra nùa lhe servia de cama? No meyo de huma terrivel tempestade gritavão os Pilotos, & Marinheiros, que o navio se hia ao fundo: hia alli embarcado Xavier, & rasgando depressa hum pequeno retalho da aba da mesma roupeta, lãçou-a ao mar, & os ventos, & as ondas no mesmo momento ficàraõ em calma. Verdadeira-

Gregor. Epistol. lib. 3. Epistol. 30.

deiramente que ſe o grande Antonio Patriarcha de todos os Monges no dia de Paſchoa ſe reveſtia da ſamarra deSaõPaulo primeiro Ermitaõ tecida das folhas de palma, digna era a roupeta de Xavier, de que nas mayores ſolemnidades debaixo dos paramentos Pontificaes a veſtiſſem os Pontifices Romanos.

Mais. Na meſma Roma, em dia da Converſam de Saõ Paulo, ſe moſtra na ſua Igreja, como particular reliquia do Apoſtolo das Gentes, naõ todo, ſenam parte do baculo, em que elle ſe arrimava nas ſuas grãdes peregrinaçoẽs, que com tudo foraõ muyto menores que as de Xavier. Naõ ſe referem deſta reliquia milagres, os quaesnaõ ſaõ neceſſarios, quãdo por outra via conſta ſerem verdadeiras: como conſta do baculo deEliſeo ſer do meſmo Profeta, conſtando juntamente, que poſto ſobre o menino defunto, naõ ſe ſeguio o milagre, que elle eſperava. Logo muyto mais provada reliquia ſeria de Xavier, a em que elle caminhando, & naõ caminhando, todos os dias, & todas as noites, punha muytas vezes as mãos, & trazia ſempre ſobre o peito, que era o ſeu Roſario, o qual aplicado em auſencia pelos meninos da ſua doutrina, dos corpos endemoninhados lançava os demonios, & dos enfermos as febres, & todas as outras enfermidades. Prove eſta conſequencia outro mayor argumento. Hum grande devoto do Santo avendo de fazer viagem de Meliapor a Malàca, temeroſo dos perigos de tam comprida navegaçaõ, & mares tam arriſcados, deſpedindo-ſe delle, & tomando ſua bençaõ, lhe pedio que o conſolaſſe, & animaſſe com alguma prenda ſua. Nam ſe achou com outra Xavier, mais que o ſeu Roſario; tira-o do peſcoço, & metendo-lho nas mãos, lhe encomendou muyto o trouxeſſe ſempre comſigo, confiandoque olivraria de qualquer

quer perigo. Depois de alguns dias de viagem, foy taõ grande o que padeceo o navio, que naõ podendo ſuſtentar a furia dos vẽtos, ſe deixava levar delles, & correr fortuna, como dizẽ, atè q̃ encalhando em huns penhaſcos, onde ſe desfez, entre alguns poucos dos mareantes, que eſcapàram com vida, foy hum o devoto do Santo. Nam avia na dureza do penhaſco, nem para comer huma erva verde, nem para beber huma gota de agua, cõ que meyo mortos à fome, & à ſede, dos madeiros do naufragio engenhàraõ huma balſa, em que ſe metèraõ, & tornàraõ a entregar ao mar, mais para dilatar a morte, que com eſperança de vida. E aſſim ſuccedeo. Porque nem a balſa, nem elles apparecèraõ mais: & ſó o devoto de Xavier, com o ſeu Roſario, dalli a cinco dias ſe achou em hũa praya deſconhecida, a qual depois ſoube, que era vizinha a Meliapor, dõde partìra, & onde tinha ſua caſa. Perguntado quem o trouxera alli, & como paſſára aquelles cinco dias; reſpondeo que não ſabia, porque em todo aquelle tempo, ou arrebatado imaginava, ou dormindo ſonhava que eſtava converſando com a ſua familia. De ſorte que a Sagrada reliquia não ſó o livrou da morte, & do perigo, ſenão da imaginação, & do temor: portento dobradamente eſtupendo, & digno o inſtrumento delle, de Roma o pendurar no Templo da Minerva diante do Altar da Senhora, & inventora do Roſario, como hum dos mais famoſos de ſeus trofeos.

A Jeremias prometeo Deos de o livrar não ſó dos perigos, ſenão tambem do temor delles: *Nec enim timere te faciam.* Jerem. 1.17. E deſta meſma graça foy effeito aquelle ſono tão profundo de Saõ Pedro na meſma noite do dia, em que avia de ſahir a ſer publicamente juſtiçado, como pondera mais expreſſamente o Syriaco: *In illa ipſa nocte erat*

erat Petrus dormiens. O Anjo acordou-o para o livrar da prizão das cadeas, & da morte, & Deos antecedentemente o meteo nas prizoens do ſono, para o livrar do cuydado, & do temor della. E ſe eſte dobrado favor foy concedido a Saõ Pedro pelas oraçoẽs de toda a Igreja, que rogava pela ſua vida: grãde excellencia he de Xavier, que ao Roſario por onde elle orava, como ſe vio no caſo que acabamos de referir, ſe concedeſſe huma, & outra graça. Mas paſſemos às cadeas. As de São Pedro, ſaõ huma das mais famoſas reliquias de Roma, com Templo, & dia dedicado a ellas. O modo de communicar eſta reliquia, não era dar alguma parte, ou fuzil das meſmas cadeas, ſenam alguma pequena limadura daquelle ſagrado ferro, ſantificado com o tacto das mãos do meſmo Principe dos Apoſtolos: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* Aſſim mandou huma deſtas limaduras Sam Gregorio Papa a Childeberto Rey de França. E Juſtiniano, que depois foy Emperador, impetrou outra do Papa Hormiſda. E ſe eſte era o eſtilo dos Summos Pontifices tão louvavel, & decoroſo para as meſmas reliquias em idade já tão adulta da Igreja; bem pudèra Roma contentar-ſe com aquellas cadeas de Xavier, tantas vezes ſantificadas com o ſeu ſangue, como a meſma Roma manda cantar nas ſuas liçoens: *Ferreis in ſe flagellis ita ſævijt, ut ſæpe copioſo cruore diffluere.* Eſtas cadeas com pontas agudas ſervião ao Santo de cilicio, & diſciplinas, & com ellas tomando ſobre ſi os peccados de grandes, & obſtinados peccadores, diſciplinãdo-ſe cruelmente diante delles, lavadas todas as coſtas em ſangue, attonitos de tal eſpectaculo de caridade os convertia. Taes, & nam menores que eſtas converſoens, erão os milagres das cadeas de Xavier: ſendo doutrina, & ſentença de to-

Actor. 12. 7.

dos os Santos', em todo o rigor da Theologia, que mayor milagre he converter hum peccador, que resuscitar mortos, o q̃ Christo fez tres vezes; & q̃ criar mundos, o que Deos fez huma sò vez.

Mas para Roma ter reliquias insignes, & muyto insignes de Xavier, não era necessario ferro, nem sangue, bastavão outras, que sem tocarem o corpo do Santo, nem elle as tocar, obrarião, como obravam, estupẽdas maravilhas. Vamos a Napoles. Diante do Altar de São Francisco Xavier na Igreja da Companhia de Jesu se vem pendurados vinte, & nove estandartes, com o nome cada hum dos vinte, & nove bairros, em que aquella real Cidade se divide, & huma inscripção em todos q̃ diz: *Ob urbem à peste servatam*: Por aver defendido esta Cidade da peste. A peste foy tão cruel, que se contavão os mortos por centenas de milhares: & qual foy a reliquia q̃ obrou esta universal maravilha? Huma imagem de Xavier, que primeiro sarou a hum cidadão, logo a quatro, depois a muytos; & conhecendo a Republica, que nella estava a saude tambẽ contagiosa, elegendo o Sãto por seu Protector, na tarde do mesmo dia sarou mais de quatrocentas pessoas. E com a mesma pressa se foy apagando o incendio, com que toda a Cidade ficou livre. Vamos a Calabria, & veremos por informaçoens autenticas, tiradas cõ autoridade Apostolica, que só na Villa de Potamo, em anno, & meyo, àlem de infinitos outros milagres, resuscitou Sam Francisco Xavier vinte, & nove mortos, & não por outra reliquia de seu corpo, senaõ por huma simples imagem sua, taõ costumada a obrar semelhantes resurreiçoens, que os defuntos senaõ enterravaõ dous, tres, & quatro dias depois da morte, com esperança de que o Santo os resuscitasse, como alguns o conse-

guiraõ,

guiraõ, ou antes de ſerem levados à ſepultura, ou ſaltando dos eſquifes vivos. Paſſemos finalmente à India, onde o ſeu grãde Apoſtolo tinha doutrinado na Fè huma mulher de origẽ China, por nome Luzia Vilhançano, a qual ſendo de idade de cento, & vinte annos, & de conhecida virtude, com huma imagem do ſeu Santo Meſtre ſarava de repente todo o genero de enfermidades, aplicãdo-a aos enfermos ſó com eſtas palavras: Em nome de Jeſu Chriſto, & do Padre Frãciſco Xavier, Deos te reſtitua a ſaude. Alguns deſtes milagres, com o nome da meſma mulher, ſe referem na Bulla da Canonizaçaõ do Santo. E affirmaõ com juramento as teſtemunhas oculares, que no meſmo momento, em q̃ a Santa imagem era aplicada, viaõ ſarar ſubitamente mancos, aleijados, cegos, ſurdos, mudos, leproſos, tiſicos, paraliticos, encancerados com as carnes comidas, & podres. E que naõ avia mal taõ envelhecido, & incuravel, nem moribũdo taõ poſtrado, & quaſi eſpirando, naõ tendo algũs mais que a pelle ſobre os oſſos, & parecẽdo mais cadaveres, que homẽs vivos, os quaes tocados daquella ſombra de Xavier, ſe nam levantaſſem de repente cõ o vigor, com as forças, com os ſentidos, com a cor, & com a corpulencia dos mẽbros reſtituidos. Sendo logo taõ inſignes, & poderoſas reliquias eſtas imagens de Xavier taõ auſentes, & remotas de ſeu corpo, & nunca tocadas nelle, mandando Roma a Goa hum de ſeus famoſos Pintores, que lhe retrataſſe huma vera effigie, que foſſe viva imagem de Xavier morto; com eſta reliquia incruenta, parece que taõ enriquecida ficaria ella ſem o ſeu braço, como o Santo inteiro com elle.

VII.

MAs já he tempo que vejamos o ſacrificio, & preparem-ſe os co-

raçoens de novo animo, & valor para hum nunca visto espectaculo. O lugar que se elegeo, foy huma Capella interior, para onde se trasladou o santo corpo a titulo de mayor decencia. O tempo, o mais secreto da meya noite, sem noticia dentro, nem fóra do que estava determinado, *Ne tumultus fieret in populo*, porque sabendo-se, toda Goa, & toda a India se poria em armas para defender o braço, que tantas vezes a tinha defendido: os assistétes eraõ, o Visitador, o Provincial, o Prepósito, & tres Consultores da Provincia: o Executor hum Irmaõ leigo, naõ parecendo decente que as mãos Sagradas, que offerecem a Deos o Sacrificio incruento de seu Filho, se ensangoentassem no de Xavier. Postos assim de joelhos todos, levantou o Executor o braço do Santo, taõ natural, & flexivel, como se fosse de hum corpo vivo, que estivesse dormindo, & indo para o cortar, eis que subitamente tremeo a terra, a Capella, & todos os que nella estavaõ. Tornaõ segunda vez a intentar o golpe, & naõ só o pavimẽto, mas as paredes, com segũdo tremor, pareceo que se queriaõ arruinar, desencaxando-se as pedras. Quẽ naõ desanimàra com a repetiçaõ de tal prodigio! Insistindo porèm terceira vez no mesmo intento, foy tanto mayor o tremor, & aballo, que o tecto, & todo o edificio daquella grande casa cahia sobre os que estavaõ na Capella, com que todos attonitos se sahiraõ fóra. Quem naõ dissera de cada hũ destes Padres naquelle caso, quando a execuçaõ naõ fora no verdadeiro corpo de Xavier, senaõ em alguma estatua sua: *Ter conatus erat casus effingere in auro, ter patriæ cecidere manus!* Virg. 5. Æne d. Feita por elles nova consulta, quando parece que se avia de resolver nella, que se rescrevesse a Roma, & se representassem os manifestos, & prodigiosos indicios, com que Deos mostra-

moſtrava que naõ era ſervido, que o ſanto corpo ſe dividiſſe, mas perſeveraſſe inteiro, para que a ſua meſma inteirezafoſſe hum perpetuo teſtemunho a todo o Oriente, da verdade da Fè que lhe prègàra; o que ſe reſolveo foy, que tomaſſem ao meſmo Santo por interceſſor contra ſi, & lhe pediſſem licença para a execução do que eraõ mandados. Entraõ outra vez todos na meſma Capella, & poſtos de juelhos, fallou aſſim hum dos Prelados: Bẽaventurado Santo, bem ſabeis vòs que vimos aqui naõ tanto por noſſa vontade, quanto por obediencia de noſſo Padre Gèral. E pois em vida foſtes taõ obediente, dainos agora depois de morto licença, para que poſſamos executar o que ſe nos ordena, mandãdo eſta reliquia de voſſo corpo, que a pede o Summo Pontifice. Diſſe; & em ſe ouvindo o nome do Sũmo Pontifice, do Padre Gèral, & eſta palavra obediencia, obedeceo o Santo, obedeceo a terra, obedecèraõ as paredes, obedeceo tudo, & o braço ſe deixou cortar, manando da ferida tanto ſangue, que encheo hum vaſo de prata, & banhou nelle huma toalha, que para eſte effeito hia prevenida, a qual depois de muytos annos levou o Conde de Linhares Viſo-Rey da India, para apreſentar a El-Rey Dom Felippe IV.

Em fim, q̃ depois de ſeſſenta, & tres annos, temos o corpo de Saõ Frãciſco Xavier, como ſe nelle ſe compriſſe a profecia do Sacerdote Heli: *Ecce dies veniẽt, & præcidam brachium tuum.* Mas poſto que lhe falte o braço direito, eu eſpero, & prometo, que ſeram tantas as ſuas vitorias do eſquerdo, que ſe trocando os termos, do direito ſe podia dizer: *Cadent à latere tuo mille*; do eſquerdo ſe diga: *Et decemmillia à ſiniſtris tuis.* Se tudo porèm o que ſe obrou neſte caſo foy mais por inſtinto Divino, como depois moſtrarei, que

1. Reg. 2. 32.

Pſalm. 90. 7.

que por razaõ humana; muyta temos para deſejar ſaber qual ſeria o fim da Divina Providencia em permitir no corpo incorrupto, & inteiro de Xavier, o que naõ lemos ſe fizeſſe em outro dos q̃ Deos tem cõſervado atègora ſem corrupçaõ. Entendo, & digo, que os fins altiſſimos deſta taõ particular Providencia foraõ dous, hum da parte da Companhia, outro da parte de Xavier. Da parte da Companhia, para que em todas as circunſtãcias deſte caſo lhe ficaſſe expreſſo hum perfeitiſſimo exemplar da exacta obediencia, que profeſſa. E da parte de Xavier, para que depois da morte lhe concedeſſe Deos o martyrio, que ardentiſſimamente deſejou, & prõcurou ſẽpre, ſem o poder alcançar em vida.

VIII.

QUanto ao primeiro, cõcorrèraõ neſte caſo tres generos de Superiores, & Subditos: o Summo Pontifice Superior do Gèral, & o Gèral Subdito do Pontifice: o Gèral Superior dos Padres da India, & os Padres da India Subditos do Gèral: os Padres da India Superiores, do modo que o podiaõ ſer, do corpo de Xavier, & o corpo de Xavier Subdito dos meſmos Padres. Diſcorramos agora por todos os generos deſtes Superiores, & Subditos, & veremos na ſua obediencia todos os primores, & apices da perfeiçaõ deſta virtude, na qual Santo Ignacio foy o mais exacto de quãtos Legisladores a ordenàram, & de quantos Eſcritores della eſcrevèraõ.

Primeiramente manda Santo Ignacio nas ſuas Regras, que todos procurem obſervar, & ſinalar-ſe na obediencia de tal ſorte, que para obedecer naõ ſeja neceſſario preceito, ou mandado expreſſo do Superior, mas baſte ſómente o final da ſua vontade: *Omnes obedientiam obſervare, & in ea excellere ſtudeant, licet* Summ Regul. 33.

cet nihil aliud, quàm signum voluntatis Superioris sine ullo expresso præcepto videretur. E tal foy a perfeiçaõ da obediẽcia do Padre Gèral, que era Claudio Aquaviva, ao Summo Pontifice Paulo V. Porque o Summo Pontifice naõ lhe mandou, ou poz preceito, & só lhe significou a vontade que tinha de ter em Roma huma reliquia insigne do corpo de Saõ Francisco Xavier, ou de Francisco Xavier, que ainda naõ era Santo, & elle queria canonizar; & bastou este final da vontade do unico Superior que tem o Gèral da Cõpanhia, que he o Summo Pontifice, para que Claudio mandasse aos Padres da India executar o que là se fez. Confirma-se este alto grào de obediencia com o que Sam Paulo ensinou, ou insinuou a seu discipulo Timotheo, quando lhe escreveo: *Quia Lex justo non est posita.* Porque obedecer por Leys, & preceitos, he obediencia ordinaria; mas a obediencia excellente, qual he a do Instituto da Companhia: *In obedientia excellere studeant*, nam tem necessidade, nem espera Leys, ou preceitos, & bastalhe só o final da vontade do Superior. Assim commenta este texto do Apostolo, aplicando-o à obediencia de Samuel, o nosso doutissimo Portuguez Mẽdonça, como discipulo da escola, & espirito de Santo Ignacio: expoſiçaõ que se naõ acha nos Doutores antigos, ainda que Santos, os quaes eu só costumo allegar quãdo he necessario. *Perfectus obediens*, diz elle, *qualis erat Samuel, imperium non requirebat, quia solo nutu etiam absque ullo jussu ad voluntatem Prælati exequendam ferebatur.*

1. ad Timoth. 1. 9.

O segundo documẽto de Santo Ignacio he, que seus filhos se devem haver nos casos da obediẽcia, como nas materias da Fè, fechando os olhos a quaesquer difficuldades, & objeçoens que nelles se lhe offereçaõ, sem as examinar, ou inquirir, bastãdo para crer o di-

o dito do Superior, que o manda: *Ut ad credenda quæ catholica Fides proponit, toto animo, assensuque vestro incumbetis; sic ad ea facienda quæcunque Superior dixerit, cæco quodam impetu voluntatis parendi cupidæ, sine ulla disquisitione feramini.* E estafoy a perfeita obediẽcia dos Padres da India, em obedecer, & naõ replicar ao Padre Gèral. Terrivel objeçaõ era aver de meter o ferro naquelle santo, & milagroso corpo, & cortar, & dividir a inteireza, com que Deos tantos annos avia, o conservava. E mais terrivel ainda depois dos tremores cada vez mais sẽsiveis, & temerosos, huma, & duas, & tres vezes repetidos: & com tudo obedecèraõ fechando os olhos, & cativando os entendimentos, como se fora a hum decreto da Fè. A confirmaçaõ neste graviſſimo ponto naõ he menos que do Principe dos Apostolos Saõ Pedro, o qual contando a famosa visaõ do que tinha visto, & ouvido no monte Tabòr, acrecẽta aos Christãos a quem escreve, que ainda tem outro testemunho mais firme, que he o dos Profetas, aos quaes fazem bem seguir, & crer cõ toda attençaõ: *Et hanc vocem nos audivimus à Cœlo allatam, cum essemus cum ipso in monte sancto: Et habemus firmiorem propheticũ sermonem, cui benefacitis attendentes.* Pois se o mesmo Saõ Pedro, & os outros dous Apostolos tinhaõ visto, & ouvido todas as cousas taõ maravilhosas, que se viraõ, & ouvìraõ no mõte Tabòr: porque diz que tẽ outro testemunho mais firme que o seu, que he o dos Profetas, a que fazem bem de attender: *Cui benefacitis attendentes?* Tambẽ aqui ha de ser o commentador da escola, & espirito de Santo Ignacio, o Doutiſſimo à Lapide, o qual apertãdo mais o argumẽto na voz do P. diz assim: *Licet enim vox Patris objective, puta in se, esset veriſſima, & certiſſimaæque ac oracula Prophetarũ, tamẽ subjective,*

Epistol. Obed. n. 28.

2 Petr. 1. 18. & 19.

ve, quatenus in auribus S. Petri recipiebatur, & resonabat, non erat tam certa, & firma quàm visiones Prophetarum: auditus enim omnisque sensus falli potest; visio verò Prophetarum falli nequit, quia fit per lumen supernaturale, & Divinũ. De sorte que a razaõ da differença he, porque a visam dos Apostolos foy pelo conhecimento natural dos sentidos, em que pòde aver engano. E a dos Profetas, he por lume sobrenatural, & Divino, em que naõ pòde haver fallencia. Por isso contra o que vemos, ouvimos, & apalpamos, cremos o que diz a Fè: & assim deve crer o verdadeiro obediente, o que diz o Superior, cuja voz he a de Deos, como ensina o mesmo Christo: *Qui vos audit, me audit.*

Luc. 10. 16.

Resta a terceira consideraçaõ da fina, & perfeita obediencia, que so y a do corpo morto de Saõ Francisco Xavier, aos Superiores da casa onde estava taõ venerado. E neste taõ extraordinario ponto parece que fallou Santo Ignacio, naõ só como Legislador, senaõ como Profeta. Diz que os que vivem debaixo da obediencia, se devem deixar guiar, & reger da Divina Providencia por meyo de seus Superiores, como se fossem hum corpo morto, que se deixa levar para qualquer parte para onde o levarem, & que o tratem de qualquer modo, que o quizerem tratar. *Qui sub obedientia vivũt, se ferri, ac regi à Divina Providentia per Superiores suos sinere debent, perinde, ac si cadaver essent, quod quoquoversus ferri, & quacunque ratione tractari se sinit.* Pòde haver cousa mais propria, & mais natural, ou mais sobrenatural do nosso caso? O corpo morto de Saõ Francisco Xavier naõ, *ac si cadaver esset*, senaõ como cadaver, que era, se deixou levar para onde quizeraõ, porque se deixou levar da Asia à Europa, & de Goa a Roma, para onde quiz o Pontifice que fosse, & como

mo cadaver que era, se deixou tratar como quizeraõ; porque o quizeraõ ferir, posto que sem crueldade cruelmente, chegãdo a lhe espedaçar a sua inteireza, & lhe cortar naõ menos que o braço direito. Em huma só cousa naõ mostrou Xavier que estava totalmente morto, que foy o copioso sangue, que lhe correo das veas. Do Lado do corpo morto de Christo correo sangue, mas ao mesmo corpo estava unida outra natureza viva, & immortal. E como se a obediencia de Xavier fosse nelle outra natureza, o corpo estava morto, mas a obediencia viva. Santo Ignacio quiz que os obedientes vivos fossem como corpos mortos: & Sam Francisco Xavier fez que o seu corpo morto fosse como obediente vivo. Obedecendo a Christo sahio vivo da sepultura Lazaro, que estava morto. Mayor milagre seria, se morto, como estava, sahisse, & obedecesse. Porque esta obediencia entaõ naõ seria de todo Lazaro, senaõ de ametade delle: *Ad unam vocem Domini totus Lazarus vivus processit, qui totus ibi non fuerat.* Lazaro, diz Santo Agostinho, na sepultura naõ estava todo, senaõ só ametade, que he o corpo, mas à voz de Christo sahio della vivo, & todo. De sorte que para Lazaro obedecer foy necessario que primeiro vivesse, & primeiro se lhe restituisse a parte que lhe faltava, que era a Alma, & assim obedeceo vivo, & todo: *totus Lazarus vivus processit.* Porèm o corpo morto de Xavier, morto, & sem vida, parte, & nam todo obedeceo com tal generosidade, & fineza, que sendo naquelle estado só ametade de si mesmo, consentio que atè dessa ametade lhe cortassem hũa parte taõ principal; como se dissera: Com tanto que a obediencia fique inteira, espedacese embora o corpo, & cortem quanto quizerem. Taõ heroyca foy a clausula, cõ que nestes tres actos de

de obedecer, ſe acabou de perfeiçoar a imagem, & como retratar, & illuminar o verdadeiro, & exacto exemplar da obediencia da Companhia.

IX.

QUanto ao ſegundo fim da Providencia Divina neſte caſo taõ glorioſamente tragico, diſſemos que foy querer Deos conceder a Xavier depois da morte o martyrio, que tanto deſejàra em vida. E para entendimẽto de quam continuos, & ardentes foraõ no grande Apoſtolo eſtes deſejos, baſtava conſiderar as muytas, & manifeſtas occaſioens de lhe tirarem a vida pela Fè que prègava, em que ſempre, & em toda a parte ſe meteo intrepidamente, condenãdo as falſas Seitas dos Bramenes, dos Bõzos, dos Mahometanos, & todo genero de Gentios, em preſença dos meſmos Sacerdotes, & Reys, que as defendiaõ, abominando, & chamando diabolica a Divindade dos Camìs, & Fotoquez, & dos outros mõſtros, que adoravam por deoſes, quebrando-lhes os Idolos, & derrubando-lhes os templos, & vivẽdo ſempre de milagre, com o unico, & verdadeiro Deos na boca, & o Eſtandarte da Cruz publicamente nas mãos, entre tantas Naçoens, humas taõ tenazes das ſuas ſuperſtiçoens, outras taõ preſumidas da ſua ciencia, & todas taõ barbaras, & feras. Iſto como digo baſtava para entẽder quam ardentes eram em Xavier os deſejos do martyrio. Mas o meſmo Santo o declarou depois de morto, quando tirou das gargantas da morte ao Padre Marcello Maſtrilli em Napoles, na fórma do voto que lhe ditou, & todos os preſentes ouvìraõ, prometendo de hir ao Japaõ, & padecer martyrio pela Fè, acrecentou: Como eu ſempre deſejei, & nunca pude conſeguir. Daqui ſe ſegue, que o que Sam Franciſco

Xavi-

Xavier padeceo no seu corpo morto, naõ foy involuntario, senam muyto por sua vontade, como a lançada de Christo morto na Cruz, pela previsaõ, & aceitaçaõ antecedente della.

Qual foy pois o genero de martyrio no corpo morto de Xavier? Digo que o mais perfeito. Sam Bernardo nos tres Martyres, que a Igreja celebra nos tres dias seguintes ao Nacimento do Redemptor, distingue com engenhoso reparo tres generos de martyrio. Em Santo Estevaõ martyrio com vontade, & com sangue: em Saõ Joaõ martyrio sem sãgue, & com vontade: nos Santos Innocentes martyrio sem vontade, mas com sangue. O martyrio de Xavier naõ foy como o dos Innocentes, porque teve a antecedente vontade, que elles naõ poderaõ ter: nem foy como o de Sam Joaõ, porque teve o sangue, que a elle lhe faltou. Foy logo como o de Santo Estevaõ, em que o sangue aperfeiçoou a vontade, & a vontade o sangue. E teve mais alguma perfeiçaõ? Sim. Porque no martyrio de Sãto Estevaõ, com odio da Fè, foy envolto o martyrio cõ odio, & com o peccado dos executores. E no martyrio de Xavier, por obediẽcia, naõ étreveyo odio, nẽ peccado, senaõ amor, & merecimento. Foy o martyrio de Xavier, como avia de ser o de Isaac se se conseguìra. Isaac o Martyr, & o mais amado, o pay o executor, ou piadoso Tyranno, & o que mais o amava. Assim foraõ todos os que concorrèraõ para o martyrio de Xavier. O Pontifice com amor, o Geral com amor, os Padres da India, como Abrahaõ, com amor, & Xavier o padecente como Isaac, naõ só amado, senam por muyto amado. Naõ ouve mais puro, nem mais defecado martyrio, entrãdo tambem neste numero o do mesmo Christo, posto que Martyr da obediencia: *Factus obediens usque*

que ad mortẽ. Porque tambem o ſeu Caliz naõ careceo das fezes do odio, & do peccado: *Verumtamen fex ejus non eſt exinanita.* Por iſſo o meſmo Senhor tornou a repetir o meſmo Sacrificio, & conſagrar o meſmo ſangue no Sacramento do Altar, onde lhe chama o Profeta, *Vinde mia defecata*; porq̃ o odio dos que no Caliz da Payxaõ o derramàraõ, foraõ as fezes, & eſtas defecou o amor puro, cõ que no Caliz do Sacramento ſe deixou, & no-lo deo a beber o amoroſiſſimo Redemptor.

Plalm. 749.

Iſaiæ 25. 6.

Pòde parecer porèm, que ſe naõ agradou Deos deſte martyrio do corpo de Xavier, nam ſó pelos tremores prodigioſos, que o precedèraõ, mas porque depois delle foy couſa notavel, & muyto notada, que todos os ſeis Padres, que concorrèram à execuçam, morrèram dentro em ſeis mezes. E o irmão mais immediato, & principal executor cegou, & poſto que viveſſe muytos annos, acabou cego. Logo demoſtraçoens foraõ eſtas, com que Deos naõ aprovou o martyrio. Reſpõdo que huma, & outra couſa quiz, & ordenou Deos, ambas para mayor gloria de Xavier, & o provo naõ com hum, ſenaõ com infinitos exemplos. Que couſa mais ordinaria, & maravilhoſa em quaſi todos os Martyres, q̃ livralos Deos das unhas das feras nos Leoens, & nos Tygres, & da furia dos elementos no mar, & no fogo? E com tudo nam os livrava dos fios da eſpada nas mãos dos homens. E porque? A primeira razaõ, como Author da natureza, para naõ violar os fóros do alvedrio, que ſó ſe acha nos homens, & naõ nas feras, nem nos elementos. A ſegunda, como Author da graça, para com os milagres, & reverencia deſtes honrar os Santos, & com a execuçaõ dos outros os naõ defraudar da coroa. Aſſim reſolve ſolidamente eſta taõ cõtrovertida queſtaõ o doutiſſimo Theophi-

lo:

lo: & o mesmo digo no nosso caso. Onde a obediencia naõ foy culpa, naõ podiaõ as demostraçoens de Deos, posto que rigorosas, ser castigo. Mas naõ deixou a Providencia Divina de as fazer, & taõ publicas, & notorias por dous fins: o primeiro para mayor honra, & gloria de Xavier, & exemplo do respeito, & veneraçaõ, com que quer sejaõ reverẽciadas suas reliquias. O segundo para satisfazer os desejos do martyrio, com que o Santo ardia em vida; & depois da morte o coroar com esta nova laureola, ou o revestir com esta nova estola, como lemos que foy dada no Ceo aos Martyres, que pediaõ nova satisfaçam do seu sangue. Finalmẽte para ultima, & milagrosa cõfirmaçaõ de tudo o que tenho filosofado sobre a separaçaõ do braço de Xavier, note-se muyto muyto no Anjo forte, figura do mesmo Santo, que tendo dous pès, que serviaõ de bazes às duas columnas, nam se faz nelle mençaõ mais que de hum só braço: *Et in manu ejus libellum apertum.* Apoc. 10.2.

X.

ATèqui a parte da prodigiosa tragedia do corpo morto, & braço cortado de Xavier, que se representou na terra. Agora vejamos brevemente, pois o tempo naõ permite mais, a segunda, que teve por theatro o mar. Embarcado em Goa o santo braço, & segunda vez arrancado do Santo corpo, apartamento em que o naõ posso considerar sem grãdes saudades, & como dizẽdo mudamente: *Non aliter dolui, quàm si mea membra relinquam*, devẽdo ser a embarcaçaõ, & a escolta de tam inextimavel thesouro a mayor, & mais poderosa Armada, que nunca partio da India; como aquelle porèm, que só comsigo hia mais bem defendido, permitio o governo do Ceo (o que naõ sey como fez o da terra) que fosse embarcado Ovidio.

cado em huma caravella. Jà entaõ naõ eramos taõ senhores daquelles mares, como no tempo de Xavier. E a poucos dias de viagem viram, nam os Soldados, porque os naõ avia, senam os Marinheiros, que os vinha seguindo na mesma esteira hum Cossario Olandez. Bem podèra eu aqui enxerir, como foy a causa, de que as nossas caravellas se convertessem em taõ poderosas, & bem armadas naos, como saõ as de que hoje se compoem as nossas frotas. Foy o caso, que estando El-Rey Dom Joaõ o IV. de sempre gloriosa memoria, em Alcantara, em huma vespera de Saõ Joaõ, offereci a Sua Magestade hum alvitre, com que festejar aquella noite o seu Santo: & o alvitre era, que se fizessem trinta, & nove fogueiras de outras tantas caravellas, que tinha contado no rio de Lisboa: porque as caravellas, Senhor, naõ servem à nossa marinhagem, & aos que nellas se embarcaõ, mais que de escolas de fugir. Assim o fizeraõ os daquella caravella, & depois de acrecentarem pano sobre pano, & alijaré ao mar quãto a podia fazer mais ligeira, reconhecèraõ que o Cossario a vinha entrando, & jà taõ vizinho, que a tomaria sem remedio. Entaõ se lẽbrou o Padre Sebastiam Gonçalves Reitor do Noviciado de Goa, de acudir à Sagrada reliquia, que levava a seu cargo; & tanto que o poderoso braço obrador de tantas maravilhas appareceo no convez, a nao do Pirata com as velas cheas parou no mesmo momento, como se dera fundo. E como se todas as cordas se convertèraõ em amarras, & todos os pregos em ancoras, naõ deo mais hum passo adiante.

Naõ reparo na fraqueza do vento, & seus impulsos, com as velas cheas, & ellas, & o navio parado, porque costumados estavaõ todos os ventos, & o mesmo Tufaõ Rey delles, ou assoprando, ou acalmando

mando, a obedecer aos acenos daquelle braço. O que pondero he, que a cobiça raivosa do Pirata ficasse alli atada, & preza. Duas vezes fez Saõ Francisco Xavier parar ô Sol, huma vez pelas oraçoens do Padre Sebastiaõ Vieira, navegando ao Japam onde morreo queimado pela Fè; outra invocado cò lagrimas por outros navegantes em perigo extremo por falta de luz E em ambas repetindo os dous milagres do mesmo Sol, que se referem na historia Sagrada. O primeiro, como em tempo de Ezechias, tornando o Sol atraz, porque depois de metido no Occaso tornou a nacer, & subir, perseverando sobre o Orizonte quanto espaço foy necessario para o navio se pòr em salvo. O segundo, como em tempo de Josuè, quando à sua voz obedeceo o Sol, porque esteve parado, & immovel, correndo jà a se esconder no Occidente, em quanto o ouvèraõ mister os navegantes, para vencer os vẽtos, & mares, mais poderosos inimigos que os Amorreos. Agora pergunto: qual foy mayor milagre, o da voz de Josuè em deter, & parar o Sol, ou o do braço mudo de Xavier em deter, & parar o Pirata? Esta questaõ jà està sentenceada, & decidida naõ menos que pelo grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio. Para cuja intelligencia he necessario suppor, que quando Josuè entrou na terra de Promissaõ, antes de render a primeira Cidade, que foy a de Jericò, lançou pregaõ, que dos despojos da Cidade ninguem tomasse cousa alguma sob pena da vida, por toda ella estar consagrada a Deos, a cuja honra avia de ser queimada. Com tudo diz o Texto Sagrado, que hum Soldado chamado Acham furtou alguma parte dos despojos: *Tulit aliquid de anathemate.* Este furto foy causa de que o exercito de Josuè padecesse huma rota na conquista da segunda Cidade chamada

Josuè. 10.

Jo su 7. 1.

da Hai. Isto posto, diz agora Santo Ambrosio: *Jesus Nave, qui potuit Solem sistere ne procederet, avaritiam hominum non potuit sistere ne serperet. Ad vocem ejus Sol stetit, avaritia non stetit. Sole itaque stante confecit Jesus triumphum, avaritia procedente pene amisit victoriam.* Josuè pode parar o Sol, mas naõ pode parar a cubiça do ladraõ. Parou o Sol, mas naõ parou a cubiça. Assim que parado o Sol aperfeiçoou o triunfo, & naõ parada a cubiça, quasi perdeo a vitoria. E como he mayor milagre parar a cubiça do ladram, que parar o curso do Sol, pois Josuè pode parar o curso do Sol, & nam pode parar, & deter o ladram; muyto mayor milagre foy do braço de Xavier parar esta vez o ladraõ, a sua cubiça, & o seu navio, que parar duas vezes o Sol.

Ambr. lib. 2. de offic. cap. 26.

Navegando o Emperador Cayo em huma Armada de galès, subitamente parou a capitanea, sem lhe valerem quatrocentos valentes remeiros, & cinco ordens de remos para se mover. Buscada a causa, se achou, que a detinha huma rèmora pegada ao leme, a qual arrancada delle, & metida dentro, diz Plinio, que o que mais se admirou no caso foy, que fóra do navio tivesse tanta força, & virtude, & dentro delle nenhuma. *Peculiariter miratum, quomodo adharens tenuisset, nec idem polleret in navigium receptus.* Comparemos agora o braço de Xavier, que foy a rèmora do Cossario, com esta de Cayo, que tambem vinha de cosso. A remora viva, o braço de Xavier morto: a remora pegada ao leme, o braço de Xavier sem tocar cousa alguma: a remora prevalecendo ao impulso de tantos remos, & remeiros, o braço de Xavier ao das velas, & dos ventos: a remora tirada do mar perdeo todas as forças, porque a tiraraõ do seu elemento; o braço de Xavier com a mesma força em toda a parte, porque dominava todos

Plinius lib. 32. cap. 1.

dos os elementos: a remora finalmente dêtro da galè, onde eſtava, naõ podendo deter a meſma galè; & o braço de Xavier dentro no navio, onde eſtava, que era outro, fazendo parar o navio onde naõ eſtava.

Mas he muyto digno de reparar, que o meſmo braço de Xavier hia no meſmo navio antes de o aviſtar, nem ſeguir o Pirata: pois porque naõ fez eſte milagre ſenam depois que appareceo no convez a caxa, em que eſtava encerrado? Por iſſo meſmo. Appareceo a Arca do Teſtamento no Jordaõ, & no meſmo ponto a parte ſuperior do Rio parou, & a inferior fugio para o mar. Pergunta lhe agora David: *Quid eſt tibi mare quod fugiſti, & tu Jordanis quia converſus es retrorſum?* Que cauſa tiveſtes tu, Jordam, para parar, & tu mar para fugir? Jà aqui temos hum parado, outro fugindo, como no noſſo caſo: & ſe eu lhe fizer a meſma pergunta, a reposta tambem he a meſma: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* Là parou hum, & fugio outro; porque appareceo a Arca, em que eſtava Deos. E cà hum parou, & outro fugio; porque appareceo a caxa, em que eſtava o braço de Xavier.

Aſſim fugindo (que he a primeira vez, em que o fugir foy valor, & a fugida triunfo) navegou felizmente o reſto da viagem o venturoſo lenho, que levava o Sagrado depoſito, & tomando porto, primeiro no Tejo, & depois no Tibre, o recebeo, & feſtejou Roma com a ſolemnidade, & applauſos, que prometia taõ deſejada expectaçaõ. Deſta maneira alcançàraõ os dous braços de Xavier, ainda neſte mundo, aquella gloria, que nam chegou a imaginar, nem appetecer a ſoberbiſſima ambiçam de Alexandre Magno. Diſſeram-lhe os Embaixadores dos Scytas, como refere Curcio: *Si Dij habitum corporis tui aviditati animi parem eſſe volu-*

voluiſſent, orbis te non caperet: altera manu Orientem, altera Occidentem contingeres. Se os deoſes, ò Rey, te quizeſſẽ dar o corpo igual ao teu eſpirito, naõ caberias no mundo; porque cõ hum braço alcançaria a tua maõ o Oriente, & com outro o Occidente. E nam he iſto o que com immenſa extençaõ abraçam hoje os dous braços de Xavier? Hum no Oriente em Goa, cabeça da chriſtandade da Aſia, & outro no Occidente em Roma, cabeça da chriſtandade, & do mundo. Aſſim he, & ainda naõ ſabemos o q̃ ſerà. Só ſey q̃ huma pequena reliquia deſte braço, levada à Cidade de Malinas em Flandes, obra tantos, & taõ continuos milagres, que jà naõ cabem nos livros. E ſe iſto pode huma pequena parte daquelle braço, occaſioens pòde haver, em que veja Roma, & o mundo, o que pòde inteiro.

XI.

COm eſtas eſperanças tenho acabado a noſſa Novena, & as prometo muyto firmes, & certas, de que Saõ Franciſco Xavier nam ſerà ingrato aos que com tanta devaçaõ, apparato, ſolemnidade, & deſpeſas, o ſervem, & veneraõ. E poſto que ſeja com taõ nobre, & deſentereſſada liberalidade, he o Santo taõ primoroſo, & tam pontual a ſua correſpondencia, que naõ conſentirà ſe perca nada com elle. Quando chegou o ſeu corpo defunto a Malàca, ouve hum devoto, que em lugar de alampada acendeo hum cirio diante da arca do Sagrado depoſito. Eſte cirio, que quando muyto podia durar vinte, & quatro horas, durou ſempre aceſo dezoito dias, & dezoito noites, & depois pezou mais do que dantes pezava. O que ſó noto he, que os dias, & as noites foram dezoito, que fazem duas Novenas: para que fique

entendido, que o que ſe emprega nas Novenas de Xavier, ſe he fogo, nam queima, ſe he cera, nam ſe derrete, & ſe he preço, nam ſe diminue, antes ſe augmenta.

SER-

SERMAM DECIMO

DA SUA CANONIZACAM.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est. Matth. 6.

I.

SE o Sermaõ houvèra de ser de quem he o dia, isto he, do Santissimo Pontifice, & Sapientissimo Doutor da Igreja Saõ Gregorio, por antonomasia o Magno; o mesmo Evangelho sem outra exposiçaõ nos dava o thema forçado: *Hic magnus vocabitur in Regno Cœlorum.* Mas porque o intento, & obrigaçaõ da festa, & o assumpto do Sermaõ he a Canonizaçam de Sam Francisco Xavier, ou Sam Francisco Xavier canonizado, as palavras, que propuz: *Sic luceat lux vestra*

coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est, saõ taõ proprias, & naturaes do mesmo arguméto, que por todas suas clausulas, & circunstancias nos estaõ mostrando os fundamẽtos humanos, & divinos, cõ que a Santa Madre Igreja, como columna da Fè, & da verdade pòde definir, & revelar na terra, o que só he presente ao Ceo, & declarar por bemaventurado, & q̃ està vendo a Deos o homem, que canoniza; para que nòs o veneremos como Santo, como Santo o ponhamos sobre os Altares, como Santo nos ajuelhemos diante de suas imagens, & como Santo e perdemos de Deos por sua intercessaõ, & merecimentos o que naõ presumimos dos nossos.

II.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est. Tres cousas propoem, & pedem estas palavras, huma da parte do Santo, outra da parte dos homens, & a terceira, & principal da parte de Deos. Da parte do Santo, que a luz, & as ob as sejaõ suas: *Lux vestra, opera vestra*: da parte dos homens, que o seu testemunho seja presencial, & de vista *ut videant*: da parte de Deos, que tudo seja encaminhado, & tenha por fim a gloria do mesmo Deos: *& glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est.*

Nesta ultima clausula se contem o merecimento proprio, & determinado, & que necessariamente se suppoem para a verdadeira Canonizaçam. E qual he? Que glorifique Deos com a honra da Canonizaçaõ depois da morte, aos que tambem honràraõ, & glorificàraõ a Deos com as obras da vida. Para intelligencia fundamental deste póto em materia tam grave: & para que naõ imagine alguma erudiçaõ menos

nos

nos douta, que a Roma christãa seguio o erro, & vaidade da Roma gentilica, com que por authoridade do seu Senado decretava as honras Divinas, & canonizava os Numas, & os Augustos; he necessario saber qual foy a origẽ, donde as chaves de Saõ Pedro tomàraõ a imitaçaõ de estabelecer na terra o que tanto depende do Ceo. Seja pois a primeira conclusaõ certa, & infallivel, que a Igreja, & Ley nova neste sagrado rito de canonizar imitou a Ley, & Igreja antiga, a qual canonizou muytos Varoens illustres em sãtidade, assim da mesma Ley escrita, como da natural. Consta do capitulo quarenta, & quatro do Ecclesiastico, que começa: *Laudemus viros gloriosos in generatione sua*: & assim o definio o Papa Innocencio no primeiro capitulo *de reliquijs, & veneratione Sãctorum*, onde dà, & declara a razaõ por estas palavras: *Per hoc, quod dicit, laudemus viros gloriosos, ostendit quod canonizati erant, quia aliàs non mãdaretur Ecclesiæ, quòd eos laudaret.* Quer dizer canonicamente, que em mandar a Sagrada Escritura à Igreja que louve aquelles Varoens, mostra que eraõ canonizados por Santos; porque doutra sorte naõ os mandaria louvar, nem lhes chamaria gloriosos.

Ecclesiast. 44. 1.2.

Mas porque este nome, gloriosos, se póde entender, ou passivamente da gloria, com que foraõ glorificados por Deos depois da morte, ou activamente da gloria, com que elles glorificàraõ a Deos na vida; do mesmo texto se colhe manifestamente, que se entende nam da primeira gloria, com que Deos foy glorificador delles, senam da segunda, cõ que o mesmo Deos foy glorificado por elles. Isso significa aquelle additamento: *Gloriosos in generatione sua*, gloriosos na sua vida, & no tempo, em que vivèraõ, & florecèraõ neste mundo. E se confirma com evidencia

na combinaçaõ de hum, & outro tempo. Porque o livro do Ecclesiastico, que contem o Cathalogo daquelles canonizados, como consta de Saõ Jeronymo, & de todas as chronologias, foy escrito em tempo de Ptolomeo, & dos Setenta Interpretes coèvos a Alexandre Magno; & os mesmos canonizados florecèraõ muytos seculos, & ainda mil annos antes; como Enoch, Noè, Abrahaõ, Isaac, & Jacob, Moyses, & os demais, que alli se nomeaõ. Logo foraõ canonizados por Santos, naõ pela gloria, com que Deos os canonizou, & glorificou depois da morte, senaõ pela gloria, com que elles servìraõ, & glorificàram a Deos na vida: *Gloriosos in generatione sua.*

Daqui se inferem duas consequencias muyto dignas de ser notadas. A primeira, que no tempo da Ley escrita, para serem canonizados os Santos, nam era necessario que fossem bemaventurados, & estivessem no Ceo; porque antes da morte de Christo ninguem entrou no Ceo, & com tudo Enoch, Noè, & os demais, naõ estando, nem podèdo estar no Ceo, foraõ canonizados. A segunda, que no tempo da Ley da Graça he necessario que primeiro estejam no Ceo, & sejaõ bemaventurados, mas que naõ basta isso para merecerem a Canonizaçaõ; porque à gloria da bemaventurança, com que Deos os glorifica depois da morte, he necessario que preceda a gloria das boas obras insignes, com que elles glorifiquè a Deos na vida. E da certeza desta doutrina se entenderà a verdadeira reposta de huma questaõ curiosa, mais dos Canonistas, que dos Theologos.

Perguntaõ se hum menino, que morreo depois do Bautismo, pòde ser canonizado, ainda no caso, em que o mesmo Summo Pontifice o bautizasse? Parece que sim; porque a innocencia daquelle menino naõ

naõ he capaz de peccado actual: o original jà eſtà extincto pelo Bautiſmo: do Bautiſmo, & intençaõ naõ pòde duvidar o meſmo Pòtifice: logo naõ pòde deixar de crer que eſtà no Ceo, & he bemaventurado: logo pode-o canonizar. Com tudo reſolvem naõ ſó os Doutores, ſenaõ os meſmos Sagrados Canones, que naõ pòde ſer canonizado; porque pela preça venturoſa, com que o recem bautizado voou ao Ceo, naõ teve tempo para fazer obras, & muyto menos inſignes, com que glorificaſſe a Deos; & Deos naõ dà a gloria da Canonizaçaõ a quem lhe naõ deo a davida; & ſó glorifica cõ eſte teſtemunho de ſãtidade aos que o glorificàram com ella.

Finalmente para fechar eſte diſcurſo naõ menos que com as chaves de Saõ Pedro, nem em outra Canonizaçam, ſenam na meſma de Sam Franciſco Xavier, na Miſſa, em que a Sãtidade de Gregorio Decimo quinto pronunciou ſolemnemente o ſeu nome como de Santo, começou aſſim a Oraçaõ: *Deus, qui glorificantes te glorificas:* Deos, que glorificais aos que vos glorificaõ. Oh invocaçaõ divinamente inſpirada em tal dia, & em tal acto! Naõ diz, Deos miſericordioſo, nem Deos Omnipotente, ou Deos doutro modo Juſto, ſenaõ, Deos, que glorificais aos que vos glorificaõ. E neſte breve Oraculo da Suprema authoridade declarou a Igreja, que na Canonizaçam glorificava Deos a Xavier, & que a razaõ de o glorificar era, porque Xavier o tinha glorificado com ſuas obras, que he a concluſam do Evangelho, & o fundamento expreſſo do noſſo thema: *Ut videant opera veſtra bona, & glorificent Patrem veſtrum, qui in Cœlis eſt.*

III.

SUppoſto pois que glorificar Deos a Saõ Franciſco Xavier, com o collocar

car canonicamente no Cathalogo dos Santos, foy em premio de o mesmo Sãto ter glorificado a Deos cõ as obras de sua vida; leaõse agora todos os annaes sagrados, & Ecclesiasticos, & sem temeridade, nem encarecimento se pòde affirmar, que singularmẽte foy devida por este titulo a gloria da Canonizaçaõ a Xavier. E porque? Porque elle sem controversia estendeo a gloria do mesmo Deos, & de sua Igreja pelo mundo mais que nenhum outro, como a mesma Igreja confessa. E senaõ, appareça, ou haja quem o nomee. Vio David com os olhos profeticos a gloria da futura Igreja de Christo, que hé a Catholica, mais amada delle, que todos os tabernaculos de Jacob: *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob*: & fallãdo cõ a mesma Igreja debaixo do nome de Siaõ, diz-lhe assim: *Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei*: Muygloriosas cousas se cõtaõ, & cantaõ de vòs, oh Cidade de Deos! E que cousas gloriosas saõ estas? Naõ o dizem Expositores, senaõ o mesmo David: *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me. Ecce alienigenæ, & Tyrus, & Populus Æthiopum, hi fuerunt illic.* As cousas gloriosas, que digo de vòs, ô Cidade de Deos, he que vejo dentro dos vossos muros a Jericò, significada em Rahab, & a Babylonia, & a Tyro, & Ethiopia, & outros Gentios. Bem està, Profeta Sãto; & vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal vestido em huma roupeta preta, com os pès muytas vezes descalços, & com hũ Crucifixo na maõ prègando? Naõ. Pois adiantay mais a vista profetica, & quando vires este homem, que se chama Francisco Xavier, vereis tambem que jà a Cidade de Deos se habita sem muros; porque nam cabe nella a multidaõ das Gentes: *Absque muro habitabitur Jerusalem, præ multitudine*

Psalm. 86.2.

Ibid.2.

Ibid.4.

Zach.2. 4.

dine hominum. Entaõ com excesso de gloria sem numero, nem medida, por huma Jericò vos darey hũ Moçambique, hum Melinde, hum Socotorà, hum Bassorà, hum Ormuz, hum Diu, hum Damaõ, hum Baçaim, hum Châul, hũ Meliapor, hum Jafanapatam, hum Macào. Por huma Babylonia, que? Naõ vos darey Goa, nem Malàca, nem Samatra, que he a Aurea Chersonezo, nem tambem Meáco, cabeça de sessenta, & seis Reynos no Japam, nem Agrâ, Metropoli de todo o Imperio do Gram Mogor; senaõ Tunquim, ou Panquin sómente, mayor cada huma dellas, que quatro Babylonias. Por Tyro, jà naõ quero dar Cidades, senaõ Reynos: Cananor, Calecuth, Cranganor, Cochim, Porcâ, Travancor, Narcinga, Bengala, Pegû, Siaõ, Champâ, Cochinchina. Finalmente, pela Ethiopia, de quem jà dey parte, sẽdo ella hum canto da Africa, vos dou toda a Asia. E que comparaçaõ tem aquellas glorias da Igreja tam decantadas por David, com esta gloria, ou multidaõ de glorias, cõ que hum só Xavier glorificou immensamente a mesma Igreja, & nella a Deos?

Mas nesta mesma differença ha outra mais notavel, que se naõ deve passar em silencio. Naquellas glorias taõ celebradas: *Gloriosa dicta sunt de te*, o que nota David, como cousa memoravel, he que Jericò, & Babylonia tivessem conhecimento, & ciencia de Deos: *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me.* E quanto a esta ciencia de Deos, se ha de advertir que em todas as Cidades, Reynos, & Naçoens, que nomeey, nos quaes semeou Xavier mais, ou menos immediatamente a mesma ciencia, naõ foy cõ os mesmos effeitos. Foy bẽ assim como o trigo do Semeador Evangelico, que parte cahio em boa terra, parte entre espinhas, & parte sobre pedras duras. Demaneira que daquelles Gẽtios, huns

ficaraõ

ficàraõ totalmente cõvertidos, outros fómente convencidos, & os demais, posto que nem convertidos, nem convencidos, todos porèm alumiados com o conhecimento do verdadeiro Deos, & com a ciencia do nome, que nunca tinhaõ ouvido. Ostotalmente convertidos, que se bautizàraõ, & fizeraõ Christãos, naõ só se contàraõ a milhares, senaõ a milhoẽs. E houve dia em que Xavier bautizava lugares, & povos inteiros. Os convencidos fómente, foraõ muytos Bramenes, & Mahometanos, que em disputas particulares conhecèram, & confessáraõ, que a Fè, & Religiam Christãa era a verdadeira; mas que por credito do que atè entaõ tinhaõ ensinado, & por naõ perderem os emolumẽtos de que viviaõ, naõ se atreviaõ à publica confissaõ, & profissam della. E os demais, posto que naõ convertidos, nem cõvencidos, nem por isso escapàram de ficar ao menos alumiados, & saberem grandes, & pequenos, que o Prègador Europeo, chamado Xavier, prègava outro Deos differente dos seus, a que chamavaõ o verdadeiro; & muytos o criaõ, & adoravaõ por tal. Com estes pois succedeo ao Santo hum caso singular, & sem semelhante na memoria dos homens.

Como as seitas, & deoses do Oriente eraõ tãtos, Camîz, Fotoquês, Xâcas, Ammidas, & muytos outros, para que o nome do verdadeiro Deos se naõ equivocasse com o dos falsos, ainda que Xavier prègasse em differẽtes linguas, sempre o nomeava na lingua Portugueza, & lhe chamava, Deos. Com a mesma cautela, & pela mesma razaõ mãdou o mesmo Deos pelo Profeta Oseas, que ninguem lhe chamasse Senhor com o nome Baalî: *Non vocabit me ultra Baali.* Ose. 2. 16. E porque, se Baalî quer dizer Senhor, & o nome de Senhor he taõ proprio de Deos? Porque os Idolos chama-

chamavaõ-ſe Baalim; & naõ queria Deos, que o nome dos Idolos ſe equivocaſſe cõ o ſeu: *Et auferam nomina Baalim de ore ejus.* Tendo Xavier cõ eſte Divino exemplo uſado prudentiſſimamẽte da meſma cautela, ſuccedeo-lhe que caminhãdo pelas eſtradas, ainda do campo: aſſim como os meninos de Bethel zombàraõ de Eliſeo, chamando-lhe calvo: *Aſcende calve: aſcende calve*; aſſim os meninos filhos dos Idolatras, por zombarem delle, lhe chamavaõ por injuria, Deos, Deos, Deos. De ſorte que eràtaõ conhecido o Deos, que prègava Xavier, & o meſmo Xavier que o prègava, que atè os meninos do campo, & filhos dos ruſticos o ſabiaõ; & para que fallemos tambem à ruſtica, apupavam o Prègador com o nome do meſmo Deos q̃ prègava. E q̃ fazia Xavier ouvindo eſte novo genero de baldoens? Eliſeo amaldiçoou os outros meninos, & fez ſahir do mato dous Uſſos, que matàraõ mais de quarenta delles. Porèm Xavier, que naõ era do eſpirito de Elias, compadecia-ſe por huma parte daquella cegueira, & alegrava-ſe por outra, & dava o parabem às ſuas injurias, pois erão occaſião de que Deos foſſe nomeado. Sabendo Sam Paulo que ſeus inimigos para o calumniarem, à volta de fallaré maldelle, fallavão tambem em Chriſto; Fallem embora, dizia, que com tanto que Chriſto ſeja nomeado, & o ſeu nome ouvido, & conhecido por qualquer modo, ou occaſiaõ que ſeja, eu me alegro, & alegrarey ſempre: *Dum omni modo, ſive per occaſionem, ſive per veritatẽ, Chriſtus annuntietur; & in hoc gaudeo, ſed & gaudebo.* Da meſma ſorte ſe alegrava Xavier de ver conhecido, & ouvir nomeado a Deos, poſto que à volta das injurias de ambos; podendo dizer com mayor propriedade que nenhum outro: *Opprobria exprobrantium tibi ceciderunt ſuper me*: As injurias

Ibidem. 17.

4. Reg. 2. 24.

Ad Philip. 1. 18.

Pſalm. 68. 10.

jurias dos que vos desprezaõ, & afrontaõ cahiraõ sobre mim. Oh homẽ o mais venturoso de todos os homens, & mais honrado nas tuas afrontas, que nos teus louvores, pois quãdo mais te querem afrontar, te chamaõ Deos. Deos, Deos, Deos.

IV.

ASsim era Deos glorificado por Xavier, & nomeado onde pouco antes se lhe naõ sabia o nome, & conhecido dos que ainda naõ acabavaõ de o conhecer. Mas passando destes embrioens à multidam infinita dos já informados com a alma da Fè, naõ deixemos de ouvir a Isaias quam pomposamẽte evãgelizava à presente Igreja estas glorias de Deos, & suas. *Surge, illuminare Jerusalem:* Levantate, alegrate, triunfa, vestete de gala, & acende luminarias, ô Jerusalem, ô Igreja Catholica: & porque razaõ? Cousa certamente maravilhosa! O thema do Profeta, he o meu thema; o seu assumpto, o meu assumpto; a sua prova, a minha prova; & atè o seu Expositor, o meu. O meu thema começa em luz: *Sic luceat lux vestra,* & acaba em gloria de Deos: *ut glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est*; & o seu thema começa em luz: *Quia venit lumen tuum,* & acaba em gloria de Deos: *& gloria Domini super te orta est.* O meu assumpto, he a gloria, que resultou a Deos da conversaõ da gentilidade, & seus Reys, por meyo da mesma luz; & o seu assumpto, he a mesma gloria de Deos, pela mesma causa, & pelos mesmos effeitos. *Gloria ejus in te videbitur. Et ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortus tui.* A minha prova, he o exemplo de Xavier no Oriente: & a sua, o exemplo do mesmo Xavier no mesmo Oriente. E ser tambem o seu Expositor o meu, se verà em seu lugar.

Isai 60. 1.

Ibidem.

Ibidem.

Ibid. 2. & 3.

Começa pois Isaias pela adoraçaõ dos Reys do Orien-

Matth. 2 2. Oriente: *Vidimus Stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum*; que assim entende, & canta a Igreja as palavras do mesmo Isaias, Isai. 60. 6. que logo se seguem: *Omnes de Saba venient aurum, & thus deferentes*, com todo apparato de Camelos, & Dromedarios do trem dos tres Reys Magos. Na qual jornada, ou embaixada naõ posso deixar de admirar muyto huma preferencia notavel. Esta adoraçaõ, & offertas dos Reys do Oriente foraõ as primicias da Fè de toda a gentilidade, que depois se havia de converter, como celebraõ todos os Santos Padres, sem excepçaõ de hum só. E porque razaõ as mesmas primicias naõ foraõ do Occidente, senaõ do Oriente? Porque nao sahiraõ da Europa, ou da Africa, senam da Asia? Porque as nam mandou Roma, que jà era cabeça do mundo, senam a India naquelle tempo mal conhecida? Por ventura, porque a Asia era a parte do mundo, que foy primeiro povoada, pois as outras naõ se povoàraõ, senaõ depois da divisaõ da torre de Babel, dahi a mil, & setecentos annos? Por ventura, porque na mesma Asia, como Membroth foy o primeiro Rey, assim Nino foy o primeiro Idolatra: & donde os homens começàrão a adorar paos, & pedras, era bem que os primeiros tributos, & as primeiras adoraçoens se consagrassem ao Deos verdadeiro? Por ventura, porque esta preferencia competia à Asia pela grandeza, opulencia, & magestade de seus Imperios, & primeiras Monarchias? Por qualquer destas razoens, ou por todas juntas podia muy bem ser que merecesse esta preferencia a Asia. Mas o que eu pondero, & muyto se deve admirar, he, que assim como para levar estas offertas, & primicias ao verdadeiro Deos, escolheo entre todas as partes do mundo a Asia; assim para o comprimento, & complemento dellas, depois de tantos

seculos, escolhesse entre todos os homens a Xavier. As offertas, & as primicias foraõ treze dias depois do nacimento de Christo, & no primeiro anno delle; & o comprimento das mesmas primicias foy mil, & quinhentos, & quarẽta annos depois. E que tantos seculos esperasse Deos pelo nacimento, & missaõ de Xavier, para q̃ o seu Apostolado lhe desse esta gloria? Grande gloria de tal homem! Mas o que parece mais conforme à igualdade da Providencia Divina, he, que a quiz repartir entre o Oriente, & o Occidẽte de tal maneira, que do Oriente fossem as primicias, & do Occidente, & da parte mais Occidental do mesmo Occidente, que he Lisboa, viesse aquelle, que havia de cultivar toda a seara, & recolher nos celleiros da Igreja toda a messe, de que as mesmas primicias foraõ sómente tres espigas. Assim o diz immediatamente o mesmo Isaìas, depois da historia, ou profecia dos tres Reys; para que elle fosse o texto, como prometi, & elle o Expositor. Attençaõ agora.

Qui sunt isti, qui ut nubes volant? Me enim insulæ expectant, & naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longe. Quem saõ estes, diz Deos, que voaõ como nuvens? porq̃ ha muyto tempo, ô Igreja minha, que as Ilhas, & terras ultramarinas me esperaõ a mim, & esperaõ as naos do mar no principio, para que eu te traga muytos filhos teus de longe. Primeiramente, diz Deos que as Ilhas, & terras ultramarinas havia muyto tempo que esperavaõ. Por isso o mesmo Isaìas noutro lugar chama aos moradores dellas, *Gentem expectantem expectantem*, com esta repetiçam, que significa esperanças muy compridas, & dilatadas, quaes foraõ as dos quinze seculos, ou mil, & quinhẽtos annos, que se contàraõ desde a vinda dos Reys do Oriente ao Presepio, atè serem alumiados cõ a luz do

Ibidem. 8. & 9.

Isai. 18. 7.

do Evangelho as Ilhas do immenſo Arcipelago, & terras remotiſſimas do meſmo Oriente. Diz mais, que tambem eſperavam pelas naos do mar no principio: *Et naves maris in principio.* E quaes ſaõ as naos do mar no principio? He paſmo ler a variedade de expoſiçoens, que daõ a eſtas palavras os Commentadores, aſſim antigos (de que me naõ admiro) mas tambem os modernos, ſendo a couſa mais clara, & evidente de quantas vio, & ſabe o mundo. Quaes ſaõ as naos do mar no principio, ſenaõ as naos dos Portuguezes, que foram as que deram principio à navegaçam do Oceano, & por mares nũca dantes navegados paſſáraõ ainda àlem da Taprobana, que ſaõ manifeſtamente as Ilhas do Arcipelago Indico, que eſperavaõ: *Me inſu æ expectant:* & por meyo das quaes naos trouxe Deos, & fez Filhos da Igreja as Naçoens dos mais remotos longes do mundo: *Ut adducam filios tuos de longe?* O noſſo Grãde Hebraico Foreiro traz aqui huma verſam tirada do texto Hebreo: *Naves maris cum primaria, ſeu prætoria:* As naos do mar cõ a ſua Capitania; o q̃ acreſcenta huma particular circunſtancia da navegaçam de Xavier; porque elle ſe embarcou para a India na Capitania do anno de mil, & quinhẽtos, & quarenta, & hum, com o Governador Martim Affonſo de Souſa: nao inſigne na ſua viagem, por levar o Santo a Moçambique; & inſigne na ſua perdiçam, por lha profetizar o meſmo Santo, antes de chegar à India.

Finalmente admirado o Profeta, pergunta: Quem ſaõ eſtes, que neſſas naos vaõ voando para o Oriente como nuvens: *Qui ſunt iſti, qui ut nubes volãt?* Uſa do numero plurar, fallando de Xavier, porque elle levava comſigo dous companheiros, Paulo Camerino Italiano, & Franciſco Manſias Portuguez. E porque os compara às

nuvens? Admiravelmente o mesmo Santo deste dia, Saõ Gregorio Papa: *Prædicatores Sancti nubes appellati sunt, qui verbis pluunt. miraculis coruscãt.* Os Prègadores Apostolicos, & Santos, saõ comparados às nuvens; porque as nuvens tem dous effeitos, a chuva, & os trovoens. A chuva he a doutrina do Ceo, com que regaõ, & fertilizaõ a terra: *Verbis pluunt*; & os trovoens saõ os milagres, cõ que assombraõ o mundo: *Miraculis coruscant.* Sò lhe faltou a Sam Gregorio nomear a Saõ Francisco Xavier: mas o que naõ pode fazer o Papa Gregorio Primeiro, por escrever mil annos antes, fez ultimamente o Papa Innocẽcio Undecimo, nomeando a Xavier, & attribuindo a cõversaõ do Oriente, com que reduzio à Fè de Christo as Gentes Orientaes, não a outra efficacia, ou propriedade de meyos, senaõ aos mesmos dous da prègaçaõ, & milagres. Assim o disse, & mandou rezar em toda a Igreja na nova Missa, & singular entre todos os Santos, com que decretou fosse celebrado o nosso. *Deus, qui India ñ Gentes Beati Francisci prædicatione, & miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti.* Deos, cuja vontade se dignou de trazer ao gremio da Igreja as Gentes das Indias, por meyo da prègaçaõ, & milagres de Saõ Francisco Xavier. Onde se devem notar muyto aquellas palavras, *prædicatione, & miraculis. Prædicatione*, pela prègaçaõ, & doutrina do Ceo, cõ que primeiro regou aquellas terras, & bautizou aquellas Gentes: *verbis pluunt.* E *miraculis*, pela multidaõ de prodigiosos, & estupendos milagres, cõ que confirmou a Fè, que prègava; & assombrou, como com trovoens, aquelle novo mundo: *miraculis coruscant.* Merecendo em tal dia, como hoje, a gloria da Canonizaçaõ na terra, pelas obras taõ gloriosas com que tinha glorificado ao

D. Greg. ibidem citat. à Cornel.

Deos

Deos do Ceo: *Ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est.*

V.

TEmos visto como Deos glorificou ao nosso Santo com a gloria da Canonizaçaõ, porque elle glorificou a Deos com a das suas obras. Mas sendo ellas taõ gloriosas, tudo o que atè agora dissemos naõ foy mais que o canto chaõ desta solfa; & naõ por motivo algum de fóra, senam pelo mais interior do nosso thema, o qual nos obriga a subir a hum ponto tanto mais alto, quanto mais difficultoso. *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* Ha huns Santos, que vivem só com Deos, outros que vivem com Deos, & com os homens. Os que vivem só com Deos, como os Anacoretas, & Ermitaens do deserto, metidos nas suas covas, só porque tratáõ cõ Deos, que em secreto vè as suas penitencias, & em secreto ouve as suas Oraçoens, nenhuma occasiaõ, ou estorvo tem para naõ dar a Deos toda a gloria, que a elle só he devida. Mas os que por instituto, & profissaõ, como Xavier, vivem com Deos, & com os homens, nos olhos dos mesmos homens, que vem as suas boas obras, *ut videant opera vestra bona*, trazem sempre comsigo huma fortissima tentação de querer, ou tomar para si a gloria dellas.

A inclinação mais natural, mais viva, & q̃ mais fortes, & profundas raizes tem lançado na natureza humana, he o desejo, ou appetite da gloria. Aristoteles lhe chamou ao homem, *Animal gloriosum.* E Tacito mais versado nas politicas do mundo, que nas do espirito, disse que este he o ultimo vicio, de que se despem os Sabios: *Gloriæ cupiditatem etiam Sapientibus novissimam exui.* E jà Plataõ tinha dito pela mesma frase, que era a ultima tunica, de que se despiaõ as Almas. Posto que em dizer que as

Tacit. 4. histo.

Citatus ibid. à Lipsio.

Almas ie despião disse mais do que devera; porque sendo ellas immortaes, & os cadaveres mortos, nam só nos Gêtios, senaõ tambem nos Christãos, vão com elles amortalhadas à sepultura. Assim o prègou mais sabiamente que todos Sam Joaõ Chrysostomo: *Cùm reliqua vitia unà cum morte dissolvantur, superbia post mortem omni conatu in ipso cadavere cotendit naturam suam prodere.* E senão, digãono tantas testemunhas de marmore, em q o mesmo appetite de fazer immortal a gloria, ou fabrica em vida, ou manda fabricar depois da morte os soberbos sepulchros; & escrever, ou gravar nelles cõ letras de bronze os gloriosos epitafios Mas passando dos que servem à vaidade, aos que professaõ a virtude; quantos vimos ainda com opinião de Sãtos, que depois de vencerem os outros vicios; se deixàrão vẽcer miseravelmente da mesma gloria de o ter vencido? Quantos pizàrão animosamente o mundo, & depois de o meter debaixo dos pès, os derrubou, & pizou a elles a mesma gloria de o ter pizado? Saõ como os que pizão a planta de Noè nos lagares, & bebendo depois o licor do que pizarão, perdem como o mesmo Noè o juizo.

Chrys. Serm. de Vanagloria.

Os mais sezudos dizem a Deos: *Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*: Não a nòs, Senhor, não a nòs, senão ao vosso nome day a gloria. Com muyta razão repetem outra vez o *non nobis*, porque se não fião do primeiro: & em quanto a boca està dizendo, não, pòde ser que o coração, & a consciencia o esteja negãdo. Como nas obras gloriosas vay a gloria de Deos junta com a nossa, que succede? Ou que tiremos ao *non nobis*, o *non*, & roubemos a Deos a sua gloria, & a façamos nossa, dizendo elle: *Gloriam meam alteri non dabo*; ou quando menos, querendo que Deos, & nós entremos à mesma gloria de meyas.

Psal. 113. 11.

Isai. 48. 11.

Isto

Isto he o que fazem os mais timoratos, partindo pelo meyo aquelle, *nomini tuo da gloriam*, isto he, deixando para Deos a gloria, & tomando para nòs o nome. Se prègamos, a gloria para Deos, mas para nòs o nome de grande Prègador: se enfinamos, a gloria para Deos, mas para nòs o nome de grande Letrado: se fazemos obras de misericordia, a gloria para Deos, mas para nòs o nome de caritativo: se nos mortificamos, & jejuamos, a gloria para Deos, mas para nòs o nome de abstinente: finalmente se exercitamos quaesquer virtudes, ou todas, a gloria para Deos, mas para nòs o nome de virtuoso, & Santo. E como Deos tambem conhece a fraqueza do barro, de que nos formou, para condecender de algum modo cõ este nosso appetite de gloria, vede o meyo, que tomou, no nosso mesmo texto: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est*: Para que glorifiquem, & seja glorificado vosso Pay, que està no Ceo. E porque naõ disse, para que seja glorificado Deos, senaõ, para que seja glorificado vosso Pay? Jà Sam Bernardo notou, que quiz Deos conciliar a sua gloria com a nossa, quãdo nos mandou dizer por Saõ Paulo: *Qui gloriatur, in Domino glorietur*. E assim diz aqui o Senhor: Para que seja glorificado vosso Pay: *Pater vester*: para que como filhos herdeiros da sua gloria nos cõtentemos com ella, como tambem nossa. Mas isto naõ bastou, nem basta, porque em materia de gloria, se ha pay por filho, naõ ha filho por pay. Abisalaõ tirou a coroa da cabeça de seu pay para a pòr na sua: & Alexandre ouvia com raiva, & lagrimas as vitorias de Philippe de Macedonia, porque naõ queria a gloria dellas para seu pay, senão para si.

1 ad Corinth. 15. 31.

Isto, que fizerão com escandalo os màos filhos aos pays da terra, fazẽ pelo contrario com dobrado primor os bons servos ao

Pay do Ceo, não debaixo do nome de Pay para mayor desinteresse, senão debaixo do nome de Rey, & Senhor, para que a gloria inteira, & sem diminuiçaõ, assim como elle só he Deos, seja ella sómente sua. He o Oraculo famoso do Apostolo Saõ Paulo, de quem o tomou a Igreja, & repete todos os dias: *Regi sæculorum immortali, & invisibili, soli Deo honor, & gloria.* E exhortãdo o mesmo Apostolo a seu discipulo Timotheo a perfeita obsevãcia deste acto de Religião, & fidelidade, diz assim: *Hoc præceptum commendo tibi, fili Timothee, secũdùm præcedentes in te prophetias, ut milites in illis bonam militiam.* Este preceito de dar toda a gloria a Deos, como a teu Rey, te encomendo muyto, ô filho Timotheo, guardes como bom, & honrado Soldado, segundo as tuas precedentes profecias. Estas profecias, que se chamaõ precedẽtes, porque precedèrão à conversaõ de Timotheo, dizem São Chrysostomo, Theodoreto, Theophilacto, & Eccumenio, forão duas revelaçoens, huma, que teve São Paulo, outra o mesmo Timotheo, de que Deos o tinha escolhido para companheiro do Apostolo das Gentes, como verdadeiramente o foy fidelissimo, & zelosissimo nas peregrinaçoens, & trabalhos, que ambos padecèrão pela cõversaõ da gentilidade. Da mesma maneira teve Sam Frãcisco Xavier duas profecias precedentes, huma estudando em Paris, antes de entrar na Companhia, outra estando jà nella, antes de partir, nem ser eleito para a missaõ do Oriente. A primeira, quando Deos revelou a Soror Magdalena de Jasso, Religiosa de grande virtude em Gãdia, que seu irmaõ Dom Frãcisco havia de ser hum grande Apostolo da India. A segunda, quando em sonhos representou, ou presentou ao mesmo Xavier a batalha daquelle Indio agigantado, de cuja luta entre

1. ad Timoth. 1. 17.

tre os braços, & pezo sobre os hombros, depois de acordado ficava tão quebrantado, como não podia deixar de ser, segũdo a immensidade dos trabalhos futuros, que tambem lhe mostrou dormindo.

Mas porque encomendava tanto São Paulo a Timotheo que, segundo as suas profecias, militasse como bom Soldado: *Ut milites in illis bonam militiam*, referindo toda a honra, & gloria da sua milicia não a si, senão só a Deos, & a Deos como Rey: *Regi sæculorum immortali, & invisibili, soli Deo honor, & gloria*? Porque os generosos, & fieis Soldados, & Capitães toda a gloria das suas façanhas, & vitorias a devem renunciar de sua parte, & não a querer para si, & para sua fama, & honra, senão inteiramente para o Rey, a quem servem. Isto he o que fez entre os Hebreos Joab no memoravel cerco da insigne Cidade de Rabbat, que tinha rendido, reservando o nome da vitoria para David: *Ne non in i meo adscribatur victoria.* E isto entre os Romanos Germanico no trofeo, que levantou sobre hũ monte de armas, depois das Germanicas domadas, & sogeitas ao Imperio, dedicando o mesmo trofeo, depois dos deoses, a Augusto, sem menção alguma do seu proprio nome, como notou Tacito: *Congeriem armorum struxit superbo cum titulo, & cum ea monumenta Augusto sacravisset, de se nihil addidit.* 2. Reg. 12, 28. Cornel. Tacit. lib. 2. Annal.

E que direi eu agora do nosso famoso Capitão? Direi por vétura que assim o fez? Não farey tamanha injuria a Xavier. A acçam de Joab se não foy lisonja, foy cortesia: a de Germanico pareceo modestia, & pode ser demasiada presumpçaõ, comonão deixou de morder o mesmo Tacito; mas ambos elles por este rodeo, sendo publico, negociárão mayor gloria, porque de homem a homẽ a gloria mayor he de quem a dà: & que excesso de glo-

ria, como dar vitorias a David, & troféos, & triunfos a Augusto? Naõ assim o grande Xavier, que da gloria de vida a seu Senhor, nem hum atomo quiz para si. Tomou do Oraculo de Saõ Paulo o attributo de invisivel: *Regi sæculorum immortali, & invisibili*; & para proporcionar a gloria ao Rey invisivel, quiz-lha tambem dar invisivelmente. E de que modo? Fazendo com tal cautela todas as obras gloriosas, que os olhos, que as viaõ, naõ vissem que eraõ gloriosas, nẽ suas.

Quando o Santo na India resuscitou o primeiro morto, tocando-lhe na materia o mais domestico, & familiar amigo; rindose elle muyto, & lançádo a cousa a graça, o que respondeo foy: O pobre homem estava vivo, & estes Gentios, como ignorãtes, & bussaes cuidavaõ que morrèra. He o que disse Christo, quando resuscitou a filha do Archisinagogo: *Non est mortua puella, sed dormit.* Quã- Luc 8. 52.

do era chamado de muytas partes para acodir a enfermos, & endemoninhados, a que naõ podia satisfazer por sua pessoa, dava as contas, ou a Cruz, que trazia sobre o peito, aos meninos da doutrina, dizia-lhes que a rezassem, ou só o Credo, sobre os molestados, & bastava esta diligencia dos mensageiros, em virtude das reliquias que levavaõ, para que os demonios fugissem, & os doẽtes recebessem saude. Porèm quando Xavier dava conta a seu Padre Santo Ignacio do muyto q̃ Deos favorecia aquella nova christandade, & referia esta, & outras maravilhas, sempre calava a parte que nellas tinhaõ as suas reliquias, & dava todo o merecimento à innocẽcia dos meninos, como Christo fazia à fè dos que elle sarava: *Fides tua te salvum fecit.* Marc. 10. 52. Quando escrevia (& escrevia frequentemẽte) a Roma, a Paris, a Portugal, a todos seus irmãos, os Religiosos da Companhia, pedia

dia com grandes, & verdadeiras inſtancias o ajudaſſem, & favoreceſſem com ſuas Oraçoẽs, para que por ſeus peccados ſe naõ impediſſe o fruto das Almas; & quando recebia as repoſtas, em que lhe prometiaõ de o fazer, cortava das cartas as firmas, & nomes de todos, & os trazia comſigo, como teſtemunhas, & eſcrituras autenticas de que por merecimentos delles, & naõ ſeus ſe obravaõ os milagres. Chriſto dizia: Marc. 16. 18. *In nomine meo dæmonia ejicient, ſerpentes tollent, ſuper ægros manus imponent, & bene habebunt.* E Xavier quando obrava todos eſtes prodigios, pela parte que lhe podia tocar, naõ era debaixo do ſeu nome, ſenaõ dos nomes alheyos, com que ſe armava contra ſi, & os naõ diſſimulava.

De ſorte que com eſtes disfarces, & deſvios, já negando artificioſamente, já eſcondendo, já desfazẽdo, já attribuindo a outré, ſempre, & em tudo, o que obrava (com mayor eſcrupulo que ſe as virtudes foſſem peccados, & com mayor medo que ſe os milagres foſſem delitos) divertia, apartava, & lançava de ſi o fideliſſimo ſervo quanto nelle podia reſplandecer de gloria, para que toda, & ſó foſſe de ſeu Senhor: *Soli Deo honor, & gloria.* E porque a virtude de Xavier era muy alhea de todas aquellas affectaçoens, & ceremonias triſtes, & de todos aquelles biôcos, & carrancas maſcaradas, com que a ſantidade fingida ſe enfeita, & ſe faz mais medonha, que veneravel, & o ſeu trato todo era humano, benevolo, alegre, & aprazivel, naõ fugĩdo dos homens, nem eſtranhãdo ſuas fraquezas porque mal póde curar as chagas quem ſe afaſta dellas, nem ſaõ os que haõ miſter o Medico os ſãos, ſenão os enfermos) E porque o modo mais divino de cõverter peccadores, a exemplo do meſmo Deos, he fazer-ſe ſemelhante a elles, para os fazer ſemelhantes a ſi; eſta meſ-

meſma ſemelhança, que Xavier tinha com todos, lhe fazia crer que era como os demais: & que de hum procedimento taõ cõmum, & ordinario naõ ſe podiaõ eſperar effeitos taõ prodigioſos, & ſobre todo o curſo da natureza. Aſſim que eſtas propriedades, naturaes da verdadeira virtude, eraõ os mais evidentes diſfarces, com que rebatia de todas as ſuas obras a opiniaõ de Divinas, quando ſuas; ou de ſuas, quando Divinas; para que os olhos dos homens, enganados cõ a meſma verdade, & encuberto o inviſivel debaixo do que viaõ, naõ a elle, ſenaõ a Deos referiſſem toda a gloria: *Ut videant opera veſtra bona, & glorificent Patrem veſtrum, qui in Cœlis eſt.*

VI.

INviſiveis por eſte modo as acçoens de Xavier, poſto q̃ de dia, & entre as Gentes, eraõ muyto parecidas às famoſiſſimas eſmolas daquelle, por iſſo taõ celebrado Heroe, que elle ſó, & de noite as levava: de noite, para que as não deſcobriſſe a luz, & ſó para que as não viſſem os olhos. Mas iſto meſmo por hum, & outro lado parece que ſe oppoem, & contradiz manifeſtamente aſſim ao noſſo Santo, como ao noſſo thema, no qual Chriſto lhe encomenda luz, & olhos; luz: *Sic luceat lux veſtra corã hominibus*, & olhos; *ut videant opera veſtra bona*. Pois ſe a luz ha de alumiar os olhos dos homẽs, & os olhos haõ de ver as boas obras, & a luz he ſua: *lux veſtra*, & as obras tambem ſuas: *opera veſtra*, como pòde ſer que o louvor, & a gloria naõ foſſe tambem ſua, ſenaõ toda de Deos, *ut glorificent Patrem veſtrum?* Naõ tenho por difficultoſo livrar a Xavier deſte hõrado aperto, em que o louvor, & a gloria, de que foge, o tem metido, & parece que tomado às mãos.

Ponhamonos primeiro de noite, depois de dia em huma fermoſa galaria, ornada

nada nas paredes de quadros de insignes pinturas, & no pavimento a espaços assistida igualmente de estatuas famosas, & marmores, que pareçaõ vivos. De noite nenhuma cousa vemos, porque a mesma noite lhe roubou as cores: *Rebus nox abstulit atra colorem.* De dia em amanhecendo pelo contrario, o Sol entrando pelas janellas lhes restitue outra vez a cor perdida: *Rebusque jam color redit vultu nitentis sideris.* Agora pois que já vemos o que naõ apparecia, que he o que louvamos? por ventura louva algué a luz? Ninguem: todos louvaõ as pinturas, & as estatuas, & nas pinturas o pincel de Apelles, ou nas estatuas o cinzel de Phidias; em fim todos louvaõ as obras, & os Authores dellas, mas ninguem louva a luz, sem a qual se naõ viaõ, & com a qual agora se vem. Logo bem podia luzir a luz de Xavier entre os homens, *Sic luceat lux vestra coram hominibus*, sem elle, ainda que mandado, querer, ou esperar delles algum louvor.

Quanto às obras vistas pelos mesmos homens que eraõ suas, & elle o Author dellas: *ut videant opera vestra bona*, aqui parece que era sobre difficuldade implicancia, haver de divertir, ou apartar de si, como fazia, o louvor, & gloria, que queria fosse toda, & só de Deos. Mas nas mesmas palavras, *opera vestra bona*, temos a soltura deste nò, que parece Gordiano; porque, ou o *vestra* desfaz o *bona*, ou o *bona* desfaz o *vestra*. Se as obras eraõ boas, diz Xavier, nam eraõ minhas: & se eraõ minhas, naõ eraõ boas (porque o bem, & bondade de todas as obras, ainda que nòs sejamos o instrumẽto dellas, nam he nosso, senam de Deos, summo bem, & Author de todo o bem) Logo a Deos, & naõ a mim, pertẽce o louvor, & gloria das obras chamadas minhas: *Ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum,*

veſtrum, qui in Cœlis eſt.

Eſta hea ſutileza engenhoſa, com que a humildade de Xavier, naõ ſó naõ buſcando elle a gloria, mas buſcando o a gloria a elle, nunca a meſma gloria o pode achar. Mas ainda que no ſeu animo nenhum embaraço fazia eſte encontro; nos olhos dos homens, que viaõ as obras, naõ podia ſer aſſim. Ponhamos o exemplo nos dous mayores Apoſtolos. Quando Saõ Pedro, & Saõ Joaõ ſaràraõ milagroſamente aquelle alejado de ambos os pès, que pedia eſmola à porta do Templo, nelle, & na multidaõ dos que ſe achàram preſentes, foraõ muy differentes os effeitos, que o meſmo milagre cauſou viſto. O pobre, que cõ a ſaude recebèra juntamente a Fè, ſaltando dava lòuvores a Deos: *Exiliens, & laudans Deum*: a Deos louvava, & naõ aos Apoſtolos, como notou aqui Sam Joaõ Chryſoſtomo: *Non illos, ſed Deum, qui per illos ei benefecerat, admiratur.* Act. 3. 8.

Porèm a multidaõ de todos os preſentes, poſto que dentro do Templo, naõ ſe voltàraõ para o Altar a dar graças, & louvores a Deos, mas attonitos, & paſmados, eſtavaõ todos com os olhos pregados nos Apoſtolos. O que vendo Sam Pedro, & que a gloria, que ſe devia dar a Deos, ſe dava a elles, começou a bradar deſta maneira: *Viri Iſraelitæ, quid miramini in hoc, aut nos quid intuemini?* Homens Iſraelitas, que tẽdes conhecimẽto de Deos, que he o que fazeis, & o que naõ fazeis vendo eſte milagre? em lugar de pores os olhos em Deos, cuja he a virtude, & o poder, & elle o Author de todos os bens; olhais para nòs? Sim: que iſſo he, o que coſtumaõ fazer os olhos humanos; quẽ os levante a Deos ſerà hum, & raro; todos os demais os poem nos homens: & os homens vendo-ſe viſtos, & admirados, ſenaõ ſaõ tam ficis como Pedro, & Joaõ, que lhe doaõ eſtas viſtas, admiraçoẽs, & Ibid. 12.

& louvores, & os naõ leve apoz ſi a liſonja, & feitiço dellas; nos meſmos olhos, de que havia de reſultar a gloria de Deos, a confundem, abatem, & trocaõ pela ſua. Eſtes olhos do mundo cego, & vão, ſaõ a Sylla, & Caribdes, onde tem certo o naufragio a humildade do homem, & a gloria de Deos, que ambas ſe embarcaõ ſempre juntas; & juntas, ou ſe perdem, ou ſe ſalvaõ; ſendo a que ſe ſalva, rara, & as que ſe perdẽ, ſem conto.

E porque? Porque nas palavras, *Sic luceat lux veſtra coram hominibus*, he raro hum Xavier, que atine com o canal daquelle, *ſic*. De tal modo, diz Chriſto, ha de luzir a voſſa luz, que os homens vendo as voſſas boas obras, vos naõ louvẽ a vòs, ſenaõ a Deos. Sentẽça verdadeiramente maravilhoſa! Demaneira que a culpa de naõ honrarem a Deos os que vem as obras alheas boas, naõ eſtà nelles, ſenaõ naquelles, que as fazem; & a cauſa he, por naõ luzir a ſua luz do modo que deve. E de que modo ha de luzir, que ninguẽ arè agora o declarou? Eu confeſſo que naõ ſey a practica deſta mathematica Divina, & ſutiliſſima; mas a theorica ſim. E qual he? Que o luzir da luz naõ ſeja por rayos directos, ſenam obliquos Eſte he, & niſto conſiſte o fundo daquelle, *ſic*.

Em huma parte diz Chriſto: *Ne juſtitiam veſtram faciatis coram hominibus, ut videamini ab eis*: que naõ façamos as noſſas boas obras diante dos homens, que ſejamos viſtos delles: & no noſſo texto diz, que as façamos de tal ſorte diante dos meſmos homens, que vendo-as elles, ſeja glorificado Deos. Huma, & outra couſa pòde ſer conforme os rayos da luz ſe encaminharem aos olhos dos que vem as obras, ou por linha recta, ou por linha obliqua. Se vaõ por linha recta, ſuccede o que no eſpelho, em que os reflexos dos rayos viſua- M. cth. 6. 1.

visuaes tornaõ para onde sahiraõ, & nos vemos a nòs, ou nòs somos os vistos, que he o que Christo prohibe. Mas se os rayos da mesma luz vaõ aos olhos por linha obliqua, em lugar de os reflexos tornarem para nòs, voltaõ para traz. Na historia dos Machabeos estava o exercito dos Gregos em ordem antes da manhãa, & tanto que appareceo o Sol no Oriente, diz o Texto que ferio os escudos dourados, & que com os reflexos da luz resplandecèraõ os montes: *Refulsit Sol in clypeos aureos, & resplenduerunt montes ab eis.* Quem he o Sol do Oriente, senaõ Xavier? E quaes saõ os escudos dourados, senaõ os olhos dos homẽs? Assim feriaõ os olhos de todos as obras illustres, & gloriosas do grande Apostolo; porèm os reflexos da luz nam tornavam para o Sol, dõde sahiraõ, porq̃ naõ hiaõ por linha recta; mas reverberados por linha obliqua, alumiavaõ, & faziaõ resplandecer os montes; & se os montes, como lhe chamou David, saõ os Ceos: *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi*: ao habitador desses mõtes, & ao Pay, q̃ està neses Ceos, hiaõ parar inteiramente todos os reflexos da gloria: *Ut glorificent Patrẽ vestrum, qui in Cœlis est.*

1 Mach 6. 39.

Psalm. 120. 1.

VII.

ESte foy o ponto mais subido, & mais alto do zelo, da fidelidade, & da fineza de Saõ Francisco Xavier: esta, entre todas as suas obras, a mayor obra: esta, entre todas as suas virtudes, a mais pura virtude: este, entre todos os seus milagres, o mais estupendo milagre; & este finalmente, como nó principio assentàmos, o solido, & fundamental merecimento, porq̃ era devida a gloria da Canonizaçaõ, depois da morte, a quem taõ fielmẽte dera a Deos a gloria de todas as suas obras na vida. Mas ainda nos resta por vencer a mayor difficulda-

culdade nesta materia, que he o estreitissimo, & rigorosissimo exame das mesmas obras, da mesma vida, & da certa, & indubitavel santidade, que ha de ser canonizada. O mais estreito, & rigoroso tribunal, que ha no mundo, he o da Sagrada Congregaçaõ de Ritos em Roma sobre as causas da Canonizaçam, nam havendo virtude, profecia, milagre, ou outra obra sobrenatural, de que se nam faça a mais exquisita, & sutil anatomia, sendo rarissima a que dalli sae, ou se recebe, sem ser legitimamente provada.

Primeiramente se na causa da Canonizaçam de Sam Francisco Xavier se houvèra de tomar o seu depoimento, nem havia de ser Canonizado, nem Beatificado, nem ainda reputado por bom Christaõ, se naõ por hum grandissimo peccador. Isto era o que elle sentia, & affirmava de si. Quando, por culpa do Capitaõ de Malàca, se desfez a jornada da China, aonde Xavier tinha traçado entrar, disfarçado entre a familia do Embaixador de Portugal, tẽdo-se este empenhado à sua custa na grãdeza dos apparatos, que pedia a Magestade do Rey, que o mandava, & a da Corte, aonde hia, dizia-lhe o Santo com lagrimas: Meu amigo, & senhor, o que sinto nas nossas perdas, he saber de certo que a causa, & culpa dellas, saõ meus peccados. Quando se resolveo a intẽtar a entrada do Japaõ, pedio a todos os Religiosos, naõ por ceremonia, mas com muyto verdadeiras instãcias, nascidas do intimo do coraçaõ, lhe alcançassem graça de Deos, para primeiro emendar a vida, porque os seus grandes peccados naõ impedissẽ o fruto daquella empreza. E quando dava conta a Santo Ignacio dos progressos das missoens da India, acrecẽtava, q̃ seriaõ muyto mayores, se os seus muytos peccados os nam impedissẽ: & assim lhe pedia, & protestava que mãdasse

daſſe outro, que as tiveſſe á ſeu cargo. Sẽdo que o meſmo Santo Ignacio eſtava deliberado a renunciarnelle o Officio de Gèral da Companhia; & quando as ordẽs, com que o chamava, chegàraõ à India, o achàraõ morto. Que peccados eraõ logo eſtes, que taõ profundamente reconhecia Xavier, que taõ continuamente confeſſava, & de que tanto ſe dohia?

Nos proceſſos das Canonizaçoens, depois de approvadas pelos Auditores da Sagrada Rota as cauſas, que ſe offerecem, entaõ ſae o Promotor da Fè, oppondo-ſe contra as provanças, & arguindo fortiſſima, & ſutiliſſimamente ſobre os pontos de todas. E tendo a Canonizaçam de Xavier por ſi a fama, & applauſo univerſal de todo o mũdo, & os teſtemunhos oculares de ſuas virtudes, & maravilhas em toda a parte, nem ſe achando outros argumentos contra elle, que os tirados da ſua propria boca, & daquelles varios disfarces, com que eclipſava a gloria do que fazia; deſles tormou, ou pode formar o Promotor tres objecçoẽs, em q̃ parece o convẽcia de implicar nelle a meſma ſantidade, & por iſſo naõ poder ſer canonizada.

Mas porque às objecçoens, & oppoſiçoens do Promotor da Fè, he licito reſponder, & impugnalas; eu o farei por parte de Xavier com taõ honrada defeza, que ſó ſe pode arguir dellas ſerem os apices, & pontos mais levantados, & ſublimes da perfeiçaõ Evãgelica, & taes, que o meſmo Soberano Legislador Chriſto ſe nam atreveo a pòr em preceito, mas a aconſelhar ſómente. Primeira objeçaõ: Se era tam Santo, como o podia negar? Segunda: Senam era taõ peccador, como o podia crer? Terceira: Se huma, & outra couſa era tam manifeſtamente contra a verdade, como o podia affirmar licitamẽte o Meſtre da meſma verdade? Notavel eſpirito foy o deſte

mais

mais que homẽ, pois quando eu ſubi a eſte lugar para fazer panegyricos de ſuas obras, ſou obrigado a fazer apologias contra ſuas palavras!

Quanto à primeira: Se era taõ Santo, como o podia negar? Reſpondo que, porque na meſma negaçaõ conſiſte o mais alto, ou o mais profundo da ſantidade, que he a abnegaçaõ de ſi meſmo: *Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum:* Quem me quizer ſeguir, & imitar, negue-ſe a ſi meſmo, diz Chriſto. E que quer dizer, negue ſe a ſi meſmo. Quer dizer que cada hum naõ ſó de palavra, ſenaõ por obra, & com effeito ſinta de ſi, & ſe diga a ſi meſmo: eu nam ſou eu. Aſſim o declara Saõ Joaõ Chryſoſtomo; & aſſim o dizia Saõ Paulo: *Ego jam non ego.* E ſe eu me poſſo negar a mim, muyto melhor poſſo negar quãto me pertence. Se poſſo negar a peſſoa, muyto melhor poſſo negar as acçoens. Menos he negar o que faço, que negar o que ſou: & quem pòde affirmar, eu nam ſou eu, mais facilmente pòde dizer, eu naõ faço o que faço. Mais intrinſeco he no homem o ſer, que o ſer Sãto, ou ſer milagroſo: & ſe eu poſſo negar as raizes da propria eſſencia, quanto mais naturalmente os ramos, flores, & frutos, que della naſcem; & dizer, naõ reſuſciteio morto, nem sareio enfermo?

Mais: Se pela abnegaçaõ de mim meſmo nam ſou o que ſou, quem ſou? Sou outro, diz Victor Antioqueno: *Non ipſe, ſed alius quiſpiam.* E ſe as acçoens ſaõ de outro, bem poſſo negar ſerem minhas, antes naõ poſſo deixar de o negar, pois ſendo de outro, ſeria roubar o alheyo. Na parte paſſiva da abnegaçaõ ſe vè iſto mais claramente. Dos mais fortes Martyres diſſe elegantemente o Grãde Nazianzeno: *Velut in alienis corporibus dimicabant:* que pelejavaõ, & padeciaõ nos corpos proprios, como ſe foſſem alheyos.

Matth. 6 24.

Ad Gal. 2. 20.

E esta alienaçaõ he, a que principalmente Christo pertende na abnegaçaõ de si mesmo: que nas perseguiçoens, injurias, & afrótas se porte cada hum tam insensivelmente, como se fora outro o perseguido, & outro o injuriado, & afrontado. Assim se portou Xavier nas eno mes injurias, & afrontas publicas das ruas, & praças de Malàca com tanta serenidade de animo, & de rosto, como se o afrontado fora outro. E se elle naõ era elle, senaõ outro para as afrontas: *Non ipse, sed alius quispiam*; porque naõ seria tambem outro, & não elle para os milagres, & obras gloriosas? Logo não só licita, senão heroicamente as podia negar de suas.

E quanto aos grandes peccados, os dos Santos saõ aquelles não só venias, & minimos, senão indeliberados, & por falta de plena advertencia, quasi inevitaveis à fragilidade humana. Como podia logo crer Xavier que erão os seus tão grandes, & graves, como elle os confessava? Porque assim lhos representava, & assim os reconhecia a sua humildade. A virtude da humildade, não por velha (que a nam conhecèrão os Philosofos) sempre vè com oculos, & os de que usa saõ os que vulgarmente se chamão de larga vista, porq̃ he muyto curta a sua. E como estes oculos applicados aos olhos por huma parte, fazem as cousas pequenas grandes, & por outra as grandes pequenas; isto mesmo succede com as suas virtudes, & com os seus peccados aos verdadeiramente humildes (que saõ o aveço dos imperfeitos) & por isso as suas virtudes, sendo grandes, lhe parecem pequenas, & os seus peccados, sendo pequenos, lhe parecem grandes. Assim olhava Sam Paulo para os seus, & se chamava o primeiro, & mayor de todos os peccadores: *Peccatores salvos facere, quorum primus ego sum.* Onde 1. ad Timoth. 1. 15.

nota

nota Sam Bernardo, que não diz, *ego fui*, senaõ, *ego sum*, porque não só se referia aos peccados passados, quando perseguidor de Christo, senão aos defeitos presentes, quando era o mayor amante do mesmo Christo, & mais ardente zelador de sua gloria.

Com tudo, sendo os seus peccados, & defeitos naquelle tempo minimos (como tambem os de Xavier) parece que nam bastava a humildade de cada hum, para crer que eram taõ grandes; porque não ha Santo tam humilde, que deva, nem humilde tão Sãto, que crea de si o que naõ he; pois a humildade nam he illusaõ, senaõ ciencia, como filha do conhecimẽto proprio. Este proloquio he absolutamente recebido de todos os Mestres espirituaes, & asceticos; mas com licença sua eu o distingo. Nas cousas baixas, & vis, a humildade he filha do conhecimento proprio: nas altas, & muyto mais nas altissimas, he filha da ignorãcia de si mesmo. E porque a distinçaõ, por nova, naõ pareça menos certa, vamos à Escritura. *Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres.* Falla o Esposo Divino com huma Alma não só Santa, mas Santissima (que isso significa aquelle superlativo, *pulcherrima*) & diz que ella se ignora a si mesma: *Si ignoras te.* Pois se era tam formosa, & taõ agradavel aos olhos de Deos, como he possivel que ignorasse, naõ sõ o que tinha taõ perto, senaõ dentro de si mesma? Porque aquella virtude, de que Deos mais se agrada (como agradou na Alma mais Santa, & Santissima sobre todas) he a humildade. *Respexit humilitatem Ancillæ suæ;* & a humildade nas cousas altas, & sublimes naõ he filha do conhecimento, senam da ignorancia propria: *Si ignoras te.* Daqui se segue que se o homem naõ pòde crer o cõtrario do que sabe, nenhuma difficuldade tem em crer o contrario do que

Cant. 1. 7.

Luc. 1. 48.

ignora. E porque os Santos só conhecem em si o baixo, & vil, & ignoraõ o alto, & muyto mais o altissimo; por isso a ignorancia das virtudes cótrarias, que ignoraõ, os persuade facilmente a crer a grandeza dos peccados, que conhecem. Quando fazeis a esmola, diz Christo, naõ saiba a vossa maõ esquerda o que faz a direita: *Nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua.* E se huma maõ no mesmo homem pòde ignorar o que faz a outra; que muyto he que a esquerda do peccado ignore o que faz a direita da virtude? Parta se o nosso Santo pelo meyo, de sorte q̃ o Francisco fique de huma parte, & o Xavier da outra, & logo se verà como a ignorancia das virtudes de Xavier podia facilitar, & fundar a crença dos peccados de Francisco.

Matth. 6. 3.

Sò resta o argumento da verdade, porque poderà inferir alguem com menos reverencia: Se Xavier, como Santo, negava o que era; & como peccador affirmava o que naõ era: logo faltava à verdade, por naõ dizer em termos mais grosseiros, & claros, que mentia? Respondo que tudo podia ser, & foy, sem exceder os limites da verdade, antes subindo aos ultimos, & mais altos, a que pòde chegar a perfeiçaõ da virtude. Mentir, como define Santo Agostinho, he dizer, ou ir quem falla contra o que entende: *Mentiri est contra mentem ire.* De sorte que quem diz o que entende, taõ fóra està de mentir, que antes mentiria, se fizesse o contrario. Exemplo. Perguntado o Baptista, se era Profeta, respondeo que naõ: *Propheta es tu, & respõdit, non.* Pois se Christo disse que o Baptista naõ só era Profeta, senaõ mais que Profeta: *Prophetam, & plusquam Prophetam,* como pode dizer o Baptista, que nam he Propheta? Porque Christo dizia delle o que sabia delle; & o Baptista dizia de si o que sentia, & entendia de si.

Ioan. 1. 21.

Luc. 7. 26.

Mayor,

Mayor, & eſtupendo caſo. O Pſalmo vinte, & hum, como conſta de muytos teſtemunhos da Eſcritura, he de Fè, que falla literalmente de Chriſto; & diz nelle o meſmo Chriſto: *Ego ſum vermis, & non homo:* Eu naõ ſou homem, ſou hum bichinho da terra. He poſſivel que tal diſſeſſe o meſmo Chriſto? Se Chriſto he a ſumma verdade, como pòde affirmar de ſi que he hum bichinho, & negar de ſi que he hòmem, Artigo de Fè; porque todos daremos mil vidas? Porque aſſim como Chriſto he a ſumma verdade, aſſim he tambem a ſumma humildade; & a verdade junta com a humildade, pòde affirmar, ou negar ſem implicancia o que a verdade por ſi ſó naõ pòde. E qual he a razaõ em todo o rigor da Philoſofia, & Theologia? A razaõ he; porque a verdade por ſi ſó tem obrigaçaõ de ſe cõformar com o ſeu objecto, aſſim como elle he; porèm junta com a humildade, baſta que ſe conforme com a eſtimaçaõ que ella tem, ou ſe tem do meſmo objecto. Eſta foy a razaõ de Chriſto, que elle naõ callou: *Ego ſum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis.* Porque aquelles homens indignos de tal homem, & aquella plebe màa, ingrata, & blaſfema, faziaõ taõ pouco caſo, & eſtimaçaõ de Chriſto, como ſe naõ fora homem, ſenam hum bichinho vil da terra; por iſſo o meſmo Senhor, conformando-ſe a ſua verdade, & a ſua humildade com eſta eſtimaçaõ vulgar, naõ duvidou de affirmar que era hum bichinho, & negar que era homem, como elles diziaõ: *Ego ſum vermis, & non homo.* E ſe à verdade, & humildade de Chriſto, para negar de ſi o que era, & affirmar o que naõ era, baſtou ſe conformaſſe cõ a eſtimaçaõ alhea; porque lhe nam baſtaria à Xavier conformar-ſe com a eſtimaçaõ propria? Por iſſo podia affirmar, & affirmava que era grande pec-

Pſalm. 21. 7.

Ibidem.

cador; & por isso podia negar, & negava, que naõ havia nelle cousa alguma de Santo.

E como o grande zelador da hõra de Deos tam profundamente aniquilava a gloria de suas obras, para nellas exaltar a gloria de Deos: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in Cœlis est*: naõ podia faltar a Providencia, & justiça do mesmo Deos naõ só em o exaltar a elle com a gloria da Canonizaçaõ; mas em declarar publicamente a todo o mundo pela voz do Summo Pontifice (que he a sua na terra) naõ ser outra a causa de assim o glorificar depois da morte, senaõ porque elle tanto o tinha glorificado na vida, pronunciando o Supremo Oraculo da Igreja, & cantando a Deos nelle dia, em prova, & correspondencia de huma, & outra gloria: *Deus, qui glorificantes te glorificas.*

VIII.

ASsim foy canonizado São Frãcisco Xavier; & se teve alguma cousa de admiravel, ou milagrosa esta Canonização, eu lhe não acho semelhança entre os milagres de Christo, senão a do banquete no deserto, de cujos sobejos recolhèrão todos os Apostolos, quanto cada hum podia levar. O mesmo digo, & não posso dizer menos, nem sey dizer mais, senão que foy canonizado São Francisco Xavier com tanta superabundancia de merecimentos, que dos sobejos da tua Canonização se podèrão canonizar outros muytos Santos.

Muytos Santos nem hum só milagre fizerão; & Xavier nam só foy milagroso, mas, como muytos Authores lhe chamão, foy o milagre dos milagres. Muytos Santos não sarárão humas maleitas; & Xavier, àlem dos que se não sabem, resuscitou sessenta,

&

& oito mortos. Muytos Santos naõ diſſeraõ huma profecia; & Xavier aſſim via as couſas futuras, ou auſentes, & fallava nellas, como ſe as tivera diante dos olhos. Muytos Santos naõ convertèraõ hum homem à Fè; & Xavier de todas as ſeitas converteo tãtos, quantos ellas em mil, & quinhentos annos nam podèraõ perverter. Muytos Santos, contentes com a ſalvaçam da ſua Alma, naõ ſalvàraõ outra; & Xavier de innocẽtes, & adultos, ſeguindo os que menos dizem, ſalvou, ou poz em eſtado de ſalvaçam, hũ milhaõ, & duzentos mil. Muytos Santos, guardando perpetuo ſilencio, nem a ſua lingua fallàraõ; & Xavier prègando a innumeraveis Naçoens barbaras, a todas fallava na ſua propria lingua. Muytos Santos, ſervindo a Deos a ſeco, naõ tiveraõ illuſtraçoens, nem conſolaçoens do Ceo; & em Xavier foraõ taõ continuas, & taõ exceſſivas, que naõ lhe cabendo no peito, apartando de ſobre elle as roupas, quaſi deſmayado dizia: Baſta, Senhor, baſta, baſta. Muytos Santos ſe queixavaõ amoroſamente a Deos dos trabalhos, entrando neſte numero o meſmo Job; & Xavier, ſendo tantos, & taõ extraordinarios oſſeus, pedia a Deos, que lhos moſtrava, mais, mais, mais. Muytos Santos nunca ſahiraõ da patria; & Xavier, tendo deixado a ſua, & ſendo taõ eſtimado em toda a parte, que ſe podèra contentar com ſer Cidadaõ do mundo, ſempre o teve por deſterro. Muytos Santos nũca puzeraõ o pè no mar, nem o viraõ; & Xavier deſdè o ultimo do Occaſo atè o primeiro do Oriente, debaixo de todos os climas, naõ ſó experimentou a furia das ſuas tempeſtades, ſenaõ as dos ſeus naufragios. Muytos Santos fizeraõ grandes penitencias por ſeus peccados; & Xavier tomando ſobre ſi os alheyos para pagar por elles, naõ ſó os chorava com la-

grimas, mas lavava os cõ copioso sangue das propriàs veas. Muytos Santos, porque viviaõ só cõ Deos, & comsigo, naõ padecèraõ perseguiçoens dos homẽs; & Xavier naõ só as padeceo crueis de todos os que naõ tinhaõ Fè, nem Religiaõ, mas atè dos mesmos Christãos foy crueliſſimamente perseguido. Muytos Santos nunca se offerecèraõ à morte, nem puzeraõ a perigo della por amor dos proximos; & Xavier com o peito aberto às setas, & azagayas, ferido, & quasi morto os defendeo muytas vezes. Finalmente muytos Santos, (& todos) quanto oràraõ, quanto trabalhàraõ, quanto padecèraõ, foy por alcançar, & segurar a gloria, & bemaventurança do Ceo; & Xavier, depois de a estar gozando, deixou o mesmo Ceo, do modo que he possivel, & anda neste mundo entre nòs, para nos soccorrer, & ajudar a ser bemaventurados.

Demos outra volta, & seja a ultima, à mesma Canonizaçaõ, & acharemos, que sendo Sam Francisco Xavier canonizado com titulo de Confessor, o podèra ser por todos os outros gràos de dignidade, & laureolas, com que os mais Santos se distinguem, & reynaõ coroados na gloria; como Patriarcha com os Patriarchas, como Profeta com os Profetas, como Apostolo com os Apostolos, como Martyr com os Martyres, como Doutor com os Doutores, como Virgem com os Virgens. E sendo que de hum só homem sabemos que fosse canonizado por Anjo, como foy o mayor dos nacidos, quando delle disse o mesmo Christo: *Ecce ego mitto Angelum meum*; em todas as Gerarchias, & em todos os còros dos Anjos daõ lugar a Xavier, os que mais exactamente escrevèram sua vida: como Anjo, em guardar os homens, como Archanjo, em presidir às Cidades, como Principado, em procurar a conservaçaõ Mal. 3. 1.

vaçao dos Reynos, como Poteſtade, em ſogeitar os demonios, como Virtude, em obrar os milagres, como Dominaçaõ, em ter imperio ſobre as creaturas, como Trono, em deſcançar nelle a Mageſtade Divina, como Cherubim, na altiſſima ſabedoria, & como Seraſim, no ardétiſſimo amor de Deos, & dos homens, em que ſempre viveo, & morreo abrazado. Elle nos alcance a imitação de tal vida, para que por ella mereçamos na morte a participação da meſma graça, & o premio daquella gloria, ſó concedida aos que glorificão a Deos: *Deus, qui glorificantes te glorificas.*

SERMAM UNDECIMO DO SEU DIA.

Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ. Marci 16. 15.

I.

DOUS mundos em hum mundo; o mũdo que fez o Verbo increado, *Mundus per ipsum factus est*, & o mundo que depois de humanado o não conheceo, *Et mundus eum non cognovit*, saõ os dous mapas universaes que o Senhor, & restaurador de ambos deo aos seus Apostolos, o primeiro para termo de suas peregrinaçoẽs, *Euntes in mundum universum*, o segundo para ouvinte de suas prègaçoens, *prædicate omni creaturæ*. Muyto têm que caminhar os pès destes Peregrinos, pois he o mundo todo, *Mundum universum*. E muyto tem que doutrinar as linguas destes Prègadores, pois saõ as Gentes tambem todas, *omni creaturæ*. Os pès, & os passos louva Isaias: *Quàm pulchri super montes pedes* Isai. 52. 7.

pedes annuntiantis, & prædicantis pacem; annuntiantis bonum! E as linguas, & as vozes admira David: *In omnem terram exivit sonus eorum, & in fines orbis terræ verba eorum.* Mas Isaias só diz, que vio os pès subir os montes, *Quàm pulchri pedes super montes!* E David posto que falla nos fins da terra, naõ diz q̃ chegàraõ a ella as vozes, senaõ que para ella sahiraõ: *In omnem terram exivit sonus eorum.* Daqui nacem duas graves questoens fundadas nas palavras que propuz, huma sobre o ir, outra sobre o prègar. A primeira: Se andàraõ os pès dos Apostolos tanta terra, quãta Christo lhes naõ medio, pois foy todo o mundo: *Euntes in mundum universum:* A segunda: Se prègàraõ as suas linguas a tantas Naçoens, quantas o mesmo Senhor lhes sinalou, que foraõ sem exceiçaõ todas as creadas: *Prædicate omni creaturæ.* Os Doutores antigos naõ tem aqui voto adequado, porque Christo naõ fallou só dos Apostolos em suas Pessoas, senaõ tambem nas de seus successores, de que os antigos naõ tiveraõ, nẽ podiaõ ter inteira noticia. Os modernos, naõ só fundados na historia Ecclesiastica, & profana, mas na evidente experiencia, cõstantemente resolvem, que atè o seculo todo de mil, & quatrocẽtos annos depois da redempçaõ, nem os pès dos Apostolos, & Varoens Apostolicos tinhaõ pizado as ultimas terras do mundo, nem as Gentes habitadoras das mesmas terras tinhaõ ouvido as vozes das suas linguas. Parece que o numero dos seculos se ajustou com o dos Apostolos. Os Apostolos foram quatorze, porque ao sagrado numero dos doze da primeira eleiçaõ (substituido em lugar de Judas Saõ Mathias) acrecentou Christo depois de estar no Ceo, Saõ Paulo, & Saõ Barnabè. E assim como os Apostolos foraõ quatorze, assim foraõ tambem quatorze os seculos, em que o mundo,

Psal. 18. 5.

em

em tanta antiguidade nam conhecido, nem com as pizadas deſeus pès, nem com as vozes das ſuas linguas ſe podia ſantificar. Agora, Divino Aſſumpto deſta minha indigna Oraçaõ, começaremos a ouvir o voſſo Heroico nome. Chegou em fim na era de mil, & quinhentos o ſeculo decimoquinto, & com elle appareceo no mundo Franciſco Xavier, decimoquinto Apoſtolo. Do Reyno de Chriſto diz David ſeu Pay: *Dominabitur à mari uſque ad mare, & à flumine uſque ad terminos orbis terrarum*: Que dominarà de mar à mar, & do Rio atè os fins da terra. E que he de mar a mar? He do mar Atlantico o ultimo da Europa, atè o mar Eoo o ultimo da Aſia. E que he do Rio atè os fins, & termo da terra? He do Rio Tejo, onde ſe embarcou Xavier; atè o Japam, onde elle foy o primeiro Prègador que poz os pès, & o primeiro de cuja lingua ſe ouvio o nome de Chriſto. Aſſim o propuzeraõ na cauſa da ſua Canonizaçaõ ao Papa Gregorio Decimoquinto os Auditores da Sagrada Rota, por eſtas notaveis palavras: Prègou o Evangelho nas Ilhas do Japão, aonde o nome de Chriſto nunca antes fora ouvido, & então ſe comprio a primeira vez a profecia do Pſalmo, *In omnem terram exivit ſonus eorum.* Atè aqui aquelle notavel teſtemunho. E como entre todos os Miniſtros da propagação da Fè Catholica, no ir forão tam ſingulares os pès, & no prègar tão ſingular a lingua de S. Fráciſco Xavier, ǫnenhũ outro ſe pòde comparar cõ elle; parece que nos não fica que dizer na materia do noſſo thema, ſendo ella tão ampla, que contem dous mundos, o elementar que ſe anda, & o racional a que ſe prèga. Ora jà que Xavier he incomparavel neſta gloria, & ninguem ſe pòde comparar cõ elle; ſó reſta cõpararmolo comſigo meſmo, & huma parte ſua com outra parte. Comparando pois

Pſalm. 71. 8.

pois os pès de Xavier com a sua lingua, & a lingua cõ os pès, a questão, ou problema do meu discurso serà este: Se forão mais admiraveis os pès de Xavier no que andàrão, *Euntes in mundum universum*, ou a lingua de Xavier no que prègou, *prædicate Evangelium omni creaturæ.*

II.

OIr pelo mundo nam he a mesma cousa para todos, diz Seneca. Se o homem for sabio, he peregrinação, se for nescio, he desterro: *Sapiens peregrinatur, stultus exulat.* He peregrinação, se for sabio, porque terà muyto que aprender do que vir, & experimentar, & serà para elle a mesma peregrinação estudo. Pelo contrario, se for nescio, não tirarà outro fruto das terras que andar, senão estar fóra da patria, & isto propriamẽte he desterro. Quanto à peregrinação, ella he hum dos livros, que o mesmo Espirito Santo inculcou para se aprender a verdadeira sabedoria: *In terram alienigenarũ gentiũ pertransiet.* Porque a geografia do mũdo melhor se aprẽde vista no mesmo mundo, que pintada no Mapa. Assim o fizeram os dous mayores, & mais famosos Mestres de huma, & outra Filosofia Platão, & Aristoteles. E quando os mayores Mestres vão aprẽder do mundo, mãda Christo a seus Discipulos, que o vão ensinar: *Euntes in mũdum universum prædicate omni creaturæ.*

Seneca de remed. fortuit.

Eccles. cap. 39. v. 5.

Foram os primeiros Apostolos às partes do mũdo, que lhe coubèrão, & o nosso à sua. E como primeiro he o ir, que o ensinar, antes que ouçamos as maravilhas da lingua de Xavier no que prègou, vejamos os passos dos seus pès, & quam admiraveis forão no que caminhàrão. Mas como poderà ser isto sem cãçar a memoria, nem enfastiar os ouvidos, repetindo agora por junto o que em outros discursos temos visto por partes? Jà que

que a medida desta peregrinação, & o termo sem termo deste itinerario, não he menor que o mundo todo, *Euntes in mundum universum*; façamos hum Petipè não de centos, mas de milhares de legoas, & medindo com fiel compasso as distancias de humas terras a outras, andadas, & tornadas a andar muytas vezes, desfazendo assim o novello daquelle mundo novo em linhas mathematicas; por ellas como pelo fio de Ariadna nos poderemos sahir de tão intricado labyrinto, & reduzir a numero comprehensivel a summa, que verdadeiramente he immensa.

Os que mais estreitamente fazem esta cõta, dizem que andou São Francisco Xavier no Oriente trinta, & tres mil legoas. Mas porque estes medem só as distancias de humas terras a outras por linha direita sem as quebras, ou demasias que nas subidas dos mõtes, nos rodeyos das enseadas, & em outros passos difficultosos tem todos os caminhos; mais certa he a medida dos que adiantam este computo, quando menos a trinta, & seis mil legoas. Isto diz a Aritmetica da terra; mas quem poderà comprehender a do Ceo? No Apocalypse se faz menção de medida dos homẽs, & medida dos Anjos: *Mensura hominis, quæ est Angeli.* Apoc. 21.17. Os homens grosseiramente medẽ por legoas, & por milhares, os Anjos medem por passos, & hum por hum. Nas vidas dos Padres do Hermo lemos de hum Santo velho, que cançando se de ir buscar agoa à fonte, por estar longe da sua choupana, determinou fazer outra mais vizinha, & indo para a mesma fonte com este pensamento, ouvio huma voz, que o seguia, dizendo: Hũ, dous, tres, quatro; & voltando, vio que era hum Anjo, que lhe hia contando os passos; com que mudou tanto do intento, que tivera, que passou a choupana para mais longe. Oh

longes

longes dos caminhos de Xavier! Aquelle Anjo como o do Apocalypse media os passos a modo dos homens *Mensura hominis, quæ est Angeli*, & assim os contava. Mas que gloria immensa seria a do nosso Peregrino, quando naõ os homens, nem só os Anjos, senaõ o mesmo Deos lhe contava os passos, como de si dizia o Santo Job: *Tu quidem gressus meos dinumerasti!* Job. 14. 16.

Antes que passe adiãte, quero aqui tirar huma duvida, & he, concordar os passos do tempo, que tanto corre, com os dos pès de Xavier, que corrèraõ muyto mais que elle. Como pòde ser que em dez annos, que o grande Apostolo viveo na India, andasse, & corresse tanto? A mais celebre peregrinaçaõ que temos na Sagrada Escritura, he a de Moyses desde o Egypto à terra de Promissaõ, & he certo que em quarenta annos naõ caminhou Moyses a centessima parte do que Xavier em taõ poucos. Se este maravilhoso Heroe naõ vivèra em nossos tempos, aviamos de cuidar, & fazer huma de duas suppositçoens: ou multiplicando-lhe os annos, crendo que ouvesse vivido duzentos, & trezẽtos, como os Patriarchas, que succedèraõ a Noè; ou multiplicando-lhe a mesma Pessoa, imaginãdo que este Xavier naõ fosse hum só homem, senaõ muytos Xavieres, assim como foraõ muytos os Hercules, que corrèram o mundo, alimpando o dos monstros que o infestavaõ, & tudo se attribue a hum só Hercules. Sendo porèm sem duvida, que Xavier foy hum só homem, como pudêraõ huns pès humanos caminhar tanto em tam pouco tempo? De Mercurio dizem os Poetas Gẽtios, que tinha azas nos pès, mas isto he fabula. Dos de Xavier podemos affirmar que elle as tinha, naõ fabulosas, senaõ verdadeiras, & taõ velozes, diz Isaias, como as da Aguia: *Assument pennas sicut* Isai 40. 31.

cut Aquilæ. E para que? Naõ para voar, ſenaõ para correr, & andar tanto, como ſe voaſſe: *Current, & non laborabunt, ambulabũt, & non deficient.*

Tornando pois, nam ao numero dos paſſos de Xavier, que ſó Deos podia contar, mas às legoas que contàraõ os homens; a todos os doze Apoſtolos diſſe Chriſto Senhor noſſo, que foſſem a todo o mundo, mas a nenhum que foſſe a todo, ſenaõ dividido por partes como fizeraõ: & ſe elles naõ ſahiſſem de Jeruſalem, andou tanto o Apoſtolo do Oriente, que podèra ſuprir o caminho de todos doze, naõ em parte do mundo, ſenaõ em todo. Naõ he encarecimento, ſenaõ demõſtraçaõ evidente. Porque o Diametro de todo o mundo, como do Oriente a Poente, ou do Sententriaõ ao Meyo dia, em que ſe atraveſſa todo de parte a parte, nam tem mais de tres mil legoas; & em trinta, & ſeis mil, que foy o menos que Xavier andou, podia dar, & repartir tres mil a cada hum dos Apoſtolos. Eſte he hũ modo de andar todo o mundo. O outro, & mayor he naõ atraveſſalo pelo Diametro, mas rodealo eſfericamente por toda a circunferencia. E eſte rodeyo dãdo volta a todo o mundo fazem, naõ huma, ſenam quatro vezes, trinta, & ſeis mil legoas. A primeira nao que deo volta a todo o mũdo, mais digna de ſe collocar entre as Eſtrellas que a fabuloſa Argos, foy a do valeroſo Portuguez, que deo o nome ao ſeu eſtreito. Naõ elle, mas ella, chamada a Vitoria, chegou às prayas de Heſpanha, & alli ſe moſtrava, & via com admiraçaõ, & quaſi com reverẽcia aquelle prodigioſo lenho. E que diremos de hum homem, cujos paſſos caminhàraõ tanto, que pudèraõ dar volta quatro vezes a toda a redondeza do mundo?

III.

III.

NA M ha duvida que muyto admiraveis foraõ os pès de Xavier; mas muyto mais admiravel foy a sua lingua. Porque se os pès andando pudèraõ dar volta ao mundo, a lingua prègando fez que o mundo desse volta. Archimedes, aquelle prodigioso Mathematico, dizia: que se pudesse firmar hum pè fóra do mundo, lhe faria dar huma volta: *Tollerem, si consisterem.* E isto he o que fez Xavier. Poz-se fóra do mundo, porque o deixou; pode-se firmar fóra delle, porque se firmou em Deos, *Dominus firmamentum meum.* E naõ com outro instrumento, que o de sua lingua, fez que o mundo desse volta. *Verte impios, & non erunt*: Se quereis que nam haja màos, nem maldades no mundo, dailhe huma volta, diz o Espirito Santo. Isto quer dizer aquelle *verte*, como trasladaõ os melhores Interprètes: *In orbem gyra.* E para que vejamos, como lhe fez dar esta volta Xavier, ouçamos primeiro o estado em que se achava aquelle novo, & grande mundo do Oriente, antes de là entrar o seu Apostolo. Constava de Christãos, & infieis de diversas seitas. E começando pelos chamados Christãos, referirei por suas proprias palavras, o que escreviaõ, & choravaõ naquelle tempo as informaçoens mais autenticas. A corrupçaõ dos costumes se reduzia àquelles tres vicios capitaes, dos quaes diz o Evangelista Saõ Joaõ: *Mundus in maligno positus est*, cubiça, ambiçaõ, torpeza. Quanto à cubiça, nos tratos, & contratos, o de mais proveito era o mais licito. As culpas provadas em juizo eraõ o paõ, como diz Oseas, de que se sustentavaõ os Juizes, pezando-se para a absolviçaõ na mesma balança, de huma parte o delito, da outra o dinheiro. Quanto à ambiçaõ, era honra, & nobreza a impunidade das Leys humanas, &

1 Joan. 5. 19.

& Divinas. E o matar homens para ter que gastar com largueza, se reputava por valor, como o nam guardar verdade, nem palavra, por fidalguia. Quanto à torpeza, vivia o Senhor com suas escravas cinco, & seis das portas a dentro, como se com ellas legitimamente se recebèra, nem isto se estranhava em Goa mais que em Marrocos: obrigando a outras a pagar tal tributo, ou jornal cada dia, que naõ o podendo grangear com o trabalho, traziaõ vendida a honestidade. Para desafogar as conciencias de tam profundo, & escandaloso abismo, naõ avia cuydado nem lembrança. Muytos passavaõ annos sem acodir aos Sacramentos, & fazello fóra da Quaresma, era a mayor hypocrisia.

Assim achou Xavier a christandade, ou o nome della na India. E que poder, que industria, que machinas eraõ necessarias para fazer dar volta a esta Ninive mais difficultosa de se converter, que merecedora de ser sovertida? Mas já vejo vir navegando Jonas, naõ forçado, & violento no ventre da Balea, mas obediente a Deos, & revestido do Espirito de Christo, parecêdo-lhe vagarosas, naõ as barbatanas, ou remos do mõstro, senaõ as azas dos mesmos ventos para sahir em terra, & dar felicissimo principio à sua heroica missaõ. Chega em fim, poem os pès em Goa Xavier, & agora veraõ elles nos do mesmo Jonas, quanto mais poderosa he a sua lingua. A Cidade de Ninive era taõ grande, diz Sam Jeronymo declarando o texto, q̃ escassamente se podia rodear, o andar todo o circuito della em tres dias inteiros: *Tantiam habuit ut vix triũ di rũ posset itinere circumiri.* E acrecẽta o mesmo Sãto, que assim o fez Jonas lembrado do preceito de Deos, & do seu naufragio, correndo com tanta preça, que em hũ dia fez o caminho de tres: *Jonas præcepti, & superioris naufra-*

naufragij memor viam trium dierum unius diei festinatione complevit. Naõ podiaõ andar mais maravilhosos os pès no que caminhàram. E foram elles os que cõvertèraõ a Ninive? De nenhum modo. A lingua foy a que converteo o Rey: *Pervenit verbum ad Regem Ninive.* E a lingua a que persuadio o Povo a que cresse em Deos: *Crediderunt viri Ninivitæ in Deum.* Ao nosso pôto agora: Demaneira que os pès pudèraõ dar volta a toda Ninive, mas a que fez que Ninive desse vol a foy a lingua. Para que entendaõ os pès, posto que de Xavier, que ainda que pudessem dar muytas voltas ao mundo, fazer que o mundo desse volta, só o podia a sua lingua.

Jon. 3. 6. 5.

Assim o fez nesta primeira parte, & cabeça daquelle mundo, & com tanta brevidade, que prègando só a metade dos quarenta dias da prègaçaõ de Jonas (porque chegou a Goa em seis de Mayo de mil, & quinhentos, & quarenta, & dous, & no fim do mesmo mes partio para a costa da Pescaria) ficou aquella Cidade taõ outra do que era, como se nella se trocassem os habitadores, ou nos habitadores as Almas. A frequencia das confissoens era taõ continua, que naõ bastavaõ ao Santo os dias, & as noites para as ouvir: os tres vicios, de que acima fallamos, todos convertidos nas virtudes contrarias. A ambiçaõ, & invejas em cõcordia, & amizades: a cobiça em restituiçoens, & grossas esmolas: a incontinencia em se alimparem as casas de tudo o que encontra a honestidade christãa Em fim outra volta, como a de Ninive. A Ninive racional (que as Cidades saõ os homens, & não as paredes) tinha duas faces, huma superior, outra inferior, huma que se via, outra que se não via: a superior, & que se via, era vivendo todos na infame seita de Epicuro, de que Sardanapalo,

então Rey de Ninive, era o sectario mais bruto: a inferior, & que se não via, era a Ley da razão, que estava sepultada, esquecida, & metida debaixo dos pès. Mas tanto que deo volta aquelle grande, & desordenado corpo, no mesmo ponto desapareceo o que se via, & resurgio o que se não via, & deixando de ser o que era, começou o que devia ser. Dizem todos os nossos Historiadores, que quem pouco antes tivesse visto a Goa, & agora a visse, a não conheceria. E he pelas mesmas palavras o que disse São Chrysostomo de Ninive: *Sane si quis tunc ingressus fuisset Civitatem Ninivitarum, qui prius eandem probe noviſſet, nequaquam agnoviſſet eam. Adeo repente à turpiſſima vita ad pietatem reſilierat.*

D. Chrysost lib. de orando Deo.

IV.

PAssando à segunda, & mayor parte deste vastissimo corpo, que sam os Gentios, & Idolatras, divididos em tantas seitas; quẽ nos declarará, & como, a grande volta que derão? Diz Saõ Joaõ que vio (como jà tinha profetizado Isaias) hum Ceo novo, huma terra nova, & hum mar novo: *Vidi Cœlum novum, & terram novam: primum enim Cœlum, & prima terra abijt, & mare jam non eſt.* E quando se vio esta grande mudança, sendo sempre o Ceo o mesmo, a terra a mesma, o mar o mesmo? Aguda, & profundamente Saõ Jeronymo. Diz que se vio, quando os Apostolos, & seus successores convertèrão a idolatria de Roma, & Grecia gentilicas, porque então deo volta o mũdo, & se tornou a pòr no estado, em que Deos o criàra. Deos criou este mundo em tal fórma, & com tal ordem, que o homem servisse, & adorasse a Deos, & todas as outras creaturas do Ceo, da terra, & do mar servissem ao homem. Mas a idolatria (de que foy o primeiro mestre o demonio, quando disse: *Eritis ſicut*

Apocal. 21. 1.

sicut Dij, fingindo mais deoses que hũ) de tal modo perturbou esta ordem, que os homens deraõ a Divindade de Deos às creaturas, & devendo ellas servir aos homens, os homens as servìraõ, & adoràram a ellas. Assim o fez no Ceo, na terra, & no mar. No Ceo tinha Deos posto Estrellas, na terra plantas, no mar peixes: & de tudo isto fez a idolatria deoses, & deosas. A Jupiter deos do Ceo, a Plutaõ deos da terra, a Neptuno deos do mar. E para que naõ faltasse geraçaõ a estes deoses, posto que os Idolatras lhe chamavam immortaes; a Jupiter ajuntàraõ Juno, a Plutaõ Proserpina, a Neptuno Thetis. E assim como no Ceo com segundo grào de Divindade, ao Sol fizeram Apollo, à Lua Diana, & aos outros Planetas Saturno, Marte, Mercurio, Venus, & a multidaõ das outras Estrellas, a que na Escritura se chama, *Militia Cœli*; assim na terra, & no mar beatificàram outras deidades, de ambos os sexos, terrestes, & maritimas.

A estes monstros levantavaõ templos, dedicavaõ altares, consagravam sacerdotes, offereciam sacrificios: & o que mais admira he, que sendo os Gregos, & Romanos os homens mais sabios do mũdo, & os Judeos os mais alumiados; todos aquelles, & a mayor parte destes cresse taõ cega, & obstinadamẽte nestas chimeras do Ceo, do mar, & da terra, que as adorasse como verdadeiros deoses, & aos que lhe naõ offerecessem incẽso, castigassem como Atheos, & sacrilegos, abrazados em fogo, comidos das feras, & martyrizados com os mais exquisitos tormentos. Mas chegado o tempo (como ensinou Sam Paulo aos Areopagitas) em que o verdadeiro Deos quiz desfazer as trevas desta ignorancia, & tirar do mundo todos os deoses falsos por meyo da prègaçaõ do Evãgelho: derrubados os ce-

leſtes do Ceo, afogados os maritimos no mar, & ſepultados os terreſtes no inferno; entaõ apparecèram o Ceo, a terra, & o mar, reduzidos à pureza, & verdade de ſeu nacimento (envergonhando-ſe o Sol, & a Lua, como diz Iſaìas, de terem ſido adorados) & foy taõ eſtupenda eſta volta univerſal de todo o criado, que ò meſmo Ceo, a meſma terra, & o meſmo mar parecèraõ criados de novo: *Ecce ego creo Cœlos novos, & terram novam.* E diz o Texto Sagrado, criados de novo, naõ ſó com autoridade, mas com energia, & elegancia Divina; porque o criar he produzir de nada, & como a idolatria he nada, & os Idolos nada, deſte nada tornou Deos a reproduzir o Ceo, a terra, & o mar, tirando-os do naõ ſer ao ſer, paſſando-os da mentira à verdade, & reſtituindo-os do que apparentemente eram, ao que realmente tinhaõ ſido.

Iſai. 65. 17.

Porèm ſe compararmos a idolatria Romana com a do Oriente, muyto mayor, & mais admiravel volta foy a q̃ fez dar àquelle novo mũdo a prègaçaõ, & lingua de Xavier. Os Romanos dedicàram hum templo a todos os deoſes, por iſſo redondo, em que tudo o que ſe admira, naõ he ſombra do quẽ dedicou aos ſeus, ajudada do poder, & da arte, a ſuperſtiçaõ dos Orientaes. A grandeza do Pantheon de Roma nam iguala os mayores Templos da chriſtandade, & ſendo milhares os daquellas Naçoens, os que vencem toda a admiraçaõ, ſaõ os cavados, & abertos em huma ſó pedra com abobadas, naves, & torres; entre os quaes ſe contaõ em hum tres mil cellas da meſma pedra unica, & continuada, para os que tem cuydado do culto, & ſerviço delle. E admira-ſe muyto em Roma, q̃ o portal do meſmo Pantheon ſeja de hum ſó marmore. Mais admiraçam merecem as dez, ou doze columnas do meſmo Portico, que nam pòdem abra-

abraçar dous homens com proporcionada altura de huma só peça. Mas se dellas se póde gloriar a potencia de Agrippa, que alli as trouxe, & levantou; como ficaria muda toda a soberba Romana, se soubesse, como sabemos, que em hum Templo, ou varella da India, chamado do Bugio (por ser dedicado a taõ ridiculo deos) só o claustro, que serve de recolher as rezes que se haõ de sacrificar, tem setecentas columnas lavradas de marmore tambem de huma só peça, & igual grandeza? Da estupẽda, & monstruosa dos altares, basta dizer que em hũ só do Japaõ se contaõ quinhentos Idolos dourados, cada hum com cem braços como o Briareo.

Estas eram as muralhas, torres, & castellos, cõ que a idolatria Oriental estava armada, & guarnecida nelles de infinitos Ministros, chamados Sacerdotes Bramenes, Jogues, Bonzos, todos rendosamẽte sustentados a soldo dos Reys, & dos Povos, com os opulẽtos thesouros, que os mares, & terras por natureza, & os homens por artes lhes pagaõ em tributo. E sendo mayor este poder no invisivel, que no que se via (porque em cada Idolo, posto que de pedra, ou metal, & ao parecer morto, morava, & vivia hum demonio); com que forças lhe podia fazer guerra Xavier, sendo tam desiguaes as suas? Contra a fortaleza daquelles Templos em qualquer parte onde chegava, levantava huma Igreginha fundada sobre quatro esteyos cortados do mato, & cuberta com a ramada das arvores: contra a multidaõ, grãdeza, & riqueza dos Idolos, & imagens alvorava huma Cruz seca: cõtra os innumeraveis exercitos dos sacrilegos sacerdotes, apparecia elle só descalço, & taõ pobremente vestido, como quem se sustentava de esmola: & nesta desproporçaõ, & desigualdade taõ extrema do que se via, em soando, & se

ouvindo a voz, & prègaçaõ de Xavier, como ao ſom das trombetas de Joſuè ſe arazàram os muros de Jericò, aſſim cahia a machina dos Têplos, os Idolos ſe desfaziam em cinza, os demonios, q̃ naõ podiaõ morrer, fugiaõ, emmudeciaõ os Camìs, & Totoquêz, & os nomes de Xaca, & Amida, ouvindo-ſe em toda a parte o do verdadeiro Deos creador do Ceo, & da terra, & ſendo recebida, crida, & adorada em Cidades, & Reynos inteiros a Divindade de Chriſto. Taõ poderoſas, & efficazes eraõ as vozes de Xavier, & taes os triunfos da ſua lingua.

V.

MAs ſe a triunfante lingua de Xavier foy taõ glorioſa na volta, que fez dar ao mundo prègando, *Prædicate*; parece que ſe naõ pòdem gloriar menos os ſeus pès do modo ſingular, & maravilhoſo, com que Deos os fortificou, para que pudeſſem dar tantas voltas ao meſmo mundo andando, *Euntes*. No famoſo cantico de Anna Mãy de Samuel, que tèm por fim a propagaçam univerſal do Imperio de Chriſto: *Dominus dabit Imperium Regi ſuo, & ſublimabit cornu Chriſti ſui*; diz immediatamente antes a meſma Profetiza, que Deos para iſſo ha de conſervar os pès dos ſeus Santos: *Pedes Sanctorum ſuorum ſervabit*. O que literalmente nam ſó ſe pòde, mas deve entender dos pès de Saõ Franciſco Xavier. Tendo elle jà paſſado o cabo das vans eſperanças, cõ que o mundo o detinha, o primeiro livro por onde deo principio ao novo eſtudo, foy o dos exercicios eſpirituaes de Santo Ignacio. Neſtes exercicios ſe lembrou o novo cavalleiro de Chriſto, de outro, em que as ſuas grandes forças, & deſtreza ſe avantejavaõ muyto, & era a agilidade de correr, & saltar, gentileza naquelle tempo muyto

1. Reg. 2 10.

to estimada na Corte de Paris. Para mortificar pois, & castigar esta vaidade, de que se prezava tanto, inventou o seu fervor huns cordeis primeiro cheyos de nòs, cõ os quaes fortissimamente se atou, & apertou por baixo dos juelhos, & com que naõ dava passo sem grande molestia, & dor. Assim atado se poz a caminho de Paris para Veneza, onde Santo Ignacio o esperava cõ os outros seus companheiros, em comprimento do voto que tinhaõ feito de passar a Jerusalem. E a poucas jornadas, que todos faziam a pè, & com o que tinhaõ recolhido dos proprios estudos aos hombros, naõ podendo Xavier dar mais hum passo adiante, declarada por força a causa, que a humildade dissimulava, & encobria. Foy logo chamado Çurgiaõ, o qual com pasmo de tal genero de penitencia, vendo as grandes chagas, & inchaçam dos juelhos, & quam profundamente se tinhaõ penetrado, & escondido nellas os cordeis, disse, que se naõ podia intentar a cura sem cortar muyto pela carne, & sem manifesto perigo da vida, pelo muyto cõcurso das veas, & nervos naquella parte. Em conclusaõ, que tendo chegado as feridas a tal estado, sò Deos lhe podia dar o remedio, a que elle se nam atrevia. Com este lastimoso desengano se puzeram em Oraçaõ os nove companheiros (que foy a primeira novena de Saõ Frãcisco Xavier) & perseverando toda a noite com as instancias ao Ceo, que a caridade, & necessidade da viagem pedia, nam tinha bem amanhecido (cousa maravilhosa!) quando os cordeis apparecèraõ quebrados por todos os nòs, a inchaçaõ igual, as chagas perfeitamente sans, & o enfermo com as forças taõ inteiras, que sem perder jornada, dando as devidas graças a Deos, cõtinuàraõ todos seu caminho.

Quem se naõ sembrarà

rà neſte paſſo das cadeas de Saõ Pedro? Prezo Sam Pedro, & atado a duas cadeas, quando ſe eſperava ſó pela manhãa, para que elle ſahiſſe a morrer, diz o texto de Saõ Lucas, que toda a Igreja fazia Oraçam pela ſua vida a Deos: *Oratio autem fiebat ſine intermiſſione ab Eccleſia ad Deũ pro eo.* E da meſma maneira naquella noite tambem fazia Oraçaõ a Deos pela vida de Xavier a Companhia toda, porque toda (como entaõ *puſillus grex*) ſe continha naquelle pequeno numero. Là Herodes era o impio Tyranno de Pedro, cà Xavier era o piadoſo Tyranno de ſi meſmo. Là foy taõ efficaz a Oraçaõ de toda a Igreja, que em hũa noite por meyo de hum Anjo as cadeas de Pedro ſe quebràram, & lhe cahiraõ das mãos: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus;* & cà foy tão efficaz a Oração de toda a Companhia, que em outra noite os cordeis de Xavier ſe rompèrão, & lhe cahiram aos pès. Mas ſe Pedro fazia tantos milagres, porque não foy elle o que ſe ſoltou das cadeas? E ſe Xavier avia de fazer tãtos, porque não foy tambem o primeiro ſeu o da ſoltura de ſeus cordeis? Porque quiz Deos authorizar mais a ambos com que não foſſem elles os Authores, ſenão que foſſe a vida de Pedro milagre de toda a Igreja; & a vida de Xavier milagre de toda a Companhia. De tantas cauſas juntas, & taes nam podião reſultar ſenão grãdes effeitos. Da Oração de toda a Igreja hum Pedro vivo, & ſoltas as ſuas mãos das cadeas, com que o prẽdeo Herodes: da Oraçam de toda a Companhia hum Xavier vivo, & ſoltos os ſeus pès dos grilhoẽs, com que elle meſmo ſe prẽdeo. Se São Pedro quebràra as ſuas cadeas, fora eſte hum dos milagres de Saõ Pedro. Se Xavier rompèra os ſeus cordeis, fora eſte hum dos milagres de Xavier. Mas ſeja Pedro o milagre de toda a Igreja, & Xavier o milagre

Actus Apoſto. 12. 5.

Ibid. 7.

lagre de toda a Cõpanhia; para que quando a Igreja se quizer ostentar milagrosa, mostre a Pedro; & quando a Companhia lhe importar provar que tambẽ ella faz milagres, mostre a Xavier.

Só ouve em hum, & outro caso huma bem notavel differença, que foy obrar Deos o milagre de Pedro por hum Anjo, & o de Xavier por si mesmo. Se Deos entam revelàra aos Anjos, que aquelle caminhante chagado, cahido, & taõ prezo, que nam podia dar passo, era o Vaso de eleiçaõ destinado por sua Providencia para Apostolo de todo o Oriente; nam ha duvida que os Anjos da guarda daquella infinidade de Almas, todos, & cada hum à contenda (*ambitioso famulatu*, como diz Santo Hilario) se aviaõ de offerecer para o ir curar, tendo-se por mais ditoso o que tivesse a ventura de ser o seu Rafael. Mas que naõ cometendo Deos, nem cõcedendo a soltura dos cordeis de Xavier, como a das cadeas de Saõ Pedro, a algum Anjo, elle por si mesmo quizesse ser o Author do milagre, & curar taõ mimosa, & amorosamente as chagas daquelles joelhos! Que motivo podia ser o q̃ obrigasse a Magestade Divina à condecendencia de taõ particular favor? O favor, & o motivo posto que taõ soberano, por outro da estimaçaõ de Deos no mesmo genero se pòde entender facilmente. Curou Deos por si mesmo os joelhos de Xavier, cõmo elle por si mesmo os castigàra; porque Xavier era aquelle prodigioso homem, que lhe avia de fazer dobrar os joelhos a tantos milhares de Gentes, que os dobravaõ aos Idolos. Quãdo Elias brasonava de ser elle só o que seguia, & defendia as partes de Deos, sendo todos os mais Idolatras, apagou-lhe Deos as labaredas deste seu fogoso espirito, dando-lhe em rosto cõ sete mil, que tinha na mesma terra, os quaes naõ dobravaõ

vaõ os joelhos a Baal. Elias dizia: *Derelictus sum ego solus*: & Deos com a mesma palavra: *Derelinquam mihi in Jerusalem septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* E se Deos tanto estimava ter sete mil homens, que nam dobrassem os joelhos aos Idolos na terra, onde só era conhecido, *Notus in Judæa Deus*; que estimaçaõ faria dos joelhos de hum homẽ, que em tantas terras, & Naçoẽs aonde nunca chegàra o conhecimento do verdadeiro Deos, lhe avia de fazer dobrar os joelhos, naõ a sete mil Idolatras, nem a setenta mil, nem a setecẽtos mil, senaõ a tantos milhares, que delles se podia inferir, como o mesmo Deos tinha prometido, que o fariaõ todos: *Mihi curvabitur omne genu!*

3. Reg. 19. 10 14. & 19.

Isai 45. 24.

E porque os pès que sem aquelles joelhos se naõ podiaõ mover, os tinha Xavier enfraquecido tam mortalmẽte, para castigar a vaidade, posto que venial, com que se prezava de correr, & saltar; que faria Deos com a cura das suas mãos? Santificando com ellas a mesma vaidade, & contrapondo elegantemẽte o premio ao castigo, fortificou de tal sorte os mesmos pès, que corressẽ muyto mais ligeiros do que dãtes corriaõ, & dessem muyto mayores saltos do que dantes nelles se admiravaõ. Quãdo o Salvador do mundo cõ os passos da sua humanidade satisfazia às obrigaçoens de taõ piedoso nome, acodído sem descançar a toda a parte onde o chamava a salvaçam das Almas; huma que mereceo ver a velocidade dos mesmos passos, diz que vinha saltando de monte em monte, & passando os outeiros em claro: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* Sam Gregorio Papa se convidou para contar, & medir estes saltos, dizendo: *Vultis ipsos ejus saltus agnoscere?* Mas nem elle, nem Santo Ambrosio, & Saõ Bernardo os pudèram fazer mayores

Cant. 2. 8.

que

que a terra de Israel, posto que nella ouvesse o monte Sion, o Tabòr, o Olivete, o Calvario, & o chamado, *Mons Christi*, que o mesmo Senhor santificou com o seu nome, por aver nelle promulgado a sua Ley. Mas como a missaõ do mesmo Salvador lhe nam permitia pòr os pès fóra das rayas daquella terra: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel*, & a de Xavier se estendia desde o Poente atè o Oriente, a todos os fins da terra; agora direi eu com mayor admiraçam (pois o mesmo Christo assim o quiz) *Vultis ipsos ejus saltus agnoscere?* Quereis ver os saltos, que deraõ os pès de Xavier pela salvaçam das Almas? Vede, & medi bem, quanto vai de monte a mõte. *Saliens in montibus.* Que salto como de Lisboa a Moçambique! Que salto como de Moçambique a Goa! Que salto como de Goa a Meliapor! Que salto como de Meliapor a Cambaya! Que salto como de Cambaya a Malàca! Que salto como de Malàca a Amboino! Que salto como de Amboino ao Japaõ! Que salto como do Japaõ à China! E que salto (como muytas vezes sem guardar esta ordem) do primeiro termo do Oriente atè o ultimo, com distancia de mais de duas mil legoas de monte a monte! Por isso o Profeta Isaìas nam só admirava os pès, senaõ os pès sobre os montes: *Quàm pulchri super montes pedes annuntiantis, & prædicantis bonum!*

Matth. 15. 24.

Isai. 52. 7.

VI.

ESTas ultimas palavras, *Annuntiantis, & prædicantis bonum*, nos obrigaõ jà a passar do que corrèraõ, & saltàraõ os pès, ao que prègou a lingua. E se o milagre que Deos fez nos pès de Xavier foy fecundo de tantas maravilhas, nam foraõ menos, nem menores os prodigios, cõ que a lingua tambem milagrosamẽte dotada assombrou os ouvidos do mundo. Naquelle

le milagre obrou a Sabedoria Divina como Medico, neſte como Meſtre. Saõ Paulo faz mençaõ de dous generos de linguas, linguas de homens, & linguas de Anjos: *Si linguis hominum loquar, & Angelorum.* E tão to foy a lingua de Xavier neſte ſegundo genero Angelica, como no primeiro mais que humana. 1. Cor. 13. 1.

Em hum inſtante infundio o Eſpirito Santo na lingua de Xavier a ciencia das linguas de todos os homens; & para ſaber quantos milagres ſe encerràram neſte primeiro milagre, era neceſſario ſaber quantas linguas fallavaõ os homens naquelle tempo. No tempo da torre de Babel, em que as linguas ſe multiplicàraõ, & dividìram, foraõ as linguas originaes ſetenta, & duas. No tempo dos Apoſtolos eram mais que as da torre de Babel: & no tempo de Xavier mais que as do tempo dos Apoſtolos; porque em hum, & outro tempo corrompendo-ſe as originaes, de cada huma dellas nacèraõ muytas outras, como vemos na Latina. E quando a ciencia de Xavier ſe naõ eſtendeſſe mais que às linguas de toda a Aſia, em que naõ ha duvida; baſtavaõ ſó as do Arcipelago Indico, em que ſaõ quaſi tantas as linguas como as Ilhas, para as linguas ſerem innumeraveis, & tantos os milagres como as linguas. No capitulo decimo das ſuas viſoẽs diz o Profeta Daniel que vio hum homem, cujo corpo era formado de todo genero de luzes, & a voz de ſuas palavras, naõ como de hum ſó homem, ſenam como de huma multidam de Gente: *Et vox ſermonũ ejus, ut vox multitudinis.* E que homem mais parecido a eſte prodigioſo homem, que Xavier? todo formado de luzes, como feito por Deos para alumiar o Oriẽte, & com a voz naõ de hũ ſó homem, ſenaõ de muytos, quantos eraõ aquelles, & quam diverſos nas linguas, a quem por meyo da ſua avia de alumiar? Neſte Dan. 10. 6.

ſenti-

sentido he celebre hum proverbio Turquesco, que diz: Quantas linguas sabe hum homem, tantos homens he. E Plinio pelo cõtrario no mesmo sentido disse: Que o Estrangeiro na terra onde naõ sabe a lingua, naõ he homẽ: *Linguæ varietas efficit, ut externus alieno non sit hominis vice.* Assim seria Xavier, se entràra no Oriente só com a sua lingua natural Hespanhola; mas como fallava todas as linguas, era tanta multidaõ de homens para elles, quantas eraõ as Naçoens diversas dos que o ouviaõ: *Et vox sermonum ejus, ut vox multitudinis.*

Esta mesma he a primeira parte do dom de linguas, que o Espirito Santo infundio nos Apostolos. Mas posto que elles fallassem todas, he muyto notavel a particular energia, & primor com que o mesmo Espirito Santo as cõmunicou a Xavier. Sam Paulo dizia, que dava graças a Deos de fallar em todas as linguas daquelles cõ quem tratava: *Gratias ago Deo meo, quòd omnium vestrùm lingua loquor.* Com tudo a Epistola aos Hebreos notaõ todos os Expositores que no estilo, & na frase he muyto mais elegante que as outras. E porque? Porque elle, dizem os mesmos, era Hebreo, & fallava na sua lingua natural. Agora ouçamos ao Eminentissimo Cardeal de Monte, o qual relatando em Consistorio ao Papa Gregorio Decimoquinto, o que cõstava dos actos, ou processos da sua Canonizaçaõ, diz assim: *Diversarum gentium linguas, quas non didicerat, cum eas Evangelij causa adiret, ita eleganter, & expedite loquebatur, ac si ibi natus, & educatus esset: & contigit non raro, ut eum cõcionantem diversarum nationum homines sua quisque lingua plane, & polite audierint.* De sorte que Xavier naõ só fallava todas as linguas, *expedite*, correntemẽte (que he o que a Igreja cãta dos Apostolos: *Verbis ut essent profluis*) senam tam- 1. Cor. 14. 18.

tambem, *eleganter, & polite*, em eſtilo elegante, & polido; no qual ſe deſcobrem dous primores particulares deſte dom do Ceo. A elegãcia em reſpeito de Saõ Paulo, que fallava mais elegantemẽte a lingua, que lhe era natural: & Xavier com tanta elega cia prègava nas eſtranhas, & aos eſtranhos nas ſuas, como ſe nacèra, & fora criado entre elles: *Ac ſi ibi natus, & educatus eſſet.* Ao elegante, que conſiſte no eſtilo, & fraſe, ſe ajũta o polido, que pertence ao ſom, & aſſento da pronunciaçaõ, a que os Latinos chamaõ dialecto; de que temos o exemplo em Saõ Pedro, o qual ſendo Hebreo, pronunciava a lingua Hebrea de Jeruſalem, & da Corte com tanta differença, que por ella conheceo a Ancilla, que era de Galilea: *Nam & loquela tua manifeſtum te facit.* Aſſim ſe falla a meſma lingua Italiana em Napoles, & Veneza, mas com differente conſonancia da Romana. Iſto baſte quanto ao primeiro grào do dom de linguas, que he fallar hum homem a de todos, a que Saõ Paulo chama, *linguis hominum.*

Matth. 26. 73.

A outra, a que o meſmo Apoſtolo dà nome de lingua de Anjos, he muyto mais maravilhoſa. Porque fallando hum homem em huma ſó lingua propria, ou eſtranha, os que o ouvem ſendo de differentes Naçoẽs, ouve cada hum a ſua. Aſſim ouvindo a Sam Pedro os Parthos, Medos, & Elamitas, dizião mais paſmados, que admirados: *Quomodo nos audivimus unuſquiſque linguam noſtrã, in qua nati ſumus?* A maravilha conſiſte, em que ſendo a lingua na boca de quẽ a falla huma ſó, nos ouvidos dos que a ouvem ſejam tantas, quãtas, & quam diverſas forem as ſuas, com outros tantos milagres. E porque ſe chamaõ eſtas linguas, linguas de Anjo? Porque os Anjos fallão por cõceitos, que ſaõ imagens naturaes das couſas, as quaes imagens conhecem todos.

Act. 2. 8.

Pelo

Pelo contrario as palavras pronunciadas, como tambem escritas, saõ imagens artificiaes das mesmas cousas, & naõ as pòdem entender senaõ os que souberem a arte. A lingua, em que fallava Xavier, tambem era artificial, mas todos a entendiaõ, como se foraõ as suas palavras imagens naturaes do que dizia, & por isso lingua de Anjo, suprindo Deos com tantos milagres, naõ só quantos eraõ os ouvintes, senaõ os ouvidos, o som da voz, & a dearticulaçam das palavras, quaes eraõ as da lingua de cada hum. Muytos Theologos, & entre elles o grande Nazianzeno, querem que esta mudança se fizesse no ar, & naõ nos ouvidos; porque no tal caso seriaõ os milagres dos ouvintes, & nam do Prègador. Mas o merecimento do milagre, como o do beneficio, està em quẽ o faz, & naõ em quem o recebe. Se o Santo sara o enfermo, & resuscita o morto, posto que o enfermo receba a saude, & o morto a vida, o milagre naõ he do enfermo, nem do morto, senaõ do Santo. Assim como o Manà na boca do que o comia sabia ao que elle desejava, assim a voz de Xavier nos ouvidos do que a ouvia, soava ao que elle entendia. E por isso este modo de fallar se chamava lingua de Anjos, diz Carthusiano, como o Manà paõ de Anjos.

Mas tudo isto naõ basta para explicar as maravilhas da lingua de Xavier. Propondo-lhe os Letrados do Japaõ varias questoens em materias muyto diversas, a todos satisfazia com huma só reposta. E se isto era naõ só fallar com linguas dos homens, como no primeiro caso, nem só com lingua dos Anjos como no segundo; que diremos? Occorriame dizer, que fallava tambem com lingua de Deos. Da lingua, ou fallar de Deos diz David: *Semel locutus est Deus, duo hæc audivi*: Deos fallou huma vez, eu ouvi duas cousas. E Psalm. 61. 12.

neste sentido se podia aplicar a Xavier, o que diz Saõ Pedro: *Si quis loquitur tanquam sermones Dei.* Porèm as palavras de Deos, quaes saõ as da Sagrada Escritura, ainda que tenhaõ mais que hum sentido literal (o qualnaõ he certo, senaõ depois de interpretado por Author Canonico) nam bastaõ estes dous sentidos, para que se responda com elles mais que a outras tantas questoens; & Xavier cõ as mesmas palavras satisfazia naõ só a duas, ou quatro, ou dez questoens, senaõ a muytas mais, & de industria excitadas em materias muyto diversas. Que novo dom era logo, & que novo milagre este da lingua de Xavier?

1. Petr. 4. 11.

O que só se pòde entender he, que eraõ as suas palavras, naõ como as palavras, senaõ como a palavra de Deos. Deos tẽ muytas palavras, & huma só palavra. As muytas palavras saõ aquellas, com que falla pelos Profetas, & pelas Escrituras: a palavra huma, & unica he a eterna palavra, ou o Eterno Verbo, que ab æterno gerou. Neste sentido entende Sãto Agostinho o *Semel locutus est Deus. Apud se*, diz elle, *semel Deus locutus est, quia unum Verbum genuit, unum Verbum habet, ubi omnes thesauri sapientiæ, & scientiæ absconditi.* E como nesta palavra unica de Deos estaõ encerrados todos os thesouros da Divina, & infinita Sabedoria; assim como o Author do Psalmo ouvio della, ou nella duas cousas, assim todos pòdem ouvir quantas quizerem saber, & naõ com largos discursos, senaõ com huma simples intelligencia, mais propriamente vendo, que ouvindo, ao modo com que os Bẽaventurados no Ceo *Omnia vident in Verbo.* Este pois, ou semelhante a este, era o terceiro dom da lingua de Xavier, ao qual o mesmo Verbo communicava hum rayo, ou sombra da sua mesma luz, pelo qual alumiado elle, & por elle os que o ouviaõ, mais vendo, que

que ouvindo as repostas das suas questoens, & perguntas, ficavaõ satisfeitos todos, por muytos que fossem. Assim o escreveo o mesmo Santo, posto que naõ declarou o modo. Sendo a lingua de Xavier huma como chave dos thesouros da Sabedoria, & ciencia Divina, que os abria quando era necessario, para alumiar, & tirar as duvidas de todos aquelles, a quem prègava.

VII.

VIstos por modo tam admiravel os milagres, que Deos fez nos pès, & lingua de Saõ Francisco Xavier; vejamos agora algũa parte dos que os mesmos pês, & a mesma lingua fizeraõ. Hum dos mayores trabalhos dos navegantes, he acharem-se no mesmo eleméto da agua sem agua para beber. Mas para acodir a esta necessidade eraõ muytos os modos que tinha o nosso Santo, com que soccorria os que o invocavaõ. Hũas vezes fazia chover com tanta abundancia, que recolhiaõ toda a agua que aviaõ mister. Outras os levava a Ilhas, & costas naõ conhecidas, onde as fontes, & os rios lhe faziam a aguada. Huma vez mãdou que enchessem todas as vasilhas da agua do mar, & lançando lhe a bençaõ, como se a sua fosse *de benedictionibus dulcedinis*, de salgada se converteo em doce. Mas o milagre por todas suas circunstancias famoso neste genero foy, que navegando com calmas, & ventos contrarios huma nao, em que hiaõ embarcadas quinhentas pessoas, todas quasi espirando à sede, fazendo se levar Xavier pelo costado em braços dos Marinheiros atè o mar, metendo nelle hũ pè o adoçou demaneira, que naõ só naquelle dia, mas em todos os que durou a viagem se bebeo na nao sem raçaõ. Que diria neste passo, ou neste pasmo o Profeta Jeremias? Encarecendo este Profeta a samar-

guras em que se vio a Cidade de Jerusalem destruida, & buscando comparaçaõ cõ que as declarar: *Cui comparabo te?* nam achou outra senaõ a do mar: *Magna est velut mare contritio tua.* E totalmente desconfiado de ter, ou poder ter remedio aquelle mal, acrecentou: *Quis medebitur tui?* Se toda a terra desfazendo-se em rios de agua doce, & se todos os rios tantos, & taõ caudalosos entrãdo no mar, elle com a sua amargura os converte em si, & elles naõ pòdem fazer no mar a menor mudança; que Medico averà que possa curar esta amargura, & cõ que medicamento: *Quis medebitur tui?* Ora, Profeta Santo, pois conheceis os futuros, nam desconfieis. Virà tempo em que haja neste mundo hum homem chamado Francisco Xavier, que curarà as amarguras do mar, & naõ com outro medicamento, ou instrumento, senaõ com meter nelle hum pè. O Chaldeo lè, *Poculum tuum sicut mare.* Se naquelle aperto se puzera em leilaõ no convez hum pucaro de agua, tudo quanto levava a nao naõ era bastante preço para o comprar. Antes se poriaõ em armas todos os navegantes, & se dariaõ batalha sobre quem o avia de levar. E todas estas vidas salvou duas vezes Xavier só com molhar hum pè no mar, & o fazer doce.

Thren. 2, 13.

E que diremos da sua lingua? Tambem a lingua de Xavier faz doces muytas amarguras, & por ventura mayores. Que amargura como a da morte? *O mors, quàm amara est memoria tua!* Mas assim como na boca do Leaõ morto fabricàraõ as abelhas os favos, assim adoçava Xavier as amarguras da morte de tal modo, que sendo o primeiro martyrio inventado no Japaõ contra os que criam no Deos crucificado, a Cruz; os mesmos que pouco antes tinhaõ sido Idolatras, a abraçavão com taes demonstraçoẽs de alegria, que bem se via a doçura

Eccles. 41. 1.

que

que naquelle naõ duro, senaõ doce lenho, *Dulce lignum*, & naquelles, não duros, senão doces ferros, *dulces clavos*, tinha destilado a
Cant 4. 11. lingua de Xavier: *Favus distillans labia tua.* Que amarguras como a das afrõtas? Das có q̃ injuriava Phenena a Anna Mãy de Samuel, diz a Escritura, que lhe chegavaõ as amargu-
1. Reg. 1. 10. ras à Alma: *Cum esset Anna amaro animo.* E sendo que as afrõtas no Japaõ se sentem tanto mais que a morte, que o remedio de se desafrontarem grandes, & pequenos, he matarem-se com suas proprias mãos; tão doces tinha feito a prègação de Xavier as afrontas, que com osferretes nas faces, com as orelhas cortadas, & com os pregoens mais infames sahião dos carceres, & Tribunaes dos Tyrannos, não menos contentes, & triunfantes que os primitivos Apostolos, tendo as mesmas afrontas pela mayor honra, & dig-
Act. 5. 41. nidade: *Ibant Apostoli gaudentes à conspectu concilij, quoniam digni habiti sunt pro nomine JESU contumeliã pati.* Que mayor amargura que a morte, nam sõ cruel, mas natural dos filhos, cuja vida estimão os pays mais que a propria? Assim dizia Noemi depois de ter perdido os seus, que lhe trocassem o nome de fermosa no de amarga: *Ne vocetis me Noemi (id est pulchram), sed vocate me Mara (ia est amaram) quia amaritudine valde replevit me Omnipotẽs. Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus.* E tão fóra estavão de chorar esta tão natural amargura os pays do Japaõ tão fortes como Mathatias, & as mãys tão cõstãtes como a mãy dos Machabeos, que elles, & ellas, como rindo-se do Tyranno Antiocho, os exortavam, ou ao breve tormento das fogueiras, ou ao dilatado das covas, que Nero, & Diocleciano naõ souberaõ inventar. Que amargura finalmente, como a das cõfiscaçoens, & perdas da riqueza, da nobreza, dos Es-
Ruth. 1. 20. 21.

tados, & das Coroas, das quaes dizia Job nas suas: Iob. 9. 18. *Implet me amaritudinibus?* (porque a cada bem deste mundo, que Deos lhe tirava, lhe metia huma amargura no coração) & sendo estas tão amargas ao Mestre da paciencia, na escola de Xavier erão tão doces, que os ricos, os nobres, os Principes, os Reys, elles, & seus successores com tanta alegria no rosto, como no coração, as desprezavam todas, ainda que fossem as proprias Coroas: igualando na primeira infancia da Fè a da mayor idade de Moyses, quando nam quiz ser filho da filha de Pharaò, estimando por mayor riqueza que os thesouros do Egypto, a pobreza, & paciencia de Christo: Ad Hebr. 11. 24. 25. & 26. *Fide Moyses grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis, magis eligens affligi cum Populo Dei, & maiores divitias æstimans thesauro Ægyptiorum, improperium Christi.*

Jà daqui pòdem entender os pès de Xavier, que se elles saõ tão milagrosos, que só hum basta para adoçar as amarguras do mar, não he menos poderosa a lingua de Xavier para fazer doces as da terra, que não saõ menos difficultosas de tragar, nẽ menos amargas. Mas nam he este o mayor milagre, com que ella quer acodir por si, ou eu por ella. O que digo trocando a semelhança em cõtrariedade, he, que se os pès de Xavier fazem as amarguras doces, a lingua de Xavier pòde fazer as doçuras amargas. Se isto he mais, ou menos, outrem o julgue; que eu o que só quero provar he o milagre, & o modo. Em huma das visoens do seu Apocalypse deo hum Anjo a Sam Joaõ hum livro, dizẽdo-lhe, que o comesse, & que na boca o acharia doce como o mel, mas que no estamago lhe amargaria: *Dixit mihi: Accipe librum, & devora illum, & faciet amaricari vẽtrem tuum, sed in ore tuo erit dulce, tãquam mel.* Apocal. 10 9. Fello assim Sam Joaõ exprimentando

na

na boca a doçura do livro, & no estamago a amargura. E sem perguntar que livro era aquelle, & que mysterio continha; o Anjo lhe disse, que importava que elle tornasse a prègar a muytos Povos, a muytas Gentes, a muytas linguas, & a muytos Reys: *Et dixit mihi: Oportet te iterum prophetare Gentibus, & Populis, & linguis, & Regibus multis.* Pois porq̃ São João ha de prègar a tanta diversidade de ouvintes, por isso ha de comer hum livro, q̃ primeiro he doce, & depois amargoso: & doce na boca, & amargoso no estamago? Sim. Porque naquelle livro se continha a materia, o intento, & o fim do que avia de prègar. A materia eram doçuras, & amarguras: & o intento, & fim era, que o mesmo que dantes fora doce, se cõvertesse em amargo. Se o Anjo fallàra com São Francisco Xavier, nem lhe pudèra dizer, nem esperar delle outra cousa. Ao menos o auditorio, que aqui se descreve, he o mesmo a que elle prègou: muytos Povos, muytos Reys, muytas Gentes, & de diversas linguas. A lingua distingue o doce do amargo: & a lingua de Xavier não só distinguia, mas extinguia as doçuras, para as converter em amarguras. O intento dos seus Sermoens era converter os appetites em arrependimentos, as delicias em contriçoens, os gostos em pezar, o mel em fel, & tudo o que tem, ou teve de doce o peccado nas amarguras da penitencia. Quãtos Soldados, depois de crucificarem a Christo, & lhe jugarẽ as vestiduras, se recolhião do mesmo Calvario batendo nos peitos! Quantos Zacheos publicanos, & onzeneiros, não só restituhião o alheyo, mas repartião o seu largamente aos pobres! Quantas Magdalenas depois de serlaços, & escandalo das Cidades, trocando o amor profano pelo Divino, postradas aos pès de Christo os regavam com lagrimas! Quãtos Da-

Ibidem.

vis (para que não faltassem os Reys) despida a Purpura, & cubertos de cilicio, & cinza, emendavão a fealdade das culpas, que não pudèrão encobrir com outras mayores! Assim convertia a lingua de Xavier as falsas, & enganosas doçuras do appetite, nas verdadeiras amarguras, & desenganos da penitencia.

Mas porque se gostava o doce na boca, & o amargo se sentia no estamago: *In ore tuo erit dulce tanquam mel, & faciet amaricari ventrem tuum?* Porque os mesmos manjares na boca se gostão, no estamago se digerem. Esta digestam muyto miuda, muyto distinta, & muyto particular de cada vicio, com a brevidade do que deleita, & a eternidade da pena, com o Ceo perdido no que passou, & o inferno merecido no que não ha de passar; estes erão os relampagos daquella luz, estes os trovoens daquella voz, com que o temor dos rayos se convertião em chuva: *Fulgura in pluviam fecit.* Que chuva he esta senão as lagrimas dos ouvintes, chuva verdadeiramente do Ceo? Poz Deos o gosto em hum sentido cego, & o amargo no sétido da vista, para que veja o peccador cõ os olhos abertos o que devorou cõ elles fechados, não sendo outra cousa o amargoso das lagrimas, que o liquido, & digerido do indigesto dos gostos Assim digeria os de quarenta annos passados nas delicias da Corte, de que era Senhor, Ezechias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine Animæ meæ.* Cuidando agora, & tornando a cuidar, o que então lhe não dera cuydado, & sẽdo agora amargura sobre amargura para a Alma, o que então era gosto sobre gosto para os sentidos. Mas porque se não veja esta efficacia da lingua de Xavier só na doçura enganosa dos peccadores; que doçura mais innocente, & mais licita, que a da Patria, ainda nos penedos da Ithaca, ou nos

Isai. 38. 15.

Psalm. 134. 7.

nos friòs da Getica sempre doce?

Nescio qua natale solum dulcedine cunctos
Allicit, immemores nec sinit esse sui.

E com tudo olhem os pès de Xavier para esse mesmo mar, que fizerão doce, & veraõ quantos Discipulos do mesmo espirito, esquecidos da doçura das mais deleitosas Patrias do mundo, a trocaõ, nam pelas amargurasde qualquer mar, senaõ pelas immensas dos mais distantes, dos mais inclementes, dos mais perigosos, dos mais indomitos, dos mais feros, em fim dos mares mais mares, isto he, dos mais amargosos de todos. Milagre immortal cada anno da lingua de Xavier, ou dos echos sempre vivos da sua voz.

VIII.

MAs tornãdo aos seus pès, que direi delles, quando vejo que naõ para descançar, senaõ para mais andar se ajudaõ de outros pès? E da mesma lingua que cuidarei, quando nam para emudecer, ou respirar, senaõ para mais prègar, se soccorre de outras linguas? Saõ Paulo, quando Saulo, enganado do seu falso zelo (mas grãde) naõ se contentando de pelejar pela Fè, que defendia só com duas mãos, teve traça para o fazer com as mãos de todos, como diz Santo Agostinho. E porque seriaõ menos diligẽtes na propagaçaõ da verdadeira os pès de Xavier, contentando se com serem só dous, & ainda menos a lingua, com ser só huma?

Quando era chamado no mesmo tempo a enfermos, a endemoninhados, a partos perigosos, & a outras affliçoens, & trabalhos, que nelle tinham o remedio certo, & nam podia ir o Santo por sua propria pessoa, valia-se dos pès dos seus meninos da doutrina,

trina, & levando algum final de que erão enviados por elle, obravão as mesmas maravilhas, que o mesmo Xavier costumava. Depois q̃ teve muytos cõpanheiros da mesma profissaõ, tambẽ caminhava com os seus pès hindo aonde não podia ir, & assistindo onde nam podia estar. Na costa da Pescaria, quando tinha hũ só companheiro, vẽdo que os Povos erão trinta, & que não podendo assistir mais que em dous, ficavão vinte & oito sem assistencia, inventou a residécia dos que na lingua Malabar se chamão Canacapoles, que val o mesmo que Procuradores da Igreja, os quaes sendo de boa vida, & bem instruidos nos Mysterios da Fè, os ensinavão todos os dias, bautizavão em caso de necessidade, ajudavão a bem morrer, & supriam quanto sem o caracter do Sacerdocio pode fazer hũ Christão. E para que estes officios tão importantes se perpetuassem, se valeo Xavier (quẽ tal imaginàra!) dos reaes pès da mesma Rainha de Portugal. Para os chapins da mesma Rainha, como diz a frase da Corte Portugueza, se pagavão dos tributos daquella costa quatro mil fanoẽs, que montaõ da nossa moeda quatro centos cruzados, & estes alcançou o Santo para salario dos Canacapoles, concluindo na carta com que os pedio: E as Almas que por este meyo se salvão, saõ, Senhora, os chapins, com que vossa Alteza entrarà seguramente no Ceo. Naõ creyo que pòde aver caso em que mais literalmente se entenda aquella sentença dos Canticos: *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis.* Era a Rainha D. Catharina em toda a propriedade filha do Principe, como filha de Philippe, primeiro Conde de Flandes, Pay de Carlos Quinto, & seu; & louvar-lhe o Espirito Santo o airoso dos passos pelo calçado, *in calceamentis*, mais parece que se deve aos chapins, q̃ aos passos. Em

Cant. 7 1.

Em todos estes pès, de que os de Xavier se valêrão, tambem tinha a sua parte a lingua, porque não erão pès de figuras mudas. As outras linguas, para que não tinhão uso todas as suas sendo tantas, forão primeiramente os acenos, pelos quaes se entendeo, & deo a entender aos barbaros de Socotorà, com tanta satisfação, que assim cathequizou, & bautizou muytos delles. Outra lingua tanto mais eloquente, quanto mais copiosa foy a sua penna: *Lingua mea calamus scribæ.* Não só porque todas as Naçoens a que Xavier prègou a Fè, como se não fallàra, mas escrevèra, lhes ficou tão impressa, que nunca a deixàrão; né porque escreveo cẽto, & quinze Epistolas admiraveis, que andão impressas pelo mundo, & duraràõ atè o fim delle; senaó porque copiados por sua mão, & vertidos em todas as linguas os Mysterios, & Artigos da Fè Catholica, nos navios os fixava ao pè do mal-

Psalm. 44. 2.

to grande, & nas Cidades nos lugares mais publicos, sendo naquella breve escritura tantas as Biblias, & versoens que ensinavão a Fè, & nome do verdadeiro Deos, quantas as folhas desencadernadas, que no mar, & na terra se lião. Né se devem passar em silencio os trofeos de nossa Redempção, que nos escolhos das prayas, & no mais alto dos montes arvorava, com tantos pregoens do crucificado, quãtas erão as Cruzes, servindo tambem de lingua à de Xavier atè os paos, & as pedras. Mas o que mais me edifica, & faz devação he, que tendo o Santo aquelle dom, ou doens de lĩguas tão sublimes, com tudo as aprendia, & estudava palavra por palavra, para que a seu exemplo o fizessem muytos outros, por cujas linguas tambem fallasse. Finalmente a lingua mais universal cõ que a de Xavier mudamẽte se desafogava, era a que, encobrindo as demais, & escrevendo das Ilhas do

Moro

Moro aos outros Religiosos da Companhia declarou cõ esta clausula: Aqui estou bautizando sòmente os innocẽtes, que morrem, & não cathequizando os adultos, porque lhe não sey a lingua; procuro com tudo fazer-lhe as obras de caridade que posso, que he lingua que todos entendem.

IX.

Esta he a relação (mais larga do que eu quizera, & mais breve do que devèra ser) do muyto que obràrão os pès, & lingua de Saõ Frãcisco Xavier: elles, indo por todo o mundo: *Euntes in mundum universum*; & ella prègando a todas as creaturas: *Prædicate Evangelium omni creaturæ*. E porque entre tantas, & tão gloriosas acçoẽs naõ deixou de averhuma omissaõ; seja ella o remate de tudo.

Partindo de Roma em companhia do Embaixador de Portugal, q̃ por ordẽ del-Rey pedira ao Summo Pontifice, & a Santo Ignacio alguns Missionarios do seu Instituto, assim edificou, & admirou no caminho a elle, & a todos os da sua familia, não só com o exemplo das virtudes, mas com milagres, & profecias, que então lhe começàram a dar o nome de Padre Sãto (Canonização fóra de Roma, que ella nam pòde dar em vida). Levava o Embaixador a estrada por junto a Pamplona em Navarra, onde ainda vivia jà viuva D. Maria Aspilcoeta & Xavier, sua Mãy, & pedindo lhe com grandes instácias a quizesse visitar, & despedir-se com a sua benção, pois se não aviaõ de ver mais nesta vida, de nenhum modo o pode alcançar. E estafoy a omissaõ dos pès, & da lingua; dos pès, em não querer ir, & da lingua, em não querer fallar a sua Mãy. Eu por parte desta piedosa demãda tambem allegàra a Xavier o exemplo do mesmo Christo, o qual tendo-se mostrado sẽpre tão alheyo

do

do affecto de carne, & sangue ainda com sua mesma Mãy, com tudo no ultimo apartamento se despedio della com tão singular demonstração de amor de filho. Porèm Xavier entendendo com altissima reverencia, que o que he devido à Mãy de Deos, para nenhuma outra mãy faz exẽplo, julgou que nesta parte não devia seguir o de Christo. E o mesmo Christo fez tanto caso, & estimaçam deste mais que natural desapego, que entendo eu, (deixaime assim dizer) o quiz gratificar, & pagar dizendo assim comsigo: Xavier caminhando a me servir andou tão fino, que se não quiz despedir de sua Mãy, como eu me despedi da minha? pois a fineza, que eu naõ fiz por minha Mãy, hey de fazer por elle.

Para que tenhais maõ na censura do pensamento, ouvi a prova. Perdeo a Virgem Santissima a seu Benditissimo Filho na viagem, ou romaria de Jerusalem, buscou-o com grande dor tres dias, atè que o achou no Templo; & a razaõ que o Senhor deo de ficar, & o acharem alli, foy estar em serviço de seu Pay: *Nesciebatis quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?* Luc. 2. 49. Demaneira (& he o que pondero) que perdendo a Virgem Maria a Christo, a Mãy buscou o Filho, & naõ o Filho a Mãy. E isto he o que elle fez, ou naõ fez entaõ. Passemos agora do Templo ao mar, & de Jerusalem à India. Navegando Xavier aquelles mares, foy taõ terrivel a tempesta-de, que todos se davam jà por perdidos; & valendo-se o Santo de hum Christo de metal, que trazia sobre o peito, lançou aquella ancora ao mar, preza por huma amarra taõ delgada como pedia o pezo da ancora. Obedecèraõ os ventos, & os mares ao imperio do que jà os tinha reprehendido no Tiberiades; & depois que cessou a tempestade, indo Xavier a recolher a sua ancora, achou que quebrada a amarra, ella se tinha

ido

ido ao fundo. Oh que nova tormenta, & tormento! Que faria o amoroso servo sem o Senhor do seu peito, & do seu coraçaõ? Tomou porto o navio, naõ sabemos depois de quantos dias, & caminhando Xavier pela praya com a dor que merecia a sua perda, eis que vè sahir do mar hum caranguejo, o qual com o crucifixo prezo, & levantado nas tenazes o meteo nas mãos do Santo. Deixõ os extremos de devaçaõ, & amor, com que postrado de joelhos, & abraçado cõ o seu Senhor se deteve extatico, & fôra de si Xavier por espaço de mea hora, como testemunhou quem o acompanhava; porque me chama o meu ponto. De sorte que a Virgem Maria perdeo a Christo, & Xavier perdeo a Christo; mas Christo quando o perde sua Mãy, nam busca a sua Mãy, & quando o perde Xavier, busca a Xavier. Logo he certo, & provado que fez Christo hũa fineza por Xavier, que nam fez por sua Mãy. E para mayor propriedade, & correspondencia do caso, fez esta fineza hũ Crucifixo, isto he, Christo crucificado; porque era em premio, parte do desapego, & parte da reverencia com que Xavier nam quiz imitar o exemplo, com que Christo tambem crucificado se despedio taõ amorosamente de sua Mãy. Oh Deos nunca mais admiravel, nem mais amante! Oh homem o mais mimoso, o mais favorecido, & o mais honrado de Deos!

Aquelle caranguejo era verdadeiro, & nam o fabuloso, que os Astrologos com o mesmo nome puzeram no Tropico chamado de Cancro. Chama-se Tropico de Cancro, porque chegando alli o Sol torna para traz, & naõ pòde passar dalli. E o mesmo digo eu do Divino Sol Christo. Quando Christo perdido de sua Mãy não vay buscar a sua Mãy, & perdido de Xavier vay buscar a Xavier; entaõ he que as finezas

nezas do Sol Divino chegàraõ ao Tropico; porque atè alli podiaõ chegar, mas nam passar dalli: ponhaõse duas columnas huma no Ceo, outra na terra, que digaõ: *Non plus ultra.*

No Ceo ha hum Cancro, na terra outro Cancro, & no mar outro. E todos tres se unìraõ em honrar a Xavier. O Cancro do Ceo que faz o Tropico Austral, & he o limite do curso do Sol, està em vinte, & tres gràos da linha para o Sul, o cabo da Boa esperança està em trinta, & cinco, & sendo què o mayor Conquistador da antiguidade nam chegou da Europa à linha equinocial, Xavier naõ só passou o Cabo da Boa esperança duzentas legoas àlem do curso do Sol; mas dalli voltou atè as Ilhas do Japaõ, que foy o Tropico de suas peregrinaçoens, mayor carreira, ou Zodiaco, que o do Sol duas mil legoas. O Cancro da terra, he aquelle Apostema peçonhento, feyo, & asqueroso, o mais cruel roedor da carne humana. E succedeo que afrontando de palavra a Xavier hũ homem descomedido, lhe respondeo o Santo: Deos vos guarde a boca; mas naõ ouvindo Deos a Oraçaõ, & verificando a profecia, subitamente lhe faltou, & appareceo hum Cancro na mesma boca blasfema, o qual roendo-lha toda, medonha, & asqueroſamente lhe queimou, & cauterizou a lingua. O Cancro do mar finalmente, he o que fez o milagre taõ novo, & inaudito: com que em summa todos os tres Cancros, do Ceo, da terra, & do mar, se unìrão, & conjuràraõ em hõrar a Xavier. O do Ceo encarecendo suas peregrinaçoens, o da terra vingando suas injurias, & o do mar aliviando, & premiando suas saudades.

X.

CHegado o nosso discurso ao Tropico, & naõ podendo passar adiante, acabe para memoria dos ouvintes cõ dous brevis-

vissimos documentos. Nota a historia, que reparando algum Critico nos muytos caminhos, & viagens que Xavier fazia a taõ differẽtes, & remotas partes, dissera: Que se elle caminhàra menos, tivera convertido mais. Ao que respondeo com profundissima prudencia o Santo, como Prelado dos seus companheiros: Que hia primeiro ver, & conhecer todas aquellas terras, para saber aonde mãdava, & a quem. Oh Reys, & Principes do mundo, que mandais a tantas partes, & taõ remotas delle os vossos Ministros, como podeis naõ errar as eleiçoens das Pessoas, & dos lugares, se naõ sabeis a quem mandais, nem aonde! E que direi dos que por Profissaõ, & Instituto, ou por outras obrigaçoens, q̃ ainda pòdem ser mayores, depois de terem ouvido da boca de Christo a quem tem por Deos: *Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ*, por naõ deixar a Patria, nem as Cortes, & por naõ ter valor, como Jonas, para trocar os applausos vaõs de Jerusalem pela prègaçam tam importante de Ninive, nem as pègadas dos pès de Xavier lhe excitem os passos, nem os echos das suas vozes o silencio da lingua, mas como estatuas mudas, immoveis, & sem Alma, nem se doaõ ao longe de ver perder tantas, nẽ ao perto, & dentro em si, temam a condenaçam da sua?

SER-

SERMAM DUODECIMO

Da sua protecçaõ.

Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram Gentibus, & Regibus. Actor. 9. 15.

I.

A Mayor cousa, q̃ disse de si o Apostolo Saõ Paulo, he que elle supria, & enchia em seu proprio corpo o que faltou à Payxaõ de Christo: *Adimpleo ea, quæ desunt Passionum Christi in carne mea.* E a mayor, que eu posso dizer de Saõ Francisco Xavier, he que elle suprio, & encheo em si, & por si mesmo o que faltou ao Apostolado de Sam Paulo. Sam Paulo suprio, & encheo o q̃ faltou à Payxaõ de Christo; porque Christo Redemptor nosso, posto que padeceo tam excessivos tormentos em sua Payxaõ, desejou padecer muyto mais por amor de nòs, & o mais que o Senhor desejou padecer, & nam padeceo, isto he o que Saõ Paulo suprio, & a que deo complemento, padecẽdo-o em

seu proprio corpo. Do mesmo modo Sam Francisco Xavier suprio, & encheo o que faltou ao Apostolado de Saõ Paulo; porque Sam Paulo, posto que prègando, & convertendo sugeitou ao jugo suave de Christo innumeraveis Gentes, com tudo em huma parte muyto principal nam encheo a vastissima empreza, para q̃ foy destinado Apostolo: & esta parte, a que elle naõ deo complemẽto com a sua prègaçaõ, suprio, & encheo Saõ Francisco Xavier com a sua.

Vamos ao nosso texto. *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram Gẽtibus, & Regibus:* saõ palavras do mesmo Christo, quando deceo do Ceo em Pessoa a converter a Saulo, & animãdo a Ananias, que o nam temesse; porque o mesmo Saulo, mudado em Paulo, era o Vaso de eleição, que elle tinha escolhido, para levar o conhecimento, & Fè do seu nome pelo mundo, & o prègar às Gentes, & aos Reys. De maneira que nestas duas palavras, às Gentes, & aos Reys, *Coram Gẽtibus, & Regibus*, se contèm dividido em duas partes o fim, & empreza grandissima da missaõ, & Apostolado de Saõ Paulo. Quanto à primeira parte da prègação, & conversaõ das Gentes, naõ temos necessidade de outro roteiro de suas navegaçoens por mar, & peregrinaçoens por terra, que o estupendo Itinerario descrito exactamẽte pelo Evangelista Sam Lucas, desde o capitulo onze dos Actos dos Apostolos, atè o capitulo vinte, & oito.

De Damasco (que foy o theatro de sua cõversaõ) passou a Tarso; de Tarso a Antiochia; de Antiochia a Seleucia; de Seleucia a Chypre, a Salamina, a Papho; de Papho a Pergen de Pamphilia; de Pamphilia a Antiochia de Pisidia; desta segunda Antiochia a Iconio, Licaonia, Lystra, & Derben; de Derben, passãdo por Phrygia, & Galacia,

cia, a Mysia, a Troade, a Macedonia; de Macedonia a Samothracia, a Napoles, a Philippos, a Lydia; de Lydia a Amphipolis, a Polonia, a Thessalonica; de Thessalonica a Berêa; de Berêa a Athenas; de Athenas a Corintho; de Corîtho a Syria, & a Epheso; de Epheso a Cesarèa; de Cesarèa por varias partes da Asia, & da Grecia, a Mileto; de Mileto ao Coo, a Rhodo, a Patara; de Patara a Phenicia, a Tyro, a Ptolemaida, a Creta, a Malta, & finalmente a Roma, aonde depois de repetir, & visitar muytas vezes estas mesmas Cidades, Naçoens, & Provincias, chegou o Vaso de eleiçaõ tam cheyo (nam digo de perigos, naufragios, perseguiçoẽs, cadeas, açoutes) mas de infinitas conversoẽs de Almas, que trasbordando em leite, em lugar de sangue, deo pela confissaõ do mesmo nome a vida, como te mais vivèra da doutrina, & Fè, que prègava, que do proprio sangue, que a sustentava nas veas.

Todas as penas dos Santos se fazem linguas à vista deste fermoso Mapa. Mas nenhuma ponderaçaõ he bastãte a declarar, quanto mais encarecer, o muyto, que o espirito, & zelo sem medida de Paulo trabalhou, obrou, & cõseguio na prègaçaõ, & conversaõ das Naçoẽs gentilicas, por onde mereceo o nome, ou antonomasia de Apostolo, & Doutor das Gentes. Porèm no que pertence à segunda parte da sua missaõ: *Coram Gentibus, & Regibus*, nam por falta do Apostolo, & Prègador, senaõ dos Reys, a quem avia de prègar, faltou ao Vaso de eleiçaõ a materia, isto he, as coroas, com cuja Fè, & conversaõ se enchesse. Porque em toda a historia de Saõ Paulo só se nomeaõ tres cabeças coroadas, El-Rey Aretas, El-Rey Agrippa, & o Emperador Nero. E quanto a El-Rey Aretas, nem Sam Paulo o buscou para o converter, antes fugio de hum seu Ministro,

2. Cor. 11. 32. & 33. que o queria prẽder: *Præpositus gentis Aretæ Regis custodiebat Civitatem, ut me comprehenderet. Et per fenestram in sporta dimissus sum, & sic effugi manus ejus.* Quãto a Nero, naõ foy là, nem quiz ir Saõ Paulo com intento da prègaçaõ como Apostolo, mas como reo por appellaçam · *Cæsarem appellasti, ad Cæsarem ibis.* Act. 25. 12. E nem entaõ vio, ou fallou a Nero, nem dahi a oito annos, quando juntamente com Saõ Pedro o mandou matar por outra causa. Finalmente, quãto a El-Rey Agrippa, acaso estava este Rey com o Presidente Festo, quando Sam Paulo se avia de defender das accusaçoens dos Judeos, & por occasiaõ do modo com que contou, que Christo o tinha chamado, disse Agrippa, que faltàra pouco para o persuadir a ser Christaõ: Act. 26. 28. *In modico suades me Christianum fieri.*

Em summa, que no Apostolado de Sam Paulo, posto que sobejàraõ ao Vaso de eleiçaõ as Gentes, faltàraõ os Reys; mas a gloria de suprir esta falta, & encher este vazio, he certo pela experiencia de todos os seculos da Igreja, que Deos a tinha guardado naõ para outro algum Apostolo, senaõ para o futuro de todo o Oriente, o grande Xavier. Delle diz a mesma Igreja: *Fidem Japoniæ, & sex alijs Regionibus invexit:* Que levou a Fè, & nome de Christo ao Japaõ, & a seis outras Regioens de Gentios, aonde o nome do mesmo Christo nunca fora ouvido, que he propriamente, *ut portet nomen meum.* Porque se jà là fora conhecido, nam seria elle o que o levou. E como aquellas Regioens, & Naçoens, conforme o uso do Oriente, todas tem os seus Reys particulares, a todos esses prègou Xavier, bastando para serem muytos só os do Imperio do Japaõ, em que se contaõ sessenta, & seis Reys debaixo do Supremo Cuboçama. Nomeadamẽte prègou Xavier a El-Rey de Firando, a El-Rey de Bungo,

Bungo, a El-Rey de Maluco, a El-Rey de Ternate, a El-Rey de Tidorè. E tambem nomeadamente (que de outros muytos naõ ſe ſabe o nome) bautizou por ſuas proprias mãos a El-Rey de Nulliagra, a El Rey de Olate, a El-Rey de Roſalao, a El-Rey de Maldiva, a El-Rey de Maçacar; & neſte numero ſe deve tambem contar o famoſo Rey de Bungo, o qual poſto que o naõ bautizou Xavier, dizendo elle que primeiro queria examinar atè o fundo todas as outras ſeitas, quando finalmente ſe ouve de bautizar, nam quiz outro nome ſenaõ o de Franciſco, por ſer o Padre Franciſco o primeiro que lhe prègou, & enſinou a Fè de Chriſto. E a eſtes bautiſmos Reaes ſeria injuria naõ ajuntar o da Rainha Neachile, que o meſmo Santo converteo, & bautizou có nome de Iſabel, filha de Rey, mulher de Rey, & mãy de tres Reys, porque foy filha del-Rey Almancor, mulher del Rey Bolcife, & mãy del-Rey Boaat, del-Rey Dayalo, & del-Rey Tabarija, que depois ſe bautizou, & morreo Chriſtão em Goa.

Digamos pois a boca muyto chea, que em Sam Frãciſco Xavier ſe encheo o Vaſo de eleiçaõ noſegundo, & mais illuſtre fim para que foy eleito, que era a propagaçam do nome de Chriſto na Fè nam ſó das Gentes, ſenam dos Reys: *Coram Gentibus, & Regibus.* E naõ foy, nem he meu intento neſta demonſtraçaõ preferir, ou igualar, nẽ ainda comparar a Saõ Frãciſco Xavier com Saõ Paulo. Mas ſómente para me alegrar cõ a Metropoli de todo eſte eſtado, & lhe dar o parabem de Sua Mageſtade a ter dedicado, & poſto debaixo de tão alto, & poderoſo Patrocinio: & principalmẽte para repreſentar a todos os Reys, & Principes Chriſtãos, quam fiel, & quam ſegura protecçaõ he, & quam aprovada pelo Ceo a de Saõ Franciſco

co Xavier, naõ só para os Reynos, & Monarchias, senaõ para as mesmas Pessoas Reaes, primeiro na infancia, & depois na mayor idade, pois tam especialmente encomendou Deos ao seu cuydado, & zelo a doutrina, & direcçam dos Reys. Este será o argumento desta ultima exhortaçaõ, & tambem, pois avemos de fallar com as Coroas, a coroa de tudo o que temos dito.

Ave Maria.

II.

AInda Sam Francisco Xavier tem que suprir, & encher. E tanto mais glorioſamente, quanto mais fóra de toda a opiniaõ. Muyto a caso chegou às minhas mãos hum livro intitulado, Cartilha Politica, & Christãa, offerecido à infancia de hum dos mayores Monarchas da Christandade, para que jũtamente com os dias fosse crecẽdo nas virtudes, & dictames reaes. E assim como a materia naõ póde ser mais grave, nem o estilo mais desaffectado, & proprio, nem os exemplos, & autoridades, que se allegam, mais ajustadas; assim a capacidade do campo, para tudo isto se estender naturalmente, & sem violencia, naõ podia ser mayor, assentando tudo o que se diz debaixo da propriedade de Cartilha, sobre cada huma das letras do Abecedario vulgar, que vem a ser hum como globo, ou Mapa universal, que contèm dentro em si quanto comprehendeo a natureza, descobrio o tempo, & retratou a historia no Ceo, & na terra. Assim apõta o A, as Armas, & o cuydado, & vigilancia dellas: o B a B, ondade, & sinceridade do Rey, o C, o Conselho: o D, o Dar, & liberalidade: o E, o Exemplo: o F, a Fama: & pelo mesmo modo as outras letras o abreviado thesouro, & como Indice do que cada huma, ou dentro em si encerra, ou fóra como prĩcipio

cipio demostra. Com tudo chegando à letra X, o mesmo Author a deixa totalmente sem commento, contente com a autoridade de Quintiliano, q̃ quasi a exclue do numero das letras; tendo mayor razam, & melhores Authores, com que excluir do mesmo predicamento o H. Mas valeo-lhe a esta aspiraçam o escrever-se com ella a Hóra, a que tanto devem aspirar os Reys em si, & nos Vassallos, como aquelle nobilissimo Idolo, q̃ sempre foy no mundo o principal incentivo de todas as acçoens heroicas.

Que direi logo do X assim desemparado? Digo que no X se devia, & deve pôr Xavier; porque debaixo deste famosissimo nome, & sua protecçaõ estaõ recopiladas, & com mayor efficacia todas as virtudes, que no resto de todo o Abecedario se apontam para formar hum perfeito Rey Christaõ, & o começar a ser desde sua infancia, que he o assumpto do Abecedario referido, & a primeira parte do nosso. Admiravel, & singular foy o zelo de Sam Francisco Xavier em cultivar a idade da infancia nos meninos, & introduzir nella a primeira fórma de homens. A este fim, como outras vezes dissemos, chamando-os pelas ruas cõ huma campainha, os tirava das casas dos pays, & muytos dos braços das mesmas amas: a este fim, por mayores que fossẽ as occupaçoens, naõ faltava por si mesmo à repetiçaõ de tam humilde exercicio duas vezes no dia: a este fim instituìa escolas, & Mestres em toda a parte, onde tirados dospeitos das mãys fossem criados com o leite da verdadeira doutrina. Este foy o seu primeiro cuydado tanto que poz os pès na India. Mas se Deos, meu Santo, vos mandou à Asia a desenganar, & convencer os Idolatras, como vos occupais com a innocencia daquella idade, que naõ conhece os Idolos? Se vos mandou à Asia onde

nacèraõ as primeiras coroas do mundo, principalmẽte para converter, & enſinar os Reys, & os Grãdes, como vos empregais todo com os pequeninos? Nam ha duvida que a meſma Providencia, que o mandou onde avia de ir, lhe enſinou o que avia de enſinar. Por onde começa a natureza, ha de começar a graça, a qual naõ he ſegura na idade varonil, ſenam trouxe as diſpoſiçoens deſde a infancia. Naquella idade tenra, & brãda ſe imprime facil, & ſolidamente o que na robuſta, & dura mais fortemente ſe reſiſte, do que ſe recebe. Grande caſo he que Adam ſahindo formado das mãos de Deos recebeſſe tam mal hum ſó preceito, & nam baſtaſſe a graça em que fora criado para o obſervar. Mas como Deos o tinha criado na idade de Varaõ, naõ foy muyto que o barro ſeco, & duro regeitaſſe o que na infãcia diz Saõ Baſilio ſe recebe, & imprime como em cera. Por iſſo o ſegundo Adam nam por neceſſidade, nem por eſte perigo, mas para noſſo exemplo, nam quiz apparecer no mundo Homẽ, ſenaõ Menino.

Delle, que nam podia crecer, affirma o Evangeliſta que crecia na idade, & juntamente na Sabedoria, & graça diante de Deos, & dos homens: & ſó poderà crecer aſſim, quem começar aſſim. Job tendo nacido Rey, dizia que deſde a ſua infancia crecèra com elle a piedade: *Ab infantia crevit mecum miſeratio.* E Saõ Gregorio conſiderando na infancia déſte grande pequenino o modo taõ anticipado de crecer, diſtingue nos que Deos eſcolheo para ſi duas idades, huma a do tempo, outra a da virtude, huma com que os meſmos crecem no corpo por fóra, & outra com que na Alma, & na virtude crecem por dentro: *Electis cum foris ætas corporis, intus, ſi dici liceat, creſcit ætas virtutis.* E que laſtima ſeria ſe hum homẽ (& muyto Job. 31. 18.

to mais se fosse Principe) passasse da infancia à puericia, & da puericia à adolescẽcia, & da adolescencia às outras idades, & contando muytos annos de vida, ainda nas virtudes, & ornamentos do estado para que naceo, nam sahisse do berço! Debalde se endireita o tronco depois de torcido, & mal se pòde abrãdar depois de duro. Os Sabios antigos nas frautas rusticas dos Pastores costumavam declarar docemẽte o mais polido, & fino dos seus pẽsamentos. Os Menalcas eraõ os Senecas, os Titiros, & Milibeos, os Plutarcos, & Democritos. E como os Pastores da Arcadia eram estimados por mais discretos; delles se diz, que no tronco brando, & liso das plantas quando novas, & tenras, escreviaõ, & entalhavaõ sutilmente os nomes, ou motes dos seus affectos, para que crecendo as arvores, fossem crecendo ao mesmo passo as letras, & cõ ellas se fizessem, & lessem sempre mayores os affectos do seu amor, *Crescent istæ, crescetis amores.* Virgil.

III.

OH Xavier! Oh Principes Christãos! Que ditosas, & abençoadas seriaõ as vossas faxas, se cõ as primeiras auroras da luz deste mundo depois dos dotes sobrenaturaes, que se infundem na Alma com o soberano caracter da Cruz, se escrevesse tambem na lisa, & pura innocencia da vossa infancia a fermosa aspa daquelle X! Juntamente cõ os dias iria tambem crecendo nella a devaçaõ, & amor de Xavier, & com as letras deste nome taõ empenhado, & empregado sempre na cultura, & rudimentos daquella idade tenra, se iria imprimindo nesses pequenos corpozinhos, & grãdes Almas, todo o Abecedario Politico das virtudes christãas, & reaes. El-Rey David no Psalmo cẽto, & dezoito, compoz hũ famoso Abecedario da Politica

litica do Ceo, que toda cõsiste na observancia da Ley Divina. E dádo Santo Ambrosio a razaõ de ser esta obra repartida, & ordenada pelas letras do A, B, C, diz que foy inspirada a aquelle grande Rey, & Profeta pela Divina Sabedoria, para que assim como os meninos começam a aprender pelas letras do A, B, C, (as quaes se chamaõ elementos, porque dellas se compoem tudo) assim todos nos adiantemos, & apressemos ao estudo dos documentos Divinos, que nellas se contèm, tanto sem perder tempo, que desde a verdura da infancia, & primeira idade vamos sempre crecendo por todas atè a madureza da ultima: *Intelligamus per literas Hebræorum psalmũ hunc esse digestum, ut homo noster tanquam parvulus, & ab infantia per literarũ elemẽta formatus, quibus ætas puerilis assuevit, ad maturitatem virtutis excrescat.*

Agora se entenderà cõ quanta prudencia, & espirito do Ceo destinado Xavier para a conversaõ das Gentes Idolatras do Oriente, & muyto particularmente dos Reys dellas, o seu primeiro cuydado, & industria foy nam mover logo as armas contra os grandes, mas ganhar, & fazer do seu partido os pequeninos. Tendo por certo, que pela verdade da doutrina facilmente bebida com o leite na infancia dos filhos, podia penetrar, & abrandar a dureza dos pays, & derrubár a Idolatria. Assim o entẽdeo com tanto encarecimento Sam Jeronymo, que escrevendo a Leta, Senhora illustrissima entre as Romanas (a qual sendo filha de pay Gentio, ella o cõverteo, & fez Christaõ) chegou a dizer, que se o mesmo Jupiter tivesse tal parentesco, poderia crer em Christo: *Ego puto etiam ipsum Jovem, si habuisset talem cognationem, potuisse in Christum credere.* E que diria o mesmo Doutor Maximo, se visse, ou lesse o que os meni-

meninos da criaçam, & doutrina de Xavier faziaõ, & ||podiaõ? Sahindo bem inſtruidos da eſcola, hiaõ ſer Meſtres a ſuas caſas do que tinham decorado, & aprendido, enſinãdo-o aos pays, & mãys, & a toda a vizinhança, & como eſpias domeſticas que ſabiaõ onde eſtavaõ os Idolos tal vez eſcondidos, entaõ ſe compria nelles o que eſtava eſcrito por Iſaias: *Delectabitur infans ab ubere ſuper foramine aſpidis, & in caverna reguli, quia blactatus fuerit manum ſuam mittet*: Que os meninos em ſua infancia pouco depois de apartados do peito lançariaõ as maõſinhas intrepidamente aos Aſpides, & Baſiliſcos, & os tirariam de ſuas covas. E aſſim o entendem literal, & nomeadamente dos meninos de Saõ Frãciſco Xavier na India, os Expoſitores que depois delle commentàraõ a Iſaias. *Sic Frãciſcus Xaverius in India mittebat pueros, qui Fidem Chriſti docebant parentes, & vicinos, & Idola eorum demoliebãtur.* Eſtes Aſpides, & Baſiliſcos, eraõ os Idolos muytas vezes das meſmas figuras, & de outros bichos mais aſqueroſos, & feyos, os quaes os meninos ſem medo deſencovavam donde os pays os tinhaõ eſcondido, & em ſua preſença os quebravaõ, pizavam, cuſpiaõ, & afrontavam de nomes injurioſos; o q̃ vendo os meſmos pays, junto com o que tinham ouvido do verdadeiro Deos, ſe cõvertiaõ, & faziaõ Chriſtãos. Podendo-ſe dizer com toda a verdade, que os pays neſte genero de nova, & mais alta geraçam eram filhos de ſeus proprios filhos. E onde os filhos geravaõ os pays, como dizia S. Paulo: *Per Evangelium ego vos genui*, bem ordenada, & naturalmente procedia Xavier em começar pelos pequenos para converter os grandes.

Iſai. 11. 8.

1. Cor. 4. 15.

Cornel. Ibidem.

Buſquem-me agora em todo o Abecedario da Cartilha outra politica mais fina, mais bem entendida, mais certa, & mais effectiva.

va. E ſe Saõ Jeronymo naõ duvidou dizer, que onde os filhos cõvertem os pays ſe faria Chriſtaõ o meſmo Jupiter: o meſmo Jupiter na gentilidade Rey dos Reys, & dos Idolos; que induſtria mais efficaz, & mais forte para converter os Reys Idolatras, & os obrigar pòr as Coroas aos pès do Creador, que verem os ſeus meſmos Idolos pizados dos pès das crianças? Eſcreva-ſe logo rubricado com letras de ouro o nome de Xavier no X com mayor razam, & juſtiça, que a meſma juſtiça no I, & a razaõ no R. E vòs ô Reys, & Monarchas da Chriſtãdade, imitai a Felippe Rey de Macedonia, que quando lhe naceo Alexandre, nam feſtejou tanto ſeu nacimento por ſe ver com ſucceſſor, & herdeiro do que ſobre o que recebèra de ſeu pay tinha conquiſtado, mas por ſer em tempo que vivia Ariſtoteles, debaixo de cujadiſciplina, & criaçam podia vir a ſer taõ grande, como verdadeiramente foy. E day infinitas graças a Deos por vos dar os filhos quando deſde ſua infancia os podeis offerecer ao patrocinio, direcçaõ, & magiſterio de Sam Franciſco Xavier. Eſtando certos, que naõ faltarà ao agradecimento, & deſempenho deſta devaçaõ o ſeu zelo, & cuydado ſempre immortal daquella primeira idade taõ importãte a toda a Republica Chriſtãa, & mais nos que em mayores annos, naõ digo haõ de ter o Cetro nas mãos, mas ſuſtentar o leme della.

IV.

DIſſe zelo, & cuydado immortal, porque antes parece que teraõ enveja os preſentes aos paſſados, & que tiveram a ventura de alcançar o Santo no tempo em que vivia. Mas bem pòdem eſtar livres deſte pezar; porque a morte ainda que lhe tirou a vida, naõ lhe ſepultou cõ ella o zelo tam particular de doutrinar os meninos, &

& ter especial cuydado de os favorecer, encaminhar, assistir, & naõ apartar de si. No Malabar muytos annos depois de morto appareceo Xavier em dous lugares distantes a hum Sacerdote, & a huma boa mulher, caminhando acompanhado de meninos, como quãdo fazia doutrina: & pergũtado para onde hia, respondeo que a dar saude à filha de huma familia muyto conhecida, cujos pays, depois de lha encomendarem, a tinhaõ chorado por morta. E passadas as horas, que eraõ necessarias para chegar àquella casa, como despertando de hum leve sono se levantou a quasi morta inteiramẽte sãa. Onde se deve notar mais que o milagre da saude, o acõpanhamento do Sãto com os seus meninos, provado com duas testemunhas de vista, para que ninguem duvide que o mesmo cuydado que tinha delles o seu zelo na vida, tem depois da morte.

Em Mindanao adoeceo mortalmente hum Indio fiscal dos outros, mas taõ pouco zeloso da vida christãa, & honesta delles, como da sua. Exhortado a que se confessasse, cria mais ao demonio, que lhe aconselhava que o nam fizesse, p rque confessandose avia de morrer. Nesta supposiçaõ era taõ difficultosa empreza persuadillo a que se quizesse confessar, como a q̃ desejasse a morte: & Xavier que lhe desejava a salvaçaõ, a quem encarregaria, & de quem fiaria esta vitoria? Caso admiravel! Nam a encarregou a nenhum Religioso, ou homem de madura idade, senaõ a hum dos seus meninos, o qual cõ espirito varonil lhe deo tam efficazes razoens, que ouvidas ellas, & perguntado o Indio se queria morrer, respondeo que si, & de muyto boa võtade. Pois agora, concluhio o menino, te apparecerà Sam Francisco Xavier, & te darà nam só a saude da Alma, senaõ a do corpo: & assim foy. Tornãdo a mostrar

trar Deos quanto se serve dos meninos criados na doutrina de Xavier, & quam capazes os faz de emprezas muyto mayores que a sua idade.

Mas o mayor exemplo de todos, ou a maravilha mais rara, & sem exemplo nesta materia foy na Cidade de Aquila, ou destricto della, o de hum menino de dous annos, & meyo, chamado Mauricio, ao qual tinha o Santo sarado da peste, & livre de muytos outros perigos, & se empenhou em o favorecer com tal extremo, que lhe fallava por huma Imagem sua, & despachava por elle sensivel, & vocalmente as petiçoens, que lhe faziam. O modo era admiravel, porque o menino pondo-se diante da mesma Imagem (que era em habito de peregrino) fallava ao Santo, como se estivera, & o vira presente, & depois aplicãdo o ouvido à Imagem esperava a reposta, & recebida em voz clara, & intelligivel, a dava como oraculo aos que o consultavaõ: comprindo-se sempre o que profetizava, ou prometia, com alluſaõ muytas vezes; ou expressaõ de segredos, que os pertendentes naõ tinham revelado. Era naquelle tempo, & naquelle lugar (que se chamava Potamo) a Imagem de Xavier hum segundo Propiciatorio, & o menino o interprete, que declarando, como voz segunda, o que ouvia, annunciava os despachos pela mayor parte milagrosos, & favoraveis aos que se encomendavaõ ao Santo.

Assim que destes tres testemunhos posthumos, & tam vivos se confirma, como eu dizia, ser immortal o cuydado, & magisterio de Xavier com os seus meninos: & que o X, inicial de taõ Sagrado nome está mais adornado, & estabelecido com solidos, & elegãtes commentos das obras, & palavras dos mesmos innocentes, aprẽdidas na sua escola, que todas as outras letras do Abecedario Politico

tico illustradas com o estudo, & sentenças dos Aristoteles, Tacitos, & Polibeos, filhas todas da agudeza, & discurso humano, nam só incerto, & duvidoso, mas nas experiencias tam falso, como nos accidentes das occasioens diverso. E agora me lembra que no principio deste discurso chamei ditosas, & abençoadas as infancias, que nas primeiras usuras daluz desta vida puzessem os seus menores annos debaixo das aspas cruzadas daquelle X, & delle esperassem a bençaõ dos seus augmẽtos. Assim o disse, & seja o fim do mesmo discurso a prova. Tendo cheyo Jacob o numero dos dias, que elle chamava pequenos, prefẽtou-lhe Joseph os seus dous filhos Manasses, & Ephraim, para que o Avò lançasse a bençaõ aos Netos do filho que mais amava, & poz à mão direita o mais velho, que era Manasses, & à esquerda Ephraim, que era o de menor idade. Porèm Jacob, que nos olhos do corpo era quasi cego, & nos da Alma tam grande Profeta como Santo, trocando as mãos, estendeo a direita sobre Ephraim, & a esquerda sobre Manasses: *Extendens manum dexterã posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse commutans manus.* Genes. 48. 14. & 19. E replicando Joseph por parte da idade de ambos, como se a troca dos braços fosse por engano dos olhos, respondeo Jacob: *Scio fili mi, scio:* Bem sey, filho meu, bem sey: como se dissera: Bem sey a idade de ambos, mas tambem sey a bençaõ que hey de dar a cada hum, & deo a primeira, melhor; & muyto avãtejada a Ephraim, declarando que elle, sendo o menor, seria mayor que o outro: *Frater ejus minor, maior erit illo.* O original Hebreo em lugar de *commutans manus*, diz com frase notavel: *Fecit intelligere manus suas:* Que fez entender as suas mãos; final que ouve alli mais intelligencia que a de Ephraim,

im,& Manaſſes,que o meſmo Jacob declarou. E que ſegunda, & nova intelligẽcia foy, ou ſeria eſta, que as mãos,& braços de Jacob aſſim trocados ſignificàraõ? Saõ Joaõ Damaſceno, Tertulliano, & Ruperto, dizem que ſignificavam a Cruz,por meyo da qual ſaõ abençoados, & bemditos todos os que crem no Crucificado. Com tudo venerando eſta accõmodaçam como pia, naõ poſſo deixar de reconhecer nella o que tem de violenta, & impropria. Porque a Cruz de Chriſto compoem-ſe de duas linhas rectas, huma perpendicular de alto a baixo, & outra tranſverſal, ou atraveſſada de hum lado para o outro. E ſe Jacob quizera repreſentar eſta, avia de eſtender os braços como Chriſto os teve na Cruz, & pòr, ou fazer pòr os Netos, hum à mão direita, outro à eſquerda. Aſſim o entendem os Expoſitores mais literaes, os quaes explicaõ o modo com que Jacob atraveſſou os braços pelo verbo,*decuſſare*,& adverbio *decuſſatim*. E que ſignifica propriamẽte eſte verbo,& eſte adverbio? Os Authores da lingua Latina com Cicero, & tambem os da Grega com Columela, o dizem, declarando que a ſignificaçam de qualquer deſtes vocabulos he pòr as couſas de tal modo atraveſſadas, que repreſentem a figura da letra X: *Decuſſare eſt res aliquas eo ordine collocare, ut inter ſe literæ X ſpeciem præbeant*. Bem pudèra Jacob pòr primeiro a maõ direita ſobre Ephraim, & depois a eſquerda ſobre Manaſſes; mas trocou-as juntamente de modo que formaſſem hum X. Para que os que ſoubeſſem que a troca daquellas mãos tinha outra intelligencia, entendeſſem que os de menor idade, qual era Ephraim, os quaes no Abecedario Chriſtaõ ſe puzeſſem debaixo da letra X de Xavier, eſſes ſeriaõ os ſeus abençoados. Deſde Jacob atè Xavier paſſâraõ mais de tres mil, & duzẽtos annos,

annos, & se em todo este tempo nas historias Sagradas, & Ecclesiasticas se achar outro X a, que esta allegoria convenha com mayor propriedade, ou tãta, eu me retracto.

V.

SUppondo poisdos fundamentos solidos, & q̃ naõ dependem da cortezia dos ouvintes, o que fica dito no discurso passado, quanto à primeira parte da infancia, & menor idade sogeita, ou consagrada à direcçaõ de Saõ Francisco Xavier debaixo das benignas influencias daquelle X, como Estrella de quatro rayos, ninguẽ averà que a contradiga. Mas quando os Reys na mayor idade (que he a segunda parte) ouverem de seguir a mesma Estrella, muyto receyo que do mesmo Abecedario Politico se tirem as objeçoens, & da mesma Cartilha se lhe formem os capitulos, & ainda da mesma letra. Pitagoras em huma só letra achou, & ensinava dous caminhos, hum que guiava à Bemaventurança, & outro à perdiçam. E na mesma letra de Sam Francisco Xavier, que se compoem de duas aspas encontradas, poderà dizer outro tanto a Politica Secular, & naõ fundada em differente principio, senaõ no mesmo de ser Religioso, & Santo Dirà que assim como para a innocencia da menor idade he o meyo mais proprio, & natural, assim para a idade provecta dos Reys, & malicia do mũdo, que elles governaõ, naõ só parece o menos efficaz, senaõ ainda o mais cõtrario. Arsenio foy Mestre do Emperador Arcadio, & Cassiodoro del Rey Theodorico, ambos porèm antes de serem, o primeiro Anacoreta, & o segundo Monge. Esse Saõ Raymundo de Penha-forte, sendo Religioso, acompanhou a El-Rey Dom Jaime a Malhorca, desenganado do pouco, que valiaõ com elle seus bons conselhos, negã-

im, & Manaſſes, que o meſmo Jacob declarou. E que ſegunda, & nova intelligẽcia foy, ou ſeria eſta, que as mãos, & braços de Jacob aſſim trocados ſignificàraõ? Saõ Joaõ Damaſceno, Tertulliano, & Ruperto, dizem que ſignificavam a Cruz, por meyo da qual ſaõ abençoados, & bemditos todos os que crem no Crucificado. Com tudo venerando eſta accómodaçam como pia, naõ poſſo deixar de reconhecer nella o que tem de violenta, & impropria. Porque a Cruz de Chriſto compoem-ſe de duas linhas rectas, huma perpendicular de alto a baixo, & outra tranſverſal, ou atraveſſada de hum lado para o outro. E ſe Jacob quizera repreſentar eſta, avia de eſtender os braços como Chriſto os teve na Cruz, & pòr, ou fazer pòr os Netos, hum à mão direita, outro à eſquerda. Aſſim o entendem os Expoſitores mais literaes, os quaes explicaõ o modo com que Jacob atraveſſou os braços pelo verbo, *decuſſare*, & ad verbio *decuſſatim*. E qu ſignifica propriamẽte eſt verbo, & eſte adverbio? Os Authores da lingua Latina com Cicero, & tambem os da Grega com Columela, o dizem, declarando que a ſignificaçam de qualquer deſtes vocabulos he pòr as couſas de tal modo atraveſſadas, que repreſentem a figura da letra X: *Decuſſare eſt res aliquas eo ordine collocare, ut inter ſe literæ X ſpeciem præbeant*. Bem pudèra Jacob pòr primeiro a maõ direita ſobre Ephraim, & depois a eſquerda ſobre Manaſſes; mas trocou-as juntamente de modo que formaſſem hum X. Para que os que ſoubeſſem que a troca daquellas mãos tinha outra intelligencia, entendeſſem que os de menor idade, qual era Ephraim, os quaes no Abecedario Chriſtaõ ſe puzeſſem debaixo da letra X de Xavier, eſſes ſeriaõ os ſeus abençoados. Deſde Jacob atè Xavier paſſâraõ mais de tres mil, & duzẽtos annos,

annos, & se em todo este tempo nas historias Sagradas, & Ecclesiasticas se achar outro X a que esta allegoria convenha com mayor propriedade, ou tãta, eu me retracto.

V.

SUppondo poisdos fundamentos solidos, & q̃ naõ dependem da cortezia dos ouvintes, o que fica dito no discurso passado, quanto à primeira parte da infancia, & menor idade sogeita, ou consagrada à direcçaõ de Saõ Francisco Xavier debaixo das benignas influencias daquelle X, como Estrella de quatro rayos, ninguẽ averà que a contradiga. Mas quando os Reys na mayor idade (que he a segunda parte) ouverem de seguir a mesma Estrella, muyto receyo que do mesmo Abecedario Politico se tirem as objeçoens, & da mesma Cartilha se lhe formem os capitulos, & ainda da mesma letra. Pitagoras em huma só letra achou, & ensinava dous caminhos, hum que guiava à Bemaventurança, & outro à perdiçam. E na mesma letra de Sam Francisco Xavier, que se compoem de duas aspas encontradas, poderà dizer outro tanto a Politica Secular, & naõ fundada em differente principio, senaõ no mesmo de ser Religioso, & Santo Dirà que assim como para a innocencia da menor idade he o meyo mais proprio, & natural, assim para a idade provecta dos Reys, & malicia do mũdo, que elles governaõ, naõ só parece o menos efficaz, senaõ ainda o mais cõtrario. Arsenio foy Mestre do Emperador Arcadio, & Cassiodoro del Rey Theodorico, ambos porèm antes de serem, o primeiro Anacoreta, & o segundo Monge. Ese Saõ Raymundo de Penha-forte, sendo Religioso, acompanhou a El-Rey Dom Jaime a Malhorca, desenganado do pouco, que valiaõ com elle seus bons conselhos, negã-

do-lhe embarcaçaõ, a fez do seu proprio manto, & navegou sobre elle a Catalunha, obedecendo o mar, & os ventos a quem nam pode sugeitar hum Rey Christam dominado de seus appetites.

As virtudes religiosas saõ muy diversas das reaes, & o que he em hum Religioso a mayor virtude, seria em hum Rey o mayor vicio. Ve-se claro na obediencia, que sendo no Religioso o fundamento, & essencia da sua profissaõ, no Rey, como diz o Rey Profeta, seria o mayor de todos os delitos deixar-se dominar, & obedecer a algum, quando deve mandar a todos: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero: & emundabor à delicto maximo.* Do Religioso pòde-se esperar que faça bom hum homẽ; mas fazendo hum homem bom, pòde fazer hum Rey mão; porque a bondade, que faz bom a hum, he particular, & a do Rey ha de ser universal para todos. Os Mestres saõ os espelhos daquelles a quem ensinaõ; & como seraõ nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando à Purpura o sayal, à oppa a cogula, & o capello à Coroa? A fórma, que se ha de introduzir, faz semelhante a si a materia: & como seria Affonso Henriquez taõ grande Rey, senaõ fosse Egas Moniz em tudo o mais leigo, taõ grãde Ayo? Que espiritos soberanos, & Reaes pòde influir hum professor de tam differente estado, ainda que seja de grande espirito? Ensinarà o Rey a orar, & quando saya grande rezador, para encaminhar o seu Reyno serà cego. David que fez o Psalterio, dizia, que nas suas matinas meditava em Deos: *In matutinis meditabor in te.* Mas os pòtos da meditaçam nas mesmas matinas, eraõ arrancar da terra todos os màos: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* Inclinalo-ha como virtuoso à que prefira os virtuosos, & com isto, sem

Psalm. 118. 14.

Psalm. 62 7.

Psalm. 100. 8.

que

querer, o meterà nos enganos ſantos da hipocreſia, agradando-lhe mais hum hipocrita mal veſtido, que hum Capitaõ bem armado. O cavallo Troyano foy recebido em prociſſaõ dentro dos muros, como voto dos Gregos à deoſa Pallas, & debaixo deſta eſpecie de religiaõ levava dentro o incẽdio com que ardeo Troya. Como arbitro da conſciencia falloha muyto eſcrupuloſo, mas por iſſo irreſoluto, perdendo em conſultas o tempo, que ſe avia de empregar nas execuçoens, como bem eſtranhou Tacito no Emperador Valente: *Inutili cunctatione agendi tempora conſultando conſumpſit.* E iſto acontece aonde falta a reſoluçaõ, que buſcandoſe o impoſſivel de meyos que nam tenhaõ inconveniente, tudo ſe teme, & nenhuma couſa ſe faz. Deixo os danos, naõ do habito religioſo, ſenaõ dos habitos, que ſe pòdẽ pegar ao Rey, taõ alheyos da obrigaçaõ, como da Mageſtade. Pelo deſejo da paz a deſatençaõ das armas & da guerra, pelo eſcrupulo da vangloria o eſquecimento da fama, pelo amor, & nome da piedade o perdaõ, ou tolerancia dos delitos, em fim pelo penſamento unico do Ceo perder a terra, & ſer como o Mathematico de Seneca, que naõ vendo onde punha os pès, porque levava os olhos nas Eſtrellas, cahio na cova. Taes eſtatuas ſaõ, dizem os Politicos (& eſtatuas ſómente) as que ſe pòdem fabricar, & ſahir das officinas clauſtraes: & no cabo de muyta lima, ou fundiçaõ, quando a Republica ha miſter hũ grande Rey, achar-ſe-ha quando muyto com hum Beato.

Cornel. lib. 3. Hiſtor.

VI.

MAs deixada a queſtaõ, ou apologia dos Regulares neſta parte; quando todo o Abecedario Politico (que muytas vezes he dos que nam ſabem o A, B, C,) ſe verificàra contra elles, Saõ Fra-

ciſco Xavier he a exceiçaõ deſta regra. Ha huns Religioſos, que ſaõ Religioſos, & nada mais, como os Paulos, Hilarioens, & Macharios: ha outros, que ſaõ Religioſos, & mais outras muytas couſas, & grandes, como os Agoſtinhos, Gregorios, Doutores da Igreja, Biſpos, & Papas. E pòde aver outros que nam ſó ſejaõ Religioſos, & muytas, & grandes couſas, ſenaõ Religioſos, & todas. Deſtas qualidades reconheço dous, hum por fé, outro por experiencia. Por fé Sam Paulo, que dizia: 1. Cor. 9.22. *Omnibus omnia factus ſum:* Eu ſou todas as couſas para todos. E por experiencia Xavier, que o podia dizer com a meſma, & por ventura mayor univerſalidade. Por nacimento era do ſangue real de Navarra, por profiſſaõ Religioſo da Companhia, por genio univerſal em todos os talentos, & artes. Com o Soldado tratava da guerra, cõ o Marinheiro da navegaçam, com o Mercador dos comercios, com o Lavrador da agricultura, com o Mathematico das Eſtrellas, com o Politico das razoens de Eſtado, com o Cortezaõ da Corte, & atè com o taful das cartas, & dados; mas ſempre, & em tudo Santo, como o Manà, que cae do Ceo, & contẽm em ſi todos os ſabores. As advertencias, & cautelas, que a Cartilha dà ao Rey, ſaõ huma em cada letra: & o grande coraçaõ, & cabeça de Xavier era taõ capaz, que nella ſe acharia õ quantas de todo o Abecedario ſe pòdem compor. Aſſim conta Salmeiram de hum Monge, que a Oraçaõ que rezava era o A, B, C; dizẽdo a Deos, que cõ aquellas letras eſcreveſſe, & mãdaſſe tudo quãto foſſe ſua Divina vontade, que para tudo eſtava prompto. O meſmo offerecimento faço eu a todos os Principes, & Reys Chriſtãos na peſſoa, no cõſelho, no patrocinio, & nos talentos de Sam Franciſco Xavier, poſto que Religioſo.

Aſſim

Assim o entendeo o grande Rey Dom Joam o Terceiro, pelo muyto que nelle reconheceo de grande homem (quando pelo muyto que tinha de grande Religioso nos grangeou o titulo de Apostolos) pedindo-lhe, & encomendádo-lhe encarecidamente quizesse visitar todas as praças, Cidades, & fortalezas, que Portugal tinha na India, emendando, & reformando tudo o q cumprisse ao serviço de Deos, & seu. E para que isto se veja por suas proprias razoens, & palavras, referirei o seu voto em hum Cõselho de Estado, & Guerra, diante do Governador Martim Affonso de Sousa, em Cambaya. Tinha hum Rey, ou Tyranno de Jafanapatam, martyrizado muytos Vassallos só por se fazerem Christãos, contãdo se só em huma Cidade seiscẽtos. Tratava-se christãa & politicamente se cõ nome de castigo se lhe devia fazer guerra, & ouvido o parecer vario dos Capitaens, fallou Xavier desta maneira.

A quem devemos, Senhor; a India, senam à prègaçam da Fè, & para que a queremos, senaõ para ella? Onde, & para què se pòde melhor aventurar huma Armada, què pela defensa da christandade, por cuja dilataçaõ sefazem todas as de sua Alteza? Quanto mais, que a ventura aqui nam està em romper com o Tyranno de Jafanapatam, pois sempre foy de menos perjuizo o inimigo descuberto, que o falso amigo. O risco seria tomarem elle, & os mais animo, & forças do nosso sofrimento em hum caso, que tem por si o zelo da Ley, o serviço del-Rey, a obrigaçam da honra, & a reputaçaõ do Estado. Que podemos esperar de Deos nas outras emprezas mais nossas, se nas suas o desemparamos? Ninguem sabe melhor que Vossa Senhoria, o que El-Rey nosso Senhor fizera, se aquí fora. Escuso requerelo da sua

parte, porque sey que tenho das dos Christãos de Ceilaõ, & Manar a Vossa Senhoria. Quem se fiarà em todo o Oriente da amizade, do nome, da Fè dos Portuguezes, se vir que faltamos tam fracamente àquelles, que nam só nos derama sua humana, mas tomàraõ a nossa verdadeiramente Divina? Necessario nos serà daqui por diante prègar o martyrio jũto com o Bautismo, pois vòs, Senhores, nam tratais de amparar aos que se fizerem Christãos, porque naõ periguem, naõ se atrevendo a ser Martyres. Mas quem nam sabe de quanto momento saõ à gente Portugueza, na paz, & na guerra, os proprios naturaes da India, se tẽ comnosco verdadeira amizade? que nem o foy, nem o serà nunca aonde a Ley, & Religiam naõ for a mesma. E assim se entende, que hum dos respeitos que o Barbaro teve para matar tam cruelmente os Christãos, foy, porque depois de o serem jà, os avia mais por Vassallos del-Rey de Portugal, que seus. Foraõ-no, & saõ-no para morrerem, & nam o seram para os defendermos?

Atè aqui a oraçam de Xavier taõ forte, & taõ viva, que nas de Livio, & Salustio naõ lemos outras que o sejaõ mais. A resoluçam foy, que se fizesse a guerra, & que vencido o Rey, se entregasse vivo ao Padre Francisco, o qual naõ lhe pertendia o castigo com o seu sangue, senaõ a sua Fè com o Bautismo. Mas porque neste conselho, pela parte que tocava aos novos Christãos, parece que fallou Xavier tambem como Religioso; passemos brevemente a outro, que só pertencia aos Portuguezes, & à reputaçam do Estado, & vejamos se pòde ter nos seus algum Rey, nem Conselheiro de Guerra mais prudente, & resoluto, nẽ Capitaõ mais animoso, & valente. Quando o Rey de Pedir com a poderosa Armada dos

Achens

Achens appareceo sobre Malàca, & com huma carta tam afrontosa, como arrogante mandou desafiar aos Portuguezes, que nam se achavaõ mais que com quatro fustas varadas em terra, o Capitaõ da Fortaleza, fazendo graça do desafio, perguntou ao Padre Francisco Xavier, o que lhe aconselhava; Esperando, diz a historia, que tanto mais se afastasse das armas, quanto menos as professava. Mas a reposta foy, que com inimigos, & Barbaros mais se perdia na reputaçaõ se lhe naõ fahissem, do que se aventurava em hum encontro, ainda que o perdessem. Que ao menos, quando a Armada levantasse ferro, a mandasse seguir, & picar na retaguarda, tomando-lhe os navios de menos vòga, para que naõ fossem tam folgados do desafio. E como o Capitaõ mais sentenciosamente, que mal sofrido, respondesse: Ha casos em que he forçado fazer da impossibilidade prudẽcia, como em outros se faz da necessidade virtude; Tem vossa mercè muyta razam, acodio Xavier, mas a mim se me representava, que o que dizia era aqui o voto da virtude, da necessidade, & da prudencia. E quanto à impossibilidade, eu que menos posso que todos, cõfiando na infinita bondade do Senhor, cujo poder he o querer, por gloria sua, & honra de seu servo El-Rey de Portugal nosso Senhor, tomo sobre mim dar as fustas prestes a tempo, por podres que estejam. Dizem que os votos se haõ de tomar pelo pezo, & naõ pelo numero. E aqui mostrou o X de Xavier, que assim como o numero de dez, que com elle se significa, he o mais perfeito, assim pezou mais que todos os votos de Malàca. E as poucas fustas que Xavier fez aprestar, posto que nam levassem o mesmo X pintado nas bandeiras, como os Soldados o levavaõ impresso nos coraçoens, & na batalha o tiveraõ sempre na boca; foy a

ſua vitoria naval huma das mais prodigioſas, que nunca vio o mundo.

E como para a protecçaõ, & defenſa dos Reynos, & Eſtados, o que os Reys devem eſperar de Saõ Franciſco Xavier, naõ depende ſó da boca, ſenam das mãos, nam ſó de palavras, ſenaõ de obras, pudèra eu aqui trazer à memoria a vitoria jà referida do exercito dos Badagàs, que Xavier alcançou ſó, & deſarmado por ſua Peſſoa: & de novo pudèra referir outra contra os Morotos, que ſe tinhaõ rebellado contra a Igreja, os quaes tambem fugeitou peſſoalmente, acompanhado de muytos poucos Chriſtãos animados por elle. Só contarey huma das Filipinas contra os Mouros, por duas razoens, que depois apontarei. Defèndia no Reyno de Buahiem huma Companhia de Soldados Heſpanhoes huma pequena Fortaleza, cujos muros, ou trincheiras eraõ de madeira, & os rectos das caſas cubertos de palha, & os Mouros, que a vieraõ ſitiar, nam ſó muytos em numero, mas fornecidos de artelharia, bombas, & todos os petrechos de guerra, & guiados por hum rebelde domeſtico, que fugido da meſma Fortaleza ſe paſſára a elles. Succedeo pois, que paſſados os primeiros combates em que matàraõ o Alferes, & ferìraõ mortalmente o Capitaõ, ouve deſuprir o poſto de ambos o Ajudante. Eſte, & os mais reconhecẽdo o perigo na deſigualdade das forças, reſolvèraõ encomẽdar a defenſa a huma Imagem de Sam Franciſco Xavier. Puzeraõ-lhe na mão a bandeira, pedìraõ lhe as ordens, que o Ajudante diſtribuhia em ſeu nome, & nada ſe obrava ſem o mudo conſentimento do novo Capitam. O qual tanto que tomou o governo das armas, como ſe mandàra tocar caxa aos milagres, começàraõ a apparecer na campanha huns apoz outros, & a guerra a mudar de ſemblante. A bãdeira,

deira; por mais que aſſoprāſſem diverſos ventos, ſempre eſteve direita contra o inimigo. As ballas de tal ſorte ſe divertiam do ponto a que eraõ atiradas, que em nenhum Soldado tocàraõ. As ſettas de fogo, que choviam ſobre os telhados, alli ſe conſumiam ſem prender em huma palha. Tendo fabricado dous caſtellos para que levados da corrente abrazaſſem a Fortaleza, hum ardeo antes de chegar, & o outro voltou atraz contra a meſma corrente. E poſto que com a artelharia tiveſſem derrubado duas cortinas, & hum baluarte, foy tal o terror dos Mouros, que ſe naõ atrevèraõ ao aſſalto, & finalmente deſenganados, & raivoſos, mais fugindo que retirando-ſe, puzeraõ fogo aos ſeus alojamentos, que ſervìram de luminarias a taõ glorioſa vitoria.

Agora darei as duas razoens porque contei mais largamente eſta, contentãdome ſó com apontar as outras. A primeira, por ter ſuccedido no anno de mil, & ſeiſcentos, & cincoenta, quaſi cem annos depois da morte de Sam Franciſco Xavier, que he o que podia pòr duvida, ou eſcrupulo às aſſiſtencias do ſeu patrocinio. A ſegunda, por ſerem as outras vitorias obradas pelo Santo nas Indias Orientaes, & eſta nas Occidẽtaes; as outras nos dominios de Portugal, & eſta, como outras muytas maravilhas, nos de Caſtella. Motivo era eſte naõ ſó baſtante, mas igual, para que a Cartilha Caſtelhana nam excluiſſe do ſeu Abecedario o X do nome de Xavier, principalmente ſendo eſte Grande Heroe, como Navarro, ſubdito de huma das ſuas Coroas. He verdade, como vimos nos dous votos do meſmo Sãto, que ſempre a El Rey de Portugal chamava El Rey noſſo Senhor; porque militava debaixo da bandeira das ſuas Quinas, as quaes trazia pitadas no meſmo X. Naõ he novidade, ou obſervaçaõ minha, ſenaõ de Cice-

ro, & Quintiliano, os quaes allegaõ, & declaraõ as fontes da lingua Latina por eſtas palavras: *Dimidium literæ X figura eſt literæ V: veteres enim numerum denarium, & quinarium hujuſmodi notis X, & V, pingere ſolebant.* E como a letra X por todas as partes, ou ſe fórma, ou he fórmada da letra V, & nella do numero quinario, bem ſe ſegue que Xavier no ſeu X traz pintadas as noſſas Quinas.

VII.

E Para que o mundo veja, que os Caſtellos, & Leoens Heſpanhoes nam ſaõ menos obrigados que as Quinas de Portugal a Saõ Franciſco Xavier, & por iſſo muyto merecedor elle de ter lugar no Abecedario da ſua Cartilha, como devaçaõ, & virtude muyto importante aos Reys, quero reduzir eſte ponto ao mais univerſal, & ſenſivel, em que o meſmo Santo parece ſe moſtrou parcial de Portugal, apartando-o, & dividído-o no ſeu dia, que foy o de mil, & ſeiſcentos, & quarenta, da ſugeiçaõ, & uniaõ de Caſtella. Tenho por taõ evidente a demonſtraçaõ, que ſe ella eſtivera neſte Auditorio a naõ avia de negar.

Criados nas Ribeiras Occidétaes do mar Oceano, nadavaõ no meyo delle dous grandes praticos deſte exercicio, os quaes chegando-ſe hum a outro por razoens que tinhaõ de amizade, & parenteſco, ſe abraçàram: ſenaõ quando aſſim abraçados ambos naturalmente ſe hiaõ a pique. Digaõ-me agora atè os cegos, que remedio tinham eſtes nadadores para ſe naõ afogarem, ſenaõ ſoltar outra vez os braços, & dividirem-ſe? Pois eſte foy o mayor milagre de Sam Franciſco Xavier naquelle ſeu dia, & taõ ſeu de Portugal, como ſeu de Caſtella. Nadavam ambos eſtes dous Imperios de Eſpanha felicíſſimamente, hum para o Oriente, outro para o Occidente, pacificos, opulen-

tos,

tos, vitorioſos, Senhores de dous mundos novos, & recebendo os riquiſſimos tributos de ambos cõ grandes envejas do velho. Iſto em quanto ſeparados, & divididos, poſto que taõ unidos no ſangue. Mas tanto que ſe abraçàram, & unìraõ, que ſuccedeo? *Ex illo fluere ac retro ſublapſa referri ſpes Danaum.* Dalli começàraõ as perdas, & ruinas de ambos, & ſenam ſe dividiſſem, ao que acodio Saõ Franciſco Xavier naquelle dia, ainda ſeriam mayores. Eram aquelles dous Imperios, os que divididos ſuſtentavaõ, & defendiaõ a grandeza de Heſpanha, & unidos nam podèraõ, nem podiam. Porque derrubou Samſam o Templo dos Filiſteos? Porque as ſuas abobodas eſtavam rematadas em duas columnas tam juntas, que as pode elle abraçar ambas, & com a força dos cabellos mal crecidos lançar por terra quanto ſuſtentavaõ.

Diga-o o que melhor entendeo as razoens de Eſtado, & da Guerra, El-Rey David. Dà graças a Deos de o enſinar a pelejar, & comparando as outras ſuas batalhas à luta, diz que para naõ cahir, & eſtar firme o plantàra o meſmo Deos no terreiro cõ os pès muyto apartados hum do outro: *Dilataſti greſſus meos ſubtus me: & non ſunt infirmata veſtigia mea.* As bazes daquellas columnas em que ſe ſuſtenta o corpo do lutador ſaõ os pès, & ſe os pès eſtiverem jũtos, & unidos, facilmente com qualquer impulſo vẽ o pezo do corpo à terra. O que importa he eſtarem divididos, & bem apartados hum do outro: *Dilataſti greſſus meos*, porque ſó aſſim eſtaraõ firmes, & fortes: *Et non ſunt infirmata veſtigia mea.* E aſſim como juntos os pès naõ pòdẽ dar paſſo, aſſim divididos pòdem obrar o q̃ continua David, ſeguindo a ſeus inimigos atè os vencer, derrubar, & meter debaixo dos meſmos pès: *Perſequar inimicos meos, & com-* Pſalm. 17. 37. Ibidem. 38. 39.

comprehendam illos, nec poterunt ſtare, cadent ſubtus pedes meos. Auguſto poz limites ao Imperio Romano: *Incertum metu, an per invidiam*, diz Tacito. E ambas as couſas foram: A primeira, porque crecer a grandeza, que ſe nam póde ſuſtentar, he enfraquecer: A ſegunda, porque outros, ou naõ tiveſſem, ou naõ fizeſſem mayor Imperio que o ſeu, como fizeraõ Claudio, & Trajano. Mas o Grande Conſtantino, depois de tantas experiencias, fundando ſegunda Roma em Conſtátinopla, com Capitolio, Senadores, & todos os outros ornamentos da Mageſtade, entendeo que para ſuſtétar hum Imperio tam grande como o Romano, nam baſtava huma ſó Roma, ſenaõ duas Romas, nem huma ſó Cabeça, ſenaõ duas Cabeças, como depois apparecèram divididas nas Aguias Imperiaes. E porque nam ſeriaõ igualmente uteis, & neceſſarias à grandeza de Eſpanha tambem duas, poſto que huma de Leaõ, outra de Serpente? A prudencia forte, & a Fortaleza prudente, a fariaõ invencivel, & ambas perpetua na ſua meſma diviſaõ.

Peregrinando Loth com Abrahaõ tomàram aſſento na terra de Canaan, onde ambos ſe fizeraõ grãdemente poderoſos nas riquezas daquelle tempo. E porque entre os Paſtores de hum, & outro começava a aver diſcordias, poſto que Loth, & quanto poſſuhia eſtava ſempre unido, & ſugeito a Abraham, entendeo elle, que paralograrem o que jà tinham, & crecerem pacificamente, convinha, & era neceſſario que ſe dividiſſem, & aſſim ſe fez. Abraham era Tio, como El Rey Felippe Segũdo, Loth era Sobrinho, como El Rey Dom Sebaſtiaõ: & ſe aquelle Prudentiſſimo Rey imitàra eſte exemplo, & ſe contentàra, & tivera por melhor o Tio, que as herdades do Sobrinho eſtiveſſem divididas das ſuas, nam ſó nam ficariaõ

riaõ ellas diminuidas na grandeza, mas muyto mais ſeguras na diviſaõ, & mais acrecentadas no premio. He caſo notavel, & muyto digno de ſe notar o como Deos logo, & de contado premiou em Abraham o prudente, generoſo, & juſto deſintereſſe, cõ q̃ quiz que elle, & Loth eſtiveſſem divididos: *Dixitque Dominus ad Abraham, poſtq̃am diviſus eſt ab eo Loth: Leva oculos tuos, & vide à loco, in quo nunc es, ad Aquilonem, & Meridiem, ad Orientem, & Occidentem omnem terram, quam conſpicis, tibi dabo, & ſemini tuo uſque in ſempiternum*: Tanto que Loth eſteve dividido de Abraham, diſſe Deos ao meſmo Abrahaõ: Deſde lugar em que agora eſtàs olha para as quatro partes do mundo deſde o Oriente atè o Occidente, & deſde o Se entriaõ atè o Meyo dia, & tudo quanto alcançares com a viſta te darei a ti, & a teus deſcendẽtes para ſempre. Parece que depois de ſe dividir Loth da uniaõ, & ſugeiçaõ de Abrahaõ: *Poſtquam diviſus eſt Loth*, ficaria diminuida a grandeza do Tio; mas foy tanto pelo contrario, que por aquella pequena parte de terra, em que paſtavam as ovelhas, lhe deo Deos a de todas as quatro partes do mundo, ſem outra medida, ou limite, que a dos proprios olhos: *Leva oculos tuos, & vide.* Aſſim o fez Deos, & aſſim entendia o meſmo Abrahaõ que avia de ſer, quando fez a diviſaõ: *Sciebat Patriarcha cedentem minoribus aſſequuturum maiora*, diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo.

Genes. 13 14. & 15.

Nem Sam Franciſco Xavier pertendeo, deſejou, & deo principio naquelle ſeu dia a outros menores effeitos, ſenaõ a eſta meſma felicidade cõ igual amor a ambas as partes. E ſe ambas ſe deixàram governar, & contentàraõ com o que tinha feito hum tam interior Interprete da Divina Providencia; conſiderem os Politicos com todas as virtudes, ou advertencias

tencias do seu Abecedario juntas em cõselho, de quãtas invasoens, & diversoens se pudèra livrar Espanha, & de quantas dores muy sensiveis dentro, & fóra de casa, se as Armadas que guardavaõ cem legoas de costa, & os presidios, & exercitos, que de huma, & outra fronteira defendiam em roda perto de duzentas, & tanto sangue catholico, & Espanhol derramado lastimosamente em vinte, & sete annos de guerra, a fizessem contra os inimigos da Fè, ou de ambas as Coroas. Mas o passado naõ tem remedio, & só pòde servir de espelho para o futuro.

VIII.

DE todo este discurso tam sincero como o animo com que se escreve, devẽ colher todos os Principes Christãos, quãto lhes importa a devaçaõ, & patrocinio de hum Sãto, que naõ só està no Ceo como os demais, mas anda entre nòs neste mundo peregrino em todas as partes dele. Primeiramente devem encomendar a Sam Francisco Xavier, desde o berço a infancia de seus filhos, para que se criem, & creçam debaixo da sua direcçaõ, & doutrina, o que elle como taõ cuidadoso, & vigilante Pedagogo daquella idade, farà com tãto mayor zelo, quanto nelles he mais necessaria ao governo de seus Êstados. Igualmente, & nam em segundo lugar, devem pòr debaixo da protecçam do mesmo Santo, nam só os mesmos Estados, Reynos, & Monarchias, senaõ as proprias Pessoas, encomendandolhe todas suas acçoens, & resoluçoẽs com firmissima confiança, que tudo o que obrarem, ou resolverem pelas inspiraçoens do seu conselho, serà o mais acertado, o mais grato, & o mais favorecido de Deos.

De Achitophel diz a Escritura Sagrada que eraõ taõ certos, & taõ acertados os seus cõselhos, como

mo se consultassem a Deos os que o consultavaõ a elle:
2. Reg. 16. 23. *Consilium Achitophel, quod dabat in diebus illis, quasi si quis consuleret Deum.* E eu me atrevo a dizer, que os conselhos de Xavier sam taes, naõ como se os homẽs consultassem a Deos, mas como se Deos consultasse a Xavier. E para que ninguem tenha este dito por demasiado encarecimento, ouça hum caso publico, & que cada dia he mais provado, & manifesto, com que acabo. Quando Xavier com taõ grande, ou immensa resoluçam intentou a conversam nam menos que do vastissimo Imperio da China; todos os Praticos das severissimas Leys com que naõ admitiaõ entrar là estrangeiro algum, lhe persuadiam, que no dia em que fosse conhecido o seu disfarce, em quãto o nam condenavam à morte, o meteriam carregado de ferros em huma estreitissima prizaõ. E que responderia Xavier? Discorria desta maneira: Primeiro que tudo hei de prègar aos mesmos prezos, & Ministros de Justiça a Fè do verdadeiro Deos, com que segurarei o morrer por ella. Logo communicarei aos prezos muytas cousas admiraveis, & novas, principalmente das sciencias Mathematicas, a que elles naõ guardaràõ segredo, & divulgadas, como gẽte tam curiosa, serà o carcere a minha primeira escola. E assim como a chuva cahindo no cume do telhado, de telha em telha està brevemẽte na rua; assim as minhas novidades subindo da rua, & gẽte vulgar, passaràõ aos nobres, dos nobres aos grãdes, & dos grandes chegaràõ facilmente ao Emperador, que me poderà chamar à sua presença. E do modo, com que as palavras de Jonas, quando chegàram ao Rey, posto que tam mào como Sardanapalo, o convertèraõ primeiro a elle, & por elle a toda Ninive: porque naõ poderà succeder o mesmo na China? Este foy o discurso daquelle Xavier

a quem

a quem Deos nam quiz cõceder que entrasse na China. Mas que? se lhe negou a entrada, tomou-lhe o cõselho. Prèga-se hoje na China, publica, & livremẽte, a Fè, & Ley de Christo com Templos, Altares, Sacrificios de seu Santissimo Corpo, Sacerdotes, Religiosos, & Bispos. Alcançou-se primeiro esta licença dos Emperadores Chinas, & depois dos Emperadores Tartaros. E porque meyo? Naõ do Evangelho descuberto, mas escondido debaixo das sciencias Mathematicas, com que là penetraõ os successores de Xavier, Religiosos da Companhia, famosos Astronomos, & Astrologos, & vencendo as suas demonstraçoens com evidencia às dos que là professavaõ as mesmas Artes, estes saõ os que tem as mais francas, & familiares entradas nos encantados Palacios do Supremo Senhor, aonde elle por grande favor de dentro das cortinas do seu Trono mostra hum dedo. Assim que estes foraõ os meyos naturaes, & naõ Divinos, cõ que Deos aprovando o discurso de Xavier, & como seguindo o seu conselho pelo Ceo da Lua, pelo Ceo do Sol, & pelo Ceo das Estrellas, levou as Almas dos Chinas ao Empireo.

INDEX

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

O P. denota a pagina, & o C. a columna.

Ex Libr. Genes.

Cap. 1. 1. *IN principio creavit Deus Cœlum, & terram. Pagina* 186 *Columna* 2.

Cap. 3. 19. *Pulvis es, & in pulverem reverteris. pag.* 352. *col.* 2.

Cap. 6. 4. *Gigantes autem erant super terram in diebus, &c. pag.* 35. *col.* 1.

Ibidem 12. *Quippe omnis caro corruperat viam suam. pag.* 36. *col.* 1. *& pag.* 361. *col.* 2.

Cap. 12. 1. 2. *Egredere de terra tua, & de cognatione tua. pag.* 59. *col.* 2.

Cap. 13. 14. 15. *Dixitque Dominus ad Abraham, postquam divisus est, &c. pag.* 493. *col.* 1.

Cap. 15. 5. *Numera Stellas, si potes. pag* 141. *col.* 1.

Ibid. *Sic erit semen tuum.* Ibid.

Cap. 17. 1. *Ambula coram me, & esto perfectus. pag.* 304. *col.* 1.

Cap. 25. 28. *Isaac amabat Esau, eo quòd de venatione illius vescebatur. pag.* 21. *col.* 2.

Ibid. *Rebecca diligebat Jacob.* Ibidem.

Cap. 27. 34. *Irrugijt clamore magno. pag.* 248. *col.* 2.

Cap. 28. 22. *Cunctorum,*

que dederis mihi, decimas offeram tibi. p. 287. col. 1.

Cap. 32. 26. *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora. pag. 32. col. 1. & pag. 83. col. 2.*

Ibid. 28. *Contra Deum fortis fuisti. pag. 81. col. 2.*

Cap. 39. 9. *Quomodo possum hoc malum facere, & peccare in Deum meum? pag. 127. col. 1.*

Ibid. 12. *Relicto in manu ejus pallio, fugit. pag. 111. col. 1.*

Cap. 40. 14. *Memento mei, ut suggeras Pharaoni. p. 74. col. 1.*

Cap. 43. 33. 34. *Et mirabantur nimis, sumptis partibus, quas ab eo, &c. pag. 19. col. 2.*

Ibid. 29. *Vidit Benjamin fratrem suum uterinum.* Ibid.

Cap. 45. 18. *Tollite inde patrem vestrum, & cognationem, & venite, &c. p. 239. col. 2.*

Cap. 46. 34. *Quia detestantur Ægyptij omnes pastores ovium. pag. 240. col. 1.*

Cap. 47. 9. *Dies peregrinationis meæ. pag. 342. col. 2.*

Cap. 48. 14. *Extẽdens manum dexteram, posuit super caput Ephraim, &c. pag. 479. col. 2.*

Ex Lib. Exodi.

Cap. 4. 13. *Mitte quem missurus es. pag. 74. col. 1.*

Cap. 7. 1. *Constituite Deũ Pharaonis. pag. 60. col. 1. & pag. 190. col. 1.*

Cap. 18. 21. *Qui oderint avaritiam. pag. 246. col. 1.*

Cap. 32. 2. *Tollite inaures aureas de uxorum, & filiarum vestrarum auribus. pag. 254. col. 1.*

Ibid. 6. *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* Ibid.

Ibid. 10. *Dimitte me. pag. 83. col. 2.*

Ibid. 13. *Recordare Domine Abraham, Isaac, & Israel servorum tuorum. p. 203. col. 1.*

Ex Lib. Deuteronomij.

Cap. 11. 24. *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit. pag.* 175. *col.* 1.

Cap. 33 19. *Inundationem maris quasi lac sugent, & thesauros absconditos arenarum pag.* 193. *col.* 1.

Ex Lib. Josue.

Cap. 1. 3. *Omnem locum, quem calcaverit, &c. pag.* 175. *col.* 1.

Cap. 7. 1. *Tulit aliquid de anathemate. pag.* 384. *col.* 2.

Ex Lib. Ruth.

Cap. 1. 20. 21. *Ne vocetis me Noemi, (id est pulchram) sed vocate me Mara (id est amaram,) &c. pag.* 453. *col.* 2.

Ex Lib. 1. Regum.

Cap. 1. 10. *Cùm esset Anna amaro animo pag.* 453. *col.* 1.

Cap 2. 10. *Dominus dabit Imperium Regi suo, & sublimabit cornu Christi sui pag.* 440. *col.* 2.

Ibid. 21. *Ecce dies venient, & præcidam brachium tuum. pag.* 373. *col.* 2.

Cap. 17. 4. *Sex cubitorum, & palmi. pag.* 45. *col.* 1.

Ibid. 8. 9. *Eligite ex vobis virum, & descendat ad singulare certamen, &c. pag.* 41. *col.* 2. *& pag.* 73. *col.* 1.

Cap. 18. 7. *David autem decem millia. pag.* 41. *col.* 2. *& p.* 73. *col.* 1.

Cap. 21. 13. *Collabebatur inter manus eorum, & impingebat in ostia portæ. p.* 301. *col.* 1.

Cap. 24. 5. *Ecce dies de qua locutus est Dominus, tradam tibi inimicum tuum, &c. pag.* 128. *col.* 1.

Ibid. 6. *Post hæc percussit cor suum David pag.* 129. *col.* 1.

Ibid. 11. *Cogitavi ut occiderem te, sed pepercit tibi oculus meus.* Ibid.

Ex Lib. 2. Reg.

Cap. 12. 28. *Ne nomini meo ascribatur victoria pag.*

407. *columnn.* 2.
Cap. 16. 23 *Consiliũ Achitophel, quod dabat in diebus illis, quasi si quis consuleret Deum. pag.* 495. *col.* 1.

Ex Lib. 3. Reg.

Cap. 19. 4. *Petivit animæ suæ, ut moreretur. pag.* 74 *col.* 1.
Ibid. 10. 14. 19. *Derelinquam mihi in Jerusalem septem millia virorum, quorum genua, &c. pag.* 444. *col.* 1.

Ex Lib. 4. Reg.

Cap. 1. 9. 10. 11. 12. *Si homo Dei sum, descendat ignis de Cœlo. pag.* 204. *col.* 1.
Cap. 2. 9. *Fiat in me duplex spiritus tuus. pag.* 148. *col.* 2.
Ibid. 24. *Ascende calve: ascende calve. pag.* 397. *col.* 1.

Ex Lib. Job.

Cap. 1. 8. *Nunquid considerasti servum meum Job? pag.* 119. *col.* 1.
Ibid. 7. 8. *Circuivi terram, & perambulavi eam. pag.* 16. *col.* 2.
Cap. 7. 4. *Si dormiero, dicam, quando consurgam? pag.* 69. *col.* 2.
Ibid. 13. 14. 15. *Si dixero, consolabitur me lectulus meus: terrebis me per somnia, & per visiones, &c. pag.* 70 *col.* 1.
Ibid. 19. *Usquequo non parcis mihi, nec dimittis me, ut glutiam salivã meam? pag.* 74 *col.* 2.
Cap. 9. 18. *Implet me amaritudinibus pag.* 434. *col.* 1.
Cap. 13. 25. *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis, &c. pag.* 80. *col.* 1.
Cap. 14. 6. *Recede paululum ab eo, ut quiescat pag.* 74. *col.* 2.
Ibid. 16. *Tu quidem gressus meos dinumerasti. pag.* 431 *col* 1.
Cap. 24. 8 *Ite ad servum meum Job, &c. pag.* 203. *col.* 1.
Cap. 31. 1. *Pepigi fœdus cũ oculis meis, ne cogitarem quidem de Virgine p* 118. *col.* 2.

Ibid. 18. *Ab infantia crevit mecum miseratio. pag.* 472. *col.* 2.

Cap. 40. 4. *Si habes brachium sicut Deus, & si voce simili tonas. pag.* 131. *col.* 1.

Ex Lib. Psalmorum.

Psalm. 4. c. 10. *In pace in idipsum dormiam, & requiescam: quoniam, &c. p.* 340. *col.* 2.

Psalm. 8 7. *Constituisti eum super opera manuum tuarum, p.* 174. *col.* 1.

Ibid. 8. *Omnia subjecisti sub pedibus ejus. pag.* 192. *col.* 1.

Psalm. 10. 1. 2. *In Domino confido, quomodo, &c. p.* 201. *col.* 2.

Ibid. 17. *Desiderium pauperum exaudivit Dominus. p.* 189. *col.* 1.

Psalm. 15. 2. *Deus meus es tu, quoniã bonorum meorum non eges. p.* 285. *col.* 2.

Ibid. 10. *Nec dabis Sanctum tuum videre corruptionẽ. p.* 361. *col.* 1.

Psalm. 16. 15. *Satiabor, cùm apparuerit Gloria tua. pag.* 340. *col.* 1.

Psalm. 17. 3. *Dominus firmamentum meum. p.* 433. *col.* 1.

Ibid. 18. *Qui docet manus meas ad prælium. pag.* 33. *col.* 1.

Ibid. 34. *Qui perfecit pedes meos tanquam cervorum. p.* 31. *col.* 1.

Ibid. 35. *Posuisti ut arcum æreum brachia mea. pag.* 33. *col.* 1.

Ibid. 37. *Dilatasti gressus meos subtus me, & nõ sunt infirmata vestigia mea.* Ibid.

Ibid. 40. *Et supplantasti insurgentes in me subtus me.* Ibid.

Psalm. 18. 2. 3. *& seq. Dies diei eructat verbum, &c. p.* 163. *col.* 1. *&* 2.

Psalm. 21. 7. *Ego sum vermis, & non homo. p.* 421. *col.* 1.

Ibid. 16. *Et in pulverem mortis deduxisti me. pag.* 352. *col.* 2.

Psalm. 22. 1. *Dominus regit me, & nihil mihi deerit. pag.* 179. *col.* 1. *&* p. 231. *col.* 1.

Ibid. 4. *Virga tua, & baculus*

lus tuus ipsa me consolata sunt. p. 230. col. 2.

Psalm. 30. 16. *In manibus tuis sortes meæ. pag. 267. col. 1.*

Ibid. 20. *Quàm magna multitudo dulcedinis tuæ, &c. p. 318. col. 2.*

Psalm. 38. 13. *Advena ego sum, & peregrinus p. 342. col. 2.*

Psalm. 39. 5. *Qui non respexit in vanitates, & insanias falsas. p. 296. col. 1.*

Psalm. 41. 3. *Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei. p. 340. col. 1.*

Psalm. 44. 2. *Lingua mea calamus scribæ. pag. 459. col. 1.*

Psalm. 45. 2. *Deus noster refugium, & virtus. pag. 112 col. 1.*

Psalm. 49. 13. *Nunquid mãducabo carnes taurorum, &c. p. 285. col. 2.*

Psalm. 58. 2. *Eripe me de inimicis meis, Deus meus, &c. p 74. col 2.*

Psalm. 59. 5. *Ostendisti populo tuo dura, &c. p. 61. col. 2.*

Psalm. 61. 5. *Cucurri in siti. p. 329. col. 2.*

Ibid. 11. *Rapinas nolite cõcupiscere, &c. pag. 196. col. 2.*

Ibid. 12. *Semel locutus est Deus, duo hæc audivi. p. 449. col. 2.*

Psalm. 62. 2. *Sitivit in te anima mea, &c pag 334. col. 2.*

Ibid. 7. *In matutinis meditabor in te. p. 482. col. 2.*

Psalm. 68. 10. *Zelus Domûs tuæ comedit me. pag. 340 col. 1.*

Ibid. *Opprobria exprobrantium tibi ceciderunt super me. p. 397. col. 2.*

Psalm. 70 20. *Quantas ostendisti mihi tribulationes multas, &c. pag. 61. col. 2.*

Psalm. 71. 8. *Dominabitur à mari usque ad mare, &c. p. 428 col. 1.*

Psalm. 74. 9. *Veruntamen fæx ejus non est exinanita. p. 381. col. 1.*

Psalm. 75. 6. *Dormierunt somnum suum, &c. pag. 197. col 1.*

Ibid. 11. *Et reliquiæ cogitationis diem festum agẽt tibi. p. 9. col. 2. & seqq.*

Psalm. 76. 21. *Eduxisti populum*

pulum tuũ in manu Moysi, & Aaron. p. 231. *col.* 2.

Psalm. 82. 17. *Imple facies eorum ignominiâ, &c. p.* 270. *col.* 1.

Psalm. 86. 1. *Diligit Dominus portas Sion, &c. p.* 394. *col.* 1.

Ibid. 2. *Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei.* Ibid.

Ibid. 3. 4. *Memor ero Rahab, &c.* Ibid.

Psalm. 90. 7. *Cadent à latere tuo millia, & decem millia, &c. p.* 373. *col.* 2.

Psalm. 100. 8. *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ. p.* 482. *col.* 2.

Psalm. 109. 6. *Judicabit in nationibus, implebit ruinas. p.* 150. *col.* 2.

Psalm. 113. 1. *Non nobis Domine, non nobis, sed, &c. p.* 404. *col.* 2.

Psalm. 118. 29. *Viam iniquitatis amove à me. pag.* 341. *col.* 2.

Ibid. 139. *Tabescere me fecit zelus meus. pag.* 340. *col.* 1.

Psalm. 120. 1. 2. *Levavi oculos meos in montes, &c. p.* 186. *col.* 1.

Psalm. 130. 1. *Nec in mirabilibus super me. pag.* 309. *col.* 1.

Psalm. 131. 1. *Memento Domine David. pag.* 203. *col.* 2.

Ibid. 2. *Votum vovit Deo Jacob. p.* 287. *col.* 7.

Psalm. 134. 7. *Fulgura in pluviam fecit. pag.* 456. *col.* 1.

Psalm. 142. 10. *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu. p.* 64. *col.* 1.

Ex Lib. Proverbiorum.

Cap. 3. 32. *Cum simplicibus sermocinatio ejus. p.* 314. *col.* 1.

Cap. 8. 30. *Cum eo eram cuncta componens, ludens in orbe terrarum. pag* 258. *col.* 2.

Cap. 12. 7. *Verte impios, & non erunt. pag.* 433. *col.* 1.

Cap. 16. 33. *Sortes mittuntur in sinum, sed à Domino temperantur. p.* 266. *col.* 2.

Cap. 30. 15. *Tria sunt insaturabilia, & quartum nũ-*

quam dicit, sufficit. pag. 87. *col.* 1. *& p.* 337. *col.* 1.
Ibid. 18. 19. *Tria sunt difficilia mihi, viam aquilæ in Cœlo, viam colubris, &c. p.* 217 *col* 2.
Cap. 31. 10. *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus. p.* 276 *col.* 2.
Ibid. 14. 18. *Facta est quasi navis institoris de longe portans, &c. p.* 280. *col.* 1.

Ex Lib. Cantic. Canticor.

Cap. 1. 7. *Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres. p.* 419. *col.* 2.
Ibid. 15. 16. *Lectulus noster floridus, tigna domorum, &c. p* 93. *col.* 1.
Cap. 2. 4. *Introduxit me Rex in cellam vinariam, &c. p.* 319 *col.* 1.
Ibid. 8. *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles. p.* 444. *col.* 2.
Cap. 3 10 *Media charitate constravit propter filias Jerusalem. p.* 97 *col.* 1.
Cap. 4. 11. *Mel, & lac sub lingua tua p.* 164. *col.* 1.
Ibid. *Favus distillans labia tua. p.* 453. *col.* 1.
Ibid. 16. *Surge Aquilo, & veni Auster, perfla hortum meü, &c. p.* 153 *col.* 1.
Cap. 5. 7. *Percusserunt, & vulneraverunt me, & tulerunt pallium meum mihi, &c. p.* 111. *col.* 2.
Cap. 6. 9. *Pulchra ut Luna, electa ut Sol, &c. pag.* 150. *col.* 2.
Cap. 7. 1. *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis. p.* 458. *col.* 2.
Ibid. 7. *Statura tua assimilata est palmæ. p.* 43. *col* 1.
Cap. 8. 3. *Læva ejus sub capite meo, &c. pag.* 364. *col* 1.

Ex Lib. Sapientiæ.

Cap. 5. 4. *Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam. p.* 297 *col.* 1.
Cap. 15. 21. *Æstimaverunt lusum esse vitam nostram. p.* 272. *col.* 2.

Ex Lib. Ecclesiastici.

Cap. 1. 7. *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat p* 286 *col.* 1.

Cap.

Cap. 4. 8. *Unus ejt, & secũdum non habet, non filiũ, non fratrem, & tamen, &c. p.* 328. *col.* 1.

Cap. 6. 15. *Amico fideli nulla est comparatio. p.* 238. *col.* 1.

Ibid. 16. *Amicus fidelis medicamentum vitæ, & immortalitatis. p.* 239 *col* 1.

Cap. 10. 8. *Regnum à gente in gentem trãsfertur propter injustitias, &c. pag.* 267. *col.* 1.

Cap. 11. 2. *Da partem septem, nec non & octo, quia ignoras quid futurum sit mali. p.* 280. *col.* 2.

Cap. 39 5. *In terram alienigenarum gentium pertransiet. p.* 429. *col.* 2.

Cap. 41. 1. *O mors, quàm amara est memoria tua! p.* 452. *col.* 2.

Cap. 43. 26. *Qui navigant mare, enarrent pericula ejus. p.* 278. *col.* 1.

Cap. 44. 1. 2. *Laudemus viros gloriosos in generatione sua. p.* 391. *col.* 1.

Ex Proph. Isaiæ.

Cap. 2. 4. *Conflabunt gladios suos in vomeres. p.* 139. *col.* 2.

Cap. 11. 8. *Delectabitur infans ab ubere super foramine aspidis. p.* 475. *col* 1.

Cap. 18. 7. *Gentem expectantem expectantem. p.* 400. *col.* 2.

Cap. 23. 4. *Erubesce Sidon, ait mare. p.* 88 *col* 2.

Cap. 25. 6. *Vindemia defæcata p.* 381. *col* 1.

Cap. 36. 7. *Quòd si responderis mihi, in Domino Deo nostro confidimus. p.* 202. *col.* 1.

Cap. 38. 15. *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ. p.* 456. *col.* 2.

Cap. 40. 31. *Assument pennas sicut Aquilæ p.* 431. *col.* 2.

Cap. 45. 24. *Mihi curvabitur omne genu. pag.* 444. *col.* 1.

Cap. 48. 11. *Gloriam meam alteri non dabo pag.* 404. *col.* 2.

Cap. 52. 7. *Quàm pulchri super montes pedes annũtiantis, &c. pag.* 426 *col.* 2. *& p.* 445 *col.* 2.

Cap. 53. 8. *Propter scelera populi*

popult mei percussi eum. p. 316. *col.* 2.
Cap. 58. 9. *Invocabis, & Dominus exaudiet, &c. p.* 282. *col.* 2.
Cap. 60. 1. *Surge, illumina re Jerusalem, &c. p.* 398. *col.* 1.
Ibid. 2. 3. *Gloria ejus in te videbitur, &c. col.* 2.
Ibid. 4. *Filij tui de longe venient, &c. p.* 152. *col.* 1.
Ibid. 6. *Omnes de Saba venient, &c. pag.* 399. *col.* 1.
Ibid. 8. 9. *Qui sunt isti, qui ut nubes volant, &c. pag.* 400. *col.* 2.
Cap. 63. 2. *Quare rubrum est indumentum tuum? p.* 108. *col.* 1.
Cap. 65. 17. *Ecce ego creo Cœlos novos, & terram novam. pag.* 436. *col.* 1.

Ex Proph. Jeremiæ.

Cap. 1. 8. 10. *Tecum sum, ut eruam te. p.* 60. *col.* 1.
Ibid. 13. *Ollam succensam ego video. p.* 291. *col.* 1.
Ibid. 14. *Ab Aquilone pandetur omne malum. p.* 291. *col.* 1.
Ibid. 17. *Nec enim timere te faciam. pag.* 368. *col.* 2.
Cap. 5. 7. *Super quo propitius tibi esse, &c. pag.* 190. *col.* 2.
Cap. 15. 1. *Si steterit Moyses, & Samuel coram me, non est, &c. p.* 103. *col.* 1.
Cap. 16. 16. *Ecce ego mittam piscatores multos, &c. pag.* 172. *col.* 2.
Cap. 17. 5. *Maledictus homo, qui confidit in homine. pag.* 201. *col.* 1.
Ibid. 7. *Benedictus vir, qui confidit in Domino, & erit Dominus fiducia ejus.* Ibid.
Cap. 20. 14. 18. *Maledicta dies, in qua natus sum: quare de vulva egressus sum, &c. pag.* 74. *col.* 2.

Threnorum.

Cap. 2. 13. *Magna est velut mare contritio tua. pag.* 452. *col.* 1.
Cap. 3. 28. *Sedebit solitarius, & tacebit, &c. pag.* 309. *col.* 1.

Ex Proph. Danielis.

Cap. 2. 29. *Tu, Rex, cogitare*

re cœpisti instrato tuo. p. 8. col. 1.

Ibid. *Cogitare cœpisti quid futurum esset post hæc.* Ibid. col. 2.

Cap. 3. 71. *Benedicite noctes, & dies Domino. p.* 163. *col.* 1.

Cap. 5. 27. *Appensus est in statera, & inventus es minus habens. pag.* 5. *col.* 1.

Cap. 10. 6. *Et vox sermonum ejus ut vox multitudinis. pag.* 446. *col.* 2.

Cap 13. 23. *Melius est mihi incidere in manus vestras, quàm peccare in conspectu Domini. pag.* 127. *col.* 1.

Ibid. 35. *Erat enim cor ejus fiduciam habens in Domino. pag.* 202. *col.* 1.

Cap. 16. 19. *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris, ipsi convertentur ad te. p.* 37. *col.* 1.

Ex Proph. Oseæ.

Cap. 2. 16. *Non vocabit me ultra Baalim. pag.* 396. *col.* 2.

Ibid. 17. *Et auferam nomina Baalim de ore ejus. pag.* 397. *col.* 1.

Ex Proph. Jonæ.

Cap. 1. 2. *Vade in Ninivem Civitatem grandem, & prædica in ea. pag.* 6. *col.* 1.

Ibid. 5. *Miserunt vasa, quæ erant in navi, in mare, ut alleviarentur. pag.* 281. *col.* 2.

Cap. 3. 6. *Pervenit verbum ad Regem Ninive. p.* 435. *col.* 1.

Ex Proph. Zachariæ.

Cap. 2. 4. *Absque muro habitabitur Jerusalem præ multitudine hominum. p.* 394. *col.* 2.

Cap. 13. 6. *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum? pag.* 108. *col.* 1.

Ex Proph. Malachiæ.

Cap. 3. 1. *Ecce ego mitto Angelum meum. pag.* 424. *col.* 2.

Ex Lib. 1. Machabæorum.

Cap. 6. 39. *Refulsit Sol in clypeos*

clypeos aureos, & resplẽduerunt montes ab eis. p. 414. col. 1.

Ex Lib. 2. Machab.

Cap. 15. 7. *Machabæus autem semper cõfidebat cum omni spe auxilium sibi à Deo affuturum. pag. 201. col. 2.*

Ibid. 13. 14. *Hic est, qui multum orat pro populo, & sancta Civitate Jeremias Propheta Dei. pag. 203. col. 1.*

Ex Evangel. D. Matthæi.

Cap. 1. 20. *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei. pag. 9. col. 1.*

Cap. 2. 2. *Vidimus Stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum. p. 399. col. 1.*

Ibid. 16. *Videns quoniam illusus esset à Magis. pag. 290. col. 2.*

Cap. 4. 3. *Dic ut lapides isti panes fiant. pag. 243. col. 2.*

Ibid. 6. *Mitte te deorsum.* Ibid.

Ibid. 9. *Hæc omnia tibi dabo.* Ibid.

Cap. 5. 6. *Beati qui esuriunt, & sitiunt justitiam. pag. 87. col. 2.*

Ibid. 16. *Sic luceat lux vestra coram hominibus, &c. pag. 389.*

Cap. 6. 1. *Ne justitiam, vestram faciatis coram hominibus, ut viaeamini ab eis. pag. 413. col. 2.*

Ibid 3. *Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua. pag. 420. col. 1.*

Cap. 10. 5. 6. *In viam gentium ne abieritis. p. 180. col. 1.*

Ibid. 9. *Nolite possidere aurum, neque argentum, &c. pag. 178. col. 1.*

Cap. 12. 28. *Venite ad me omnes. pag. 328. col. 2.*

Cap. 13. 46. *Inventa una pretiosa margaritâ, &c. pag. 326. col. 1.*

Cap. 14. 30. 31. *Modicæ fidei, quare dubitasti? pag. 225. col. 2.*

Cap 15. 24. *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierũt domûs Israël. pag. 445. col. 1.*

Cap. 16. 24. *Si quis vult post me*

me venire, &c. pag. 417. *col.* 1.
Ibid. 29. *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, &c. p.* 350. *col.* 2.
Cap. 17. 4. *Bonum est nos hic esse. pag.* 342. *col.* 1.
Ibid. 5. *Et ecce vox de nube dicens...ipsum audite. pag.* 68. *col.* 2.
Cap. 19. 6. *Quod Deus conjunxit, homo non separet. pag.* 37. *col* 2.
Ibid. 21. *Vende quæ habes, & da pauperibus. p.* 249. *col.* 2.
Cap. 21. 19. *Nihil invenit in ea, nisi tantùm folia. p.* 305 *col* 1.
Cap. 24. 21. *Qualis non fuit ab initio. pag.* 76. *col.* 2.
Cap. 26. 12. *Mittens hæc unguentum hoc in Corpus meum, ad sepeliendum me fecit. pag.* 124 *col.* 2.
Ibid. 28. *Hic Sanguis meus, qui pro vobis effundetur. pag.* 109. *col.* 2.
Ibid. 41. *Vigilate, ne intretis in tentationem. pag* 103. *col.* 1.
Ibid. 73. *Nam & loquela tua manifestum te facit. pag.* 448. *col.* 1.
Cap. 27. 52. *Monumenta aperta sunt. pag.* 356. *col.* 1.
Cap. 28. 10. *Ite, nuntiate fratribus meis. pag.* 21. *col.* 1.
Ibid. 19. *Docete omnes gentes, baptizantes eos. pag.* 169. *col* 2.

Ex Evang. D. Marci.

Cap. 3. 21. *Cùm audissent sui, exierunt tenere eum: dicebant enim quoniam in furorem versus est. pag.* 311. *col.* 2.
Cap. 16 15. *Euntes in mundum universum, prædicate...omni creaturæ. pag.* 180. *col.* 1. *& pag.* 429. *col.* 2.
Ibid. 18. *In nomine meo dæmonia ejicient..serpentes tollent, &c. pag.* 409 *col.* 1.

Ex Evang. D. Lucæ.

Cap. 1. 8. *Respexit humilitatem ancillæ suæ p.* 419. *col.* 2.
Cap. 2. 1. *Ut describeretur univer-*

universus orbis. pag. 174. *col.* 1.

Ibid. 49. *Nesciebatis quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse? pag.* 461 *col* 2.

Cap 5. 4. *Duc in altum. pag.* 307. *col* 1.

Ibid. 10. *Ex hoc jam homines eris capiens pag.* 307. *col.* 2.

Cap. 6 19. *Omnis turba quærebat eum tangere, quia, &c pag.* 332. *col* 1.

Cap. 7. 26 *Prophetam, & plusquam Prophetam. p.* 420. *col.* 2.

Cap. 8. 45. *Turbæ te comprimunt? pag.* 332. *col.* 1.

Ibid. 52. *Non est mortua puella, sed dormit. pag.* 409. *col.* 1.

Cap. 9. 31. *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Jerusalem. p.* 68. *col.* 1.

Cap. 10. 16 *Qui vos audit, me audit p.* 377. *col.* 1.

Cap. 12. 32. *Adhuc illo longe agente, rogat ea, quæ pacis sunt. pag.* 118. *col.* 1.

Ibid. 35. *Sint lumbi vestri præcincti, lucernæ, &c. pag.* 2. *col.* 2.

Ibid. 38 *Beati sunt servi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes. pag.* 1. *&* 2. *&* 3.

Cap. 13. 23. *Quem diligebat. pag.* 21. *col* 1.

Cap. 15. 4. *Quis ex vobis homo. pag.* 325. *col.* 1.

Cap. 18. 25. *Facilius est camelum per foramen acus transire, quàm divitem intrare, &c. pag.* 249. *col.* 1.

Cap. 19. 27. *Ecce Mater tua. pag.* 21. *col.* 1.

Cap. 22. 17. *Dividite inter vos. pag.* 323. *col.* 2.

Ibid. 35. 36. *Quando misi vos sine sacculo, &c. pag.* 178. *col.* 1.

Ibid. *At illi dixerunt: Nihil, &c. p.* 179. *col.* 2.

Ibid. 43. *Et factus in agonia. pag.* 84. *col.* 1. *& pag.* 123. *col.* 1.

Ex Evang. D. Joannis.

Cap. 1. 21. *Propheta es tu? Et respondit, non. pag.* 420. *col* 2.

Cap. 3. 16. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum*

suum unigenitum daret. pag. 18. *col.* 2.

Cap. 4. 6. *Sedebat sic. pag.* 336. *col.* 2.

Ibid. 32. *Ego habeo cibum mãducare, quem vos nescitis pag.* 24. *col.* 1.

Ibid. 33. *Nunquid aliquis attulit ei manducare? col.* 2.

Ibid. 35. *Ecce dico vobis, levate oculos vestros, & videte regiones, quia albæ sunt ad messem.* Ibid.

Cap. 10. 14. *Ego sum Pastor bonus, & cognosco oves meas. pag.* 218. *col.* 2.

Ibid. 22. *Multa opera bona ostendi vobis pag.* 61. *col.* 2.

Cap. 11. 11. *Lazarus amicus noster. pag* 250. *col.* 2.

Cap. 12. 19. *Totus mundus post eum abijt. pag.* 332. *col.* 2.

Cap. 13. 1. *Ante diem festum Paschæ...cùm dilexisset suos, in finem dilexit eos. pag.* 343. *col.* 2.

Ibid. 24. *Innuit ergo huic Simon Petrus, & dixit ei: Quis est, de quo dicit? pag* 203. *col* 2.

Cap. 14. 11. *Ego in Patre, & Pater in me est. p.* 148. *col.* 1.

Ibid. 12. *Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, & maiora horum faciet. pag.* 123. *col.* 2.

Ibid. 13. *Quidquid petieritis Patrẽ in nomine meo, dabit vobis. pag.* 242. *col.* 2.

Ibid. 28. *Vado, & venio ad vos. pag* 344. *col.* 2.

Cap. 15. 20. *Si me persecuti sunt, & vos persequentur. pag.* 354. *col.* 2.

Cap. 16. 28. *Exivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mũdum, &c. pag.* 365. *col.* 1.

Cap. 19. 28. *Sitio. pag.* 65. *col.* 2.

Ibid. 28. 30. *Sitio...Consummatum est. pag.* 335. *col.* 2.

Ibid. 30. *Inclinato capite. pag.* 337. *col.* 1.

Cap. 21. 15. *Diligis me plus his? pag.* 85. *col.* 2.

Ibid. 16. 17. *Pasce agnos meos. pag.* 218. *col.* 1.

Ex Lib. Actuum Apostolorum.

Cap. 2. 3. *Apparuerunt dispertitæ linguæ. pag.* 164. *col.* 2.
Ibid. 8. *Quomodo nos audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus? pag.* 448. *col.* 2.
Ibid. 13. *Quia musto pleni sunt isti. pag.* 320. *col.* 1.
Ibid. 27. *Non dabis Sanctũ tuum videre corruptionem. pag.* 352. *col.* 1.
Cap. 3. 6. *Argentum, & aurum non est mihi. pag.* 186. *col.* 2.
Ibid. 8 *Exiliens, & laudans Deum. pag.* 412. *col.* 1.
Ibid. 12. *Viri Israelitæ, quid miramini, in hoc, aut nos quid intuemini? pag.* 412. *col.* 2.
Cap. 5. 41. *Ibant Apostoli gaudentes, &c. pag.* 453. *col.* 1.
Cap. 9. 5. *Ego sum Jesus, quem tu persequeris. pag.* 64. *col.* 1.
Ibid. 16. *Ego ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati. pag.* 61. *col.* 1.
Cap. 10. 10. *Cùm esuriret, voluit gustare. pag.* 22. *col.* 2.
Ibid. *Parantibus autem illis.* Ibid.
Ibid. 11. *Et vidit Cœlum apertum, & descendens vas quoddam velut linteum magnum, &c.* Ibid.
Cap. 12. 5. *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo. pag.* 442. *col.* 1.
Ibid. 7. *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* Ibid. & *pag.* 369. *col.* 1.
Ibid. 8. *Circumda tibi vestimentum tuum. pag.* 2. *col.* 2.
Cap. 16. 9. *Et visio per noctem Paulo ostensa est: vir Macedo quidam, &c pag.* 26. *col.* 2.
Cap. 20. 22. *Et nunc ecce ego alligatus, &c. pag* 61. *col.* 2.
Cap. 25. 12. *Cæsarem appellasti, ad Cæsarem ibis. p.* 468. *col.* 1.

Ex Epist. D. Pauli Apost. ad Rom.

Cap. 4. 20. *In repromissione Dei*

Dei non hæsitavit diffidentia, sed confortatus, &c. pag. 201. col. 2.

Cap. 5. 12. *Per peccatum mors. pag. 352. col. 1.*

Ibid. 34. *Qui etiam interpellat pro nobis. pag. 339. col. 1.*

Cap. 8. 32. *Sed pro nobis omnibus tradidit illum. pag. 322. col. 2.*

Ibid. 35. 38. *Quis nos separabit à charitate Christi? Tribulatio, an angustia, &c. pag. 77. col. 1.*

Cap. 9. 3. *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis. p. 310. col. 2.*

Cap. 10. 12. *Dives in omnes, qui invocant illum. pag. 322. col. 2.*

Ex Epist. 1. ad Corinth.

Cap. 1. 23. *Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum, &c. pag. 314. col. 1.*

Ibid. 31. *Qui gloriatur, in Domino glorietur. pag. 405. col. 2.*

Cap. 4. 7. *Quid autem habes, quod non accepisti? pag. 286. col. 1.*

Ibid. 15. *Per Evangelium ego vos genui. pag. 475. col 2.*

Cap. 9. 15. *Bonum est mihi magis mori, quàm ut gloriam meam quis evacuet. pag 184. col. 1.*

Ibid. 22. *Omnibus omnia factus sum. pag. 484. col. 1.*

Ibid. 25. *Et illi quidem ut corruptibilem coronã accipiant, nos autem in. corruptam. pag. 361. col. 2.*

Cap. 10. 13. *Fidelis autem Deus est, qui non patietur vos tentari supra id, quod potestis. pag. 103. col. 2.*

Cap. 11. 24. *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur pag. 323. col. 2.*

Cap. 13. 1. *Si linguis hominum loquar, & Angelorum. pag. 446. col. 1.*

Ibid. 7. *Charitas omnia suffert. pag. 79. col. 1.*

Cap. 14. 18. *Gratias ago Deo meo, quòd omnium vestrum linguam loquor. pag 447. col. 2.*

Cap. 15. 10. *Plus omnibus laboravi. pag. 63. col. 1.*

Ibid. 53. 54. *Oportet corruptibile hoc induere in-*

corruptionem, & mortale hoc, &c. pag. 353. col. 2.

Ex Epist. 2. ad Corinth.

Cap. 5. 6. *Peregrinamur ad Dominum. pag. 342. col. 2.*
Cap. 6. 10 *Nihil habentes, & omnia possidentes. pag. 176 col. 1.*
Cap. 8 9. *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, &c. pag. 194. col. 1.*
Cap. 10 3. *In carne ambulantes. pag. 30[illegible]. col. 1.*
Ibid 17. *Qui gloriatur, in Domino glorietur. pag. 184. col. 1.*
Cap. 11. 27. *In laboribus, & ærumna, &c pag. 63. col. 1.*
Ibid. 32. 33. *Præpositus gentis Aretæ, &c. pag. 468. col. 1.*
Cap. 12. 2. *Ante annos quatuordecim. pag. 62. col. 2.*
Ibid. *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio. pag. 65. col. 1.*
Ibid. 7. *Ne magnitudo revelationum extollat, &c. pag. 115. col. 2.*
Ibid. 9. *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis. p. 117. col. 2.*

Ex Epist. ad Galatas.

Cap. 2. 20 *Qui dilexit me, & tradidit semetipsum pro me. pag. 322. col. 2.*
Ibid. *Ego jam non ego. pag. 417. col 1.*
Cap 5. 17. *Caro concupiscit adversus spiritum, &c. pag. 118 col. 2.*

Ex Epist. ad Ephesios.

Cap. 3. 15. *Ex quo omnis Paternitas in Cœlis, & in terra nominatur. pag. 148. col. 1.*

Ex Epist. ad Philippenses.

Cap. 1. 18. *Dum omni modo, sive per occasionem, sive per veritatem, &c. pag. 397. col 2.*
Ibid 23 *Desiderium habens dissolvi, &c. pag. 310. col. 2.*
Ibid. 24. *Permanere autem necessarium propter vos. pag.*

pag. 343. *col.* 2.

Cap. 3. 20. *Nostra autem conversatio in Cælis est. pag.* 304. *col.* 1.

Cap. 4. 13. *Omnia possum in eo, qui me confortat. pag.* 80. *col.* 2.

Ex Epist. 1. ad Timotheũ.

Cap. 1. 9. *Quia lex justo non est posita. pag.* 375. *col.* 1.

Ibid. 15. *Peccatores salvos facere, quorum primus ego sum. pag.* 418. *col.* 2.

Ibid. 17. *Hoc præceptum commendo tibi, &c. pag.* 406. *col.* 1.

Cap. 6. 9. *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli. pag.* 246. *col.* 1.

Ex Epist. ad Hebræos.

Cap. 1. 3. *Purgationem peccatorum faciens pag.* 339. *col.* 1.

Cap. 11. 6. *Accedentem ad Deum oportet credere, quia est, & remunerator sit, pag.* 64. *col.* 1.

Ibid. 24. 25. 26. *Fide Moyses grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis, &c. pag.* 454. *col.* 1.

Cap. 12. 4. *Nondum usque ad sanguinem restitistis adversus peccatum repugnantes. pag.* 116. *col.* 2.

Cap. 13. 14. *Non habemus hic manentem Civitatem, sed futuram inquirimus. pag.* 342. *col.* 2.

Ex Epist. 1. B. Petri Apost.

Cap. 1. 18. 19. *Non corruptibilibus auro, vel argento, sed pretioso Sanguine quasi agni immaculati Christi pag.* 361. *col.* 2.

Cap. 2. 11. *Tanquam advenas, & peregrinos. pag.* 342. *col.* 2.

Cap. 4. 11. *Si quis loquitur tanquam sermones Dei. pag.* 450. *col.* 1.

Cap. 5. 2. *Fratres, sobrij estote, & vigilate, quia adversarius vester, &c pag.* 102. *col.* 1. *&* 116. *col.* 2.

Ex Epist. 2. B. Petri Apost.

Cap. 1. 15. *Dabo operam, & frequenter habere vos post obitũ meũ. p* 203. *c.* 2.

Ibid. 18. 19. *Et hanc vocem nos audivimus à Cœlo allatam, cùm essemus cum ipso in monte sancto: & habemus, &c. pag.* 376. *col* 2.

Ex Epist. 1 B. Ioannis Apostoli.

Cap. 5. 19. *Mundus in maligno positus est pag.* 433. *col* 2.

Ex Lib. Apocalypsis.

Cap. 4 8. *Sanctus, Sanctus, Sanctus pag* 66. *col* 2

Cap. 6. 11. *Et datæ sunt illis singulæ stolæ albæ, & dictum est illis, ut requiescerent adhuc tempus modicum pag* 342. *col.* 1.

Cap. 8. 1. *Factum est silentium in Cœlo quasi media horâ. pag.* 66. *col.* 2.

Ibid. 3. *Ut daret de orationibus Sanctorum omnium.* Ibid.

Cap. 10. 1. *Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. pag.* 172.

Ibid. 1 2. *Et vidi alium Angelum descendentem de Cœlo, amictum nube, &c. pag.* 142. *col.* 2. *& pag.* 154. *col.* 2.

Ibid. 2. *Et in manu ejus libellum apertum. pag.* 382. *col.* 2.

Ibid. 3. *Et clamavit voce magna, quemadmodum cùm Leo rugit: & cùm clamassèt, &c pag.* 145. *col.* 2

Ibid. 9 *Dixit mihi: Accipe librum, & devora illum, & faciet amaricari ventrem tuum, sed in ore tuo erit dulce, tanquam mel. pag.* 454. *col* 2.

Cap. 12. 1. *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim. pag* 141 *col.* 2.

Cap. 21 1. *Vidi Cœlum novum, & terram novam: primum enim Cœlum, & prima terra abiit, & mare jam non est. pag.* 436. *col.* 2.

Ibid. 17. *Mensura hominis, quæ est Angeli. pag.* 430. *col.* 2.

INDEX

Das couſas mais notaveis.

A

Açoens de Xavier ſe avaliavaõ no principio por doudices de hũ Clerigo Santo. pag. 298. col. 1.

Achens desbaratados em huma Armada de ſeſſenta velas por oito juncos de Malàca apreſtados com a diligencia de Xavier, & alentados por elle. pag. 211. col. 1.

Alexandre naõ envejou o valor, & façanhas de Aquilles, ſenaõ a penna de Homero, com que foraõ eſcrittas. pag. 1. col. 2. Sendo de doze annos, naõ ſe preſava de entrar nos jogos Olympicos, porque naõ achava nelles Reys, que com elle competiſſem. pag. 31. col. 1. Naõ ſe atreveo a paſſar o Ganjes, julgando-o por temeridade, & eſta conquiſta coube no coraçaõ de Xavier. pag. 52. col. 1.

Alpargatas do idolo de Retorà avaliadas em duzentos mil cruzados. pag. 96. col. 1.

Amar he querer bem, & amar mais he querer padecer males pela couſa amada. pag. 86. col. 1.

Amor de Deos mede o que ama pelo que dà. pag. 18. col. 2.

Amor em todos os parenteſcos he accidente que ſe pòde mudar, porèm no

no amigo fiel he essencia, & por isso immutavel. pag. 238. col. 2.

Amor naó se governa pela causa, mas regula-se pelos effeitos. pag. 21. col. 2.

Anjo lutando com Jacob, porque lhe pedio que o largasse. pag. 32. col. 1.

Armas, com que a vigilancia se defende contra os assaltos do sono, saó tres, & quaes. pag. 2. col. 2.

Asia brevemente descritta. pag. 14. col. 2.

Attalo insigne Filosofo dizia que o nam desejar cousa alguma era competir com o deos Jupiter, porque este nada deseja. pag. 195 col. 2.

B

BAdagàs, gente ferós, & cruel, imperiosamente reprimidos por Xavier na mayor furia, com que entràram assolando os Christãos de Travancor. pag. 299. col. 1.

Baptista negou q̃ era Profeta, porque disse o que sentia de si; & Christo affirmou que era mais que Profeta, pelo que delle sabia. pag 420 col. 2.

Batalha naval animada por Saõ Francisco Xavier de oito fustas contra sessenta velas inimigas gloriosamente desbaratadas. pag. 206 col. 1. & seqq.

Batalhas da castidade. O modo mais seguro de vencer nèllas he fugindo, mas o mais glorioso he vencer pelejádo. pag. 112. col. 1.

Batechina, povos mais barbaros, & inhumanos do Oriente, a quem naó receou ir prègar o Santo Xavier. pag. 180. col. 2. & seqq.

Bençam que os pays, & mãys illustres davaõ aos filhos, que se embarcavaõ antiguamente para a India. pag. 273. col. 1. & 2.

Bonzos saõ os falsos sacerdotes do Japam; estes elejem hum grande Letrado

trado entre elles para disputar, & convencer a Sam Francisco Xavier diante do seu Rey. pag. 39. col. 2.

Braço direito de Xavier cortado, & procurado pelo Papa Paulo Quinto, a quem se levou antes de beatificado. pag 362. col. 2.

C

CAbeça de Christo inclinada em sua morte foy demõstraçaõ de que nos offerecia os hombros. pag 337. col. 2.

Cadeas de ferro com que se disciplinava o Santo. pag. 369 col. 2.

Calvino symbolizado na Estrella cahida do Ceo, que refere o Apocalypse. pag. 144. col. 1.

Caridade de Xavier em acodir aos necessitados, sem o invocarem. pag. 346 col. 1.

Cautela de Xavier em aniquilar a gloria de suas obras. pag. 408. col. 1.

Chapins da Rainha de Portugal era hum tributo, que se lhe pagava na India, & o Santo pedio à Rainha Dona Catharina que o largasse para estipẽdio dos cathequizantes, que o ajudavaõ, & acodiam aondé elle naõ podia. pag. 458. col. 2.

China. Consta seu Imperio de quinze Provincias como grandes Reynos, & de cento, & dezoito milhoens de Vassallos. pag. 301. col. 2.

China. Seu Imperio he o braço direito da Asia; & sua soberba. pag. 28. col. 2. & seqq.

Christãos da India Sua dissoluçaõ quãdo là entrou Xavier. pag 433 col. 2.

Christo nosso Senhor suou no Horto com a consideraçam dos trabalhos futuros, que havia de padecer a sua Igreja, & os seus servos. pag. 84. col 2. Tres vezes pergũtou a Saõ Pedro se o amava mais que os outros Discipulos, & respondé-

do ao amar, naõ deferio ao mais; porèm Xavier satisfez às tres perguntas com tres mais. pag. 86. col. 1. Presou-se tanto do Sangue derramado, & das feridas abertas, que resuscitou as feridas, & sacramentou o Sangue, &c. pag. 110 col. 2. Christo como Pastor celestial tanto estimou huma ovelha, como noventa, & nove: assim Xavier. pag. 325 col 2. Porque Christo naõ pode matar a sede na Cruz, a sede o matou pag 335. col. 2. E esta foy a causa de morrer Xavier às portas da China, aonde queria matar a sede da conversaõ. pag. 336. col. 2.

Cirio aceso diante do Sagrado corpo de Xavier, que ao mais podia durar 24. horas, perseverou aceso 18. dias, & 18. noites, & depois se lhe achou o primeiro peso. pag. 387. col. 2.

Confiança em Deos de Xavier acreditada em dous casos admiraveis. pag. 204. col. 2. & seqq. A que se tinha nas promessas de Xavier. pag. 221. col. 1.

Confiar nos homens reprova o Espirito Santo, mas confiar nos homens de Deos he confiar no mesmo Deos. pag. 204. col. 1.

Corpo de Xavier incorrupto, & cheiroso depois de morto. pag. 352. col. 1. Ficou conservando os accidentes de vivo. pag 353. col 2

Cuidados. Veja se a palavra Sonhos.

D

DEclinaçam das Monarquias porque succede. pag. 268. col. 1. & seqq.

Delirio do amor Divino considerou Saõ Bernardo a fineza da Encarnaçaõ. pag 315. col. 1.

Demonio entra em hum corpo humano para estorvar a Doutrina, que estava fazendo o Santo Xavi-

Xavier, & mandando-lhe hum daquelles meninos que lhe rezaſſe o Credo, o deixou fruſtrado, & corrido. pag. 165. col. 2.

Tentou a Chriſto com paõ, honra, & mando; & com iſto tenta aos que pertẽdem deſpachos para a India, & por iſſo o Santo lhos deſviava. pag. 243. col. 2.

Dente de bugio, em que idolatravaõ os Pegùs, & offereciaõ por elle trezentos mil cruzados ao Viſo-Rey Dom Conſtãtino de Bragança, que naõ aceitou, antes o mãdou queimar, & lançar ao vẽto feito em pò. pag. 245. col. 1.

Deos do mar, & Deos da terra chamavaõ os Gentios a Xavier. pag. 190. col. 1.

Deſapego com que Xavier nam quiz ver ſua mãy, vindo para Portugal, & o como Deos lhe pagou eſta fineza. pag 460. col. 2.

Deſpachos, & officios del-Rey quaõ arriſcados os julgava o Santo Xavier. pag. 235. col. 1. & ſeqq.

Diſfarces de Xavier para occultar a gloria de ſuas obras. pag. 410. col. 1.

Dom de linguas infuſo em Xavier. pag. 446. col. 1.

Dom de profecia conhecido em Xavier. pag. 269. col. 1.

Dominio do mundo nam conſiſte em o poſſuir, ſenaõ em o pizar, & deſte modo o dominou Xavier. pag. 193. col. 2.

Doudices. Aſſim como ha humas, que arguem falta no juizo, aſſim ha outras, que o qualificam; humas vãs, & outras ſantas. pag. 296 col. 1.

Doudices de Xavier enſinadas por Santo Ignacio, confirmadas pelos Apoſtolos, conſagradas em Chriſto, & divinizadas em Deos. pag. 316. col. 1. Como ſe pòdem imitar. pag. 317. col. 1.

E

ELogio do Grande Affonſo de Albuquerque.

que. pag. 268. col. 2.
Emblema da converſaõ de Xavier. pag. 140. col. 1.
Eſcola de Xavier enſinou no Japaõ a fazer doce a amargura das afrontas, tormẽtos, & morte pag. 454 col. 1.
Eſpada de Santo Ignacio offerecida a noſſa Senhora de Monſerrate, ſe forjou della o arado de Xavier. pag. 139 col. 2.
Exemplar do deſpreſo das felicidades do mundo julgado por doudice foy Santa Paula para as mulheres. pag. 317. col. 2.
Exemplos da humildade de Xavier. pag. 415. col. 2.

F

FEridas foraõ as inſignias da vitoria, & a gala do triunfo, com que Chriſto entrou no Ceo. pag. 108. col. 1. Saõ o ſello do valor, & o ſangue he o eſmalte da vitoria. Ibidem col. 2
Finiſſimo da fineza de Xavier he, depois de eſtar no Ceo, peregrinar na terra, por acodir ao proximo. pag. 343. col 2.
Saõ Franciſco de Aſſis chamava-ſe doudinho de Deos. pag. 312. col. 2. Verſos que o meſmo Sãto compoz, em que ſe cõfeſſa doudo por Chriſto. Ibid.
Saõ Franciſco Xavier em ſonhos rebateo hum pẽſamento impuro cõ tanta violencia, que ſe lhe rompèraõ as veas, & acordou com o roſto banhado em ſangue. pag. 5. col. 2.
Foy taõ grande Santo dormindo, como os mayores Santos acordados. pag. 6. col 1. Eſperou a Providencia Divina pelo nacimento de Xavier para o deſcobrimento da Aſia, & porque. pag. 16. col. 2. & ſeqq. Em dez annos que cultivou a Aſia, converteo hum milhaõ, & duzentas mil Almas. pag. 25 col. 2.
Foy mais amado de Chriſto, que todos os Apoſtolos, & ainda mais que o Diſci-

Discipulo amado, & porque. pag. 18. col. 2.
Foy o segundo Benjamin de Christo. pag. 25. col. 2. Para converter, & reformar a Asia usou do meyo, que Deos tinha ensinado a Jeremias, & qual foy. pag. 37. col. 1. No seu segundo sonho se representou o combate, que teve no Japaõ cõ Fucarãdòno, muy semelhante ao desafio de Goliath com David. pag. 3. col 1 Resuscita hũ menino morto de seis dias, & cõcorrendo muyta gẽte a ver o Sãto cooperador deste milagre, he visto Xavier cõ agigãtada estatura, & a razaõ disto. pag. 42. column. 1. Foy o Hercules das conquistas de Deos. pag. 53. col. 1. Fiou Deos de Xavier dormindo tanto, como fiou de Sam Paulo acordado. pag 61. col. 1. Representando-se-lhe os trabalhos, que tinha para padecer, quando havia de soltar ays, rompeo em Mais, mais, & porque. pag. 65. col. 1. Nos tres Mais, com que desafiou os trabalhos sonhãdo, emmudeceo aos Serafins, quando entoavaõ tres vezes Sanctus. pag. 67. col. 1. Padecia os gostos, & consolaçoens do Ceo, & gozava os trabalhos, porque na representaçam destes pedia mais, mais, mais, & na fruiçaõ daquellas dizia, basta, basta, basta. p. 85 col. 1. Veyo Xavier ao mundo para desafrõtar a virtude, & como. pag. 88. column. 1. Mais fiou Deos de Xavier, que dos tres mayores Apostolos, que levou comsigo ao Horto. pag. 103. col. 2. Sem padecer martyrio foy Martyr, porque elle foy o tyranno de si mesmo, derramando o seu sangue no segundo sonho. pag. 114. col. 1. Foy restaurador das ruinas da Igreja na gentilidade do Oriente. pag 150 col. 1. Foy pescador de Almas no mar, & caçador na terra. pag. 173. col. 2.

Em

Em tres meſes que aſſiſtio na Ilha do Moro, trocou ſeus moradores de barbaros, & Idolatras em trataveis, & bons Chriſtãos. pag. 183. col. 1. Era como o Mannà, accõmodando-ſe aos genios de todos, mas ſempre nos limites de Santo. pag. 484. col. 1. Por conhecer o ſeu talento para tudo, lhe encarregou El-Rey Dom Joaõ o Terceiro que viſitaſſe todas as fortalezas da India. pag. 485. col. 1. Veja-ſe a palavra Xavier.

Fucarandòno era entre os Japoens o Letrado de mayor nome na ſua ſeita, & como tal foy eſcolhido para diſputar com Sam Franciſco Xavier. pag. 40. col. 1. Entra Fucarandòno no deſafio diante do Rey, levando comſigo tres mil Bonzos. pag. 40. col. 1. Erros que defendia Fucarandòno. pag. 41. col. 1. He acclamada a verdade da Catholica doutrina de Xavier, deixando vencido, & convencido a Fucarandòno. Ibid.

G

O Padre Gaſpar Barzeo pode cõ ſua eloquencia obrigar aos Mouros que fechaſſem hũ Templo ſeu, & naõ pode obrigar a que ſe confeſſaſſem de quatrocentos ſoldados mais que vinte em huma empreza muyto arriſcada, que ſe malogrou com evidente caſtigo do Ceo. pag. 269. col. 2.

Gloria de Deos procurou ſempre Xavier, eſcurecendo a propria. pag. 408. col. 1. & ſeqq.

Grandeza Divina he fazer vencer aos que ſoccorre com os meſmos inſtrumentos, com que foram vencidos. pag. 260. col. 2.

H

HEreges novos todas as vezes que ſe levantàraõ na Igreja, diſpoz a Provi-

Providẽcia Divina que se levãtassem novos Capitaens para os reprimir, & quaes foraõ huns, & outros. pag. 146. col. 1.

Hereſiarcas naõ roubàram tantas almas à Igreja em mil, & quinhentos annos, quantas lhe adquirio Xavier em dez annos. pag. 153. col. 1.

Herodes julgou a Chriſto noſſo Senhor por doudo, porque naõ fallava, & os Diſcipulos, porque fallava. pag. 211. col. 2.

Hippocrates indo para curar a Democrito julgado por doudo, porque largou quanto tinha, depois de o ver, & ouvir, diſſe que naõ havia que curar nelle, & muyto em ſi. pag. 317. col. 1.

Honra, idolo nobiliſſimo do mundo. pag. 471. col. 1.

Hoſpitaes de doudos tem eſte mundo ſeparados, hum para os Santos, outro para os màos, & como ſe diſtinguem. pag. 296. col 2.

Humildade de S. Franciſco Xavier p 415. col. 2. Era tal, que via, & julgava as ſuas venialidades involuntarias, & inevitaveis por grãdes peccados. pag. 418. col. 2.

I

IAcob amava a Eſaù com cauſa, porque goſtava da caça; q̃ lhe trazia; & Rebecca amava a Iſaac ſem cauſa, & prevaleceo o amor da mãy contra o do pay. pag. 211. col. 2.

Japoens arguìram a Sam Franciſco Xavier, porque lhe mandàra Deos prègar o Evangelho, & a repoſta do Santo. pag. 15 col. 2. & ſeqq.

Imagem de Deos como ſe repreſentava em qualquer homem, por iſſo amava Xavier a cada hum, como a todos. pag. 328. col. 2.

Imagem de Saõ Franciſco Xavier reprime huma crueliſſima peſte em Napoles. pag. 370. col. 1. Outra em Calabria reſuſcita

ſuſcita vinte, & nove mortos. Ibid. col. 2. Em Goa huma mulher China de 120. annos, grande devota de Sam Franciſco Xavier, ſarava todo genero de doenças, applicando-lhe outra Imagem do Santo. pag. 371. col. 1.

Imaginaçaõ dos tormẽtos da morte fez derramar ſãgue a Chriſto no Horto: & a imaginaçaõ dos deleites da vida fez derramar ſangue a Xavier. pag. 124. col. 1.

Imperio da China, & o do Mogor ſaõ os dous braços da Aſia. pag. 28. col. 1.

Imperio que os Portuguezes fundàram no Oriente, ſeu augmento, eſtado, & declinaçam. pag. 267. col. 2.

Incorrupçam dos corpos concede Deos aos ſeus Santos, nam por ſantificados, mas por ſantificadores. pag. 361. col. 1.

Job comparado com os outros homens, naõ tem ſemelhãte, mas comparado com Xavier, naõ tem ſemelhança. pag. 119. col 2.

Jogos honeſtos. Seus primeiros inventores. pag. 253. col. 1.

Jornadas de Chriſto nos ultimos tres annos de ſua vida, em que moſtrou a fede de ſalvar as almas, & como o imitou Xavier. pag. 230. col. 1. & ſeqq.

Sam Joſeph ſonhava dormindo o que cuidava deſperto. pag. 9. col. 1.

Joſeph filho de Jacob quãdo ſonhou, moſtrou-lhe Deos as glorias, que havia de lograr, & eſcondeo-lhe os trabalhos, para o animar à tolerancia; & a Xavier eſcõdeo-lhe as glorias, & moſtrou-lhe os trabalhos, porque eſtes eraõ as ſuas glorias. pag. 58. col. 2. Porque era fiel amigo de ſeus irmãos, deſviou-lhe todo o agrado, que podiam adquirir com El-Rey, por ſe nam perverterem com as honras, & poſtos. pag. 240. col. 2.

Juramento que fazem os Gentios por Sam Francisco Xavier, nam desagrada a Deos, antes castiga a seus violadores. p. 191. col. 1.

L

Liberalidade generosa de hum Mercador na India, a quem o Santo pedio dote para huma donzella, & a paga que lhe promete, & satisfez. pag. 292. col. 1.
Liberdade santa do Beato Jacopone, com que desculpou as suas doudices com as de Christo, q̃ lhas arguhio. pag. 314. col. 1.
Lingua de Xavier convertendo as doçuras mundanas em amarguras. p. 455. col. 2.
Livrinho que trazia o Anjo do Apocalypse, foy a Cartilha da Doutrina Christãa, por onde a ensinava na India S. Francisco Xavier, & era a original da que hoje temos. pag. 161. col. 2.
Luta he o mais forte modo de pelejar, & o mais glorioso de vencer, porque se alcança a vitoria sem armas. pag. 32. col. 1. & seqq. Este triunfo concedeo Deos a Xavier na luta de seu primeiro sonho, pag. 35. col. 2.
Luthero symbolizado na Estrella cahida do Ceo, que refere o Apocalypse pag. 144 col. 1.
Luz das boas obras, como ha de luzir. pag 413 col. 2.

M

MAis, mais, mais de Xavier, foy hum para o presente, outro para o futuro, outro para o possivel pag. 77. col 1.
O Padre Marcello Mastrilli agonizando já recupera a saude miraculosamente, ministrada por Xavier. pag. 347. col 1. Seu prodigioso martyrio. pag. 348. col. 1.
Martyrio que Saõ Francisco Xavier desejou, & naõ logrou em sua vida, veyo

veyo a conſeguir depois de morto, quando lhe cortàraõ o braço direito para mandar ao Papa. p. 374. col. 1.

Milagre de Sam Franciſco Xavier, com que reſuſcitou hum menino morto de ſeis dias, filho de hum Mouro, foy motivo de ſe baptizarem logo ſeſſenta. pag. 42. col. 1.

Milagres eſtupendos de Xavier depois de ſua morte. pag 345 col. 1.

Miſſaõ de Xavier ao Oriente retratada na profecia de Iſaias. pag. 400. col. 2.

Miſſionarios de Deos foraõ convidados para os trabalhos com os premios, Xavier foy convidado com os meſmos trabalhos. pag. 60. col. 2.

Mogor. Seu Imperio he o braço eſquerdo da Aſia, o qual he tam poderoſo, que tem por deſprezo fazer guerra a qualquer outra potencia, & como caſtigou a hum Rey vizinho. pag. 28. col. 2.

Moçambique he o commum cemeterio de Portugal. pag. 49. col. 1.

Morte ditoſa de hum Mercador, profetizada por Xavier. pag. 293. col. 2.

Mortificaçam de Xavier, atando ſe fortemẽte por baixo dos joelhos, & o perigo em que ſe vio, de que miraculoſamente ſe livrou por Oraçoens dos companheiros. pag 441. col 1.

N

NAda quiz Sam Franciſco Xavier do mar, nem da terra, & porque tudo meteo debaixo dos pès, dominou tudo. pag. 176 col. 2. O nada de Sam Paulo era ſingular ſobre os doze Apoſtolos; o nada de Xavier era ſingular ſobre os treze, entrando o meſmo Saõ Paulo, & porque. p. 184 col. 2. O nada de Xavier foy tam prodigioſo, que metendo a maõ na algibeira para ſoccorrer hum pobre, & naõ

naõ achando nada, repetio a mesma diligencia, & tirou a maõ chea de dinheiro. pag. 185. col. 2.

Nao, que conduzio o Sagrado cadaver de Xavier, sem vento, nem tormenta se foy a pique no mesmo ponto que o desembarcou. pag. 357. col. 1.

Naufragio de que escapou miraculosamente hũ devoto do Santo, a quem tinha dado o seu Rosario. pag. 367. col 2.

Navegaçaõ. Suas utilidades. pag. 276. col. 1. & seqq.

Napoles livre de hũa crueliſſima peste, que hia assolando toda a Cidade. pag. 370. col. 1.

Negar-se a si mesmo he o mais profundo da santidade. pag. 417. col. 1.

Negava Xavier naõ só licita, mas heroicamente os milagres, que fazia, & como. pag. 418. col. 1.

O

OBjecçoens que podiaõ obstar à Canonizaçaõ de Xavier, inferindo-as de sua humildade. pag. 416. col. 2.

Obras de caridade dizia o Sãto que era lingua, que todos entendiam. pag. 460. col. 1.

Obras glorioſas de Xavier. Como rebatia o applauso dellas. pag 480. col. 1. & seqq.

Obstinaçaõ de hum Indio, que morria sem se querer confeſſar, reduzido por hũ menino da Doutrina, que o Santo lhe mandou. pag. 477. col. 2.

Obstinaçaõ dos peccadores obrigava a Xavier a tomar disciplinas de ferro diante delles, para os reduzir. pag. 323. col. 1.

Officios, & despachos del-Rey para a India nunca quiz patrocinar o Santo Xavier, antes os encontrava pelo perigo, que nelles conhecia. p. 235. col. 1. & seqq.

Oito fustas aprestadas com a diligencia de Saõ Frácisco Xavier desbaratarõ sessenta poderosas velas da Armada do Achem com admiravel valor, & gloria do nome Christaõ. pag. 211. col. 1. Entraõ em Malàca com riquissimo despojo, & quarenta, & cinco baxeis rendidos, deixando os outros queimados. Ibid.

Olhos abertos saõ os instrumentos mais seguros, cõ que o inferno arma às Almas, para as fazer cahir. pag. 96. col. 1. & 2.

Os de Xavier sempre pelas ruas andavaõ, ou pregados na terra, ou fixos no Ceo, & por isso o demonio lhe armou a tẽtaçaõ, quando os tinha fechados. pag 99. col. 2.

Ormuz. Se o globo do mũdo se ouvesse de reduzir a hum anel, a pedra delle havia de ser Ormuz. pag. 49. col. 2.

P

SAõ Paulo encheo o que faltou à Paixaõ de Christo, & Saõ Frãcisco Xavier encheo o que faltou ao Apostolado de Paulo pag. 465. col. 2. Quiz ir prègar, & converter os Asianos, & o Espirito Santo lho prohibio, & porque. pag. 17. col. 1. Tirou a Sam Francisco Xavier ser o primeiro Apostolo das gentes; & Xavier tirou a Saõ Paulo o ser unico. pag. 62. col. 2. Desejava privarse da Gloria a troco de aproveitar aos proximos, & a isto chama Saõ Bernardo doudice. pag. 310. col. 1.

Saõ Pedro. Porque lhe mãdou Deos que matasse, & comesse os bichos, que baixàram do Ceo, em que se representava a conversaõ dos Gentios. pag. 23. col. 1.

Perdas irreparaveis, que resultam do jogo. pag. 255 col. 1. Repara o Sãto a de hum homẽ, que no jogo perdeo quanto tinha, & acode à sua desesperaçam, fazendo-o jugar outra vez, baralhando-

lhando-lhe primeiro as cartas. pag. 256. col. 2.
Peregrinar na terra, deixando o Ceo, por acodir às Almas, só em Christo se vio, & em Xavier depois de estar na Gloria. pag. 343. col. 2.
Peste, em que ardia Malàca, cessou, tanto que nella entrou o corpo defunto de Xavier. pag. 354. col. 2. A de Napoles reprimida pelo Santo. pag. 370 col. . .
Portuguezes quando descobrìram a India, levavão lhe a Fè, & traziam delà a honra, & esta bẽçaõ davaõ os pays aos filhos cõ os ultimos abraços pag 273. col. 1. & 2.
Prodigios que se vìram quando se quiz cortar o braço do Santo para se mandar ao Summo Pótifice pag. 372. col. 1.
Profissaõ de Xavier renovada todos os dias foy o defensivo, com que rebateo a tentaçaõ do terceiro sonho. p. 92 col. 2.

Q

QUatro especies de doudice Divina distìguia Platão, das quaes a mais perfeita era a do amor. pag. 310. col. 1.
Quatro mil Achens mortos em huma batalha naval, que o Santo Xavier persuadio, com perda de quatro Portuguezes. pag. 211. col. 1.
Quinas de Portugal entraõ triunfando da soberba Armada do Achem com quarenta, & cinco baxeis rendidos, trezentas pessas tomadas, & muy grãde despojo. pag. 212. col. 1.

R

REforma das vidas, que se vio em Goa pela prègaçam de Xavier em vinte dias que se deteve em Goa. p. 435. col. 1. & seqq.
Reys, & Rainhas, a quem Xavier converteo, & baptizou. pag. 468. col. 1. & 2.

Relicario de cobre, que se achou no peito de Sam Francisco Xavier, o que continha. pag. 91. col. 1.

Renunciaçam que Santo Ignacio fazia do Generalato na pessoa de Xavier, para o qual o mandou vir da India, & o achou jà morto pag 416. col. 1.

Reprehensam infructuosa do Padre Cypriano a hum Capitaõ, & Piloto, por roubar a hum Christaõ a fazéda, & mulher, cujo castigo lhe profetizou, & vio fatalmente executado. pag. 270. col. 2.

Resistencia prodigiosa de huma pequena Fortaleza sitiada de grande poder, aonde morto o Capitaõ, & Alferes, se entregou a bandeira a huma Imagem de S. Francisco Xavier. pag. 488. col. 1. & 2.

Respeito dos meninos Malabàres ao Mestre, que os ensinava. pag. 167. col. 2.

Reposta de Santa Paula arguida por douda em deixar a vida delicioſa pela pobreza, & aspereza de hum deserto. pag. 318. col. 1.

Retirada dos Badagàs ao imperio das palavras de Xavier, que lhes atalhou a furia, com que hiaõ assolando os Christãos de Travancor. pag. 299. col. 1.

Rico se naõ pòde chamar quem tem tudo, senam quem nam quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta. pag. 194. col. 2.

Riquezas que se trazem da India, ou saõ adquiridas por roubo, ou roubaõ, & cativam a quem licitamente as adquirio pag. 196. col. 2.

Rosario do Santo, com que escapou miraculosamẽte hum devoto de Xavier de hũ naufragio. pag. 367. col. 2.

S

Sacrificio de Isaac no mõte Moria podia parecer

recer doudice de Abrahaõ caduco, & naõ menos o de Chriſto no mõte Calvario no ſentir dos que nam alcançavam o myſterio. pag. 315. col. 2.

Sangue vertido no Horto teve mais excellencia, porque foy mais fidalgamẽte derramado ſem outro inſtrumento mais que o amor. pag. 121. col. 2.

Sangue, de que hiaõ rubricadas as roupas, cõ que Chriſto entrou triũfante no Ceo, era o do Caliz. pag. 109. col. 1.

Sangue na guerra vertido qualifica a vitoria por propria, & naõ da fortuna. pag. 107. col. 2.

Sede das Almas foy inſaciavel em Xavier na vida, na morte, & atè depois da morte. pag. 329. col. 1.

Seguros. A antiguidade de ſeu invento. pag. 280. col. 2. Os de Xavier aſſeguram melhor, & mais, como ſe verifica com exemplos. pag. 282. col. 1.

Serenidade com que Xavier tolerava as injurias publicas, como ſe elle nam fora o injuriado, porque ſe tinha negado a ſi meſmo. p. 418. col. 1.

Soccorro de Xavier aos Paravàs, que eſtavaõ perecendo laſtimoſamente, com vinte embarcaçoens de mantimentos. pag. 187. col. 1.

Soccorro prodigioſo de Xavier, com que varias vezes remediou no mar a falta de agua para beber. pag. 451. col. 1. & ſeqq.

Sonhos Divinos ſaõ as reliquias dos cuydados, que fazem dia de feſta para Deos. pag. 9. col. 2. Sam filhos dos cuydados, como muytos cuydados ſaõ filhos dos ſonhos. p. 7. col. 2. Cada hum ſonha como vive. pag 6. col. 2.

Sono he imagem da morte, & o ſonho he imagem da vida. pag. 6. col. 2.

T

TEmpeſtade terribel ſocegada com hum

retalho da roupeta do Santo, lançado por elle ao mar. pag. 366. col. 2.

Templo de Cotàta dedicado ao Santo Xavier, aonde atè os Gentios o invocam, & lhe fazem votos, & o seu mayor juramento he jurar pelo Santo de Cotàta, que pelos seus idolos. pag. 190. col. 2.

Templo do Bugio adorado por deos na India cõ sete centas columnas de huma só pedra marmore de disforme grandeza, pag. 439. col. 1.

Tentaçaõ contra a castidade dormindo he tam arriscada, que a nam fiou Deos de Joseph, fiandolhe a tentaçaõ da soberba, & da ira, & com tudo fiou-a de Xavier. pag. 106. col 1.

Tormenta braviſſima, que aturou huma nao, em que hia o Santo Xavier, sendo visto no mesmo tempo em muy distantes lugares alentando a todos com rara confiança em Deos pag 212. col. 2. & seqq.

Trabalhos atormẽtaõ mais representados em sonhos, que padecidos velando. pag. 69 col. 2.

Trabalhos, que passou Saõ Francisco Xavier, lhe foraõ representados no segundo sonho. pag. 53. col. 2. & seqq.

Tres grandes desejos com que Xavier viveo sempre no mundo. pag. 340. col. 2.

Tres mais ha neste mundo, pelos quaes os homens suspiraõ, & se cansaõ, & quaes saõ. pag. 4. col. 2.

Tres mais, com que Xavier sonhando desafiou os trabalhos, puzeraõ silencio aos tres Sanctus, que entoavaõ os Querubins. pag. 67. col. 1.

Tres meyos, de que usava Xavier para converter as Almas. pag. 323. col. 1.

Triunfo com que foy recebido em Goa o corpo de Sam Francisco Xavier. pag 357. col. 2.

Triunfos da voz, & lingua de Xavier, arrazando templos gentilicos, desfa-

desfazendo idolos, & emmudecendo demonios. pag. 440 col. 1.

V

VErdade, & humildade como ſe conformaõ. pag. 421. col. 1.
Vicios com que eſtava eſtragada a Chriſtandade da India quando nella entrou Xavier. pag. 433. col. 2.
Vida humana como he milicia, naõ ha nella couſa mais arriſcada, que o dormir. pag. 2. col. 1.
Vitoria de oito pequenos navios alcançada contra ſeſſenta velas do Achem por diligencias, & oraçoens de Sam Franciſco Xavier. pag. 211. col. 1.
Ulyſſes fingindo-ſe doudo, deſmentio a locura, por naõ arriſcar o filho, que lhe puzeraõ diante. pag. 316. col. 1.
Voto de Xavier em hum Conſelho de Guerra, em que moſtrou brios de ſoldado. pag. 485. col. 2. Outro de mais brio militar em Malàca. p. 486. col. 2.

X

XAvier em corpo, & muytas vezes deſcalço pelas ruas com huma campainha chamando em truncado idioma para as doutrinas, o conceito que delle faziam. pag. 208. col. 2. Morrendo abrio as portas da China à ſemelhãça de Chriſto, que morrendo abrio as do Ceo. pag 302. col. 2. Embarca-ſe ſem mais occaſiaõ, que reduzir a melhor vida a hum ſoldado, que vivia muy eſtragadamente, & fazendo ſe ſeu camarada, o obrigou a deixar o mundo, & acabar ſantamente feito Religioſo. pag. 303. col. 1. Depois de morto dà liberdade naõ eſperada a hum cativo nas maſmorras de Berberia. pag. 346. col. 1 Livra huma mulher vexada

da havia 23. annos de cinco demonios. Ibid. col. 2. Xavier depois de morto he visto peregrino nas quatro partes do mundo, por acodir às almas. pagin. 349. col. 2. Tambem foy visto acópanhado dos meninos, a quem fazia as suas doutrinas. pag. 477. col. 1. X primeira letra de Xavier, como se deve acómodar no Abecedario Politico Christam. pag. 470. col. 2.

Veja-se a palavra Sam Francisco Xavier.

Z

ZOmbando livrou Xavier huma galeota, que conduzia seis Religiosos Missionarios do Oriente, assim como Deos livrou os Magos das mãos de Herodes zombando. pag. 290. col. 1. & 2.

LAUS DEO.

CA679
V657a
8